

António José da Silva Botas Rei

O LOUVOR DA HISPÂNIA
na Cultura Letrada Peninsular Medieval
- das suas origens discursivas ao Apartado Geográfico da *Crónica* de 1344 -

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

- *Dissertação de Doutoramento*
em História Cultural e das Mentalidades Medievais -

Trabalho realizado com o co-financiamento do POCI 2010 e do FSE



Programa Operacional Ciência e Inovação 2010
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Lisboa – 2007

António José da Silva Botas Rei

O LOUVOR DA HISPÂNIA
na Cultura Letrada Peninsular Medieval
- das suas origens discursivas ao Apartado Geográfico da *Crónica* de 1344 -

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

- *Dissertação destinada à obtenção do Grau de Doutor
em História Cultural e das Mentalidades Medievais* -

Trabalho realizado com o co-financiamento do POCI 2010 e do FSE



Ciência.Inovação
2010

Programa Operacional Ciência e Inovação 2010
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Lisboa – 2007

À memória de meu Pai

*E para os meus Filhos,
que o possam tomar como um sinal*

ÍNDICE

Prefácio	p. 7
 I. INTRODUÇÃO	p.11
I.1. Objecto de estudo	p. 13
I.2. Metodologia	p. 25
I.3. Objectivos	p. 27
 II. <i>LAVDES spanicæ</i>	p. 29
II. 0a. O Louvor e a Hispânia	p. 31
II. 0b. As Repartições Territoriais da Hispânia	p. 41
II.1. Antecedentes Antigos	p. 47
II.2. A Hispânia nas fontes tardo-antigas (Séculos IV-V)	p. 73
II. 3. Período Visigótico (Séculos VI-VII)	p. 87
II. 4. Contribuições Moçárabes (Séculos VIII-XII)	p. 97
II. 5. Período Islâmico (Séculos X-XIII)	p. 117
II. 6. Período Neo-Godo (Séculos XIII-XV)	p. 145
II. 7. Período Tardio (Séculos XVI-XVII)	p. 179
II. 8. O discurso laudatório sobre a Hispânia	p. 195

III. <i>laudes SPANIÆ</i>	p. 235
III. 1. O Apartado Geográfico nos diferentes testemunhos da <i>CMR</i> e da <i>C1344</i>	p. 237
III. 2. A opção pelo texto compósito como texto-base	p. 239
III. 3. Normas do Estudo Crítico	p. 240
III. 3.1. – Confrontação Textual do Apartado Geográfico do <i>Livro de Rasis</i> com testemunhos latinos e árabes	p. 243
III. 4. Paralelos textuais latinos e árabes	p. 291
 IV. Ms. <i>LV</i>	p.297
IV.1. O Ms. <i>LV</i> – ESTUDO	p. 299
IV.2. Para uma edição crítica do ms. <i>LV</i>	p.323.
IV.3. Ms. <i>LV</i> – edição crítica	p. 327
 V. CONCLUSÕES	p. 383
 FONTES e BIBLIOGRAFIA	p. 389

PREFÁCIO

Esta Dissertação compõe-se de quatro partes:

- uma primeira parte, composta por três capítulos introdutórios; uma segunda parte, onde, através de oito capítulos, se procede a uma análise da evolução diacrónica do discurso laudatório sobre a Hispânia, o qual teve as suas origens nos autores da Antiguidades e que nos foi possível detectar, pelo menos, até ao século XVII; tendo sido, em especial, utilizado ao longo de toda a Idade Média, em diferentes versões e *LV* contextos; uma terceira parte, onde a versão mais completa do Louvor da Hispânia, contida nos apartados geográficos da *Crónica do Mouro Rasis* e da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, e que fora transmitida pelos textos hispano-árabes, foi confrontada com descrições latinas e com descrições árabes; na quarta parte procedemos ao estudo e à edição crítica do manuscrito, único exemplar conhecido do trabalho preparatório que conduziu, no século XVII, a um processo de ‘reconstrução’ da *Crónica do Mouro Rasis*.

Segue-se a Conclusão.

A partir de um contacto, de mais de uma década, com fontes geográficas árabes, e também com o apartado geográfico das Crónicas medievais *Crónica do Mouro Rasis* e *Crónica Geral de Espanha de 1344*, já anteriormente constatáramos evidências textuais que nos falam da impossibilidade de aquele apartado depender directamente do texto de al-Rāzī, como parecia estar consolidado desde meados da década de 70 do século transacto. Procurámos agora uma análise total daquele mesmo apartado. Este mesmo apartado, expressão mais completa da *Laude Spaniae*, levou-nos em direcção a este

tema do elogio da Hispânia, tema sedutor, de tão poderoso quer do ponto de vista historiográfico quer ideológico.

Visto ser muito reduzida a bibliografia em árabe ou sobre a área dos estudos árabes, em Portugal, mais uma vez, como já acontecera quando da Dissertação de Mestrado, se não tivéssemos tido acesso, directo ou através de terceiros com essa bibliografia em Espanha, este estudo não poderia ter tido lugar. Continuamos pois, aguardando que este panorama se vá alterando para melhor, a bem da investigação em geral, e sobre estas temáticas em particular.

Um trabalho de investigação nunca é o produto de uma só pessoa. Assim, para que este estudo se concretizasse, quero começar por expressar os meus mais sinceros e profundos agradecimentos aos meus dois orientadores, ao Professor Doutor Bernardo Vasconcelos e Sousa, e à Professora Doutora Maria Jesus Viguera Molins, inextinguíveis humana e cientificamente e sempre disponíveis no acompanhamento deste meu trabalho.

Deles retive, respectivamente, uma aguda consciência científica mesclada com uma segura discrição; e a paixão frontal, empenhada e desassombrada, pela investigação científica. Espero ter aprendido, nos seus exemplos, o entusiasmo, a lucidez e o rigor com que se dedicam às Ciências do Homem.

Quero ainda citar alguns Professores do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, que durante alguns anos lectivos foram meus colegas, e acompanharam o período inicial desta etapa: Professores Doutores Nuno Bicho, João Pedro Bernardes, António Rosa Mendes, António Faustino de Carvalho, Maria João Valente, e em especial o Luís Filipe de Oliveira.

E da Universidade de Évora, os Professores Doutores Manuel Patrocínio e Filomena Barros, e o Dr. Fernando Branco Correia.

Quero também deixar uma referência muito especial aos diferentes serviços da Casa de Velázquez, em Madrid, a ‘minha’ casa em Madrid, em cuja Biblioteca investiguei e trabalhei durante vários períodos naquela magnífica cidade.

Aos serviços do Departamento de Estudos Árabes e Islâmicos, em especial à D^a. Pilar Roche, uma expressão humana da eficiência.

E também ao meu amigo Idris Martínéz, da Biblioteca da Escuela de Estudios Árabes de Granada, pois por intermédio da sua ajuda foram-me facilitados alguns títulos para este estudo.

Ainda uma palavra para o Dr. Armando de Sousa Pereira a quem devo também alguns títulos bibliográficos utilizados, além de incentivos na prossecução desta investigação.

E como os últimos são os primeiros, quero, por fim, evocar a memória do meu primeiro orientador, que já o fora do Mestrado, e que, pelos desígnios da Divina Providência, cedo foi retirado do nosso convívio: o Professor Doutor Luís Filipe Llach Krus.

Possa eu, que tive a dita de o ter tido como Amigo e Mestre, poder continuar nas marcas nas suas pegadas, e, com o seu exemplo, poder ir um pouco mais além.

Até sempre, Professor !

Quero ainda fazer um muito especial agradecimento à minha Esposa, Isabel, aos meus Filhos, António e Fátima, e à minha Mãe, Maria Adelaide, esperando a sua compreensão pelas minhas ausências e pelo tempo que este trabalho roubou ao nosso convívio familiar.

Quero, por fim, evocar o meu Pai, a quem dedico este trabalho, e a quem devo muito do que de bom em mim possa existir.

Muito do que de válido possa estar neste trabalho, fica a dever-se a todos os que mencionei, em grau maior ou menor.

Nada mais.

A todos o meu muito sincero obrigado.

I. INTRODUÇÃO

I.1. Objecto de estudo

O objecto que nos ocupa é *O Louvor da Hispânia na Cultura Letrada Medieval Peninsular*. Este louvor, que se manifestou de forma muito evidente ao longo da Idade Média, não teve, no entanto, uma origem medieval.

A descrição do espaço peninsular ibérico assumiu muitas vezes, ao longo dos tempos, uma forma laudatória, perpetuadora de uma memória exaltante e mais ou menos mitificada de um espaço que foi o cenário privilegiado do encontro de várias civilizações que por ele passaram, ao longo de três milénios, praticamente desde o primeiro milénio a.C. até à actualidade. A nós interessam-nos especialmente a génese dessa descrição e as suas manifestações ao longo da Idade Média.

a) origens

Os indícios mais longínquos de uma referência prestigiosa à Península remontam à Antiguidade que se convencionou chamar de “Pré-Clássica”, e que neste caso concreto, ligam, através de relações comerciais os fenícios e os hebreus com o mais ou menos lendário reino de Tharsis ou Tartessos¹.

Aquelas referências iniciais, esparsas, e especialmente ligadas à riqueza metalífera da Península, evoluíram significativamente por intermédio dos relatos dos viajantes e dos geógrafos gregos.

¹ Sobre Tharsis = Tartessos, v. infra 1.II.1.2.1. “Anais do Rei Salomão”.

Durante quase um milénio aos autores helénicos se ficou devendo esse incremento, tanto no entretecer cada vez mais apertado do discurso, como na riqueza informativa do mesmo².

b) desenvolvimento

As referências ou descrições romanas, ou do período romano, muito ficaram devendo aos gregos, quando não foram ainda gregos a levá-las a cabo. A nomenclatura básica do discurso laudatório sobre a Hispânia ficava assim praticamente completa.

Uma alteração no contexto das ‘laudes’ sobre este espaço ocorreu quando homens nascidos na Hispânia ou com ascendência hispânica acabam por ocupar o trono imperial.

As excelências da Península chegam então ao trono de Roma, que, por coincidência, atingia então o seu auge de poder e de riqueza.

Estas imagens de apogeu e paz associadas a um poder ‘benéfico’ de origem hispânica influíram muito, mais tarde, nos finais do século IV d. C., no imaginário dos letrados tardo-antigos e cristãos, os quais apresentaram Teodósio, outro imperador hispânico, como uma figura praticamente messiânica. Dele ou, depois da sua morte, da sua descendência era esperado o comando que guiaria todos a um pacífico e universal império cristão. O primeiro construtor dessa concepção providencial e messiânica do devir do mundo, e que teria na Hispânia o seu guia e ‘redentor’, foi o também hispânico Orósio³.

² V. infra 1.II.1.2. “A Hispânia nas fontes antigas”, *passim*.

³ V. infra 1.II.2.1.6. “Orósio de Braga (Braga, 375? – África, depois de 420?)”.

Nesta fase tardo-antiga os textos laudatórios e os panegíricos eram já dirigidos especialmente às figuras da família imperial teodosiana⁴; e, associada a eles, a Hispânia surgia como um cenário de fundo, penhor das esperanças depositadas naqueles indivíduos.

O império não sobreviveu e a Hispânia, aliás como todas as demais regiões do antigo Império do Ocidente, autonomizaram-se do ponto de vista cultural. As línguas evoluíram e os espaços ocupados pelos povos germânicos começaram a ganhar alguns esboços de identidade, já perceptível nas mais antigas obras historiográficas de então que se circunscreveram basicamente aos diferentes reinos e só a eles⁵.

c) formulação

Na Hispânia aconteceu outro tanto, e foi quando o espaço peninsular se encontrou unido e pacificado pelos Visigodos, e depois da vitória sobre os ‘Romanos do Oriente’, que, numa obra historiográfica do punho de Isidoro de Sevilha, surgiu um texto denominado “*Laude Spaniae*” e que é, pela primeira vez, o assumir daquele louvor à Hispânia, a ela e só a ela, como objecto⁶, até então importante mas, nos finais do Império, sempre correlacionado com algum personagem que fosse o motivo do elogio.

d) auge

Essa dissertação sobre as excelências da Hispânia, brilhantemente lapidada pelo Bispo de Sevilha, veio a estar na origem de um outro texto, com semelhanças tipológicas, e que

⁴V. infra 1.II.2. “A Hispânia nas fontes tardo-antigas (Séculos IV-V)”, em especial de 1.II.2.1. a 1.II.2.5.

⁵ Sobre o início das historiografias ‘nacionais’, v. Carlos Eduardo de SOVERAL, *Historiografia Medieval, I (Séculos IV a XII)*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1963, pp. 16-22.

⁶ V. infra 1. II. 3. 2. “Isidoro de Sevilha (Sevilha, 556? – Sevilha, 636)”.

representou, uns séculos depois, o culminar destas ‘laudes’, embora dentro de um quadro político e cultural distinto daquele que existia no reino visigodo.

Esse auge deu-se quando a historiografia hispano-árabe ligada ao Califado de Córdoba, num discurso ideológico legitimador daquele mesmo poder Califal, receptou, a partir da cultura cristã visigotico-moçárabe o conceito de que esta sagrada terra do fim do Mundo, gera príncipes bons e justos⁷, sagrando-os porque seus naturais.

Desta forma o novo Califa no al-Andalus demarcava-se, de forma original, dos cânones mais ortodoxos do Islão, e legitimava desta forma a ruptura com os califas Abássidas de Bagdad a quem deixava de reconhecer a condição de Representante do Profeta, a qual passava a assumir para si próprio e para a sua descendência.

Essa ‘laude’ hispano-árabe amplificou enormemente a matriz isidoriana transformando-a num périplo pelas terras do al-Andalus, pormenorizando as suas riquezas e bens, as suas cidades, as suas fortalezas e itinerários.

Um longo panegírico que não apenas comprazia o leitor, mas permitia servir de roteiro, de instrumento de trabalho das chancelarias califais, atendendo ao pormenorizado da descrição⁸.

Depois do desaparecimento do Califado Omíada, apenas um poder de tipo califal ressurgiu nestas terras, e foi com os Almóadas, em meados do século XII. Estes, pretendendo

⁷ A condição de bondade e de justiça intrínseca aos monarcas hispânicos surge também assumida por ‘Abd al-Rahmân III ao ter adoptado a titulação de “*Al-Qâ'im bi amri-llah*” (: “O que se ergue pelo poder de Deus”) (E. LÉVI-PROVENÇAL, *HE - MP*, vol. IV: “Espanña Musulmana 711-1031”, 4ª. ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1976, p. 366, n.125); e portanto ao assumir uma condição de “*Mahdî*” (: “O Guiado [por Deus]”), o personagem de cariz escatológico e messiânico que tem como missão restabelecer a justiça no mundo (sobre o ‘mahdî’, v. “Al-Mahdî”, *E.I.2*, vol.V, pp. 1221-1228; Henri LAOUST, *Les schismes dans l'islam, passim*).

⁸ Diego Catalán disse que «al-Râzî (...) transformo el “*Laus Hispanae*” en una detenida descripción de los términos, montes y ríos de ese solar cuya historia va a escribir» (*CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XXX), e foi esse texto que passou para todas aquelas Crónicas, com a ressalva de que na segunda redacção da *CI344*, a que foi realizada m 1400, foi incorporada uma ‘laude’ copiada da *PCG* de Afonso X (cf. L.F. Lindley Cintra, *CI344*, vol. I, p. XXXVII; vol. II, pp. 39-42). Ainda sobre este período e principais letrados envolvidos na tarefa de registo das memórias califais, v. infra 1. II. 5. 1. 1. Abû Bakr Ahmad ibn Muhammad ibn Mûsâ al-Râzî (Córdoba, 274 / 888? – 344 / 955) e 1. II. 5. 1. 2. ‘Îsâ ibn Ahmad al-Râzî (Córdoba, 324 / 925? – 379 / 989?).

recuperar os territórios perdidos para os monarcas cristãos, assumiram-se como os continuadores dos Califas de Córdoba e aquela obra do século X, cuja versão original foi elaborada pelos dois al-Râzî, Ahmad e ‘Îsâ, pai e filho respectivamente, foi refundida nos anos 60 do século XII por Ibn Ghâlib, um letrado e alto funcionário do aparelho almóada⁹.

Uma cópia desta obra de Ibn Ghâlib chegou às mãos dos Senhores de Aboim-Portel, primeiros governadores cristãos do actual Algarve, que a mandaram traduzir e fizeram associar à memória da sua casa senhorial¹⁰.

O conde D. Pedro de Barcelos, um genro do último Senhor de Portel, acabou fundindo na sua *Crónica* de 1344 aquele texto, mandado traduzir por seu sogro, com obras ligadas à produção cronística castelhana iniciada por Afonso X de Leão e Castela¹¹.

A tradição cronística cristã romance e ligada ao reino asturiano-leonês, e que se detecta desde os finais do século IX, acabou desaguando nas oficinas do Rei-Sábio.

Dentro desta outra linha da historiografia hispânica alto-medieval e culturalmente cristã, é de salientar o facto de a mesma reunir duas componentes textuais, uma ‘*laude*’ com clara tipologia isidoriana, e um ‘*dolo*’, um lamento pela perda do reino visigodo, e que tudo parece apontar para uma origem moçárabe. A *Crónica Moçárabe de 754* já apresenta este elemento doloroso e Afonso X na sua *Primera Crónica General* ainda integrou aqueles mesmos dois componentes. Entre ambas as obras medeia mais de meio milénio.

A obra de D. Pedro, à qual também já foi chamada a *Segunda Crónica General*, manteve-se na tradição cronística portuguesa e passou ainda, através de tradução, para a historiografia castelhana.

⁹ Sobre Ibn Ghâlib, v. infra 1.II.5.1.3. Abû ‘Abd Allah Muhammad ibn Ayyûb ibn Ghâlib al-Rifâ’î al-Rusâfî (*al-Rusafa*, Valencia, 535 / 1140 ? - Málaga, 572 / 1177).

¹⁰ Para um ponto de situação actualizado sobre a acção dos Senhores de Aboim-Portel, v. infra 1. II. 6. 2. 2. 3. João Peres de Aboim da Nóbrega (c. 1213 – Portel, 1282) e Pero Anes de Portel (c.1246 – 1312/4?).

¹¹ 1. II. 6. 2. 2. 4. Pedro Afonso, Conde de Barcelos (1282?- 1354).

Tendo o Conde de Barcelos integrado na sua obra a descrição geográfica, ou ‘laude’ de origem raziana, que vinha do texto árabe traduzido, aquela mesma descrição popularizou-se e constata-se ainda a sua utilização, já não pelo aspecto estético mas mais pelo aspecto prático, na Hispânia dos alvares dos tempos Modernos¹².

Neste contexto de continuidade discursiva, a obra árabe perdida (atribuída a al-Râzî, mas muito mais plausivelmente de Ibn Ghâlib), acabou por vir a desempenhar um papel fundamental, de ponte ou charneira, dando continuidade a uma memória que, tendo as suas mais importantes origens nas fontes latinas dos séculos V a VII, acabou por ser, mais tarde, receptada em fontes cristãs romances peninsulares dos séculos XIII e XIV, isto é, na *Crónica do Mouro Rasis* e, posteriormente, na *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

Mas ela não foi apenas um estágio intermédio de passagem entre as culturas peninsulares alto medieval latina e baixo medieval romance.

Foi ainda o auge da ‘laude’ discursivo-descritiva, e o modelo que passou à cultura peninsular romance do século XIII perpetuando a estruturação textual hispano-árabe e já não a que fora utilizada por Isidoro de Sevilha.

De resto, nos meios letrados árabes, não apenas hispano-árabes, a obra de al-Râzî, também veio a influenciar as descrições espaciais de al-Andalus ou da Ibéria, entre os séculos XI e XV.

De facto, até ao século XVII ainda continuaremos a encontrar sinais da sua influência, tanto nos meios intelectuais árabes como nos cristãos, nestes últimos através de vários manuscritos das Crónicas antes mencionadas.

¹² 1. II. 7. Período Tardio (Séculos XVI-XVII).

e) discurso laudatório vs. relato maravilhoso

Queremos ainda precisar que estamos tratando com textos que praticamente só no período grego apresentaram alguma evidente carga mitológica na descrição da ‘Terra do fim do mundo’, característica essa que permite integrá-los entre os denominados ‘relatos do maravilhoso’.

Posteriormente, um cada vez maior conhecimento da realidade peninsular por parte dos autores que a descreviam, a acrescentar a um muito maior sentido prático e pragmatismo no período romano levou a que as componentes ‘maravilhosas’ tivessem cedido o passo a um cada vez maior realismo na descrição. As ‘laudes’ latinas que envolveram a Hispânia construíram o seu discurso em volta das riquezas, dos bens, dos atributos reais desta terra e não através da incorporação de episódios de origem mítica.

As realidades hispânicas, a que se impunha de sobremaneira a localização no ‘fim-do-mundo’, e depois a riqueza do seu solo, em fertilidade e em metais preciosos, e a que se juntava o clima ameno, foram *grossa modo* as características estruturantes que passaram às ‘laudes’ latinas pagãs e depois às ‘laudes’ cristãs, de que é modelo e expoente a de Santo Isidoro. Estas últimas, pela sua própria natureza confessional, rejeitavam logo à partida as componentes pagãs, presentes em qualquer criação literária, e que eram, em muitos casos, especiais nutrientes dos relatos ‘maravilhosos’.

Assim, a tipologia dos textos laudatórios, ao longo dos tempos, foi-se despojando daqueles componentes ‘extraordinários’ e teve nos atributos reais da Hispânia ainda assim elementos suficientes para que tivesse sido criada, já com um imaginário restringido àquelas excelências, a mais bela laude, que foi a composta pelo Bispo de Sevilha.

A construção hispano-árabe, ou ‘laude’ raziana, em atenção aos seus autores originais, é uma descrição tão eivada de realismo que ela acaba por se situar entre o texto panegírico, pela profusão de referências às ‘bondades’ da Hispânia; e o instrumento de governo, que em

virtude daquela descrição de tipo exaustivo, permite administrar e defender as regiões citadas, e taxar todos aqueles bens e produtos que lhes são atribuídos.

Assim, não pretendemos procurar nem estudar episódios do maravilhoso relacionados com a Hispânia, tema aliás já muito bem investigado por Júlia Hernández Juberías e que foi, mais recentemente e dentro de uma outra perspectiva, retomado por Jon Juaristi¹³, e que, atendendo aos seus estudos, terão mais proximidade a obras como o *Mu'rib* de Abū Ḥāmid al-Ġarnāṭī¹⁴, do que à obra seca e pragmática de Ibn Ḡālib, na tradição que já viria dos al-Rāzī.

Obras como a de Abū Ḥāmid, dedicada aos relatos do ‘maravilhoso’ nem sequer se assemelham na tipologia, aos textos panegíricos de Ibn Ḥazm ou de al-Šaḡundī, pois estes autores fizeram o elogio das gentes que existiam nos seus tempos ou tinham existido anteriormente, e da terra que fora o seu berço, e não recolhas de lendas e mitos, sem questionar, em absoluto e ainda hoje, a importância simbólica destes relatos para a memória colectiva hispânica, pois a obra de Juaristi é uma prova de que ainda funcionam, ou, ao menos, que se pretende que funcionem.

¹³ Enquanto a obra de Julia Hernández Juberías, *La Península Imaginária. Mitos y leyendas sobre al-Andalus*, (Madrid, CSIC, 1996) é o produto de um trabalho de investigação sobre relatos do maravilhoso na literatura árabe relativa a al-Andalus, a obra de Jon Juaristi, *El Reino del Ocaso. España como un sueño ancestral* (Madrid, Espasa Calpe, 2004), é mais uma ‘laude’ contemporânea, em defesa da unidade da Espanha numa altura em que algumas regiões que a compõem têm, politicamente, procurado mais do que uma simples autonomia. Simultaneamente Presidente do Instituto Cervantes e basco, congrega em si os elementos que fazem dele o porta-voz ideal desta unidade, pois é um homem dos aparelhos culturais do estado espanhol e, sendo basco, cria uma certa perplexidade ao não advogar independências. Como sempre, as ‘laude’ aparecem e têm públicos nos períodos de crise.

¹⁴ Sobre Abū Ḥāmid AL-ĠARNĀṬĪ e sua obra, v. “Abū Ḥāmid al Garnati”, *Enciclopedia de al-Andalus* (dir. Jorge LIROLA DELGADO e José Miguel PUERTA VILCHEZ), Tomo I, Fundación El legado andalusí e Junta e Andalucía, [2002], pp.177-181; “Abū Ḥāmid al Garnati”, *E.I.2*, t.I, pp. 125-126; B. SANCHÉZ ALONSO, *La Historia de la historiografía...*, pp. 200-201; a edição da sua obra mais conhecida, *Al-Mu'rib 'an ba'd 'aja'ib al-Magrib*, ed. Ingrid BEJARANO, Madrid, CSIC, 1991; e ainda o estudo que recai sobre esta figura e sua obra, no trabalho de Rachel ARIÉ, “Le Merveilleux dans la littérature hispano-musulmane au Bas Moyen Age”, *Actas del XIIº Congreso de la UEA* (1984), Málaga, pp. 63-81.

1.2. O discurso ‘completo’

A Descrição da Geografia Peninsular presente naquelas duas Crónicas cristãs, *Crónica do Mouro Rasis (CMR)* e *Crónica Geral de Espanha de 1344 (C1344)*, é o apartado das mesmas que mais integralmente manteve a estrutura e os conteúdos de acordo com a sua matriz árabe. Até há pouco tempo, era geralmente admitido que a mesma Descrição provinha de uma tradução galaico-portuguesa da obra geográfica de al-Râzî. No entanto, parece hoje demonstrado, através da investigação que deu corpo à nossa Tese de Mestrado, que o texto árabe traduzido para português nos séculos XIII-XIV, apenas parcialmente dependia daquele autor, dependendo também de al-Bakrî¹⁵.

A composição do texto árabe original, e cuja tradução constituiu a matriz do *Livro de Rasis (LR)* e da *CMR*, terá ocorrido muito possivelmente no século VI h. / XII d.C., atendendo a que, como vimos atrás, o mesmo não seria anterior a 1094 (ano da morte de al-Bakrî), e o século VI da Hégira teve o seu início no ano de 1106.

Fomos levados a concluir então que aquele texto árabe que chegou às mãos dos tradutores que o trasladaram em língua portuguesa apresentava uma estruturação textual idêntica à que encontramos em Ibn Ghâlib, havendo também uma grande coincidência nos conteúdos das respectivas notícias¹⁶.

Sendo assim, não nos parece, portanto, descabido aventar que o texto árabe que chegou às mãos dos Senhores de Aboim/Portel e posteriormente às da sua equipa ou equipas de tradução, dando origem à chamada ‘*Crónica do Mouro Rasis*’, ou, mais inicialmente, ao

¹⁵A. REI, *Memória de Espaços...*, pp. 133-140, especialmente p. 135

¹⁶Cf. supra Parte II, 1. ‘Crítica de Fontes’.

‘*Livro de Rasis*’¹⁷, e portanto sempre remetendo para al-Râzî, seja identificado afinal como a perdida versão original da obra grande de Ibn Ghâlib, *Farhat al-anfus*, da qual hoje apenas conhecemos uma versão breve, os fragmentos de um possível ‘manual de chancelaria’.

O que subsiste no apartado geográfico das *Crónicas* romances tratar-se-á, neste caso, do único testemunho conservado de uma Geografia da Península que precedia o que sabemos ter sido uma grande e monumental obra historiográfica, que iria desde a Criação do Mundo até aos tempos em que o al-Andalus, sob a chefia dos califas almóadas, procurava recuperar um perdido esplendor e hegemonia política na Península Ibérica¹⁸.

Embora substanciais e muito completas aquelas Descrições Geográficas, quer na *CMR* quer na *C1344*, existem algumas diferenças de conteúdo entre elas. Se na grande maioria das descrições todas coincidem entre si, existem algumas notícias que estão em falta ou apresentam lacunas significativas em alguns dos testemunhos, ou famílias de testemunhos. Assim sendo, iremos estabelecer como versão ‘completa’ do discurso geográfico uma versão compósita, que suprirá algumas faltas no testemunho que adoptaremos como texto-base, com o que se possa encontrar em outros testemunhos.

Da grande família de testemunhos remontando à tradução portuguesa dos séculos XIII-XIV, o testemunho mais antigo parece mesmo ser o ms. *M* da *C1344*, o qual terá sido o manuscrito ‘harto antiguo’ que Ambrósio de Morales usou. Para este

¹⁷ Sobre a denominação de ‘Livro’ ou ‘Crónica’ para a tradução da obra atribuída a al-Râzî, v. I, 1.1.

¹⁸ Al-Khazrajî retomado por al-Maqqarî (*Nafh*, ed. Cairo, 1949, II, p. 126) isso declara, cf. H.Monés, “Ibn Gâlib”, *E.I.*², p. 795.

grande letrado da segunda metade de Quinhentos o considerar já então bastante antigo, é porque se trataria realmente do texto do século XIV¹⁹.

Os testemunhos mais antigos da *CMR* são cópias do século XV, em que o ms. *Ca*, o mais antigo, de cerca de 1430, foi utilizado para compor a parte inicial da *Crónica Sarracina*, de Pedro de Corral²⁰.

Adoptaremos, portanto, como texto-base o apartado geográfico presente no testemunho *M* da *C1344*, por ser o mais antigo testemunho completo desta *Crónica*, mas também por ser o mais íntegro, uma vez que os testemunhos da *CMR* apresentam uma grande lacuna no meio das notícias relativas aos diferentes termos.

Nos pontos em que se detectem algumas lacunas em *M*, supri-las-emos a partir do ms. *Ca* da *CMR* e apenas pontualmente numa pequena passagem relativa à notícia de Santarém, incorporaremos um excerto do ms. *L*, da *C1344*, testemunho da versão de 1420.

Este apartado geográfico ‘completo’ será o que irá servir de critério na confrontação com textos latinos e árabes, na III Parte deste trabalho.

1.3. Ms. *LV* e as suas problemáticas

O ms. *LV* é um texto que, tudo aponta, foi parte do esforço que procurou, no século XVII, restaurar de forma erudita e nos alvares da crítica textual, a *Crónica do Mouro Rasis*.

Todos os textos que hoje sabemos serem testemunhos quer da *CMR* quer da *C1344*, eram então entendidos como tratando-se de um único conjunto.

¹⁹ Sobre questões textuais e de autoria relativas a *M*, *E* e *LV*, v. IV.1. “O Ms. *LV* – ESTUDO”.

²⁰ V. *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, pp. XIII-XIV.

Depois de alguma pesquisa textual levada a cabo no século XVII, foram seleccionados os mss. *Ca* e *E* como os melhores para recompor a ‘integridade perdida’ da Crónica com matriz árabe.

O ms. *LV* trata-se de uma cópia ‘acidentada’ do ms. *E*.

Não querendo repetir-nos desnecessária e redundantemente, remetemos as questões que envolvem o ms. *LV*, a sua relação com a sua matriz, o ms. *E*, e ainda a própria origem de *E*, a partir de uma nova análise de dados fornecidos pelo autor deste ms., Ambrósio de Morales, tudo isso para IV.1. “O Ms. *LV* – ESTUDO”, onde as mesmas serão analisadas mais detalhadamente.

I.2. Metodologia

Na Parte II do trabalho apresentaremos, sob forma diacrónica, as contribuições de autores que se considere terem influído, de alguma forma, na evolução do processo discursivo que deu corpo ao Louvor da Hispânia, ou *Laude Spaniae* na formulação primeira de Isidoro de Sevilha. Esta Parte será subdividida em oito capítulos, os sete primeiros que tratam essa evolução no tempo, corporizada nos diferentes autores e obras; enquanto o oitavo discorrerá sobre as alterações do próprio discurso, este entendido enquanto manifestação ideológica e cultural dos tempos que o viram aparecer numa determinada forma.

Remetemos directamente para a Parte em questão, onde serão analisados os autores e as respectivas obras.

Na Parte III proceder-se-á à análise e crítica textual do ‘discurso completo’ da laude hispano-árabe originada no século X. O apartado geográfico das Crónicas romances, depois de previamente ‘reconstruído’ será confrontado com fontes latinas cristãs ou moçárabes e com fontes islamo-árabes.

Das primeiras usaremos as seguintes: as *Historias contra os Pagãos* de Orósio; as *Etimologias* de Isidoro de Sevilha; e as anónimas *Crónica Moçárabe de 754* e *Crónica Pseudo-Isidoriana*.

As fontes hispano-árabes são todas aquelas que devem tributo, em maior ou menor grau, à ‘laude’ árabe que remonta aos al-Rāzī: Ibn Ġālib, *Farhat al-anfus* (Alegria das Almas); Ibn Sa’īd, *Al-Muğrib fī hulā-l-Mağrib*, (O Orador acerca dos ornamentos do Ocidente); Al-‘Udhri, *Tarsī ‘ al-Akḥbār* (O Brocado de Notícias); Al-Bakrī, *Al-Masālik wa-l-Mamālik* (As Vias e dos Reinos); Al-Rušātī, *Iqtibās al-Anwār*

(Apreensão das Luzes); Al-Idrīsī, *Nuzhat al-Muštāq* (O Prazer do Desejoso); Yāqūt, *Mu‘jam al-buldān* (Dicionário dos Países); Ibn al-Shabbāt, *Silat al-Simt* (Continuação do Cordão); Al-Qazwīnī, *Āthār al-bilād* (Sinais das Regiões); Al-Himyarī, *Al-Rawd al-Mi‘tār* (O Jardim Perfumado); Obra anónima, *Dhikr Bilād al-Andalus* (Menção das Regiões da Hispânia); Al-Maqqarī, *Nafh al-Tīb* (O Sopro do Perfume).

Todas as fontes referidas serão usadas na confrontação e no aparato crítico que acompanhará esta Parte do trabalho.

No volume II apresentaremos a edição crítica do ms. *LV* confrontando-o, a montante, com os mais antigos testemunhos da *CMR*, o ms. *Ca*; e da *C1344*, o ms. *M*; e a jusante, com o ms. *Cop*, testemunho dos textos ‘híbridos’ do século XVII.

A edição em causa será precedida de um Estudo que se debruçará sobre o ms. *LV*, a sua matriz, o ms. *E*, e as problemáticas que envolvem este último texto e as suas origens, as quais remontam em última instância também ao *Livro de Rasis*.

Norma de transcrição do árabe para o português usada neste trabalho

ا	---
ب	b
ت	t
ث	ṭ
ج	j
ح	ḥ
خ	kh
د	d
ذ	dh
ر	r
ز	z
س	s
ش	š
ص	S
ض	D
ط	T
ظ	ẓ
ع	‘
غ	g
ف	f
ق	q
ك	k
ل	l
م	m
ن	n
ه	h
ء	’
و	w
ي	y

A curto → a; A longo → ā

I curto → i; I longo → ī

U curto → u; U longo → ū

I.3. Objectivos

Pretendemos com este nosso trabalho atingir dois grandes objectivos.

O primeiro objectivo, é o tentar identificar, através de uma análise textual retrospectiva e prospectiva, as alterações que o discurso-memória em Louvor da Hispânia foi sofrendo, em especial ao longo de toda a Idade Média, desde as descrições latinas até às descrições cronísticas baixo-medievais, passando pelos textos árabes que com elas se articulam, a montante e a jusante.

Para tal propósito identificamos duas etapas ou partes.

Uma primeira, em que tentaremos caracterizar a evolução diacrónica do discurso laudatório relativo à Hispânia, desde as mais antigas referências às excelências desta terra, no dealbar do primeiro milénio a.C., até à instrumentalização da mais vasta ‘laude’, elaborada no século X, e cujo vigor se manteve senão até ao século XVII, pelo menos até ao século XVI, quando a Idade Média já era apenas uma recordação; e também tentaremos caracterizar a evolução discursiva deste tipo de panegírico sobre a Hispânia, procurando observar de que forma as diferentes ‘laudes’ produzidas em diferentes tempos foram um veículo de consciências hispânicas, próximas ou afastadas do/s poder/es.

E uma segunda etapa em que se analisará o apartado geográfico presente nas Crónicas (*CMR* e *CI344*) enquanto expressão do discurso ‘completo’ da ‘laude’, produzido pela historiografia califal, para tentar identificar quais as componentes do mesmo: correspondências textuais latinas e / ou correspondências árabes, na busca para definir textualmente a matriz árabe do século XII que foi traduzida para português entre

os finais do século XIII e inícios do XIV. Isto para, finalmente, se tentar saber o que é que o texto da matriz árabe do *Livro de Rasis* poderá dever afinal aos al-Râzî.

O segundo objectivo do nosso estudo prende-se com a edição crítica do manuscrito *LV*, pertencente ao Espólio de José Leite de Vasconcelos, hoje no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Esse manuscrito contém uma cópia castelhana, levada a cabo no século XVII, do ms. *E*, portanto um testemunho da *C1344*.

Texto *sui generis* no labor que tentou reconstruir a *CMR* no século XVII, labor esse que mobilizou letrados castelhanos. O ms. *LV* merece, pela sua raridade, pois é espécime único em Portugal, e pelas suas especificidades textuais, uma edição crítica; além de que será ainda um auxiliar precioso e indispensável na clarificação de algumas importantes questões de crítica textual relativas ao estudo que nos propomos.

Com a edição crítica do ms. *LV* far-se-á a integração do mesmo no conjunto dos testemunhos conhecidos da cronística hispânica que remontam àquela tradução portuguesa dos séculos XIII e XIV do texto hispano-árabe do século XII.

II. *LAVDES spaniæ*

II. 0a. *O Louvor e a Hispânia*

Antes de iniciarmos o estudo do ‘Louvor da Hispânia’ pretendemos fazer duas análises prévias: a primeira, relativamente ao conceito de ‘louvor’, procurando situá-lo no período entre a Antiguidade e a Idade Média; a segunda, identificar condições / características que fazem com que um espaço se torne, ou seja considerado, um espaço “sacralizado”, e, em consequência de tal condição, também ele se torne sacralizador.

II. 0a. 1. O Louvor, entre a Antiguidade e a Idade Média

II. 0a. 1. 1. O louvor, como definição

Vejamos o que nos diz, do ponto de vista lexical e semântico, a língua portuguesa, acerca do termo ‘louvor’:

“ **Louvor**, *s. m.*, Acção de louvar; elogio, gabo, aprovação. || Discurso em que se exalta o valor de alguém; panegírico. Adulação, lisonja, incenso. || Glorificação, celebração. || Agradecimento à divindade por favores recebidos. [...]”¹

Atendendo aos significados presentes na definição supra podemos entender que o ‘louvor’ transporta para além dos limites do comum, exalta, sublima, glorifica.

¹José Pedro MACHADO, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa (GDLP)*, Sociedade de Língua Portuguesa e Amigos do Livro Editores, Lisboa, XIII tomos, 1981, t. VI, p. 525.

No elogio é estabelecida a superioridade de alguém ou de algo, colocando a pessoa ou o objecto numa outra dimensão, concedendo-lhe um estatuto especial². Exalta aqueles cuja memória se pretende que prevaleça sobre o esquecimento, e como tal, morrendo não morreram, atingiram assim um estado, uma situação, que goza, pelo menos parcialmente, de um dos atributos da divindade: a imortalidade; ou glorifica espaços, que em consequência de hierofanias, detêm uma condição sacralizada e simultaneamente sacralizadora³. O louvor diviniza, ao menos parcialmente, o objecto em que toca. Com mais razão a própria divindade será louvada e lhe são dirigidas todas as glorificações e agradecimentos.

II. 0a. 1. 2. O louvor, como *praxis*

O louvor ou elogio, desde a Antiguidade até à Idade Média, ter-se-á manifestado fundamentalmente sob a forma de ‘discurso’. Independentemente do formato literário adoptado, em prosa ou em verso, e da extensão que tomasse aquele mesmo discurso, ele seria portador de uma série de características formais que o identificavam como um exercício retórico pertencente ao tipo laudatório⁴. O discurso laudatório foi uma prática cultural de grande importância no todo espaço-temporal comumente entendido e designado como

²Anne-Marie GONIDOU, “Les Achéens chevelus. Un éloge de la chevelure de Dion Chrysostome”, in *Le discours d’éloge entre Antiquité et Moyen Age (Le discours d’éloge...)*, coord. Lionel Mary e Michel Sot, Nanterre, Ed. Picard, 2001, pp. 9-12, p. 10.

³Mircea ELIADE, “O Espaço Sagrado. Templo, Palácio, «Centro do Mundo»” (*O Espaço Sagrado...*), in *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1977, Cap. X: pp. 435-457, p. 436.

⁴Jean BOUFFARTIGUE, “Avant-propos”, *Le discours d’éloge...*, pp. 6-8, p. 6.

‘Antiguidade’, tendo mesmo chegado, durante a Antiguidade Tardia, a um auge de popularidade, de divulgação e de cultivo⁵.

Etimologicamente é atribuída ao *elogium* latino uma origem que remete para o termo grego *elegeion*, que deu também origem a ‘elegia’, o louvor póstumo dos falecidos⁶.

O louvor era uma expressão da tradição retórica que colocou em prosa o género lírico, o qual, especialmente usado nas odes aos vencedores, celebrava os heróis conjuntamente com as suas cidades, as suas origens, e os seus deuses protectores⁷.

Uma outra das suas características parece ser o facto de o mesmo não ser movido por motivações de ordem moral⁸. A presença significativa, ou mesmo abundante, do texto laudatório coincidiu com a existência de períodos de crise evidente, em que os fundamentos das estruturas sociais, políticas e culturais ameaçavam ruir, e em que, portanto, houve uma necessidade instintiva de reafirmar, com constância e veemência, os valores que até então presidiam à organização de uma determinada sociedade humana⁹.

Em momentos de dificuldade a *laude* procurou sempre fazer renascer os sentimentos presentes em momentos de glórias passadas, referir os feitos heróicos e tenta recriar a unidade mais ou menos simbólica¹⁰ do grupo humano em questão, independentemente da extensão desse mesmo grupo.

⁵*Ibidem*.

⁶Anne VIDEAU, “Tibulle et la glorification élégiaque de Messalla”, in *Le discours d’éloge...*, pp. 13-29, p. 25.

⁷Michel CASEVITZ, “L’éloge des Romains chez Diodore de Sicile”, in *Le discours d’éloge...*, pp. 47-60, p.47.

⁸Jean BOUFFARTIGUE, *ob.cit.*, p. 6.

⁹Jean BOUFFARTIGUE, *ob.cit.*, p.7 e Michel CASEVITZ, *ob.cit.*, p. 60.

¹⁰Marie-Christine FAYANT, “Le poète, l’empereur et le patriarche. L’éloge de Justinien dans la Description de Sainte-Sophie de Paul le Siléntaire”, in *Le discours d’éloge...*, pp. 69- 78, p. 77.

Torna-se claro, assim, porque ordem de razões o texto de características elogiosas se popularizou e difundiu no Baixo Império: a situação de crise estava presente, afectava toda a sociedade e havia já uma consciência dessa mesma crise. Por exemplo, a procura de protecção, por parte dos poetas, fazia-se preferencialmente através do elogio.

O discurso laudatório buscou, à sua maneira, contribuir activamente, pela palavra e pela exaltação da memória colectiva, para a manutenção e a consolidação da ordem instituída, fosse ela qual fosse, evocando a necessidade de manter os pilares da estrutura política, social e cultural, a partir do objecto acerca do qual é tecido o discurso elogioso. A sua principal função é a de fazer uma reafirmação dos valores do *status quo* até então em vigor, mas que ameaça ruir. Cada panegírico é, portanto, já desde a sua origem, uma contribuição activa para a manutenção da ordem das coisas¹¹.

II. 0a. 1. 3. A ironia do *louvor* : crise do discurso laudatório

Entendido o louvor (*laus*) como uma prática muito associada ao exercício do poder (*potestas*), o historiador Amiano Marcelino, do século V d.C., preconizava o uso da crítica (*uituperatio*), procurando, através desta última, matizar o discurso apologético, e tentando estabelecer um tipo de equilíbrio entre o louvor e a crítica¹².

Desse equilíbrio dependeria, segundo aquele autor, não só uma noção de ética para os governantes, mas também, paralelamente, uma noção de ‘verdade’ nos discursos

¹¹Jean BOUFFARTIGUE, *ob.cit.*, p. 7.

¹²Lionel MARY, “«NON FALSITAS ARGUTA...». Pourquoi l'historien Ammien Marcellin n'a pas écrit de panegyrique”, in *Le discours d'éloge...*, pp. 31-45, pp. 35 e 45.

historiográficos¹³, em que o *argumentum*, raciocínio ligado ao género laudatório¹⁴, deveria ser substituído pelo *documentum*, este último entendido como prova mais credível porque ‘desinteressada’¹⁵.

A retórica do louvor acabou transitando da Antiguidade Tardia para a Idade Média pela mão da Igreja. A *laudatio* cristã herdou o vocabulário, o estilo e os temas do panegírico tardio que assim acabaram desembocando na liturgia e nos rituais funerários cristãos¹⁶. Na realidade já algumas das *laudes* tardo-antigas se tratavam de ‘acções de graça’, quer ainda às autoridades terrenas quer mesmo à divindade¹⁷.

Além daqueles objectos de louvor (o divino, os heróis, os príncipes e os poderosos), tinha surgido também durante a Antiguidade latina imperial um novo objecto de louvor: o espaço imperial, e nele o trono desse poder - Roma. A partir do modelo laudatório de Roma e da península itálica, começaram a surgir também os louvores das outras províncias do império, as quais figuram inicialmente como quadros ilustradores e portanto naturalmente secundarizados, no discurso da vitória romana.

A crise do poder central romano, a partir do início do século III d.C., levará a uma certa ‘emancipação laudatória’ dos discursos relativos aos espaços periféricos do Império: não são dignos de louvor por serem uma parte do Império Romano, são-no pelas suas qualidades próprias, que os individualizam e destacam no conjunto imperial.

¹³*Idem*, pp. 36-37.

¹⁴*Idem*, pp. 33-34.

¹⁵*Idem*, p. 34 e n. 11.

¹⁶Philippe BERNARD, “O BEATA NOX, QUAE SOLA MERUIT SCIRE TEMPUS ET HORAM, IN QUA CHRISTUS AB INFERIS RESURREXIT ! Les fastes de l’éloge dans les liturgies latines du IV^e au IX^e siècle”, in *Le discours d’éloge...*, pp. 79-139, p. 81.

¹⁷*Idem*, pp. 88-89.

Foi nesse cenário de afirmação das províncias periféricas em relação à debilitada centralização romana que os louvores à Hispânia foram tomando corpo, autonomizando-se progressivamente, enquanto objecto próprio do elogio e deixando cada vez mais de ser uma mera ilustração incensatória do poder de Roma.

O discurso que, como objectivo, visa a reunião das partes do todo, acaba, ironicamente, por potenciar a emancipação das partes constituintes desse mesmo todo, contribuindo, afinal, para a desintegração do que inicialmente se pretendia reunir.

II. 0a. 2. A Sacralidade / Sacralização do Espaço - a Hispânia

Um espaço sagrado tem características que o identificam como tal. Nele existem, mercê da sua condição sagrada, uma grande abundância de todas as espécies naturais. Também pela mesma razão lhe estão associados, de forma perene, alguns heróis, míticos ou não, que lá viveram ou que foram incorporados, *post mortem*, naquele mesmo espaço, garantindo-lhe a condição sacra; duas condições que se testemunham claramente no relativo à Hispânia¹⁸.

A condição sacra perpetua-se no tempo futuro¹⁹, mesmo quando os espaços sagrados passam de uns povos para outros, da prática de uma religião para a de outra²⁰. A localização desses espaços é também importante, não apenas na sua localização relativa, mas também na sua circunscrição física, geralmente murada²¹.

O facto de a Hispânia ser uma ‘quase-ilha’, isolada pela escarpada cordilheira dos Pirinéus e na maior parte do seu perímetro, todo ele costeiro, limitada do exterior por um mar brumoso e fantasmagórico²², a que se junta o situar-se no extremo ocidental do Mundo então

¹⁸ Mircea ELIADE, *O Espaço Sagrado...*, p. 435. Os textos laudatórios, e também as Crónicas *CMR* e *CI344* fazem referências às inúmeras e variadas riquezas naturais da Hispânia (v. Apartados Geográficos, *passim*), assim como também nos falam do chamado passado ‘fabuloso’ da Hispânia, respectivamente na *CMR* entre os capítulos XLIX e LXII, e na *CI344b* entre os capítulos I e XII. Nesses capítulos são referenciados heróis verdadeiros e imaginários, embora estes muito reais para o homem medieval, que assim apareceriam definitivamente ligados a esta terra. V. ainda Elisa R.P. Nunes ESTEVES, *A Crónica Geral de Espanha de 1344: estudo estético-literário*, Évora, Pendor, 1997, especialmente pp. 51-90.

¹⁹ Mircea ELIADE, *O Espaço Sagrado...*, p. 436.

²⁰ *Idem*, p. 437. Também pela Hispânia passaram cultos pagãos, depois o cristianismo, e mais tarde a presença islâmica, e todas essas diferentes concepções do Divino estiveram de acordo no reconhecimento da condição extraordinária destas ‘terras do fim do mundo’ (v.infra).

²¹ *Idem*, pp.438-9.

²² Victor JABOUILLE, “Os Mitos do Ocidente”, *Clássica* 22 (1997), pp.49-61, p.51.

conhecido, fizeram dela um espaço singular, onde se depositaram muitos dos mitos escatológicos, e não só, da Antiguidade e da Idade Média, enquanto o Mediterrâneo foi o centro dinâmico do Mundo.

A ‘construção’ do espaço sagrado estrutura-se em função do seu ‘centro’²³. A conclusão da ‘edificação’ da Hispânia enquanto espaço sacro deu-se quando a monarquia visigótica se sediou em Toledo, no centro geográfico da Hispânia²⁴. Os reis visigodos escolheram mais três outras cidades peninsulares para sua residência, Córdoba, Sevilha e Mérida, as quais, com Toledo, poderiam corresponder, aproximadamente, aos quatro pontos cardeais orientadores do espaço: Toledo - Norte; Mérida - Oeste; Sevilha - Sul e Córdoba - Leste²⁵.

Foi esta a primeira entidade política centralizada e com origem na Hispânia que unificou o espaço peninsular.

Durante o período islâmico emiral e califal o centro, não geográfico mas simbólico, foi Córdoba, a qual se manteve sempre como a mítica capital do al-Andalus, aquela que havia que reconquistar, obrigatoriamente, para devolver ao Islão andalus o passado esplendor²⁶.

²³*Id.*, pp. 440-2.

²⁴Durante o período romano não há um ‘centro’ da Península; há várias capitais das várias províncias. Cremos ser significativo que a constituição da monarquia visigótica de cariz imperial, centralizada em Toledo, e vitoriosa dos Romano-Bizantinos, seja contemporânea da primeira ‘*laude*’ à Hispânia, já perfeitamente madura, que surgiu da mão de Isidoro de Sevilha (v.infra)

²⁵Sobre a importância dos pontos cardeais na disposição espacial de um lugar sagrado, v. Mircea ELIADE, *ob.cit.*, p. 443.

²⁶No período das Taifas, apesar da pulverização política, aquela cidade continuou a ser uma referência significativa. Os Almorávidas reassumiram-na como sua capital hispânica. Apesar de com os Almóadas e com os Násridas, Sevilha e Granada terem sido, respectivamente, as novas sedes administrativas, Córdoba manteve sempre uma auréola simbólica, a Cidade dos Califas, que nada conseguiu apagar. Já no século XIII e ainda al-Shaqundî deu a Córdoba um tratamento especial, colocando-a logo após Sevilha, então a capital almóada em al-Andalus, (« [...] Córdoba foi antigamente o trono do império, o centro da ciência, o farol da religiosidade, o local da grandeza e da elite [...] », AL-ŠAQUNDÎ, *Risāla fī fadl al-Andalus* (Epistola sobre a excelência de al-A.), ed. em AL-MAQQARĪ, *Nafh al-Tīb*, IV, cap. VII, pp.186-222, p.214 ; trad. castelhana E. GARCÍA GÓMEZ, «Elogio del Islam Español», in *Andalucia contra Berberia*, Univ.de Barcelona, 1976, pp.43-141, p.124).

Apenas os heróis poderão entrar, com grande esforço e com risco da própria vida, no espaço sagrado. Aí, num espaço mais ou menos labiríntico e mais ou menos circular, devem vencer um ser geralmente monstruoso a quem compete a guarda do ‘centro’. Só depois de os heróis vencerem aquele guardião do ‘centro do mundo’ é que acederão ao domínio daquele centro, o qual lhes conferirá um poder, ungido de sacralidade e de imortalidade. Será em virtude dessa vitória e desse domínio que eles se tornarão, em definitivo, uns verdadeiros heróis, passando a partilhar algo da condição divina²⁷.

Para Isidoro de Sevilha os Visigodos, ou mais especialmente os seus monarcas, seriam, de alguma forma, os continuadores dos heróis da Antiguidade. Tinham vencido Romanos, Suevos e Bizantinos, os quais tinham sido, à sua maneira, também eles ‘guardiões da Hispânia’, se bem que não de uma Hispânia unida e centralizada: os primeiros tinham-na dominado inteira, mas tinham-na repartido e descentralizado; os dois últimos apenas tinham dominado parcialmente e em zonas periféricas da península. Agora os reis visigodos, na sua nova condição de monarcas católicos, de ‘ungidos do Senhor’, sentavam-se num trono que se situava no ‘centro’ geográfico da Hispânia sagrada. Nessa condição era-lhes devido o *Imperium*, uma das condições do poder que o ‘centro’ sagrado dava a quem era o seu detentor.

A reconquista de Toledo pelo monarca de Leão e Castela e a localização central de Castela na geografia peninsular fizeram com que a *Primera Cronica General* assumisse e focalizasse neste reino a tarefa de reunificação ‘imperial’ da Hispânia 28.

²⁷Sobre o simbolismo do ‘centro’v. Mircea ELIADE, *ob.cit.*, pp. 449-52, especialmente p. 451.

28 Luís KRUS, *A Conceção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380)*, Lisboa, FCG/JNICT, 1994, pp.209-210; IDEM, “Tempo de Godos e Tempo de Mouros. As memórias da *Reconquista*” in *Passado memória e poder na sociedade medieval portuguesa*, Redondo, Patrimonia, 1994, pp.103-127, pp.124-125; Elisa R.P.Nunes ESTEVES, *ob.cit.*, p.17.

II. 0b. As Repartições Territoriais da Hispânia

Antes de passarmos a analisar as diferentes épocas/períodos e os respectivos criadores de discursos mais ou menos laudatórios relativos à Hispânia, queremos deixar um prévio quadro onde se apercebiam as divisões que as terras hispânicas tiveram na Antiguidade clássica e na Antiguidade Tardia, e de que forma essas soluções administrativas acabaram por marcar aqueles discursos.

As primeiras presenças de povos do Mediterrâneo oriental na Hispânia estabeleceram-se principalmente em zonas costeiras, privilegiando a localização no litoral ou ao longo dos principais rios, e aí criando entrepostos comerciais que se destinavam a vender os seus produtos e a importar matérias-primas hispânicas. Dentro desta lógica ‘de feitoria’ estiveram principalmente os Fenícios e os Gregos.

Os Cartagineses, antes dos Romanos e depois daqueles anteriores, foram os que mais deram sinais de pretender uma ocupação efectiva do espaço, já com uma significativa presença militar, e tendo fundado mesmo uma ‘Nova Cartago’, a actual Cartagena, no Levante hispânico.

Após a derrota dos mesmos Cartagineses na *Segunda Guerra Púnica*, os romanos estabeleceram, no início do século II a.C. (197 a.C.) a primeira divisão da Hispânia, em duas grandes circunscrições: a *Hispania Citerior* e a *Hispania Ulterior*.²⁹

O primeiro domínio que se efectivou na Hispânia, de forma orgânica passível de ser efectivamente administrada, foi o domínio romano. A administração romana compunha-se basicamente de três funções: a função militar, de defesa e manutenção da ordem; a função

²⁹ Carlos FABIÃO, “O Passado Proto-histórico e Romano”, in *História de Portugal* (dir. J. MATTOSO), 8 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, vol. 1, pp.76-299: “A nova ordem administrativa”, pp. 228-243, p. 228; Joaquín VALLVÉ, *La División Territorial de la España Musulmana (La División...)*, Madrid, CSIC, 1986, p.181.

jurídica, implementadora do direito romano; e a económico-fiscal, traduzindo-se principalmente na cobrança de impostos³⁰.

Foi aquele o panorama que se manteve até 27 a.C., quando Augusto subdividiu algumas daquelas duas antigas divisões. A *Hispania Citerior* mudou apenas de nome para *Tarraconensis*, com a capital em *Tarraco* (actual Tarragona). A *Hispania Ulterior* foi dividida em duas: *Betica*, com a capital em *Hispalis* (actual Sevilha), e *Lusitania*, com a capital em *Emerita Augusta* (actual Mérida)³¹.

Ainda no reinado de Augusto, a *Callaecia* e a *Asturica* foram desanexadas da *Lusitania* e passam a integrar a *Tarraconense*³².

No início do século III, em 212, o imperador Caracala tornou a *Callaecia* ou *Gallaecia* uma província, autonomizando-a da *Tarraconensis*, e dando-lhe o nome de “*Hispania Nova Citerior Antoniniana*”. No entanto, esta nova circunscrição teve vida efémera, se é que chegou a ser posta em prática, devido à longa crise que ocupou grande parte do século III³³.

Já só nos últimos anos do século III, quando Diocleciano conseguiu trazer de novo uma certa estabilidade ao Império, é que este imperador, entre 284 e 288, promoveu uma reforma profunda na administração territorial romana ³⁴. Nessa reforma a Hispânia foi dividida em cinco províncias: a *Betica* e a *Lusitania* mantiveram-se com até então; mas a *Tarraconensis* foi dividida em três províncias: o nordeste peninsular manteve-se com o nome de *Tarraconensis* e com a capital em *Tarraco*; efectivou-se a autonomização plena da

30 J.VALLVÉ, *La Division...*, p.182.

31 Carlos FABIÃO, “A nova ordem administrativa”, *HP* (dir. J.MATTOSO), vol.1, p. 236; Torquato de Sousa SOARES, *Contribuição para o Estudo das Origens do Povo Português*, Universidade de Luanda, 1970, p.41 e n.4 ; J.VALLVÉ, *La División...*, pp.181-182.

32 Carlos FABIÃO, “A nova ordem administrativa”, *HP* (dir. J.MATTOSO), vol.1, p. 237.

33 *Idem*, p. 242.

34 *Idem*, p. 243.

Gallaecia, já antes tentada por Caracala, e que passou a ter a sua capital em *Bracara Augusta* (Braga); e o sudeste peninsular que constituía a zona sul da *Tarraconensis* transformou-se na nova província da *Cartaginensis*, com a sua capital em *Cartago Nova* (Cartagena)³⁵.

Já fora do espaço peninsular foi ainda integrada no conjunto das províncias hispânicas, que assim ascendiam a um total de seis, a *Mauritania Tingitana*, que correspondia aproximadamente ao espaço do actual Marrocos³⁶.

A divisão do espaço romano protagonizada por Diocleciano manteve-se até ao fim do Império Romano³⁷. Pouco tempo depois, no início do século IV, com o reconhecimento e a tolerância do Cristianismo, no reinado de Constantino, começou a ascensão social dos cristãos na administração romana. Paralelamente começou-se a sobrepor à divisão administrativa procedente da anterior reforma de Diocleciano, a qual dera origem às ‘dioceses’ (novas circunscrições dentro das províncias), uma outra divisão, esta eclesiástica e cristã, correspondendo de forma semelhante, senão mesmo igual, à divisão civil, da qual herdou o nome, e que mantém até hoje³⁸.

Em virtude de tal facto, e de forma simbólica, essa ‘cristianização’ espacial do Império foi designada pela memória e pela historiografia cristãs como tratando-se da ‘divisão de Constantino’, remetendo para este monarca, que passou à História como o PRIMVS IMPERATOR CHRISTIANORUM³⁹, como sinal do prestígio daquela acção reguladora.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibid*.

³⁷ *Ibid*.

³⁸ J.VALLVÉ, *La Division...*, p.182.

³⁹ Paulo F. ALBERTO, “Orósio e Constantino (*hist. 7, 28*)”, *Clássica* 22, pp. 133-159, pp. 140 e 159.

Este discurso cristão procurava, de forma evidente, remeter para o esquecimento o verdadeiro autor da reforma, Diocleciano, pela principal razão de que o mesmo fora também um dos imperadores romanos que mais perseguira os cristãos⁴⁰.

Embora mais tarde, já no período germânico, a nova repartição do espaço hispânico pelos diferentes povos que aqui se estabeleceram tivesse alterado as delimitações e as denominações regionais, as dioceses eclesiásticas continuaram a manter, com bastante aproximação, as antigas delimitações de Diocleciano, embora atribuídas, como veremos adiante, a Constantino.

Entre os novos reinos germânicos temos o caso dos Visigodos, que procuraram definir as suas delimitações internas e externas em função daquelas mesmas dioceses. Podemos perceber isto pelas fontes latinas visigóticas que passaram para a literatura geográfica árabe, e onde, por exemplo, são referidas as dioceses da *Galia Narbonense*, as quais a não ser durante aquele período nunca tinham sido consideradas parte integrante da Hispânia⁴¹.

A obra dos al-Rāzī e as dos seus continuadores, nomeadamente al-‘Udhri e al-Bakrī, enquanto receptores de memórias anteriores, e mais tarde a de Ibn Ġālib como refundidor das obras al-Rāzī e de al-Bakrī⁴², acabaram por vir a ter grande importância mesmo para os meios letrados e políticos cristãos e até para os próprios os meios eclesiásticos.

⁴⁰ Ferdinand LOT, *O Fim do Mundo Antigo e o princípio da Idade Média*, Lisboa, Ed. 70, 1985, pp. 34-35.

⁴¹ A chamada ‘divisão de Constantino’ que passou para os autores árabes já provinha dos meios eclesiásticos visigodos, pois inclui a *Galia Narbonense*, região que foi parte integrante do reino visigótico, mas não da Hispânia (cf. Francisco Javier SIMONET, *Códice ovetense do Escorial de 780; Códice moçárabe do século IX e o Códice Conciliar da Biblioteca Nacional de Madrid*, in “*Historia de los mozárabes de España*”, *Memorias de la Real Academia de la Historia*, XIII (1897-1903), pp. 808-812; também referidos por J. VALLVÉ, *La División...*, p. 210-219).

⁴² Sobre estes autores hispano-árabes, vidas e obras, v. infra II.5.

Basta referir, como exemplo, uma prova evidente daquela importância, e que foi a utilização daquelas obras após a conquista de Valência por Jaime I o Conquistador, rei de Aragão, em 1239, para resolver o litígio existente entre Toledo e Tarragona relativamente ao bispado de Valência então recém-restaurado. Para dirimir aquela contenda foram citados os nomes de al-Rāzī e de al-Bakrī e respectivas obras, como autoridades passíveis de serem usadas na delimitação daquelas arquidioceses⁴³.

A transmissão cultural foi um facto, e é, portanto, bem possível que algumas das *kuwar* (divisões administrativas) hispano-árabes tenham sido, de facto, a permanência das dioceses romano-visigóticas anteriores apenas com mudança de nome.

⁴³ Sobre esta questão relacionada com a diocese de Valência após a sua restauração depois de 1239, v. infra II.4.4. “As *Nomina Sedium* moçárabes” .

II.1. Antecedentes Antigos

II. 1. 1. A Hispânia mítica

Antes de avançarmos com aquilo que os autores antigos nos disseram acerca da Hispânia, queremos abordar sumariamente algo do quadro mental dos homens do Mediterrâneo antigo, corporizado na mitologia, em especial na mitologia grega, aquela que mais completa foi numa descrição do mundo antigo⁴⁴.

O discurso que os autores antigos tiveram e a própria evolução do mesmo discurso, deu-se desde uma descrição em que o mito era predominante (em função de uma cosmogonia essencialmente circunscrita ao Mediterrâneo), até ao surgimento de um relato em que cada vez mais a realidade observada se foi sobrepondo à referência conjecturada.

A Hispânia, a ilha, ou, mais correctamente a ‘quase-ilha’ dos confins do mundo habitado, desde que foi conhecida na Antiguidade pelos outros povos da Orbe mediterraneocêntrica, e nela foi integrada, ficou logo de início marcada pelo facto, absolutamente condicionante, de se situar no Extremo Ocidente, algures nos confins do mundo conhecido, lá onde o Sol e os astros se deitavam no Grande Mar Oceano⁴⁵. Este facto, fez dela, logo à partida, um espaço indelevelmente associado ao sagrado.

⁴⁴Sobre a mitologia clássica, e sobre o papel dos gregos como organizadores dessa mesma mitologia, v. Edith HAMILTON, *A Mitologia*, 4ª.ed., Lisboa, D.Quixote, 1991, em especial a “Introdução à mitologia clássica”, pp.11-26.

⁴⁵Aires A. NASCIMENTO, “A Celebração de Hispânia: da distância ao Sonho e do Interesse ao Afecto”, *Classica* 22 (1997), pp. 5-19, p.5; Adolf SCHULTEN, *Geografia y Etnografia Antiguas de la Península Ibérica*, 2 vols., Madrid, CSIC, vol.I: 1959; vol.II: 1963, vol.I, p.48-49, onde este último autor diz de forma precisa: «O papel da Hispânia no mundo antigo está fixado pela sua situação geográfica», p. 49, e com a qual estamos completamente de acordo.

O facto de ainda hoje designarmos aquele ponto do espaço como ‘Ocidente’, confirma aquela leitura herdada do Mundo Antigo: ‘Ocidente’ é o lugar onde tudo se fina, onde tudo acaba, onde tudo morre⁴⁶, ‘o ponto onde morre o Sol e a Luz’⁴⁷ e onde, para além do Sol, se ocultava ‘Hespero’, a chamada ‘estrela da tarde’, Vénus⁴⁸, e em virtude da qual se chamará à Península Ibérica ‘Hesperia’ ou ‘Jardim das Hespérides’, como adiante veremos.

Essa condição primeira, e espacialmente iniludível, foi decisiva para que a Hispânia surgisse como o cenário por excelência em que se teriam desenrolado alguns episódios das mitologias antigas, todos eles eivados de aspectos escatológicos, uma característica condizente com aquela sua situação espacial.

Todos estes factos faziam com que a imaginação humana lá situasse a porta do Mundo do Além, fosse ele designado como Tártaro⁴⁹, como Campos Elíseos⁵⁰, como a Ilha dos Bem-Aventurados⁵¹ ou outras expressões correlativas.

⁴⁶V. sobre esta questão os termos ‘occidens’, ‘occiduo’, ‘occide’, ‘occido’, ‘occidius’, in *Dicionário Latim-Português*, Col. Dicionários Académicos, Porto Editora, 1997, pp. 333-334; e ainda o estudo de António Rodrigues de ALMEIDA, “Occidva Plaga - O Jogo das Palavras”, *Classica* 22 (1997), pp. 111-119, em especial pp.116-117.

⁴⁷Sobre leituras semânticas relativas ao início e ao fim da Luz e aos lugares onde acontecem esses momentos luminosos e simbólicos, o oriente e o ocidente, a partir de textos de um poeta português do século XVI, que usou autores latinos como referências e como fontes, v.o interessante trabalho de João BEATO, “A Aurora e o Crepúsculo: visões ocidentais de um poeta no estrangeiro”, *Classica* 22 (1997), pp. 231-239.

⁴⁸Adolf SCHULTEN, *ob.cit.*, p.25.

⁴⁹O reino de Tartessos, primeira e mítica entidade situada na Península Ibérica, teria fornecido a Homero a proximidade fonética para situar nessa região o Tártaro, o inferno da mitologia grega (v. Aires A. NASCIMENTO, *ob.cit.*, pp. 5-19, p.5).

⁵⁰Estrabão atribuiu a Homero a localização dos Campos Elíseos no extremo ocidente (v. Aires A. NASCIMENTO, *ob.cit.*, pp. 7-8 e n.10; e M^a.Helena da Rocha PEREIRA, *ob.cit.*, p.20).

⁵¹A realidade que, segundo Homero, eram os ‘Campos Elíseos’, passou a ser designada por Hesíodo como ‘Ilhas dos Bem-Aventurados’ (v. A. SCHULTEN, *Geografia y Etnografia...*, p.70), duas realidades que coincidiam não apenas na descrição geral de plenitude (v. Aires A. NASCIMENTO, *ob.cit.*, p.7; Victor JABOUILLE, *ob.cit.*, pp.58-59; e M^a.Helena da Rocha PEREIRA, *ob.cit.*, p.20), mas também na sua localização no extremo ocidente do mundo (v. A. SCHULTEN, *ibidem*).

A condição sagrada da Hispânia evidenciava-se também nas inúmeras benesses com que esta ‘finisterra’ tinha sido abençoada, e que os autores da Antiguidade foram os primeiros a referir, inicialmente de forma sucinta, e a elencar, mais tarde de forma mais elaborada, nos seus escritos.

No entanto, não eram as riquezas naturais e as excelentes condições climáticas, por si sós, que faziam da Hispânia um lugar sagrado (embora o conjunto de todas aquelas qualidades pudesse dar origem a tal entendimento); pelo contrário, aquele conjunto de riquezas, prodígios e condições benéficas surgira lá apenas como um confirmante mais da sua condição de lugar sagrado, eleito pelo divino, situado no limite entre o conhecido e o desconhecido, entre a Orbe e o Grande Mar Oceano, entre o dia e a noite, entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, e, como tal, portadora das respectivas marcas da sua condição excepcional, relativamente a muitas outras terras, situadas no âmago do mundo então conhecido.

Um outro aspecto relativo à condição sagrada do espaço hispânico é o facto de ele constituir, enquanto ‘finisterra’, o cenário de uma série de episódios ou de seres mitológicos, todos eles marcados pelos conceitos de ‘fim’, ‘noite’, ‘morte’, ‘imortalidade’ e ‘eleição’.

Hércules, o herói que buscava a imortalidade ao longo dos seus doze trabalhos⁵², deveria ter pelo menos uma das suas tarefas no extremo ocidente, o qual figurava como o espaço ideal para essa conquista, visto este lugar ser o ponto onde terminava o mundo dos vivos e começava o dos mortos. Vindo do leste, quando chegou ao ponto onde se juntavam as águas do Mediterrâneo e as do Oceano, Hércules ergueu nesse ponto dois pilares, as chamadas Colunas de Hércules⁵³. Ora a mitologia colocou Hércules levando a cabo nestes confins ocidentais três dos seus ‘doze trabalhos’⁵⁴. Um deles relata-nos, na mais antiga

⁵² Maria Helena da Rocha PEREIRA, “O Jardim das Hespérides”, *A Simbólica do Espaço. Cidades, Ilhas, Jardins* (coord. Y.K.Centeno e Lima de Freitas), 1ªed., Lisboa, Estampa, 1991, pp. 17-28, p. 21.

⁵³ *C1344*, ed.Lindey Cintra, vol.II, p. 20; *CMR*, ed. Catalán-Andres, p. 126; Edith HAMILTON, *ob.cit.*, p.238; ainda sobre as Colunas de Hércules, v. V. JABOUILLE, *ob.cit.*, pp. 50-51 e54; Adolf SCHULTEN, *ob.cit.*, *passim*. Victor JABOUILLE, “Os Mitos do Ocidente”, *Classica* 22 (1997), pp. 49-61.

⁵⁴ Esta nota exprime apenas uma suposição: havendo três dos trabalhos de Hércules situados no Ocidente, será que os outros nove se repartirão, na mesma três a três, pelos outros confins do mundo conhecido? Faria sentido, pois dessa forma o herói abarcaria a totalidade do mundo, antes de morrer e atingir ‘o centro’ do espaço sagrado.

notícia grega sobre o Ocidente⁵⁵, a luta que este herói teve com Gérion, a quem Hércules acabou por matar⁵⁶. Gérion seria um ser monstruoso, que teria três cabeças.

Uma outra versão daquele episódio diz-nos que aquele Gérion era dono de um cão monstruoso chamado Ortros, e que seria irmão do cão Cerbero, guardião das portas do Inferno e que tinha três cabeças⁵⁷. Sendo ambos os cães irmãos, Ortros também poderia ter três cabeças, e o facto de pertencer a Gérion poderá ter feito com que se atribuisse a este as três cabeças que na realidade pertenceriam ao cão⁵⁸.

Uma outra tradição fez de Gérion um dos reis de Tartessos, o mitificado reino ‘do fim do mundo’, no Sul-Sudoeste da Península Ibérica⁵⁹. Curiosamente os gregos acabaram por vir a situar o Inferno na zona de Tartessos⁶⁰, o que terá contribuído para transformar Gérion num ser, no mínimo, monstruoso, senão infernal.

⁵⁵A.SCHULTEN, *ob.cit.*, p.68.

⁵⁶*CI344*, ed.Lindeg Cintra, vol.II, pp. 22-25; *CMR*, ed. Catalán-Andres, p. 127; V. JABOUILLE, *ob.cit.*, pp.56-57; uma outra versão diz que Hércules teria ido reunir o gado de Gérion (v. Edith HAMILTON, *ob.cit.*, p. 238).

⁵⁷A. SCHULTEN, *Geografia y Etnografia...*, p. 69.

⁵⁸Há ainda outra versão relacionada com ‘as três cabeças’: Gérion seria rei de três reinos ou províncias [Galécia, Lusitânia e Bética]; ou seriam três irmãos com o mesmo nome (Helena de CARLOS VILLAMARÍN, *Las Antigüedades de Hispania*, Spoleto, 1996, p.106); ou, ainda, um rei de três ilhas, as quais foram identificadas com as ilhas Baleares - Maiorca, Menorca e Ibiza (Victor JABOUILLE, *ob.cit.*, p. 57).

⁵⁹Victor JABOUILLE, *ibidem*; A. SCHULTEN, *Geografia y Etnografia...*, pp.68 e 80. IDEM, *Tartessos*, p. 73; V.ainda na *Geografia y Etnografia...*, pp. 94-95, questões relacionadas com os paralelismos entre Tartessos e a Atlântida de Platão. Sinais materiais relacionáveis com o ‘Reino de Tartessos’ e com as suas ligações, comerciais, mas também culturais, com o oriente mediterrânico, está por exemplo o caso da chamada ‘escrita do sudoeste’ ainda hoje envolta em polémica e miríades de hipóteses ainda não testadas linguisticamente. No entanto, a localização geográfica dos achados onde se encontra tal sistema alfabético corresponde à área onde os Antigos situavam Tartessos: o sul-sudoeste da Hespéria. Sobre aquela área e a ‘escrita do sudoeste’, v. Armando Coelho Ferreira da SILVA, “A Idade do Ferro em Portugal”, in *Nova História de Portugal* (dir.A.H.de Oliveira MARQUES e Joel SERRÃO), Lisboa, Presença, 1990, vol.I: *Portugal das origens à romanização* (coord. Vítor Oliveira JORGE), pp.257-341, pp. 266-281.

⁶⁰A.SCULTEN, *Geografia y Etnografia...*, p.69.

Um segundo episódio, também localizado no Ocidente, é aquele em que Hércules foi colher as maçãs de ouro do Jardim das Hespérides⁶¹. Este episódio insere-se numa outra série de mitos, também de natureza sagrada, e nos quais surgem localizados no extremo ocidente espaços eleitos pelos deuses do Olimpo⁶².

Aqui se situaria, para os Antigos, o ‘Jardim das Hespérides’, já atrás referido, o qual era um espaço ligado simbolicamente à ‘estrela da tarde’, Vénus, designada como ‘Hespero’⁶³, e daí também o facto de a própria Península aparecer identificada como ‘Hespéria’⁶⁴.

As Hespérides eram as Ninfas do Ocidente ou do Poente⁶⁵, também chamadas ‘filhas da Noite’⁶⁶. A sua função era proteger o jardim onde havia Maçãs de Ouro, frutos que tinham sido um presente de Geia, a Terra, à deusa Hera quando esta se casou com Zeus, o senhor do Olimpo⁶⁷. Aquela tarefa de guardiãs faz-nos reconhecer nas Hespérides uma vertente mais ou menos guerreira, que encontra semelhanças em outra entidade mitológica feminina, também ela grupal e de idêntico carácter, as Górgonas⁶⁸, que também foram situadas no extremo ocidente.

⁶¹M^a.Helena da Rocha PEREIRA, *ob.cit.*, p. 21.

⁶²Essa condição ‘paradisiaca’ que era atribuída às terras do extremo ocidente terá concorrido para que nela também fossem localizados os ‘Campos Eliseos’ e depois a ‘Ilha ou Ilhas dos Bem-Aventurados’, o lugar onde as almas dos justos se deleitariam eternamente (v. supra ns. 7 e 8).

⁶³V. supra n.5.

⁶⁴ M^a.Helena da Rocha PEREIRA, *ob.cit.*, p. 20.

⁶⁵ Victor JABOUILLE, *ob.cit.*, p. 59.

⁶⁶M^a.Helena da Rocha PEREIRA, *ob.cit.*, p. 20.

⁶⁷ Victor JABOUILLE, *ob.cit.*, p. 59.

⁶⁸ *Ibidem*.

Existe ainda um outro mito guerreiro feminino com semelhanças com os anteriores, não apenas no carácter, mas igualmente na localização espacial, pois também era associado aos confins ocidentais do mundo antigo, embora mais famoso do que aqueles, o mito das Amazonas⁶⁹.

Hércules teve de conseguir aqueles símbolos de imortalidade, convencendo Atlas a roubá-los enquanto ele ficava a segurar os Céus, tarefa que cabia àquele titã 70. As ‘maças de ouro’ simbolizavam a riqueza, a fertilidade e a sacralidade das Terras do Poente. Nessas terras as riquezas fluíam e o clima era de uma amenidade desconhecida em outros lugares. Era, portanto, a Hespéria / Hispânia um local paradisíaco, ou quase, tanto para os humanos como para os habitantes do Olimpo. E o terceiro e último dos trabalhos no Ocidente consistiu no domínio sobre o Cão Cerbero, guarda das portas do Mundo Infernal⁷¹. Este cão era um ser monstruoso, com três cabeças, e a sua tarefa era impedir que as almas saíssem do Tártaro, onde deveriam permanecer eternamente 72. Esta terá sido a prova final, no caminho da imortalidade, que o herói teve de passar antes do seu regresso ao Olimpo.

Existe ainda um outro episódio oriundo da mitologia grega, já não relacionado com Hércules, como os anteriores, mas em que, pela mão de um outro herói grego, concretamente

⁶⁹Embora a localização das Amazonas, das Górgonas ou das Hespérides no extremo ocidente faça parte de uma geografia que se considera mítica e simbólica, ainda assim há factos que nos obrigam a repensar uma possível realidade que o mito terá colorido e, de alguma forma, também terá ajudado a cristalizar. Refiro-me a um achado muito interessante encontrado na serra algarvia, na zona de Silves, muito recentemente: foi identificada uma sepultura, com cerca de 2500 anos, onde foi enterrada uma mulher-guerreira, com adornos e armas que identificam essa sua condição, sendo muito possivelmente uma chefe, atendendo aos detalhes da inumação. Curiosamente, o colar de adorno encontrado terá origem no Mediterrâneo oriental, mais um sinal das trocas comerciais entre os dois extremos do Mediterrâneo. Esta chefe guerreira, esta ‘rainha das Amazonas’ terá sido contemporânea de Péricles e de Heródoto, e podem perfeitamente ter sido mulheres como esta que tenham dado origem àquelas leituras mitificadas pelos Gregos, que situavam grupos de aguerridas mulheres-guerreiras nos confins do Ocidente, independentemente das designações que lhes atribuissem (v. Jon R. WILSON, “Amazons of the Algarve?”, in *Goodlife* 27 (Fevereiro 2004), Albufeira, pp.12-13).

70 Edith HAMILTON, *ob.cit.*, pp.29-30; V. JABOUILLE, *ob.cit.*, p.54.

⁷¹M^a. Helena da Rocha PEREIRA, *ob.cit.*, p. 22; A. SCHULTEN, *Geografia y Etnografia...*, p. 69.

72 V. *supra* n. 6.

Ulisses ou Odisseu⁷³, a Hispânia volta a ser integrada no contexto geográfico daquele mundo mediterraneocêntrico. E será em função do nome ‘Odisseu’ que vários autores gregos apresentaram o nome da cidade fundada pelo herói como *Odyseia*⁷⁴. E mais uma vez a Hispânia aparece pontuando um cenário em que o herói tem de cruzar o Mar Oceano para chegar às portas do reino de Hades, ou seja, aos Infernos⁷⁵. Uma realidade mítica idêntica à que já constatámos nos ‘trabalhos’ de Hércules.

Nestas peripécias ocidentais também é referida a passagem, difícil, do estreito de Gibraltar: ‘a passagem entre Cila e Caríbdis’⁷⁶.

Para além destas passagens, o que mais importante se encontra relacionado com a Hispânia é a atribuição que é feita a Ulisses de ter sido ele o fundador da cidade de *Ulisipona*, nos confins do mundo conhecido, à borda do Grande Mar Oceano, facto esse que teria ocorrido aquando das suas deambulações durante a *Odisseia*, e do qual o topónimo olisiponense seria o sinal identificador⁷⁷. Trata-se, portanto, de mais um episódio de origem mítica que aumentou o carisma e a condição extraordinária das terras hispânicas.

⁷³Este nome também é um dos que identifica o herói (v. Edith HAMILTON, *ob.cit.*, pp. 299-328 e 510). Este episódio poderá ter origem tardia, ou ao menos a sua divulgação latina, pois apenas se constata já em um autor do século III, Solino (v.infra II.1.2.20.)

⁷⁴Justino Mendes de ALMEIDA, “Olisipo na voz dos autores antigos”, *Lisboa - Rev.Municipal*, ano XLVI, 2ª.série, nº11 (1985), pp.3-12, p.3). A relação Odisseu / Odisseia que cria um evidente paralelo, com a existente entre Ulisses / Ulisipona.

⁷⁵Edith HAMILTON, *ob.cit.*, p. 317.

⁷⁶*Idem*, p. 319.

⁷⁷Sobre Ulisses, e a sua relação com Ulisipo > Lisboa, v. Edith HAMILTON, *ob.cit.*, pp. 299-328, especialmente pp-317-319; e Justino Mendes de ALMEIDA, *ob.cit.*, pp.3-12, *passim*.

II.1.2. A Hispânia nas fontes antigas

II.1.2.1. Anais do Rei Salomão⁷⁸

Entre as mais antigas referências à Península Ibérica, remontando ao século X a.C., estão as que envolvem fenícios e judeus ⁷⁹, embora haja informações que chegaram aos textos gregos por via cretense, embora também se lhe atribuam fontes egípcias⁸⁰, possivelmente anteriores àquelas primeiras.

As citações bíblicas, pois são elas as primeiras fontes seguras⁸¹ que falam da Península, identificam-na como ‘Tarsis’⁸², expressão facilmente aceitável como uma possível variante de ‘Tartessos’⁸³. Tartessos foi um reino mais ou menos mitificado, que teria sido

⁷⁸ A.SCHULTEN, *Geografia y Etnografía...*, p.67. Embora a provável notícia mais antiga sobre a Hispânia remonte a 2800 a.C. (*ibidem*).

⁷⁹ *Idem*, pp.66-68.

⁸⁰ Também relacionada com o espaço ibérico encontramos a citação “[...] *cabo do mundo, onde vive o flavo Radamante* [...]” (sobre este trecho homérico, v. Aires A. NASCIMENTO, *ob.cit.*, pp. 7-8 e n.10; e M^a.Helena da Rocha PEREIRA, *ob.cit.*, p.20). Trata-se da passagem inicial de um excerto que referencia o espaço ocidental, e cuja origem remeterá possivelmente para o antigo Egito, e que terá chegado aos gregos via Creta, onde entendiam ser Radamante irmão de Minos, o mítico monarca cretense (v. Aires A. NASCIMENTO, *idem*, p.7, n.10; e M^a.H.Rocha PEREIRA, *ibidem*). Atente-se, no entanto, na grande semelhança, e possível relação, entre a palavra ‘Radamante’ e a palavra ‘amenti’, esta última que designava, para os antigos egípcios, o mundo dos mortos (Aires A. NASCIMENTO, *idem*, p.7-8, n.10).

⁸¹ Há uma notícia proveniente de fontes assírias, de cerca de 2800 a.C., em que se fala sobre o domínio do rei Sargão sobre um longínquo ‘país do estanho’, domínio esse que se exerceria por intermédio dos cretenses que então estavam submetidos àquele monarca. Esse ‘país do estanho’ poderia tratar-se da Península Ibérica, famosa pela sua riqueza em metais (v. *Fontes Hispaniae antiquae*, vol. I, p.156; A. SCHULTEN, *Geografia y Etnografía...*, p. 67; IDEM, *Tartessos*, 2^aed., 1945, p.21).

⁸² Concepción FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *Laudes Hispaniae (Alabanzas de España)*, Madrid, 1948, pp. 13-18.

⁸³ *Idem*, p.13.

fundado depois de 1200 a.C. e que se situava no sul-sudoeste da Península Ibérica, e cuja capital, a cidade que dava nome ao reino, se situava algures na zona da foz do Guadalquivir⁸⁴.

As notícias em causa surgem em diferentes textos bíblicos⁸⁵, e abarcam um período entre o reinado de Salomão, filho de David, rei de Israel e monarca de lendária sabedoria (975-835a.C.) embora os mais tardios sejam contemporâneos da queda do Reino de Judá, da destruição de Jerusalém, e do Cativo da Babilónia (586 a.C.), por Nabucodonosor 86.

Já no início do primeiro milénio a.C. existiriam relações comerciais entre aqueles dois reinos, Israel e Tartessos, situados em ambos os extremos do Mediterrâneo, pois cada três anos vinha uma frota fenícia, fretada por Salomão, buscar ouro, prata, marfim, macacos e pavões à Península Ibérica. A fama deste reino e das suas riquezas metalíferas e de pedras preciosas surge mesmo relatada por alguns dos Profetas de Israel, Isaías, Jeremias e Ezequiel, que, principalmente o último, nos falam de topázio, além de inúmeros metais - prata, ferro, estanho e chumbo, bem como do ouro e do cobre, constituindo a terra hispânica a principal fonte de abastecimento de metais dos Fenícios⁸⁷.

Tal facto fora a principal causa que fizera com que por volta de 1100 a.C. os comerciantes da cidade fenícia de Tiro tivessem fundado uma feitoria no litoral hispânico,

⁸⁴Sobre Tartessos, e sobre autores antigos que nos legaram informações sobre aquele reino, ver os seguintes estudos: Adolf SCHULTEN, *ob.cit.*, p.68; António GARCIA Y BELLIDO, “Tartessos y los comienzos de nuestra História” e “La Colonización Griega”, *HE-MP* t.1, vol. 2, respectivamente, 279-308 e 493-680; Carlos FABIÃO, “Tartessos: a mais antiga entidade histórica da península Ibérica”, *HP* (dir. J. Mattoso), vol.1, pp.114-119.

⁸⁵Os textos bíblicos que falam de Tarsis: *Livro I dos Reis*, cap. X, vers.22; cap. XXII, vers. 49; *Isaías*, cap. LX, vers.9; *Jeremias*, cap. X, vers.9; *Ezequiel*, cap.X, vers.9; cap. XXVII, vers.12; cap. XXXVIII, vers.13. (*BÍBLIA SAGRADA*, trad. Pe. António P. de Figueiredo, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1842, respectivamente pp. 325 e 342; p. 647; p. 662; e pp. 721, 740-741 e 753-754). V. ainda C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp.16-18; A.SCHULTEN, *Geografía y Etnografía...*, pp. 67-68; Aires A. NASCIMENTO, *ob.cit.*, p.6 e n.4.

⁸⁶ Jean DELORME, *Chronologie des Civilisations*, Paris, PUF, 1969, p. 56.

⁸⁷ V. supra n. 42.

denominada originalmente Gadir, mais tarde Gades (sendo a actual Cádiz), a partir da qual estabeleciam os seus tratos comerciais com Tartessos⁸⁸.

Mas foram os Gregos quem não só referiu a Hespéria / Hispânia por causa dos seus inúmeros bens e riquezas, mas também quem a integrou na cosmovisão que veio a tomar corpo inicialmente na sua mitologia e mais tarde na sua geografia.

Entre os séculos VI a.C. e I a.C. foram principalmente os autores gregos os divulgadores no mundo mediterrânico da imagem e da fama da Hispânia, concordando todos num ponto: a riqueza da Península em metais. Desde Avieno, do século V a. C. até Estrabão, contemporâneo de Augusto, entre os séculos I a.C. e I d.C., todos apresentam notícias mais ou menos alargadas sobre a Hispânia, mas nenhum deixou de falar nos metais, preciosos ou não⁸⁹.

II.1.2.2. *Periplo* (séc.VI a.C.) - integrado na *Ora Marítima* de Avieno

Trata-se de um relato de autor desconhecido, mas que poderá ter sido um cartaginês ou um grego de Massalia (Marselha)⁹⁰.

O *Periplo* é datado de cerca de 530 a.C., data estimada a partir de determinadas passagens da obra⁹¹, pois perdeu-se a versão original⁹². Neste relato, ainda em mãos gregas,

⁸⁸ A.SCHULTEN, *Geografia y Etnografia...*, p.68.

⁸⁹ Entre a Segunda Guerra Púnica (219-201 a.C.) e a emergência do Império (27 a.C.) (v. Jean DELORME, *ob.cit.*, pp. 87 e 102) os principais autores gregos que divulgaram a Hispânia e as suas riquezas, foram Políbio, Possidónio e Estrabão, todos eles gregos (v. Gabriel PEREIRA, *Fragmentos relativos à História e à Geografia da Península Ibérica – Livro III da Geografia de Strabão*, Coimbra, Imprensa Litteraria, 1880; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp.35-66; Armando Coelho Ferreira da SILVA e Mário Varela GOMES, *Proto-História de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 20-22).

⁹⁰ As teses relativamente ao autor do *Periplo* do século VI a.C. são a de o mesmo seria um cartaginês: Himilkon; ou um grego de Massalia: Euthymenes de Massalia (Sobre os defensores de ambas as teses v. C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, p.19, n.1).

sobre o ano 100 a.C., houve uma série de interpolações de passagens provenientes de autores do século V a.C.⁹³, entre os quais foi possível identificar Skylax de Karyanda (c. 490), Euktemon de Atenas (c.435), Damastes de Sigeion (c.420), e Phileas de Atenas (séc. V)⁹⁴, sendo as contribuições mais significativas as do segundo autor⁹⁵.

O que conhecemos hoje desse texto é o que nos vem através da tradução de Avieno, um magistrado romano em funções na Bética, nos finais do século IV d.C., que assim o integrou na sua obra, chamada *Ora Maritima*.

O conteúdo deste Periplo é uma descrição bastante pormenorizada das costas peninsulares, desde a foz do Tejo até Massalia, sendo que a obra de Avieno é a única transmissora daquele antigo texto⁹⁶. Este autor fala-nos de uma Hispânia essencialmente costeira, referindo vários cabos e promontórios do litoral hispânico⁹⁷.

Ainda assim diz-nos que nela abundam os cereais, as vinhas e os olivais. Entre o gado existente salienta as cabras. E na cobertura vegetal refere as coníferas, destacando os pinheiros bravos. Falou do estanho e do ouro, entre os metais. Dos rios da Península cita o rio

⁹¹ *Idem*, p.19.

⁹² A. SCHULTEN, *Geografía y Etnografía...*, p.77.

⁹³ *Ibidem*.

⁹⁴ *Ibid.*; de forma mais completa surgem as identificações dos mesmos autores gregos em C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, p.19. A. SCHULTEN acrescenta àqueles quatro autores gregos o cartaginês Himilco ou Himilkon, como autor também interpolado (*ibid.*), o mesmo personagem que outros investigadores entendem ser o autor do *Periplo* (v.supra n.30). Aires NASCIMENTO também designa *Himilkon* como uma fonte para Avieno (*ob.cit.*, p.7), sem levantar qualquer questão quanto ao autor do *Periplo*.

⁹⁵ A. SCHULTEN, *ibid.* Ainda sobre problemáticas relativas ao *Periplo* e sua autoria, v. António GARCIA Y BELLIDO, “Tartessos ...”, *HE-MP*, pp. 288-290; Armando C. F. da SILVA e Mário V. GOMES, *ob.cit.*, pp. 21.

⁹⁶ A. SCHULTEN, *Geografía y Etnografía...*, p.77 e n. 37. Na parte inicial do *Periplo* há ainda uma descrição resumida da viagem marítima entre a actual Bretanha francesa e a foz do Tejo, ou mesmo até Tartessos (v. *Idem*, p. 78); v.ainda C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, p.19.

⁹⁷ A. SCHULTEN, *Geografía y Etnografía...*, pp.79-80.

Hibero (rio Tinto), cujas margens eram muito férteis, o rio Tartessos (Guadalquivir) que arrasta partículas de estanho, os rios Chrysus (Guadiaro) e Theodorus (Segura) que proporcionavam ouro⁹⁸.

II.1.2.3. Heródoto (Séc. V a.C.)

Heródoto foi um autor que não deixou extensas informações sobre a Península Ibérica; tratou-se de um viajante que percorreu o Mediterrâneo oriental, pelo que todas as suas menções do Ocidente lhe chegaram por interposta pessoa⁹⁹.

Relata o início das relações comerciais entre a Fócida¹⁰⁰ e Tartessos. Relata o que se teria passado no período de Arganthonio, um dos monarcas de Tartessos, o mais famoso pela longevidade. Nos relatos de Heródoto, Tartessos é famosa pela sua riqueza em metais, destacando-se a prata, pelo que a designa por ‘a cidade da prata’¹⁰¹.

II.1.2.4. Timeu (Séc. IV a.C.)

⁹⁸ C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, p. 22 e ns. 6-7. As denominações daquele penúltimo rio são mesmo muito elucidativas: ‘Chrysus’, ou seja o grego ‘ouro’; e o hidrónimo actual ‘Guadiaro’, é formado por uma expressão híbrida, composta a partir do árabe ‘wâdi’ (curso de água, rio) e do latim ‘aurum’ ‘ouro’, ou seja, Guadiaro é o ‘rio do ouro’.

⁹⁹ Benito SANCHÉZ ALONSO, *Historia de la historiografía española: ensayo de un examen de conjunto. 1) Hasta la publicación de la Crónica de Ocampo (...-1543)*, 2ª ed. rev., Madrid, CSIC, 1947, pp.2-4; António GARCIA Y BELLIDO, “Tartessos ...”, *HE-MP*, pp. 285; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, p. 27; Carlos FABIÃO, *ob.cit.*, p.116.

¹⁰⁰ Fócida: região da Grécia, no golfo de Corinto, e onde se situava o santuário de Delfos (v. Manuel Alves de OLIVEIRA e Maria Irene Bigotte de CARVALHO, *Mini Enciclopédia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, p. 317)

¹⁰¹ A. SCHULTEN, *Geografía y Etnografía ...*, p. 88; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 27-29; Carlos FABIÃO, *ob.cit.*, p. 116.

Autor que terá vivido entre os séculos IV e III a.C., deixou da Hispânia informações relativas à abundância de prata e às muitas oliveiras que cobriam o território¹⁰².

II.1.2.5. Teofrasto (finais do séc. IV a.C.)

Este autor apenas referiu a existência de ouro de proveniência fluvial, que poderia ser recolhido no rio Teodoro, hoje rio Segura¹⁰³.

II.1.2.6. Políbio (Séc. II a.C.)

Políbio foi o primeiro autor a dar uma descrição alongada da Hispânia, a qual se cimentava num conhecimento directo do espaço que descrevia, pois esteve na Península em meados do século II a.C. Este facto, de grande importância, marcou a diferença relativamente aos autores anteriores a Políbio, o qual acabou constituindo fonte privilegiada para autores futuros, entre eles Possidónio, Estrabão e Plínio¹⁰⁴.

Da Hispânia de então sabemos por Políbio ter um clima excelente, tão bom que as coisas guardadas não apodreciam. O temperado do clima influía positivamente nos homens e nos animais tornando-os muito prolíficos.

¹⁰² Sobre este autor, v. António GARCIA Y BELLIDO, “Tartessos ...”, *HE-MP*, p. 315; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 31-34; na p. 31, atribui o autor à segunda metade do século IV a.C.; segundo A. SCHULTEN, *Geografia y Etnografía...*, p.106: Timeu escreveu antes de 264 a.C., data claramente em meados do século III a.C. Ainda

¹⁰³ A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog.* ..., p.105.

¹⁰⁴ Benito SANCHÉZ ALONSO, *Historia de la historiografía española...*, pp. 4-6; António GARCIA Y BELLIDO, “Tartessos ...”, *HE-MP*, pp. 286-287. Neste volume ainda sobre este autor e sua obra v. pp. 599-601; Pedro BOSCH GIMPERA e Pedro AGUDO BLEYE, “La Conquista de España por Roma (218 a 19 a. J.C.)”, *HE-MP*, t. II, pp. 3-285, pp. 20-21; Armando C. F. da SILVA e Mário V. GOMES, *ob.cit.* pp. 20-22; A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog.* ..., p.114; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, p. 35.

Entre as produções destas terras destacou o trigo e a cevada, entre os cereais; as figueiras, as oliveiras e as vinhas, entre as plantas de maior importância económica. Dos animais referiu as cabras, as ovelhas, os porcos, as vacas e as lebres. Entre os metais citou como principais a prata e o chumbo. Ao nível de produção artesanal referiu a fabricação de armas.

Quanto aos seus habitantes, destacou o valor dos guerreiros hispânicos¹⁰⁵.

II.1.2.7. Possidónio de Apameia (Sécs. II-I a.C.)

Mais um autor que visitou a Hispânia, neste caso no primeiro decénio do século I a.C. Espírito enciclopédico, foi filósofo, historiador e geógrafo. Foi, de alguma forma, o continuador de Políbio, a sua principal fonte, tendo escrito uma *istoriai* que cobriu o período entre 144 e 86 a.C. A sua obra veio a servir em grande parte a Estrabão¹⁰⁶ e também a Pompeu Trogo¹⁰⁷.

Possidónio falou dos cavalos, velozes; e das gralhas, a que estranhava a cor. Falou dos metais, citando especialmente a prata, o ouro e o estanho.

Referiu também, aliás como já o fizera Políbio, a fabricação de armas, salientando as espadas¹⁰⁸.

¹⁰⁵C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp.36-46.

¹⁰⁶António GARCIA Y BELLIDO, “Tartessos ...”, *HE-MP*, pp. 286 e 289. Neste volume ainda sobre este autor e sua obra v. pp. 602-605; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, p.47.

¹⁰⁷A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, p. 133.

¹⁰⁸C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 48-54.

II.1.2.8. Estrabão (Sécs. I a.C.-I d.C.)

É o autor mais completo e que deu a imagem mais global acerca da Hispânia. Reuniu na sua obra informações de vários autores anteriores, entre os quais Políbio e Possidónio¹⁰⁹ que conheceram a Península directamente, pois sendo ele também um viajante, não veio para ocidente mais do que até à Sardenha¹¹⁰.

Sendo exacto no seu trabalho, refere sempre quando usa uma outra fonte que não o seu próprio conhecimento, pelo que se tornará fácil identificar passagens de outros autores, em especial daqueles cujas obras se perderam.

Foi um contemporâneo de Augusto e a sua obra foi um dos pontos altos do conhecimento do mundo no auge da política imperial de Roma.

Estrabão fala-nos de uma Hispânia fértil e próspera, abundantíssima em géneros e, em suma, feliz. Os produtos agrícolas mais comuns e abundantes eram o trigo, o vinho, o azeite, o mel, a cera, o pez, e os figos. Existiam também boas raízes tintureiras, de que destaca a grã e o vermelhão. Entre os animais fala do rápido cavalo da Hispânia e dos muitos coelhos que por aqui existiam, e que na Bética e nas Baleares chegaram a constituir uma praga.

Quanto aos metais, refere a abundância de ouro, de prata, de cobre e de ferro. Falando do sector transformador cita a existência de excelentes carnes e peixes salgados da Hispânia, referindo em especial o *garum* hispânico, tão consumido mesmo em Roma.

Sobre o homem hispânico Estrabão salienta a sua valentia e o seu espírito belicoso¹¹¹.

¹⁰⁹A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, p. 129-130.

¹¹⁰António GARCIA Y BELLIDO, “Tartessos ...”, *HE-MP*, pp. 282-302; Armando C.F. da SILVA e Mário V. GOMES, *ob.cit.*, pp.21-22; Gabriel PEREIRA, *Fragmentos relativos à História e à Geografia da Península Ibérica – Livro III da Geografia de Strabão*, Coimbra, Imprensa Litteraria, 1880; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, p. 55; A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, p. 129.

¹¹¹C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 55-66.

II.1.2.9. As iniciativas geográfico-imperiais de Augusto (sécs. I a.C. - I d.C.)

Com o assumir da *maiestas imperii Romani* por Augusto, este monarca deu início a várias acções que visavam um melhor conhecimento e controle do espaço sob o domínio de Roma. Uma dessas iniciativas foi proceder a um Censo (Censo de Augusto, 7-5 a.C.) de todas as comunidades que compunham o Império¹¹².

Promoveu também uma ‘medição do mundo’ romano, que deu origem ao chamado ‘mapamundo de Agripa’. Tarefa que tinha sido entregue a Agripa, genro e amigo pessoal de Augusto¹¹³, e daí o nome que foi atribuído à obra cartográfica.

A quatro geómetras gregos foi confiada aquela medição’, cujos resultados serviram para a elaboração do referido mapa. Tratou-se de um longo empreendimento, que se prolongou por mais de três décadas, tendo decorrido sensivelmente entre 44 e 12 a.C. 114

Esses quatro geómetras foram: Nicodemus, a quem tocou medir o espaço romano a oriente de Roma, levando para tal 36 anos, 3 meses e 17 dias; Didymus, que mediu o espaço a ocidente, em 29 anos e 8 meses; Polyclitus mediu a sul, durante 21 anos, 5 meses e 9 dias; e Theodotus fez outro tanto a norte, gastando 23 anos, um mês e 20 dias 115. Aos resultados daquela agrimensão em larga escala foram ainda acrescentadas as informações provenientes

¹¹²A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, p. 126-127; Cirenio y el Censo, www.biblehistory.net/Cirenio.htm - 22k; La Palestina del emperador Augusto, http://www.geocities.com/Athens/Styx/3765/augus_xx.htm .

¹¹³ Marco Vipsanio Agripa, www.artehistoria.com/historia/personajes/4426.htm -10k ; “Augusto”, in AA. VV., *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (GEPB)*, Lisboa - Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédica, 1929 s.s., vol. 3, p. 714.

¹¹⁴ A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, p.127. Dizemos ‘sensivelmente’ porque se o ano de início tiver sido, para todos os geómetras, o de 44 a.C., então o que levou mais tempo não teria terminado antes de 10 a.C.

¹¹⁵ CMR, ed. CATALÁN e ANDRES, p. LIII e n. 135.

dos itinerários romanos, e foi a partir desse todo de dados que aquele mapa tomou forma.

Depois da morte de Agripa, em 12 a.C., aquele mapa foi colocado no Pórtico de Vipsania¹¹⁶.

O terceiro elemento que pode ser articulado com este projecto de conhecimento geográfico integral do Império é a obra de Estrabão, que já referimos.

Para além das iniciativas imperiais, e já antes delas, durante o século I a.C. detectam-se, em autores romanos, referências a algumas particularidades da Hispânia.

II.1.2.10. Varrão (116-28 a.C.)

Esteve duas vezes na Hispânia, em funções oficiais, a primeira vez durante os anos de 75-72, e voltou uma segunda vez em 49, em qualquer das vezes na condição de delegado de Pompeu.

A sua grande importância deve-se ao facto de ter sido uma das principais fontes de Pompónio Mela e de Plínio para a descrição da Hispânia. Faz alusão aos inúmeros coelhos da Hispânia e também aos seus cavalos selvagens¹¹⁷.

II.1.2.11. Catulo (87 - 54 a.C.)¹¹⁸

Poeta latino, fez algumas alusões à Hispânia nos seus poemas.

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, pp. 124 e 134-135; Manuel TORRES, “La Península Hispánica, Provincia Romana (218 a. J. C. – 409 d. J.C.). Instituciones económicas, sociales y político-administrativas”, *HE-MP*, t. II, pp. 287-519, p. 318; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 57, 77 e 81.

¹¹⁸ Jean DELORME, *ob.cit.*, pp. 95-97.

Também cita a grande abundância de coelhos na Península¹¹⁹. Fala na indústria do linho na então *Hispania Tarraconensis*, em função da qual eram produzidos os famosos *sudaria Saetaba*, ou seja, os lenços finos de Játiva.

É ele também o primeiro a designar o rio Tejo como *aurifer*¹²⁰.

II.1.2.12. Pompeu Trogo (séc. I a.C.)

Este autor, natural da Gália, escreveu uma História Universal, denominada *Philippicae*, mas que se perdeu. O que conhecemos dele temo-lo a partir do epítome de Justino (v.infra).

Trogo redigiu uma descrição da «*res hispaniae*» que pode ser considerada um elogio à Hispânia. Foi, sem dúvida, um dos primeiros textos que se podem considerar dentro da tipologia das *laudes*¹²¹.

II.1.2.13. Tito Lívio (59 a.C. - 17 d.C.)

Tito Lívio, natural de Pádua, foi contemporâneo e próximo dos imperadores Augusto e Cláudio.

¹¹⁹ A abundância de coelhos era tanta que as moedas com coelhos identificavam a Hispânia (v. Paolo FEDELI, “L’Occidente iberico nell’immaginario e nella coscienza dei romani”, *Classica* 22 (1997), pp. 21-35, p.23, n.8) A imagem do coelho foi adoptada mesmo pelo imperador Adriano como símbolo peninsular, presente nas moedas cunhadas na Hispânia (v. C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, p. 57).

¹²⁰ A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, p. 126; Paolo FEDELI, *ob.cit.*, pp.21-23; Manuel TORRES, “La Península Hispânica...” *HE-MP*, pp. 539 e 555.

¹²¹ Ramón MENÉNDEZ PIDAL, “Introducción” *HE-MP*, T.II, pp. IX-XL, pp. XI-XXXI; António GARCIA Y BELLIDO, “Tartessos ...”, *HE-MP*, p. 635; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 123-129; A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, p. 132-135; Joaquín VALLVÉ, *La División Territorial de la España Musulmana*, Madrid, CSIC, 1986, p. 84, n. 59 e p. 88.

Historiador, na sua obra *Ab urbe condita libri*, ou melhor, naquilo que nos chegou da sua obra, refere especialmente o botim de guerra que os generais romanos conseguiram na Hispânia, e que era constituído especialmente por ouro e prata.

Cita ainda as excelentes armas produzidas pelos hispanos ¹²².

II.1.2.14. Columela de Gades (séc. I)

Hispânico como o seu nome documenta, de Gades / Cádiz, escreveu um tratado sobre a agricultura peninsular daquela época. Falou sobre as ovelhas, os peixes e os legumes, tendo referido especialmente as alfaces¹²³.

II.1.2.15. Pompónio Mela (séc. I)

Autor hispânico, nascido em Carteia, próximo de Algeciras.

A sua obra geográfica chamou-se *Chorographia*, e nela usou como fontes, entre outras, as obras de Varrão e de Agripa. A descrição da Hispânia é bastante concisa, embora enumere as suas principais produções.

Segundo Mela a Hispânia é uma terra fértil e muito povoada. É abundante em cavalos e trigo, bem como em ouro, chumbo, ferro, prata e cobre. Mesmo a zonas mais pobres produzem linho e esparto, este último a matéria-prima da indústria cordoeira.

¹²² B. SANCHÉZ ALONSO, *Historia de la historiografía española...*, pp. 11-14; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 67-76.

¹²³ Paolo FEDELI, *ob.cit.*, p.33; A. SCHULTEN, *Geog.y Etnog...*, p. 137; Manuel TORRES, “La Península Hispánica...”, *HE-MP*, p. 318; José M. PABÓN, “La Literatura Hispano-Latina – escritores Paganos”, *HE-MP*, t.II, pp. 523-543, p. 541.

Relativamente à Lusitânia, fala de uma tão grande fertilidade que permitiria sete colheitas de trigo por ano.

Refere ainda o rio Tejo, já antes citado por outros autores, e do qual diz ser famoso pelo ouro e pelas pedras preciosas que nele existem¹²⁴.

II.1.2.16. Plínio (23-79)

Plínio, o Antigo, grande erudito e naturalista latino, nasceu em Como e morreu em consequência da erupção do Vesúvio, pois aproximou-se do mesmo, tendo asfixiado devido aos vapores vulcânicos. Foi também militar, comandante de uma frota romana. Nessa condição esteve na Britânia, no Egito e na Grécia. Esteve ainda na Hispânia a cumprir um cargo oficial.

Tinha completado, pouco tempo antes de falecer, em 77, a sua grande obra *Naturalis Historia*, à qual dedicou grande parte da sua vida. Entre as várias fontes que utilizou, ele mesmo identificou Timeu, Políbio, Eratóstenes, Possidónio, Artemidoro, Varrão e Agripa. Os livros III e IV contêm as informações relativas à Hispânia.

Segundo Plínio, gozava a península hispânica de excelente clima. Produzia muito azeite, trigo e cevada. Tinha excelentes vinhos, e de frutas os figos, as peras e as cerejas. Havia também muito mel e, entre as flores, muitas rosas.

¹²⁴ Gabriel PEREIRA, *Fragmentos relativos à História e Geografia da Península Ibérica – Caius Plinius Secundus e Pomponius Mela*, Évora, 1879; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 77-79; A.SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, p. 137; Manuel TORRES, “La Península Hispânica...”, *HE-MP*, p. 319; José M. PABÓN, “La Literatura Hispano-Latina – escritores Paganos”, *HE-MP*, t.II, pp. 523-543, p. 541; Armando C. F. da SILVA e Mário V. GOMES, *ob.cit.* pp. 20-22.

Possuía muitos e bons cavalos¹²⁵. Era abundante em minas, de ouro, prata, cobre, ferro, chumbo e estanho. Tinha pedreiras de mármore e de pedras especulares. Próximo das minas de ouro surgiam geralmente o bórax e o mercúrio.

Fala ainda Plínio na existência de pedras preciosas e das palhetas de ouro do rio Tejo.

Quanto às indústrias, refere a da lã e a do linho, e também a da olaria.

Plínio, ao fazer um elogio sobre a Itália, diz que, exceptuando-se a fabulosa Índia, a Hispânia viria logo após a Itália, como a outra grande região do Império, superior mesmo à Gália.

Apresenta também uma descrição orográfica da Hispânia, e informa ainda sobre a divisão administrativa da península, naquela época¹²⁶.

II.1.2.17. Sílio Itálico (25-101)

Autor do século I, não se conhece a sua origem. Foi procônsul na Ásia, após o que se dedicou às letras. Compôs uma epopeia histórica chamada *Punica*, por volta do ano 80¹²⁷, onde narra a Segunda Guerra Púnica (218-201). A sua principal fonte foi Tito Lívio.

Nas suas descrições da Hispânia fala dos cereais, em especial do trigo. Da abundância de azeite e de vinho, bem como de metais, entre os quais ressalta o ouro, a prata, o ferro e o

¹²⁵ Este autor fala da extraordinária fecundidade das éguas hispânicas, que ficariam fecundadas pelos ventos (v. João Daniel LOURENÇO, “Os locais do Ocidente: entre o real e o imaginário”, *Clássica* 22 (1997), pp.223-229, p.227).

¹²⁶ C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 81-96; Joaquín VALLVÉ, *ob.cit.*, p. 88; A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, pp. 137-139; Amílcar GUERRA, *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Lisboa, Ed. Colibri, 1995; Gabriel PEREIRA, *Fragmentos relativos à História e Geografia da Península Ibérica – Caius Plinius Secundus e Pomponius Mela*, Évora, 1879; Ramón MENÉNDEZ PIDAL, “Introducción” *HE-MP*, T.II, pp. IX-XL, pp. XIV-XV; Manuel TORRES, “La Península Hispánica...”, *HE-MP*, p. 319; Armando C. F. da SILVA e Mário V. GOMES, *ob.cit.* pp. 20-22.

¹²⁷ A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, pp. 140-141.

que ele designava como *electrum*, um composto de ouro com prata. Fala da existência de ouro nos rios Tejo e Douro e da riqueza em cavalos.

Entre as indústrias salienta o fabrico de armas e os panos de linho, enquanto no relativo ao homem hispânico exalta as suas qualidades de guerreiro e de grandeza de alma sem temor à morte¹²⁸.

II.1.2.18. Marcial (40-104)

Autor de origem hispânica, nasceu na zona da actual Calatayud. Jovem foi para Roma onde a fortuna não lhe foi favorável. Sobreviveu fazendo poemas adulando os poderosos, entre eles o imperador Domiciano.

Foi companheiro de letras de Sílio Itálico, de Plínio o Moço e de Juvenal, durante a sua estadia na grande cidade. Em 97 ou 98 regressou à sua terra natal, desenganado da vida de Roma, que satirizou nos seus epigramas. Uma protectora local permitiu-lhe viver dignamente os seus últimos anos de vida.

Nas suas poesias fez diversas evocações da Hispânia. Fala dos inúmeros olivais e vinhedos, bem como de grandes rebanhos e dos excelentes cavalos que povoavam os campos. Entre os metais salienta o ouro, a prata e o ferro, e não deixa de falar no ouro do Tejo. Das actividades industriais refere o fabrico de armas, a olaria, o fabrico do *garum* e a salga de presuntos¹²⁹.

¹²⁸ C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 97-107; A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, pp. 140-141; Pedro BOSCH GIMPERA e Pedro AGUDO BLEYE, “La Conquista de España por Roma...”, *HE-MP*, t.II, p.17.

¹²⁹ Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa PIMENTEL, “Visão da Hispânia nos seus Autores: Marcial”, *Classica* 22 (1997), pp.189-206; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 109-118; A. SCHULTEN, *Geog. y Etnog...*, pp. 140-141; José M. PABÓN, “La Literatura Hispano-Latina – escritores Paganos”, *HE-MP*, t.II, pp. 538-539.

II.1.2.19. Justino (séc. III)

Juniano Justino ficou conhecido e deve a sua importância ao facto de ter preservado o chamado ‘elogio de Pompeu Trogo’, num epítome que realizou a partir da *Philippicae* de Trogo.

As referências que Justino nos transmitiu, relativamente à Hispânia, falam-nos de um clima suave, temperado e da presença de chuvas fecundantes. Refere a grande abundância de cereais, de vinho, azeite e mel. Foco também a produção, nas zonas menos favorecidas, de linho e de esparto.

O mar era rico em peixe e em ostras.

Dos metais fala no ouro, no cobre, no chumbo e no vermelhão, referindo ainda o ouro de origem fluvial. Entre as indústrias salienta o fabrico de armas.

Quanto às gentes da Hispânia, evoca a sua firmeza de carácter, a sua resistência física e anímica e a nobreza de alma¹³⁰.

II.1.2.20. Solino (séc. III)

De Caio Júlio Solino não se conhece a origem, nem se sabe exactamente quando viveu. Terá vivido no século III, atendendo a que no século IV já surge como fonte de um autor daquele século. A sua obra chamou-se *Collectanea rerum memorabitium*. Entre as fontes que terá usado, embora sem as identificar, contam-se Plínio e Pompónio Mela.

¹³⁰ B. SANCHÉZ ALONSO, *Historia de la historiografía...*, pp. 25-26; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 123-129.

Relativamente à Hispânia falou dos seus abundantes frutos e dos seus excelentes vinhos; do muito azeite e do bom esparto, usado em cordoaria. Entre os metais fala na prata, no ouro e no ferro. Refere ainda o ouro fluvial, especialmente o do Tejo e ainda o sal-gema e o vermelhão.

Uma outra informação de relevo no respeitante à Hispânia é a que pela primeira vez associa definitivamente a figura de Ulisses com a fundação de *Ulissipona* (> Lisboa)¹³¹.

A partir do século IV, com a progressiva ascensão do Cristianismo, começou a alterar-se o quadro cultural de referência das elites letradas do Império. Extingue-se a Antiguidade clássica e pagã, para dar passagem à Antiguidade Tardia e cristã.

O essencial do léxico laudatório relacionado com a Hispânia foi sendo compilado, sem qualquer objectivo pré-estabelecido ou método prévio, durante este período de mais de doze séculos.

A estruturação desse vocabulário, mais ou menos solto, em discurso panegírico, vai acabar por amadurecer ao longo dos séculos seguintes, embora já tivesse tido alguns precedentes, como as primeiras composições que se podem incluir entre as ‘laudes’ e que já apareceram nas obras de Plínio e de Pompeu Trogo.

[Ver Quadros II.1a, onde constam as referências dos diferentes autores antigos]

¹³¹ Ramón MENÉNDEZ PIDAL, “Introducción” *HE-MP*, T.II, pp. IX-XL, p. XXXI; João Daniel LOURENÇO, *ob.cit.*, p.226; Justino Mendes de ALMEIDA, *ob.cit.*, pp. 3-12, *passim*; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp.131-132

II.2. A Hispânia nas fontes tardo-antigas (Séculos IV-V)

A ascensão do social do Cristianismo, desde o reinado de Constantino, e a paralela decadência do Império originaram alterações que também se reflectiram no meio letrado latino, não apenas na composição socio-cultural do mesmo, mas também nas principais preocupações dos seus membros. Os autores passaram a ser maioritariamente cristãos, tendo portanto uma nova abordagem da vida e uma nova consciência do seu papel no mundo.

Por outro lado, a consciência da cada vez maior instabilidade que estava a ser vivida dentro do *limes* do Império fez os autores, usando modelos de tipo apologético e mesmo exortativo, voltarem-se para as últimas autoridades responsáveis pelo Império, os próprios Imperadores e os seus familiares próximos, em busca de alguém que pudesse tentar conter ou travar os ventos, cada vez mais fortes, da rápida decomposição das estruturas imperiais.

Relativamente à Hispânia, o vocabulário laudatório a ela relativo apresenta-se já então praticamente consolidado, quer ao nível dos conteúdos, quer ao nível das formas discursivas de os manifestar.

Ainda no que concerne à Hispânia, uma característica típica do período tardo-antigo é o facto de o mesmo léxico já não ser, na grande maioria dos casos, topograficamente identificável, pois o mesmo surge, todo ele, de uma forma genérica, atribuído à totalidade do espaço peninsular.

Entre as formas literárias mais utilizadas, no veicular daquele discurso e durante aquele período, contam-se a do panegírico e a do relato historiográfico.

Os letrados deste período, em que a literatura e o próprio conhecimento da língua latina estão já em declínio, são geralmente meros compiladores e, portanto, repetidores do já antes dito, sem trazerem nada de inovador. Os que ainda são dignos de nota, entre os panegiristas e entre os que trazem algo de inovador, como seja o caso dos historiógrafos cristãos, nem uns nem outros já são, na maior parte os casos, nem romanos nem sequer itálicos. São, maioritariamente, originários das zonas periféricas do Império e, concomitantemente, acabam por vezes fazendo o respectivo elogio das suas zonas de origem e cada vez menos o da totalidade do Império 132.

II.2.1. Pacato Drepanio (2^a. metade séc. IV)

Autor de origem gaulesa, terá nascido possivelmente na região de Burdigala (a actual Burdés). Foi poeta e retórico. A única obra sua que subsistiu até ao presente foi o *Panegyricus Theodosio Augusto dictus*, um elogio feito a Teodósio na comemoração da vitória deste sobre o sublevado Máximo, ocorrida no ano de 389.

No panegírico em causa, e em consequência da origem hispânica do Imperador Teodósio, Pacato tece uma *laude* à Hispânia; possivelmente o primeiro exemplo que nos chegou desse novo discurso que se tornou então claramente laudatório, e já não administrativamente funcional.

Assim surge uma Hispânia que é Mãe do Imperador Teodósio, mas também de todos os seus naturais, pois é naturalmente generosa: é a terra mais fértil do mundo, plena de frutos, todos os frutos da agricultura, e de rebanhos. Rica de muitos metais e de pedras preciosas, os seus rios derramam ouro nas suas margens.

132 C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 131-143.

É uma Mãe de guerreiros, de oradores, de poetas, de juízes e de príncipes, pois concebeu e levou ao Império homens como Trajano, Adriano e Marco Aurélio, antes do próprio Teodósio 133.

II.2.2. Prudêncio (348 - c.405) 134

Aurélio Prudêncio Clemente tinha origem hispânica e foi um alto funcionário imperial. Foi, simultaneamente, o maior poeta cristão da Antiguidade.

Na sua obra *Peri Stephanon* (Hinos sobre os Mártires) fez a sua apologia da Hispânia, a qual designa como sendo uma ‘terra de mártires’, que ele coloca no mesmo nível dos mártires cristãos de Roma 135.

Aparece assim a enunciação de uma nova, e também cristã, forma de sacralização da Hispânia: uma condição sacra que já não surge em consequência do sangue derramado pelos heróis guerreiros, mas sim pelo sangue dos mártires, que assim se transformam nos heróis da fé cristã.

II.2.1.3. *Expositio totius mundi et gentium* (2ª. metade séc. IV)

Trata-se de uma obra anónima grega atribuível à segunda metade do século IV, mas que acabou por ficar conhecida pela sua tradução latina com o título em epígrafe. Não há certeza quanto à data daquela tradução.

133 Ramón MENÉNDEZ PIDAL, “Introducción” *HE-MP*, T.II, pp. IX-XL, pp. XXIX-XXXI; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 133-135.

134 Jean DELORME, *Chronologie des Civilisations*, p.121.

135 Pascual GALINDO, “La literatura Hispano-Latina – Escritores Cristianos”, *HE-MP*. T. II, pp. 545-561, pp.552-555; Ferdinand LOT, *O Fim do Mundo Antigo e o princípio da Idade Média*, Lisboa, Ed. 70, 1985, pp. 145-146; Paolo FEDELI, *ob.cit.*, p. 35.

Esta obra era a descrição de uma cartografia em que era integrado todo o mundo então conhecido, da Índia à Hispânia. Esta é, segundo o texto em causa, vasta e abundante em riquezas e em homens sábios. Curiosamente, das riquezas apenas refere as produções de azeite, carne de porco e *garum*, esparto, tecidos e muitos burros 136. É, no entanto, bastante precário nos elementos enunciados na descrição. Possível sinal da decadência económico-financeira do Império em geral, e da Hispânia em particular.

II.2.1.4. Claudio Claudiano (Alexandria, meados séc. IV – Roma?, 408)

Claudiano, de origem africana, nasceu em Alexandria. Cedo foi para Roma onde se tornou famoso como panegirista. Próximo da família imperial de Teodósio, conhecem-se dele pelo menos dois panegíricos em que envolveu a Hispânia: um que ele dedicou a Honório, um filho e sucessor de Teodósio, e um outro dedicado a Serena, sobrinha de Teodósio e esposa de Flávio Estilício, um general de origem vândala que se aproximara do poder 137.

O que apresenta a mais extensa laude é o segundo, *Laus Serenae*, enquanto o primeiro apresenta apenas algumas citações isoladas. Começamos pelo *Panegyricus de quarto consulato Honorii*: aí fala na abundância de ouro da Ibéria e refere a grande quantidade de homens ilustres que foram originários da Hispânia, destacando de entre eles a *gens* Ulpia a quem o Universo ficou devendo tantos imperadores, entre eles Trajano e Adriano.

No *Laus Serenae* o autor volta a salientar a condição ocidental extrema da Hispânia, que recolhe o Sol “ao declinar o dia” e onde “respiram os astros fatigados”.

136 R. MENÉNDEZ PIDAL, “Introducción” *HE-MP*, T.II, p. XXX; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp.137-9; P. FEDELI, *ob.cit.*, p.35.

137 “Estilício, Flavio”, *Mini-Enciclopédia Círculo de Leitores* (dir. Manuel Alves de OLIVEIRA e Maria Irene Bigotte de CARVALHO), Lisboa, 1993, p. 287.

Quanto às suas produções, diz ser abundante em cavalos, fértil em cereais, rica em metais e fecunda em príncipes virtuosos, entre os quais destaca Trajano 138.

II.2.1.5. Marciano Capella (n. Cartago, séc.V)

Este autor, já não sendo um panegirista, nem sendo um historiógrafo, integramo-lo ainda neste bloco por se limitar, enquanto enciclopedista, a repetir as informações que já vinham de trás, sem qualquer preocupação de ordem etico-filosófica que se detectam nas obras dos historiógrafos que trataremos adiante. Esse facto é, quanto a nós, razão suficiente para colocar este autor junto aos panegiristas anteriores.

Marciano Capella era de origem africana, mais exactamente da zona de Cartago, e a sua vida desenrolou-se nos meados do século V. Foi o autor de uma enciclopédia intitulada *De nuptiis Philologiae et Mercurii* e para a qual se serviu das obras de Varrão, Plínio e Solino.

Refere da Hispânia a abundância de frutos, os seus minerais: pedras preciosas, mármore e vermelhão, os seus muitos metais e as areias auríferas do Tejo. Fala dos vinhedos da Lusitânia e da grande fertilidade da Bética 139.

Ainda deste período, entre os séculos IV e V, são dois importantes autores hispânicos, oriundos da Galécia, de seus nomes Orósio de Braga e Idácio de Chaves. Autores com preocupações diferentes das dos atrás referidos, pois foram ambos historiógrafos, têm, entre

138 R. MENÉNDEZ PIDAL, “Introducción” *HE-MP*, T.II, pp. XXVI-XXXI; C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp.141-2; F. LOT, *ob.cit.*, p.143.

139 C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp.143-4.

si, de semelhante, para além da origem, a concepção providencialista e universalista da história, dado o facto, também comum, de serem clérigos 140.

Apesar das diferenças temáticas e das diferentes abordagens filosóficas, relativamente àqueles outros autores, ainda assim conseguem-se detectar algumas similitudes discursivas com os mesmos, no respeitante à apologia da Hispânia.

II.2.1.6. Orósio de Braga (Braga, 375? – África, depois de 420?)

Hispânico, terá nascido em Braga ou nas suas imediações, por volta do ano de 375. A juventude de Orósio terá decorrido dentro de uma certa tranquilidade, pois a Hispânia ainda se encontrava relativamente afastada dos problemas que advinham da fixação de cada vez mais povos germânicos dentro das fronteiras do Império.

Pela altura em que os Visigodos comandados por Alarico conquistaram e destruíram Roma, no ano de 410¹⁴¹, já os movimentos de povos dentro dos antigos *limes* se tinham precipitado e a Península Ibérica foi, por fim, também invadida. O que ainda restaria da velha *pax romana* na Hispânia desapareceu para sempre.

Este saque de Roma foi um acontecimento traumático para todo o império e Orósio não lhe foi indiferente¹⁴². Pouco tempo antes daquela data, Orósio, que estudara e se

140 O providencialismo, como doutrina, que também se aplicou à História remonta a Eusébio-Jerónimo (v. João de Santarém [Biclarense], *Crónica* {ed.critica e introdução de Carmen Cardelle de HARTMANN e Comentário histórico de Roger COLLINS}, Lisboa, Ed. Colibri, 2002, pp.27-30). Ainda sobre o providencialismo na historiografia medieval, consultar as obras genéricas R.G. COLLINGWOOD, *A Ideia de História*, Lisboa, Ed. Presença, 1986; Charles-Olivier CARBONELL, *Historiografia*, Ed. Teorema, 1987.

¹⁴¹ Jean DELORME, *ob.cit.*, p.126.

¹⁴² ORÓSIO, *História Apologética*, ed. Paulo F. ALBERTO e Rodrigo FURTADO, Lisboa, Colibri, 2000, p.13.

preparara para a vida eclesiástica, terá tomado ordens, pois na época a idade mínima para tomar ordens era a dos trinta e três anos¹⁴³.

A instabilidade politico-militar que se produziu na Península terá sido a razão suficiente para que Orósio se tivesse decidido pelo exílio, partindo em direcção a África, mais exactamente em direcção à zona da velha Cartago, à cidade de Hipona, da qual era bispo Aurélio Agostinho 144.

Bem recebido por Agostinho, que simpatizou com Orósio e o elogiou, terá recebido daquele a incumbência de escrever uma obra em que refutasse as acusações que os pagãos faziam aos cristãos, de que a decadência do Império e as desgraças que sobre ele sucediam eram uma consequência da adopção do cristianismo como religião do Império, abandonando as velhas tradições pagãs 145. Essa obra, que ele terá escrito entre 414 e 417, intitulou-se *Histórias contra os Pagãos (Historiae adversus Paganos libri VII)* 146.

Esteve no Médio Oriente entre 415 e 416, onde contactou com S. Jerónimo. Orósio, em finais de 417, tentou regressar à Hispânia, mas não o conseguiu, perdendo-se-lhe a partir de então, definitivamente o rasto 147.

As suas *Histórias contra os Pagãos (Historiae adversus Paganum libri VII)*, constituíram a primeira história universal cristã, mas, também e simultaneamente, a primeira

¹⁴³ *Idem*, p.10.

144 Segundo Cármen ORCÁSTEGUI e Esteban SARASA, Orósio já se encontraria em África no ano de 411, (v. IDÉM, *La Historia en la Edad Media*, Madrid, Cátedra, 1991, p.67 n.9).

145 A *Histórias contra os Pagãos* foi escrita por solicitação de Agostinho (Idem, pp.26-34; Cármen ORCÁSTEGUI e Esteban SARASA, *La Historia en la Edad Media*, Madrid, Cátedra, 1991, pp. 37 e 66). Existiu um paralelismo temporal entre a redacção da obra de Orósio e a de alguns dos livros da *Cidade de Deus*, de Agostinho. Parece, no entanto, já suficientemente estudada e descartada a suposta situação ‘discipular’ de Orósio relativamente a Agostinho e uma eventual coincidência de teses relativamente ao conceito de ‘história’, que não é realmente idêntico entre ambos (*Idem*, p.21 e n.46).

146 ORÓSIO, *História Apologética*, p.19.

147 *Idem*, p.17. Ainda sobre a vida e a obra de Orósio, v. B. SANCHEZ ALONSO, *Historia de la historiografia...*, pp. 65-69; Justo PÉREZ DE URBEL, “Las Letras en la Época Visigoda”, *HE-MP*, t. III: *España Visigoda*, pp. 379-431, pp. 382-386.

história política de Roma escrita dentro de uma perspectiva cristã ¹⁴⁸. Contam-se entre as suas principais fontes o Epítome de Justino à obra de Pompeu Trogo, para as histórias oriental, greco-macedónica e cartaginesa; para a história de Roma, da fundação até à época de Augusto, a fonte foi Tito Lívio. Justino e Tito Lívio foram ambos contemporâneos de Augusto. Para o período imperial as suas fontes foram Eusébio e Eutrópio ¹⁴⁹.

Obra quase matricial da historiografia medieval ¹⁵⁰, teve uma popularidade enorme ao longo de toda a Idade Média, pois conhecem-se 275 manuscritos das *Historias* e algumas traduções medievais da mesma ¹⁵¹.

A obra de Orósio compõe-se de duas partes: uma parte historiográfica, mais extensa, e na qual Orósio desenvolve a sua argumentação; e uma parte geográfica, mais curta, e introdutória à parte historiográfica.

A existência de um texto geográfico com aquela função é então algo de completamente inovador na escrita da História ¹⁵². Este modelo orosiano teve mais tarde os seus seguidores, nomeadamente na Hispânia medieval ¹⁵³.

Nessa parte geográfica Orósio procurou descrever o mundo, o Orbe, então conhecido, composto por três continentes, Ásia, Europa e África, e cujo centro, o ‘coração’, era o

¹⁴⁸ J. M. ALONSO-NUÑEZ, “La transición del Mundo Antiguo al Medieval en la historiografía. La primera historia universal cristiana: las *Historiae Adversum paganos* de Paulo Orosio”, *Actas III Congreso de Estudios Medievales, siglos IV-VIII*, Madrid, Fundación Sanchez-Albornoz, 1993, pp. 143-158, p.145 n.1.

¹⁴⁹ ORÓSIO, *História Apologética*, pp. 24-25. V. ainda o muito recente estudo sobre a tradução árabe da obra de Orósio, da autoria de Mayte PÉNELAS (ed. e estudo), *Kitāb Hurūšiyūš* (Traducción Árabe de las *Historiae adversus Paganos* de Orosio), Madrid, CSIC, 2001, p.25.

¹⁵⁰ C. ORCÁSTEGUI e E. SARASA, *ob.cit.*, pp.37-38.

¹⁵¹ Orósio, *História Apologética*, pp. 34-42.

¹⁵² Yves JANVIER, *La Géographie d’Orose*, Paris, Soc.Ed. Les Belles Lettres, 1982, p. 9 ; Rodrigo Correia FURTADO, “A descrição geográfica do orbe nas *Historiae* de Orósio (*Hist.*, I, 2): o programa ideológico”, *Evphrosine* 27 (1999), pp. 65-78, p. 68.

¹⁵³ Com a obra de Orósio como fonte para al-Rāzī, este copiou daquele a estruturação textual: primeiro a introdução geográfica e só depois a historiografia, se bem que já não de âmbito universal mas apenas circunscrita à Hispânia. A obra de Ibn Ġālib manteve aquele modelo que depois passou para a cronística romance, nos finais do século XIII – inícios do século XIV, com a tradução da obra deste último para galaico-português (v. infra II.6.).

Mediterrâneo. Começando o seu relato na Índia, a Oriente, terminava, a Ocidente, na Hispânia.

Fez na sua obra a identificação do mundo com o Império Romano, o qual, sendo Cristão, era implicitamente Universal 154.

A descrição espacial da Hispânia assenta, para Orósio, essencialmente, em três elementos: a *forma geral triangular* que atribuiu à Península, atribuição essa que fará história, como veremos adiante; seguidamente, e em sequência do anterior, a *descrição dos seus limites exteriores*; e, por último a *enunciação das suas divisões administrativas*, que não são as do tempo de Orósio mas sim as que vigoraram até ao tempo de Augusto 155.

Na parte historiográfica Orósio faz uma apologia da Hispânia, identificada como Mãe de bons imperadores, citando Trajano e Teodósio 156, mas ligando-a também a outros momentos importantes do imaginário imperial, apresentando-a como o palco onde Augusto foi, segundo Orósio, reconhecido implicitamente como Senhor do Mundo. O local providencialmente designado por Deus para tal sucesso foi, portanto, a Hispânia, mais precisamente Tarragona.

Em consequência de tudo isso, era num homem da Hispânia, Teodósio, o primeiro imperador cristão que oficialmente ‘cristianizara’ o Império, ou nos seus descendentes que a elite cristã depositava as esperanças do ressurgimento de um Império Romano já cristão.

154 Desde Augusto que era entendido que todo o mundo estava subjugado ao poder de Roma (ORÓSIO, *História Apologética*, p.18; Rodrigo C. FURTADO, “A descrição geográfica...”, p.70).

155 Como Orósio pretende focalizar preferencialmente o reinado de Augusto, quando o mundo estava em paz e quando nascera Jesus (Rodrigo C. FURTADO, *idem*, pp. 70-72), daí também a utilização das referências geográfico-administrativas daquele período áureo que ele estava evocando na sua obra.

156 Referências a Trajano e Teodósio, comparações entre ambos e exaltação do segundo, porque cristão, v. ORÓSIO, *História Apologética*, pp. 122-123, 171-177 e 263-264; Rodrigo C. FURTADO, “A descrição geográfica...”, p.73). Além destes monarcas, e ainda dentro da dinastia dos Antoninos, contam-se também Adriano e Marco Aurélio entre os de origem hispânica (v. Paolo FEDELI, *ob.cit.*, p.32)

Para Orósio houve uma grande preocupação em demonstrar que o que levava a que Augusto declarasse a *pax romana* para o Império e para o mundo não fora mais do que o culminar do processo histórico que levava da Criação à Redenção, iniciando-se esta com o nascimento de Jesus, ocorrido durante o reinado do mesmo Augusto 157.

II.2.1.7. Idácio de Chaves (Lémica [Galécia], 383 – Chaves, 470/4)

Nasceu na Galécia, em Lémica, cerca do ano de 383¹⁵⁸, sendo oriundo de uma família de funcionários imperiais cristãos 159. Seria, portanto, uns anos mais novo do que Orósio. Idácio, na sua adolescência, por volta do ano 400, viajou até ao Oriente, onde terá conhecido, entre outros, Jerónimo, o bispo de Jerusalém, depois celebrizado como S. Jerónimo 160.

Ao regressar à península terá começado a estudar para se tornar um eclesiástico, facto que veio a ocorrer em 416 161. No ano de 427 foi eleito Bispo e em consequência ficou desde então à frente da Diocese de Chaves 162, função eclesiástica que manteve até ao final da sua vida, tendo vindo a falecer algures entre 470 e 474 ¹⁶³.

157 A Hispânia como ‘altar’ da Paz Universal, onde o Mundo se preparou para receber o Redentor (ORÓSIO, *História Apologética*, pp. 93-97; Rodrigo C. FURTADO, “A descrição geográfica...”, p.70-72).

¹⁵⁸ É em função da data em que foi ordenado, 416 (v.infra) que se estima a sua data de nascimento, pois não podiam então tomar ordens os que não tivessem atingido os 33 anos (v. supra n. 11).

159 Idácio, *Crónica* (ed. José MARQUES [2ªed. rev. e aumentada], *Crónica de Idácio. Descrição da invasão e conquista da Península Ibérica pelos Suevos (Séc. V)*, Braga, Livraria Minho, 1995, p. X.

160 *Idem*, pp. XIII, 2-3 e 12.

161 *Idem*, pp. XV-XVI e ns. 15 e 16.

162 *Idem*, p. XVI.

¹⁶³ A primeira data é estimada a partir da data terminal da sua *Crónica*. A segunda data, 474, foi-lhe atribuída por Isidoro de Sevilha, que situou o seu falecimento no mesmo ano do do imperador Leão (cf. *Esp. Sagr.*, IV, 303; ed.De Ram, pp.15,39) (*apud* <http://www.ccel.org/w/wace/biodict/htm/TOC.htm>). Sobre Idácio

Letrado, Idácio de Chaves foi também um diplomata e um defensor do cristianismo romano contra várias outras correntes cristãs que acabaram sendo consideradas heréticas, como os priscilianistas e os arianos 164.

A *Crónica* de Idácio teve uma redacção que o acompanhou até praticamente ao final da sua existência, pois está escrita até ao ano de 469 165. Atendendo à estruturação cronológica da obra e à afirmação que o próprio autor faz no *Prólogo* da mesma *Crónica*, foi a mesma produzida como uma continuação da obra de Eusébio, bispo de Cesareia, e de Jerónimo, bispo de Jerusalém. Este último, a quem Idácio conheceu pessoalmente, foi, aliás, o autor cuja obra foi mais compulsado, para a elaboração do seu próprio trabalho 166.

A *Chronica* do bispo flaviense é, quanto ao objecto de estudo, considerada a primeira história que verdadeiramente trata a Hispânia de forma autónoma, pois, apesar de ter a intenção inicial de historiar o Império Romano, a sua visão foi-se confinando mais e mais só à Hispânia e à sua Galécia natal 167. Um aspecto essencial e axial do discurso presente na *Chronica* reside no facto, sem dúvida significativo, de o relato se iniciar no ano de 379, a data exacta em que Teodósio foi associado ao poder imperial.

Foi Idácio um providencialista mas, também, um pessimista, muito possivelmente por ter vivenciado a acelerada desagregação do Império Romano do Ocidente, já no século V, no qual ainda depositara esperanças, esperanças essas claramente associadas à figura do imperador Teodósio e à descendência deste monarca.

de Chaves, ver ainda B. SANCHÉZ ALONSO, *Historia de la historiografia...*, pp. 72-74; Justo PÉREZ DE URBEL, “Las Letras en la Época Visigoda”, *HE-MP*, t. III: *España Visigoda*, pp. 379-431, pp. 387-388.

164 Idácio, *Crónica* (ed. J. Marques), p. XIV.

165 *Idem*, pp.47-49.

166 *Idem*, pp.1-3. A titulação latina da obra de Idácio diz isso exactamente: *Continuatio Chronicorum Hieronymianorum ad A. CCCCLXVIII* (v. Sérgio Augusto da Silva PINTO, “Idácio”, *Dicionário de História de Portugal* (dir. Joel Serrão), 2ªed., VI vols. Porto, Ed. Figueirinhas, 1989, vol. III, p. 241).

167 João de Santarém (Biclarense), *Crónica* (ed. C.C. HARTMANN), pp. 18-19.

Teodósio foi o imperador em quem os cristãos, e talvez mais ainda os cristãos hispânicos, depositaram as expectativas de uma desejável recuperação da estabilidade dentro do Império. À morte deste, o poder imperial ainda se manteve na sua descendência até ao ano de 455, e todos esses anos e respectivos fastos foram relatados por Idácio. O Bispo de Chaves, foi, sem dúvida, um apologista desta dinastia, uma família da qual ele esperaria vir a ser o cronista da vitória, mais ainda pelo facto de ser oriunda da Hispânia, a terra Mãe de bons imperadores, cujo tronco, Teodósio, seria oriundo da Galécia.

Esta visão pró-messiânica de Idácio tomou mesmo forma, tendo dado origem a duas versões da *Crónica* idaciana: uma primeira, que vai até 455, ano em que morre o último imperador descendente de Teodósio, extinguindo-se aquela dinastia¹⁶⁸; e uma segunda, mais longa, que vai praticamente até ao final da vida do bispo flaviense¹⁶⁹, e em que este parece querer dar continuação à obra historiográfica de Próspero da Aquitânia, o qual se detinha exactamente no ano de 455¹⁷⁰.

A obra de Idácio de Chaves é, portanto, implicitamente, um panegírico à Hispânia, em especial à Galécia, cuja coroa de glória seria o facto, também afirmado por Idácio, de ter sido o berço do próprio Teodósio.

A atribuição explícita que Idácio fez, de que Teodósio teria origem galaica terá sido essencialmente uma procura de prestígio e de autoridade por parte do próprio bispo, pois

¹⁶⁸ A *Crónica* de Idácio é um panegírico daquele monarca e de toda a sua dinastia. Aliás a versão original e mais reduzida da *Crónica* vai só até ao falecimento de Valentiniano III, o último imperador da família de Teodósio, em 455. Sobre a existência de duas versões da *Crónica*, em que aquela termina precisamente em 455, v. João de Santarém (Biclarense), *Crónica* (ed. C.C. HARTMANN), pp. 18-19.

¹⁶⁹ Sobre as duas versões da *Crónica* de Idácio, v. nota supra.

¹⁷⁰ Sobre as periodizações / actualizações da obra de Próspero da Aquitânia, v. João de Santarém (Biclarense), *Crónica* (ed. C.C. HARTMANN), p.17. Sobre o mesmo Próspero da Aquitânia, v. C. ORCÁSTEGUI e E. SARASA, *ob.cit.*, p.68.

assim coincidiriam numa mesma origem provincial, o que, no entanto, não se confirma geograficamente ¹⁷¹.

II. 3. Período Visigótico (Séculos VI-VII)

Neste período emergem duas figuras principais, que são, ambas, continuadores da cultura de valores latinos, pois o latim continua a ser língua da cultura que eles usam nos seus escritos; ao mesmo tempo que apresentam já uma clara consciência de que o tempo do Império Romano no Ocidente já se extinguiu e de que eles são partícipes e testemunhas de uma nova realidade político-cultural na Hispânia: o Reino Visigodo, um reino que caminha para uma hegemonia territorial no todo peninsular.

¹⁷¹ Cauca, actual Coca, onde, nas palavras do próprio Idácio (*Crónica*, ed. José Cardoso, § 2., p. 5), nascera Teodósio, estava incluída na Tarraconense e não na Galécia, ficando até mais próxima dos limites com a Cartaginense do que com os da Galécia (v. Jean-Pierre LEGUAY, “O «Portugal» Germânico, *NHP* II, pp. 11-115, mapa da p. 30).

Aquelas figuras foram, cronologicamente, João de Santarém, também conhecido como Biclarense, e Isidoro de Sevilha. E dizemos ‘cronologicamente’ porque Isidoro de Sevilha foi uma figura muito mais importante que João de Santarém, e não apenas na cultura medieval.

Estes dois autores acabaram por ser também de grande importância devido ao papel de intermediários que tiveram, não apenas pela sua localização no tempo, mais exactamente nos primórdios da Alta Idade Média, mas também por terem sido as suas obras receptoras de obras da Antiguidade e, simultaneamente, transmissoras para obras dos séculos seguintes, quer dentro da cultura cristã quer mesmo dentro da cultura islâmica peninsular, como veremos adiante.

II. 3. 1. João de Santarém (Santarém, 555? – Bíclaro, 625?)

Nasceu em Scallabis (Santarém), numa família goda da classe privilegiada¹⁷². Ainda jovem foi para Constantinopla, para fazer os seus estudos, tendo lá permanecido entre 570 e 578¹⁷³. O seu regresso à Hispânia coincidiu com o início da sublevação de Hermenegildo contra seu pai, o rei Leovigildo¹⁷⁴. Hermenegildo emerge como um bem posicionado chefe

¹⁷² João de SANTARÉM (Biclarense), *Crónica* (ed. Carmen Cardelle de Hartmann; coment. histórico R.Collins), Lisboa, Ed.Colibri, 2002, p. 40.

¹⁷³ *Idem*, p.37.

¹⁷⁴ *Ibidem*. Sobre Hermenegildo e sobre os protagonismos que lhe são atribuídos, enquanto primeiro monarca hispânico que seguiu o cristianismo romano e teria morrido mártir em consequência da sua fé, veja-se

visigodo, filho de rei, e ligado ao cristianismo romano, ao qual se convertera. A conversão de Hermenegildo e a sua revolta coincidiram com a altura em que o cristianismo ariano, desde há séculos associado aos Visigodos, estava a ser então particularmente apoiado por Leovigildo.

O facto da morte de Hermenegildo ter ocorrido em circunstâncias pouco claras, forneceu o pretexto para que mil anos mais tarde fosse considerado um paladino do cristianismo romano contra a heresia ariana, tendo sido mesmo canonizado¹⁷⁵.

Em virtude do referido conflito, naquele período, todos os que já eram seguidores de Roma sofreram algumas penalizações. João de Santarém, já então clérigo, não foi excepção, tendo sido exilado na região da actual Catalunha.

Recaredo, filho de Leovigildo e seu sucessor, pouco tempo após a sua subida ao trono, facto que ocorreu em 586, converteu-se ao cristianismo romano. Pouco depois, em 587 ou 588, terminou o degredo de João de Santarém. Não mais terá voltado, no entanto, à sua Lusitânia natal¹⁷⁶. Acabou mesmo por se radicar na região catalã, pois aí veio a fundar um mosteiro no povoado de Bícclaro, de onde lhe veio a denominação de João de Bícclaro ou Biclarense.

Um outro sinal da sua permanência naquela região foi, mais tarde, a sua eleição para Bispo de Gerona¹⁷⁷. Lá terá falecido, entre 621 e 631¹⁷⁸. João de Santarém foi um letrado

o aproveitamento que Filipe II e os seus descendentes directos fizeram daquela figura, ao promoverem e conseguirem a sua canonização (v. infra II.7 e II.8)

¹⁷⁵ Sobre este príncipe visigodo, a sua vida e o seu conflito com seu pai, Leovigildo, e de como tudo isso deu matéria para uma mitificação, que acabou florescendo no século XVI, mil anos depois dos factos, v. Ruy de Oliveira ANDRADE FILHO, “A Tirania de um Santo na Antiguidade Tardia (Século VI)”, in www.members.tripod.com/bmgil/afro20.html.

¹⁷⁶ *Ibid.*

¹⁷⁷ *Idem*, p.38.

¹⁷⁸ *Idem*, p.40. Talvez mais exactamente em 628 (cf. *idem*, p.7). Ver ainda sobre João de Santarém, o Biclarense, B. SANCHÉZ ALONSO, *Historia de la historiografia...*, pp. 74-76; R. MENÉNDEZ PIDAL, “Introducción”, *HE-MP*, t. III, pp. VII-LV, pp. XXIII-XXV.

hispano-visigodo que pela sua permanência em Constantinopla ficou marcado pela cultura bizantina¹⁷⁹. Foi depois contemporâneo da firme centralização protagonizada por Leovigildo, a qual veio a iniciar a hegemonia e a unificação da Hispânia visigótica. Todo aquele processo centralizador teve o seu desfecho na conversão de Recaredo ao cristianismo romano. E se João tivera um sentimento de lealdade para com Leovigildo, apesar deste monarca apoiar o arianismo¹⁸⁰, aquela conversão acabou conquistando definitivamente a simpatia de João de Santarém, enquanto letrado e bispo, para a defesa de uma emergente monarquia visigoda, de cariz teocrático, intimamente ligada à Igreja romana, e que se foi ‘sacralizando’ a partir do reinado de Recaredo, monarca que se tornou ‘o modelo’ de rei cristão peninsular¹⁸¹.

A *Crónica* de João de Santarém, que terá sido redigida por volta de 604¹⁸², refere explicitamente, logo no seu início, o ter sido intenção do autor completar até à sua contemporaneidade a obra primordial e matricial da historiografia cristã que foi a *Crónica* de Eusébio-Jerónimo, na tradição prolongada por Próspero da Aquitânia e por Vitor de Tununa.

A *Crónica* alonga-se assim entre os anos 565 e 590¹⁸³.

¹⁷⁹ Facto constatável, entre outras coisas, na sincronia que João de Santarém estabelece ao longo da sua obra entre as cronologias bizantina e visigótica, cf. *Idem*, tex.ed.da *Crónica*: pp.121-149.

¹⁸⁰ A despeito daquela diferença religiosa, João de Santarém não defendeu a revolta de Hermenegildo, filho de Leovigildo apesar de este se ter convertido ao cristianismo romano. Antes pelo contrário, considerou Hermenegildo como ‘tirano’, sendo a sua rebelião considerada ilegítima (*Crónica*, pp. 136-141 [tex.ed.] e 172 [notas]). Também Isidoro de Sevilha partilhou opinião semelhante acerca de Hermenegildo e da sua revolta contra o seu pai e seu rei (v. *Historias de los Godos...*, p. 49). Ainda sobre esta questão, v. Ruy ANDRADE FILHO, *ob.cit.*, pp. 9-10.

¹⁸¹ Segundo João de Santarém, Recaredo torna-se ‘o novo Constantino’, (João de SANTARÉM, *Crónica*, [ed.C.C. HARTMANN], pp. 146-147; v. ainda José ORLANDIS, “El Rey Visigodo Católico”, *Actas del III Congreso de Estudios Medievales: De la Antigüedad al Medioevo. Siglos IV-VIII*, Madrid, Fundación Sanchez-Albornoz, 1993, pp. 53-64, pp.56-57 e 64; Jean-Pierre LEGUAY, “O «Portugal» Germânico”, in *Nova História de Portugal [NHP]* [dir. J. Serrão e A.H.de Oliveira Marques], vol. II, pp. 11-115, p.74). Recaredo, se pela sua conversão ao cristianismo romano se assemelharia, aos olhos da época, a Constantino, pelo seu empenho na conversão do reino seria o ‘novo Teodósio’, o novo *defensor fidei* (A. RUCQUOI, *ob.cit.*, pp.16 e 40), coincidindo ainda Recaredo com Teodósio em serem ambos ‘filhos da Hispânia’.

¹⁸² João de SANTARÉM, *Crónica*, pp. 91-92 (onde Carmen Hartmann apresenta a sua argumentação, refutando as leituras de Mommsen, Campos e Díaz).

¹⁸³ *Idem*, v. texto editado bilingue latim-português: pp.121-149.

É muito possível que tenha sido João a trazer o texto de Vítor de Tununa para a Hispânia, pois só em testemunhos hispânicos aparece aquele último autor. A grande proximidade sequencial entre as obras dos bispos de Tununa e Gerona acabou por se materializar, na tradição escrita, através da justaposição textual que geralmente é constatada relativamente àquelas duas crónicas¹⁸⁴.

A permanência de João em Constantinopla durante a sua juventude deixou marcas evidentes na sua produção literária. Usou fontes bizantinas para a elaboração da sua *Crónica*¹⁸⁵ e estruturou o texto fazendo ao longo do mesmo uma sincronia entre os sucessos ocorridos no Império do Oriente e na Hispânia Visigótica¹⁸⁶.

João de Santarém procurou retratar, em 604¹⁸⁷, a situação do ‘orbe’ mediterrânico tal como seria em 590, ano posterior ao do III Concílio de Toledo, no qual se dera a conversão oficial do Reino Visigótico ao cristianismo romano, e ano em que fora descoberta e castigada uma terceira conspiração contra Recaredo. Também nesse ano de 590, segundo João, os Persas tinham-se convertido ao cristianismo e feito um pacto com Bizâncio¹⁸⁸.

Seria assim o ano de 590 um marco histórico e exemplo real de paz e do providencialismo divino, que conviria manter presente década e meia depois quando o Reino dos Visigodos estava de novo em convulsão política¹⁸⁹.

¹⁸⁴ *Idem*, pp.20-21 e 76; ainda sobre as especificidades que ligam as obras de João de Santarém e Vítor de Tununa, v. M. DÍAZ Y DÍAZ, “La transmisión textual del Biclarense”, *De Isidoro al siglo XI*, Barcelona, El Albir, 1976, p.117-140, p.122.

¹⁸⁵ Entre as fontes bizantinas de João de Santarém contam-se Theophilactos, Theophanes o cronista, Menander Protector e Evagrio o escolástico (v. M. DÍAZ Y DÍAZ, *idem*, p.119 e n.3).

¹⁸⁶ V. *Crónica*, tex. ed. C. HARTMANN, pp.121-149.

¹⁸⁷ Sobre a data da redacção da *Crónica*, v. *supra* n.10.

¹⁸⁸ João de SANTARÉM, *Crónica*, pp. 143-149.

¹⁸⁹ A razão que terá levado João de Santarém a escrever a sua obra, datável de 604, é o facto de se ter reacendido a instabilidade politico-militar no Reino Visigodo, após o assassinato de Liuva II, que sucedera a seu pai Recaredo, em 601 (*Idem*, p.92).

Assim, um dos objectivos da *Crónica* do Abade de Bicláro seria o de demonstrar o carácter negativo de qualquer força desestabilizadora, e evidenciando a necessidade basilar de um poder central forte e incontestado, o qual se deveria fazer sentir também no aspecto religioso ¹⁹⁰.

A *Crónica* de João de Santarém veio também a ser conhecida e utilizada por Isidoro de Sevilha no seu trabalho ¹⁹¹.

Relativamente à continuidade da tradição textual da obra do Abade de Bicláro, pode-se afirmar que a mesma acabará por vir a desaguar em duas diferentes tradições: a que continuará através de Isidoro de Sevilha, ligada inicialmente aos meios letrados eclesiásticos do Reino Visigótico, e, mais tarde, aos dos reinos cristãos do norte peninsular, iniciadores da ‘Reconquista’, e uma outra tradição textual que acabou perdurando nos meios letrados moçárabes, e que se constata nos textos destas comunidades, entre os séculos VIII e XII ¹⁹².

II. 3. 2. Isidoro de Sevilha (Sevilha, 556? – Sevilha, 636)

Terá nascido em Sevilha por volta de 556, filho mais novo de uma importante família fortemente cristã, em que, além dele, mais três irmãos seus foram também canonizados: Leandro, Florentina e Fulgêncio. Uma outra irmã, Teodósia ou Teodora, foi esposa do rei

¹⁹⁰ *Ibidem*.

¹⁹¹ *Crónica*, p. 78: onde Carmen Hartmann refere a utilização do texto de João de Santarém como fonte da *História dos Godos* de Isidoro. M. DÍAZ Y DÍAZ, em “La transmisión textual del Biclarense”, pp.124 e 127, refere a obra do Biclarense como fonte para o *De Viris Illustribus*, do mesmo Bispo de Sevilha.

¹⁹² Relativamente às transmissões e diferentes tradições textuais que acabaram incorporando a obra de João de Santarém, v. *Crónica*, pp. 76-91 e M. DÍAZ Y DÍAZ, em “La transmisión textual del Biclarense”, *passim*. Em meio moçárabe sabe-se que a CM 754 e a CPs-I estão entre os receptores da obra de João de Santarém já identificados (v. *infra* II.4).

visigodo Leovigildo e mãe de dois filhos, famosos por diferentes razões, Hermenegildo, o «rei-mártir», e o seu irmão, o rei Recaredo 193.

O seu irmão mais velho, Leandro, abade e depois bispo de Sevilha, encarregou-se da educação de Isidoro. Além das disciplinas monásticas que aprendeu e cumpriu com rigor, a apetência do jovem Isidoro pelos livros tornou-se um facto que o acompanhou até ao fim dos seus dias. Isidoro veio a receber do seu irmão, e seu bispo, o hábito monástico.

Durante a reacção ariana no reinado de Leovigildo, o seu irmão Leandro, já então bispo de Sevilha, foi desterrado da sua diocese, e Isidoro tornou-se o defensor do catolicismo na cidade do Bétis, facto que também lhe acarretou a perseguição.

Com a morte de Leovigildo e a subsequente conversão de Recaredo ao catolicismo, puderam os dois irmãos regressar a Sevilha: Leandro reocupou a sede episcopal e Isidoro tornou-se Abade do Mosteiro que Leandro fundara antes de ser eleito bispo.

No ano 600 Isidoro veio a suceder a seu irmão na sede hispallense. Como bispo exerceu um magistério que não se limitou apenas à sua diocese: ele foi escritor e bispo, conselheiro régio, organizador de Concílios e defensor do catolicismo e da Igreja¹⁹⁴. Entre os Concílios que dirigiu sobressai o IV de Toledo, em 633. Aí ficou estabelecida a união régia, aquando da subida ao trono de um novo monarca: sacração e legitimação do novo príncipe

193 Sobre Isidoro de Sevilla, v. “Isidoro (San)”, *Enciclopédia Universal Ilustrada Espasa-Calpe*, Barcelona, Hijos de J. Espasa, EA, 1926, t. XXVIII (2ª parte), pp. 2062-2064; PEREZ DE URBEL, “Las letras en la época visigoda”, pp. 379-431, in *Historia de España – Menéndez Pidal*, III, Madrid, Espasa-Calpe, 1940 (Isidoro de Sevilla: pp. 397-415); e José GROS Y RAGUER, “San Isidoro de Sevilla”, in *Biblioteca Electrónica Cristiana*, www.multimedios.org/docs/d001388, 2003, 4 pp. Sobre a sua origem aristocrática, v. Patrick Henriët, «*Sanctissima patria*. Points et thèmes communs aux trois œuvres de Lucas de Tuy», in «*Chroniqueur, hagiographe, théologien* : Lucas de Tuy (1249) dans ses œuvres» (dir. P. Henriët), Sorbonne-Collège d'Espagne, Paris, *Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales* 24 (2001), pp.249-278, p. 258. Chamar-se-ia ‘Teodora’ em vez de ‘Teodósia’, e foi mãe de Hermenegildo e também de Recaredo, o monarca que acabou por converter a monarquia visigoda ao cristianismo romano. O pai de Isidoro e de seus irmãos, Severiano, era *dux* de Cartagena. Sobre todas estas relações familiares, v. Luiz de Mello Vaz de SÃO PAYO, *A Herança Genética de D. Afonso Henriques*, Porto, Centro de Estudos de História da Família da Universidade Moderna do Porto, 2002, p. 229.

¹⁹⁴ Especialmente sobre a actividade de criação literária de Isidoro e das circunstâncias que envolveram as suas principais obras, v. M. DÍAZ Y DÍAZ, “Isidoro en la Edad Media Hispana”, in *De Isidoro al siglo XI*, Barcelona, El Albir, 1976, pp.141-201, pp.143-146.

através de rituais litúrgicos, à imagem dos ritos da monarquia judaica do Antigo Testamento, numa tentativa de fortalecer uma monarquia débil, porque estruturalmente electiva ¹⁹⁵.

Isidoro veio a falecer em 4 de Abril de 636¹⁹⁶.

Grande vulto das letras, deixou-nos obras que ainda hoje são marcos culturais e não apenas para a Idade Média, como as *Etimologias*, o grande repositório, de tipo enciclopédico, do saber antigo¹⁹⁷; ou, no campo historiográfico, a sua *História dos Godos, Vândalos e Suevos*¹⁹⁸, onde além de compor as histórias daqueles povos germânicos na Hispânia, incorporou a mais simbólica e famosa jóia literária da sua lavra, o *Laudes Spaniae*.

Este *Laudes Spaniae* é o momento em que o louvor da Hispânia foi finalmente assumido de forma completa, inclusivamente, e pela primeira vez, no próprio título identificativo. Literariamente este texto pode considerar-se o auge dos cânticos da cultura Antiga e latina em louvor da Hispânia. Entre as suas principais fontes contam-se os textos de carácter geográfico dos gregos Políbio, Possidónio e Estrabão; e os textos dos hispânicos Pompónio Mela e Marcial, iniciadores dos cantos em honra da Hispânia. Também os

¹⁹⁵ “Enquanto a monarquia vacilava por várias vezes, a Igreja secular (...) permanecia a única força estável do país, o único corpo constituído capaz de ditar leis aos príncipes e aos grandes e de travar a dissolução” (Jean-Pierre LEGUAY, *ob.cit.*, p. 76); “a manutenção de um sistema de acesso ao poder que não assentava no princípio dinástico, mas que dava à Igreja, pela unção a partir de 633, o poder de legitimação” (A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.41).

¹⁹⁶ José GROS Y RAGUER, *ob.cit.* Mais informação sobre Isidoro de Sevilha, sua vida, obra e influência na cultura medieval, em B. SANCHÉZ ALONSO, *Historia de la historiografia...*, pp. 70-71; Justo PÉREZ DE URBEL, “Las Letras en la España Visigoda”, HE-MP, t.III, pp. 397-415.

¹⁹⁷ San ISIDORO de Sevilla, *Etimologias* (ed. J. OROZ RETA e M.A. MARCOS CASQUERO), Madrid, Ed. Católica, 1982. E também as *Etimologias* de Isidoro de Sevilha, algures entre o século IX e XI, terão sido traduzidas para árabe (v. M. DÍAZ Y DÍAZ, “Isidoro en la Edad Media Hispana”, p.174); também Mayte PÉNELAS refere as muitas anotações árabes que acompanham alguns mss. das *Etimologias*, e que fazem supor terem sido extraídas de uma tradução árabe daquela obra (IDEM, *ob.cit.*, pp. 56-57 e n.172).

¹⁹⁸ San ISIDORO de Sevilla, *Historia Gothorum* (ed. Cristóbal RODRÍGUEZ ALONSO), *Las Historias de los Godos, Vandalos y Suevos de Isidoro de Sevilla – Estudio, edición crítica y traducción*, Leon, Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”, 1975.

panegiristas do Baixo Império influenciaram Isidoro, entre os quais Pacato Drepanio, Justino, Solino, Sílio Itálico e Cláudio Claudiano.

Do ponto de vista estilístico as principais referências bebeu-as em Virgílio e em Plínio¹⁹⁹. O léxico amalhado ao longo de mais de milénio e meio foi prodigamente utilizado (como pode ser apercebido nos quadros supra II.1a), e a condição sacral e imperial da Hispânia, intimamente associada à monarquia visigótica, é pela primeira vez afirmada de forma explícita.

Trata-se de um cântico também em louvor de uma monarquia visigótica duplamente vitoriosa sobre Roma: primeiro em 410, quando os Visigodos submeteram e pilharam Roma; e depois em 630, quando expulsaram da Hispânia os Romanos do Oriente, os bizantinos 200. Em função desta segunda vitória, a monarquia dos Godos Sábios tornou-se, aos olhos dos seus ideólogos, e com a legitimidade do vencedor, a herdeira do *Imperium* e dos símbolos imperiais dos vencidos²⁰¹.

Uma monarquia cujo esteio ideológico lhe foi disponibilizado por um clero católico entusiasticamente motivado tanto pela ainda próxima conversão dos reis visigodos, como pela muito recente vitória sobre as forças de Bizâncio, a única potência imperial de então no mundo mediterrânico. Os prelados que mais se empenharam nessa concepção ideológica, e de que sobressai claramente Isidoro de Sevilha 202, compuseram para aquela débil estrutura

¹⁹⁹ San ISIDORO de Sevilla, *Historia Gothorum* (ed. Cristóbal RODRÍGUEZ ALONSO), *ob.cit.*, pp. 113-115. Sobre estes letrados da Antiguidade, v. supra 1. II. 1. Ainda sobre a 'Laude Spaniae', v. B. SANCHÉZ ALONSO, *Historia de la historiografía...*, pp. 77-80.

200 Sobre todo este contexto relacional, político e simbólico, entre o Império Romano do Oriente e o Reino Visigodo hispânico, v. Margarita VALLEJO GIRVÉS, *Bizâncio y la España Tardoantigua (ss. V-VIII): Un capítulo de historia mediterránea*, Universidad de Alcalá, 1993, em especial pp. 463-478.

²⁰¹ Sobre o uso das insígnias imperiais por parte dos monarcas visigodos a partir do reinado de Leovigildo, cf. San ISIDORO de Sevilla, *Historia Gothorum* (ed. Cristóbal RODRÍGUEZ ALONSO), *ob.cit.*, p.61, n.201; Jacques FONTAINE, "Un manifeste politique et culturel: Le *De Laude Spaniae* d'Isidore de Séville", *Le discours d'éloge...*, pp.61-68, em especial pp.64-65; José ORLANDIS, *ob.cit.*, pp. 53-64, pp. 55-56; Margarita VALLEJO GIRVÉS, *ob.cit.*, p.475; Maria Eugênia Mattos LUCHSINGER, "O *Regnum* Cristão Visigótico de Isidoro de Sevilha", *Brathair* 2 (1), (2002), pp.29-35, p.30 (*apud* <http://www.brathair.cjb.net>).

202 Uma das especificidades do pensamento político de Isidoro de Sevilha era o facto de ele reclamar

monárquica todo um conjunto de rituais sacralizadores da figura régia, buscando, para tal, inspiração quer no Antigo Testamento, como no caso da Unção do monarca²⁰³, quer na própria figura de Teodósio, o modelo de monarca cristão²⁰⁴, que além do mais era hispânico.

Também no Livro XIV ‘*De terra et partibus*’ [‘Àcerca da terra e das suas partes’] que integra as *Etimologias*, ao tratar a Hispânia, Isidoro deixou naquela descrição uma *laude*, em que se reconhecem influências bíblicas e de Orósio²⁰⁵, embora bastante mais pequena do que a inserida na *História dos Godos*.

A influência posterior deste emblemático texto da *Laudes Spaniae* em obras de séculos seguintes, como as de Lucas de Tuy, as de Rodrigo Ximenez de Rada, e também na *Crónica General* de Afonso X, são provas da sua evidente sobrevivência por se tratar de um texto ideologicamente muito poderoso 206.

para a Hispânia uma condição ‘imperial’, que lhe adviria por si mesma e de si mesma, e não por herança ou semelhança com impérios existentes ou que tivessem existido. A Hispânia era imperial para vencer os que se lhe opusessem, e não porque os tinha vencido. (v. M. DÍAZ Y DÍAZ, “Isidoro en la Edad Media Hispana”, p.197).

²⁰³ Ritual com origem na monarquia judaica, e referido no Antigo Testamento, em que o rei passa a ser visto como o ‘Ungido do Senhor’ (J. ORLANDIS, *ob.cit.*, p.58; A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.42). Este rito de sagração régia passa a ser associado à monarquia visigótica no IV Concílio de Toledo de 633, o qual foi presidido pelo próprio Isidoro de Sevilha (A. RUCQUOI, *ibidem*; Maria Eugênia Mattos LUCHSINGER, *ob.cit.*, p.31).

²⁰⁴ Teodósio, o imperador hispânico que cristianizou o ‘orbe’, passou a ser o modelo de monarca cristão que, após Recaredo, passou à monarquia cristã visigótica e mais tarde mesmo às monarquias cristãs peninsulares, através da sua condição de *Defensor Fidei*, o Defensor da Fé (A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.16).

²⁰⁵ As influências orosianas notam-se especialmente na divisão da Hispânia em *citerior* e *ulterior*, divisão que Orósio adoptara, e que se trata da mais antiga divisão administrativa romana da Hispânia (v. infra I. II. 8. 1. “As Repartições Territoriais da Hispânia”; v. ainda Carlos FABIÃO, “O Passado Proto-Histórico e Romano”, *HP* (dir. J.Mattoso), vol.I, pp. 77-287, p.228). Muito curiosamente ao fazer a descrição da Hispânia e dos seus rios, identifica apenas quatro, relacionando claramente cada um com uma das direcções do espaço: Minho (Norte); Ebro (Leste); Bétis (Sul) e Tejo (Oeste). Isidoro fez aqui uma implícita analogia entre a Hispânia (o ‘quase paraíso’) com a própria imagem que então havia do Paraíso, onde também nasciam quatro grande rios, associados aos quatro pontos cardeais. V. San ISIDORO de Sevilla, *Etimologias*: “Hispânia”, Libro XIV, pp.186-187.

206 V. infra I. II. 6.

II. 4. Contribuições Moçárabes (Séculos VIII-XII)

Relativamente às produções literárias moçárabes não as vamos apresentar entendendo-as como um ‘período’, como aconteceu com os anteriores, pelo facto de essas produções terem coexistido, sincronicamente, com produções e/ou tradições textuais cristãs não-moçárabes²⁰⁷ e, especialmente após o século X, também com tradições textuais árabes.

Assim, designá-las-emos por ‘contribuições moçárabes’ e procuraremos identificar produções que têm sido identificadas como originárias daquele específico grupo social, e que se nos apresentam com significativo relevo no contexto do discurso laudatório sobre a Hispânia.

Delimitaremos cronologicamente estas ‘contribuições’ entre os séculos VIII (início da presença árabo-islâmica, que se manifesta por naturais reflexos político-culturais, neste caso para os hispano-godos submetidos ao novo poder) e o século XII (quando a ‘Reconquista’ peninsular já era comprometidamente romana e cluniacense²⁰⁸, e quando as atitudes político-culturais dos novos reinos peninsulares, em consequência daquele compromisso, eram cada vez mais favoráveis ao ‘apagamento’ daquela minoria cristã mais ou menos arabizada).

²⁰⁷ Sobre as produções literárias no âmbito da monarquia asturiana, v. infra p. II.6 e também Manuel DÍAZ Y DÍAZ, “La historiografía hispana desde la invasión árabe hasta el año 1000”, in *De Isidoro al siglo XI*, Barcelona, El Albir, 1976, pp.203-234, pp.212-229.

²⁰⁸ Em 1080 Afonso VI de Leão e Castela adoptara oficialmente o rito romano e abandonara o rito visigótico, comprometendo-se assim com Cluny e com Roma (A. RUCQUOI, *ob.cit.*, pp. 161-162). M. DÍAZ Y DÍAZ, diz que essa adopção e abandono simultâneos se teriam dado ainda com Fernando I, pai de Afonso VI, portanto em data anterior a 1065 (v. IDEM, “Isidoro en la Edad Media Hispana”, in *De Isidoro al siglo XI*, pp.141-201, p.184 n.121). Sobre influências cluniacenses na Hispânia do século XI, v. José MATTOSO, “O Monaquismo Ibérico e Cluny”, in *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, INCM, 1982, pp. 55-72.

Acabaremos por ver que alguns textos, independentemente das tradições textuais em que se integraram e das expressões culturais que lhes deram origem (cristã moçárabe, cristã não-moçárabe ou islamo-árabe), estavam unidos pelo facto de compartilharem algumas das suas fontes.

A ‘translacção’ cultural moçárabe apresentou características próprias, as quais evidenciam sinais de um claro hibridismo cultural. Ao nível dos conteúdos são identificáveis - em primeiro lugar -, marcas de uma natural continuidade em relação ao que vinha do anterior período visigótico, e mesmo romano, pelo facto de os autores moçárabes continuarem sendo cristãos, como também o tinham sido os letrados visigodos, principalmente os que se conhecem como contemporâneos ou posteriores a 589 209. Em segundo lugar, reconhecem-se, por vezes, também a incorporação de excertos provenientes de fontes árabes, facto também natural atendendo à sociedade em que os moçárabes estavam integrados.

Um outro aspecto importante sobre o papel dos moçárabes foi a contribuição que deram às traduções que foram feitas do latim para o árabe²¹⁰.

Ao nível do discurso literário em si mesmo, parece constatar-se uma certa deriva que fez com que a inicial utilização do latim viesse a ser posteriormente substituído pelo idioma árabe²¹¹.

209 Quando ocorreu a conversão de Recaredo ao catolicismo, abandonando o arianismo (A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.38).

210 V. *infra* n. 10.

211 Sobre a vivência cultural dos moçárabes e do seu papel na cultura hispânica daqueles séculos, v. M. DÍAZ Y DÍAZ, *De Isidoro al siglo XI. Ocho estudios sobre la vida literaria peninsular*, Barcelona, El Albir, 1976; Maria Jesús VIGUERA, “Los mozárabes”, *Actas do Congresso Proyección histórica de España en sus tres culturas*, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1993, pp.205-216; e ainda Isidro de las CAGIGAS, *Los Mozarabes*, II vols., Madrid, CSIC, 1947-48; e Francisco Javier SIMONET, “Historia de los mozarabes de España”, *Memórias de la Real Academia de la História* XIII (1897-1903).

Outra característica da literatura moçárabe é o anonimato quase geral dos seus autores. As obras surgem geralmente identificadas como Crónicas reportada a uma certa data, como no caso da *Crónica Moçárabe de 754*, ou a um determinado assunto. Não se lhes conhecem os autores, ou qualquer dado seguro a eles referente. Têm sido aventadas hipóteses, a maioria das vezes relativas às possíveis origens locais ou, quando muito, regionais, dos textos, atendendo geralmente às características textuais apresentadas.

Há, no entanto, uma figura que consideramos de importância em todo esse conjunto, mais ou menos nebuloso, da produção literária moçárabe. Trata-se de Álvaro de Córdova 212. Embora não tenha sido, pelo que se sabe, autor de nenhuma obra de cariz historiográfico, os seus interesses e combatividade pela sobrevivência da cultura cristã peninsular fizeram-no ter interesse pelos textos antigos, alguns dos quais estudou e comentou 213.

A emergência dramática do cristianismo em meados do século IX, na qual Álvaro de Córdova foi um dos principais intervenientes, acabou por dar origem, no seu extremo mais radical ao chamado ‘movimento dos mártires de Córdova’ 214. Mas deu origem também a iniciativas literárias, às quais não é difícil reconhecer também um carácter apologético, em especial na circulação dos textos chamados ‘proféticos’ ou ‘pseudo-proféticos’, os quais,

212 Sobre Álvaro de Córdova, v. Isidro de las CAGIGAS, *Los Mozarabes*, II vols., Madrid, CSIC, 1947-48, pp. 179-271. Em referência ao filho de Álvaro, Hafs ibn Albar (v.infra), é dito que descendiam de Aquila, filho de do rei Vitiza (CMR, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XLIX). Eram, sem dúvida, da elite cristã hispânica, descendentes de um monarca visigodo.

213 Relativamente à actividade literária (anotações e comentários) de Álvaro de Córdova a textos anteriores, v. M. DÍAZ Y DÍAZ, “Cultura literária en la España visigótica”, in *De Isidoro al siglo XI*, pp. 57-86, p. 71; IDEM, “La circulation des manuscrits dans la Péninsule Ibérique du VIIIe au XIe siècle”, *Cahiers de Civilisation Médiévale (CCM)* nº12, pp. 219-241 e 383-392, p. 225. Entre as obras de que Álvaro foi autor, as mais conhecidas foram o *Indiculus luminosus* (*Indículo luminoso*) e a *Vita Eulogi* (*Vida de Eulógio*) (I.CAGIGAS, *ob.cit.*, I, pp.207 e 231-232).

214 Sobre o movimento dos ‘mártires de Córdova’, v. Isidro de las CAGIGAS, *ob.cit.*, vol. I, em especial pp. 179-271. V. ainda E. LÉVI-PROVENÇAL, “La oposición mozárabe en Córdoba (850-859)”, in *Historia de España – Menéndez Pidal*, vol.IV, 4ªed., Madrid, Espasa-Calpe, 1976, pp.150-159.

desde o século VIII, vinham propagando a ideia de que o fim do domínio islâmico estaria para breve²¹⁵.

Assim, entre os finais do século IX e o início do segundo quartel do século X, é extremamente significativa a tradução das *Historias* de Orósio de latim para árabe. Aquela tradução da obra de Orósio terá sido levada a cabo pelo filho do mesmo Álvaro, Hafs ibn Albar (sendo ‘Albar’ a forma arabizada de Álvaro), então o Juiz dos cristãos cordoveses²¹⁶.

O filho de um dos principais mentores das insurreições moçárabes de meados do século IX optou, assim, por uma metodologia de manutenção da cultura cristã-latina (aquela que seu pai já identificava como em clara decadência ²¹⁷), através da tradução para árabe daquela obra basilar da cultura medieval em geral, mas também, e especialmente, da cultura hispano-medieval.

Era, portanto, evidente que, pelo menos nas comunidades moçárabes dos grandes meios urbanos, o nível de arabização dessas mesmas comunidades seria praticamente completo: era-lhes mais fácil ler Orósio em árabe do que em latim²¹⁸.

²¹⁵ L.KRUS, “Tempo de Godos e Tempo de Mouros. As Memórias da Reconquista”, in *Passado Memória e Poder na sociedade medieval portuguesa. Estudos*, Redondo, 1994, pp. 103-127, p.116; Manuel DÍAZ Y DÍAZ, “La historiografía hispana desde la invasión árabe hasta el año 1000”, pp.219-220; A. RUCQUOI, *ob.cit.*, pp. 97-99. Sobre a erudição dos meios culturais moçárabes, v. Cláudio SANCHÉZ-ALBORNOZ, “San Isidoro, «Rasis» y la Pseudo Isidoriana”, *Cuadernos de Historia de España* IV (1946), pp. 73-113, p.113.

²¹⁶ Sobre a nova proposta de autoria da tradução da obra de Orósio de latim para árabe, que terá sido, afinal, obra de Hafs ibn Albar al-Qûfî, (ainda sobre este magistrado e letrado moçárabe, v. supra n.6) alterando quase por completo o cenário que tínhamos anteriormente relativamente a esta tradução, v. Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, em especial pp. 27-42. É referido como ‘Juiz dos cristãos cordoveses’ em *Idem*, p. 32. Sobre a actividade de Hafs ibn Albar como tradutor, conhecem-se como suas quer a tradução atrás referida, quer também a dos *Salmos de David*, obra que hoje se encontra em Milão (*Idem*, pp. 34-35; A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.101).

²¹⁷ Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, p.37; José Eduardo LÓPEZ, “La cultura del mundo árabe en textos latinos hispanos del siglo VIII”, in *Islão e Arabismo na Península Ibérica. Actas do XI Congresso da UEA*, Universidade de Évora, 1986, pp. 253-271, p.253-254; A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.109; A.H.de Oliveira MARQUES, “O Latim e os Falares Moçárabes”, *NHP* II, pp. 208-211.

²¹⁸ Sobre o grau de arabização dos moçárabes que teria levado Hafs ibn Albar a traduzir Orósio de latim para árabe, v. Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, pp.40-42. Outros sinais do alto grau de arabização das elites moçárabes no século X são o facto de Recemundo de Córdova ter escrito o seu ‘Calendário’ em árabe, e tê-lo dedicado a al-Hakam II; segundo M. DÍAZ Y DÍAZ também a *CM 754* ou *Continuatio Hispana* (Bibl.Nac., Madrid, ms. 4879 [Gg. 132]) teria sido traduzida para árabe; e também Isidoro de Sevilha teria sido traduzido para árabe, e posteriormente utilizado por al-Râzî (v. M. DÍAZ Y DÍAZ, “Isidoro en la Edad Media Hispana”, p. 174); também Mayte PÉNELAS refere as muitas anotações árabes que acompanham os mss. das *Etimologias*, e

Será um aspecto quase sintomático: sempre que o poder islâmico se apresentou debilitado, paralelamente recrudescer nos meios moçárabes a apologia da Hispânia, associada à tristeza pela perda do seu domínio, por parte dos cristãos²¹⁹.

II. 4. 1. *Crónica Moçárabe de 754 (CM 754)*

A chamada *Crónica Moçárabe de 754* (também conhecida como *Continuatio Hispana*)²²⁰ é uma obra que terá sido composta em meados do século VIII, se atendermos àquela primeira forma que envolve uma datação.

É, portanto, contemporânea da crise que na Península se prolongou pela década de 40 e que acompanhou, na década seguinte, a trágica mudança da dinastia califal no oriente, quando os Abássidas destronaram e massacraram os depostos Omíadas²²¹.

Este texto reflecte de alguma forma, do ponto de vista cristão, a maneira como então aquela crise foi sentida em terras da Hispânia.

Historicamente a *CM 754* é um dos poucos, e por isso tão importantes, textos cristãos peninsulares que se conhecem, e que foram compostos no período que medeia entre o reinado

que fazem supor terem sido extraídas de uma tradução árabe (IDEM, *ob.cit.*, pp. 56-57 e n.172). Aquela mesma listagem encontra-se quase literalmente em A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.101.

²¹⁹ Relativamente ao conceito de ‘tristeza’ ou ‘dolo’, e às questões com ele relacionados no âmbito da ideologia cristã de resistência, v. infra II.4.1.

²²⁰ A designação de ‘*Continuatio Hispana*’ ou ‘*Continuatio Isidoriana Hispana*’ ficou a dever-se a T. Mommsen (v. *Crónica Mozarabe de 754* [ed. crít. e trad. cast. de José Eduardo LÓPEZ PEREIRA], Anúbar Ed., Saragoça, 1980, p.19; Cláudio SANCHÉZ-ALBORNOZ, “La Crónica del Moro Rasis y la Continuatio Hispana”, *Anales de la Univ. de Madrid, Letras*, III, 3 [1934]; e *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XXXV). Sobre edições e questões textuais relacionadas com esta Crónica, v. *Crónica Mozarabe de 754* (ed. crít. e trad. cast. José Eduardo LÓPEZ PEREIRA), Anúbar Ed., Saragoça, 1980, em especial pp. 7-21; e M. DÍAZ y DÍAZ, “La historiografía hispana desde la invasión árabe hasta el año 1000” in, *De Isidoro al siglo XI*, Barcelona, Ed. El Albir, 1976, pp. 203-234, pp. 207-210; e IDEM, “La transmisión del Biclarense”, in *De Isidoro al siglo XI*, pp. 117-140; pp. 135-140; José Eduardo LÓPEZ, “La cultura del mundo árabe en textos latinos hispanos del siglo VIII”, in *Islão e Arabismo na Península Ibérica. Actas do XI Congresso da UEAI*, Universidade de Évora, 1986, pp. 253-271, pp.267-269; B. SANCHÉZ ALONSO, *Historia de la historiografía...*, pp. 105-108.

²²¹ Sobre este período problemático na Hispânia islâmica em meados do século VIII, e os reflexos e consequências da mudança dinástica em Damasco, v. A. RUCQUOI, *ob.cit.*, pp.69-70.

do monarca visigodo Wamba e o reinado do rei Afonso III das Astúrias, ou seja durante um lapso temporal de, pelo menos, dois séculos²²².

A instabilidade político-militar que tinha tomado conta do espaço hispânico sob a autoridade islâmica, desde 740, com as revoltas berberes, veio a radicalizar-se após o derrube dos Omíadas em Damasco. Aquele conjunto de circunstâncias fez surgir, ou ao menos recrudescer, nos meios cristãos, a circulação e divulgação de textos pseudo-proféticos, com cariz mais ou menos esotérico, e que prognosticariam o fim breve do domínio islâmico na Península.

Esta Crónica, de autor desconhecido, tem sido vista como produto de um círculo letrado moçárabe, sem que, no entanto, os investigadores tenham chegado a algum consenso quanto à sua origem. Já lhe foi atribuída origem cordovesa ²²³, toledana ²²⁴ e até eventualmente murciana²²⁵.

Entre as fontes que foram utilizadas para a sua redacção contam-se a *Crónica* de João de Santarém ou de Bicláro, na sua versão de 742, e a chamada *Crónica Árábico-Bizantina de 741*²²⁶.

A utilização posterior da *CM 754*, constatar-se-á mais tarde como fonte da *Crónica Pseudo Isidoriana*, numa última redacção ainda efectuada em meios moçárabes²²⁷; e já no

²²² Entre o reinado de Wamba (672-680) [A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p.321] e o de Afonso III (866-909) [IDEM, p.326], correram cerca de dois séculos, nos quais a produção literária foi muito escassa.

²²³ O partidário da origem cordovesa do autor é R. Dozy (*apud* M. DÍAZ Y DÍAZ, “Transmisión...”, p. 135, n.44).

²²⁴ M. DÍAZ Y DÍAZ, e já anteriormente MOMMSEN, entendiam ser o autor um toledano (*ibidem*).

²²⁵ LÓPEZ PEREIRA entende ser alguém do sudeste peninsular, possivelmente murciano, o autor da *CM754* (*CM754*, ed. LÓPEZ PEREIRA, p.17).

²²⁶ Sobre estes textos, o de 741 e o de 742, v. o excelente estudo de César DUBLER, “Sobre la *Crónica Arabigo-Bizantina* de 741 y la influencia bizantina en la Península Ibérica”, *Al-Andalus* XI (1946), pp. 283-349, sobretudo pp. 298-321; e ainda M. DÍAZ Y DÍAZ, “Transmisión...”, pp.130-135. Cármén HARTMANN, no estudo que acompanha a edição da *Crónica* de João de Santarém, diz ser a *Crónica Arabigo-Bizantina de 741* um texto moçárabe (João de Santarém (Biclarense), *Crónica* [ed. e introd. C.C.HARTMANN], p.80, n.143).

período da ‘reconquista’ castelhano-leonesa na obra de Rodrigo Ximénez de Rada, como veremos adiante.

Uma particularidade textual que se verifica na *CM 754* é o facto de integrar um novo elemento discursivo, de evidente origem cristã, e que fez história, pois continua a encontrar-se em textos de séculos posteriores.

Este elemento do ‘*dolo*’ vem a constatar-se já em pleno século XIII em obras de Rodrigo Ximénez de Rada e de Afonso X, respectivamente, *De Rebus Hispaniae* e *Primera Crónica General*, que vieram a ser compostas cerca de meio milénio depois da redacção da *CM 754* 228.

O que tem sido designado como ‘*Dolo*’ ou ‘*Dó da Hispânia*’ é um discurso lamentoso, uma narração triste e dolorosa em que se relata que, em consequência do desaparecimento do Reino Visigodo e da instalação do poder islâmico na Hispânia, se tinham abatido sobre este

227 Estamos em crer que a ultima redacção/versão da *CPs-I*, ainda em árabe, terá ocorrido em meio cultural moçárabe, e poderá ter sido uma peça instrumental importante na resistência cultural e identitária dos mesmos moçárabes, ante o avanço das influências borgonho-cluniacenses. Pomos mesmo a possibilidade de que aquela redacção pode não ter sido algo de todo estranho a Sisnando Davidis, o homem que governou Coimbra e Toledo, entre 1065 e 1091 (sobre Sisnando Davidis, figura a pedir um novo estudo, ver a síntese, com 60 anos (!) mas ainda excelente, de Ramón MENÉNDEZ PIDAL e Emilio GARCÍA GÓMEZ, “El conde mozárabe Sisnando Davidiz y la política de Alfonso VI con los Taifas”, *AA XII* (1947), pp.27-41), e grande defensor da causa moçárabe, pois constata-se a presença da *CM 754* em Coimbra, tendo sido fonte dos *Annales Portugalenses Veteres* (ainda sobre esta relação textual entre a *CM 754* e os *APV*, v. Damião PERES, “A propósito do «Chronicon Alcobacense»”, *Rev. Portuguesa de História*, I (1941), Univ. Coimbra, pp.148-150 + 1 extratex.; José Eduardo LÓPEZ PEREIRA, “El elemento godo en los *Annales Portugalenses Veteres*: un problema de critica textual y de fuentes”, *Rev. Portuguesa de História*, XVI (1976), Univ. Coimbra, pp.223-226), os quais foram redigidos até 1093 (João de Santarém (Biclarense), *Crónica* [ed. e introd. C.C.HARTMANN], p.85) ou seja, durante o governo de Sisnando e de seu genro e sucessor, Martim Moniz. Curiosamente, o arquétipo textual da *CM 754*, que hoje conhecemos em vários testemunhos, parece remontar precisamente a Coimbra como ponto de origem (*Idem*, pp. 84-86; e António BENITO VIDAL, *Crónica Seudo Isidoriana*, Valência, Anúbar Ed., 1961, p.18), com excepção do chamado ‘Complutense’, que seria de Toledo (*Idem*, p. 86); mas Sisnando também governou Toledo. Se acrescentarmos a este quadro que Diego Catalán e Ramón Menéndez Pidal falam na redacção da *CPs-I* em Toledo (v.infra n.49), e que na sua composição os excertos de obras hispânicas são claramente privilegiados em relação a outros que o não são (*CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XXXVII), o cenário de uma afirmação de cristianismo ‘nacionalista’, leia-se ‘moçárabe’, não parece descabido, nem toda esta conjectura de proximidade entre aquele magnate moçárabe, Sisnando, e este esforço cronístico com origem nos meios letrados do cristianismo hispânico. Sobre esta questão e período v. ainda Pierre DAVID, “L’abolition du rite hispanique”, *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIIe siècle*, 1947, pp. 391-405.

228 O ‘*Dolo*’ constata-se ainda, como elemento exortativo, e sempre justaposto à ‘*Laude*’ no *De Rebus Hispaniae* de Rodrigo Ximénez de RADA (“*Deploratio Hispanie*”, in *De Rebus Hispaniae sive Historia Gothica* [ed. e estudo Juan FERNÁNDEZ VALVERDE], Turnholt, Brepols Ed., 1987, pp.106-109) e na *Primera Crónica General*, de Afonso X (“*Del duello de los godos de Espanna*” in *Primera Crónica General de España* [ed. Ramón MENÉNDEZ PIDAL], II ts., Madrid, Ed. Gredos, 1977, t.I, pp. 312-314).

extremo do mundo todas as desgraças e inclemências²²⁹. É o pranto pelo ‘Paraíso Perdido’, que urgia recuperar²³⁰.

Este ‘dó’ tinha uma função semelhante à da ‘laude’, ambos produzindo um efeito de exortação. No caso em que ambos se conjugam e complementam o efeito ganha muito maior impacto. A diferença essencial entre ambos é que a ‘laude’ exorta através da criação de uma exaltação positiva resultante de uma evocação da unicidade espácio-temporal da memória hispânica; enquanto o ‘dó’ busca fazer surgir um sentimento negativo, resultante da evocação da diferença, do ‘outro’, e da condição ‘estrangeira’ do último e mais recente dos possesores da Hispânia, apresentando assim a sua ilegitimidade para nela continuarem ²³¹.

O ‘dó’ ou ‘dolo’ terá sido o elemento emocional, o motor de arranque, da chamada ‘Reconquista’ que se foi elaborando posteriormente, em forma argumentativa, e enquanto discurso legitimador²³².

²²⁹ Além das referências da nota anterior, v. “*Spania miserrima*” in *CM 754* (ed. J.E. LÓPEZ PEREIRA), pp. 69-75.

²³⁰ Elisa ESTEVES, *ob.cit.*, p. 91.

²³¹ Sobre o ‘Dó’ ou ‘Dolo’ pela Hispânia, diz-nos Luís KRUS: «As lamentações pela perda da Hispânia visavam um apelo à unidade cristã, o reforçar da resistência religiosa e cultural face aos novos poderes.» (“Tempo de Godos e Tempo de Mouros. As Memórias da *Reconquista*”, p.108). Um reflexo evidente da divulgação deste texto poderão ter sido as revoltas moçárabes dos primórdios do século IX, que acabaram derrotadas e com a perda das autonomias das respectivas comunas (v. A. REI, “Coimbra e a sua região, segundo as fontes geográficas árabes”, in *A Cidade e o Campo. Estudos de História Rural e Urbana oferecidos a Iria Gonçalves*, FL-UL / FCSH-UNL, no prelo).

²³² Sobre o conceito de ‘Reconquista’ e a sua difusão nos reinos cristãos peninsulares, v. J. MARAVALL, *El concepto de España en la Edad Media*, Centro de Estudios Constitucionales, Madrid, 1981 e Luís KRUS, “Tempo de Godos e tempo de Mouros. As Memórias da *Reconquista*”, in *Passado, Memória e Poder na sociedade medieval portuguesa*, Patrimónia, Redondo, 1994, pp.102-127; e IDEM, “Os Heróis da Reconquista e a Realeza Sagrada Medieval Peninsular: Afonso X e a *Primeira Crónica Geral de Espanha*”, in *idem*, pp.129-142.

II. 4. 2. *Kitāb Hūrūšyūš (KH)* [O Livro de Orósio] (Sécs. IX-X)

As *Histórias contra os pagãos*, de Orósio, cerca de meio milénio depois da sua redacção, como já observámos em II.2., continuavam sendo uma referência-base de grande importância para a construção da memória hispânica. O *Kitāb Hūrūšyūš* (*O Livro de Orósio*) foi a ‘ponte’ através da qual muitos dos conceitos e memórias da Antiguidade Tardia relativamente à Hispânia, acabaram entroncando na cultura hispano-árabe. Trata-se, na sua origem, de uma tradução do latim para árabe das *Histórias* de Orósio²³³, obra considerada como uma matriz da historiografia medieval²³⁴ e de grande importância para esta Finisterra, por ser o autor da mesma um hispânico e a obra em causa dar um lugar especial à Hispânia²³⁵.

Até há pouco tempo esta tradução da obra orosiana era entendida como fruto de um trabalho de equipa, equipa essa dirigida, pelo *Qādī* (juiz) muçulmano Qāsim ibn al-Asbag e constituída também pelo Juiz dos cristãos, um moçárabe ainda não identificado com segurança²³⁶. O texto latino em causa teria chegado a Córdoba como oferta do *Basileus* de Constantinopla aquando de uma embaixada bizantina a al-Andalus²³⁷. O único ms.

²³³ Acerca do conhecimento da existência desta tradução entre letrados dos séculos X e XI, v. Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, p.17.

²³⁴ C. ORCÁSTEGUI e E. SARASA, *ob.cit.*, pp. 37-38. Sobre a popularidade desta obra na Idade Média, bastará dizer que se lhe conhecem cerca de 275 mss. (Orósio, *História Apologética*, pp. 34-43).

²³⁵ V. supra II.2.

²³⁶ Esta tese, de uma equipa chefiada por Ibn al-Asbagh, tem sido geralmente aceite (embora M. DÍAZ Y DÍAZ já tivesse colocado anteriormente, em 1970 e em reedição de 1976 [IDEM, “La Historiografía Hispana...”, p.205], como data e local da redacção do *KH*, respectivamente, por volta de 930 e em Toledo [Idem, p.211]) até à muito recente investigação e edição que Mayte PÉNELAS levou a cabo, e onde foi formulada esta nova tese, quanto a nós bastante plausível. A anterior apresentava algumas debilidades cronológicas, quer relativamente ao monarca que hipoteticamente teria oferecido a obra a ‘Abd al-Rahmān III (Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, p.28); quer, e principalmente, no respeitante ao papel que o *Qādī* Qāsim ibn al-Asbag teria desempenhado na empresa em causa, atendendo à sua idade e à sua sanidade mental no final da vida (*Ibidem*). O aspecto, até então acessório, que relacionava a tradução com os moçárabes passou agora a ser o aspecto principal e único (Idem, pp.30-42). A hipótese colocada por M. DÍAZ Y DÍAZ situa aquela compilação ainda no ambiente da resistência toledana à política hegemónica de ‘Abd al-Rahmān III.

²³⁷ V. nota supra.

conhecido da tradução árabe de Orósio foi identificado há relativamente poucos decénios, em 1931, por I. Kratchkovsky²³⁸. Mas só em 1939 se pode dizer que foi então integrado nos meios científicos internacionais, pela mão de Levi Della Vida²³⁹. Deste ms. são conhecidas apenas duas edições, e algumas referências em artigos e obras mais gerais²⁴⁰. No mais recente estudo e edição da obra, da autoria de Mayte Pénelas²⁴¹, esta investigadora veio recolocar a questão da autoria da tradução, não apenas em relação aos seus executantes, mas também à metodologia da própria tradução e também ao círculo cultural que lhe deu origem; e, ainda, às motivações que tinham levado a que a mesma tradução tivesse vindo a acontecer.

Em função de tudo isto também é questionada a própria proveniência do texto latino que foi traduzido. Até então esta tradução tinha sido considerada como o trabalho de uma equipa de tradutores que se situava culturalmente junto ao círculos do novo poder califal. O objectivo ou objectivos da mesma poderiam ser um de dois, ou ambos em conjunto: enriquecer a biblioteca do príncipe al-Hakam, futuro califa e famoso bibliófilo; ou proporcionar um texto-matriz árabe que pudesse vir a ser utilizado na elaboração posterior de obras historiográficas articuladas com o novo regime e a nova ideologia califal. Facilmente se constata que qualquer um dos objectivos não exclui o outro, antes se podem interrelacionar estreitamente²⁴².

238 Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, p.83.

239 *Idem*, pp. 83-84.

240 As duas edições são: Ūrūsyūs, *Ta'rikh al- 'ālam*, ed. 'Abd al- Rahmān BADAŪĪ, Beirute, 1982; e *Kitāb Hurūshiyūsh*, ed. e estudo Mayte PÉNELAS, Madrid, CSIC, 2001. Entre os artigos são de referir os de G. LEVI DELLA VIDA, "The 'Bronze Era' in Moslem Spain", *JAOS* 63 (1943), pp.183-190; IDEM, "La traduzione araba delle Storie de Orosio", *AA* XIX (1954), pp. 257-293; IDEM, "Un texte mozarabe d'histoire universale", *Études d'orientalisme dédiées à la mémoire de Lévi-Provençal*, Paris, 1962, I, 175-183; e mais recentemente Luís MOLINA, "Orosio y los geógrafos hispanomusulmanes", *AQ* V (1984), pp. 63-92; I. KAHĪLA, "Kitāb al-Tawārīkh li-Bawlws Ūrūsyūs", *RIEEI* 23 (1985-86), pp. 119-138. Entre os capítulos queremos referir aquele que Husayn MU'NIS lhe dedicou em *Ta'rikh al Jağrāfiya wa-l-Jağrāfiyyūn fi-l-Andalus*, Madrid, IEE, 1967, pp. 18-25. Mais alguns informações que propiciaram um ponto de situação mais completo sobre este ms. e respectivos estudos, em Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, pp.18-19.

241 V. n. supra.

Segundo Mayte Pénelas tratou-se afinal de uma tradução levada a cabo por Hafs ibn Albar, o filho de Álvaro de Córdoba, então juiz dos cristãos da capital omíada. Ou seja, a acção de um juiz dos cristãos parece, portanto, confirmada. O mesmo já não acontece com as demais anteriores conclusões²⁴³ que colocavam a possibilidade de Ibn al-Asbagh ter participado naquela empresa literária.

Pela sua condição de interlocutor privilegiado junto da corte, em nome dos cristãos cordoveses, Hafs ibn Albar seria um homem já culturalmente bilingue, pois falaria e escreveria o latim mas também o árabe, e a prova desse seu domínio da língua arábica seria, de forma patente, esta mesma tradução²⁴⁴.

Quanto à execução da mesma tradução a investigadora não aventava neste caso a proposta de que a mesma tivesse sido obra de uma ‘equipa’, pelo que teria sido muito possivelmente uma tradução levada a cabo apenas por um único homem, o filho de Álvaro de Córdoba.

De forma semelhante à que identificámos supra quando referimos a *CM 754*, também aqui encontramos uma época de crise política em al-Andalus coincidindo com a produção de uma obra importante oriunda dos meios letrados moçárabes.

Na *CM 754* foi a crise que decorreu entre 740 e 756; e neste caso coincide com o bastante mais longo período das autonomias muladis, que durante mais de meio século²⁴⁵, em especial no ocidente e no sul da Hispânia islâmica, eram a prova evidente da debilidade da autoridade política e militar dos emires de Córdoba.

²⁴² V. infra II.5.

²⁴³ V. supra n. 29.

²⁴⁴ V. supra n. 7.

²⁴⁵ No extremo ocidente as revoltas muladis prolongaram-se de 866 (quando se deram as primeiras revoltas em Mérida; v. Maria Ángeles PÉREZ ÁLVAREZ, *Fuentes Árabes de Extremadura*, Cáceres, Univ.Extremadura, 1992, p.106) a 930 (quando Badajoz se rendeu a ‘Abd al-Rahmân III; *Idem*, p.124) embora só com a rendição de Toledo, em 932, se tenha dado a pacificação de al-Andalus sob a autoridade do seu primeiro califa (v. António Borges COELHO, *Portugal na Espanha Árabe (PEA)*, 2ªed. II vols., Lisboa, Caminho, 1989, vol.II, p.36).

A herança cultural cristã procurava, pois, revivificar-se através de uma ‘rememorização’ de obras importantes da herança romano-visigótica, e, entre elas, a obra de Orósio, talvez a mais emblemática dos primórdios da cultura cristã hispânica.

Tratar-se-ia, pois, de mais um contributo para o espírito de resistência e de sobrevivência cultural das comunidades moçárabes.

No entanto aquela resistência já assumia formas aculturadas, pois apesar de haver a transmissão de uma memória cristã, a que acrescia o facto de ter origem hispânica, aquela transmissão já não se podia fazer em latim, tendo de ser feita em árabe.

A moçarabização, ou mais especificamente o grau de ‘arabização’ entre os cristãos peninsulares, estaria já muito avançada, em especial entre aqueles que residiam nos meios urbanos.

Ainda segundo Mayte Pénelas a questão que envolveria a chegada do texto das *Histórias* através da embaixada bizantina deixaria também de se colocar. Entende tratar-se afinal de um equívoco relacionado com outras ofertas de manuscritos pela mesma embaixada, mas em que não estaria integrada a obra de Orósio²⁴⁶.

Segundo esta autora as *Historias contra os pagãos* nunca teriam deixado de ser conhecidas e de circular na Hispânia, inclusive nos círculos letrados moçárabes²⁴⁷. E o facto de Hafs ibn Albar a ter conhecido e utilizado, tendo-a encontrado possivelmente entre os textos que tinham sido propriedade de seu pai, e de a ter transposto para a língua árabe, evidencia-nos, de facto, essa presença.

²⁴⁶ Pelo que, segundo Mayte PÉNELAS, apenas teria sido oferecida pelo *basileus* Constantino VII Porfirogeneta ao Califa ‘Abd al-Rahmān III a obra médica de Dioscórides (v. *ob.cit.*, p.29).

²⁴⁷ *Idem*, p. 30.

Ainda assim o texto árabe que hoje conhecemos do *Kitāb Hūrūšyūš* (O Livro de Orósio em árabe)²⁴⁸ não corresponde a uma mera tradução do texto latino das *Histórias* tal como genericamente é conhecido. Trata-se, ele mesmo, já de uma compilação textual, pois integra contribuições que provêm de fontes distintas das do texto matricial orosiano²⁴⁹.

Um pormenor, sem dúvida importante, e que, como exemplo, é revelador de alguma da metodologia utilizada na tradução / compilação, é o facto de o tradutor ter importado para a sua obra a estrutura textual da *Chronica maiora* de Isidoro de Sevilha, e não a que se constata nas mesmas *Histórias* de Orósio²⁵⁰.

O *KH* veio a ser uma das fontes utilizadas por Aḥmad al-Rāzī para a sua obra perdida *Akhbār Mulūk al-Andalus* (Notícias acerca dos Monarcas de al-Andalus), certamente usada no apartado geográfico do seu trabalho, e que é o que mais especialmente nos interessa.

O mesmo *KH* veio a ser usado mais tarde, no séc. XI, por al-Bakrī na sua obra geográfica *Al-Masālik wa-l-Mamālik* (As Vias e os Reinos)²⁵¹. A utilização do *KH* quer por al-Rāzī quer por al-Bakrī levanta importantes questões textuais que abordaremos em II.5.

II.4.3. *Crónica Pseudo-Isidoriana (CPs-I) (Séc. X-XI)*

248 O único ms. conhecido da tradução árabe das *Histórias* de Orósio, é o que existe na Columbia University de Nova Iorque, na “The Rare Book and Manuscript Library”, com a cota: X.893.712H (Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, p.83; M. DÍAZ Y DÍAZ, “La Historiografia Hispana...”, p.210).

249 Sobre a composição e a estruturação textual do *KH*, v. Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, pp. 47-49.

250 Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, p. 48.

251 Relativamente à utilização que al-Bakrī fez do *KH*, v. Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, pp. 73-74; e A. REI, *Memória de Espaços...*, p.134, n.5. Sobre a relação da al-Himyarī com o *KH*, v. Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, pp.74-76.

Obra que levanta vários problemas, em virtude de não se lhe conhecer o autor, o qual, sendo conhecido, ajudaria, com certeza, a datar, por aproximação, o período em que surgiu a obra em causa e a situar espacialmente o seu aparecimento.

Assim, relativamente a esta obra, quer a sua datação aproximada, quer a região da sua elaboração são questões importantes e ainda não sanadas²⁵².

Tendo sido entendida como uma continuação da obra de Isidoro de Sevilha, tal facto deu origem à designação que surge no ms. de Paris: *Cronica Gothorum a sancto Isidoro edita* ²⁵³. Mais recentemente, veio a fixar-se a sua denominação em *Chronica Gothorum Pseudo Isidoriana* ²⁵⁴ ou simplesmente *Crónica Pseudo Isidoriana (CPs-I)* ²⁵⁵.

Diversos autores que trataram este tema têm feito diferentes propostas no que toca à época da redacção desta Crónica²⁵⁶. Ramón Menéndez Pidal num primeiro momento entendeu tratar-se de uma obra compilada na primeira metade do século XI²⁵⁷, seguindo

²⁵² Um ponto de situação relativamente recente, de 1996, sobre a obra e sobre os autores que a ela se têm dedicado, em Helena DE CARLOS VILLAMARÍN, *ob.cit.*, 241-249. Dando uma ideia geral das problemáticas, não dispensa, nalguns casos a consulta da obra ou obras referidas, como a antiga mas não dispensável obra de B. SANCHÉZ ALONSO, *Historia de la historiografía...*, pp. 115-116.

²⁵³ O ms. nº 6113 da Biblioteca Nacional de Paris, único exemplar da *CPs-I* começa daquela maneira (*apud* P. GAUTIER-DALCHÉ, “Notes sur la «Chronica Pseudo-Isidoriana», *Annuario de Estudios Medievales* 14 (1984), pp.13-32, p. 14). Edições desta Crónica: T. MOMMSEN, *Monumenta Germaniae Historica, Auctores Antiquissimi* XI, *Chronica Minora* II, pp.372-388; edição castelhana da *CPs-I*, da autoria de Antonio BENITO VIDAL, *Crónica Seudo Isidoriana*, Valência, Anúbar Ed., 1961. A mais recente edição, tradução e estudo deste ms. é: *La chronica gothorum pseudo-isidoriana (ms. Paris BN 6113)*, ed. crítica, trad. y estudio de Fernando GONZÁLEZ MUÑOZ, A Coruña, Toxosoutos, 2000. O facto de a termos encontrado só muito recentemente não permitiu que a tivéssemos tomado como texto-base neste estudo; no entanto a antiga edição de Benito Vidal, pelo facto de ser tão despojada, será sempre uma edição a ter e conta.

²⁵⁴ Ramón MENÉNDEZ PIDAL, “Sobre la Crónica Pseudo Isidoriana”, *Cuadernos de Historia de España* XXI-XXII (1954), pp. 5-15, onde assim a designa, apesar do título apresentar outra forma. Também Cláudio SANCHÉZ-ALBORNOZ a designa daquela forma no seu longo estudo “San Isidoro, «Rasis» y la Pseudo Isidoriana”, *CHE* IV (1946), pp. 73-113.

²⁵⁵ Esta designação, hoje a mais comum, encontramos-la, entre outras, no título do trabalho de MENÉNDEZ PIDAL (v. nota supra); no trabalho de P. GAUTIER-DALCHÉ, *ob.cit.*, *passim*; M. DÍAZ Y DÍAZ, “La Historiografía Hispana...”, pp. 211-212; e na edição castelhana da *CPs-I*, de Antonio BENITO VIDAL, *Crónica Seudo Isidoriana*.

²⁵⁶ Diego CATALÁN, a partir de Menéndez Pidal, coloca a redacção da *CPs-I* a acontecer em Toledo, do punho de um murciano (v. *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XXXII).

²⁵⁷ Ramón MENÉNDEZ PIDAL, “Sobre la Crónica Pseudo Isidoriana”, p.5.

Mommsen e Cláudio Sanchez-Albornoz²⁵⁸, para depois se fixar na primeira metade do século X²⁵⁹. Levi Della Vida apontou, como possível época de redacção, o final do século XI²⁶⁰.

Pela nossa parte, cremos que todos têm uma parte de razão nas propostas que fazem. Assim, quanto a nós, a *CPs-I* será o resultado final de uma evolução textual que se foi processando ao longo dos séculos IX a XI. Seria um conjunto de textos que circulavam entre os letrados moçárabes e que foram sofrendo retoques e acrescentos, principalmente durante os períodos críticos, como foi o das autonomias muladis que tiveram lugar entre o último terço do século IX e o primeiro do século X ou a crise que levou à desagregação do Califado e ao início das Taifas²⁶¹. E, por último, e num cenário e numa lógica completamente diferentes, durante o período de resistência cultural que os moçárabes hispânicos protagonizaram na segunda metade do século XI²⁶² e no início do século XII, contra o cada vez maior predomínio do cristianismo romano e cluniacense, o qual acabou por vencer e levar, por parte das monarquias cristãs hispânicas, ao abandono do rito visigótico-moçárabe²⁶³.

²⁵⁸ Cláudio SANCHÉZ-ALBORNOZ, “San Isidro, ‘Rasis’ y la Pseudo-Isidoriana”, p.74; Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, 68, n. 227.

²⁵⁹ Ramón MENÉNDEZ PIDAL, “Sobre la Crónica Pseudo Isidoriana”, p.13.

²⁶⁰ *Apud Idem*, p.5. Antonio BENITO VIDAL, diz que Levi della Vida coloca a redacção da *CPs-I* no século XII (IDEM, ed. *Crónica Seudo Isidoriana*, p.7).

²⁶¹ Relativamente à constituição e estruturação do texto da *CPs-I*, e à época em que começou a sua circulação entre as comunidades moçárabes, M. DÍAZ Y DÍAZ, “La Historiografía Hispana desde la invasión árabe hasta el año 1000”, pp.211-212.

²⁶² Chegou a existir um pleito judiciário, em 1077, entre os partidários de ambas as liturgias, a romana e a hispano-visigótica (v. L.KRUS, *A Conceção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380)*, p.72, n.70).

²⁶³ Relativamente a esse período e a alguns protagonismos dentro da resistência moçárabe, v. *supra* n. 20.

Atendendo ao cada vez maior grau de arabização dos moçárabes, a sua língua literária teria passado a ser o árabe, e nesse idioma terá sido ainda redigida a última versão da *CPs-I*.²⁶⁴

Enquanto texto, mantém ainda mais um outro conjunto de questões relacionadas com a forma como a *CPs-I* se articulará com o *KH* e com o *LR*, atendendo a algumas grandes semelhanças textuais entre todas. Nenhuma delas depende directamente de qualquer uma das outras,

$KH = CPs-I \neq LR$
$LR = CPs-I \neq KH$
$CPs-I = LR \neq KH$

sendo de admitir a existência de um texto que serviu de fonte a todas e foi diferentemente aproveitado pelos autores; ou poderá ainda ter existido uma outra possibilidade, a qual abordaremos em seguida.

A génese destes textos parece ter-se dado durante a primeira metade do século X: o *KH* 265 e a *CPs-I* 266 ligados ao espírito de resistência cultural moçárabe; e o *LR*, na sua versão primeira, das mãos dos al-Rāzī, ligado às memórias califais, mas iniciado por Aḥmad al-Rāzī, ainda no reinado de ‘Abd al-Rahmān III 267.

²⁶⁴ A versão que acabou mais tarde por ser traduzida para latim (P. GAUTIER-DALCHÉ, *ob.cit.*, pp.23-26).

²⁶⁵ Mayte PÉNELAS, *ob.cit.*, pp.30-41.

²⁶⁶ R.MENÉNDEZ PIDAL, “Sobre la Crónica Pseudo Isidoriana”, p.13.

²⁶⁷ V.infra II.5.

Sabemos que quer a *CPs-I* quer o *LR* foram alterados nos séculos seguintes. A *CPs-I* presumivelmente, e com a sua versão final no último terço do século XI²⁶⁸; o *LR*, seguramente, refundido por Ibn Ġālib no terceiro quartel do século XII²⁶⁹.

Admitamos pois que o *KH* seja portanto a obra menos alterada desde a sua redacção / tradução, algures entre os finais do século IX e o primeiro terço do século X. Sem pretendermos formular uma conclusão, porque não cremos que existam dados para tal, queremos ainda assim levantar esta questão: sabendo-se que al-Bakrī também usou o *KH* e que al-Bakrī foi usado por Ibn Ġālib para redigir a sua obra, matriz do *LR*, e que a *CPs-I* pode também ter tido al-Bakrī como uma das suas fontes, ao menos na altura da sua tradução, já no século XII, então a compilação árabe desconhecida que deriva do *KH* e que foi usada quer pelo *LR* quer pela *CPs-I* poderá ser a obra de al-Bakrī²⁷⁰.

É apenas mais uma proposta, que futuramente poderá vir a ser confirmada ou não, mas não é aqui o momento nem o local para esse estudo.

Admitir que a *CMR* não depende directamente da obra dos al-Rāzī e tomar esta hipótese anterior como uma conclusão de trabalho são pressupostos que poderão ajudar a clarificar situações textuais que envolvem quer os textos árabes quer as crónicas moçárabes e não só.

Compilada a *CPs-I* em ambiente moçárabe, usou entre as suas fontes a *CM* 754, a *Historia Gothorum* de Isidoro de Sevilha²⁷¹; também se constata passagens de João de

²⁶⁸ LEVI DELLA VIDA, R.MENÉNDEZ PIDAL (“Sobre la Crónica Pseudo Isidoriana”, p.13.) e M. DÍAZ Y DÍAZ (“La circulation...”, p.230 e n.71) falam no final do século XI.

²⁶⁹ A. REI, *Memória de Espaços...*, pp. 133-140.

²⁷⁰ P.GAUTIER-DALCHÉ apercebe-se de questões aparentemente sem resposta, fruto das suas confrontações textuais (*ob.cit.*, pp. 20-21) (e que se poderão tentar solucionar a partir desta nova óptica proposta), bem como testemunhou passagens em que a ‘*CMR*’ e a *CPs-I* coincidem apenas com al-Bakrī (*ob.cit.*, p. 23). Também Diego CATALÁN reconhece que existem contactos entre as três obras, e que a *CPs-I* e o *LR* dependerão de uma obra derivada do *HK* (IDEM, ed. *Crónica del Moro Rasis*, p. LXI).

²⁷¹ P.GAUTIER-DALCHÉ, *ob.cit.*, p.25.

Santarém e de Orósio, entre os autores hispânicos²⁷², e ainda usou os códices moçárabes das *Nomina Sedium*²⁷³.

Trata-se, no seu conjunto, de uma síntese da História Hispânica, desde Noé até à invasão árabe, sendo introduzida por uma descrição geográfica da península²⁷⁴.

II.4.4. As *Nomina Sedium* moçárabes

Outras fontes importantes, também de mão moçárabe, e que não podemos deixar de referir são as chamadas *Nomina Sedium*, listas das divisões eclesiásticas da Hispânia, que embora compostas já durante o período de domínio islâmico, perpetuavam as divisões espaciais da igreja visigótica.

A criação daquelas circunscrições eclesiásticas era tradicionalmente atribuída ao imperador Constantino²⁷⁵ e a memória dessa mítica origem acabou passando mesmo para os textos árabes²⁷⁶.

Existem três códices moçárabes, anónimos, que foram recolhidos e editados por Simonet: o códice ovetense do Escorial, escrito em 780; o códice moçárabe do século IX; e o códice conciliar da Biblioteca Nacional de Madrid²⁷⁷.

²⁷² *Crónica Seudo Isidoriana*, (ed. Antonio BENITO VIDAL), p.7.

²⁷³ V. infra II.4.4.

²⁷⁴ *Crónica Seudo Isidoriana*, (ed. A. BENITO VIDAL), p.7.

²⁷⁵ J.VALLVÉ, *La División ...*, p. 182.

²⁷⁶ AL-BAKRĪ, *al-Masālik wa-Mamālik*, 2 vols., ed. A. VAN LEUWEN e A. FERRÉ, Cartago (Tunísia), al-Dār al-‘Arabiyya li-l-Kitāb, 1992, II vol., pp. 891-893; tradução parcial castelhana por E. VIDAL BELTRÁN, *Geografía de España*, col. *Textos Medievales*, 53, Anubar, Saragoça, 1982, pp. 15-18.

²⁷⁷ Francisco Javier SIMONET, “Historia de los mozárabes de España”, *Memorias de la Real*

Todos aqueles códices provirão da chamada “*divisão de Wamba*”, texto que descreve uma repartição e definição dos limites entre as diferentes dioceses hispânicas. O texto primitivo dessa divisão remete para o rei Wamba, rei visigodo que reinou entre 672 e 680²⁷⁸ e que presidiu a um Concílio onde se teriam reunido todos os bispos da Hispânia²⁷⁹.

Aqueles códices moçárabes atrás citados serviram, mais tarde, de fontes, num caso ainda em meio cultural moçárabe, ao compilador da *CPs-I* e, já no século XIII, no meio cultural da monarquia leonesa, à *Chronica* de Lucas de Tuy²⁸⁰.

Apesar da sua origem moçárabe as *Nomina* também foram utilizadas por autores hispano-árabes. Uma das utilizações mais extensas das *Nomina* é a que remeterá para Aḥmad al-Rāzī, e que Ibn Ġālib terá mantido. Al-Bakrī também as utilizou, chamando-lhe ‘de Constantino’²⁸¹.

E uma prova evidente dessa utilização aconteceu após a conquista de Valência por Jaime I o Conquistador, rei de Aragão, em 1239. Existindo uma disputa entre Toledo e Tarragona relativamente ao bispado de Valência então recém-restaurado, os nome dos dois al-Rāzī e de al-Bakrī foram citados como autores de obras passíveis de serem usadas como critérios para ajudar naquela delimitação das arquidioceses. As obras daqueles autores acabaram mesmo por ser utilizadas e, em virtude das informações nelas contidas, ficou então comprovado que Valência, no período visigótico, era um bispado sufragâneo de Toledo, e não de Tarragona²⁸².

Academia de la Historia, XIII (1897-1903), pp.808-812; também referidos por J.VALLVÉ, *idem*, p. 212, n. 114.

278 A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 321.

279 Luis VAZQUEZ DE PARGA, *La División de Wamba. Contribución al estudio de la historia y geografía eclesiásticas de la Edad Media española*, Madrid, CSIC, 1943, pp.70-72; J.VALLVÉ, *idem*, p. 220.

280 J.VALLVÉ, *idem*, pp. 212-223.

281 V. *supra* ns. 66 e 67.

282 Relativamente a este episódio demonstrativo da importância da recolha, por autores hispano-árabes, das divisões eclesiásticas hispânicas anteriores a 711, v. Pascual de GAYANGOS, “Memória sobre la

Fica, pois, claro que, apesar da existência de fronteiras políticas e diacrônicas, não existiram realmente fronteiras culturais entre a Hispânia visigótica, o al-Andalus hispano-árabe e a Hispânia neo-goda.

autenticidad de la Crónica denominada del Moro Rasis”, *Memorias de la Real Academia de la Historia*, VIII (1852), pp. 1-100, pp. 8-9. Sobre a identificação de ‘Abiba Cacabahi’ como ‘Abū ‘Ubayd al-Bakrī’, v. Husayn MU’NIS, *Tā’rīkh al Jaḡrāfiya wa-l-Jaḡrāfiyyūn fī-l-Andalus*, pp. 71-72.

II. 5. Período Islâmico (Séculos X-XIII)

Pretendemos esclarecer previamente que o que designamos aqui por ‘período islâmico’ não coincide com a periodização islâmica total na Península Ibérica, que vai do início do século VIII até ao final do século XV.

Este nosso ‘período islâmico’ inicia-se no século X, ou seja, a partir do momento em que o reinado de ‘Abd al-Raḥmān III se encaminha para o califado, e quando se torna possível detectar sinais de um discurso legitimador do novo Príncipe dos Crentes, que emergiu no extremo Ocidente.

Marcamos o seu fim no século XIII, a partir do qual já só passa a restar como último espaço hispano-islâmico o reino de Granada; e em que também, no final desse século, em 1286, faleceu Ibn Sa‘īd²⁸³, um dos últimos grandes vultos das letras hispano-árabes, que ainda receitou excertos com origem na obra dos al-Rāzī²⁸⁴.

283 Abū-l-Hasan ‘Alī ibn Mūsā IBN SA‘ĪD (Granada, 610/1213 - Tunes, 685/1286); sobre a sua vida e obras v. IBN SA‘ĪD AL-MAGHRIBĪ, *Al-Muğrib fī ḥulā-l-Mağrib*, ed. Shawqī DAYF, 2 vols., Cairo, Dār-al-Ma‘arif, 1964; trad.parc.castelhana e estudo de Maria Jesús VIGUERA MOLÍNS, “El ‘Reino’ de Badajoz en el ‘Muğrib’ de Ibn Sa‘īd”, in *Bataliús II - Nuevos Estudios sobre el Reino Taifa*, Madrid, Letrúmero, 1999, pp. 225-48; Ch. PELLAT, “Sa‘īd al-Mağribī”, *E.I.*, t. III, pp. 950-1; Para o espaço português, v. trad. parc. portuguesa de A. REI, “O Gharb al-Andalus em dois geógrafos árabes do século VII / XIII: Yāqūt al-Hamāwī e Sa‘īd al-Mağribī”, in *Medievalista on line*, nº1 (2005), Instituto de Estudos Medievais, www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista, 22 pp; Rachel ARIÉ, “Un Lettré Andalou en Ifriqiya et en Orient au XIIIe. siècle: Ibn Saïd”, in *Historia y Cultura del Islam Español*, EEA-CSIC, Granada, 1988, p.1-26; E. GARCÍA GÓMEZ, ‘Introdução’ à ed. e trad.de *Kitāb al-Rāyāt / El Libro de las Banderas*, 2ªed., Barcelona, Seix Barral, 1978, pp. XLI-LXVI; H. MU’NIS, *Tārīkh al-Jağrāfiya...*, pp. 461-95; F. PONS BOIGUES, *Ensayo...*, nº 260, pp. 306-10; A.REI, *Memória de Espaços...*, pp. 63-64.

284 Tê-los-á receptado directamente ou, talvez a hipótese mais provável, já estariam incorporados na obra de al-Ḥijārī (*al-Muṣḥib*) (sobre este autor, v. F. PONS BOIGUES, *Ensayo bio-bibliográfico sobre los historiadores y geógrafos arabigo-españoles*, 2ª ed. Amesterdão, Philo Press, 1972 (1ª ed., Madrid, 1898), nº 178, pp. 221-3), a qual ficou entre os Banū Sa‘īd e que teve a sua versão final (*al-Muğrib*) por mão deste último autor, falecido em 1286. Sobre esta ‘obra conjunta’ que foi sendo elaborada ao longo de um século, num processo que levou à elaboração da segunda obra a partir da primeira, v. F. PONS BOIGUES, *Idem.*, nº 259, pp. 303-6. Ou ainda A. REI, *Memória de Espaços...*, pp. 63-64.

Este período de produção literária e discursiva coexiste e interpenetra-se com o dos meios moçárabes, o qual, por sua vez se articula quer com o islâmico, quer com o cristão não-moçárabe, do Norte peninsular.

Neste período, de forma similar à que encontrámos no período tardo-antigo, também se detectam duas tipologias preponderantes que assumem formulações de tipo laudatório:

- uma primeira, a que chamaremos cronística e oficial, porque ligada aos poderes político-militares instituídos e com vocações imperiais, sob a forma califal.

Emergiu esta tipologia essencialmente ligada àquela legitimação califal omíada no século X; e foi a mesma, mais tarde, novamente recuperada numa nova empresa de legitimação califal, a da dinastia almóada no al-Andalus, em meados do século XII.

Relativamente a esta divisão temática temos de referir obrigatoriamente os nomes de três ‘cronistas’, os dois al-Rāzī, e Ibn Ġālib, homens claramente comprometidos com as dinastias às quais serviram, respectivamente os Omíadas e os Almóadas.

- uma segunda tipologia, de índole literária, que se desenvolveu a partir do século XI e que se manteve nos séculos XII e XIII, principalmente em consequência de três factores, todos eles interligados: primeiro, o desmembramento da unidade califal, e consequente enfraquecimento do poder político-militar nas zonas islâmicas da Hispânia; segundo, a constante perda territorial a que o al-Andalus estava sendo submetido, naquele mesmo período, durante o qual também não houve grande sucesso nas tentativas de recuperação territorial por parte dos muçulmanos; e, o terceiro, a subalternidade político-militar do al-Andalus durante os períodos de dominação berbere que se estenderam dos finais do século XI até aos finais do primeiro quartel do século XIII.

Estes últimos autores tinham as mais variadas formações e situações em relação ao poder, ou aos poderes²⁸⁵, diferindo neste aspecto dos ‘cronistas’ atrás referidos.

II. 5. 1. A Cronística Califal

O labor literário desenvolvido nos círculos próximos de ‘Abd al-Raḥmān III e contemporâneos do início do poder califal no al-Andalus tomou forma preferencialmente em textos de cariz historiográfico e geográfico. Nessas obras foram incorporadas, por via moçárabe, informações provenientes de fontes latinas tardo-antigas e visigóticas, procurando ligar dessa forma o novo poder califal islâmico aos anteriores poderes, de tipo “imperial”, que tinham vigorado na Hispânia, respectivamente o romano e o visigótico²⁸⁶.

Entre todas essas fontes sobressaem a de Orósio e a de Isidoro, para além de outras informações espaciais, entre as quais alguns textos que tratavam, ou melhor, apresentavam o elenco da divisão diocesana da Hispânia²⁸⁷.

285 Ibn Ḥāzm foi inicialmente um defensor da restauração Omíada, e depois de uma meteórica passagem pelo governo do Califa ‘Abd al-Raḥmān V, acabou na prisão, abandonou qualquer actividade política (IBN ḤAZM, *El Collar de la Paloma* (trad. Emilio GARCÍA GÓMEZ), 5ª.ed., Madrid, Alianza Editorial; 1981, pp.39-40; R. ARNALDEZ, “Ibn Ḥāzm”, *E.I.2*, III, pp. 814-822). Al-Šaqundī, era um juiz, portanto um funcionário do aparelho almóada, embora crítico da cultura berbere. Sobre al-Šaqundī v. AL-MAQQARĪ, *Nafh al-Tīb*, ed. I. ‘ABBĀS, VIII vols., Beirute, Dār Sādir, 1988, vol.III, pp. 222-224; trad. castelhana, Emilio GARCÍA GÓMEZ, *Andalucia contra Berberia*, Univ. de Barcelona, 1976, pp. 45-48; IBN SA‘ĪD AL-MAGRIBĪ, *Al-Muḡrib fī ḥulā-l-Maḡrib*, ed. Shawqī DAYF, II vols., Cairo, Dār al-Ma‘arif bi-Misr, 1953-1955, vol.I, pp. 213-214.

286 A tolerância e a ausência de fanatismo considerados traços naturais do carácter de ‘Abd al-Raḥmān III, estamos em crer que serão assumidos, em função de um outro seu traço característico que era a perspicácia (LEVI-PROVENÇAL, *HE-MP*, IV, pp. 261-262), pois ele sabia que tinha de não hostilizar os moçárabes e os judeus para ter espaço de manobra com a adopção do título califal, e tinha presente a situação que era a de al-Andalus em 912, quando tinha herdado o trono. Sem qualquer questão relativamente ao saber científico e técnico do corpo médico pessoal deste Califa, cremos que na sua composição existe também uma forma subtil de propaganda, ao ser composto por três médicos, cada um de seu grupo social e confessional: um muçulmano um moçárabe e um judeu (v. Aziza BENANI, “Valeurs Fondamentales de l’Age d’Or d’al-Andalus et Modernité”, Seminário Internacional *Judeus e Arabes da Península Ibérica*, Centro Nacional de Cultura, Lisboa-Monsaraz, 1993, 13 pp., policop., pp. 6-7).

287 V. supra II.4.4. “As *Nomina Sedium* moçárabes”.

Além da argumentação jurídica islâmica que teria de justificar o porquê do surgimento de um califado quando existia um outro califa sunnita em Bagdad²⁸⁸, argumentação essa que fala na fraqueza do califado abássida ante a emergência xiita fatimida no Norte de África²⁸⁹, há uma evidente busca de recuperação e apropriação das memórias imperiais ligadas à Hispânia, quer sejam memórias de origem romana quer sejam de origem visigótica.

Naquela tipologia e naquele primeiro período sobressai um nome, matricial mesmo no que toca ao surgimento de uma historiografia andalusí, que o era não apenas pelo objecto, mas também pela origem dos seus autores. Trata-se do nome *al-Rāzī*, talvez mais conhecido na cultura ocidental através da forma latinizada “Rasis”, embora por detrás daquelas formas, a arabizada e a latinizada, se ‘ocultem’, na realidade, os dois ‘Rasis’, o pai, Aḥmad, e o filho, ‘Īsā.

II. 5. 1. 1. Abū Bakr Aḥmad ibn Muḥammad ibn Mūsā al-Rāzī

²⁸⁸A transgressão da ordem islâmica desobedecendo ao ‘vigário do Profeta’ (*Khalīfa*) canonicamente reconhecido, foi transposta e anulada através do assumir por parte de ‘Abd al-Rahmān III da titulação de “*Al-Qā’im bi amri-llah*” (: “O que se ergue pelo poder de Deus”) (E. LÉVI-PROVENÇAL, *Historia de España – Menéndez Pidal*, vol. IV: “Espana Musulmana 711-1031”, 4ª. ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1976, p. 366, n.125) e portanto de uma condição de “*Mahdī*” (: “O Guiado [por Deus]”) , o personagem de cariz escatológico e messiânico que restabelecerá a justiça no mundo (sobre o ‘mahdī’, v. “Al-Mahdī”, *E.I.2*, vol.V, pp. 1221-1228; Henri LAOUST, *Les schismes dans l’islam, passim*).

²⁸⁹ Diante dos progressos dos Fatímidas no Norte de África, «‘Abd al-Rahmān III “constatant l’extreme faiblesse du califat de Bagdad” prenait le titre califien “d’émir des croyants”» (Henri LAOUST, *Les schismes dans l’islam*, p.143). Ver ainda sobre esta questão E. LÉVI-PROVENÇAL, “Omeyyades d’Espagne”, *E.I.2*, IV, 1062; IDEM, *HE-MP*, IV, pp.321-325.

(Córdova, 274/888? - 344/955)

A figura mítica por excelência das letras hispano-árabes; o pai, de entre os dois al-Rāzī. Nasceu em Córdova cerca de 274 / 888²⁹⁰. Entre os seus mestres destacaram-se Aḥmad ibn Khālid e Qāsim bin Asbaḡ²⁹¹, este último a quem, até há pouco tempo, era atribuída a tradução, de latim para árabe, da obra de Orósio de Braga ²⁹².

Sendo o introdutor do género historiográfico em al-Andalus,²⁹³ as obras de al-Rāzī foram promovidas pelo próprio poder califal. Não há dúvidas de que al-Rāzī estava muito sintonizado com os valores e interesses califais, tal como o parecem provar as fortes relações institucionais e

²⁹⁰ F.PONS BOIGUES, *Ensayo...*, n.º23, pp. 62-66, p.62.

²⁹¹ *Ibidem*; *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XLIX.

²⁹² Entre as obras onde se remete aquela tradução para Qāsim ibn al-Asbaḡ e para o Juiz dos Cristãos de Córdova, v. *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XLIX; Luis MOLINA, “Orosio y los Geógrafos Hispanomusulmanes”, *AQ* V (1984), pp. 63-92, pp. 66-71.

²⁹³ E. LÉVI-PROVENÇAL, *HE - MP*, V, p. 322. Vejam-se também Ch. PELLAT, “The Origin and Development of Historiography in Muslim Spain”, in *Études sur l’histoire socio-culturelle de l’Islam (VIIe. - XVe. s.)*, Londres, Variorum Reprints, 1976, pp.118-125, p.119; e Joaquín VALLVÉ, “Fuentes latinas de los geógrafos árabes”, *AA* XXXII (1967), pp. 241-260, p.243.

intelectuais mantidas entre ele e o príncipe herdeiro, o também letrado e erudito al-Ĥakam²⁹⁴, o futuro califa al-Ĥakam II, que também fora discípulo de Qāsim ibn Asbağ²⁹⁵.

Historiador, geógrafo, orador eloquente e poeta²⁹⁶, Aĥmad al-Rāzī veio a falecer em Rajab de 344 / Outubro-Novembro de 955²⁹⁷, sucedendo-lhe no cargo de redactor oficial dos anais do Califado cordovês o seu filho ‘Īsā ibn Aĥmad al-Rāzī ²⁹⁸.

II. 5. 1. 1. 1. *Akhbār Mulūk al-Andalus*

²⁹⁴ *Ibidem*. V. também infra n. 16.

²⁹⁵ Luis MOLINA, “Orosio y los Geógrafos Hispanomusulmanes”, p. 70.

²⁹⁶ Sobre as obras atribuídas a al-Rāzī, v. IBN ĤAZM (384/994-456/1064), *Risāla fī fadl al-Andalus (Epistola sobre a excelência de al-A.)*, trad.franc. Ch. PELLAT, “Ibn Hazm, bibliographe et apologiste de l’Espagne musulmane”, *AA* XIX (1954), p.53-102, pp.85-86; e o artigo “Ibn Ĥazm” de R. ARNALDEZ, *E.I.*2, III, pp.814-822. Aquele mesmo elenco de obras elaborado por Ibn Ĥazm, aparece em GAYANGOS (“*Memoria...*”, p. 14), e em F. PONS BOIGUES (*Ensayo...* , pp. 63-64).

²⁹⁷ F. PONS BOIGUES, *Ensayo...* , p.62. Ainda sobre este autor, v. B. SANCHÉZ ALONSO, *Historia de la historiografia...*, pp. 92 e 167-170; e E. LÉVI-PROVENÇAL, *HE - MP*, V, pp. 321-322.

²⁹⁸ E. LÉVI-PROVENÇAL, *HE - MP*, V, p.322; Ch. PELLAT, “The Origin and Development of Historiography in Muslim Spain”, p.119.

A Aḥmad al-Rāzī se ficou devendo a primeira descrição árabe, intitulada *Akhbār Mulūk al-Andalus* (Notícias sobre os Monarcas da Hispânia), que terá pretendido ser completa, da Hispânia ou al-Andalus. Colocamos este condicional porque a mesma se perdeu e não se conhece a sua versão final; e porque essa mesma versão, a estar concluída, iria apenas até ao reinado ‘Abd al-Raḥmān III, visto o autor ter falecido em 955²⁹⁹ e aquele monarca em 961³⁰⁰.

A obra terá sido complementada por seu filho, e terá sido esta versão última, mais completa, do punho do segundo al-Rāzī, que chegou às mãos de Ibn Ġālib³⁰¹.

De qualquer forma, terá sido mais um complemento do que uma reestruturação textual ou uma refundição da obra inicial, pelo que partimos do princípio de que a obra de Aḥmad al-Rāzī teria uma estrutura textual semelhante ao que conhecemos quer nas Crónicas romances, *Crónica do Mouro Rasis* (CMR) e *Crónica Geral de Espanha de 1344* (C1344), quer no “compêndio” árabe de Ibn Ġālib. No entanto, devido àquela perda, apenas podemos hoje, a partir das obras citadas, extrapolar prospectivamente qualquer eventual conjectura acerca do texto árabe dos dois “Rasis”.

²⁹⁹V. supra n. 15.

³⁰⁰A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 323; A. Borges COELHO, *Portugal na Espanha Árabe*, vol.2, p. 37;

³⁰¹V. infra II.5.1.3. A importância e a autoridade apelativa da obra de Aḥmad al-Rāzī ou de ambos os al-Rāzī, terá feito com que outros textos (posteriores às obras de Ibn Ġālib), e que na realidade não serão mais do que interpolações à obra maior daquele ou daqueles dois autores do século X, ainda assim, e apesar daquele facto, que indicia pelo menos outro autor, continuaram sendo transmitidos como sendo, integralmente, do punho ou punhos do/s al-Rāzī. Textos retocados a partir dos meados do século XIII, e já falando no ‘Reino de Granada’, continuaram sendo atribuídos ao nome mítico de al-Rāzī, atribuição perfeitamente anacrónica mas reveladora da força mítica que aquele nome teve na historiografia e na geografia da Hispânia islâmica, mas não só (v. J.VALLVÉ, *División...*, p. 77).

A obra, devido ao facto de se ter perdido, contribuiu, com o seu desaparecimento, para o adensar do mito em redor do seu autor ou autores. Nela o pai al-Rāzī, após descrever a Península, mencionaria o domínio e a vinda de outros povos, antes de relatar a sua conquista e sujeição pelos árabes³⁰².

Nessa descrição usou como fontes latinas principais Orósio de Braga, o Orósio já traduzido para árabe e interpolado³⁰³, bem como a obra ou excertos da obra de Isidoro de Sevilha³⁰⁴.

Se a descrição geral, da localização e limites da Península, assenta principalmente naqueles dois autores, a descrição das diferentes zonas peninsulares escorava-se especialmente na descrição da rede diocesana herdada do reinado de Diocleciano, mas atribuída pela historiografia cristã a Constantino³⁰⁵.

302 Será que foi realmente Aḥmad al-Rāzī o autor da obra no seu todo, ou apenas da sua introdução geográfica, e a parte historiográfica seria obra do príncipe al-Hakam, o futuro califa al-Ḥakam II, aliás companheiro e condiscípulo de Aḥmad ? Ou será que alguém, a mando e sob a supervisão de al-Ḥakam (como séculos depois fez e fez fazer Afonso X), executou tal trabalho, talvez o próprio ‘Īsā al-Rāzī? Senão vejamos o que AL-MAQQARĪ disse: *Nafh al-Tīb*, vol.II, Livro VI, Cap.VI, p.168 e Apêndice C, pp. XXXIX-XLII, transmitido por Gayangos e mais recentemente por R. Collins: “al-Hakam II (...) wrote a voluminous history of Andalous filled with precious information; and so sound was the criticism which he displayed in it, that whatever he related [as borrowed from more ancient sources] might confidently be believed to be a fact”. (este excerto vem de R. Collins, *Early Medieval Spain. Unity and Diversity, 400-1000*, Nova York, 1983 (2ª.ed., 1995), pp. 172 e 292; excepto o que está entre [], que vem de Gayangos, *History of Mohammedan Dynasties in Spain*, II vols., Londres, 1843, vol.II p. 170. São questões a pedir futuras investigações.

303 V. supra II.4. “Contribuições moçárabes”.

304V. supra II.4. “Contribuições moçárabes”, n.12.

305V. supra II.0a e II.4.4. : “As *Nomina Sedium*, moçárabes”.

De Orósio extraiu não apenas a informação relativa à descrição geral e à localização da Hispânia no Orbe, como também a terá tomado como modelo para a estruturação da sua própria obra, pois, tal como nas *Historiae adversus paganos*, também no *Akhbār Mulūk al-Andalus* a parte geográfica antecede, em forma quase propedêutica, a parte historiográfica³⁰⁶.

A parte geográfica consistiria assim numa introdução ao *Akhbār Mulūk al-Andalus*, e dela apenas restam os testemunhos romances das antigas traduções medievais para português depois para castelhano³⁰⁷, sendo os testemunhos portugueses da *C1344*, na versão de 1420, os que parecem estar mais próximos do original árabe³⁰⁸.

Na literatura geográfica árabe, além do “compêndio” que nos ficou de Ibn Ġālib, e de que falaremos mais adiante, apenas nos podemos valer de excertos, mais ou menos longos, de autores que usaram a obra dos al-Rāzī ³⁰⁹, e que também iremos utilizar, subsidiariamente, na ***Parte II - lavdes Spanie***, precisamente quando fizermos a confrontação textual com o apartado geográfico das Crónicas romances.

³⁰⁶ Já Diego Catalán identificara as características literárias do apartado geográfico e da sua matriz isidoriana, quando editou a *CMR*: « al-Rāzī (...) transformo el “*Laus Hispanae*” en una detenida descripción de los términos, montes y rios de ese solar cuya historia va a escribir» (*CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XXX).

³⁰⁷ Sobre al-Rāzī, ver: *CMR* = *Cronica del Moro Rasis*, ed. CATALÁN e ANDRES, Madrid, Gredos, 1975; *C1344p* = *Crónica Geral de Espanha de 1344*, ed. Cintra, IV vols., Lisboa, 1951; *C1344c* = *I edición crítica del texto español de la Cronica de 1344 que ordenó el Conde de Barcelos don Pedro Alfonso*, ed. CATALÁN e ANDRES, Madrid, 1971; E. LÉVI-PROVENÇAL, “Description de l’Espagne d’Ahmad al-Rāzī”, *AA* XVIII (1953), pp. 51-108. Especialmente para o espaço português: A. Borges COELHO, *PEA* 1, p.47-51; António REI, *Memória de Espaços e Espaços de Memória. De al-Rāzī a D. Pedro de Barcelos*, Tese de Mestrado, FCSH/Univ. Nova de Lisboa, 2002, policop.; IDEM, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe Medieval*, no prelo. Sobre a bibliografia acerca de al-Rāzī, ver a ‘Introdução’ à edição da *CMR* de CATALÁN e ANDRES; e o estudo inicial da “Memória...” de GAYANGOS, além dos que referimos supra. V. ainda, Husayn MU’NIS, *Tārīkh al-Jağrafiyya...*, pp. 56-80.

³⁰⁸ V. António REI, *Memória de Espaços...*, pp.183-198.

³⁰⁹ V. infra II.5.1.3. “Outras notícias geográficas”.

O que até há pouco tempo atrás era considerado como a tradução romance da obra de Aḥmad al-Rāzī, o «*Livro de Rasis*» ou, com o título que a tornou famosa, «*Crónica do Mouro Rasis*», sabemos hoje tratar-se afinal da tradução da obra maior de Ibn Ġālib 310, que abordaremos mais abaixo.

Este facto vem colocar questões textuais de muito difícil, senão impossível resolução. Pois até há pouco tempo, com vista a uma eventual e desejada reconstituição do texto raziano perdido, a mítica matriz da historiografia e da geografia hispano-árabes, ainda seria legítimo pensar que tudo o que fosse identificável como de origem latina no texto das Crónicas romances proviria de al-Rāzī, admitindo consequentemente que mais nenhum autor hispano-árabe posterior a al-Rāzī teria usado o *Kitāb Hurūšyūš* (KH).

Se sabemos agora que o texto presente nas Crónicas se trata afinal da obra de Ibn Ġālib, em que este refundiu al-Rāzī e al-Bakrī, e sabendo-se igualmente que al-Bakrī também usou e citou explicitamente o KH, tudo aquilo que possa ter remotas origens latinas já não pode ser atribuído seguramente a al-Rāzī, pois também poderá provir de al-Bakrī.

Com a obra do primeiro perdida e a do segundo muito fragmentária no que diz respeito ao espaço hispânico, talvez aquela empresa almejada desde Gayangos tenha de permanecer entre mais um dos mitos criados em volta da Hispânia.

Embora só tenhamos a tradução daquela obra maior de Ibn Ġālib cremos que nela se terá mantido o essencial da estruturação que existiria na obra de al-Rāzī, apenas se detectando diferenças ao nível dos conteúdos das diferentes notícias. A função modelar e de referência obrigatória

310 Sobre esta conclusão v. António REI, *Memória de Espaços...*, pp.133-140; IDEM, “Ibn Ghālib, vida e obra: notas identificativas, *Arqueologia Medieval* 10, no prelo.

que a obra de al-Rāzī constituiu para Ibn Ġālib, leva-nos a pressupor aquela manutenção da estrutura geral da obra, a despeito das alterações ou actualizações informativas.

Desta forma, vamos considerar o chamado «*Livro de Rasis*» como bom e o único meio através do qual se pode estabelecer qualquer tipo de comparação ou confrontação textual.

Tendo, no entanto, Aḥmad al-Rāzī tido a percepção de que o que tinha entre mãos se tratava essencialmente de uma descrição cristã do espaço peninsular, intimamente ligada à malha eclesiástica, consegue perceber-se na obra do cronista califal o que poderemos chamar de uma ‘sacralização islâmica’ do espaço hispânico: a descrição espacial começa por Córdova, o ‘centro do mundo’, a residência do Representante do Profeta, e continua em direcção a sudeste, ou seja segue pela direcção de Meca, pela *qibla*, e vai contornando a ‘Cidade do Califa’ no mesmo sentido em que o peregrino circunda a *Ka’ba*. O périplo em causa termina regressando ao ponto de partida, ou seja à mesma cidade de Córdova, fechando o círculo sagrado³¹¹.

311 Ainda sobre estas temáticas relativas à importância da “direcção sagrada” de Meca e da Ka’ba, a Mesquita-Centro do Mundo do Islão, v. o artigo de Alicia I. COSTA, *Orar hacia la Ka’ba. Una mirada a la geografía “sagrada” del Islam*, <http://www.transoxiana.org/0103/kaaba>, 11 pp.

Esta nova concepção sacral do espaço hispânico, neste caso islâmica, trouxe uma nova coloração aos pressupostos sacralizantes da Hispânia, como um todo; e, muito especialmente, àqueles que eram directamente tocados por essa mesma condição: os seus monarcas, já então na condição de Príncipes dos Crentes.

Desta forma não apenas se sacraliza, do ponto de vista islâmico, o espaço peninsular, como também, pelo paralelismo entre a *Ka'ba* e Córdoba, se sacraliza o poder do novo Califa que despontou no extremo Ocidente.

II. 5. 1. 2. ‘Īsā ibn Aḥmad al-Rāzī

(Córdoba, 324/925? - 379/989?)

A data de nascimento que lhe atribuímos é hipotética, presumindo que ele teria cerca de trinta anos quando sucedeu a seu pai como cronista oficial do califado de Córdoba. Falecido em 989³¹², coloca-se portanto claramente a possibilidade de ter sido ainda do seu punho a notícia relativa à conquista e ocupação de Coimbra e sua região, facto ocorrido em 987³¹³.

312 J.VALLVÉ, *La División Territorial...*, p. 68, n.18.

313 V. António REI, “Coimbra e a sua região, segundo as fontes geográficas árabes”, in *A Cidade e o Campo. Estudos de História Rural e Urbana oferecidos a Iria Gonçalves*, FL-UL / FCSH-UNL, no prelo.

Foi discípulo de seu pai e seu sucessor como redactor das crónicas oficiais da Corte Omíada³¹⁴. São atribuídas a ‘Īsā al-Rāzī três obras, uma *História de al-Andalus*, que na prática terá sido a continuação da obra historiográfica de seu pai, e que fez para al-Ĥakam II³¹⁵; e duas outras obras escritas para al-Manṣūr, uma sobre os ministros de al-Andalus, e uma outra acerca dos principais *ḥujjāb* (primeiros-ministros) dos califas de al-Andalus, denominada *al-Ḥujjāb li-l-Khulafā’ bi-l-Andalus* (Os Primeiros-Ministros dos Califas no Andalus) ³¹⁶.

Relativamente a esta última obra, a partir de quando é que se teria tornado importante fazer o elogio dos primeiros-ministros dos califas, remetendo para a sombra os próprios califas? Muito provavelmente após 981, quando o famoso *al-Manṣūr* acabou por se estabelecer firmemente no poder³¹⁷.

Tanto mais que, em 976, ‘Īsā ainda tinha sido o redactor da descrição pormenorizada da entronização do califa-menino Hišām II, pois descreveu a proclamação e o juramento feito àquele monarca³¹⁸.

³¹⁴ E.LÉVI-PROVENÇAL, *HE-MP*, vol. V, p. 322; Pascual de GAYANGOS, *CMR*, p. 25; Ch. PELLAT, “The Origin and Development of Historiography in Muslim Spain”, p.119.

³¹⁵ V. supra n. 16; e J. VALLVÉ, *ob.cit.*, p. 68, n.18.

³¹⁶ Sobre estas obras atribuídas a ‘Īsā al-Rāzī, v. J.VALLVÉ, *ibidem*; e apuntes.rincondelvago.com/anales-palatinos-del-califa-de-cordoba-al-hakam-ii_isa-ibn-ahmad-al-razi.html.

³¹⁷ LÉVI-PROVENÇAL, *HE-MP*, IV, pp. 397-410.

³¹⁸ Sobre o juramento de obediência ao califa Hišām II, e respectivos relatos, dos quais o mais oficial e contemporâneo foi o de ‘Īsā al-Rāzī, v. Maria Luísa ÁVILA NAVARRO, “La proclamación (*bay’a*) de Hišām II”, *AQ* I (1980), pp.79-114, p.82.

Quanto à possível actualização que ‘Īsā terá feito ao apartado geográfico organizado por seu pai, temos as duas notícias relativas a Coimbra e Egitânia, termos que só após 987 voltaram efectivamente às malhas da administração califal, portanto notícias sem cabimento antes daquela data, e muito menos nos reinados de ‘Abd al-Raḥmān III e de al-Ḥakam II 319.

Do ponto de vista das suas obras, ‘Īsā é essencialmente conhecido como um continuador das obras e cargos de seu pai; embora importante, sem dúvida, pelos complementos informativos que proporcionou aos letrados dos séculos seguintes. O que permanecerá uma incógnita, para além das passagens que referimos acima, é a fronteira entre o que era de seu pai e o que foi da sua lavra.

II.5.1.3. Abū ‘Abd Allah Muḥammad ibn Ayyūb ibn Ġālib al-Rifa’ī al-Rusāfi

(*al-Rusāfa*, Valência, 535 / 1140 ? - Málaga, 572 / 1177)

Ibn Ġālib nasceu em al-Rusāfa, perto de Valência cerca de 535 / 1140, e faleceu ainda antes dos quarenta anos em Málaga, no ano de 572 / 1177320.

319 Monarcas que reinaram, respectivamente, entre 912 e 961 e entre 961 e 976 (A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p.323).

Letrado e funcionário do aparelho estatal almóada, foi-lhe entregue a tarefa de escrever uma obra que divulgasse o programa político que a monarquia almóada pretendia levar a cabo em al-Andalus.

Ainda em relação àquela obra, e de não menos importância, é o facto do paralelismo temporal entre a redacção da obra de Ibn Ġālib e o processo de legitimação califal de Abū Ya‘qūb Yūsuf, que culminou no assumir oficial do título de *Amīr al-Mu‘minīn* (Príncipe dos Crentes), ambos os factos acontecidos no ano de 563 / 1168321.

Essa sua obra foi intitulada de *Farḥat al-anfus fī tāṛ’īkh al-Andalus* (*Alegria das Almas na História de al-Andalus*).

II.5.1.3.1. *Farḥat al-anfus fī tāṛ’īkh al-Andalus*

A obra dos al-Rāzī terá sido o modelo e foi uma das fontes (a outra foi a de al-Bakrī)³²², da obra de Ibn Ġālib, da mesma forma que o período califal omíada foi, pelo menos naquela época inicial da presença almóada na Hispânia, o modelo para aquele poder, considerando-se estes como os presuntivos herdeiros daqueles.

³²⁰ Sobre Ibn Ġālib, importante letrado hispano-árabe do século VI/XII, remetemos para um trabalho nosso, que cremos tratar-se do mais recente ponto de situação sobre a vida e a obra daquele autor e alto funcionário almóada: A. REI, “Ibn Ghālib, vida e obra: notas identificativas”, *Arqueologia Medieval* 10, no prelo.

³²¹ IBN ‘IDHĀRĪ, *Al-Bayān al-Muġrib*, ed. A. Huici Miranda: *Los Almohades*, Tetuão, 1953, p.1, n.1 e *KFA*, p.277. Segundo MU’NIS, Ĥ., (“Ibn Ġālib”, *E.I.2*) a redacção da obra ter-se-ia prolongado até ao ano de 565 / 1170.

Dizemos que a obra dos al-Rāzī foi ‘o seu modelo’ porque Ibn Ġālib terá mantido uma estrutura textual idêntica à que teria sido adoptada por aqueles, e que seria, genericamente, a mesma que já inicialmente fora formulada por Orósio³²³.

O propósito programático parece evidente no título que surge no início do ‘compêndio’ (*ta’liq muntaqā*), encabeçando o elenco de espaços andalusis: «*Relação das Cidades de al-Andalus que estavam nas mãos dos Muçulmanos depois do ano 400 da Hégira (1009 d.C.) e referência ao que nelas havia*»³²⁴.

Os Almóadas pretendiam, portanto, restituir o al-Andalus aos limites que tinham sido os seus, precisamente no final do período áureo do califado. Pois foi exactamente naquele mesmo ano de 400 que, com o assassinato do *hājib* ‘Abd al-Raḥmān Sanchuelo *al-Ma’mūn*, o último filho de Muhammad ibn Abī ‘Amir *al-Mansūr*, se precipitou a anarquia que levaria à desintegração do califado³²⁵.

322 V. infra “Outras notícias geográficas”; A.REI, *Memória de Espaços...*, pp.133-140.

323 Ainda assim, o início do texto do ‘compêndio’ de Ibn Ġālib, atendendo às informações presentes (e de alguma maneira identificadas por J. Vallvé na n.l da respectiva tradução), levantam, quanto a nós, algumas questões: tendo em conta o teor daquelas passagens iniciais, será que Ibn Ġālib, terá usado, também ele o Orósio árabe ? Ou terá copiado de al-Bakrī um início que não chegou até nós ? Ibn Ġālib identifica como origem da referência aos três cantos da Hispânia os “antigos cristãos” ou “primeiros cristãos”, referindo-se desta forma a Orósio, pois nas seguintes vezes que faz referências a fontes, e fá-lo por duas vezes, identifica as fontes antigas como «*‘ajam*» (estrangeiros) referindo-se aos romanos. Será que fez aquela diferença porque Orósio era crente na unidade Divina e os antigos romanos pagãos ? ou porque sabia que Orósio era um hispânico e como tal não o identifica como ‘estrangeiro’ ? (v. IBN ĠĀLIB, Muḥammad ibn Ayyūb, «Nass andalusi yadid: qit’a min *Kitāb Farhat al-anfus* li-ibn Galib (*KFA*)», ed.Lutfi ‘ABD AL-BADĪ’, *Majallat Ma’had al-Makhtutāt al-‘Arabiyya* (Rev. Instituto de Manuscritos Árabes), 1, 2 (1955), pp. 272-310, p. 281 ; trad. castelhana de Joaquín VALLVÉ BERMEJO, *Una Descripción de España de Ibn Galib*, in *Anuário de Filologia de la Universidade de Barcelona*, I (1975), pp. 369-84, p. 370). São questões a tratar futuramente. Sobre esta formulação textual de tipo ‘orosiano’ queremos deixar como exemplo que já nos finais do século XX a *História de Portugal*, dirigida por José MATTOSO (VIII vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1993) apresentou no primeiro volume uma Introdução geográfica, e só depois deu início à parte historiográfica (v. vol. I).

324 IBN ĠĀLIB, ed.Lutfi ‘ABD AL-BADĪ’, p. 282 ; trad. castelhana de Joaquín VALLVÉ BERMEJO, p. 372.

E um dos sinais de que aquela era uma vontade programática da política almóada, é que no momento da redacção do ‘compêndio’, já um significativo número dos espaços descritos na obra se encontravam, de facto, em poder dos cristãos.

Da mesma forma, tendo sido Ibn Ġālib um *kātib* (secretário de estado) almóada, nada mais prestigiante para ele do que identificar-se, num mesmo tipo de funções oficiais, e em paralelo, com os grandes al-Rāzī, *kātib/s* do período áureo do al-Andalus, e aos quais tomava como seus modelos e seus predecessores.

E como tal identificou o primeiro deles³²⁶. Encontrámos essa designação de al-Rāzī como *kātib* em Ibn Ġālib, e também em alguns dos mss. da *CMR* e ainda em dois testemunhos da primeira versão da *CI344*, os mss. *M* e *LV* (< *E*), o que nos parece significativo.

No texto do compêndio de Ibn Ġālib, além de duas referências em que surge a expressão “*Diz al-Rāzī*”, uma na parte introdutória e outra no início do elenco de cidades e províncias, há também uma formulação mais extensa e completa: “*Diz Aḥmad al-Rāzī al-Kātib*”, que aparece no início da descrição da cidade de Córdoba 327.

A ordenação das várias componentes geográficas entre o testemunho árabe de Ibn Ġālib e os testemunhos romances também não é idêntica, pois nestes últimos Córdoba encabeça a relação das cidades, não a finaliza, como em Ibn Ġālib 328.

325 LÉVI-PROVENÇAL, *HE-MP*, IV, p.455-62.

326 Aḥmad al-Rāzī tem surgido geral e recorrentemente identificado como *al-tārīkhī* > o historiador. Esta identificação popularizou-se com Gayangos que transcreveu duas passagens em que al-Rāzī é tratado daquela forma. A passagem existiu originalmente em Ibn Hazm, receptada depois por al-Ruṣāʿī (ed. MOLINA LÓPEZ, *ob.cit.*, p. 129) e al-Ḥumaydī (GAYANGOS, *Memória...*, p.16), e finalmente por al-Ḍabbī, discípulo de al-Humaydī (*Idem*, p.15).

327 IBN ĠĀLIB, *Farḥat al-anfus*, ed. Lutfī ‘ABD AL- BADĪ’, p.295.

Talvez no resumo ou ‘compêndio’ Ibn Ġālib tenha alterado a ordem das componentes geográficas, relativamente à ordenação que deu à sua obra maior, a *Farḥat al-anfus*; ou poderá ter havido alteração na ordem dos fólhos, desde a redacção de Ibn Ġālib até à cópia oriental do século XV, que Lutfī ‘Abd al-Badī’ editou 329.

Assim, poder-se-ão pôr as hipóteses de que, no resumo original, e também na *Farhat al-anfus* original, a descrição de Córdova viesse antes das demais cidades; e de que a parte introdutória incluísse uma referência a al-Rāzī, na linha das que estão nos testemunhos romances, e em que o nome figuraria na sua forma completa: *Abū Bakr Aḥmad ibn Muḥammad ibn Mūsā al-Rāzī al-Kātib*.

A mais longa formulação que subsistiu no texto que temos de Ibn Ġālib pode ser que seja um resquício, um fragmento, dessa mais completa identificação que se terá perdido em língua árabe, mas que, melhor ou pior, se conservou nos testemunhos romances³³⁰.

328 Enquanto as Crónicas, quer a *CMR* quer a *C1344* em todos os seus testemunhos textuais, começam a sua descrição espacial por Córdova e terminam em Écija, o manuscrito árabe editado começa em Cabra e acaba em Córdova.

329 A informação sobre a datação do ms., que surge logo no final do primeiro parágrafo do estudo que antecede a edição, diz que “foi escrito, pelo que ostenta, no século XV, em caligrafia naskḥī” (ed. L. ‘ABD AL- BADĪ’, p. 272). O facto de o “compêndio” de Ibn Ġālib ser lacunar na parte em que estariam as duas notícias relativas a Coimbra e à Egitânia, cremos que terá sido uma perda de fólhos anterior à cópia do manuscrito do século XV, pois neste texto a notícia de Santarém é bastante fragmentária, e volta a faltar informação no seu final, faltando também as notícias que viriam logo de seguida, exactamente as de Coimbra e da Egitânia.

330 Vejamos o que se passou relativamente a este conjunto onomástico: “Dixo Abubenquira Mohamad fijo de Mohamad, fijo de Mosa Rasi, el escribano [...]”. (*CMR*, ed. Gayangos, p.34); “Dixo Abubenquir a Mahomat, fijo de Mahomat, fijo de Mose Rrasi, el escriuaño” (*CMR/Ca*, ed. Catalán e Andres, p.11); “[...]Abubequir, que fue coronista de los moros e Mahomad, fijo de Mahomad, nieto de Mose Rasiel, que fuera scrivano [...]” (*CMR/ Mo*, Idem, p.11); “Abubenque Mahomat, fijo de Mahomat, fijo de Mosse Rassis el escribano” (*CMR/ Cop*, ed.C-A, p.3; ed.*C1344e^I*, p.31, n. lin.12; e 287-8); “lo que dize Altobucar a Mafomed, fijo de Mafomad, fijo de Mosarase, el escriuano” (*C1344e^I/ M*, ed.C-A, p.31); “ lo que dice Altabucar a Mafomet fijo de Mafomad fijo de Mossarase el Escriv[a]-no” (*C1344e^I/ LV* (< E), fl. 2).

Os dois textos de Ibn Ġālib, o maior, a *Farĥat al-anfus*, e o menor, o ‘compêndio’, tornaram-se de grande importância pois acabaram por padronizar, ou mais ainda, ‘cristalizar’, uma imagem da Hispânia que atingiu a sua máxima expressão literária enquanto texto laudatório na cronística califal, receptor das *laudes* anteriores: a descrição da Hispânia no período islâmico como a apoteose das *laude Spaniae*.

Mas, simultaneamente, atingiram a sua máxima efectividade pragmática, pois foram destinados também à administração (política, militar, judicial, económica e fiscal) de todo o espaço submetido a Córdoba, como teria acontecido até ao ano 400 da Hégira / 1009 da Era Cristã.

A prova de que aquela descrição se manteve em vigor é-nos dada pela sua cópia e repetição também na cultura cristã-romance dos séculos XIV e XV e ainda na segunda metade do século XVI, quando a chamada Idade Média já tinha ficado para trás³³¹.

II.5.1.4. Outras notícias geográficas

Nos séculos posteriores, constata-se quer a utilização de al-Rāzī como fonte directa por outros autores, quer a utilização de al-‘Udhri³³² e de al-Bakrī³³³, os dois principais geógrafos hispano-árabes do século XI, e também eles devedores, em maior ou menor grau, àquele, como principais referências na imagem espacial da Hispânia / al-Andalus, que passou ao mundo islâmico de então.

³³¹ V. infra II.7.

O que se constata é que quanto mais os diferentes geógrafos se afastaram temporalmente do século X, cada vez menos foram utilizando a obra de al-Rāzī directamente, e cada vez mais através de terceiros³³⁴.

Ainda assim consegue-se rastrear a influência senão dos al-Rāzī directamente, pelo menos de algo que terá passado em obras posteriores, como a obra de al-‘Udhri. O fragmentário da obra deste último também não ajuda a tirar grandes conclusões.

Quanto a al-Bakrī a situação apresenta-se mais complexa, pois este último autor é importante, por várias razões, nesta cadeia de transmissão textual:

332 Abū l-‘Abbās Ahmad ibn ‘Umar ibn Anas AL-‘UDHRĪ (Almeria, 393/1003 - 477/1085), autor do *Tarsī ‘ al-Akḥbār* (O Brocado de Notícias), v. Rafael VALENCIA, “La Cora de Sevilla en el *Tarsī ‘ al-Ajbār* de Ahmad b. ‘Umar al- ‘Udhri”, *AI* IV-V (1983-86), pp. 107-43; Manuel SANCHEZ MARTINEZ, “Rāzī, fuente de al-‘Udhri para la España Preislamica”, *CHI* 3, (1971), pp. 7-49, p. 9-14; F. PONS BOIGUES, *Ensayo...*, nº120 - p.158-9; I. KRATCHKOVSKY, *ob.cit.*, pp.13-14; Ḥusayn MU’NIS, *Tārīkh al-Jaḡrāfiya ...*, pp. 81-97; A.REI, *Memória de Espaços...*, pp. 56-57. Sobre a obra de AL-‘UDHRĪ e as suas problemáticas, v. Ḥusayn MU’NIS, *ibidem*.

333 Abū ‘Ubayd ‘Abd Allah ibn ‘Abd al-‘Azīz AL-BAKRĪ (Huelva, 405/1014 - Córdoba, 487/1094) (v. José ALEMANY BOLUFER, “La geografía de la Península Ibérica en los escritores árabes”, *RCEHGR*, ts. IX-XI (1919-1921): al-Bakrī, t. IX, 153-154; E.LÉVI-PROVENÇAL, “Abū ‘Ubayd al-Bakrī”, *E.I.*², t.I, pp. 159-61; A.REI, *idem*, pp. 57-58); autor do *Kitāb al-Masālik wa-l-Mamālik*, (ed. ed. Adrian VAN LEEUWEN e André FERRÉ, 2 vols., Cartago-Tunísia, Al-Dār al-‘Arabiyya li-l-Kitāb, 1992 (usamos esta ed.); trad. parc. castelhana de Eliseo VIDAL BELTRÁN, *Geografía de España (Kitāb al-Masālik wa-l-Mamālik)*, Saragoça, Anubar, 1982. Ver ainda os pontos de situação sobre al-Bakrī que surgem em B. SANCHEZ ALONSO, *La Historia de la historiografía...*, p. 199; e na *Enciclopedia de al-Andalus* (dir. Jorge LIROLA DELGADO e José Miguel PUERTA VILCHEZ), Tomo I, Fundación El legado andalusí e Junta e Andalucía, [2002], “al-Bakrī”, pp.92-97.

334 Sobre este ‘afastamento textual’ relativamente à obra de Ḥmad al-Rāzī ou de ambos os al-Rāzī, v. A. REI, *Memória de Espaços...*, Anexo V: «A ‘Descrição Geográfica’ de RZ, segundo autores andalusis dos séculos V/XI a VII/XIII», pp. 211-212.

- em primeiro lugar, também al-Bakrī utilizou Orósio como fonte, deixando, portanto, de ser possível afirmar que tudo o que tenha origem naquele autor tardo-antigo virá de al-Rāzī;

- em segundo lugar, al-Bakrī acabou sendo, com al-Rāzī, a outra fonte (ou a principal das outras fontes), que Ibn Ġālib usou para a sua obra maior, em especial no apartado geográfica. E em consequência deste facto o que acabou passando para os séculos seguintes, quer na cultura hispano-árabe quer na hispano-romance, nos séculos XIII e inícios do XIV, terá sido a transmissão do texto de Ibn Ġālib, tendo este texto substituído o de al-Rāzī, embora o nome mítico deste último tivesse permanecido colado à obra daquele.

- em terceiro lugar, põe-se uma questão: al-Bakrī teve al-Rāzī como fonte, enriquecendo o seu próprio texto em alguns pontos, ou terá ele elaborado a sua própria obra, prescindindo de al-Rāzī, mas coincidindo, no entanto, em fontes que al-Rāzī também já utilizara ? A diferente estrutura da obra, pelo menos naquilo que ainda subsiste do relativo a al-Andalus, leva-nos a supor que possa ter ocorrido o segundo caso, sem que possamos, naturalmente, ser conclusivos, pois isso implicaria um outro estudo.

De qualquer maneira, uma memória directa de al-Rāzī ou em conjunto com qualquer outro autor, sendo o principal al-Bakrī, continuou a ser constatada desde o século XII, até aos finais do século XIV - inícios do XV, quer entre autores hispano-árabes, quer entre os magrebis e os orientais, embora encontremos uma tardia, e importante, excepção, já no século XI h. / XVII d.C.

Entre os autores geográficos que foram receptores, directos ou indirectos de al-Rāzī e além de al-‘Udhri e al-Bakrī, contam-se, no século XII, à excepção de Ibn Ġālib, ainda al-Ruṣāṭī³³⁵, Ibn al-Kharrāt³³⁶, al-Ĥijārī³³⁷ e al-Idrīsī³³⁸; no século XIII, foram Yāqūt³³⁹, Ibn Sa‘īd³⁴⁰,

335 Abū Muḥammad ‘Abd Allah ibn ‘Alī al-Lakḥmī Al-Ruṣāṭī (Orihuela [Murcia], 466/1074 - Almeria, 542/1147), autor do *Iqtibās al-Anwār* (Apreensão das Luzes), v. Sobre a sua vida e obra v. AL-RUṢĀṬĪ, *Iqtibās al-Anwār*, ed.parc. E. MOLINA LÓPEZ e J.BOSCH VILÁ, *Al-Andalus en el «Kitāb Iqtibās al-Anwār» y en el «Ijtisār Iqtibās al-Anwār»*, Madrid, CSIC, 1990, p.17-18; Maribel FIERRO, “al- Ruṣāṭī”, *E.I.*², T.VIII, p.654; F. PONS BOIGUES, *Ensayo...*, nº 169, p.207; A. REI, *Memória de Espaços...*, p. 59.

336 Abū Muḥammad ‘Abd al-Haqq ibn ‘Abd al-Rahman ibn ‘Abd Allah ibn Husayn ibn Ibrahim al-Iṣbīlī, mais conhecido como Ibn al-Kharrāt (Sevilha, 510/ 1116 – Bugia, 581/ 1187), Sobre a sua vida e obra v. AL-RUṢĀṬĪ, *Iqtibās al-Anwār*, ed.parc. E. MOLINA LÓPEZ e J.BOSCH VILÁ, *Al-Andalus en el «Kitāb Iqtibās al-Anwār» y en el «Ijtisār Iqtibās al-Anwār»*, Madrid, CSIC, 1990, pp.19-20.

337 Sobre al-Ĥijārī, iniciador da compilação (*Mushib*) que mais tarde deu origem ao *Mughrib*..., de Ibn Sa‘īd v. F. PONS BOIGUES, *Ensayo...*, nº 178, pp.221-3. Sobre o processo que levou à elaboração da segunda obra a partir da primeira, v. *idem*, nº 259, pp. 303-6; v. ainda supra n. 2.

Este autor e o anterior são autores subsidiários, respectivamente, de Ibn Sa‘īd e de al-Ruṣāṭī. Mas enquanto Ibn al-Kharrāt ainda supre lacunas em al-Ruṣāṭī, al-Ĥijārī tem os seus contributos totalmente integrados, ainda que geralmente identificados, no *al-Mugrib* de Ibn Sa‘īd.

338 Abū ‘Abd Allāh Muḥammad ibn ‘Abd Allāh al-Šarīf AL-IDRISĪ (Ceuta, 493/1099 - 560/1165-6), autor do *Nuzhat al-Mushtāq* (O Prazer do Desejoso), Vida: v. G. OMAN, “al-Idrīsī”, *E.I.*², t. III, p.1058-61; F. PONS BOIGUES, *Ensayo...*, nº 191, p.231-40; J. ALEMANY BOLUFER, *ob.cit.*, t. IX, p.154-5; I. KRATCHKOVSKY, *ob.cit.*, p.26.; Obra: al-Idrīsī, *Nuzhat al-Mushtāq* (ou *Kitāb Rujjār*), ed. E. CERULLI et all., *Opus Geographicum*, Napoles-Roma, IUON-IIMEO, E.J.Brill, [Leyden], 1975; trad. portug: J.P. MACHADO, “A Península Hispânica segundo um Geógrafo Árabe do Séc. XII” in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, nº1-3, 1964, pp. 17-53; trad.parc.portug: A.Borges COELHO, *PEA* 1, pp.65-72. Sobre a vida e a obra de ID v.ainda H. MU’NIS, *Tārīkh al-Jaġrāfya* ..., pp.165-280; B. SANCHEZ ALONSO, *La Historia de la historiografia...*, pp. 199-200; A. REI, *Memória de Espaços...*, p. 59-60.

339 YĀQŪṬ, *Mu‘jam al-buldān*, ed. Beirute, 5 vols., 1957 ; trad.parc.cast. Gamal ‘ABD AL- KARĪM, “La España musulmana en la obra de Yāqūt”, *Cuadernos de Historia del Islam*, 6, 1974, pp. 60-307; para a vida de Yāqūt, v. em especial pp. 23-29; trad.parc.cast. J.A. RODRIGUEZ LOZANO, “Nuevos topónimos relativos a al-Andalus en el *Mu‘jam al-buldān* de Yāqūt”, *Cuadernos de Historia del Islam*, 8, 1977, pp. 57-84; trad.parc.portuguesa A. REI, “O Gharb al-Andalus em dois geógrafos árabes do século VII / XIII: Yāqūt al- Ĥamāwī e Ibn Sa‘īd al-Maġribī”, in *Medievalista on line*, nº1 (2005), Instituto de Estudos Medievais, www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista, 22 pp.; A. SIDARUS e A.

Ibn al-Šabbāt³⁴¹ e al-Qazwīnī³⁴²; no século XIV, al-Himyarī³⁴³ e a obra anónima *Dhikr bilād al-Andalus* ³⁴⁴. A figura que em muitos casos usou informações de vários daqueles anteriores, e já no século XVII, foi al-Maqqarī (1577-1632) ³⁴⁵.

REI, “Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7, Mértola/Porto, CAM/ Afrontamento, 2001, p. 37-72; A.REI, *Memória de Espaços...*, pp. 62-63; A. REI, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo.

340 IBN SA‘ĪD: v. supra n.1.

341 IBN AL-ŠABBĀT, *Silat al-Simt*, ed. AL-‘ABBĀDĪ, *Ta’rīkh al-Andalus li-Ibn Kardabūs wa wasfu-hu li -Ibn al-Šabbāt*, Madrid, IEI, 1971; trad.parc.castelhana de E.de SANTIAGO SIMÓN, “Un fragmento de la obra de Ibn al-Šabbāt (s.XIII) sobre al-Andalus”, *CHI* 5 (1973), p. 5-89; A.REI, *Memória de Espaços...*, pp. 64-65. Para o espaço português, v. A. REI, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo.

342 AL-QAZWĪNĪ: para a biografia v. Fátima ROLDÁN CASTRO, *El Occidente de al-Andalus en el Āthār al-bilād de al-Qazwini*, Sevilha, Alfár, 1990, pp. 15-9; T. LEWICKI, “Al-Kazwīnī”, *E.I.*², t.IV, pp. 898-900. Obra: al-Qazwīnī, *Āthār al-bilād*, Beirute, Dār Sādir, 1380/1960; trad.parc.castelhana de Fátima ROLDÁN CASTRO, *ob.cit.*; e T. LEWICKI, *ibidem*. Para o espaço português, v. A. REI, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo.

343 AL-ĤIMYARĪ: informações biográficas em T. LEWICKI, “Ibn ‘Abd al-Mun‘im al-Ĥimyarī”, *E.I.*², t.III, pp. 697-8; *Kitāb Ar-Rawd al-Mi‘tār*, trad.parc.castelhana de Maria P. MAESO GONZÁLEZ, Valencia, Anúbar, 1963, parte introdutória; H.MU’NIS, *Tārīkh al-Jağrāfiya...*, pp.529-50; *Enciclopedia de al-Andalus* (dir. Jorge LIROLA DELGADO e José Miguel PUERTA VILCHEZ), “al-Himyarī”, T. I, pp. 249-255. Obra - al-Himyarī, *Al-Rawd al-Mi‘tār*, ed. I. ‘ABBĀS, Beirute, Nasser Foundation for Culture, 1980; ed.parc. E. LÉVI-PROVENÇAL, *Šifāt al-Andalus min Rawd al-Mi‘tār*, 2ª ed., Beirute, Dār al-Jayl, 1988; trad. parc. francesa de E. LÉVI-PROVENÇAL, *La Péninsule Ibérique au Moyen Âge, d’après le Kitāb Ar-Rawd al-Mi‘tār fi habar al-aqtār d’Ibn ‘Abd al-Mun‘im al-Himyarī*, Leyden, E.J.Brill, 1938; trad. parc.castelhana de Maria P. MAESO GONZÁLEZ, *Kitāb Ar-Rawd al-Mi‘tār*, Valencia, Anúbar, 1963. Para o espaço português, v. A. REI, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo.

344 *Dhikr Bilād al-Andalus*, ed. e trad.castelhana de Luis de Molina, *Una Descripción Anónima de al-Andalus*, II Tomos, Madrid, CSIC, 1983. Sendo obra anónima, o ponto de situação sobre a obra e sua contextualização histórica e cultural, v. t. II, pp.303-23.

345 AL-MAQQARĪ, Vida: E. LÉVI-PROVENÇAL (/ Ch. PELLAT) , “Al-Makkarī”, *E.I.*², t.VI, pp.170-172; Obra: *Nafh al-Tīb*, ed. I. ‘ABBĀS, 2ª. ed, 8 vols., Beirute, 1988; trad. parc. inglesa Pascual de GAYANGOS, *The History of Mohammedan Dynasties in Spain*, Nova Iorque-Londres, 2 vols., 1964 (reimp.da ed.1840). Para o espaço português, v. A. REI, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo.

II.5.2. ‘Laudes’ literárias

Pretendemos abordar este aspecto paralelamente ao anterior, da mesma forma que no capítulo seguinte trataremos outros autores que não estiveram directamente relacionados com os textos sucedâneos do texto árabe traduzido. Trata-se de tentar aperceber de que forma o tipo laudatório continuava a existir, mais ou menos longe das ideologias e das estruturas dos diferentes poderes que foram existindo na Hispânia.

Como já referimos atrás, a partir do momento em que ficou claro que a unidade califal não mais existia, começou a manifestar-se entre os letrados hispano-andaluses quem se pusesse a compor textos exortativos sobre as excelências desta «terra do fim do mundo», e sobre as inúmeras bênçãos que a Divindade aqui colocara, apelando assim, para a defesa da mesma.

Entre os autores literários hispano-árabes que escreveram ‘laudes’ à sua terra-mãe durante aquele período contam-se, diacronicamente, Ibn Ḥazm (séc.IV/X-V/XI)³⁴⁶, al-Ḥumaydī (séc.V/XI)³⁴⁷, Ibn Bassām (séc.V/XI-VI/XII)³⁴⁸, al-Ḥijārī (séc.V/XI-VI/XII)³⁴⁹, al-Šaqundī (séc.VI/XII-VII/XIII)³⁵⁰, Ibn Sa’īd (séc.VII/XIII)³⁵¹ e Abū’l-Baqā al-Rundī (séc.VII/XIII)³⁵².

³⁴⁶ V.infra II.5.2.1.

³⁴⁷ Al- Ḥumaydī (séc.V/XI), foi discípulo de Ibn Ḥazm (A. HUICI MIRANDA, *E.I.*², vol.III, p. 593-4).

Também os ‘cronistas califais’ escreveram textos desta natureza, alguns dos quais só se conhecem precisamente porque os autores atrás citados os utilizaram para os seus próprios trabalhos³⁵³.

De todo este conjunto de autores iremos deter-nos mais atentamente sobre Ibn Ĥazm e al- Šaqundī por nos parecerem os mais significativos, quer pelos textos das *risāla/s* em si mesmos, quer pela época e contextos, político e cultural, em que cada uma delas foi redigida.

Quanto aos outros autores, os seus textos são mais curtos e quanto a nós menos marcantes. Do conjunto apenas queremos ressaltar Abū’l-Baqā al-Rundī por uma razão muito concreta: é, daquele conjunto, o único da sua geração que foi testemunha directa do avanço inexorável dos castelhano-leoneses em direcção ao Guadalquivir, e dos aragoneses em direcção à região de Valência.

Tanto quanto conhecemos, este autor foi o único que perante a condição insustentável do Islão hispânico após a conquista de Sevilha, e simbolizando nela a queda dos muçulmanos andalusis na precaridade e na indigência, compôs uma *elegia* (*riṭā’*), um lamento por esta cidade³⁵⁴. É um exe

348 Sobre Ibn Bassām al-Šantarīnī (o de Santarém), autor da colectânea *al-Dakhīra*, v. *E.I.*², vol.III, p. 756-757; e as antologias de IBN SA’ĪD, *al-Mughrib...*, I, pp.417-418; e IDEM, *Râyât...*, tx. ár. p.16; tx. cast. p.141 e n. XIII.

349 Sobre al- Ĥijārī, v.supra n.2; a sua ‘laude’ está em AL-MAQQARĪ, *Naḥḥ...*, VII, pp.155-156.

350 v.infra II.5.2.2.

351 V.supra n.1

352 Sobre Abū’l-Baqā al-Rundī, v. Fernando de la GRANJA, *Maqāmas y Risālas Andaluzas*, Madrid. CSIC, 1976, pp.143-155.

353 V. a recolha que Joaquín VALLVÉ apresenta na sua *División...*, pp. 69-96, e onde constam também ‘laudes’ atribuídas a Aḥmad al-Rāzī e a Ibn Ġālib (*idem*, pp.72-77 e 84-86).

II.5.2.1. Abū Muḥammad ‘Alī ibn Aḥmad ibn Ḥazm
(Córdova, 384/994 – Montija, Huelva, 456/1063)

Nasceu em Córdova numa família cujo pai era um dos funcionários de confiança do *hājib al-Mansūr*. Educado na Córdova califal, desde cedo manifestou interesse pelas questões jurídico-teológicas, às quais acabou mais tarde por se vir a dedicar. A crise que levou ao fim do califado provocou o descrédito de seu pai e precipitou a ruína da sua família. Tendo abandonado Córdova em 404/1013, participou durante alguns anos, até 409/1019, em conspirações que visavam a restauração dos Omiadas.

Esteve preso entre 409/1019 e 414/1023, e foi durante este período que escreveu uma das suas obras mais famosas, “O colar da pomba” (*Tawq al-Ḥamāma*). Naquele último ano participou ainda numa fugaz experiência governativa, durante o meteórico reinado de ‘Abd al-Raḥmān V, que durou mês e meio, findo o qual acabou novamente na prisão.

Passou depois a dedicar-se exclusivamente às matérias jurídicas, até ao final da sua vida, mais ou menos errante, onde polemizou, discutiu, escreveu e ensinou. Ficaram famosas as suas polémicas com o faqīh malikī Sulaymān ibn Khalaf al-Bājī, em Maiorca, no ano de 430/1039.

354 O poema de Abū’l-Baqā al-Rundī, que parece ser mais conhecido como *qasīda nūniyya* ou *qasīda em nūn*, também já o vimos identificado como *Riṭā’u Iṣbīlya* (‘Umar Farūq ‘Abd Allāh, *Riṭā’u Iṣbīlya / Lamento de la caída de Sevilla*, Conferência na Academia de Yusuf I, Granada, 1982, 3 pp.[2 pp. árab; 1 p. castelhano], policop.).

Terminou a sua vida numa propriedade rural, solar original da sua família, situada na zona de Huelva, mais exactamente em Montija. Lá veio a falecer em 456/1063355.

II.5.2.1.1. *Risāla fī faḍl al-Andalus*

Sem dúvida um dos principais panegíricos à Hispânia, em qualquer época, e um dos mais importantes surgidos de um punho hispano-árabe³⁵⁶. Escrito já no período em que o califado desaparecera definitivamente³⁵⁷, revela a necessidade que os letrados sentiam de se tornarem os arautos dos valores que eram entendidos como sendo os básicos da sociedade andalusi, e que como tais tinham dado azo a que a mesma sociedade tivesse atingido um auge político e civilizacional.

355 Sobre a vida e obra de IBN HĀZM, v. R. ARNALDEZ, “Ibn Hazm”, *E.I.*, III, pp. 814-822; B. SANCHEZ ALONSO, *La Historia de la historiografia...*, pp. 183-184 e 189; Teresa GARULO, “La Literatura”, *HE-MP*, t. VIII-1, *Los Reinos de Taifas. Al-Andalus en el siglo XI* (dir. Maria Jesús VIGUERA MOLÍNS), Madrid, Espasa-Calpe, 1994, pp. 589-647, “Ibn Hazm”, pp. 604-611; e *El Collar de la paloma*, trad. Emilio GARCÍA GÓMEZ, 5ª. ed., Alianza Editorial, 1981, “I. La vida de Ibn Hāzm de Córdoba”, pp. 29-51.

356 O principal texto onde IBN HĀZM louva a sua terra natal chama-se, *Risāla fī faḍl al-Andalus (Epistola sobre a excelência de al-A.)*, ed. em AL-MAQQARĪ, *Nafḥ al-Tīb*, IV, cap. VII, pp. 156-186 ; trad.franc. Ch. PELLAT, “Ibn Hāzm, bibliographe et apologiste de l’Espagne musulmane”, *AA XIX* (1954), p.53-102, pp. 85-86.

357 Em desagregação desde 1009, só em 1031 a instituição califal foi abolida em Córdoba (v. Rachel ARIÉ, «Espana Musulmana (siglos VIII-XV) », *História de España* (dir. M.TUÑÓN DE LARA), Barcelona, Labor, 1984, pp.26-27; A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 82.

Ibn Hāzm compôs esta *Risāla* a pedido e por instigação do monarca da taifa de Alpuente³⁵⁸. Logo no início do texto, e depois de dizer por que razão o mesmo tinha sido redigido, reserva para Aḥmad al-Rāzī o lugar de honra, citando-o em primeiro lugar na sua obra. Um outro aspecto desta deferência para com al-Rāzī relaciona-se com o facto de o voltar a referir uma segunda vez, mas neste caso integrado na extensa lista de letrados andalusis que dá corpo ao texto. Esta segunda citação é mesmo mais longa e é onde surgem os títulos das obras que Ibn Hāzm conhecia do cronista califal do século X.

Entre a referência inicial a al-Rāzī e o início da listagem temática dos diferentes letrados, organizados pelas áreas do conhecimento em que sobressaíram, apresenta dois pequenos intróitos: um *ḥadīth* (dito) do Profeta Muḥammad tradicionalmente relacionado com o al-Andalus, e sobre o qual discorre com alguma extensão³⁵⁹; e o que poderemos designar como uma pequena ‘laude’ sobre a cidade de Córdova, estabelecendo comparações entre esta cidade andaluza e outras cidades do Norte de África e da Mesopotâmia, não podendo deixar de referir entre estas Bagdad, a capital dos Abássidas³⁶⁰.

É um texto estruturalmente muito sistemático, na sua organização temática e erudita. Nele predomina a componente mental, diferenciando-se também neste aspecto, do texto de al-Šaqundī, que veremos adiante.

358 IBN HAZM, *Risāla fī faḍl al-Andalus*, ed. p. 160 e n.1; trad. p.62.

359 *Idem*, ed. pp. 161-162; trad. pp. 64-67.

360 *Id.*, ed. pp. 163-166; trad. pp. 67-73.

II. 5. 2. 2. Abū-l-Walīd Ismā‘īl ibn Muḥammad al-Šaundī

(Secunda, Córdova, 2ª metade do séc. VI/XII – Sevilha, 629/1232)

Provavelmente natural de Secunda, povoação próxima de Córdova, ilação extraída a partir da sua *nisba*,³⁶¹ muito pouco se sabe acerca da vida deste letrado do período almóada em al-Andalus.

Fez estudos jurídicos, tendo sido Juiz (*qāḍī*) em Baeza, Lorca e Ubeda. Da sua produção literária apenas se conhece um título: *Kitāb Turaf al-Žurafā*’ (Livro das novidades dos perspicazes), antologia poética perdida da qual só restam alguns excertos, principalmente recolhidos por Ibn Sa‘īd, cujo pai foi amigo de al-Šaundī.

O texto mais conhecido e praticamente o único que subsistiu íntegro e que foi produto da sua pluma é a sua *Risāla fī faḍl al-Andalus* (Epístola sobre a excelência de al-Andalus).

³⁶¹ Nome de origem (F. CORRIENTE, *Diccionario Árabe-Español*, 2ªed., Madrid, IHAC, 1986, p. 756)

Veio a falecer em Sevilha, no ano de 629 / 1232³⁶².

II.5.2.2.1. *Risāla fī faḍl al-Andalus*

A obra de al-Šaqundī foi elaborada em resposta a um desafio que surgiu numa tertúlia literária que teve lugar na residência do governador almóada de Ceuta. Nesse texto quer al-Šaqundī, o andalusi, quer Ibn al-Mu‘allim al-Tanjī, o berbere, deveriam redigir um elogio às suas respectivas pátrias³⁶³. A *risāla* de al-Šaqundī, uma preciosidade do género panegírico árabe sobre al-Andalus, apresenta uma estrutura diferente da que encontramos na *risāla* de Ibn Ḥazm. Esta está organizada numa primeira parte em função dos principais personagens da política, da ciência, da poesia e da bravura guerreira, assim distribuídos em forma temática simplificada, menos elaborada do que a de Ibn Ḥazm³⁶⁴.

³⁶² Sobre a vida e a obra de al-Šaqundī, além do que vem referido supra n. 3, v. ainda B. SANCHÉZ ALONSO, *La Historia de la historiografía...*, pp. 192-193; Victoria AGUILAR, “Instituciones militares. El ejército”, *HE-MP*, t. VIII-2, *El Retroceso Territorial de al-Andalus – Almorávides y Almohades. Siglos XI al XIII* (dir. Maria Jesús VIGUERA MOLÍNS), Madrid, Espasa-Calpe, 1997, pp. 189-208, p. 194; Maribel FIERRO, “La Religión”, *HE-MP*, t. VIII-2, pp. 437-549, p. 448 e 512.

³⁶³ AL-ŠAQUNDĪ (*apud* AL-MAQQARĪ, *Nafh...*)ed. p.186; E. GARCÍA GÓMEZ, trad. 73-75.

³⁶⁴ *Idem*, ed. pp.187-212; *idem*, trad. 75-119.

Segue-se uma segunda parte com uma organização de cariz geográfico, e onde elabora elogios às cidades de al-Andalus. Curiosamente não procurou dar uma imagem de um al-Andalus que já não existia; pelo contrário, referiu apenas as cidades que ainda estavam sob autoridade islâmica: Sevilha, então a capital, Córdoba, a antiga capital califal, Jaén, Granada, Málaga, Almeria, Murcia, Valência e Maiorca³⁶⁵. Não apresenta, no entanto, qualquer notícia relativa ao *Gharb al-Andalus*.

Ou seja, reteve as memórias pessoais relacionadas com os outros espaços já em poder dos cristãos, mas não pretendeu sequer reter a memória desses mesmos espaços. Pode considerar-se, portanto, que existiu uma ‘honestidade diacrónica’ na forma como usou e tratou os dados de que dispunha.

Trata-se de uma obra onde o lado mais emocional predomina, pois, ao contrário de Ibn Hāzm, já não existe tempo para preparar reflexivamente a resistência. Ibn Hāzm nem sequer foi contemporâneo, pois faleceu mais de duas décadas antes da conquista de Toledo, com tudo o que essa conquista representou, quer simbolicamente quer estrategicamente.

Al-Šaḡundī, que escreveu o seu texto século e meio depois do falecimento de Ibn Hāzm, já tinha a perfeita consciência da inexorabilidade do recuo islâmico ante o avanço dos cristãos e da manifesta incapacidade para reverter o curso dos acontecimentos; daí a sua leitura, que mais do que para ser lida já é quase para ser gritada³⁶⁶.

³⁶⁵ *Idem*, ed. pp.212-222; *idem*, trad. 120-139.

³⁶⁶ AL-ŠAḠUNDĪ, *Risāla fī faḍl al-Andalus (Epistola sobre a excelência de al-A.)*, ed. em AL-MAQQARĪ, *Nafḥ al-Tib*, IV, cap. VII, pp.186-222 ; trad. castelhana E. GARCÍA GÓMEZ, «Elogio del Islam Español », in *Andalucia contra Berberia*, Univ.de Barcelona, 1976, pp.43-141.

Pretendeu em simultâneo, e foi este o motivo da *risāla*, enunciar aquilo que faria os andalusis serem civilizacionalmente superiores aos berberes, tendo feito do seu texto também uma espécie de ‘panfleto’ contra o domínio berbere na Hispânia, que se estendia há mais de um século, desde que os Almorávidas a tinham ocupado política e militarmente desde meados da última década do século XI.³⁶⁷

II.5.2.3. Colectâneas literárias

São ainda de citar algumas obras mais tardias, de cariz mais ou menos enciclopédico, que apresentavam muitas personalidades importantes da cultura hispano-árabe, e que acabaram por preservar algumas passagens da memória panegírica que al-Rāzī organizara em forma de relato geográfico-administrativo³⁶⁸. Pelo facto de serem tardias, nelas é mais palpável esse sentimento de rememoração dos momentos e dos homens mais significativos do passado hispano-árabe.

³⁶⁷ V. Rachel ARIÉ, *ob.cit.*, p. 520.

³⁶⁸ Apesar de existirem importantes antologias literárias que elencam inúmeros letrados hispano-árabes apenas pretendemos citar aqui obras que sejam devedoras, em maior ou menor grau, à tradição textual iniciada em Aḥmad al-Rāzī, e que apresentem componentes de carácter geográfico.

São de referir, entre elas, duas colectâneas de Ibn Sa'īd, *al-Muğrib* e *al-Rayāt* 369, as quais obedecem a um modelo estrutural semelhante: são, genericamente, listagens de autores organizadas geograficamente. Mas enquanto na primeira cada grupo de letrados é precedido de uma informação geográfica mais ou menos extensa sobre a cidade ou região em questão (e por tal razão também é importante como fonte geográfica), na segunda obra a vertente espacial não é tão valorizada e é dada importância aos próprios autores que são organizados em função dos mais altos cargos por eles desempenhados. Exalta-se a memória desses grandes vultos, literários e políticos, e, paralelamente, das povoações e regiões que lhes foram berço, fazendo do todo mais uma 'laude' à Hispânia islamo-árabe, o al-Andalus.

São de referir ainda as obras de carácter enciclopédico e naturalmente já um pouco tardias, levadas a cabo por dois letrados do Médio Oriente, Yāqūt e al-Qazwīnī, que escreveram ambos no século VII/XIII; e pelo norte-africano al-Ĥimyarī, do século seguinte. Todos eles foram autores de obras tipo 'dicionários geográficos', organizados alfabeticamente e, por isso, portadores de informações geográficas muito pontuais e localizadas. Assim, aquelas condicionantes tornam por vezes difícil perceber o espaço hispânico de forma mais global, ou mesmo regional. No entanto, todos eles, devido ao frequente uso que fizeram de fontes de matriz 'raziana', possibilitam suprir alguns erros e omissões em outros textos da mesma tradição textual mas que se encontram em estado fragmentário.

369 Sobre o *al-Muğrib*, v. supra n. 1; Sobre *al-Rayāt*: IBN SA'ĪD, *Kitāb Rāyāt al-Mubarrizīn*, ed. e trad. castelhana E. GARCÍA GÓMEZ, *El Libro de las Banderas de los Campeones, de Ibn Sa'īd al-Mağribi*, Madrid, Instituto de Valencia de Don Juan, 1942.

Yāqūt, para a Hispânia, usou sobretudo Ibn Ġālib, do qual aproveitou informações com paralelos nas encontradas na *CMR* e na *C1344* 370. Por sua vez al-Ĥimyarī e al-Qazwīnī, (este último que também usou Yāqūt), facultam-nos passagens de, respectivamente, al-Bakrī e al-‘Udhri, e, desta forma, ajudam a restituir informações sobre obras só conhecidas de forma muito fragmentária, como são as deste dois últimos autores do século V/XI.

Um caso diferente é o do texto anónimo *Dhikr bilād al-Andalus* 371. É uma obra que pode ser entendida, toda ela, como um panegírico à Península hispânica. Destinar-se-ia esta obra a exortar os merínidas norte-africanos a mais uma tentativa de recuperação do espaço peninsular que já tinha estado sob o domínio islâmico e que naquele entretanto apenas se encontrava reduzido ao reino de Granada.

Desde *ahādith* do Profeta Muḥammad correlacionáveis com esta ‘quase-ilha’ a uma descrição espacial da Península e das benesses com que a Divindade a brindara, até à citação dos monarcas que tinham feito a glória do al-Andalus, todo este conjunto de textos estava destinado a excitar a fé, o orgulho ou a simples ambição dos muçulmanos do outro lado do estreito³⁷².

370 V. A.REI, *Memória de Espaços...*, p. 135.

371 V. supra n. 56.

372 Conjunto de *ahādith*, alguns deles de origem duvidosa, reunidos neste contexto de apologia de al-Andalus e integrados nesta obra (Luís MOLINA, *Dhikr...*, tx.ár., I, pp.15-22; trad.cast. II, pp. 22-29); alguns desses *ahādith* foram recolhidos também por J. VALLVÉ, *División...*, pp. 23-31). O curioso é que os autores que começam a apresentar estas recolhas de *ahādith* são do período entre a segunda metade do século XI e os finais do século XIII, ou seja, são contemporâneos do início e do rápido retrocesso territorial do Islão hispânico. O sentimento de crise cada vez mais presente leva ao surgimento destes textos (Luís MOLINA, *Dhikr...*, Estudo: II, p.307). Relatos similares encontrar-se-ão de novo na literatura mourisca do século XVI (v.infra II.7.).

Luís Molina, responsável pela edição do manuscrito e pela tradução castelhana do mesmo, situou a redacção do *Dhikr* entre os finais do século XIV e o século XV, mas conseguiu encontrar um nicho cronológico que seria aquele em que, mais provavelmente poderá ter ocorrido aquela composição: nos anos anteriores ao da ‘reconquista’ islâmica de Algeciras, ocorrida em 1369. A conquista de Algeciras, que acabou não tendo depois qualquer seguimento, foi realmente um fruto da coligação militar merínida-násrida, ocorrida durante os reinados, respectivamente, do merínida ‘Abd al-‘Azīz e do násrida Muḥammad V³⁷³.

373 Sobre todas as questões que envolvem a datação do manuscrito, v. Luís MOLINA, *Dhikr...*, v. t. I, pp. XIII-XIX e t. II, pp.303-308.

II. 6. Período Neo-Godo (Séculos XIII-XV)

II. 6. 1. Introdução: os primórdios asturo-leoneses

Embora nos cinjamos a este período cronológico, convém ter presente que existe todo um período anterior, desde os primórdios da monarquia asturiana e em que se foi ‘re-criando’, aos poucos, a ideologia ‘imperial’ visigoda adaptando-a às novas circunstâncias.

No reinado de Afonso II (791-842) foi identificado o túmulo de S. Tiago, facto e lugar que se tornaram de grande importância na construção do edifício ideológico neo-godo e também para a sua sacralização, pois aquelas relíquias eram a confirmação de que a Divindade outorgava à monarquia asturiana a tarefa da restauração do poder e do prestígio da cristandade hispânica. Em consequência, o Apóstolo foi adoptado como Protector (*patronus*) daquela monarquia ³⁷⁴.

³⁷⁴ Sobre a importância da descoberta do túmulo de S. Tiago no discurso ideológico e sacralizador da monarquia asturiana, v. Luís KRUS, “Tempo de Godos...”, pp. 112-114; O papel de Afonso II na consolidação daquela monarquia, e na adopção de S. Tiago como patrono da Hispânia, v. A. RUCQUOI, *ob.cit.*, pp. 135-138, especialmente p.136.

Já no início do mesmo reinado, coincidindo com as revoltas moçárabes no *Gharb al-Andalus* ocorridas nos primórdios do século IX, tinham sido recebidos em Oviedo, no ano de 802, os restos mortais da St^a. Eulália, enviados pelos cristãos de Mérida, por receio de uma eventual profanação que pudesse ocorrer durante os tumultos³⁷⁵.

No reinado de Afonso III (866-910) foi dada continuidade àquela ‘construção ideológica’³⁷⁶. Entre outros aspectos queremos salientar dois, que entendemos de importância neste contexto: em primeiro lugar, a acumulação de ‘capital sacralizante’ - alfaías de igreja, livros ³⁷⁷ e principalmente a recepção de relíquias de mártires que foram depositados na Igreja de Oviedo. Às relíquias de St^a. Eulália de Mérida, juntaram-se, em 884, as de alguns dos mais destacados “mártires de Córdova”, entre os quais as do próprio Eulógio, o principal mentor das manifestações

³⁷⁵ Sobre esta trasladação de St^a. Eulália, v. Isidro de las CAGIGAS, *Los Mozárabes*, T.I, p.177, n.54; e M. DÍAZ Y DÍAZ, “La circulation des manuscrits...”, *CCM*, p. 222.

³⁷⁶ O poder de Afonso III foi designado pelos seus escribas oficiais como *imperium* (A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 141). Essa ‘construção’ manteve-se e mesmo quando muitas das questões entre os diferentes monarcas cristãos do norte peninsular eram decididas em Córdova, eles continuaram a usar titulaturas de tipo imperial, algumas mesmo com um sabor claramente bizantino. Por exemplo, o rei Ramiro III (966-984) (*Idem*, p.327), contemporâneo portanto do reinado de al-Hakam II e do início do reinado de Hishâm II, e paralela ascensão de Ibn Abî ‘Âmir al-Mansûr, usou os títulos de *Princeps Magnus* e de *Basileus* (*Idem*, p.152).

³⁷⁷ A. RUCQUOI, *idem*, p.141.

anti-islâmicas 378; e em segundo lugar, o retomar da redacção de «crónicas», no âmbito da própria monarquia, prática abandonada havia cerca de dois séculos 379, entre as quais a *Crónica de Afonso III*, para cuja elaboração terão sido utilizados os anais régios 380.

Curiosamente foi também a partir desta altura que começou a ter uma significativa circulação o texto da '*Laude Spaniae*' de Isidoro de Sevilha 381.

Mais uma iniciativa carregada de importância estratégica e simbólica para o discurso do poder neo-godo que se estava a consolidar no reino cristão do norte peninsular, foi a mudança da capital do reino, de Oviedo para Leão no reinado de Ordonho II (914-924), filho de Afonso III. Leão passou a ser a nova *urbs regia* 382.

378 Sobre a trasladação de alguns dos mártires de Córdova, Eulógio e Leocrícia, em 883 ou 884, para Oviedo, e M. DÍAZ Y DÍAZ, "La circulation des manuscrits...", *CCM*, p. 225; L. KRUS, "Tempo de Godos...", pp. 117-119; A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.141. Relativamente a Eulógio e à sua acção nos meios moçárabes e nas 'revoltas de Córdova', v. Isidro de las CAGIGAS, *Los Mozárabes*, T.I, pp.197-209 e 228-233.

379 Além da *Crónica de Afonso III*, são desta mesma época e círculo literário, a *Crónica Albeldense* e a *Crónica Profética*, (v. A. RUCQUOI, *ibidem*) sendo nesta última Afonso III apresentado como o muito próximo conquistador da Hispânia e como o monarca que reinaria sobre toda a Hispânia (M. DÍAZ Y DÍAZ, "La historiografia hispana hasta el año 1000", *De Isidoro al siglo XI*, p. 226). Sobre a dependência da *Crónica Profética* relativamente a Isidoro, v. M. DÍAZ Y DÍAZ, "Isidoro en la Edad Media hispana", *De Isidoro al siglo XI*, pp. 181-182. Sobre a *Crónica de Afonso III*, v. ainda B. SANCHEZ ALONSO, *La Historia de la historiografia...*, pp. 110-114.

380 Além das fontes directas produzidas pela monarquia asturiana, como era o caso dos anais, a própria biblioteca do palácio de Afonso III fora incrementada durante o reinado, e tinha, em 882, a quantia, digna de nota para a produção literária cristã da época, de quarenta e dois títulos (A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.141).

381 Luís KRUS, *A Concepção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380)*, p. 138, n. 293.

382 A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.143

Esta monarquia, que se chamou desde então “de Leão”, e mais tarde “de Leão e Castela”, foi ainda mais prestigiada, sacral e simbolicamente, no reinado de Fernando I (1037-1065), quando foram trasladados para a Catedral de Leão, em 1063, os restos mortais de Isidoro de Sevilha ³⁸³. O santo bispo hispalense passou a ser o protector daquela capital e da monarquia nela sedeadada, e naquele momento decisivamente empenhada na ‘reconquista’ do entre Douro e Mondego ³⁸⁴.

Cerca de duas décadas depois da conquista de Coimbra (1064), a monarquia castelhano-leonesa atingiu, ou recuperou, oficialmente, a condição ‘imperial’ pela mão de Afonso VI ³⁸⁵.

³⁸³ A trasladação de Isidoro de Sevilha, de Sevilha para Leão em 1063 (M. DÍAZ Y DÍAZ, “Isidoro en la Edad Media Hispana”, pp.183 ss.; IDEM, “La circulation des manuscrits...”, p. 221, Luís KRUS, “Tempo de Godos e Tempo de Mouros...”, p. 124), efectuou-se para a Catedral que Fernando I mandara reconstruir para ser o panteão dos reis das Astúrias (Luís KRUS, *ibidem*). Segundo A. Rucquoi, a reconstrução daquele templo, panteão da dinastia dos reis asturo-leonêses, dever-se-á a Afonso V e não a Fernando I (A.RUCQUI, *ob.cit.*, p.161). A integração dos restos mortais de S. Isidoro naquele panteão reforçava as pretensões destes reis enquanto herdeiros da monarquia visigoda (*ibidem*).

³⁸⁴ O episódio da trasladação dos restos mortais de Isidoro de Sevilha ocorre depois das conquistas de Lamego (1057) e Viseu (1058) e no ano anterior ao da conquista de Coimbra (1064) (v. A. REI, “Os Rostos do Poder na Lisboa das Taifas (1009-1093). Novas leituras”, *Actas do Encontro Internacional «Nova Lisboa Medieval II»*, Lisboa, IEM/Colibri, no prelo; Manuel TERRÓN ALBARRÁN, «Aproximación a la Prosopografía del Reino Taifa de Badajoz: las Fronteras y el Territorio», *Bataliús II* (1996), pp.233-256, pp.247-248; M. Jesús VIGUERA MOLÍNS, «Entre Douro e Mondego nas fontes árabes medievais. Estudo de um caso periférico», *Fontes da História de al-Andalus e do Gharb*, Lisboa, CEAA-IICT, 2000, pp. 117-140), passando toda a região entre o Douro e o Mondego a integrar o reino de Leão e Castela. Cerca de um século depois, aquando da conquista de Lisboa, em 1147, os Bispos do Porto e de Braga continuavam citando e evocando Isidoro nas suas exortações aos cruzados para os instigar à sua participação naquela empresa (*De Expugnatione Lyxbonensi : A Conquista de Lisboa aos Mouros. Relato de um Cruzado*, ed., trad. e notas de Aires A. NASCIMENTO, Lisboa, Ed.Vega, 2001, *passim*).

³⁸⁵ Já antes, em 1075, houve um momento que se poderia chamar de ‘pré-imperial’, quando Afonso VI, tendo mandado abrir a *arca santa* de Oviedo e proceder ao inventário das relíquias nela depositados, foi intitulado de ‘novo Salomão’ (A.RUCQUI, *ob.cit.*, p.161).

Após a conquista, em 1085, de Toledo, a antiga *urbs regia* da monarquia visigótica, aquele monarca adoptou mesmo o título de ‘imperador’³⁸⁶. Seu neto Afonso VII não apenas usou também o mesmo título, como, em 1135, se fez mesmo coroar imperador ³⁸⁷. Este título não continuou a ser usado depois, talvez por, após a morte de Afonso VII, se ter dado novamente o desmembramento do reino ³⁸⁸.

Fernando III, o rei santo, unificou nova e definitivamente o reino, em 1230, e possivelmente terá pensado em reassumir o título imperial, pois também ele foi um rei conquistador, dos que mais fizeram avançar as fronteiras em direcção a sul, mas acabou por não o fazer.

O facto de se ter casado com Beatriz de Suábia, uma princesa germânica da família imperial, prima-irmã do Imperador Frederico II, pode ser um indício de que a ideia de ‘império’, hispânico ou continental, ou ambos, não terá estado muito longe dos horizontes do Rei-Santo ³⁸⁹.

³⁸⁶ *Imperator totius Hispaniae* e *imperator super omnes Hispaniae nationes constitutus*, títulos que a chancelaria começou a usar relativamente a Afonso VI, depois da conquista de Toledo (1085) (v. A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.167). Sobre a questão ‘imperial’ na Hispânia do século XI, v. *ibidem* e José Maria SALRACH MARÉS, “Feudalismo y expansión (siglos XI-XIII), in *Historia de España* (dir. A.Domínguez Ortiz), XII vols., Barcelona, Ed. Planeta, 1989, vol.III: *Al-Andalus: musulmanes y cristianos (siglos VIII-XIII)*, pp. 255-438, p. 315.

³⁸⁷ A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.173; José Maria SALRACH MARÉS, *ob.cit.*, p.327.

³⁸⁸ *Idem*, pp.172-173 e 251.

³⁸⁹ «(...) This should be understood in the light of Fernando's expressed desire, reported in Alfonso's *Setenario* , to assume the imperial title of the old Hispanic Empire, which had lapsed upon the death of Alfonso VII in 1157. The Hispanic imperial tradition considered the kings of Leon as heirs of the Visigoths and, as such, responsible for reconstituting their kingdom by the reconquest of the whole of Spain and also of North Africa, regarded as having once been part of the Visigothic realm. The goals that Fernando III set for his son therefore were clear: the completion of the reconquest of Spain and North Africa and, by implication, the assumption of the title of emperor of Spain (...)»,[O sublinhado é nosso] in Joseph F. O'CALLAGHAN, “*Image and Reality: The King Creates His Kingdom*”, Chapter Two of *Emperor of Culture*, Robert I. Burns, S.J. (dir.), (<http://libro.uca.edu/alfonso10/emperor>).

Precisamente por ser filho daquele casal e portanto de uma princesa imperial, Afonso X, mais tarde, em 1254, por extinção da dinastia dos Hohenstaufen, a que sua mãe pertencia, acabou por candidatar-se ao trono do Sacro Império, sendo seu concorrente na mesma altura o príncipe inglês, Ricardo da Cornualha. Apesar de Afonso X ter sido reconhecido por alguns dos príncipes-eleitores, a eleição não foi conclusiva, tendo terminado empatada. O processo arrastou-se sem solução, e em 1273 acabou por vir a ser preterido em favor do primeiro Habsburgo que ocupou o trono imperial, Rodolfo I ³⁹⁰.

Parece, pois, que Afonso X tentou, e quase conseguiu, levar a cabo aquilo que um seu descendente por linha feminina, Carlos V, acabou por conseguir, por força do destino, no início do século XVI: unir, pessoalmente, a Hispânia ao Sacro Império ³⁹¹.

1.II.6.2. A “laude” na Hispânia neo-goda

Este período, que engloba os séculos XIII a XV, subdividimo-lo em dois sub-períodos que não se encontram muito longe no tempo, mas sim na mentalidade.

³⁹⁰ Sobre esta relação familiar entre os monarcas de Leão e Castela e os imperadores Hohenstaufen e a posterior campanha de Afonso X para suceder no Sacro Império aos seus parentes por linha feminina, *Idem*, p.178; Luís KRUS, “Os Heróis da Reconquista...”, pp.138-142.

³⁹¹ A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 315.

Um primeiro, em que a tarefa historiográfica e ideológica da ‘Reconquista’ no período pós-Navas de Tolosa (1212)³⁹² se intensifica após 1230, quando Fernando III reuniu novamente os reinos de Leão e Castela ³⁹³. Por coincidência, sem dúvida significativa, foi após 1230 que surgiu este surto historiográfico que voltou a integrar a ‘*laude Spaniae*’ nos seus conteúdos.

Cremos, no entanto, que o impulso autêntico para a redacção daquelas obras tenha surgido após 1236, quando aquele mesmo monarca conquistou Córdoba ³⁹⁴, a antiga capital dos califas de al-Andalus.

Os fautores conhecidos desta nova emergência cronística foram letrados eclesiásticos, próximos dos círculos do poder, nomeadamente Lucas de Tuy e Rodrigo Ximénez de Rada ³⁹⁵.

Quanto ao segundo período, posterior a 1252 ³⁹⁶, talvez mais exactamente, posterior a 1254 ³⁹⁷, nele se revelou a iniciativa laica, emanando directamente do monarca ou de alguns grandes senhores, nele se começou a reescrever o protagonismo histórico na Hispânia, num

³⁹² Jean DELORME, *Chronologie des Civilisations*, 3ª.ed., Paris, P.U.F., 1969, p. 204 ; A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 177.

³⁹³ *Idem*, p. 328.

³⁹⁴ *Historia de España* (dir. A.Domínguez Ortiz), vol.III: *Al-Andalus: musulmanes y cristianos (siglos VIII-XIII)*, “Cuadro sincrónico”, pp. 584-589 (Conquista de Córdoba: p. 588); Luís KRUS, “Os Heróis da Reconquista...”, p. 130.

³⁹⁵ Aqueles dois letrados funcionaram como ‘filtros’ de Isidoro para as empresas de Afonso X, cujas equipas não tiveram acesso directo à obra do Hispalense, v. M. DÍAZ Y DÍAZ, “Isidoro en la Edad Media Hispana”, p.197.

³⁹⁶ Quando Afonso X sucedeu a seu pai, Fernando III, no trono de Leão e Castela (*ibidem*).

³⁹⁷ Quando, após a morte de Conrado IV, último soberano germânico dos Hohenstaufen, o trono do Sacro Império ficou vago e os príncipes da Cristandade puderam

programa ideológico que claramente subalternizava o papel do sector eclesiástico, como intermediário e portador da sacralização dos monarcas e das actividades guerreiras da nobreza.

A esta nova concepção ideológica da história estão ligados, entre outros, os nomes de Afonso X, João Manuel de Vilhena, João Peres de Aboim, Pero Anes de Portel e Pedro Afonso de Barcelos. Os dois primeiros são respectivamente o Rei-Sábio, monarca de Leão e Castela; e o seu sobrinho e grande senhor de Vilhena e Escalona. Os últimos três são portugueses, respectivamente os Senhores de Portel, e o terceiro um filho bastardo do rei D. Dinis e genro de Pero Anes de Portel.

Se Afonso X estava ainda ligado a uma concepção mais ‘isidoriana’ da ‘*laude*’, herdada de Rada, nas obras ligadas aos portugueses, chamadas respectivamente *Livro de Rasis* ou *Crónica do Mouro Rasis* e *Crónica Geral de Espanha de 1344* ou *Segunda Crónica Geral de Espanha*, a formulação laudatória assenta maioritariamente na construção que a cultura hispano-árabe criara, e em que se aliavam, como já vimos atrás, de forma evidente, o louvor e o pragmatismo administrativo 398.

Após o surgimento da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, da responsabilidade de Pedro Afonso de Barcelos, foi esta última formulação laudatória de origem hispano-árabe a que passou a predominar na cronística, sobretudo na castelhana e na portuguesa.

apresentar as suas candidaturas ao mesmo trono. Afonso X foi um dos candidatos, e os seus empreendimentos historiográficos foram também obras de propaganda da sua condição ‘privilegiada’ enquanto monarca desta terra hispânica, abençoada desde sempre pela divindade (Luís KRUS, “Os Heróis da Reconquista...”, pp.138-142).

398 Já Diego Catalán dissera que «al-Râzî (...) transformo el “*Laus Hispanae*” en una detenida descripción de los términos, montes y ríos de ese solar cuya historia va a escribir» (CMR, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XXX), e foi esse texto que passou para todas aquelas Crónicas, com a ressalva de que na segunda redacção da *C1344*, a que foi realizada em 1400, foi incorporada uma ‘*laude*’ copiada da *PCG* de Afonso X (cf. L.F. Lindley CINTRA, *C1344*, vol. I, p. XXXVII; vol. II, pp. 39-42).

1.II.6.2.1. literatura eclesiástica latina

Em Lucas de Tuy e em Rodrigo Ximénez de Rada a historiografia já se apresenta em mudança, pois o seu nível de evolução já permitia que se detectassem características cada vez mais evidentes de “história do reino”, e muito menos de uma “história universal”.

Integraram ainda nas suas obras informações que obtiveram não apenas em textos historiográficos, entre os quais alguns com proveniência cultural moçárabe e / ou mesmo árabe, neste último caso especialmente o Arcebispo de Toledo.

Do ponto de vista ideológico, Lucas terá estado mais próximo de uma concepção leonesa da monarquia, enquanto Rada se empenhou em ‘castelhanizar’ a herança historiográfica asturo-leonesa 399.

As suas obras ainda foram redigidas em latim.

II. 6. 2. 1. 1. Lucas de Tuy (Leão?, 1195? – Tuy, 1249?)

399 Carmen ORCÁSTEGUI e Esteban SARASA, *La Historia en la Edad Media. Historiografía e historiadores en Europa Occidental: siglos V-XIII*, Madrid, Cátedra, 1991, p. 227.

Não se conhecendo com precisão as datas do seu nascimento e da sua morte, estima-se que esta terá ocorrido cerca de 1249, em Tuy, onde ocupava a sede episcopal. Em função daquela data poder-se-lhe-á atribuir o nascimento para meados da década de 90 do século XII, eventualmente em Leão.

Eclesiástico, terá gozado de proximidade relativamente aos cónegos regnantes de Stº. Isidoro, de Leão, entre 1220 e 1230. É possível que tenha mesmo integrado aquela comunidade eclesiástica, embora se desconheçam documentos que tal comprovem.

Sabe-se, pelo contrário, que viajou. Esteve em França, visitou Roma e teria mesmo ido a Constantinopla e Jerusalém.

Em 1239 foi feito Bispo de Tuy, onde se manteve até à sua morte, dez anos mais tarde.

Também não há certezas relativamente ao início do seu labor como escritor, nomeadamente no relativo à sua obra maior, *Chronicon Mundi*, a qual foi composta a pedido da rainha Berengária, mãe de Fernando III 400.

Se não a compôs já durante a sua estadia em Tuy, tê-la-á composto durante a segunda metade da década de 30, depois das suas viagens 401. Seguramente será posterior a 1236, pois refere a conquista de Córdova 402.

400 LUCAS DE TUY, *Chronicon Mundi*, ed. J. PUYOL: *Crónica de España por Lucas, obispo de Tuy*, Madrid, Real Academia de la Historia, 1926. Sobre a obra e o autor v. ainda, Patrick HENRIET, «*Sanctissima patria*. Points et thèmes communs aux trois œuvres de Lucas de Tuy», in «Chroniqueur, hagiographe, théologien : Lucas de Tuy (1249) dans ses œuvres» (dir. P. HENRIET), Sorbonne-Collège d'Espagne, Paris, *Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales* 24 (2001), pp.249-278, p.253; Emma FALQUE, «Una edición crítica del *Chronicon mundi* de Lucas de Tuy», in «Chroniqueur, hagiographe, théologien : Lucas de Tuy (1249) dans ses œuvres» (dir. P. HENRIET), Sorbonne-Collège d'Espagne, Paris, *Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales* 24 (2001), pp. 219-233 ; Emilio MITRE FERNÁNDEZ, “¿Un sentimiento de Comunidad Hispánica? La Historiografía Peninsular”, *HE-MP*, t. XVI : *Época Gótica (c.1220-c.1480)*, Madrid, Espasa-Calpe, 1994, pp. 407-434, pp. 411-412 ; B. SANCHÉZ ALONSO, *La Historia de la historiografía...*, pp. 129-134 ; J.M. SALRACH MARÉS, *ob.cit.*, p. 431; Carmen ORCÁSTEGUI e Esteban SARASA, *ibidem*.

Lucas de Tuy propôs-se continuar a obra historiográfica de Isidoro de Sevilha, seu mentor, seu guia e sua referência 403, ao mesmo tempo que procurou exaltar a monarquia asturo-leoneso-castelhana como continuadora da realeza visigoda 404

O *Chronicon Mundi* é uma obra de transição entre a história universal e a história geral da Hispânia, talvez a última que ainda manteve uma introdução de tipo universal 405. É ela mesma uma composição que precede e prepara a de Rada.

Estilisticamente é um autor de discurso simples e sem ornatos. Tem, entre as inovações que introduziu, o facto de se valer do ‘maravilhoso lendário’ que obteve a partir de textos poéticos 406.

Entre as fontes que serviram a Lucas para a elaboração da sua obra, para além da sua referência de base que foi a *Chronica* de Isidoro 407, usou ainda Julião de Toledo, em cujo trabalho foram enxertadas outras componentes como a *Divisão de Wamba* e a *Historia Silense* 408.

401 A. RUCQUOI colocou a composição do *Chronicon Mundi* «por volta de 1230» (*Ob.cit.*, p. 261), seguramente impossível entre 1230 e 1232 e muito menos antes de 1230. Dizemos que não poderia ser anterior a 1232 porque no Prólogo daquela sua obra refere o franciscano António de Lisboa, (v. Patrick HENRIET, *ob.cit.*, p.253, n.21).o qual fora canonizado precisamente em 1232 (*idem*, p. 259).

402 V. supra n. 19.

403 Patrick HENRIET, *ob. cit.*, p.254, n.29.

404 *Idem*, p. 257.

405 Helena C. VILLAMARÍN, *Las Antigüedades de Hispania*, Spoleto, 1996, p. 271),

406 M. DÍAZ Y DÍAZ, “Isidoro en la Edad Media Hispana”, p.197. Bernard Guenée, *Histoire et culture historique dans l’Occident médiéval*, Paris, Aubier, 1980, p. 83.

407 *Ibidem*.

A estrutura da obra segue um esquema muito semelhante ao que já se encontrava na *Crónica Albeldense*, embora a obra de Lucas seja mais organizada do que aquela, e é também idêntica ao que se encontra na *CPs-I* 409.

Não colocando a Hispânia num tempo para trás do período romano, nem tendo procurado na antiguidade pré-romana alguns tópicos favoráveis a esta terra, inseriu logo no início da sua obra uma ‘*laude*’, muito provavelmente seguindo o seu modelo isidoriano, e a que chamou *De excellentia Hispaniae* 410.

Além das habituais referências à situação geográfica, ao clima e às benesses materiais, Lucas de Tuy desenvolveu especialmente o tópico relativo aos filhos ilustres da Hispânia.

Em Lucas a Hispânia já não é apenas uma ‘Mãe de Imperadores’, como a tinham identificado na Antiguidade, ela é a progenitora de hispânicos de carácter universal, monarcas ou não. O autor divide-os em pagãos e cristãos, e se no primeiro grupo surgem os inevitáveis imperadores Nerva e Trajano, além de letrados como Séneca e Lucano, no segundo surgem, além do imperador Teodósio, todos os mártires e santos que conseguiu referir, encabeçados pelo Apóstolo S. Tiago 411, mas onde refere também hispânicos seus contemporâneos a quem fora reconhecida a santidade, a alguns mesmo muito recentemente, atendendo à data da composição da obra, como Domingos de Gusmão, fundador

408 Helena C. VILLAMARÍN, *ob.cit.*, p. 272.

409 *Idem*, pp. 222 e 272.

410 *Idem*, p.274.

411 *Idem*, p. 275.

dos Dominicanos ou Pregadores; António de Lisboa, o segundo santo franciscano, logo após Francisco de Assis, Domingos de Silos, cluniacense, e Martinho de Leão, teólogo 412.

Um outro aspecto original em Lucas é o facto de não procurar associar o nome da Hispânia a nenhum herói mítico de um passado distante e mais ou menos nebuloso, antes tenta justificá-lo através de uma exposição de carácter etimológico 413.

Foi um recuperador das temáticas que já tinham interessado Isidoro de Sevilha e e foi um incentivador do culto do santo bispo hispalense, o qual fora alcandorado a novo patrono da Hispânia e natural e obrigatoriamente correlacionado com a ‘reconquista’ 414

Culto este que já vinha desde meados do século XI, que se iniciara com a trasladação dos restos mortais de Isidoro de Sevilha desta última cidade para Leão, em 1063, e que estava, desde o seu início, ligado à própria família real (ou imperial), das Hispânicas 415 porque, quando Lucas compunha a sua obra já estavam novamente reunidos Leão e Castela.

412 P. HENRIET, *ob.cit.*, p. 259.

413 P. HENRIET, *ob.cit.*, p. 260; H. DE CARLOS VILLAMARÍN, *ob.cit.*, pp.276-8.

414 V. *supra* n.10.

415 O facto de estarem sepultados na mesma catedral os reis asturo-leonêses e também o santo Bispo de Sevilha, consubstanciava as devoções (L.KRUS, “Tempo de Godos e Tempo de Mouros. As memórias da Reconquista”, p.124). Não esqueçamos que aqueles se apresentavam como os herdeiros dos monarcas visigodos, e que Isidoro fora tio materno de Hermenegildo, o primeiro rei católico romano na Hispânia (v. *supra* 1.II.3 e *infra* 1.II.7).

II. 6. 2. 1. 2. Rodrigo Ximénez de Rada
(Puente la Reina (Navarra), 1170 - Toledo, 1247)

Nasceu em Puente de la Reina, em Navarra, em 1170 ⁴¹⁶. Fez os seus estudos em Bolonha e Paris, e já era conselheiro de Afonso VIII de Castela antes da famosa batalha de Navas de Tolosa, ocorrida em 1212 ⁴¹⁷. Foi um político influente na Hispânia da primeira metade do século XIII, em especial no reino de Castela, e após 1230, no reino reunificado de Leão e Castela, pois foi homem próximo quer de Afonso VIII ⁴¹⁸, quer de seu sobrinho e sucessor, Fernando III, pois foi chanceler-mor de ambos ⁴¹⁹.

⁴¹⁶ RODERICI XIMENII DE RADA, *Historia de Rebus Hispaniae sive Historia Gothica*, ed. e estudo Juan FERNÁNDEZ VALVERDE, Turnholt, Brepols Ed., 1987, “Rodrigo Jiménez de Rada”, pp. IX-X; Emilio MITRE FERNÁNDEZ, *ob.cit.*, p. 412.

⁴¹⁷ Juan FERNÁNDEZ VALVERDE (ed.), *idem*; Carmen ORCÁSTEGUI e Esteban SARASA, *ob. cit.*, p.227.

⁴¹⁸ Juan FERNÁNDEZ VALVERDE (ed.), *idem*; Carmen ORCÁSTEGUI e Esteban SARASA, *ob. cit.*, p.227; Emilio MITRE FERNÁNDEZ, *ob.cit.*, p. 412.

⁴¹⁹ Juan FERNÁNDEZ VALVERDE (ed.), *idem*; A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 268; Emilio MITRE FERNÁNDEZ, *ibidem*.

Eclesiástico, teve um prestigioso *cursus honorum*, pois tendo sido Bispo de Osma em 1207, acabou, alguns meses mais tarde, finalmente, por chegar a Arcebispo de Toledo 420.

Participou ainda no IV Concílio de Latrão (1215), onde defendeu a condição primacial da diocese de Toledo no conjunto da Hispânia 421.

Faleceu em 10 de Junho de 1247 422.

Foi também um letrado de grande craveira intelectual, pertencendo já a uma nova concepção de clérigo, não circunscrito aos muros de um mosteiro e a uma visão limitada da condição eclesiástica e da de letrado 423.

Foi também, de alguma forma, um dos ideólogos daqueles monarcas com quem privou, tendo dado forma, nos seus escritos, a uma visão ‘providencial’ da monarquia asturo-leoneso-castelhana, em que esta, herdeira da monarquia visigótica, deveria ser a protagonista da reunificação da Hispânia sob um único ceptro 424.

420 Juan FERNÁNDEZ VALVERDE (ed.), *idem*; Carmen ORCÁSTEGUI e Esteban SARASA, *ob. cit.*, p.227.

421 Emilio MITRE FERNÁNDEZ, *ob.cit.*, p. 412.

422 Juan FERNÁNDEZ VALVERDE (ed.), p.X; Emilio MITRE FERNÁNDEZ, *ibidem*; B. SANCHÉZ ALONSO, *La Historia de la historiografia...*, pp. 129-134 ;

423 Sobre a alteração do papel e do estatuto do letrado medieval antes e depois do ressurgimento urbano, v. o clássico de Jacques LE GOFF, *Os Intelectuais na Idade Média*, Lisboa, Gradiva, s.d.; e para o contexto ibérico, Horacio SANTIAGO-OTERO, *La Cultura en la Edad Media Hispana (1100-1470)*, Lisboa, Colibri, 1996.

424 A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p.262. Ver ainda infra 1.II.8. Sendo Rada um homem influente na monarquia castelhana, atrevemo-nos mesmo a aventar que ele poderá ter tido um papel não despidendo em todo o processo relativo à sucessão de Afonso VIII, de forma a que a mesma se pudesse encaminhar para a reunificação do ‘espaço

A sua concepção do poder e do protagonismo que a monarquia reunificada deveria exercer veio a dar corpo à sua actividade de historiador.

Da mesma geração de Lucas de Tuy, Rada estava, no entanto, mais evoluído historiograficamente que aquele, pois veio a plasmar na sua obra *De rebus hispaniae* a primeira ‘história do reino’ que surgiu nestas paragens, já sem pretensão de ser uma história de âmbito universal, e que constituiu o modelo-base depois desenvolvido por Afonso X.

As fontes latinas utilizadas por Rada foram de uma forma geral as mesmas que Lucas também usara: Isidoro, Idácio, Julião de Toledo e Orósio 425, além de outras crónicas já anteriormente compostas, como a *CM 754* e a *Crónica* de Idácio 426.

Mas o que Rada trouxe de inovador foi a utilização directa de fontes de autores hispano-árabes e já não apenas a utilização de autores moçárabes 427.

Também neste aspecto da utilização directa de fontes de autores hispano-árabes, Afonso X acabou por seguir as pisadas de Rada.

O arcebispo de Toledo integrou na sua obra quer a exaltação ou ‘*laude*’ da Hispânia, quer o lamento ou ‘*dolo*’, a que chamou ‘*deploratio*’, embora a parte panegírica surja também ela inserida num capítulo onde predomina um explícito tom lamentoso 428. Procuraria assim, juntando

imperial’ de Afonso VI, fazendo recair a coroa vacante em Fernando, simultaneamente sobrinho de Afonso VIII de Castela e filho de Afonso IX de Leão. Essa desejada reunificação acabou por vir a acontecer em 1230.

425 M. DÍAZ Y DÍAZ, “Isidoro en la Edad Media Hispana”, pp.197-198; A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p.262.

426 Carmen C. HARTMANN (ed.), *ob.cit.*, pp. 48 e 86.

427 Carmen ORCÁSTEGUI e Esteban SARASA, *ob. cit.*, p.228. Ele mesmo poderia ter tido conhecimento do idioma árabe, o que lhe facilitaria o trabalho.

ambos os discursos e privilegiando o aspecto doloroso, potenciar o seu próprio discurso, fazendo dele um apelo à ‘redenção’ final da Hispânia através da ‘reconquista’, sob o comando do monarca de Leão e Castela, herdeiro dos reis visigodos de Toledo 429.

Teve Rodrigo de Rada a felicidade de ser testemunha do grande avanço que os exércitos cristãos protagonizaram na primeira metade do século XIII, entre 1212, ano da batalha de Navas de Tolosa, e 1248, ano da conquista de Sevilha, que o prelado já não teve a possibilidade de presenciar.

Tendo morrido já quando tudo se encaminhava para a tomada de Sevilha, terá falecido convencido de que a ‘reconquista’ final da Península estaria por pouco tempo, e de que a Providência lhe dera o privilégio de ser um dos autores / actores que tinham contribuído, através da escrita, qual espada, para aquela mesma expansão.

II. 6. 2. 2. literatura laica romance

428 Num relato onde predomina a tristeza e o pesar, entre as páginas 104 e 109, a parte laudatória ocupa apenas as páginas 105 e 106, surgindo inserida do conjunto anterior (v. RODERICI XIMENII DE RADA, *Historia de Rebus Hispaniae sive Historia Gothica*, ed. e estudo Juan FERNÁNDEZ VALVERDE, Turnholt, Brepols Ed., 1987, “Rodrigo Jiménez de Rada”, *ibidem*).

429 Aquela formulação ‘laude + dolo’, já vinha desde a *CM 754*, que desde o início da presença islâmica na Hispânia adoptara aquela forma discursiva até então desconhecida, e emocionalmente mais poderosa (v. supra II. 4. 1. *Crónica Moçárabe de 754 (CM 754)*)

Homens como o rei Afonso X de Leão e Castela, ou magnates como João Manuel de Vilhena, sobrinho daquele Rei-Sábio, em Castela, João Peres de Aboim, mordomo-mor de Afonso III de Portugal, e seu filho Pêro Anes de Portel ou ainda Pedro Afonso de Barcelos, genro deste último e filho de D. Dinis, em Portugal, todos eles ficaram para sempre ligados à nova produção historiográfica 430.

Principalmente pela prevalência do modelo historiográfico ‘afonsino’, estabelecido e desenvolvido por aquele monarca, e que os demais acabaram por seguir, quer na estruturação textual, quer na metodologia de trabalho.

Os seus escritos relacionam-se de duas maneiras com o poder político da época, dependendo se os autores são os próprios monarcas ou os grandes senhores. No caso de Afonso X, na sua qualidade de rei-imperador, as suas obras servem como instrumentos preferenciais para a divulgação dos princípios e dos símbolos do poder monárquico. Portanto, a produção historiográfica levada a cabo sob a orientação pessoal daquele monarca, está, naturalmente, eivada de uma evidente conotação ideológica 431.

No caso dos demais grandes senhores, encontramos, um discurso totalmente diferente: a defesa do papel primordial da nobreza e da sua ética de cavalaria, os quais se tinham forjado na acção da ‘reconquista’. Estes autores exaltavam aquela aristocracia cuja acção guerreira antecederia, nalguns casos, a dos próprios monarcas. Eram eles os verdadeiros senhores da guerra, situados nas zonas de fronteira, os que tinham

430 As identificações de todos estes autores laicos, nobres e poderosos, dos séculos XIII e XIV, em caso de ser necessária, atendendo a quem se trata, v. infra.

431 Sobre a mais famosa obra de Afonso X, a *Primeira Crónica Geral de Espanha*, mas também relativamente aos substratos ideológicos do discurso nela presente, v. L. KRUS, “Os Heróis da Reconquista e a Realeza Sagrada Medieval Peninsular: Afonso X e a *Primeira Crónica Geral de Espanha*” in *Passado, memória e poder na sociedade medieval portuguesa*, Redondo, Patrimonia, 1994, pp. 129-142, em especial as pp. 140-141 e ns. 26 e 28.

de defender as fronteiras e a unidade do reino; ao contrário dos reis, que estavam na retaguarda e portanto sem uma acção guerreira directa e quase constante 432.

Estas duas concepções dos papéis do rei e da nobreza reflectiram os conflitos que tiveram lugar entre os nobres e os seus monarcas, quer em Leão e Castela quer em Portugal. No primeiro caso durante os reinados de Afonso X e dos seus sucessores imediatos, Sancho IV e Fernando IV, estes dois em reinados curtos e conflituosos, e em que a situação de instabilidade se prolongou durante a menoridade de Afonso XI. Em Portugal, durante o reinado de D. Dinis, principalmente na fase final do mesmo.

Foi um período de cerca de meio século, entre 1275 e 1325, em que as monarquias tremeram, mas acabaram, no final, por saírem reforçadas no seu poder 433.

Além das questões discursivas e ideológicas que ocuparam estes autores, membros da alta nobreza e da própria realzeza, e portanto letrados laicos, houve um outro novo elemento que eles introduziram no cenário cultural hispânico e que acabou sendo decisivo no aspecto instrumental e também no aspecto simbólico: a grafia dos seus textos em língua vernácula, tendo os autores em causa utilizado, pelo menos, dois

432 A ideologia da grande nobreza hispânica, entre os finais do século XIII e os finais do século XIV, foi superiormente tratada por L. KRUS, *A Concepção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380)*, Lisboa, FCG/JNICT, 1994.

433 Sobre a crise que teve lugar em Castela e Leão, desde a revolta do infante Sancho, futuro Sancho IV, contra seu pai Afonso X, iniciada em 1275, até à maioridade de Afonso XI, atingida em 1325, v. A. RUCQUOI, ob.cit., pp. 175-180. Sobre a crise entre a monarquia e os grandes infantes em Portugal, que atingiu o seu pico máximo de intensidade entre 1317 e 1324, v. José MATTOSO, “A Guerra Civil de 1319-1324”, in *Portugal Medieval. Novas interpretações*, Lisboa, IN-CM, 1984, pp. 293-308.

dos romances falados na Península - o galaico-português e o castelhano -, com o abandono definitivo do latim ⁴³⁴ enquanto idioma da política e da cultura do poder.

II. 6. 2. 2. 1. Afonso X, o Sábio – Rei de Leão e Castela (1221-1284)

Rei de Leão e Castela (1252-1284) e candidato ao trono do Sacro Império, entre 1254 e 1275, ainda se assumiu como ‘Rei dos Romanos’. Filho de Fernando III de Leão e Castela, e de Beatriz de Suábia, descendia por sua mãe da Casa de Hohenstaufen, então dinastia reinante no Sacro Império, e que precisamente se veio a extinguir no ano de 1254.

Enquanto rei de Leão e Castela dotou aquela monarquia de todo um instrumental jurídico, cultural e simbólico que se tornou referência nos processos que conduziram à centralização régia nos demais reinos da península hispânica, mas cuja influência se detecta também fora dela, um pouco por toda a Europa Ocidental ⁴³⁵.

⁴³⁴ Horácio SANTIAGO-OTERO, *ob.cit.*, p. 31.

Na herança cultural e simbólica que Afonso X reteve do passado e legou à posteridade, desempenhou um papel muito importante a historiografia. A *Primera Crónica General* não procurou focalizar-se em povos e em historiá-los relacionando-os com a Hispânia. Este modelo vinha desde Isidoro, que procurou escrever uma história dos Godos, desde a sua origem até à sua presença na Hispânia, sendo o modelo em questão seguido nos séculos posteriores. O último autor dessa linha historiográfica tinha sido precisamente Rada.

O objectivo de Afonso X foi o de historiar a Hispânia e os diferentes povos e culturas que aí estiveram ao longo dos tempos, todos entendidos como parte da história desta terra, afastando-se assim do modelo ‘isidoriano’ e adoptando um modelo que, se era inovador na historiografia peninsular cristã, não o era para a historiografia peninsular no seu todo, pois o mesmo já tinha sido posto em prática pela historiografia califal do século X, e onde sobressai, inevitavelmente, o nome *al-Rāzī* 436.

Através daquela obra o imperador-rei procurou construir a imagem de uma Hispânia encabeçada por Leão e Castela e onde todos os demais reinos e grandes senhores da nobreza guerreira deveriam concorrer na concretização de dois desideratos, os quais, provindo da matriz da

435 “Alfonso X, el Sábio”, *Enciclopèdia Universal Ilustrada Espasa-Calpe*, Barcelona, Hijos de J. Espasa, EA, 1926 t. IV, pp. 592-599; Luís KRUS, “Os heróis da reconquista e a realeza sagrada medieval peninsular: Afonso X e a *Primeira Crónica Geral de Espanha*”, in *Passado, memória e poder na sociedade medieval portuguesa. Estudos*, Redondo, Patrimonia, 1994, pp. 129-142; José Pedro MACHADO, “Afonso X, o Sábio, poeta e tradutor”, *Ensaio Histórico-Linguísticos*, Lisboa, Ed. Notícias, 1996, pp.85-125; B. SANCHÉZ ALONSO, *La Historia de la historiografia...*, pp. 213-218.

436 Sobre as inovações formais, textuais e conceptuais ocorridas nas obras historiográficas de Afonso X, v. Diego CATALÁN, *La Estoria de España de Alfonso X. Creación y evolución.*, Seminário Menendez Pidal, Univ. Complutense de Madrid / Ed. Gredos, 1992, pp.28-31.

monarquia visigoda (referência mítica do poder e do *imperium* na Hispânia), se uniam de forma intrínseca: terminar a ‘Reconquista’ reunificando a Hispânia 437.

Também Afonso X integrou na sua *Primera Cronica General* os dois elementos da *laude* e do *dolo*, textualmente muito semelhantes, embora neste caso em romance, aos que figuram na obra de Rodrigo Ximénez de Rada, então ainda em latim 438.

Embora Afonso X e seu pai Fernando III tivessem ampliado imenso os limites do reino de Leão e Castela, ainda a ‘Reconquista’ não estava terminada, e, sob o comando régio, havia que concluir aquela empresa. Para tal, o acicate da ‘laude’ e do ‘dolo’ continuava a fazer-se necessário.

A partir do momento em que foi dado início à empresa que compilou a *Primera Cronica General* pode considerar-se que a cronística hispânica (e ‘hispânica’ porque se fez sentir nos diferentes reinos peninsulares), passou a adoptar, em linhas gerais, os modelos e o ideário afonsinos 439.

437 L. KRUS, “Os heróis da reconquista e a realeza sagrada medieval peninsular: Afonso X e a *Primeira Crónica Geral de Espanha*”, *passim*; e RUCQUOI, *ob.cit.*, pp.215-216.

438 RADA, *De Rebus Hispaniae* (ed. VALVERDE), pp.104-109; e AFONSO X, *PCG* (ed. R. MENÉNDEZ PIDAL), pp.310-314.

439 L. KRUS, “Os heróis da reconquista e a realeza sagrada medieval peninsular: Afonso X e a *Primeira Crónica Geral de Espanha*”, p. 129. A *Primera Crónica General* pela sua importância, terá sido também traduzida para árabe (v. José António MARAVALL, *El concepto de España en la Edad Media*, Madrid, C.E.C., 1997, p. 36, n. 49).

**II. 6. 2. 2. 2. D. João Manuel, Senhor de Vilhena
(Escalona, 1282 – Córdoba, 1349)**

Letrado, guerreiro e grande senhor, filho do Infante D. Manuel, neto do rei São Fernando e sobrinho de Afonso X, nasceu em Escalona, Toledo, em Maio de 1282.

Foi educado na Corte de seu primo, Sancho IV, filho de Afonso X. Em 1294 recebeu o cargo de Adiantado de Murcia e aos catorze anos serviu o rei contra os mouros de Granada. Em 1304, a rainha-mãe D. Maria de Molina confiou-lhe as negociações políticas com Jaime II de Aragão, em nome de seu filho, Fernando IV, ainda menor de idade. Tendo tido grande êxito na sua tarefa, o seu prestígio aumentou e acabou casando com Constança, filha de Jaime II. Com a morte de Fernando IV, em 1312, a regência do reino ficou para a rainha-avó Maria de Molina, juntamente com dois infantes, D. João e D. Pedro, até que estes morreram em 1319.

Só depois da morte daquela rainha, é que D. João Manuel foi o protector do menino-rei Afonso XI, e regente de Castela, entre 1321 e 1325. Em 1325 Afonso XI assumiu o governo do reino e casou com uma filha D. João Manuel, Constança. O repúdio daquela fez com que se o Senhor de Vilhena se levantasse em armas contra Afonso XI.

Aquela mesma Constança Manuel acabou, mais tarde, por casar com o infante D. Pedro de Portugal, pelo que D. João Manuel foi avô materno do rei português D. Fernando.

Circunstâncias várias fizeram com que o clima de conflito entre D. João Manuel e o rei Afonso XI só se tivesse aquietado em 1338. O senhor de Vilhena tomou parte, junto com o monarca, na Batalha do Salado (1340) e no cerco de Algeciras (1344).

Em 1345 deixou todos os seus cargos e retirou-se para um convento em Córdova, onde se passou a dedicar à literatura e aos exercícios espirituais.

Morreu pacificamente na primeira metade de 1349, em Córdova 440.

Grande letrado, dedicou-se a obras de cariz ético e filosófico 441, tendo começado a sua actividade literária por volta de 1320 442. Para o nosso propósito interessam-nos sobretudo as suas contribuições para a historiografia. As mais conhecidas, e possivelmente as suas únicas obras

440 Sobre a vida de D. João Manuel, Senhor de Vilhena, v. Diego CATALÁN, “Don Juan Manuel ante el modelo alfonsí. El testimonio de la *Crónica Abreviada*”, in *La Estoria de España de Alfonso X. Creación y evolución*, Univ. Complutense de Madrid, 1992, pp.197-229; “Juan Manuel (El Infante Don)”, *Enciclopèdia Universal Ilustrada Espasa-Calpe*, Barcelona, Hijos de J. Espasa, EA, 1926 t. XXVIII (2ª parte), pp. 3015-3016; www.castillosdejirm.com/donjuanmanuel.htm: “El Infante Don Juan Manuel”; www.bisabuelos.com/med/castilla0.html: «Don Juan Manuel»; Miguel VICENTE-PEDRAZ, “Don Juan Manuel”, Universidad de León, dmpmvp@unileon.es; “MANUEL. Geneal.”, *Grande Enciclopèdia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa/Rio de Janeiro, Ed. Enciclopédica, 1929 ss. , vol.16, pp. 156-157; B. SANCHÉZ ALONSO, *La Historia de la historiografia....*, pp. 219-220.

historiográficas, são a *Crónica Abreviada*, epítome da *Primera Crónica General*, esta que fora iniciada por seu tio Afonso X, o Sábio, e terminada já no reinado de seu primo Sancho IV, o Bravo, e também a *Crónica Conplida* 443.

A mais conhecida, talvez porque aquela última é dada como perdida, é a *Abreviada*. Talvez o nome daquela seja, porque mais extensa, uma forma de a distinguir da anterior, de carácter resumido. Desconhece-se também se a *Conplida* se relacionaria com a *Primera Crónica General*, ou se se trataria de uma obra autónoma. Estamos em crer que a *Crónica Conplida* poderia ser a tradução castelhana que o Senhor de Vilhena fizera da *CI344* 444.

441 Os títulos conhecidos do punho de D. João Manuel, onde predomina uma preocupação ética e filosófica, são: *Libro de los sabios*; *Libro de la cavalleria*; *Libro del cavallero et del escudero*; *Libro del infante* (ou de los Estados ou ainda de las Leyes); *Libro de los engennos*; *Libro de la caza*; *Libro de las cantigas*; *Libro de los exiemplos* (ou del conde de Lucanor); *Libro de las tres preguntas é razones de su linaje*; *Libro de los castigos et consejos*; *Libro de las reglas como se deuen trovar las Cantigas* e *Libro sobre la fe*. Alguns deles perderam-se. (v. “Juan Manuel (El Infante Don)”, *Enciclopèdia Universal Ilustrada Espasa-Calpe*, Barcelona, Hijos de J. Espasa, EA, 1926 t. XXVIII (2ª parte), pp. 3015-3016; www.castillosdejirm.com/donjuanmanuel.htm; “El Infante Don Juan Manuel”).

442 Diego CATALÁN, “Don Juan Manuel ante el modelo alfonsí...”, p. 197

443 Diego CATALÁN, “Don Juan Manuel ante el modelo alfonsí. El testimonio de la *Crónica Abreviada*”, in *La Estoria de España de Alfonso X. Creación y evolución*, Univ. Complutense de Madrid, 1992, pp.197-229; “Juan Manuel (El Infante Don)”, *Enciclopèdia Universal Ilustrada Espasa-Calpe*, Barcelona, Hijos de J. Espasa, EA, 1926 t. XXVIII (2ª parte), pp. 3015-3016. A própria *Crónica Abreviada* foi retocada a partir da *CI344*, (semelhanças textuais entre a *Cronica Abreviada* e a *CI344* foram detectadas por D. G. PATTISON, “Juan Manuel’s *Crónica Abreviada* and Alphonsine Historiography, in *Medivm Ævum*, 2 (1992), pp. 242-249) o que nos indicia o conhecimento profundo desta última por parte de D. João Manuel, entre 1344, quando foi terminada por D. Pedro, e 1349, quando o Senhor de Vilhena veio a falecer. Não parece haver dúvida de que D. João Manuel era a pessoa mais bem colocada para ter levado a cabo a tradução da *CI344* para castelhano. V. ainda infra Vol. II, 2.I.

444 Sobre esta questão remetemos para a nota supra ou, mais aprofundadamente, para infra Vol. II, 2.I. Curiosamente já no século XIX Amador de los Ríos aventara esta possibilidade, embora tenha sido considerada como uma ‘desorientação’ (c. Diego CATALÁN, “Don Juan Manuel ante el modelo alfonsí. El testimonio de la *Crónica Abreviada*”, p. 198, n. 11).

Terá tido contactos pessoais com D. Pedro Afonso durante o exílio deste em Castela entre 1317 e 1322, e estamos em crer que D. João Manuel poderá ter tido um papel importante no que ao ‘*Livro de Rasis*’ ou ‘*Crónica do Mouro Rasis*’ diz respeito.

As relações de D. João Manuel com D. Pedro Afonso e com aquela última obra aprofundá-las-emos no estudo prévio à edição crítica do ms. *LV*.

II. 6. 2. 2. 3. João Peres de Aboim da Nóbrega (c. 1213 – Portel, 1282) e Pero Anes de Portel (c.1246 – 1312/4?)

Originário da baixa nobreza, João Peres de Aboim foi elevado ao mais alto estrato político e social pela mão do seu protector, o rei Afonso III de Portugal 445.

445 Sobre este poderoso privado do Rei Bolonhês e sua descendência, v. *O Livro dos Bens de D. João de Portel. Cartulário do século XIII* (ed. Pedro de AZEVEDO com ‘Notícia histórica’ de Anselmo Braancamp FREIRE), in *Arquivo Histórico Português*, 1906 -1910, 2ª.ed. fac-sím., Ed.Colibri / Câmara Municipal de Portel, 2003; Leontina VENTURA, *A Nobreza de Corte de Afonso III*, II vols., Coimbra, Fac.Letras, 1992, Tese de Doutoramento, policop.; IDEM, “Johan Perez d’Avoín”, *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa (DLMGP)* (dir. Giulia LANCIANI e Giuseppe TAVANI), Lisboa, Caminho, 1993, pp. 354-355; Maria Antónia Teixeira LOURO, *D. João de Portel, uma memória fundiária do século XIII*, Dissertação de Mestrado, FCSH / Univ.Nova de Lisboa, 1997, policop.; António REI, *Memória de Espaços e Espaços de Memória. De al-Râzî a D. Pedro de Barcelos*, Dissertação de Mestrado, FCSH / Univ.Nova de Lisboa, 2002, policop.; IDEM, “O Livro de Rasis e a memória senhorial da casa dos Aboim-Portel”, *Rev. Callipole* nº13 (2005), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp.17-29.

Não pretendemos aqui alargar-nos sobre esta figura, bem como sobre a de seu filho, Pero Anes de Portel, excepto naquilo que se relaciona com a tenência do Algarve, de que ambos foram titulares, ocorrida entre 1263 e 1267, durante o impasse relativo à integração daquele espaço no reino de Portugal ou no de Leão e Castela 446.

Durante esse período, em que estiveram directamente exercendo autoridade sobre o Algarve, ter-lhes-á chegado às mãos o manuscrito árabe que depois de traduzido ficou conhecido como ‘*Livro de Rasis*’.

Momento culminante da carreira política de João Peres de Aboim, foi também capitalizado pelo mesmo magnate como o mais importante para ilustrar o prestígio da sua Casa senhorial, ao associar intimamente aquele período com aquela tradução. O texto árabe terá sido encontrado no Algarve, talvez em Silves, e é possível que as primeiras acções conducentes à sua tradução para galaico-português tenham decorrido sob a responsabilidade de D. Afonso Peres Farinha, Mestre da Ordem do Hospital e próximo de D. João de Aboim, enquanto fautor da mesma tradução, ou talvez mais provavelmente, como supervisor do respectivo processo 447.

446 Sobre a questão da soberania sobre o reino cristão do Algarve, vejam-se, para lá das informações gerais que se encontram em Frei António BRANDÃO, *Monarquia Lusitana (ML)*, P.IV, fls. 219-228v; *HP-AH* (ed.J. MATTOSO), vol.3, pp. 532-8; Ângelo RIBEIRO, “Últimas conquistas e definição territorial”, *História de Portugal (HP-B)* (dir.Damião PERES), Barcelos, Portucalense Editora, 9 vols., 1928-58, vol. II, pp. 258-68; *HP-M* (dir.J. MATTOSO), vol.2, pp.136-9; *Nova História de Portugal* (dir. A.H. de Oliveira MARQUES e Joel SERRÃO), XII vols., Lisboa, Presença, 1987-..., vol. III, pp.47-9, os seguintes estudos: F. PEREZ-EMBED, *La frontera entre los reinos de Sevilla y Portugal*, Sevilha, 1975; João Carlos GARCIA, *O baixo Guadiana medieval. Formação de uma fronteira*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1983; IDEM, *O espaço medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica*, Lisboa, CEG, 1986; J. MATTOSO, “As relações de Portugal com Castela no reinado de Afonso X, o Sábio”, *Fragmentos de uma composição medieval*, Lisboa, Estampa, 1990, pp. 73-94; J.P. MACHADO, “D.João de Portel e o Algarve”, *Ensaio Histórico-Linguísticos*, pp.138-140; A. REI, “O Livro de Rasis e a memória senhorial da casa dos Aboim-Portel”, *Rev. Callipole* nº13 (2005), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp.17-29.

447 Sobre os conhecimentos de língua árabe do Mestre do Hospital, v. A. REI, “O Livro de Rasis e a memória senhorial da casa dos Aboim-Portel”, p.23 n.35.

Tendo-se desenrolado a empresa que conduziu ao ‘*Livro de Rasis*’ ao longo de várias décadas, só acabou tendo a sua versão final após a morte de D. João, já sob os auspícios de seu filho, Pero Anes de Portel 448.

II. 6. 2. 2. 3. 1. O ‘*Livro de Rasis*’

A denominação dada à tradução do texto identificado como *Livro de al-Rāzī* 449, do árabe para galaico-português foi, na sua origem, ‘*Livro de Rasis*’⁴⁵⁰. A empresa de tradução daquela obra foi concluída por uma equipa de tradutores, dos quais apenas conhecemos os nomes do

448 Sobre o processo de tradução e a sua duração, e a forma de articulação da tradução com a arquitectura da memória senhorial dos Aboim-Portel, v. A. REI, “O Livro de Rasis e a memória senhorial da casa dos Aboim-Portel”, Rev. *Callipole* nº13 (2005), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp.17-29.

449 Relativamente a como o texto da *Farhat al-anfus* de Ibn Ghâlib terá sido entendido como tratando-se da obra dos dois al-Râzî, ou, talvez mais simbolicamente, da obra do pai, Ahmad al-Râzî, v. REI, António, *Memória de Espaços...*, pp. 136-138.

⁴⁵⁰ Como tal aparece designado em Ibn Sa‘îd, *Al-Muğrib fi ħulā-l-Mağrib*, ed. Shawqî DAYF, 2 vols., Cairo, Dār-al-Ma‘arif, 1964, vol.I, p. 321, 339, 361, 363, 381, 403, 411, 417; vol.II, p. 51, 75, 193, 245, 298. No testemunho português mais antigo da CMR, o de André de Resende, encontramos para referir a obra, a expressão latina ‘*librum Rases*’, ‘*liber Rasae*’ (C1344, ed.Cintra, p. CDLXVIII-CDLXXIX; CMR, ed. CATALÁN e ANDRES, p.3, n.; C. MICHAËLIS, “André de Resende e a CMR”, *O Archeologo Português* XXIV (1920), pp. 177-193, p.182), enquanto em português surge ‘liuro’ (C1344, ed. CINTRA, p.CDLXVIII; CMR, ed. CATALÁN e ANDRES, *ibid.*). No ms. castelhano *Ca* encontramos a palavra ‘libro’ (CATALÁN e ANDRES, CMR, p.10), que também aparece no ms. usado por GAYANGOS, (“Memoria...”, p.34), enquanto nos dois outros testemunhos castelhanos (*Mo* e *Es*) se referencia a palavra ‘coronica’ (CATALÁN e ANDRES, CMR, p.4). Assim, somos levados a pensar que a tradução original de Gil Peres e Muhammad Alarife, teria em ‘Livro’ o seu provável título, tal como surge no testemunho árabe (séc.XII-XIII), e que a designação ‘Crónica’ lhe teria sido atribuída mais tarde, talvez a partir das cópias castelhanas. C. MICHAËLIS na *ob.cit.*, usou profusamente a designação: *Livro de Rasis*. A autora preferiu-a claramente à expressão ‘*Crónica do Mouro Rasis*’, pois enquanto apenas a utilizou no título do seu trabalho, no texto só duas vezes falou em ‘*Crónica* de Rasis’, a expressão ‘*Livro de Rasis*’ aparece dezassete vezes (!), e só a palavra ‘*Livro*’ mais três vezes. Talvez a tenha adoptado a partir da transcrição do latim de Resende (cf.supra). Também

redactor, Gil Peres, um letrado ao serviço de Pero Anes de Portel⁴⁵¹, e do principal dos leitores/tradutores, o muçulmano mudéjar Mestre Muhammad, alarife de profissão⁴⁵². “Principal”, porque só dele se conhece o nome, embora se saiba que também outros mouros leram para Gil Peres⁴⁵³.

Não se conhece a data exacta deste empreendimento letrado. Sabemos, no entanto, ter sido terminado em 1312⁴⁵⁴, ou, quando muito, seguramente antes de 1315, visto ser esta a data em que faleceu Pero Anes, o último senhor da Casa de Aboim / Portel⁴⁵⁵, no âmbito da qual se efectuou aquela tradução⁴⁵⁶.

José Leite de VASCONCELOS hesitou entre ‘*Livro, Geografia ou Crónica do Mouro Rasis*’ ao identificar um excerto da parte geográfica da *C1344* que ele incluiu nos seus *Textos Arcaicos*, 5ª.ed., Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1970, p. 54.

⁴⁵¹ Embora se tenha tornado recorrente identificar Gil Peres como clérigo (v.*C1344*, ed. CINTRA, vol.I, p. CXLIII; *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p.XI; GAYANGOS, “Memória...”, p.23, n.4.), e como tal o referimos também na nossa Dissertação de Mestrado, v. *Memória de Espaços* ..., p.85, temos neste momento bastantes reservas sobre essa possível condição eclesiástica do redactor do ‘*Livro de Rasis*’, questão que pretendemos abordar proximamente.

⁴⁵² *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p.3. Gayangos parece ter dúvidas sobre se o Mestre Muhammad terá ou não sido um alarife, pois diz “[...] un moro llamado maestre Mahomat (otros añaden el alarife)[...]”, *ibidem*.

⁴⁵³ *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p.10; GAYANGOS, “Memória...”, p.34 ; A. REI, *Memória de Espaços...*, pp. 85-86.

⁴⁵⁴ Segundo o Conde da Ericeira, quando fez a apresentação na *Academia da História Portuguesa*, em 1724, do códice nº 146 da livraria dos Condes do Vimieiro, que antes pertencera a Resende e a Severim de Faria. (cf. Carolina MICHAËLIS, “André de Resende e a *CMR*”, p.186).

⁴⁵⁵ *C1344*, ed. CINTRA, vol.I, p.CXLIII; *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p.XIII.

⁴⁵⁶ Sobre os Aboim/Portel, e a sua importância em todo este processo, v. António REI, “O Livro de Rasis e a memória senhorial da casa dos Aboim-Portel”, *Rev. Callipole* nº13 (2005), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp. 17-29.

II. 6. 2. 2. 3. 2. *‘Livro de Rasis’, ‘Historia del Moro Rasis’*

e *‘Crónica del Moro Rasis’*

Apesar de a obra ter tido denominações várias, *Livro de Rasis*, em português, e *Historia del Moro Rasis* e *Crónica del Moro Rasis*, em castelhano, foi sem dúvida esta última designação que acabou identificando e mesmo celebrizando esta obra traduzida do árabe para galaico-português e deste para castelhano. Assim, usaremos a sigla da última (*CMR*) para genericamente a identificarmos. Só em casos de excepção usaremos alguma das outras duas (*LR* ou *HMR*).

Tendo-se perdido qualquer cópia, integral ou parcial, da versão original da tradução portuguesa, da qual o último apógrafo conhecido terá desaparecido em 1755, durante o Terramoto ⁴⁵⁷, apenas subsistiram da *CMR* algumas versões castelhanas, das quais as mais antigas remontam ao século XV ⁴⁵⁸. Em língua portuguesa, e até ao presente momento, apenas se recenseiam as partes integrantes da *CI344*, tanto as editadas por

⁴⁵⁷Cf. C. Michaëlis, “André de Resende e a *CMR*”, p.186-7; *CI344*, ed. Cintra, vol. I, p. CCCXXXI-CCCXXXII; *CMR*, ed.Catalán e Andres, p.XII-XIII.

⁴⁵⁸Trata-se dos manuscritos, *Ca*, *Mo* e *Es*, da *CMR* utilizados por Diego Catalán e Maria Soledad de Andres como base para a respectiva edição, visto os considerarem os mais genuínos e menos alterados (*CMR*, ed.Catalán e Andres, p.XIII-XVII); embora existam outros mais tardios (*Idem*, p.XVII, n.27). Na origem dos mss. *Ca*, *Mo* e *Es*, estaria, segundo aqueles autores, uma tradução de Pedro de Corral, a qual fora utilizada na composição da sua *Crónica Sarracina* (*Idem*, p.XIII). Sobre o contexto historico-literário que terá envolvido a tradução castelhana do *LR*, v. infra Vol. II: 2.III.5.1. «O conde de Barcelos, o Senhor de Vilhena e a tradução da *‘Historia del Moro Rasis’*».

Lindley Cintra (ms. *L*)⁴⁵⁹, como as do ms. de Paris (ms. *P*), tendo sido este último parcialmente publicado por António Nunes de Carvalho, em 1863⁴⁶⁰; assim como alguns excertos transcritos por André de Resende, no século XVI, e outros, de menor dimensão, transcritos por Duarte Nunes de Leão⁴⁶¹.

Um dos principais testemunhos textuais da *CMR*, uma obra originalmente dividida em três partes (Introdução geográfica, História Pré-Islâmica e História Islâmica)⁴⁶² é a *CI344*, embora nesta última aquelas partes figurem com algumas alterações e interpolações mais ou menos significativas⁴⁶³. Ainda assim, contudo, a Descrição Geográfica é considerada como a parte menos alterada relativamente ao primitivo texto, e, portanto, a que estará mais próxima da sua matriz árabe, quer na *CMR* quer na *CI344*⁴⁶⁴.

⁴⁵⁹Sobre as partes da *CMR* transcritas na *CI344*, tanto na primeira versão como na versão refundida, v. *CI344*, ed. Cintra, vol. I, pp. XXXI-XXXVI (1ª redacção); pp. XXXVI-XXXVIII (2ª redacção).

⁴⁶⁰Sobre o ms. *P* e a sua edição incompleta em meados do século XIX, v. infra 1.2. “a *CI344*”.

⁴⁶¹Estes excertos transcritos por Resende foram publicados por Lindley CINTRA (*CI344*, vol. I, Apêndices, pp. CDLXVII-CDLXXII) e por CATALÁN e ANDRES (*CMR, passim*), acompanhando as passagens similares dos três testemunhos castelhanos. Ainda sobre outras passagens que subsistem da *CMR*, em português, v. A. REI, *Memória de Espaços...*, Anexo II, “Diferentes cópias da *CMR original*”, o relativo a ‘Duarte Nunes de Leão e a *CMR*’.

⁴⁶²Três partes já identificadas por GAYANGOS na sua “Memória...”, p. 5.

⁴⁶³Cf. *CI344*, ed. CINTRA, p. XXXIII e XXXVII-XXXVIII.

⁴⁶⁴Sobre questões relativas à descrição espacial da Península Ibérica, cf. A. REI, *Memória de Espaços...*, especialmente 1.3. “A «Descrição Geográfica» de al-Râzî”, pp. 25-27.

Reabilitada por Gayangos, a *CMR* deve-lhe a sua primeira edição⁴⁶⁵. Uma edição cuja vigência apenas terminou em 1975, quando Diego Catalán e Maria Soledad de Andres, ao editarem criticamente a *CMR* com base em três dos vários testemunhos manuscritos castelhanos, os mss. *Ca*, *Es* e *Mo*⁴⁶⁶, vieram dar-lhe alternativa e descanso.

II. 6. 2. 2. 4. Pedro Afonso, Conde de Barcelos (1282?- 1354)

Filho natural de D. Dinis, foi genro daquele Pero Anes de Portel, por ter casado com sua filha D. Branca Peres de Sousa. Com o falecimento daquela senhora foi Pedro Afonso constituído seu herdeiro, tendo, entre a herança e as doações de seu pai, conseguido juntar um grande património fundiário.

Foi elevado a Conde de Barcelos em 1314, tendo recebido o título e o respectivo domínio senhorial.

⁴⁶⁵Diz-nos GAYANGOS que usou para o seu estudo e edição “dos copias al parecer fieles y exactas” (“Memoria...”, p. 30), uma das quais que teria sido feita a partir de *Ca*, mas que ele não confrontou com o original de *Ca*. Na realidade terá usado sim um texto tardio, onde a parte da História Islâmica foi completada a partir da *C1344* (> *ms. E*), pois essa parte mostra-se idêntica à que surge no ms.*Cop* (séc.XVII; e em Apêndice na ed. CATALÁN e ANDRES, pp. 285-376) e também nos testemunhos da *C1344*, embora falte nos mss. editados por CATALÁN e ANDRES. (cf. CATALÁN e ANDRES *CMR*, p.XVII). Sobre os textos ‘híbridos’ do século XVII, v. A. REI, *Memória de Espaços...*, em especial Anexo IV (“Manuscrito inédito da *CMR* em Portugal - o ms.*LV* do MNA-Lisboa”); e IDEM, “Manuscrito inédito atribuído à *Crónica do Mouro Rasis*, em Portugal - o ms. *LV* do Museu Nacional de Arqueologia -Lisboa”, *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol.19 (2001), pp. 235-245.

⁴⁶⁶Cf.*CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p.XI-CX.

Tendo participado na confrontação que envolveu seu pai, o rei D. Dinis, e seu irmão, o herdeiro D. Afonso, acabou exilado em Castela entre 1317 e 1322, durante o período final da regência de Maria de Molina e início da regência em que participou D. João Manuel, Senhor de Vilhena, atrás referido. Como já dissémos, o contacto entre estes dois senhores terá sido importante no que toca à futura divulgação, principalmente castelhana, da chamada *CMR*.

Regressado a Portugal, medeia os conflitos entre o pai e o irmão, e após 1325, com a morte daquele e a subida ao trono deste, deixou a corte e afastou-se para os seus senhorios de Lalim, onde passou a residir até à sua morte em 1354 ⁴⁶⁷.

Como letrado teve, com já vimos, contacto com o meio cultural dos Aboim-Portel, pelo seu casamento com uma senhora daquela família.

As suas obras maiores, o *Livro de Linhagens* e a *Crónica Geral de Espanha de 1344*, compô-las na fase final da sua vida, acabando ambas, embora sob formas distintas, por terem sido marcadas pela enorme coligação, régia e senhorial, que esteve presente na Batalha do Salado (1340).

D. Pedro foi, através da sua *Crónica Geral de Espanha*, o introdutor em Portugal do modelo historiográfico afonsino ⁴⁶⁸.

⁴⁶⁷ Sobre Pedro Afonso, Conde de Barcelos, a biografia principal continua a ser a inserta na *C1344*, ed. CINTRA, pp. CLVI-CLXIX. Vejam-se também: Luís KRUS, “Pedro, conde de Barcelos”, in *Dicionário Ilustrado de História de Portugal (DIHP)*, II, Lisboa, Alfa, 1985, pp. 91-2; M. SIMÕES, “Pedro de Portugal, Conde de Barcelos”, *DLMGP*, pp. 521-523; A. de Almeida FERNANDES, *A história de Lalim. Homenagem ao conde D. Pedro*, Lalim, Câmara Municipal de Lamego, 1990; M. BARROCA, *Epigrafia...*, pp. 1467-72; Carla Varela FERNANDES, “D. Pedro, conde de Barcelos, e a escolha de S.João de Tarouca como ‘locus’ sepulcral”, in *Cister. Espaços, territórios, paisagens. Actas de Colóquio*, II, Lisboa, MC e IPPA, 2000, pp. 443-50.

⁴⁶⁸ Diego CATALÁN, *De Alfonso X al Conde de Barcelos*, Madrid, Gredos, 1962, em especial “D. Pedro de Barcelos y la entrada de la historiografia alfonsi en Portugal”, pp.289-411; L. KRUS, “Os Heróis da Reconquista...”, p.129.

Para D. Pedro aquela congregação da elite guerreira hispânica levou-o a concluir, e a ser o arauto, de que a principal qualidade daquela aristocracia e o motivo maior da sua coesão como estamento social, teria de ser a consciência da sua predestinação como guerreiros-cruzados, escolhidos pela Divindade para salvar a Cristandade 469.

A óptica do Conde de Barcelos não era inocente, pois segundo a sua argumentação os monarcas deveriam continuar a ser uns *primvs inter pares* mais empenhados em ter o seu escol guerreiro sempre pronto à acção militar redentora, do que ocupados a ‘cimentar’ as estruturas da ainda incipiente administração central, e a cercear os poderes a essas famílias de guerreiros que, desde há séculos, devotadamente, se dedicavam à expansão dos territórios da cristandade 470.

No *Livro de Linhagens* o Conde pretendeu traçar a continuidade dessas famílias, enquanto na *Crónica de 1344*, procurou demonstrar a efectividade da sua conceptualização do poder em monarquias intrinsecamente sagradas pelo acto guerreiro. A verdadeira solidariedade hispânica que se produzira para que todos juntos, no Salado, afrontassem a nova invasão, seria também uma panaceia para a resolução das tensões que as monarquias cristãs peninsulares vinham sofrendo desde há quase três quartos de século 471.

Dentro daquela óptica, rei que não fosse guerreiro não ficaria totalmente legitimado nas suas funções.

469 L. KRUS, *A Conceção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380)*, p. 16.

470 L.KRUS, “Os heróis da reconquista e a realza sagrada medieval peninsular: Afonso X e a *Primeira Crónica Geral de Espanha*”, em especial, p.131.

471 L. KRUS, *A Conceção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380)*, pp.115-116 e ns. 230-231.

Na realidade D. Pedro foi um dos porta-vozes privilegiados que deram eco à crise que principalmente a nobreza portuguesa, mas não só, estava atravessando. No caso português relacionava-se essa crise com o final da ‘reconquista’ em espaço português, não havendo para a nobreza guerreira, ou ‘velha nobreza’, reais possibilidades de expansão dominial em função da guerra 472.

No caso castelhano-leonês, com as possibilidades de ‘reconquista’ de Granada ainda em aberto, a verdade é que desde meados do século anterior que não havia um significativo avanço das fronteiras, a Sul. E, portanto, a nobreza não tinha como conseguir ir buscar mais domínios e riqueza 473.

As velhas nobrezas de cariz guerreiro reagiam também contra as novas nobrezas cortesãs, cujas carreiras ascensionais estavam mais ligadas ao desempenho de funções administrativas junto dos monarcas do que a acções de foro militar. Ou seja, gente mais de “serviço” de corte que de espada 474.

472 É nesse impasse pós-‘reconquista’ que as famílias senhoriais do reino de Portugal começam a fazer redigir as suas memórias e as suas genealogias, para os vindouros saberem de quem vinham. Curiosamente é no âmbito da Casa dos Riba de Vizela que surge a primeira obra do género, o *Livro Velho de Linhagens*. Os Riba de Vizela eram uma família ligada às antigas linhagens dos Infanções (Maia, Sousa, Riba Douro, Baião e Braganções [v. J.MATTOSO, *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros*, Lisboa, Guimarães Ed., 1982, p.45]) e contra a ascensão da nova nobreza ‘de corte’ simbolizada precisamente por João Peres de Aboim. Inclusivamente o mais poderoso dos senhores de Riba de Vizela, Gil Martins, foi destituído do cargo de mordomo-mor de Afonso III, tendo o mesmo cargo passado para aquele João Peres de Aboim. Afrontado com a atitude do monarca, Gil Martins exilou-se, até à morte em Castela, na corte de Afonso X (Sobre este conflito entre duas nobrezas, v. A. REI, “Os Riba de Vizela, Senhores de Terena (1259-1312)”, *Callipole - Rev. Municipal de Cultura* nº 9 (2001), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp. 13-22.

473 L.KRUS, “Os heróis da reconquista e a realza sagrada medieval peninsular: Afonso X e a *Primeira Crónica Geral de Espanha*”, p.132.

474 V. supra n. 97.

II. 6. 2. 2. 4. 1. *CI344*

A *CI344*, obra portuguesa marcada pelo modelo cronístico afonsino, mais na metodologia do que nos conteúdos⁴⁷⁵, foi composta por D. Pedro Afonso, conde de Barcelos, em 1344, tendo sido refundida mais tarde, cerca de 1400 (*R1400*)⁴⁷⁶. Ambas as versões, a original e a refundida, foram traduzidas para castelhano.

A *CI344* foi composta a partir de um conjunto de fontes que variaram entre a versão original e a versão refundida. No entanto, com algumas diferenças, as componentes da *CMR* continuaram fazendo parte do texto da *CI344* em ambas as versões referidas, e a Descrição Geográfica foi uma delas⁴⁷⁷.

⁴⁷⁵Cf. A.REI, “O texto atribuído a RZ, na historiografia romance (1265-1344) - significado histórico-cultural duma tradição textual”. Sobre o tema dos antecedentes e influências da cronística alfonsina na *CI344*, v. Diego CATALÁN, *De Alfonso X al Conde de Barcelos*, Madrid, Gredos, 1962, principalmente o último estudo, intitulado “Don Pedro de Barcelos y la entrada de la historiografia alfonsí en Portugal”, pp. 289-411. Ainda sobre esta Crónica, embora anterior à edição de Lindley Cintra, e portanto veiculando conclusões depois definitivamente ultrapassadas, B. SANCHEZ ALONSO, *La Historia de la historiografia...*, pp. 220-222.

⁴⁷⁶Para as datações da primeira e da segunda versões, v. *CI344*, ed. CINTRA, vol.I, p. XXXIX-XL.

A proximidade familiar que existiu entre o patrocinador da redacção final da *CMR*, Pero Eanes de Portel, e o compilador da *CI344*, o Conde D. Pedro, visto terem sido, respectivamente, sogro e genro, fez com que a *CMR* fosse naturalmente conhecida pelo segundo.

Da versão portuguesa original da *CI344* não chegou até nós nenhum manuscrito⁴⁷⁸. Lindley Cintra baseou a sua reconstituição num testemunho ‘restaurado’ da versão de 1420, o ms. *L*. Para além deste existe um outro testemunho português também do século XV, embora posterior, o ms. *P*⁴⁷⁹. São ambos exemplares de uma família de textos a que há que acrescentar dois mss. tardios do século XVII, *Li* e *Ev*⁴⁸⁰, com características que os afastam dos testemunhos relativos às traduções castelhanas, tanto da versão de 1344, como da de 1400⁴⁸¹.

⁴⁷⁷ Os dois conjuntos de fontes usadas nas versões de 1344 e 1400, vêm na *CI344*, ed. CINTRA, vol. I, p. XXXI-XXXVIII.

⁴⁷⁸ Sobre todos os mss. da *CI344*, características específicas, famílias textuais e relações recíprocas entre eles, v. *CI344*, ed. CINTRA, vol. I, ‘Introdução - Segunda Parte’, p. CDLXXXIX - DXL.

⁴⁷⁹ Trata-se de uma versão portuguesa elaborada entre 1457 e 1463, por iniciativa do Condestável D. Pedro, rei de Aragão, e que se encontra em Paris. António Nunes de Carvalho, emigrado liberal em França, veio mais tarde a editar uma sua cópia, que fizera em Paris. A publicação, suspensa em 1863, só chegou até ao cap. CCII (Cf. *CI344*, ed. CINTRA, vol. I, p. XLI-XLII e DII-DXVIII; ed. A.N. de CARVALHO, p. DXVII-DXVIII). Sobre o Condestável D. Pedro e a sua relação com a *CI344*, v. também José de BRAGANÇA, “A «Crónica Geral de Espanha» da Biblioteca de Paris é uma recopilação, em parte original, do condestável D. Pedro”, *Diário de Notícias*, 1935/ 02 / 20, p.1 e 7.

⁴⁸⁰ As duas cópias portuguesas tardias, do séc. XVII, são os mss. *Ev* (> BPADE, CV/2-23. Cf. *CI344*, ed. CINTRA, vol. I, p. DXXI; Isabel Vilares CEPEDA, *Bibliografia da Prosa Medieval em Língua Portuguesa*, Lisboa, IBNL, 1995, p. 85) e *Li* (> BNL, Cod.8650. Cf. *CI344*, ed. Cintra, vol. I, p. DXVIII-DXXI; e Isabel V. CEPEDA, *ibidem*), ambas derivadas de *P*.

⁴⁸¹ Sobre a os mss. portugueses e os mss. castelhanos da *RI400*, relações recíprocas entre eles, e árvore genealógica dos testemunhos, v. *CI344*, ed. CINTRA, vol. I, pp. LXXXVII e DXXV-DXL. Também Diego Catalán diz ser “[...]la versión portuguesa conservada por *Z [ms. matriz dos mss. portugueses], heredera directa de la originaria traducción de Rasis al portugués hecha por Gil Pérez[...]”, cf. IDEM, *De Alfonso X al Conde de Barcelos*, pp. 296-297.

Os mss. tradicionalmente representativos das traduções castelhanas da *C1344*, os *M* e *E*, relativamente ao texto de 1344, e os *U*, *Q*, e *V* no que diz respeito ao da *R1400* -, depois de muito estudados por Ramón Menendez Pidal, e por ele preparados para virem a ser publicados⁴⁸², acabaram finalmente por conhecer a edição que Diego Catalán e Maria Soledad de Andres lhes proporcionaram em 1971⁴⁸³.

A edição assentou essencialmente em dois testemunhos: o *M*, do texto de 1344, e o *U*, para o da versão de 1400. Criticamente, foram usados em notas todos os demais testemunhos então conhecidos da *C1344*, assim como, quando tal se impunha, testemunhos da *CMR* 484.

Através da confrontação de textos comuns à *CMR* e à *C1344*, tem sido atribuído a Gil Peres a responsabilidade pelo tom romanceado e empolado que hoje caracteriza o texto disponível sobre o que teria sido a narrativa original árabe sobre o passado pré-islâmico da Península. Por outro lado, no que respeita à história islâmica, também se lhe credencia o ter abreviado o primitivo texto árabe, ou de ter utilizado uma sua versão compendial⁴⁸⁵.

⁴⁸²Desde 1921 que Ramón Menendez Pidal pensava na edição da *C1344* (cf. *C1344*, ed. CINTRA, vol.I, p.XXIV). Por motivos vários os trabalhos foram-se arrastando até 1935, onde no Centro de Estudios Históricos, preparava a edição dos testemunhos castelhanos da *C1344*, com a colaboração de Miguel Bordonau e de Eudóximo Varón Vallejo (*Idem*, p. XLV).

⁴⁸³Diego CATALÁN e Maria Soledad de ANDRES, *1ª Edición Crítica del texto español de la Crónica de 1344 que ordenó el Conde de Barcelos don Pedro Alfonso*, Madrid, Gredos, 1971 (= *C1344e*, ed. Catalán e Andres).

484 Além daqueles testemunhos de origem romance, ainda são utilizados alguns manuscritos representativos dos textos geográficos com origem hispano-árabe, nomeadamente os de Yâqût (YQ) e de al-Himyarî (HM) (v. *C1344e*, ed. CATALÁN e ANDRES, *passim*).

⁴⁸⁵GAYANGOS, “Memória...”, p.26.

Quanto à *C1344*, os estudos de crítica textual disponíveis sublinham como, relativamente à *CMR*, nela se teria optado por uma versão mais resumida da *CMR*, onde já se tivesse limado a exuberância textual da sua versão original; ou porque talvez se tivesse baseado num manuscrito com algumas lacunas⁴⁸⁶.

Sintetizando, os Senhores de Aboim-Portel patrocinaram a tradução do texto árabe para português e o genro do último daqueles senhores, o Conde de Barcelos, D. Pedro, ao incluir na composição da sua *C1344* parte daquela tradução, em especial a em que é feita a descrição geográfica da Hispânia, ajudou a preservar e a divulgar um texto de origem hispano-árabe e em que coexistiam características laudatórias e pragmáticas.

A sua importância foi de tal ordem que acabou por substituir, a partir de então, na cronística peninsular, as ‘laudes’ de perfil isidoriano e que se tinham mantido até à *Primeira Crónica Geral*, mandada compor por Afonso X.

Coube, assim, ao bisneto do Rei-Sábio, Pedro de Barcelos, o vir a dar descanso ao velho modelo panegírico que remontava à escrita do grande Bispo de Sevilha, e transpor para a cultura romance peninsular o modelo discursivo de origem hispano-árabe, que remontava a Aḥmad al-Rāzī.

⁴⁸⁶*C1344*, ed. CINTRA, vol.I, p. CCCXLIV-CCCXLV e CCCL; *CMR*, CATALÁN e ANDRES, p.XIX.

II. 7. Período Tardio (Séculos XVI-XVII)

Resolvemos integrar este período, a que chamamos ‘tardio’ e claramente já fora das delimitações medievais, como um género de epílogo a esta questão, pois até ao século XVII ainda se constata a permanência deste discurso que se cristalizara no século X; e a partir do século XVIII, com o advento das ‘Luzes’, começaram a impor-se novos conceitos científicos, que também se fizeram sentir numa nova apreensão / compreensão do espaço peninsular.

Essas novas concepções acabaram por remeter para o esquecimento a até então referência inquestionável, a autoridade da vetusta descrição geográfica da Hispânia que remontava ao século X e que se terá ficado a dever aos punhos dos dois al-Rāzī, mais ou menos miticamente fundidos num só.

São também os últimos ecos que aquele discurso laudatório deixou, constatáveis ainda em círculos letrados ou em círculos próximos do poder político. Ou também perceptíveis ainda, em grupos culturais que apesar da sua condição oficialmente marginal, ainda mantinham um discurso de louvor à Hispânia, à Terra-Mãe, quer quando foram obrigados a viver numa condição de segregação social, quer quando se viram forçados a abandonar a terra que lhes fora berço. Estamos, neste caso, a referir-nos aos ‘mouriscos’ e aos judeus.

Assim, resolvemos dividi-lo em quatro apartados: em primeiro lugar, as *'laudes' mouriscas*, onde se dá notícia de algo do que os cripto-muçulmanos, oficialmente neo-cristãos, deixaram como últimos sinais, últimas memórias das glórias do al-Andalus. Em segundo lugar, as *memórias judaicas de Sefarad / Hispânia*, onde se faz também uma leitura das memórias que os judeus hispânicos mantinham desta sua terra. Em terceiro lugar os *derradeiros sinais que o LR deixou ainda na cultura portuguesa dos séculos XVI e XVII*.

E por último, um breve relance pelo *império hispânico do 'Século de Ouro'*, e pela forma como a estruturação do estado moderno espanhol terá usado a herança que provinha do Califado Omíada. E não se pode terminar sem referir o labor erudito de restauro da *'CMR'* levado a cabo em Espanha, no século XVII.

II.7.1. As *'laudes' mouriscas*

Neste ponto pretendemos apenas identificar algumas referências laudatórias à Hispânia produzidas a partir de dentro da comunidade mudéjar/mourisca estabelecida dentro do reino de Espanha. Ou seja, entre quando se deu a junção das duas coroas, a partir de 1479, Leão e

Castela por Isabel e Aragão por Fernando, os Reis Católicos⁴⁸⁷, e 1609, quando foi decretada a expulsão final daquela comunidade, já no reinado de Filipe III de Espanha e II de Portugal⁴⁸⁸.

A consciência de que se trata de uma época crítica terá feito com que o discurso se tenha dramatizado e tornado ainda um pouco mais irrealista. Entre os elementos mais importantes desses textos laudatórios de origem mourisca contam-se *ahādith* ou outros excertos que apresentam relatos proféticos ou pseudo-proféticos relacionados ou relacionáveis com a condição do Islão nesse momento na Hispânia.

Entre aqueles relatos encontram-se, naturalmente, textos com origem cultural islâmica, mas não só. Surgem também incluídos excertos das chamadas ‘profecias de S. Isidoro’, com origem cristã, e que falariam da perda e recuperação da Hispânia⁴⁸⁹, o que demonstra o hibridismo cultural hispânico que era já então o dos mouriscos ⁴⁹⁰.

⁴⁸⁷ J.DELORME, *ob.cit.*, p. 248.

⁴⁸⁸ *Idem*, p. 274.

⁴⁸⁹ Luís F. BERNABE PONS, “Laus al-Andalus en la literatura morisca”, *RIEEI* XXVI (1993-94), pp. 149-160, p. 151; Mercedes GARCIA-ARENAL, “Expectativas messianicas en el Magreb y la Península Iberica: entre David Reubeni y Sabbatai Sevi”, *Actas do Coloquio Internacional «Os Judeus Sefarditas entre Portugal, Espanha e Marrocos»*, Ed.Colibri / CIDEHUS.UE / Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, 2004, pp. 53-85, pp. 56-59.

⁴⁹⁰ Ainda como sinal do hibridismo cultural dos mouriscos, está o caso da literatura ‘aljamiada’, onde se escreve em idioma castelhano, embora utilizando o alfabeto árabe. Sobre o fenómeno da aljamia em português, v. David LOPES, *Textos em aljamia portuguesa. Estudo filológico e histórico*, 2ª.ed., Lisboa, IN-CM, 1940 [1ª.ed., 1897]; um ponto de situação recente sobre a aljamia na Hispânia em Antonio VESPERTINO RODRÍGUEZ, “La literatura aljamiado-morisca. Estado de la cuestión”, in *Actas da Mesa Redonda Internacional ‘Islão minoritário na Península Ibérica’* (ed. A. SIDARUS), Lisboa, Hugin Editores, 2001, pp. 81-97. Relativamente ao estudo semiótico do discurso aljamiado-mourisco, v. Luís CARMELO, *La representation du réel dans des textes prophetiques de la literature aljamiado-morisque*, Univ. de Utreque, 1995, Tese de Doutoramento, policop., 363 pp. (versão portuguesa a ser publicada com o sugestivo título de *As Portas do Paraíso...*); IDEM, “A literatura aljamiado-mourisca ou o reverso do ‘Século de ouro’ ibérico”, in *Actas da Mesa Redonda Internacional ‘Islão minoritário na Península Ibérica’* (ed. A. SIDARUS), Lisboa, Hugin Editores, 2001, pp. 99-118.

Os elementos de origem islâmica reforçam as condições especiais e os méritos de al-Andalus: estas terras do extremo Ocidente eram as Portas do Paraíso, ou nelas se situava uma dessas Portas; ou, ainda, que nelas se situava uma das Portas do Céu 491.

As referências a Granada e sua região, último espaço do Islão peninsular, fazem com que seja comparada ao Paraíso na Terra 492. Esta é uma ‘terra santa’ 493, onde um dia e uma noite na defesa das suas fronteiras é melhor do que doze Peregrinações a Meca 494.

Surgem inseridos nos textos mouriscos *ahādith* de conteúdo semelhante aos que aparecem na obra anónima do século XIV, *Dhikr bilād al-Andalus*, sendo atribuíveis alguns deles ao próprio Profeta, e que começaram a circular a partir de meados do século XI 495.

Um outro elemento importante, que já se constatava em textos que circulavam pelo menos desde o século XIII 496, é a muito presente referência a *al-Mahdī* 497, o restaurador da pureza da religião e da justiça social. A figura ‘messiânica’ islâmica acabou por tomar na Hispânia uma coloração e um contexto próprios, dando origem ao ‘Encoberto’.

491 Luís F. BERNABE PONS, *ob.cit.*, pp.152-153; Luís CARMELO, *ob.cit.*, pp. 265-266.

492 L. F. BERNABE PONS, *ob.cit.*, p.159.

493 *Idem*, p.153.

494 *Idem*, pp.155-156; Luís CARMELO, *ob.cit.*, p. 265.

495 Os autores que começam a apresentar estas recolhas de *ahadith* são do período entre a segunda metade do século XI e os finais do século XIII, ou seja, são contemporâneos do início e do rápido retrocesso territorial do Islão hispânico. O sentimento de crise cada vez mais presente leva ao surgimento destes textos (Luís MOLINA, *Dhikr...*, Estudo: II, p.307); v. ainda Luís F. BERNABE PONS, *ob.cit.*, p.154, n.12., e supra II.5., n. 85.

496 Luís CARMELO, *ob.cit.*, pp. 44-45; Mercedes GARCIA-ARENAL, *ob.cit.*, p.57.

Com origem levantina, a figura do ‘Encoberto’ acabou por passar, durante o século XVI, à cultura mourisca cripto-islâmica e também à cultura portuguesa, numa vertente mais ou menos eivada de cripto-judaísmo⁴⁹⁸.

Um outro aspecto discursivo presente nos textos aljamiado-mouriscos, e de forma recorrente, é o forte colorido da narração que descreve o ponto de chegada, o objectivo último, sem que, no entanto, seja dada qualquer importância a um possível trajecto para atingir aquela meta descrita e ansiada. Essa obsessão pelo fim em si mesmo seria mais uma evidência da posição apocalíptica adoptada pelos mouriscos⁴⁹⁹.

Era preciso dar esperança às almas e, para tal, quaisquer elementos discursivos que pudessem produzir aquele efeito eram adoptados, independentemente das suas origens culturais, mesmo que não-islâmicas.

497 V. supra II.5.

498 Sobre o ‘Encoberto’, sua origem e desenvolvimento do mito em contexto mourisco, v. Luís CARMELO, *ob.cit.*, p. 322-324; v. ainda IDEM, “O Tríptico da Semana: 1- O Encoberto: uma longa história também portuguesa; 2- Outros Encobertos portugueses que não D. Sebastião; e 3- O que está por trás do símbolo do Encoberto ibérico?”, in *Diário do Sul*, Évora, 4 Dezembro 1998. Embora se saiba que este mito vai acabar por integrar o Sebastianismo, como este trabalho não vai estudar esta crença messiânica, sugerimos apenas alguma bibliografia básica: Sampaio BRUNO, *O Encoberto*, Porto, Lello & Irmão Ed., 1983 [ed. facsím.da 1ª.ed.: Porto, Livraria Moreira, 1904]; António Machado PIRES, *D. Sebastião e o Encoberto*, Lisboa, FCG, 1982; José van den BESSELAAR, *O Sebastianismo – História sumária*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

499 Luís CARMELO, *La representation du réel dans des textes prophetiques de la littérature aljamiado-morisque*, p.77.

II.7.2. Memórias judaicas de Sefarad / Hispânia

É bem possível que as primeiras referências à Hispânia entre os judeus sejam aquelas que relacionam o rei Salomão com estas terras, ainda então chamadas Tarsis⁵⁰⁰. Narrativas com origem nesse período, ou atribuídos a ele, poderão estar na origem dos relatos (*ahādith*) que na cultura islâmica ficaram conhecidos como *Isrā'īliyyāt*. Estas *Isrā'īliyyāt* foram transmitidas por judeus que se converteram ao Islão e acabaram por ser recolhidas nas colectâneas de *ahādith* ⁵⁰¹.

Curiosamente, na obra anónima do século XIV *Dhikr bilād al-Andalus*, no capítulo onde surgem compilados *ahādith* que falam dos méritos de al-Andalus, entre eles figura uma *Isrā'īliyyāt*, sintomaticamente envolvendo o rei Salomão no relato⁵⁰².

⁵⁰⁰ V. supra II.1.2.1. “Anais do Rei Salomão”.

⁵⁰¹ Sobre estes contributos de origem judaica nos *ahādith* islâmicos, v. Georges VAJDA, “Isrā'īliyyāt”, *E.I.*2, t.IV, pp. 221-222; e também J. VALLVÉ, *División...*, p. 28.

⁵⁰² Luís MOLINA, *Dhikr...*, tx.ár., I, pp.16-17; trad.cast. II, p. 23; recolhido também por J. VALLVÉ, *División...*, pp. 28-29.

Sabe-se que ainda hoje os judeus têm a consciência de que o seu período áureo, do ponto de vista cultural, o atingiram na Hispânia, durante a fase islâmica⁵⁰³, pois quer no período visigodo quer depois nos reinos neo-godos foram sempre mal tolerados pela cultura e religião cristãs.

Durante o período califal figuras de proa dos estudos talmúdicos vieram do Oriente fixar-se em al-Andalus⁵⁰⁴, e o judeu sefardita mais conhecido desse período é Hasdai ben Shaprut, grande letrado, tradutor, diplomata e um dos médicos pessoais de ‘Abd al-Raḥmān III⁵⁰⁵.

Mas, atendendo ao período que nos ocupa agora, são de salientar duas grandes erupções de messianismo judaico, uma no século XVI e outra no XVII. A primeira, mais ligada ao espaço hispânico, teve como principal mentor o ‘messias’ David Reubeni. Vindo de uma paragem imprecisa do Oriente, esteve em Portugal entre os finais de 1525 e os princípios de 1527. A sua predicação provocou grande alvoroço entre os judeus na Hispânia, mas também nos que viviam do outro lado do Estreito. Tal facto levou, anos mais tarde, em 1538, a que tivesse sido preso, em Badajoz, e condenado à fogueira pela Inquisição espanhola⁵⁰⁶.

No século seguinte deu-se uma nova emergência de judaísmo, com um muito maior impacto internacional, tendo alastrado em vários países da Europa (Áustria, Holanda, Itália, Polónia, Inglaterra, Espanha e Portugal), Norte de África (Marrocos) e Médio Oriente (Pérsia e

⁵⁰³ Aziza BENANI, *ob.cit.*, pp. 2-3.

⁵⁰⁴ No século X veio da Mesopotâmia para al-Andalus o erudito judeu Moshe ben Hanok, o qual juntamente com Hasdai ben Shaprut fizeram da Hispânia islâmica o principal centro de estudos talmúdicos da época (*Idem*, p.5).

⁵⁰⁵ *Idem*, pp.5-7.

⁵⁰⁶ Mercedes GARCIA-ARENAL, *ob.cit.*, em especial pp. 64-68.

Império Otomano)⁵⁰⁷. O seu ‘messias’ foi Sabbatai Sevi⁵⁰⁸, e o seu movimento colocou todas aquelas regiões em sobressalto, em meados do século XVII, mais exactamente entre 1648 e 1666⁵⁰⁹.

Para o aspecto estritamente hispânico ou, melhor dito, sefardita, temos pois a presença física e a morte daquele primeiro líder judaico do século XVI. No caso do segundo movimento, do século XVII, já se encontram hoje estudadas relações que terão existido entre os cripto-judeus peninsulares e os sabbateístas, principalmente nos tópicos que envolviam as crenças messiânicas⁵¹⁰.

Um outro aspecto, que entendemos ser o mais importante, é o facto de se detectarem em obras de autores sefarditas, dos finais do século XV, ainda na Península, e no século XVI, na maior parte dos casos já em Marrocos⁵¹¹, a presença de excertos das pseudo-profecias atribuídas a S. Isidoro⁵¹².

⁵⁰⁷ *Idem*, *passim*.

⁵⁰⁸ *Idem*, especialmente pp. 70-80. Sobre a vida deste ‘messias’, Sabbatai Sevi e o seu movimento, bem como todo o meio cultural da diáspora, em especial na Europa do século XVII, v. o incontornável estudo de Gershom SCHOLEM, *Sabbatai Tsevi. Le Messie Mystique (1626-1676)*, (trad.franc. Marie-José JOLIVET e Alexis NOUSS), Lagrasse, Ed. Verdier, 1983.

⁵⁰⁹ Mercedes GARCIA-ARENAL, *ob.cit.*, pp.70-80.

⁵¹⁰ *Idem*, p.55.

⁵¹¹ Respectivamente o R. Yosef ben Saddiq de Arévalo, autor do *Qissur Zeker Saddiq*, escrito na década de 80 do século XV; e no segundo caso, o R. Abraham ben Salomon Arduziel, autor do *Sefer ha-Qabbalah*, escrito em 1510, por este expulso de Castela; e a obra anónima *Sefer ha-Yashar*, transmitida durante o século XVI, nos círculos judaicos de Fez (*Idem*, p. 57-58).

⁵¹² V. *supra* n.1.

Assim, até as concepções escatológicas dos judeus sefarditas estavam marcadas pela simbiose cultural hispânica, integrando nas suas crenças genuinamente judaicas heranças culturais cristãs certificadas com a autoridade da figura carismática de Isidoro, o Bispo Santo de Sevilha.

II.7.3. Últimos sinais do *LR* em Portugal, nos séculos XVI e XVII

Em Portugal constata-se, ainda no século XVI, a utilização do texto do *LR* por André de Resende 513 e, posteriormente, a utilização da mesma obra por Duarte Nunes de Leão, já nos primeiros anos do século XVII 514.

São ainda de salientar, como uma sobrevivência tardia dos textos cronísticos com origem no *LR*, dois manuscritos, levados a cabo ambos no século XVII, e onde constam cópias da *CI344*, na versão de 1420, ou seja, semelhantes aos mss. *L* e *P* 515, mas diferentes de todos os

513 C.Michaëlis, “André de Resende e a *Crónica do Mouro Rasis*”, *O Archeologo Português* XXIV (1920), pp. 177-193; também sobre a relação do erudito e humanista André de Resende com o *LR*, v. a colectânea de passagens textuais daquele autor organizada por L.F. Lindley CINTRA, *CI344*, vol.I, pp. CDLXVII-CDLXXII.

514 Sobre Duarte Nunes de Leão e a sua obra, v. *DHP*, vol.III, p.443-4; e Duarte Nunes de Leão, *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa*, ed. M^a. Leonor C. BUESCU, Lisboa, INCM, 1983, a ‘Introdução’, p. 17-37. Sinais da utilização do *LR* por aquele letrado: Duarte Nunes de LEÃO, *Descrição do Reino de Portugal*, Lisboa, Impreŕŕo por Iorge Rodriguez, 1610, fl. 33v. Duarte Nunes de LEÃO tem uma versão resumida desta passagem na *Chronica del Rei Dom Afonso Henriquez*, (ed. 1975), p. 70. Já David Lopes em 1909, notara a grande proximidade desta passagem em Duarte Nunes de Leão e nos geógrafos árabes, nomeadamente em ID, QZ e YQ (cf. D.Lopes, *AOAH*, p. 108; IDEM, *NATP*, p. 108 e 191); A.REI, *Memória de Espaços...*, pp.186 e 190-191.

515 Sobre todos os mss. da *CI344*, características específicas, famílias textuais e relações recíprocas entre eles, v. *CI344*, ed. CINTRA, vol.I, ‘Introdução - Segunda Parte’, p. CDLXXXIX - DXL. O ms. *P* trata-se de uma versão portuguesa elaborada entre 1457 e 1463, por iniciativa do Condestável D. Pedro, rei de Aragão, e que se

castelhanos da refundição de 1400. Aqueles dois mss. tardios, o *Li* e o *Ev*, estão hoje, respectivamente, na Biblioteca Nacional de Lisboa e na Biblioteca Pública de Évora (daí a origem daquelas siglas identificativas⁵¹⁶).

A última referência conhecida ao *LR* em espaço português deve-se ao Conde da Ericeira, D. Luís de Meneses, em 1721, numas sessões da Academia Real da História, onde o localizou e descreveu sucintamente⁵¹⁷. A obra em causa estava na Biblioteca dos Condes do Vimieiro, herdeiros do espólio de Manuel Severim de Faria, Chantre da Sé de Évora, e que a adquirira nos princípios do século XVII.

Tendo o Palácio daqueles Condes, e respectiva Biblioteca, ido abaixo com o Terramoto de 1755, e não tendo havido mais qualquer notícia do *LR*, presume-se que o mesmo terá sido também ele destruído por aquele cataclismo⁵¹⁸.

encontra em Paris. António Nunes de Carvalho, emigrado liberal em França, veio mais tarde a editar uma sua cópia, que fizera em Paris. A publicação, suspensa em 1863, só chegou até ao cap. CCII (Cf. *C1344*, ed. CINTRA, vol.I, p.XLI-XLII e DII-DXVIII; ed. A.N. de CARVALHO, p. DXVII-DXVIII). Sobre o Condestável D.Pedro e a sua relação com a *C1344*, v. também José de BRAGANÇA, “A «Crónica Geral de Espanha» da Biblioteca de Paris é uma recopilação, em parte original, do condestável D.Pedro”, *Diário de Notícias*, 1935/ 02 / 20, p.1 e 7.

⁵¹⁶ As duas cópias portuguesas tardias, do séc.XVII, são os mss. *Ev* (> BPE, CV/2-23. Cf. *C1344*, ed. CINTRA, vol.I, p. DXXI; Isabel Vilares CEPEDA, *Bibliografia da Prosa Medieval em Língua Portuguesa*, Lisboa, IBNL, 1995, p. 85) e *Li* (> BNL, Cod.8650. Cf. *C1344*, ed. CINTRA, vol.I, p. DXVIII-DXXI; e Isabel V. CEPEDA, *ibidem*), ambas derivadas de *P*.

⁵¹⁷ Cf. C.MICHAËLIS, “André de Resende e a CMR”, p.186-7; *C1344*, ed. CINTRA, vol.I, p. CCCXXXI-CCCXXXII; *CMR*, ed.CATALÁN e ANDRES, p.XII-XIII.

⁵¹⁸*Ibidem*.

II. 7. 4. O imperial “Século de Ouro”

Período áureo da História de Espanha, coincidiu com uma época neo-imperial que se prolongou de meados do século XVI a meados do XVII, da abdicação de Carlos V 519 até ao final da Guerra dos Trinta Anos 520, ou em última análise ao final da Guerra da Restauração 521, em consequência de Portugal ter abandonado a ‘Monarquia Dual’ e ter voltado a ter rei português.

O chamado ‘Século de Ouro’ correspondeu, *grosso modo* aos reinados de Filipe II, Filipe III e Filipe IV 522, embora tenha sido o primeiro destes três Filipes aquele que lançou as suas bases imperiais.

Apenas referiremos alguns aspectos, correlacionados com factos anteriormente tratados, e não iremos enveredar pelos meandros dos primórdios do estado moderno espanhol.

Uma das necessidades que os monarcas deste período tiveram de enfrentar foi a de terem que organizar o “aparelho estatal”, em moldes muito mais estruturados do que os seus predecessores do período medieval. Nessa tarefa organizativa houve um homem que se tornou de extrema importância para Filipe II, na recaudação e organização de dados. Foi ele Ambrosio de Morales 523.

519 1556: abdicação de Carlos V (v. Jean DELORME, *ob.cit.*, p. 262).

520 1648: tratado de Westfália, que pôs fim à Guerra dos Trinta Anos, desde 1618 (v. *idem*, p. 284).

521 1668: paz entre Portugal e Espanha (v. *idem*, p. 288.)

522 Período de mais de um século, que se alongou entre 1556, subida ao trono de Filipe II, e 1666, morte de Filipe IV. Em meados do século XVII a Espanha perdera muitas das suas dependências territoriais na Europa.

Autor de uma *Crónica Geral de Espanha*,⁵²⁴ foi também um conhecedor do texto da *CI344* e dela teve, tudo leva a crer, dois testemunhos, um que ele identificou como *Crónica*⁵²⁵ e um segundo que ele designou como ‘*História del Moro Rasis*’⁵²⁶, e que se trata, este segundo, do posteriormente famoso ms. *E*.

A Ambrosio de Morales, com os textos cronísticos de que dispunha e com as informações que obtivera em Leão, Galiza e Astúrias, onde viajou a mando de Filipe II⁵²⁷, e as quais precisamente eram áreas onde a presença islâmica quase não se fizera sentir, ter-lhe-ia sido possível elaborar alguma descrição da Espanha, assente na descrição do *LR* e complementada com as outras informações colhidas no Norte peninsular, e conseguindo, dessa forma, cobrir quase completamente a geografia dos reinos de Castela e Aragão.

Filipe II saberia que o seu antepassado Jaime I, o Conquistador, e a própria Igreja já tinham dado crédito legal às obras da geografia hispano-árabe, designadamente a atribuível aos al-Rāzī e a de al-Bakrī, pelo que seriam certamente válidas⁵²⁸.

⁵²³ Sobre Ambrosio de Morales, v. *E. U. I. Espasa-Calpe*, t. XXXVI, pp. 900-902; “Morales (Padre Ambrósio de)”, *GEPB*, vol. 17, p.831.

⁵²⁴ *Ibidem*.

⁵²⁵ *CI344*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. LXXXII e n. 31; *CI344*, ed. CINTRA, p. CXXIX.

⁵²⁶ *CI344*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. LXXIV. Ainda relativamente a esta nota e à anterior, v. *infra* 2.I.

⁵²⁷ V. “Morales (Ambrosio de)”, *E. U. I. Espasa-Calpe*, t. XXXVI, pp. 900-902; “Morales (Padre Ambrósio de)”, *GEPB*, vol. 17, p. 831; C.HARTMANN, “Estudo” in ORÓSIO, *História Apologética* (ed. C.HARTMANN), p.41, n.143.

⁵²⁸ V. *supra* II.4.

Tal texto seria um instrumento importante para a administração ‘imperial’ de Filipe II, de forma pragmática e simbólica, ‘assenhoreando-se’ uma vez mais da herança dos ‘outros’, quando a política nos reinos hispânicos tinha cada vez menos espaço para as diferenças sociais, culturais e religiosas 529.

Um outro sinal do interesse de Filipe II pelo passado da monarquia, neste caso o passado visigodo é o facto de se encontrarem sinais textuais de a *Historia Gothorum* de Isidoro de Sevilha ter sido retocada ou interpolada naquela época, e possivelmente em articulação com tudo o que se desenrolou relativamente ao rei-mártir Hermenegildo⁵³⁰.

Na construção da nova Espanha, e enquanto ‘Rei Católico’, Filipe II levou a cabo, e com sucesso, o processo de canonização de Hermenegildo, o filho do rei Leovigildo que se convertera ao catolicismo, se rebelara contra o pai e fora morto em condições pouco claras 531.

O próprio lema político adoptado pelo ‘Rei Católico’ Filipe, do género ‘uma fé e um reino’ tinha paralelismos visigóticos⁵³².

O facto de Hermenegildo ter sido o primeiro rei católico na Hispânia, ser também sobrinho de Isidoro de Sevilha, e de ter havido na Igreja quem o tivesse considerado, desde o momento da sua morte, um mártir⁵³³, terá feito com que Filipe II tenha querido reavivar a memória daquele

529 A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p.309.

530 A existência de ‘manipulações’ textuais ou o surgimento de uma nova versão da *Historia Gothorum*, contemporânea do reinado de Filipe II, são questões ainda a envolver a própria obra. V. ISIDORO, *Historia de los Godos...*, p.58.

531 V. supra II.3.

532 ISIDORO, *Historia de los Godos...*, p. 62.

533 V. supra II.3.

momento inicial em que se criara a ligação entre a Monarquia hispânica visigoda e a Igreja Romana, e assim tenha contribuído activamente para que aquele rei chegasse a ser considerado santo, e, portanto canonizado.

Sentado no mesmo trono do Santo, também ele, Filipe se tornava assim motivo de veneração.

II.7.5. A tentativa de recuperação erudita no séc.XVII

do texto da chamada *Crónica do Mouro Rasis*

No século XVII em Espanha houve várias tentativas de recuperação ou de ‘reconstrução’ erudita do texto da *CMR*, pois o texto desta *Crónica*, à luz dos diferentes testemunhos então conhecidos, em nenhum deles aparecia numa versão que se pudesse considerar íntegra ou completa.

Aquele esforço pode ser considerado de proto-científico, pois parece obedecer minimamente a um postulado normativo de orientação da análise e da crítica dos textos e, finalmente, do trabalho de ‘restauro’ textual.

Ainda que o ms. *Cop* tenha colocado algumas questões textuais a vários investigadores⁵³⁴, e tenha sido considerada uma pseudo versão da *CMR* restaurado⁵³⁵, cremos que, no seu todo, não pode ser retirada importância ao empreendimento.

Não se conhecendo nomes ligados ao mesmo, à excepção de Gabriel Rodríguez de Escabías, redactor do ms. *Cop* 536, não se consegue, para já, perceber se aquela necessidade de reconstrução textual foi sentida por vários indivíduos isolados e sem qualquer contacto entre si, e que teria ocorrido em diferentes momentos do século e em diferentes partes de Espanha; se houve um iniciador, verdadeiramente empenhado, do ponto de vista da cientificidade da época, e que depois foi seguido, ou, na pior das hipóteses, copiado; ou se existiu realmente algum nexo articular entre os diferentes indivíduos que a esta empresa ficaram ligados, ainda que anonimamente.

Quanto aos objectivos científicos da empresa, pode colocar-se mais do que uma hipótese. Gostaríamos de assinalar dois que nos parecem ter algum grau de plausibilidade. Uma primeira hipótese: de um ponto de vista mais prospectivo, poderíamos entendê-la como um trabalho algo precursor, que reflectisse já um certo ‘método’, de possível influência cartesiana, aplicado ao universo literário e textual. Convenhamos, no

⁵³⁴ Entre eles Sánchez Albornoz, Lindley Cintra e Vázquez de Parga (*CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XVII e n. 29)

⁵³⁵ Depois de discorrer sobre o ms. *Cop* e o seu autor, por sete páginas, Diego CATALÁN produziu aquela afirmação (*CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, pp. XIX-XXV).

⁵³⁶ Sobre Gabriel Rodríguez de Escabías, v. *ibidem*.

entanto, que as sociedades peninsulares do século XVII, com uma forte presença inquisitorial, não eram, por norma, muito abertas à inovação. Mas em tudo há exceções, e esta poderia ser uma delas.

Ou, segunda hipótese, se, de um ponto de vista mais retrospectivo, os autores, contemporâneos dos finais do ‘Siglo de Oro’, não terão procurado, mais uma vez, recorrer, recuperando, a um certo elogio da Hispânia. Lembremos que na antiguidade helénica *elogio* e *elegia* eram exercícios retóricos com origem comum. E que os textos panegíricos surgem geralmente nos períodos de crise de valores.

Mas este exercício não passa, pela ausência de informações que possam apoiar as referidas hipóteses, de um levantar de questões que poderão, algumas delas, nunca chegar a ser respondidas.

Daquele esforço, individual ou de conjunto, são conhecidos alguns exemplares.

Os manuscritos 1171 e 1376 (antigos *E-181* e *F-38*, respectivamente) da Biblioteca Nacional Madrid; o ms. 136 (do *Catalogue* de Morel Fatio) *anc. fonds. n° 99775*, da Bibliothèqu Nationale de Paris; o de Gabriel Rodríguez de Escabías, ou ‘manuscrito de Copenhaga’ (*Cop*) 537; e o editado por Gayangos (*Ga*) em 1852, na ‘Memória’ que reabilitou a *CMR*.⁵³⁸

A designação de ‘híbridos’ deve-se, portanto, a que aquelas reconstruções se ficaram a dever ao uso simultâneo dos mss. *Ca* e *E*, para com este tentarem suprir as lacunas daquele.

⁵³⁷ *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XVII e n.27.

⁵³⁸ Pascual de GAYANGOS, “Memória sobre la autenticidad de la Crónica denominada del Moro Rasis”, *Memorias de la Real Academia de la Historia*, VIII (1852), pp. 1-100.

Em todo o labor compilatório e de restauro textual terão existido pelo menos três etapas diferentes. Uma primeira fase, que chamaremos de ‘exploratória’, em que terão sido procurados os testemunhos textuais que melhor serviriam para aquele objectivo de restauro da *CMR*, e que foram aqueles dois atrás citados. Uma segunda fase, que poderemos chamar de ‘analítico-estrutural’, em que os dois testemunhos foram activamente comparados, dando origem a um texto que teria a função de ‘roteiro’ da futura compilação: um dos textos foi copiado mas nele foram introduzidas anotações que assinalam as diferenças relativamente ao outro testemunho.

O ms. *LV* 539 é um testemunho, cremos que o único conhecido, que nos dá uma ideia desse labor intermédio, necessário à posterior compilação restaurada. O texto-base copiado foi o *E*, de Ambrósio de Morales⁵⁴⁰, e nele foram sendo anotadas as variantes textuais que se apresentam em *Ca*.

A terceira fase, ‘compilatória’, foi a que, tomando como ‘guia’ ou ‘roteiro’ um texto como a matriz de *LV*, permitiu a elaboração do texto restaurado.

Os diferentes mss. conhecidos, os chamados ‘híbridos’, poderão assim ser cópias diferentes da matriz restaurada, ou ainda, questão para o futuro, produtos de diferentes e mais ou menos paralelas empresas de restauro.

⁵³⁹ Sobre o ms. *LV*, v. infra Vol.II, 2.I. e 2.III. Ver o que de prévio já fora elaborado sobre o ms. em questão: A.REI, *Memória de Espaços...*, pp. 205-210; IDEM, “Manuscrito inédito atribuído à *Crónica do Mouro Rasis*, em Portugal - o ms. *LV* do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa -”, *O Arqueólogo Português*, série IV, nº 19, pp. 235-246.

⁵⁴⁰ Sobre Ambrosio de Morales, v. supra II.7.4.

Temos na metodologia utilizada neste caso talvez um dos primeiros sinais da pré-história da crítica textual na Hispânia. Uma tarefa como foi a de restaurar a *CMR* revela que pelo menos até ao século XVII a obra em causa ainda era considerada importante, fosse do ponto de vista literário, historiográfico, simbólico ou pragmático, o suficiente para que todo aquele processo, que se poderá ter prolongado por alguns anos, tivesse tido lugar.

II. 8. O discurso laudatório sobre a Hispânia

II. 8. 1. Na Antiguidade Pré-clássica e Clássica

As memórias da Antiguidade relacionadas com a Hispânia podem ser distribuídas por quatro fases, que correspondem a outros tantos períodos cronológicos: memórias míticas, memórias geográfico-comerciais, memórias geográfico-administrativas e memórias de entidades.

As memórias míticas são os textos gregos homéricos, ou de tipologia idêntica, que mais que meramente geográficos seriam afinal cosmogónicos, e é em função dessa cosmogonia que a Hispânia emerge e toma significado: é a terra do fim do mundo, lá onde se extingue toda a manifestação e onde o espaço dos vivos toca nos espaços dos mortos.

As memórias geográfico-comerciais correspondem às referências textuais fenícias e gregas, entre outras, onde as descrições das rotas, topografia e riquezas naturais da Hispânia se fazem principalmente em função dos interesses comerciais.

As memórias geográfico-administrativas correspondem aos textos de autores latinos, ou gregos ao serviço de Roma, e onde a descrição tem, na maior parte das vezes, um interesse pragmático e administrativo concreto e directo.

As memórias de entidades surgem já na época Imperial romana e visam fazer o elogio de alguém ou de algo, elogiando também o seu lugar de origem; e / ou elogiando um determinando local porque foi o berço de uns quantos notáveis.

Estas memórias antigas são de grande importância fundacional, pois elas enquadraram e estruturaram a imagem da Hispânia ao longo de cerca de dois milénios: foi durante a Antiguidade que a Hispânia se deu a conhecer ‘ao mundo’, e que, simultaneamente, esse mundo situou a Hispânia na Orbe. A sua localização extrema e as suas condições naturais fora do comum alçaram-na a lugar de eleição: os deuses tinham-na escolhido, disso parecia não haver dúvida.

Na evolução das memórias antigas, enquanto discurso, identificamos três tipologias.

Uma primeira, a que chamaremos ‘lexical’, em que os elementos, os valores-base da descrição da Hispânia emergiram e se afirmaram. A imaginação cosmogónica foi o principal componente estruturante de um discurso que se revelou em notícias mais ou menos esparsas. Apesar dessas características de cariz fragmentário detectam-se, no entanto, informações que começam a ser recorrentes, predominando as referências às riquezas metalíferas da Hispânia.

Esta primeira fase alongou-se desde cerca do ano 1000 a.C. até às vésperas da Segunda Guerra Púnica, em 218 a.C. 541. Esta tipologia ‘lexical’ coincide no tempo com a fase mítica e parte da fase geográfico-comercial.

Uma segunda tipologia, a que chamamos ‘descritiva’, pois nela começou a surgir a descrição do que realmente era a Hispânia, através da constatação directa dos autores ou através de fontes próximas da realidade descrita.

É a partir deste período que surge finalmente uma concepção da forma geral da Hispânia e que os autores antigos entenderam, genericamente, como sendo a de um quadrilátero.

O quadrilátero ou quadrado, associado ao número quarto, representa a estabilidade e a plenitude da criação, a perfeição Divina, enquanto desenvolvimento completo da manifestação da Divindade. O Paraíso, representado com quatro lados, quatro portas e quatro rios, seria o protótipo ou o plano geral e inicial daquela Perfeição a haver. A Hispânia, o ‘quase paraíso’, a ‘quase ilha’, representava, no mundo então conhecido, aquele espaço de plenitude e auge da criação. Atingindo o auge atingia simultaneamente o fim, e isto reforçava a leitura escatológica associada à localização extrema deste espaço, no limiar entre o mundo manifestado e o que está para além da vida circunscrita pela matéria, que simbolicamente se representa nos quatro elementos 542. É interessante que encontremos esta forma atribuída à Hispânia, o ‘quase-paraíso’, pois esta era também a forma que era atribuída ao ‘paraíso’, que aquela cosmogonia colocava no extremo Oriente 543.

541 J. DELORME, *ob.cit.*, pp. 3 e 87.

542 Sobre o simbolismo de ‘paraíso’, ‘quadrado’ e ‘quatro’, v. Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994, respectivamente, pp.505-506, 548-551 e 554-556; e Juan Eduardo CIRLOT, *Dicionário de Símbolos*, Lisboa, D. Quixote, 2000, ‘paraíso’: p. 289; ‘quadrado’: p. 309; ‘quatro’

Veremos como a imagem da Hispânia se alterará, mais tarde, por influência cristã e demarcando-se assim das heranças pagãs.

Esta tipologia, que recolhe e amplia as informações que vinham do primeiro período, evidencia-nos também um discurso que, marcado pelo pré-conceito ou memória cultural dos autores, facilmente levava a que fossem extrapoladas para o todo peninsular, o qual muito poucos terão conhecido, as informações relativas às zonas das costas mediterrânicas, aquelas que eram então as mais exacta e profundamente conhecidas, devido ao estabelecimento de entrepostos comerciais junto à costa e à foz dos principais rios ⁵⁴⁴.

Esta segunda tipologia vem a coincidir com a parte final das memórias geográfico-comerciais e ainda com as memórias geográfico-administrativas, em linhas gerais entre o século II a.C. e o século II d.C.

(s.v. ‘números’): p.267.

⁵⁴³ Sobre a herança medieval da cartografia antiga, v. Márcia Siqueira de CARVALHO, “O Pensamento Geográfico Medieval e Renascentista no *Ciberespaço*”, marcar@sercomtel.com.br: “Naquela época, se há algo que poderíamos chamar de geográfico em relação ao espaço, foi o modelo de obra literária sobre a Imagem do Mundo (*Imago Mundi*). Seu carácter era muito subjectivo e regrado pela concepção religiosa. Os seus mapas eram produzidos pelos eclesiásticos dedicados à reprodução de obras que davam importância às sedes religiosas como Roma, Jerusalém, Egipto e a lugares descritos na Bíblia, por exemplo, o Éden ou Paraíso Terrestre. [o sublinhado é nosso]. Se os mapas são uma fiel representação do que se pensava e da imagem que se tinha do mundo a cada época, os mapas medievais são de uma fidelidade extrema. Mesmo não sendo totalmente geográficos, eles são obras de arte: .«*Deixe que alguém compare o Mapa de Hereford com o Romance de Alexandre e ele não deixará de ver a semelhança aproximada no espírito e mesmo nas características entre os dois documentos. Em resumo, um mappamundi medieval, para ser devidamente apreciado, deveria, num grau considerável, ser visto como um romance ilustrado*».

⁵⁴⁴ Concepción FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *Laudes*, p. 56.

Uma terceira tipologia, que chamaremos ‘panegirico-laudatória’, é já literariamente mais madura, tendo o discurso começado a tornar-se mais complexo, utilizando a totalidade, ou quase, do vocabulário descritivo, mítico ou real, que tinha sido fixado durante os dois períodos anteriores.

Nesta fase deu-se a adopção de um modelo de panegírico, modelo esse que remontaria àquele que Plínio, o Moço, dedicou a Trajano ⁵⁴⁵ e que, enquanto formulação retórica, era possuidor de características estruturais estáveis, que claramente o identificavam ⁵⁴⁶.

Curiosa e significativamente foi a partir do início do século II, com alguns dos imperadores da dinastia antonina, entre os quais Nerva, aquele mesmo Trajano mas também Adriano e Marco Aurélio, todos eles homens com origens nesta parte do mundo, que a Hispânia começou a emergir da condição de mera província imperial, aparecendo, enquanto objecto de louvor, como ‘mãe de imperadores’, mãe dos monarcas que estiveram no trono quando o Império Romano atingiu a sua máxima extensão e o ponto mais alto da sua prosperidade ⁵⁴⁷.

Esta tipologia coincidiu com a quarta fase apresentada, a das memórias de entidades, e afirmou-se especialmente nos séculos III e IV.

⁵⁴⁵ *Idem*, p.133.

⁵⁴⁶ V. supra II.0a ; Jean BOUFFARTIGUE, “Avant-propos”, *Le discours d'éloge...*, p. 6.

⁵⁴⁷ É no mínimo curioso, senão significativo, que após os romanos Julio-Cláudios e os itálicos Flávios (sobre as origens destas duas famílias imperiais, v. Jean MONNIER, *História Universal*, 12 vols., Ed. Verbo, Lisboa, 1968, vol.3: ‘Roma’, p. 74), portanto todos da península Itálica, quem após eles se sentou no trono imperial foram os hispânicos Antoninos, coincidindo com o auge do Império.

A concepção sacral da Hispânia na Antiguidade pagã surgiu essencialmente em função da localização da península no extremo ocidental do mundo então conhecido.

O termo ‘Ocidente’, a partir da sua raiz latina, ajuda a elucidar-nos sobre aquele conceito. O ‘Ocidente’ é o lugar onde se extingue a vida terrena e começa o além-vida. Ali tinham lugar, para as cosmogonias da Antiguidade, espaços como o Amenti, o Tártaro, os Campos Elíseos, o Jardim das Hespérides, a Ilha dos Bem-Aventurados, as Ilhas Afortunadas, ou seja, diferentes nomes de diferentes culturas para uma realidade escatológica semelhante.

Os trabalhos de Hércules e as viagens de Ulisses ocorridas nestes confins do mundo, nesses espaços intermédios entre os mundos dos vivos e dos mortos, conferiram-lhes a condição de heróis, patamar que os colocava num plano intermédio entre os homens e os deuses, mas, sem dúvida, tocados pelo divino.

A qualidade intrínseca do espaço hispânico conferia essa mesma qualidade àquele que nele entrava. A questão da heroicidade associada à Hispânia fará parte do processo de sacralização quer do espaço, quer dos indivíduos que atingiram aquele estatuto 548. Veremos que este aspecto será sempre retomado em períodos posteriores.

548 A sacralidade também é cumulativa, e acaba por se potenciar a si mesma: o herói que produz o seu acto num espaço, acaba por ser, de alguma forma, o veículo de uma certa ‘hierofania’. Se morrer em função daquele acto heróico e ali for sepultado, vai acabar ‘carregando’ ainda mais aquele solo. Os que dele nascerem, sendo portanto dele naturais, já vêm, à partida, potencialmente mais sacralizados ou proto-sacralizados do que os das gerações anteriores àquele acto heróico selado com a própria vida e sangue. De forma idêntica, e sempre cumulativamente, se acabará passando com actos de igual natureza em períodos posteriores (v. Mircea ELIADE, *História das Religiões*, pp.436-437). Veremos que no caso de Hércules e dos actos a ele atribuídos e levados a cabo na Hispânia, até à cronística baixo-medieval chegaram esses relatos. Na *C1344* Hércules deixa a Península e delega em Espam ou Hispan, seu sobrinho, o seu senhorio. Regressa depois ao Oriente, não retornando mais à Hispânia, a qual tomaria este

O excelente clima, a fecundidade do solo, as riquezas e todos os prodígios que lhe eram atribuídos constituíam o sinal da sua escolha pelo divino; divino então representado pelos diferentes panteões orientais e clássicos.

Para os povos antigos que não tiveram um domínio directo e nem sequer completo sobre a Hispânia, o que só veio a acontecer plenamente com Roma, ainda assim era extremamente prestigiante para os monarcas e para as respectivas instituições régias o patentear as relações comerciais com o extremo Ocidente; ou para aqueles que em virtude dessas relações comerciais se arrogavam um hipotético poder sobre as terras do fim do mundo 549.

Colocamos como limite para o período antigo, de cultura maioritariamente greco-romana e pagã, o final do século III, pois a posterior ascensão (social, política e cultural) do Cristianismo alterou o quadro geral de referências.

nome precisamente a partir do nome do sucessor de Hércules (*CI344*, ed. Cintra, pp. 30-34; na *CMR* Hércules falece na Hispânia e teria sido enterrado em Astorga (*CMR*, ed. Catalán-Andres, p. 129). Se só o facto de aqueles feitos terem tido aqui o seu 'palco' já engrandece estas terras, este último aspecto de que aqui foi enterrado aumenta enormemente a sacralização da terra hispânica, pois o herói e a terra passam a ser uma e mesma coisa, dando-se uma consubstanciação.

549 A.SCHULTEN, *Geografia y Etnografia...*, p.106.

II. 8. 2. Na Antiguidade Tardia

O Cristianismo emergiu finalmente no Império, da sua condição de clandestinidade e perseguição, a partir do reinado de Constantino (306-337) 550.

Em dois modelos discursivos em voga na época se conseguem identificar formas laudatórias relacionadas com a Hispânia. Referimo-nos aos panegíricos e à historiografia.

No discurso cristão, surgiu uma novidade: o conceito de heroicidade deixou de ser apenas correlacionável com destemidos guerreiros 551, passando também a ser atribuído aos primeiros mártires do cristianismo, que assim surgiam como os heróis da fé 552. Logo no século IV vemos, pois, surgir *laudes* aos mártires, que, dando testemunho da sua fé, tinham dado a vida durante as perseguições de que tinha sido alvo a comunidade cristã nos séculos anteriores⁵⁵³. No que toca mais especificamente aos mártires hispânicos, foi Prudêncio o principal relator de tais louvores. Esses mártires, oriundos da terra hispânica e na qual deram o seu testemunho pela fé cristã, contribuíram assim para que aumentasse,

550 J. DELORME, *ob.cit.*, pp. 118 e 120.

551 Os quais, mais ou menos mitificados, acabavam prolongando os mitos dos panteões clássicos, v. supra II. 8. 1. Na Antiguidade Pré-clássica e Clássica.

552 V. supra II.2.

⁵⁵³ A importância do martírio ressurgirá novamente, mais tarde, no período islâmico (v. supra II.5 e II.7)

dessa forma, o carisma desta terra, a qual foi regada com o sangue do seu testemunho de fé e na qual depois foram acolhidos os seus restos mortais.

Os locais de martírio e de inumação vieram a tornar-se, posteriormente, lugares dignos de veneração em memória dos novos heróis do cristianismo na Hispânia 554.

Com o culto dos mártires acabou por se cimentar, portanto, uma nova concepção de heroísmo, já não ligada à luta pelas coisas materiais, o poder e a riqueza, mas antes associada à luta, à afirmação e à resistência em nome de valores de natureza espiritual.

Começa também a surgir, a partir deste período, uma nova concepção do mundo: a um Império Romano mundial, e integrando todo o Orbe conhecido, começa então a associar-se uma visão universalista própria do Cristianismo, que entende ser todo o mundo um espaço a ser redimido.

O primeiro grande teorizador da Redenção do Orbe a partir da Hispânia foi Orósio. Na parte geográfica da sua obra Orósio procurou descrever o mundo então conhecido, o Orbe, composto por três continentes: Ásia, Europa e África, e cujo centro, o ‘coração’, era o Mediterrâneo. Veremos mais adiante o significado e a importância de o mundo ser então entendido como ‘trino’.

554 Esta nova concepção de heroicidade e de martírio, no contexto cristão, ainda assim obedece aos mesmos parâmetros ‘sacralizadores’ já antes formulados para o período clássico pagão. (v. supra n.7). Uma relação semelhante foi a que, séculos mais tarde, se veio a estabelecer com o túmulo de S. Tiago Maior, o Apóstolo. Homem próximo de Jesus, a sua estadia e inumação na Hispânia contribuíram muito significativamente para, do ponto de vista cristão, aumentar a sacralidade destas terras (v. supra II.6.).

Começando Orósio o seu relato com a Índia, a Oriente, terminava, a Ocidente, com a Hispânia. Fez na sua obra a identificação do mundo, do Orbe, com o Império Romano, que, sendo Cristão, era, implicitamente, Universal 555.

A descrição espacial da Hispânia assenta, para Orósio, essencialmente, em três elementos: a forma geral triangular que ele atribuiu à Península 556, formulação essa que fará história, como veremos mais adiante; em segundo lugar, e no seguimento do anterior, vem a descrição dos seus limites exteriores; e, por último, a enunciação das suas divisões administrativas, que não são as do tempo de Orósio mas sim as que vigoraram até ao tempo de Augusto 557.

555 Orósio dividiu o mundo em três Espaços: Ásia, África e Europa (ORÓSIO, *Histórias contra os Pagãos*, ed. Paulo F. ALBERTO e Rodrigo FURTADO, pp.74-75); e em quatro Tempos, cada um ligado a um império de cariz ‘universal’: Babilónia, Macedónia, Cartago e Roma (ORÓSIO, *Histórias contra os Pagãos*, ed. Paulo F. ALBERTO e Rodrigo FURTADO, pp.22-24) e onde, como culminar dessa arquitectura conceptual, o autor colocava Roma como a cúspide da História.

556 Três e triângulo. Sobre o simbolismo do ‘três’ e do ‘triângulo’, v. Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT, *ob.cit.*, respectivamente, pp. 654-657 e 657-658; e Juan Eduardo CIRLOT, *ob.cit.*, ‘triângulo’, p. 369. Esta leitura ‘trina’ da Hispânia acabou passando para a geografia cristã ocidental [(nas Crónicas: CMR, ed. CATALÁN e ANDRES, pp. 13-15; e C1344, ed. CATALÁN e ANDRES, p.32. E por intermedio dos respectivos testemunhos, *Ca e E*, acabou chegando até aos textos do século XVII: ms. LV, fls. 2v-3; e ms. *Cop* (apud CMR, ed. CATALÁN e ANDRES, p. 289); A.SCHULTEN, *Geografia y Etnografia...*, pp.154-164; Gonzalo MENÉNDEZ PIDAL, “Mozárabes y Asturianos en la Cultura de la Alta Edad Media, en relación especial com la historia de los conocimientos geográficos”, *Boletín de la Real Academia de la Historia* 134 (1954), pp.137-291)], cristã oriental bizantina (A.SCHULTEN, *idem*, p.152) e hispano-islâmica (que encontramos só afirmada em Ibn Galib, e descrita em al-Bakrî, al-Idrîsî, al-Himyarî, Yâqût e al-Maqqarî entre outros [V. infra Parte III e ainda J. VALLVÉ, *La División...*, pp. ; e Luís MOLINA, “Orosio y los Geógrafos Hispanomusulmanes”, *Al-Qantara* V (1984), pp.63-92; A.SCHULTEN, *idem*, pp. 164-168]), tendo tido uma vigência relativamente longa, de, pelo menos, um milénio, decorrido entre a escrita da obra por Orósio e o início da expansão atlântica dos portugueses no século XV.

557 Veremos que, de forma semelhante, também no século XII, o redactor do ‘programa imperial’ almóada, Ibn Gâlib, tomou como ‘imagem espacial de referência’ não a do seu tempo, mas a do momento de apogeu do Califado Omíada (v.supra II.5.).

Na parte historiográfica Orósio fez uma apologia da Hispânia. Chamou-lhe Mãe de excelentes soberanos 558, e referiu os Antoninos, citando especialmente Trajano, Adriano, e Marco Aurélio, todos aparentados e de origem hispânica 559; e, mais adiante dedica-se extensamente a Teodósio, a quem compara a Trajano, mas que é melhor do que este pelo facto de ser cristão 560. E liga a Hispânia também a outros momentos importantes do imaginário imperial, apresentando-a como o palco onde Augusto foi, segundo Orósio, reconhecido implicitamente como Senhor do Mundo 561.

O local providencialmente designado por Deus para tal sucesso foi, mais uma vez , a Hispânia, tendo aquele reconhecimento tido lugar em Tarragona 562. Dito de outra forma, e apesar de a sua origem e capital ser Roma, podia admitir-se que o Império começara, realmente, na Hispânia.

Em consequência de tudo isso, era num homem da Hispânia, Teodósio, o primeiro imperador cristão que oficialmente ‘cristianizara’ o Império, tal como era nos seus descendentes que a elite cristã, em que se contava o próprio Orósio, depositava as esperanças do ressurgimento de um Império Romano já totalmente cristão 563.

558 ORÓSIO, *Histórias contra os Pagãos*, ed. Paulo F. ALBERTO e Rodrigo FURTADO, pp. 86-87.

559 *Idem*, pp.121-129.

560 *Id.*, pp.171-181.

561 *Id.*, p.74-75.

562 *Id.*, pp. 93-97; Rodrigo C. FURTADO, “A descrição geográfica...”, p.70-72. V. ainda supra II.2.

A fusão entre aquelas duas visões, a imperial e a cristã, ambas universais, acabou, pois, por se corporizar politicamente na figura do imperador Teodósio.

O facto de Teodósio ser, em simultâneo, um hispânico e o imperador que simbolicamente cristianizou o Orbe, fez com que a Hispânia tivesse surgido finalmente emancipada do próprio espaço imperial: os Antoninos hispânicos foram sagrados imperadores por Roma e pelo Império e, conseqüentemente, a Hispânia tinha sido paralelamente exaltada naquele processo; neste outro momento, com Teodósio, foi um hispânico que tornou Roma cristã e, da mesma forma, o Império e o mundo.

Assim surge uma Hispânia que é Mãe: do Imperador Teodósio, mas também de todos os seus naturais; e metaforicamente, por intermédio daquele monarca, é a Mãe de todos os cristãos e de todos os que podiam e deviam ser redimidos, estivessem eles onde estivessem, em qualquer parte do Orbe.

Tudo isto porque a Hispânia é uma Mãe naturalmente generosa: é a terra mais fértil do mundo, plena de frutos, todos os frutos da agricultura, e de rebanhos. Rica de muitos metais e de pedras preciosas, os seus rios derramam ouro nas suas margens. É uma Mãe de guerreiros, de oradores, de poetas, de juizes, e de príncipes, pois concebeu e levou ao Império homens como Trajano, Adriano e Marco Aurélio, antes do próprio Teodósio.

Tudo isto a Hispânia ofertou e consagrou a Deus 564.

Implicitamente pretender-se-ia, quanto a nós, ir mais longe: Teodósio, um hispano, acabara por, definitivamente, se legitimar e sacralizar, ao fazer a oferenda a Deus do próprio Império Romano, oferecendo mesmo a cristianização desse império, ao ter tornado o Cristianismo na religião oficial.

Foi Teodósio quem acabou por finalizar a sacralização, cristã neste caso, da Hispânia; mas, pela primeira vez, num discurso laudatório já também cristão, a Hispânia, como berço do príncipe que cristianizara o Império, apresenta-se, em virtude daquela mesma e providencial razão, acima do próprio Império.

Esta condição excepcional da Hispânia perpassou pela obra de Orósio, contemporâneo de Teodósio e crente na função redentora da dinastia teodosiana.

Do apartado geográfico das *Historiae adversum paganos* sobressai o facto de Orósio atribuir à Hispânia a forma triangular, já referida atrás, que acabou fazendo escola ao longo de toda a Idade Média 565, e que claramente se afastou da concepção antiga e clássica que via este espaço como um quadrilátero 566.

564 Concepción FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIOS, *ob.cit.*, pp. 133-5; A. SCHULTEN, *Geografia y Etnografia...*, p. 150; Paolo FEDELI, *ob.cit.*, pp.32-34.

565 V. supra n. 16.

566 V. supra n. 2.

O triângulo, com três lados e três ângulos (como o mundo com três continentes), evocava a Trindade e, portanto, o facto de a divina Providência ter concedido à Hispânia aquela forma já evidenciava a escolha da mesma península como o berço do imperador que acabou por ‘cristianizar o Mundo’, cristianizando o Império.

Naquela forma trina e naquela escolha providencial evidenciava-se a marca da nova sacralização do espaço hispânico, neste caso do ponto de vista cristão.

Na parte historiográfica Orósio atribuiu à Hispânia o papel de palco privilegiado onde, sob Augusto, se teria consumado o Império Universal, para que o mundo, segundo os planos da Providência Divina, estivesse unido e em paz quando nascesse o Redentor ⁵⁶⁷.

Da mesma maneira, a Hispânia, o último espaço então conhecido, porque no limiar da Noite e do Além, surgia associado a um conceito de última esperança e de milagre, fornecendo contornos propícios a contextos messiânicos ⁵⁶⁸.

Desta forma se articulavam o fim da criação no espaço (a Hispânia) com o fim, objectivo espiritual e último, da própria Criação (a Redenção).

⁵⁶⁷ V. supra n. 22.

⁵⁶⁸ O papel de Teodósio, enquanto ‘redentor’ do Império, poderia ser entendido, pelas elites cristãs, entre as quais Orósio e Idácio, já à luz dessa nova concepção messiânico-providencialista. De uma forma geral as principais figuras heróicas da história hispânica, e mais ainda se foram simultaneamente heróicas e régias, acabaram dando corpo a um papel de cariz messiânico.

Mais um simbólico, significativo e exaltante protagonismo atribuído por Orósio, que enquanto divulgador do providencialismo divino se fez também arauto da emergência da Hispânia por sobre o próprio Império e por sobre o mundo: a cristianização de ambos fez-se com a Hispânia e a partir da Hispânia.

A nova concepção cristã de *Imperium*, de que foram divulgadores Orósio de Braga e também Idácio de Chaves, passou, segundo estes autores, a ter na Hispânia o seu local de eleição, a sua origem sacralizadora. Assim se compreendem as muitas expectativas que aqueles dois homens colocaram na descendência de Teodósio.

A existência destas expectativas deixou marca na própria organização do discurso de Idácio de Chaves, o qual se altera significativamente após a extinção da dinastia teodosiana 569.

Foi com Teodósio que o imperador abandonou definitivamente o título sumo-sacerdotal pagão de *Pontifex Maximus* e passou a identificar-se como *Defensor Fidei*, o Defensor da Fé. Este monarca acabou por ser tomado como o modelo do imperador cristão, cujo exemplo se prolongará no tempo, bem para além do final do Império Romano do Ocidente. A imagem de Teodósio acabou por se projectar no futuro e serviu como o modelo do monarca cristão medieval, consubstanciando uma condição simultaneamente guerreira e sacerdotal⁵⁷⁰.

⁵⁶⁹ Após o relato do ano de 455, ano em que falece o último imperador descendente de Teodósio, Valentiniano III, (J. DELORME, *ob.cit.*, p. 128) a forma discursiva de Idácio altera-se e torna-se mais longa e pessimista. (V. IDÁCIO, *Crónica*, ed. José CARDOSO, p. 34).

⁵⁷⁰ RUCQUOI, *ob.cit.*, pp. 16 e 84.

Houve, portanto, uma alteração na dinâmica da sacralização do poder: o Cristianismo expandiu-se no mundo a partir da Hispânia, a partir de um seu natural que sacralizou o seu novo poder como defensor da verdadeira fé.

Idácio de Chaves procurou uma maior proximidade e identidade com Teodósio e a sua descendência, buscando muito provavelmente um maior capital de autoridade para o seu próprio discurso, ao atribuir a Teodósio uma origem galaica. Tal facto, a ser verdade, colocaria, providencialmente, Teodósio e Idácio em pé de igualdade, no tocante à origem ⁵⁷¹.

Idácio exaltou assim a condição da *Galecia*, a região mais extrema do extremo Ocidente, outorgando-lhe uma clara coloração escatológica, e de onde, pela divina providência, saíram quer o homem que cristianizara o império pelo poder político-militar, quer também aquele outro, que pretendia também cristianizá-lo através do magistério espiritual e era o relator dos fastos de então, ou seja, o próprio Idácio.

II. 8. 3. Na Alta Idade Média visigótica

Este período corresponde maiormente aos séculos VI e VII, ou seja desde quando a monarquia visigótica começou a caminhar para a hegemonia peninsular, a partir dos reinados-charneira de Leovigildo (569-586) e de Recaredo (586-601) ⁵⁷², até ao terminus de todo o processo,

⁵⁷¹ V. supra II.2.

no início da década de 30 do século VII, quando a concepção ideológica da monarquia teocrática e imperial visigótica acabou por atingir o seu auge, pela mão de Isidoro de Sevilha, no IV Concílio de Toledo, em 633 573.

Foi principalmente a partir do último reinado atrás referido, e em consequência da conversão do respectivo monarca ao cristianismo romano, com o respectivo abandono do arianismo pela monarquia visigoda, que se deu a alteração mais profunda e decisiva. Foi pelo punho de João de Santarém e, mais ainda, pelo de Isidoro de Sevilha que se estruturou a ideologia neo-imperial hispano-visigoda. Um discurso em que a monarquia visigótica surge sempre vitoriosa sobre Roma, tanto em 410 574, quando os Visigodos conquistaram e destruíram Roma, como depois, em 630, quando finalmente expulsaram da Hispânia as forças ocupantes bizantinas, ‘os Romanos do Oriente’ 575.

Em função dessa nova vitória, agora sobre os ‘Romanos do Oriente’, a monarquia dos Godos Sábios tornou-se a detentora, com a legitimidade do vencedor, dos símbolos imperiais dos vencidos, dos quais já se vinha apropriando desde o reinado de Leovigildo 576.

572 A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p.321.

573 ISIDORO, *Historia de los Godos...*, p. 62; José GROS Y RAGUER, *ob.cit.*, p. 3; Maria Eugénia Mattos LUCHSINGER, *ob.cit.*, p.31; A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 42;

574 ISIDORO, *Historia de los Godos...*, p. 60; ORÓSIO, *Histórias contra os Pagãos...*, p.18; J. DELORME, *ob.cit.*, p. 126.

575 A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.41.

576 ISIDORO, *Historia de los Godos...*, p. 61, n. 201; J. ORLANDIS, *ob.cit.*, pp.55-56; Maria Eugénia M. LUCHSINGER, *ob.cit.*, p.30; Margarita VALLEJO GIRVÉS, *ob.cit.*, p. 475.

Uma monarquia cujo esteio ideológico lhe foi disponibilizado por um clero católico entusiasticamente motivado, quer pela ainda próxima conversão dos reis visigodos, quer pela vitória recente sobre Bizâncio, a única potência imperial de então no mundo mediterrânico.

Os prelados que mais se empenharam nessa concepção ideológica, entre os quais sobressai claramente o bispo hispalense, compuseram para aquela débil estrutura monárquica, porque electiva, todo um conjunto de rituais sacralizadores da figura régia, buscando, para tal, inspiração no Antigo Testamento, onde foram buscar o ritual da unção do monarca ⁵⁷⁷ ; ou inspiraram-se na própria figura de Teodósio, o modelo de monarca cristão ⁵⁷⁸ que além do mais era, como já vimos, também ele um hispânico.

O outro aspecto importante do discurso isidoriano é o que podemos chamar a ‘sacralização por consubstanciação’: os visigodos, sempre vencedores, atingiram finalmente a condição imperial quando se estabeleceram e se tornaram unos com a Hispânia, pois é em termos de ‘união’ que se expressa a ‘*laude*’ que Isidoro de Sevilha dedicou à sua Hispânia goda ⁵⁷⁹.

O amor à Hispânia, a longínqua e extrema terra marcada pelo divino, é a base da própria sacralização imperial. Este ponto, essencial, fez emergir a Hispânia definitivamente como o sujeito daquela sacralização, que ela concede àqueles que a amam e nela acabam por se radicar.

Tal condição será, desde então, de grande importância futura, pois reproduzir-se-á, com variantes, é certo, mas será um princípio básico constatável sempre que um poder hegemónico emergiu no solo hispânico.

⁵⁷⁷ J. ORLANDIS, *ob.cit.*, p. 58 ; Maria Eugénia M. LUCHSINGER, *ob.cit.*, pp. 31 e 34; A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.42.

⁵⁷⁸ *Idem*, p. 64.

⁵⁷⁹ ISIDORO, *Historia de los Godos...*, pp. 61-64; A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 50.

II. 8. 4. Na Idade Média islâmica

A Idade Média islâmica comportou, pelo menos, dois componentes discursivos que coexistiram no espaço e no tempo, o moçárabe e o islamo-árabe, que abordaremos em seguida.

II. 8. 4.1. O discurso moçárabe

Sendo um discurso um pouco subliminar, por se propagar no contra-poder, na resistência à cultura islâmica, há que procurá-lo em sinais que por vezes não se encontram muito evidentes.

Uma particularidade, que podemos chamar de sintomática, é o facto de surgir no contexto cultural moçárabe um novo elemento discursivo, de evidente origem cristã, que acabou por se inserir no ideário cristão moçárabe e se propagou pelos séculos seguintes, pois continua a ser detectado em textos posteriores, alguns deles mais de meio milénio depois de se ter constatado aquela inovação discursiva 580.

580 Já no século XIII e ainda autores como Rodrigo Ximenez de Rada e Afonso X integraram nas suas obras a '*laude*' e o '*dolo*' (v.supra II.6.).

Logo no século VIII, menos de meio século após a entrada dos muçulmanos na Península, constata-se pela primeira vez aquela particularidade, o elemento do ‘*Dolo*’ ou ‘*Dó*’ pela perda da Hispânia visigótica, no texto da *CM 754* 581.

O ‘*Dolo*’ ou ‘*Dó da Hispânia*’, constitui um lamento, uma narração triste e dolorosa em que se relata que, em consequência do desaparecimento do Reino Visigodo e da instalação do poder islâmico na Península, se tinham abatido sobre este extremo do mundo todas as desgraças e inclemências. Este ‘*dó*’ tinha uma função semelhante à da ‘*laude*’, pois ambos produzem um efeito de exortação. No caso em que ambos se conjugam e complementam, como na *CM 754*, o efeito emocional pretendido ganhará um muito maior impacto.

A diferença essencial entre ambos é que a ‘*laude*’ exorta através da criação de uma exaltação positiva resultante de uma evocação da unicidade espaço-temporal da memória hispânica; enquanto o ‘*dó*’ busca fazer surgir um despeito negativo, resultante da evocação da diferença, do ‘outro’, naquele caso e concretamente da condição ‘estrangeira’ do último e mais recente dos possesores da Hispânia, os muçulmanos, apresentando e justificando com aquele discurso a ilegitimidade destes para nela continuarem.

Existe uma vertente que podemos designar de ‘messiânica’ no discurso moçárabe, o qual apoiando-se em textos ‘proféticos’ ou pseudo-proféticos, propagou, sempre, mas principalmente durante os períodos mais críticos para as autoridades hispano-islâmicas, a esperança pela ‘redenção’ dos cristãos hispânicos com o fim, próximo, do poder do Islão 582.

581 V. “*Spania miserrima*” in *CM 754* (ed. J.E. LÓPEZ PEREIRA), pp. 69-75.

582 Essa ‘redenção’ fora procurada de forma organizada e tragicamente sistemática pelos ‘mártires de Córdova’, a quem Eulógio, o principal mentor do movimento e também ele um dos mártires, chamou “*Milites Christi*” (os Guerreiros de Cristo) (I. CAGIGAS, *ob.cit.*, I, p.229, n.25).

Tendo as elites moçárabes percebido, após o período dos ‘mártires de Córdoba’, que a resistência provocativa muito dificilmente levaria à queda o Islão na península e que muitos dos seus correligionários já se encontravam bastante integrados na sociedade hispano-árabe, e como tal arabizados, tal constatação levou-os a mudar de tática na preservação dos seus valores.

Optaram por colocar a circular textos que reafirmassem as origens da cultura cristã visigótica e continuaram atentamente à espera do momento em que a autoridade islâmica se apresentasse em clara debilidade. Para aquela divulgação, atendendo ao grau avançado de arabização das elites urbanas moçárabes, optaram pela utilização do idioma árabe para esse fim, tal como sucedeu com a tradução do texto de Orósio de latim para árabe; ou com a redacção da *CPs-I* que foi directamente composta para aquele mesmo idioma.

Um outro aspecto que pretendemos focar é o facto de, genericamente, a historiografia moçárabe se deter, temporalmente, pouco depois da invasão islamo-árabe. Trata-se da expressão de um conceito também fortemente ideológico, ainda que não estruturalmente ligada nem dependente de elementos discursivos como a ‘*laude*’ ou o ‘*dolo*’, embora também potenciadora do que depois se concebeu como o movimento da ‘reconquista’.

Trata-se, quanto a nós, da prova de que, à luz da ideia de História formulada pela ideologia teocrática da monarquia visigótica, a presença islâmica na Hispânia era algo não-normal, não-histórico.

Vivia-se um período de expiação, e, portanto, havia que procurar na vitória contra aquela presença a manifestação do perdão e da misericórdia divinas. Havia que, através da conquista redentora, ‘reatar o fio da História’, quebrado a partir de 711. A acção guerreira deveria dar

seguimento ao exemplo que lhes fora deixado pelos mártires moçárabes, também eles confirmando e aumentando, pelo seu exemplo e pelo seu sangue, a sacralidade da terra hispânica.

Podemos ainda aperceber-nos da importância cultural e do peso demográfico (e porque não político?) das comunidades moçárabes, pelo menos as das principais cidades. Essa importância manifesta-se no ‘discurso de legitimação’ califal, de ‘Abd al-Raḥmān III, elaborado por Aḥmad al-Rāzī na sua obra maior, pois foi dada grande importância ao conceito de sacralização que a Hispânia concedia aos seus monarcas, neste caso ao seu Califa.

Aquele valor conceptual chegou à cultura hispano-árabe proveniente da cultura política romano-visigótica, transmitida pelos moçárabes e não pelas componentes islâmicas do mesmo discurso.

Um momento final da cultura moçárabe (que sempre viveu em crise), e que terá tido um outro colorido, foi o da resistência dos cristãos autóctones, praticantes do rito visigótico, às influências do cristianismo romano que se começaram a fazer sentir, vindas de além-Pirinéus, divulgado pelos monges de Cluny a partir de meados do século XI. As relações familiares que se estabeleceram entre os monarcas de Leão e Castela e os Duques da Borgonha 583 deram azo a que aquela outra visão do cristianismo se tivesse, na óptica moçárabe, aproximado

583 SÃO PAYO, Luiz de Mello Vaz de, *A Herança Genética de D. Afonso Henriques*, p. 200 e Árvore XXVIIb.

perigosamente do trono, e tivesse consequentemente conduzido à adopção oficial do rito litúrgico romano e ao abandono do velho rito visigótico-moçárabe 584.

A última versão da *CPs-I* terá sido composta já neste contexto, embora as anteriores redacções também possam ser relacionadas com momentos significativos de resistência dos moçárabes ante a fraqueza do poder hispano-islâmico 585.

Recordemos apenas, por mero, mas significativo exemplo, quais foram os comportamentos, de moçárabes e de ‘cruzados’, durante o cerco prévio, e depois, durante a conquista de Lisboa 586.

II. 8. 4.2. O discurso islamo-árabe

584 Pierre DAVID, “L’abolition du rite hispanique”, *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIIe siècle*, 1947, pp. 391-405.

585 V. supra II.4.

586 É, muito possivelmente, o mais emblemático e mais bem documentado relato, em espaço português, que nos indica qual o lado por que optava a comunidade moçárabe (v. *De Expugnatione Lyxbonensi : A Conquista de Lisboa aos Mouros. Relato de um Cruzado*, ed., trad. e notas de Aires A. NASCIMENTO, *passim*).

A Laude Hispaniae, enquanto discurso, e após a sua autonomização orosiana, obteve com Isidoro de Sevilha a sua plena maturidade discursiva e literária. Esse mesmo discurso laudatório atingiu a sua plenitude descritiva e informativa ao ser integrado na tradição hispano-árabe, a partir do século X.

A grande diferença entre as formulações anteriores e esta que tomou forma no período islâmico, é que neste momento a descrição da Hispânia / al-Andalus integrou, de forma orgânica e pragmática, muitas, talvez quase todas as informações que tinham surgido nos períodos anteriores, e que, por vezes, se tinham apresentado de forma mais ou menos parcial, atendendo à contextualização histórica das épocas que os viram surgir e aos objectivos a que se destinavam os diferentes escritos.

Em textos historiográficos árabes contemporâneos do início do poder califal no al-Andalus foram incorporadas, principalmente no aspecto geográfico, informações provenientes de fontes latinas tardo-antigas e visigóticas, entre as quais Orósio e Isidoro, para além de informações espaciais relativas à divisão diocesana da Hispânia em vigor no recente passado visigótico e mantidas como divisões administrativas islâmicas 587.

Esta integração informativa fez com que a descrição espacial da península se tornasse numa ampla *laude* onde são apresentadas pormenorizadamente todas as riquezas e produções, cidades, fortalezas, divisões administrativas, judiciais e fiscais, bem como redes viárias 588.

587 V. J. VALLVÉ, *División...*, *passim*. Ou ainda confrontando as *Nomina Sedium* (v. supra II.4.) com o Apartado Geográfico presente nas *CMR* e *CI344*.

588 V. supra II.5.

Assim, não apenas se compôs um vasto panegírico à Hispânia islâmica, al-Andalus, mas também e simultaneamente se organizou um precioso e preciso ‘manual’ que permitia a gestão do mesmo espaço peninsular.

Aquela imagem do espaço peninsular foi a que se consolidou, em finais do século X e em resultado das campanhas do *hājib al-Manşūr*, as quais tiveram as principais consequências territoriais no Noroeste peninsular, ao integrar no espaço islâmico todo o entre Tejo e Douro⁵⁸⁹.

A obra dos al-Rāzī foi aquela que o poder do novo Príncipe dos Crentes terá dirigido especialmente ao espaço interno de al-Andalus, sendo um discurso para uso interno⁵⁹⁰. Ahmad al-Rāzī teve a clara percepção de que as fontes espaciais que terá usado na sua obra se tratavam de descrições não-islâmicas do espaço peninsular e intimamente ligadas à malha eclesiástica cristã. Como tal procedeu ao que poderemos chamar uma ‘islamização’ do espaço hispânico: a descrição começa por Córdova, o ‘centro do mundo’ califal, e segue em direcção a sudeste, ou seja

⁵⁸⁹ Conhecem-se a ‘Īsā al-Rāzī duas obras maiores, uma *História de al-Andalus*, que seria a continuação da obra historiográfica de seu pai, Ahmad al-Rāzī; e uma outra acerca dos principais *hujjāb* dos califas de al-Andalus. Ora, quando é que se teria tornado importante fazer o elogio dos primeiros-ministros dos califas, e já não dos próprios califas? Muito provavelmente quando o famoso al-Mansūr se estabeleceu firmemente no poder, após 981. Assim, cremos que ‘Īsā al-Rāzī ao complementar a obra de seu pai integrou também as notícias sobre a Egitânia e sobre Coimbra na descrição espacial, espaços esses que estavam fora dos limites califais nos reinados de ‘Abd al-Rahmān III e de al-Hakam II. Com a conquista de Coimbra e sua ocupação em 987, pela mão daquele mesmo al-Mansūr, cremos ser admissível admitir que a actualização geográfica ainda seja do segundo dos al-Rāzī, falecido em 989 (J. VALLVÉ, *La División Territorial...*, p. 68, n.18.). O facto também de no século XII Ibn Ghâlib apresentar a descrição ‘do al-Andalus do ano 400’, indicia, quanto a nós, que o mesmo autor terá tido acesso a uma fonte em que a descrição já estaria actualizada, de acordo com o período ‘amirida e as suas conquistas, a despeito de o único ms. árabe que conhecemos de Ibn Ghâlib também ser lacunar na parte em que estariam aquelas duas notícias.

⁵⁹⁰ Não apenas o âmbito da obra se circunscrevia só ao espaço hispânico, como a utilização de fontes de origem latina e peninsular seria uma clara manobra política de captação das simpatias das principais elites moçárabes, o que revela, quanto a nós, por um lado, a verdadeira dimensão social dos moçárabes; e, por outro, a memória que ‘Abd al-Rahmān III tinha de como encontrara al-Andalus quando da sua subida ao trono. Tratava-se portanto, também de uma forma de propaganda junto dos moçárabes e mesmo junto dos *muladis* (hispânicos islamizados), ao procurar apresentar um califado que parecia pretender ser um pouco mais hispânico do que islâmico, apresentando-se na continuação das formas “imperiais” anteriores, a romana e a visigótica. Naquela tarefa de propaganda do novo poder califal coube a al-Warraaq trabalhar na obra que teria uma função de divulgação exterior (André MIQUEL, *La Géographie Humaine du Monde Musulman jusqu’au milieu du XI^e siècle*, 4 vols., Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales / Mouton, 1988, vol. I, pp. 259-262.)

pela direcção de Meca, pela *qibla*, e contorna a ‘Cidade do Califa’ da mesma forma e no mesmo sentido que o peregrino circunda a *Ka’ba*.⁵⁹¹ O périplo em causa termina regressando ao ponto de partida, a mesma cidade de Córdoba.

Desta forma não apenas se sacralizava, do ponto de vista islâmico, todo o espaço peninsular, como também, pelo paralelismo entre a *Ka’ba* e Córdoba, se sacralizava o poder do novo Príncipe dos Crentes, que despontara no extremo Ocidente.

A legitimação islâmica do novo poder fez-se através de uma ruptura canónica relativamente ao até então reconhecimento tácito do Califa de Bagdade, pois ‘Abd al-Rahmān III usou logo no início do Califado, entre as suas titulaturas uma que aponta para uma evidente concepção ‘mahdista’ do seu próprio poder: *al-Qā’im bi-amr-Allāh*⁵⁹².

Ora a figura do ‘*Mahdī*’⁵⁹³, ao colocar-se acima da lei, foi quase sempre o modelo, a solução, para situações de confrontação, dentro do mundo islâmico, com um poder estabelecido, que embora legal por princípio, era apontado como injusto e falho de misericórdia para com os súbditos.

⁵⁹¹ Na circunvolução (*Tawâf*) o peregrino deverá deixar sempre a *Ka’ba* à sua esquerda (v. Ibn Abi Zayd al-Qayrawanî, *La Risâla*, ed. bilingue árabe-francês, trad. e notas de Léon BERCHER, 8ª. Ed., Argel, 1980, pp. 144 (ár.) – 145 (fr.).

⁵⁹² E. LÉVI-PROVENÇAL, *HE-MP*, vol. IV: “Espanha Musulmana 711-1031”, 4ª ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1976, p. 366, n.125.

⁵⁹³ O ‘*Mahdī*’ é uma figura de grande importância na escatologia islâmica, é “o bem guiado por Deus”, cuja missão é a de restabelecer a paz e a justiça num mundo dilacerado pelos seus opositos (v. “Al-Mahdī”, *E.I.2*, T.V, pp. 1221-1228; Henri LAOUST, *Les schismes dans l’islam*, Paris, Payot, 1977, p.68). Todos os chefes político-militares que adoptaram tal título pretenderam, de alguma forma, ter uma actuação semelhante no seu tempo.

Curiosamente ‘Abd al-Raḥmān III usou este título apenas na fase inicial do seu poder, tendo depois abandonado o seu uso. Tendo usado aquele *laqab* numa carta a Constantino VII Porfirogeneta (913-959) 594 e tendo ‘Abd al-Raḥmān III tomado o título de “Emir dos Crentes” cerca de 928 595, e em 932 terminado a pacificação de todo o al-Andalus 596, tal missiva terá sido enviada algures entre aquelas duas datas.

Após o momento em que estabeleceu o seu poder, por todos reconhecido, terá abandonado aquele título de *al-Qâ'im bi-amr-Allāh* durante as seguintes três décadas de reinado, pois o mesmo poderia ser adequado para uma tomada do poder, mas algo instável para a consolidação desse mesmo poder.

Mais tarde, a partir do século XI, com a crise da *fitna* (1009-1031) e do avanço cristão a partir de meados do mesmo século, os letrados hispano-árabes começaram a recolher nas suas obras, a par de listagens de grandes letrados e eruditos hispano-árabes, também selecções de *aḥādīth* (relatos do Profeta Muhammad) que falavam das excelências de al-Andalus e da ‘guerra santa’ em defesa desta terra 597.

594 V. J. DELORME, *ob.cit.*, pp.169-175.

595 V. Henri LAOUST, *ob. cit.*, p. 143 e n.64.

596 E. LÉVI-PROVENÇAL, *HE-MP*, vol. IV: “Espanña Musulmana 711-1031”, pp.275-278.

597 Os *aḥādīth* recolhidos a partir do século XI são referidos como tendo surgido citados já em obras do século IX e X. É possível que a sua divulgação na época se tenha tratado de um ‘contra-ataque’ islâmico e em consequência da campanha cristã que acabou dando origem aos ‘martírios de Córdoba’. De um ponto de vista islâmico haveria que procurar fortalecer a crença, possivelmente afectada e debilitada, e em especial a dos neófitos *muladīs* (hispânicos islamizados). Sobre aquela origem dos *aḥādīth*, v. J.VALLVÉ, *División...*, pp. 22-23.

O tópico da ‘guerra santa’ e da excelência do martírio, como testemunho de fé, em defesa de al-Andalus, manteve-se desde então, quer em regiões ainda dominadas pelo poder islâmico 598, quer, depois, em comunidades mudéjares, de muçulmanos sob autoridade cristã 599, e, ainda mais tarde, mesmo entre os mouriscos 600.

A partir do século XI também o discurso islâmico passa a ter dois elementos, já não se ficando apenas pela tipologia exclusivamente laudatória, pois passa também a integrar elementos do tipo ‘dolo’.

Quanto às ‘*laudes*’ de Ibn Hazm e al-Šaqundī, vemos que Ibn Hazm elaborou uma memória de homens, enquanto a al-Šaqundī fez uma memória de homens, mas também de espaços.

Enquanto no tempo de Ibn Hazm a integridade territorial herdada do califado estava ainda praticamente intacta, na época de al-Šaqundī já existe uma aguda consciência de que a perda territorial se estava a tornar (ou já se tornara...) inexorável.

É possível que tenha sido também por essa razão que al-Šaqundī tenha referido, entre as áreas temáticas da sua *risâla*, a Bravura Guerreira 601.

Com o espaço do al-Andalus muito diminuído, este autor fez reentrar no espaço, reapropriando-se simbolicamente dele, aqueles mais ilustres filhos que da Hispânia islâmica tinham saído e a ela tinham sido devolvidos.

598 Existem exemplos de homens que sendo místicos, e não militares, no período almóada iam para as fortalezas de fronteira. V. IBN ‘ARABI, *Les Soufis d’Andalousie* (Introd.e Trad. R. W.J. Austin ; trad.francesa Gérard Leconte), Paris, Sindbad, 1979.

599 A.REI, “As revoltas mudéjares no ‘Algarbe’ ibérico em meados do séc.XIII e a divisa dos Násridas de Granada na zona do Médio Guadiana”, *Callipole* 10/11 (2002-2003), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp.19-26.

600 V. supra II.7., em especial a n. 7.

Al-Šaḡundī, no final da sua obra louva Deus por ter feito nascer estes homens em al-Andalus, como «*sóis que tivessem saído pelo Ocidente*»⁶⁰². Esta expressão comparativa utilizada por al-Šaḡundī evidencia que o autor teria consciência de que o Islão em al-Andalus poderia estar muito próximo do seu fim, pois referir «*o sol que sai a Ocidente*», é, na escatologia islâmica, referir um dos sinais do Dia do Juízo Final ⁶⁰³.

II. 8. 5. Nos Reinos neo-godos da ‘Reconquista’

Há um valor basilar em todas as monarquias peninsulares com origem nos monarcas das Astúrias, e que todas elas irão reclamar, sem excepção, e que é o de todos esses reis se conceberem, sem excepção, herdeiros da monarquia visigoda, entendida como uma realeza ‘imperial’ e teocrática, sedeadada em Toledo, *urbs regia* e coração da Hispânia.

Por essa razão a reconquista de Toledo se tornou um dos mais importantes objectivos, o mais simbólico e mítico da própria ‘Reconquista’, e só finalmente conseguido em 1085.

⁶⁰¹ Emilio GARCIA GÓMEZ, *Andalucia contra Berberia*, pp. 116-118.

⁶⁰² *Idem*, pp.140-141.

⁶⁰³ Relativamente à importância da expressão «*o sol que sai a Ocidente*» na escatologia islâmica, v. A.J.WENSINCK, *Concordance et Indices de la Tradition Musulmane*, Leiden, E.J.Brill, 1962, t.IV, p.475: AL-BAKHARĪ, *Sahih*, ‘Fitân’, 25; ‘Tafsîr’, 9; ‘Tawhîd’, 22; MUSLIM, *Sahih*, ‘Tawba’, 31; ‘Imân’, 248, 249; ‘Fitân’, 39, 118, 128 e 129. Ver ainda o tratado de IBN AL-‘ARABĪ, *Islamic sainthood in the fullness of time* (‘*Anqâ Mughrib fî Ma‘rifati Khatmi-l-Awliâ‘ wa Shams al-Maghrib*’), trad. ingl. e estudo de Gerald T. ELMORE, *Ibn al-‘Arabi’s Book of the Fabulous Gryphon*, Leyden, E.J. Brill, 1999.

II. 8. 5. 1. Memórias da “Reconquista”: de Afonso III a Afonso VII.

Breve síntese

Tomamos Afonso III como ponto de partida, pois foi a partir deste reinado que o discurso ideológico da chamada ‘reconquista’ se começou a estruturar. Este espaço de mais de três séculos pode ser dividido em dois grandes períodos: um primeiro entre o reinado de Afonso III e o reinado de Fernando I. E um segundo que cobre os reinados de Afonso VI, Urraca e Afonso VII.

Inicialmente orientou-se para um discurso em que a legitimidade da monarquia asturiana para além do lugar comum atrás enunciado, a herança visigoda, fez de S. Tiago Apóstolo o seu patrono, o intercessor através do qual Deus derramava sobre aquela monarquia os seus favores, que se traduziam na expansão territorial e na consequente libertação de espaços até então sob o poder islâmico 604.

O começo do segundo período pode datar-se com certa exactidão, pois está associado ao processo que conduziu à trasladação dos restos mortais de Isidoro de Sevilha, desde a cidade do Guadalquivir, então sob os Abádidas, até à cidade de Leão, capital do reino asturo-leonês, onde ficou sepultado na Catedral. A trasladação propriamente dita ocorreu no ano de 1063.

A partir desta data passou a haver um novo culto o de Santo Isidoro, que se juntava assim a S. Tiago, também como santo tutelar da Hispânia e patrono da ‘reconquista’; também seria de importância o facto de se tratar de uma figura intimamente ligada à monarquia visigoda 605.

604 Será desse período o surgimento da expressão e do conceito de “S. Tiago Mata-Mouros”, enquanto protector da cavalaria cristã (v. Santiago ROMERO, “Un hallazgo de consecuencias históricas / Las origens del mito jacobeo”, in *La Opinión*, Zamora, 5 septiembre 2004, pp.68-69, p.69).

Também a partir deste momento, e atendendo a que Isidoro foi sepultado junto ao panteão dos monarcas asturo-leoneses, consubstanciava-se a veneração ao patrono da Hispânia com a que se prestava à própria dinastia.

Neste período existe cada vez mais um discurso que fala na herança visigoda que passara à monarquia asturo-leonesa, e que obrigava esta a recuperar todo o património territorial que fora daquela e que agora deveria ser desta enquanto herdeira, património esse que fora apropriado por alguém sem qualquer direito ao mesmo.

Assim, durante estes dois períodos continuamos a encontrar a presença de um intercessor entre a Divindade e a Monarquia, nas figuras, respectivamente, de S. Tiago e de Santo Isidoro, protegendo e sacralizando a acção guerreira dos reis das Astúrias- Leão.

Mas foi com a conquista de Toledo que se recuperou totalmente o simbolismo da monarquia visigoda, e Afonso VI, de uma forma que nem os seus antecessores visigodos tinham feito, sagrou-se *imperator* por intermédio da vitória obtida, dispensando qualquer investidura intercedida pela Igreja.

II. 8. 5. 2. Um novo conceito imperial: de Afonso VI a Afonso X **Breve síntese**

⁶⁰⁵ Relativamente ao facto de S. Isidoro ser tio de Hermenegildo, o rei-mártir católico e visigodo, v. supra II.6. e II.7. Sendo tio de Hermenegildo foi também tio de Recaredo, o monarca que finalmente protagonizou a conversão oficial da monarquia visigótica à fé de Roma. Portanto era tio de reis e ‘pai’ espiritual da monarquia teocrática dos Visigodos, daí a sua importância em todo o processo da ‘reconquista’.

Esta nova concepção imperial surgiu directamente relacionada com a conquista de Toledo por Afonso VI. Simbolicamente e na prática a monarquia visigoda, desapossada da sua capital, regressava a ela, quase quatrocentos anos depois. De qualquer forma, já a anterior reunião de Leão e Castela sob o mesmo ceptro também predispunha a que se produzisse um novo discurso que recuperaria o tema da reunificação do espaço peninsular, como também acontecera com os visigodos.

A herança que de Afonso VI chegou a seu neto Afonso VII parecia consolidada, tanto mais que este último inclusivamente se fizera coroar como Imperador 606 e que até então Leão e Castela continuaram unidos. Com a morte deste monarca voltou a dar-se a separação dos reinos e a ideia de ‘império’, em consequência daquela desagregação territorial, ficou momentaneamente fora de questão.

Mesmo com Fernando III e Afonso X, após a nova reunificação e com o avanço das fronteiras até ao Guadalquivir, ainda assim não voltou, desde meados do século XIII, a ser recuperada oficialmente a titulação imperial 607.

II. 8. 5. 2. 1. As memórias eclesiásticas

606 V. supra II.6. e ainda A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.173; José Maria SALRACH MARÉS, *ob.cit.*, p.327.

607 V. supra II.6. m especial a n. 16.

Obras de homens como Lucas de Tuy e Rodrigo Ximénez de Rada tiveram como uma das principais funções literárias a recuperação de valores de proveniência moçárabe e árabe, integrando-os na ideologia neo-goda por intermédio dos seus escritos.

São obras ligadas ao reinado ‘pró-imperial’ de Fernando III, que foi um unificador, juntando definitivamente Leão e Castela, e um conquistador, tendo dilatado os seus domínios até às cidades do Guadalquivir, Córdova e Sevilha 608.

Lucas de Tuy integrou valores associados ao patronato de Isidoro de Sevilha sobre a ‘Reconquista’ da Hispânia, ligando-a assim à restauração do poder godo, com a capital em Leão, em cuja Catedral repousavam, desde meados do século XI, os restos mortais daquele grande bispo hispalense.

Ter-se-á tratado portanto do renovar de um culto que se iniciara em meados do século XI, precisamente com a trasladação dos restos mortais de Isidoro de Sevilha desta última cidade para Leão, em 1063, coincidindo com o período em que se deu a expansão leonesa a sul do Douro, e justamente no ano anterior ao longo cerco que levou à conquista definitiva de Coimbra por Fernando I, no ano de 1064.

Uma conquista difícil, como a de Coimbra, poderia sempre ser entendida como mais um milagre de Santo Isidoro, o primeiro desde aquela muito recente trasladação.

608 *Ibidem*.

A expansão ‘reconquistadora’ e aquela trasladação são demasiado coincidentes para que não tivessem sido e continuassem a ser significativas. Assim, Lucas de Tuy trouxe de novo para um primeiro plano aquele culto, apresentando-o como ligado à família real, ou talvez imperial, das Hispânicas porque já então reunindo de novo, e definitivamente, Leão e Castela.

O Bispo de Tuy, na tarefa de correlacionar estreitamente Isidoro com a monarquia visigótica, da qual a monarquia asturo-leoneso-castelhana se reclamava herdeira, apresenta o facto, nada despiciendo, de ter sido uma irmã de Isidoro, chamada Teodósia, a mãe do rei-mártir Hermenegildo, o rebelde e católico filho de Leovigildo e que foi, para alguns autores, o primeiro monarca visigodo católico da Hispânia 609.

Ou seja, Hermenegildo, por sua mãe, era membro de uma família de fervorosos católicos e, mais do que isso, de santos 610, qualidade em que ele mesmo acabará por ser integrado, primeiro na condição de ‘mártir’ e, um milénio volvido, finalmente na de ‘santo’ 611.

Lucas criava, desta forma e simultaneamente, uma relação quase ‘biológica’ entre Isidoro e a própria monarquia, ao ser, simultaneamente, tio de rei e ‘pai espiritual’ da monarquia visigótica ‘imperial’ 612.

609 Mas não para o próprio Isidoro, nem para João de Santarém, o Biclarense, que sempre o reconheceram como um rebelde contra o legítimo monarca, o seu pai Leovigildo. Entre os que consideraram Hermenegildo um ‘mártir’ temos Gregório de Tours e Gregório Magno (v. supra II.3.). Hermenegildo ter-se-ia convertido por acção de seu tio Leandro, também irmão de Isidoro, também santo, e seu predecessor na sede hispalense (Ruy de Oliveira ANDRADE FILHO, *ob.cit.*, p.6).

610 V. supra II.3.

611 Ruy de Oliveira ANDRADE FILHO, *ob.cit.*, p.11.

612 Relativamente a Lucas de Tuy e sua obra, v. supra II. 6. 2. 1. 1.

Mas Ximénez de Rada foi mais além. Ainda que contemporâneos, Lucas e Rada, este último foi mais evoluído do ponto de vista historiográfico, tendo escrito uma primeira ‘história do reino’; mas é principalmente no aspecto ideológico que se detecta a grande diferença entre ambos.

No discurso de Rada o monarca é apresentado como o instrumento directo da Providência através do qual será vencido o inimigo e será reunificada a Hispânia, enquanto para Lucas ainda subsistia a figura do intercessor entre a Divindade e o monarca, papel que, na óptica do Bispo de Tuy, continuava, de forma inquestionável, reservado a Santo Isidoro.

As formações intelectuais e as vivências de ambos terão contribuído substancialmente para o surgimento daquelas diferenças. Enquanto Lucas se formou num meio letrado ainda de escola-catedral, muito provavelmente da própria Catedral de Leão, e acabou confinado a uma diocese que podendo ter importância era, sem dúvida, periférica, Rodrigo frequentou os meios universitários de Paris e de Bolonha, dois dos principais meios intelectuais daquela época e dos mais inovadores, além de ser um homem de corte, pela função de Chanceler-mor que exerceu junto de Afonso VIII de Castela e de Fernando III de Leão e Castela.

Para Lucas o papel do monarca enquadrava-se, e de alguma forma legitimava-se, ainda dentro dos parâmetros eclesiásticos, pois ser rei era ter também a função, primordial de libertar e resgatar almas, submetidas ao poder ‘ilegítimo’ do Islão, e trazê-las de volta ao universo da Igreja. Assim procedendo o rei, a Igreja garantia-lhe o auxílio da Providência Divina para si e para o seu reino.

Para Rada o monarca legitimava-se essencialmente enquanto conquistador e era essa condição a demonstração efectiva do favor de Deus para com ele, sem necessidade de qualquer intermediário⁶¹³. Poderemos dizer que se trata de uma ‘visão eclesiástica pró-laica’.

A reunificação de Leão e Castela e o grande avanço que a ‘reconquista’ teve, factos basilares do reinado de Fernando III, fariam prever que estivesse por pouco o retomar do título imperial. Título que já Afonso VI assumira sem necessitar de qualquer mediação da Igreja, bastando-lhe apenas a condição de ‘conquistador de Toledo’.

II. 8. 5. 2. 2. As memórias laicas

II. 8. 5. 2. 2. 1. Afonso X de Leão e Castela

⁶¹³ Sobre Rodrigo Ximénez de Rada e respectiva obra, v. supra II. 6. 2. 1. 2.

Um aspecto importante que surge a partir de Afonso X é a laicização do domínio da palavra. E esta laicização não se produziu apenas com a utilização do idioma vernáculo; foi mais além, ao âmago da própria condição daquele que usa ou deve usar a palavra. E sabemos da importância de bendizer ou maldizer algo ou alguém, identificando claramente uma entidade. Essa função constituiu, até então, praticamente um monopólio exclusivo do clero ⁶¹⁴. Os *oratores* eram, por função, os eclesiásticos. Ora o *orator* é o que produz discurso (daí ‘oratória’), antes de que o conceito, ‘orar’, ao cristianizar-se, passasse também a ter a significação de ‘rezar’.

O facto de o monarca se assumir como produtor do discurso historiográfico, fazia com que fosse também colocado na condição de *orator*. Ou seja, ele assumia também uma função de tipo ‘sacerdotal’, que lhe advinha da condição régia, a qual lhe era legítima porque a conquistara de espada na mão ⁶¹⁵.

Para os monarcas, a condição de ser rei ‘da Hispânia’ dava-lhes uma característica especial entre os demais príncipes da Cristandade. Neles se juntavam ou talvez consubstanciavam a sacralidade natural da terra hispânica, o modelo ‘teodosiano’ de monarca cristão e a função de ‘guerreiro de Deus’ que surgira associada à guerra da ‘reconquista’. Tudo isso lhes permitia gozar de uma grande autonomia que dispensava uma

⁶¹⁴ Sobre os rituais litúrgico envolvendo a petição de bênçãos ou convocando maldições, v. José MATTOSO, “Liturgia monástica e religiosidade popular na Idade Média”, in *Fragmentos de uma Composição Medieval*, Lisboa, Estampa, 1987, pp. 183-190)

⁶¹⁵ Luis KRUS, “Os Heróis da Reconquista...”, p. 141, n.28; A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 215.

obrigatória sagração pela mão da Igreja, pois aos reis hispânicos neo-godos era, em definitivo, a guerra pela recuperação da Hispânia que os sagrava e o sangue vertido que os ungia 616.

A *Crónica* de Afonso X destinava-se a fazer prova de que não existia nenhum hiato entre as monarquias visigoda e asturiana, sendo esta a continuação natural daquela, e como tal o verdadeiro protagonismo da ‘reconquista’ pertencia aos monarcas, e não aos senhores, os quais eram detentores de poderes que, em última análise, proviriam da vontade régia.

Desta forma e em função daquelas premissas os relatos apologéticos das origens e valor guerreiro das velhas famílias da nobreza hispânica surgem na *Crónica* numa posição de quadros secundários que apenas dão conteúdo e colorido aos relatos dos diferentes reinados que surgem historiados, em que os verdadeiros actores são os monarcas 617.

II. 8. 5. 2. 2. 2. Os Senhores de Aboim-Portel

616 *Ibidem*. De referir muito especialmente, no contexto da ‘realeza sagrada’, o episódio em que Pelaio é tentado, por um bispo, a pactuar com os muçulmanos. Pelaio recusa afirmando a certeza que tem no auxílio divino, colocando-se assim, no relato a Divindade e a realeza de um lado, contra uma Igreja, simbolizada no bispo, simultaneamente manipuladora e descrente da Providência Divina (v. sobre este episódio L.KRUS, “Os Heróis da Reconquista...”, p. 133).

617 Luis KRUS, *ob.cit.*, pp. 130-132.

O aspecto mais curioso da acção literária e simbólica destes senhores advém da sua condição de nova nobreza de corte. Tendo ascendido numa época em que tinha recentemente terminado a ‘reconquista’, e portanto não sendo detentores de uma memória senhorial ligada a importantes domínios territoriais no norte do reino ou a cargos curiais desempenhados durante os primeiros reinados, mais marcados pelas acções da ‘reconquista’, acabaram por assentar a memória senhorial da sua casa no período em que o pai, João Peres de Aboim, e o filho, Pero Anes de Portel, foram os ‘tenentes’ do Algarve, durante a crise que se prolongou entre Afonso X de Leão e Castela e Afonso III de Portugal, entre os anos de 1263 e 1267 ⁶¹⁸.

Mais do que o cargo de mordomo-mor de Afonso III, que João Peres de Aboim desempenhou de 1264 até ao falecimento daquele monarca ⁶¹⁹, o qual foi seu especial protector, e do prestígio que tal cargo seguramente conferia, foi, qual espólio simbólico de guerra, na apropriação da herança da cultura hispano-árabe que acabaram por cimentar a sua memória senhorial.

No texto do *LR*, e constatável nos diferentes testemunhos quer da *CMR* quer da *C1344*, há sinais de interpolações textuais destinadas a valorizar os domínios e os protagonismos dos Senhores de Aboim-Portel. A ‘*laude*’ da Hispânia islâmica cujo modelo remontava a Aḥmad al-Rāzī foi finalmente ‘apropriada’ através da tradução do texto árabe para galaico-português, e acabou assim por se transformar também num louvor àqueles senhores.

⁶¹⁸ A.REI, *Memória de Espaços...*, pp. 79-81.

⁶¹⁹ *Idem*, p.76 e n. 5.

II. 8. 5. 2. 2. 3. D. Pedro Afonso de Barcelos e D. João Manuel de Vilhena

D. Pedro Afonso, filho bastardo de D. Dinis, Conde de Barcelos e genro de Pero Anes de Portel, constituiu como que um arauto privilegiado da aristocracia, dando eco à crise que a nobreza peninsular, mas principalmente a portuguesa, estava então, na realidade, atravessando.

No que respeita à aristocracia portuguesa aquela crise relacionava-se directamente com o final da ‘reconquista’ no espaço português, não havendo para a nobreza guerreira, ou ‘velha nobreza’, reais possibilidades de expansão dominial e territorial, pois não havia mais condições para ser mantida uma guerra de conquista.

No caso castelhano-leonês, com as possibilidades de ‘reconquista’ de Granada ainda em aberto, a verdade é que desde meados do século anterior não havia um significativo avanço das fronteiras, a Sul. E, portanto, a nobreza encontrava-se sem forma de conseguir mais domínios e riquezas ⁶²⁰.

⁶²⁰ Um dos sinais de que a nobreza já não tinha uma autonomia verdadeira em relação aos monarcas é o facto de que apesar das crises que se instalaram no final do reinado de Afonso X e depois as menoridades de Fernando IV e de Afonso XI, ninguém tomou por si ou em nome dos monarcas-meninos a responsabilidade de retomar a ‘reconquista’. Até neste aspecto, importante, sem dúvida, mas que poderia dar azo a que um grande senhor conseguisse tomar ou retomar uma verdadeira autonomia em relação ao rei, fica claro que toda a iniciativa e dinamismo conquistador dependia apenas, e só, da figura régia.

As velhas nobrezas, das quais D. João Manuel de Vilhena e D. Pedro Afonso de Barcelos foram os porta-vozes, reagiam também contra a emergência das novas nobrezas cortesãs, gente mais ligada às funções administrativas do que à guerra. Gente mais de administração que de espada.

A *Crónica Geral de Espanha de 1344* terá sido a formalização discursiva mais elaborada que a nobreza hispânica de então produziu. Nela se plasmou a visão nobiliárquica do seu próprio papel, quer no passado, quer em meados do século XIV, entendido em função daquele mesmo passado ⁶²¹.

A *Crónica de 1344*, através de tudo o que envolveu o grande recontro do Salado, procurou demonstrar a efectividade da sua conceptualização do poder, a ser exercido em monarquias intrinsecamente sagradas pelo acto guerreiro. A verdadeira solidariedade que se produzira entre o escol guerreiro hispânico permitira que, todos juntos, no Salado, tivessem afrontado e tivessem vencido aquela nova invasão.

A manutenção daquele espírito de solidariedade entre os monarcas e os nobres, seria a chave para a resolução das tensões que as monarquias cristãs peninsulares vinham sofrendo desde há quase três quartos de século ⁶²².

⁶²¹ Atendendo a que uma das suas fontes próximas, no tempo e no espaço, foi o *Livro de Linhagens*, composto pelo mesmo Conde D. Pedro e onde este reformulou o discurso de resistência da nobreza hispânica contra as centralizações levadas a cabo pelos diferentes monarcas peninsulares. Sobre o *Livro de Linhagens*, sua origem e articulação com a *C1344*, v. *C1344*, ed. CINTRA, pp. XCV-CXXV; L. KRUS, *A Conceção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380)*, *passim*; IDEM, “O discurso sobre o passado na legitimação do senhorialismo português dos finais do século XIII”, in *Passado, memória e poder na sociedade medieval portuguesa. Estudos*, Redondo, Patrimonia, 1994, pp. 197-207.

⁶²² L. KRUS, *A Conceção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380)*, pp. 115-116 e ns. 230-231.

II. 8. 6. As memórias tardias

1. II. 8. 6.1. Mouriscos

Se para os Mudéjares e os Mouriscos o discurso assentou essencialmente na evocação do passado glorioso do al-Andalus, perpassa nos seus textos o drama da sua verdadeira condição.

A situação de humilhação levava ao disseminar de um messianismo islâmico, referenciado na figura do *Mahdi*, a qual acabou por se divulgar na Hispânia do século XVI, e da mesma forma também entre os judeus, sob a designação de ‘o Encoberto’.

Muita da literatura produzida pelos ‘mouriscos’ usou o sistema criptográfico da chamada ‘aljamia’, precisamente para tentarem iludir o controle que a sociedade cristã-velha e tridentina levava a cabo sobre as minorias recém-convertidas e, portanto, consideradas naturalmente suspeitas.

A necessidade de manter a fé entre os crentes conduziu à hiperbolização da sacralidade, da ‘*barakah*’ da terra hispânica. Um determinado acto com características consideradas espirituais e levado a cabo nesta terra era mais recompensado do que várias peregrinações a Meca ⁶²³.

⁶²³ V. supra II.7.1. As ‘laudes’ mouriscas, em especial n. 8.

O martírio, a morte em defesa da fé, sempre que lhes não fosse possível emigrar, seria, pois, em alguns casos, a última solução digna para um crente pôr fim àquela difícil situação. A angústia, a insegurança e as dificuldades por que passavam sublimava-se nestes textos que eram o refúgio quando os dias eram mais negros; e o estímulo para continuarem quando alguma esperança, ainda que ténue, se perfilava no horizonte.

II. 8. 6.2. Sefarditas

Para os Judeus o panorama não era muito diferente do dos Mouriscos.

Também os sefarditas esperaram um ‘Messias’, o seu ‘Encoberto’, que viesse restaurar a dignidade do povo hebraico nestas paragens. Mas, mais do que apenas esperar, houve mesmo movimentações entre os cristãos-novos de origem judaica, que pretendiam conduzir à emergência desse estado de coisas, sendo detectados dois movimentos, um no século XVI e outro no XVII.

Até mesmo as concepções escatológicas dos judeus sefarditas estavam marcadas pela simbiose cultural hispânica, ao integrarem nas suas crenças genuinamente judaicas algumas heranças culturais cristãs, certificadas com a autoridade da figura carismática de Isidoro, o Bispo Santo de Sevilha, realidade que também conheceu paralelos entre os Mouriscos.

II. 8. 6. 3. A ‘Hispania’ de Filipe II

Enquanto organizador da Espanha moderna, Filipe II encarregou Ambrósio de Morales de obter e lhe fornecer uma informação integral acerca dos seus reinos. O interesse que este letrado teve pelo texto da *‘Historia del Moro Rasis’*, a ponto de ter copiado parte daquela obra (ou de ter feito a sua cópia a partir de um testemunho já falho de alguma informação), leva-nos a pensar que se tenha servido daquela obra, do seu apartado geográfico, como fonte para a descrição da parte central e sul da Península, uma vez que já aí se encontrava descrita. O facto de se ter deslocado ao Norte peninsular terá servido, além de procurar relíquias, também para procurar manuscritos e para se documentar de forma a poder completar as informações relativas a todo o conjunto dos reinos, uma vez que a descrição de origem árabe não cobre aquelas paragens.

No entanto, do ponto de vista ideológico e sacralizador da própria monarquia e do seu detentor, Filipe II e os seus próximos terão visto em Hermenegildo o primeiro mártir da monarquia católica da Hispania. Seria, assim, um predecessor de Filipe, o qual pretendia também, ou não fosse ele o ‘Rei Católico’, fazer com que o catolicismo se estendesse por toda a Península.

Todo o processo conducente à canonização de Hermenegildo, bem como uma eventual ‘mexida’ na *Historia Gothorum* de Santo Isidoro, falam-nos do interesse de Filipe II em se apropriar de algum do património simbólico do passado visigodo, e mesmo imbuir-se dele 624, dessa

624 Sobre a adopção do princípio ‘uma fé e um reino’, v. supra II.7.3. O imperial “Século de Ouro”, em especial n. 46.

forma sacralizando o seu próprio trono, ao derramar sobre ele, simbolicamente, o sangue do Rei visigodo, Mártir, Santo e sobrinho de Santo Isidoro de Sevilha⁶²⁵.

II.8.7. Conclusão

O discurso laudatório da Hispânia a partir do momento em que se assume, autónomo, na Antiguidade Tardia, apresenta-nos, pelo menos, duas vertentes.

Uma primeira, de que apenas subsistem maioritariamente os discursos mais próximos dos diferentes círculos do poder. E tal leitura constata-se no Império Romano cristão e na Monarquia Imperial Visigótica, neste caso até ao seu fim em 711. A única exceção, e já deste último período, relaciona-se com a revolta de Hermenegildo, em relação à qual se constata duas diferentes visões, uma a favor e outra contra aquela mesma figura e a rebelião que conduziu.

Na segunda fase, constatável a partir do período islâmico, já começamos desde então a encontrar dois discursos diferentes, até opostos, acerca da mesma realidade e com origem em dois tipos de grupos letrados. Um grupo geralmente próximo dos diferentes poderes: o Califado Omíada; o Califado Almóada; a Monarquia imperial de Leão e Castela, após 1085; ou, mais tarde, a Monarquia imperial dos Habsburgo.

⁶²⁵ V. supra II. 7. e II.3.

Ou, então, e nem sempre tão perceptível, um outro grupo composto por letrados ligados a comunidades situadas longe do poder, que estiveram na sombra, que foram por vezes o contraponto, quando não a vítima daqueles mesmos poderes hegemónicos: os moçárabes, quer sob a autoridade islâmica, quer ante a nova Igreja romano-cluniacense; a nobreza hispânica, ante a crescente centralização régia; e os judeus e os mouriscos, frente aos Áustria.

Ao nível dos conteúdos constata-se algumas semelhanças discursivas entre o que encontramos nos meios letrados moçárabes a partir do século VIII e o que descortinamos nos meios letrados hispano-islâmicos após o século XI. Nuns e noutros coexistem passagens laudatórias com passagens dolorosas. A permanência daquele conjunto *laude / dolo* nas produções literárias cristãs constatou-se até ao século XV. Nos meios muçulmanos ocorrem elementos de características semelhantes desde o século XI até ao século XVI, pelo menos.

O curioso, e será esta muito possivelmente uma das marcas carismáticas desta terra, é que todos eles, sem excepção, se orgulham de terem nascido na Hispânia, todos a amam como quem ama uma Mãe generosa e boa e, portanto, todos se reconhecem como seus filhos. Todos esperam nela o milagre, a revelação, o seu ‘Encoberto’, aquele que lhes traga paz e justiça.

E conhecem-se ainda hoje inúmeros casos de judeus sefarditas e de mudéjares e mouriscos que, tendo, todos eles, de sair da Hispânia / al-Andalus / Sefarad, mantiveram ao longo das gerações, como um bem familiar transmissível, a chave da porta da ‘sua’ casa, aquela que a família teve de deixar pela força das circunstâncias, algures num qualquer ponto da Hispânia; e mesmo que essa casa já não exista fisicamente, ela ainda continua sendo a ‘sua casa’.

Todos os povos e gentes que por aqui passaram e deixaram rasto e herança, procuraram, através de um canto de amor à sua ‘terra do fim do mundo’, muitas vezes eivado de soluços e lágrimas, tanto os que se arrogaram um poder imperial, como os deserdados da fortuna, mas todos filhos da Hispânia, e através de um discurso emotivo, a sua busca de Fé e de Império, os dois ingredientes que todos conjugaram nas mais diversas proporções.

Quadros II.1a

ELEMENTOS DESCRITIVOS DA HISPÂNIA EM AUTORES ANTIGOS - HEBRAICOS E GREGOS

	Clima excelente	Fertilidade	cavalos	ovelhas	cabras	porcos	vacas	coelhos / lebres	vinhas	trigo	cevada	azeite	mel	ceira	tin- tu- ras	S t	P l	A u	A g	C u	F e	Mini- o	espa- rto	lin- ho	ar- mas	ga- ru- m	car- nes	fig- os	oli- veiras	Pinhe- iros Rios Pas- tos
Anais de Sal- omão																*	*	*	*	*	*									
Periplo					*				*	*		*				*		*												
Heró- doto																o	o	o	o	o	o									
Timeu																			*										*	
Teo- frasto																		*												*
Políbio	*			*	*	*	*	*	*	*	*	*					*		*									*	*	*
Possi- dônio			*													*			*						*					
Estra- bão		*	*					*	*	*			*	*	*			*	*	*	*					*	*			

ELEMENTOS DESCRITIVOS DA HISPÂNIA EM AUTORES ANTIGOS - LATINOS

	Clima excelente	fertilidade	cavalos	ovelhas	cabras	porcos	vacas	coelhos / lebres	vinhas	trigo	cevada	azeite	mel	cera	tin- tu- ras	S- t	P- l	A- u	A- g	C- u	F- e	pedras prec.	esp- ar- to	lin- ho / lã	ar- m- as	ga- ru- m	car- nes	fi- go- s	oli- vei- ras	Pinheiros verduras Peixes rios pastos
Varrão			*					*																						
Catulo								*										*						*						*
Pomp. Trogo >Justi- no	*	*							*	*	*	*	*				*	*		*			*	*	*					**
Tito Lívio																		*	*						*					
Colum- ela				*																										**
P.Mela		*								*							*	*	*	*	*	*	*	*	*					*
Plínio			*						*	*	*	*	*			*	*	*	*	*	*	*	*		*				*	*
Sílio Itálico									*	*	*	*						*	*					*	*					*
Marci- al			*	*					*			*						*	*		*				*	*	*		*	
Annio Floro																														
Solino									*			*						*	*		*		*							*

III. *laudes SPANIÆ*

III. 1. O Apartado Geográfico, nos diferentes testemunhos da *CMR* e da *C1344*

Antes de referirmos como o Apartado Geográfico se apresenta, de uma forma geral nas duas famílias textuais, a da *CMR* e a da *C1344*, queremos deixar aqui uma constatação prévia.

No contacto com os testemunhos daquelas Crónicas apercebemo-nos do seguinte: o único núcleo textual que se manteve praticamente inalterado, na chamada *CMR*, que também foi conhecida como *HMR* e como *LR*, é, essencialmente, o relato geográfico.

As partes historiográficas, mesmo quando relativas à Hispânia, apresentam algumas diferenças¹. O único apartado que se manteve estruturalmente idêntico, pelo menos na descrição dos termos, alfozes ou dioceses da Hispânia, é o geográfico-administrativo.

Subsistiu porque é o tipo de texto que mais facilmente escapa às leituras ideológicas, ao ser uma descrição do espaço, o que não acontece com a historiografia.

O seu valor probatório era tão reconhecido, mesmo entre os cristãos peninsulares, que veio a servir de critério documental na contenda que existiu entre as

¹ Relativamente às questões que envolvem a parte historiográfica das Crónicas *CMR* e *C1344*, já desde GAYANGOS (*Memória...*, pp. 10 e 22), v. *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, pp. LXXI-CI; *C1344*, ed. CINTRA, vol. I, pp. XXXI-XXXVIII; *C1344*, ed. CATALÁN e ANDRES, pp. XVI-XVII ; e ainda o ponto de situação colocado por Luís MOLINA, “Sobre la procedência de la Historia Preislamica inserta en la Crónica del Moro Rasis”, *Awraq* 5-6 (1982-3), pp.133-139.

dioceses de Tarragona e Toledo, relativamente à integração de Valência, facto que se desencadeou após a conquista desta cidade por Jaime I o Conquistador, em 1238².

Trata-se de uma estruturação e descrição do espaço hispânico tão intrinsecamente válida que sobreviveu a inúmeras vicissitudes políticas. E manteve-se em vigência pelo menos até ao reinado de Filipe II, senão mesmo para além dele.

Por essa condição de subsistência ao longo dos tempos, foi aquele que, segundo conclusões anteriores³, se manteve sempre mais próximo da sua matriz árabe, e que por essa mesma razão, é o que ainda hoje se apresenta como o mais bem colocado para qualquer tentativa de crítica textual que articule os textos romances das *Crónicas* com os textos árabes.

Creemos, no entanto, que na realidade estamos muito longe de poder ‘restaurar’ o texto de al-Rāzī, ou seja o texto composto por pai e filho, pelo facto de o texto árabe original se ter perdido e também porque o texto de que dispomos na chamada ‘*CMR*’, se tratar afinal do texto de Ibn Ġālib.

Este autor do período almóada, usou al-Rāzī mas também usou al-Bakrī, e sabemos que al-Bakrī teve, entre as suas fontes, também a obra de Orósio.

Assim, ficamos perante a situação seguinte: o que se constate no texto romance que tenha equivalência naquele texto tardo-latino não provém, necessariamente, de al-Rāzī, pois pode provir de al-Bakrī.

Para complicar ainda um pouco mais as coisas, também a obra mestra de al-Bakrī não está completa, mais, está até bastante desfalcada, em especial no que à Hispânia diz respeito.

² A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p.171.

³ Essas conclusões figuram em A.REI, *Memória de Espaços...*, pp. 25-28.

III.1.1. O Apartado Geográfico

Vejamos pelo quadro seguinte como se apresenta o Apartado Geográfico nos diferentes testemunhos, quer da *CMR* quer da *C1344*.⁴

Apartado Geográfico	<i>Ca</i> (CMR)	<i>M</i> (C1344e1)	<i>U</i> (C1344e2)	<i>L</i> (C1344p3)
Hispania ‘triangular’	*	*	---	---
Hispania dupla	*	*	---	---
Termos	*	*	*	*
Serras	*	---	---	---
Rios	*	*	---	---
Lacuna entre Lisboa e Niebla	*	---	---	---
Coimbra e Egitânia	*	---	---	---
Badajoz	*	---	---	---

O *Ca* é o testemunho mais antigo conhecido da *CMR*. Da *C1344*, o *M* é o único testemunho mais ou menos completo da primeira versão, de 1344; o testemunho da segunda versão, *U*, representa os testemunhos castelhanos, que remontam a 1400; e *L* representa os testemunhos portugueses da versão de 1420, que entendemos tratar-se de uma terceira versão⁵.

III.2. A opção pelo texto compósito como texto-base

⁴ Não integraremos neste quadro os textos ‘híbridos’ do século XVII, pois embora mais completos, são ainda lacunares entre Lisboa e Niebla, pelo facto de *E* não estar no mesmo estado de integridade textual em que se encontra *M*.

⁵ O facto de todos os textos da *C1344* que têm como texto-matriz o ms. *L*, todos portugueses, apresentarem particularidades textuais que não se constataem nos testemunhos castelhanos, quer de 1344 quer de 1400, aponta nessa direcção: a de uma versão da *C1344*, que foi elaborada em paralelo com a composição da *Crónica de Portugal de 1419*, obra para a qual a *C1344* foi uma das fontes. Esta versão, a que chamamos ‘de 1420’, não se constata já posteriormente traduzida para castelhano.

Atendendo a que nenhum dos testemunhos, de nenhuma das Crónicas, tem o Apartado Geográfico completo, os dados apresentados no quadro, e as questões cronológicas, levam-nos a optar pelo testemunho *M*, pois ele reúne dois factores que consideramos basilares: é, de quaisquer das *Crónicas*, simultaneamente o mais antigo (século XIV) e também ele é bastante completo. O ms. *Ca*, é mais completo, mas é datável de época posterior (século XV).

Assim, por esse conjunto de razões tomamo-lo como texto-base daquele Apartado, enquanto parte inserta nos testemunhos romances que usaremos na confrontação textual.

Mas, atendendo às lacunas do mesmo, e para complementar *M*, usaremos de *Ca* a parte das ‘Serras’, e ainda algumas notícias, como sejam, nomeadamente, a de ‘Coimbra’ e a da ‘Egitânia’.

Não entendemos que estas notícias se tratem de interpolações⁶, mas sim que terão sido ainda acrescentadas por ‘Īsā al-Rāzī, pois o segundo al-Rāzī foi ainda contemporâneo das conquistas de *al-Mansūr* no entre Tejo e Douro, ocorridas entre 985 e 987⁷.

Quanto a Badajoz não usaremos essa notícia por a considerarmos uma autonomização e amplificação de parte da notícia de Mérida, precisamente da parte onde trata de Badajoz.

III. 3. Normas do Estudo Crítico

⁶ Diego Catalán entendeu aquelas duas notícias como ‘interpolações’, (*CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, pp. 84-87), aliás como a de Badajoz (*idem*, pp.79-80).

⁷ A. Borges COELHO, PEA, I, p. XXXXXXX

As notas, que acompanham o texto, seguem-se directamente após cada unidade textual que surge com um paralelo em qualquer autor. A necessidade de compaginar todos os textos e siglas, obrigou à adopção da letra de tamanho 8.

As notas explicativas vêm entre [parêntesis rectos e em arial narrow].

Se as *notas explicativas* forem prévias às *notas críticas*, estas são introduzidas por **(TL)** e **(TA)**, para respectivamente, textos latinos e textos árabes. Se forem notas explicativas que se articulem com as notas críticas, surgirão naquela mesma forma, mas inseridos na nota crítica.

Sempre que os paralelos ocorrerem com os textos latinos ou de origem latina, e aqui integramos o Orósio árabe (HU), serão estes que surgirão como referência crítica, remetendo os paralelos árabes para as notas críticas, mesmo quando estes sejam mais substanciais e até mesmo mais idênticos ao texto da Crónica.

Quando o paralelo seja estabelecido com os textos árabes, fã-lo-emos sempre com Ibn Gālib, e só em caso de o mesmo não se verificar, é que se procurará em outros autores.

A ordenação das notas críticas obedecerá a critérios cronológicos, deixando sempre eã primeiro lugar os autores que mais próximos estão do século X, o século em que os al-Rāzī viveram e escreveram.

Siglas utilizadas no Aparato Crítico

Textos Latinos (ou de origem latina)

Autor	Obra	Século d.C	SIGLA
Orósio	<i>Histórias contra os Pagãos</i>	V	OR
Hurūšyūš	<i>Kitāb Hurūšyūš</i>	IX/X	HU

?	<i>Crónica Pseudo-Isidoriana</i>	IX a XII	Ps-I
---	----------------------------------	----------	-------------

Textos Árabes

Autor	Obra	Hégira / d.C.	SIGLA
Al-‘Udhri	<i>Tarsī ‘ al-Akhhbār</i>	V/ XI	UD
Al-Bakrī	<i>Al-Masālik wa-l-Mamālik</i>	V/ XI	BK
Al-Rušāfī (Ibn al-Kharrāt)	<i>Iqtibās al-Anwār</i>	VI / XII	RU / (Kh)
Al-Idrīsī	<i>Nuzhat al-Muštaq</i>	VI / XII	ID
Ibn Ġālib	<i>Farhat al-anfus</i>	VI / XII	IG
Yāqūt	<i>Mu‘jam al-Buldān</i>	VII / XIII	YQ
Al-Qazwīnī	<i>Athār al-Bilād</i>	VII / XIII	QZ
Ibn Sa‘īd	<i>Al-Muğrib...</i>	VII / XIII	IS
Ibn al-Šabbāt	<i>Silat al-simt</i>	VII / XIII	SB
Al-Himyarī	<i>Al-Rawd al-Mi‘tār</i>	VIII / XIV	HM
?	<i>Dhikr bilād al-Andalus</i>	IX / XV	DK
Al-Maqqarī	<i>Nafh al-Tīb</i>	XI / XVII	MQ

As informações relativas a estes autores e às suas obras encontram-se mais desenvolvidas supra em II.2, II.4 e II.5.

III. 3.1. - CONFRONTAÇÃO TEXTUAL DO APARTADO GEOGRÁFICO DO *LIVRO DE RASIS* com testemunhos latinos e árabes

Testemunhos latinos	siglas	Apartado Geográfico do <i>LR</i>	Testemunhos árabes	siglas
		En el nombre de Dios amen. Este libro que fue compuesto, primamente començo del departamento de las tierras e de las villas e de los lugares sabidos e conosciados de España, e los rrios e los terminos, e quantos fueron los godos e los que viuieron en ella e commo entraron e entro Tarife, el fijo de Zayche. Et commo entro despues del Mase, el fijo de Nazayr; e commo entro Abdarrahome, el fijo de Mohab; e quales eran sus fijos, e moraron en ella fasta que vençio el senor della. E contar vos emos con esto e decir vos hemos del alegria de Cordova e los que fizeron bien en ella, e de Rrazafa, e de lo que dize Abobacar fijo de Ranaçir		

Introdução de eventual origem romance, atendendo a que não se encontra paralelo nos testemunhos árabes. Esta introdução procura fazer um resumo do que surgirá na totalidade da obra, quer na parte geográfica quer na historiográfica, embora aqui apenas nos debrucemos sobre a primeira parte.

LOCALIZAÇÃO DA HISPÂNIA

		E por este cuento dize el Rrasi, e con el maestre Mahomad, e dezi dezimos lo que dize el Altobucar a Mafomed, fijo de Mafomad, fijo de Mosarase, el escriuano natural de España que escrivio el quarto del mundo contra el sol poniente,	O al-Andalus está no extremo do quarto clima em direcção a ocidente. Esta é uma afirmação de al-Rāzī Ahmad ibn Muhammad ibn Mūsā ibn Laqīt al-Kātib	<u>Kh</u>
--	--	--	---	------------------

Al-Rāzī surge referido nesta passagem como 'al-Kātib', como aliás também o foi assim designado por Ibn Ghālib. **(TA)** O al-Andalus está no extremo do quarto clima em direcção a ocidente. **RU**; Al-Andalus é uma península com três ângulos **YQ**; Al-Andalus: esta península está no extremo do quarto clima em direcção a ocidente. Esta é uma afirmação de al-Rāzī **HM**; Do quarto clima [...] as terras de a-Andalus **IS**; No Quinto Clima com uma parte no Quarto Clima **SB** (= **Kh**); Parte de al-Andalus está no Quarto Clima e outra parte no Quinto **QZ**; O al-Andalus está no extremo do quarto clima **DK**; O al-Andalus está no extremo do quarto clima dos sete climas. Ela é um quarto do mundo habitado, sendo central a todas as regiões **MQ**.

BONDADES DA HISPÂNIA

		qu'es muy buena tierra e muy abundada de todas frutas e muchas fuentes, e muy menguada de muchas animalias poçoñientas que ha en las otras tierras. E España es ygualada de auer e de los ventos e de los quatro tiempos del año; del verano e del estio e del otoño e del invierno; e llegan en España los frutos los vnos a los otros en cada año que non falleçen. E sabed que las rriberas del mar e de sus terminos vienen los mas agros frutos que ha en las sierras por el frio del ayre, porque y ha las humidades e las vmidades sono en todas las sazones. E llega el fruto de los arboles por todo el año e por esto es la gente abundada de todas las frutas, e por ende guareçe los omes en estos lugares.	A sua terra é generosa por natureza. O seu solo é bom, os seus campos são férteis. Tem fontes caudalosas e rios caudalosos. Escasseiam os animais venenosos. Tem um clima moderado na maioria da s épocas do ano, sem aumento da temperatura de forma a prejudicar o corpo humano [...] Os seus frutos dão-se ininterruptamente ao longo do tempo, e não escasseiam ou faltam porque a costa e regiões próximas dão frutos temporãos, enquanto nas zonas de fronteira e nas montanhas, que têm um clima frio e um ambiente denso, atrasam a sua produção, pelo que chegam a coincidir ambas as produções. Os seus bens surgem nela continuamente aolongo de todas as épocas	MQ
--	--	---	---	-----------

É um país de generosas veigas e excelentes terras. Tem muita água e desentranha-se em rios. É escassa em animais daninhos e venenosos. O seu clima e o ciclo das estações são equilibrados **RU**; De generosos campos e uma sã natureza. É uma terra fecunda onde brotam fontes e é regada por rios caudalosos. Tem poucos bichos venenosos. É de clima equilibrado. Os seus frutos vão surgindo ao longo do ano nunca chegando a faltar, porque quer as zonas costeiras quer as regiões interiores são repletas com as suas novidades. Da mesma forma nas zonas fronteiriças e nas montanhas é marcada por um ar frio e por um clima cerrado atrasam-se nelas o que lá se produz, de tal maneira que duas produções do mesmo fruto praticamente se encontram. Os seus bens surgem em todos os momentos **SB**; Al-Andalus tem por toda a parte minas de ouro, prata, chumbo e ferro. Tem também minas de mercúrio, enxofre vermelho e enxofre amarelo, excelente cinábrio, atutia e alúmen de todos os géneros. Há também um antimónio que se parece ao de Isfahã, e o seu interior produz pedras de jacinto, cristal de rocha, ônix, lapislazúli, pedra-íman e hematites. No seu solo também se produz a ametista, a pedra judaica, a marcassite e o talco. Em al-Andalus crescem diferentes tipos de plantas aromáticas, encontrando-se também o aloés, o nardo e o costo. Há âmbar puro e incenso **QZ**; Al-Andalus (...) é um país de generosas veigas, excelente terra e luxuriantes de jardins. Desentranha-se em rios e nascentes de água doce. É escassa em animais daninhos e venenosos. O seu clima é equilibrado. As quatro estações são na sua essência equilibradas e frutificam temporas nas zonas costeiras e serôdias nas montanhas e zonas frias **DK**;

		En España ha lugares fuertes e grandes çibdades, e han los omes qu'í moran muy grande ayuda, ca es la tierra muy fuerte e de la mar muy provechosa.	Al-Andalus tem cidades fortes e castelos inexpugnáveis, torres bem fortalecidas e cidadelas excelentes	MQ
--	--	---	--	-----------

Tem muitas e grandiosas cidades, e fortalezas poderosas **RU**; Tem muitas cidades magníficas e fortalezas poderosas e inexpugnáveis **SB**; Al-andalus tem muitos distritos numerosos e conjuntos de regiões agrícolas, e cada distrito tem numerosas cidades **HM**; Nela existem cidades metropolitanas, fortalezas inexpugnáveis, castelos fortificados, construções majestosas e altos edifícios. Conjuga a terra e o mar, a planície e a montanha **DK**;

HISPÂNIA TRIANGULAR

A Hispânia na totalidade do seu território tem forma de triângulo. [...] O terceiro ângulo atinge o lugar onde está a ilha de Cádiz, no sentido do vento Africo em frente ao Monte Atlas, separados por um golfo do Oceano. [...] O primeiro ângulo está voltado a Oriente, tendo à direita a Aquitânia e sendo limitado à esquerda pelo Mar da Baleares. O segundo ângulo alonga-se a noroeste. Aí se situa Brigança cidade da Galécia onde se ergue um altíssimo farol, das poucas coisas memoráveis, erguido em frente da Bretanha.	OR	La tierra de España: el primo cuento es en lugar en qu'esta el conçillo de Caliz e del mar Medio terrano, aquel que llaman Xení, contra oriente d'España. El segundo cuento es en oriente, entre el mar de Carbona y esa vill de Burdilla, al traves de la ynsola de Mayorga e de Minorga, entre los dos mares que çercan todo el mundo; e otro ha que demira toda la tierra. E entrellos ha vna carrera que ha dos partes, a que agora nos llamamos El Estrecho, e esta en el entrada d'España e por la tierra grande de França, e dura el curso deste estrecho dos dias. E el mar Merediaño comiença el mar de Auilla conjuntamente e cata el mar Rredondo. E el cuento terçero es entre sententrion en oriente, en Galizia, así como va el monte de sobre el mar, e ay esta el conçilio de Lisbona, e es tierra buena, es sobre tierra de Breaña. Este cuento terçero es a par de vna villa que laman agora La Coruña.		
--	-----------	---	--	--

(**TL**) al-Andalus [...] é um país poligonal, com três vértices; [...] o terceiro vértice está na região da ilha de Cádiz, entre o Ocidente e o Sul, de frente para o monte de África chamado Atlantes [...] o primeiro deles fica em frente ao Oriente, entre o país da Aquitânia e o Mar Mediterrâneo diante da ilha de Maiorca e da de Menorca, nas proximidades do mar de Narbona; o segundo vértice fica entre o Ocidente e o Norte, na região da cidade de BAGRANSIA, na Galiza, onde está o farol que fica diante do país da Britania **HU**; A Hispânia tem forma triangular [...] o primeiro ângulo aponta para o Oriente, com a Aquitânia à sua esquerda e Narbona à sua direita, junto ao Mar Mediterrâneo, mas se se olhar para Oeste pelo contrário a Aquitânia fica à direita e Narbona à esquerda; o segundo ângulo circunscreve Ocidente e Setentrão diante da Galiza onde dizem se encontra uma alta pedra que os autores chamam Gades Herculis, em direcção à Britania; o terceiro ângulo está situado frente à ilha de Cádiz, junto ao Oceano, onde antigamente havia um ídolo adorado pelo vulgo ignorante. Alça-se sobre a terra africana, que está em parte circundada pelo Oceano **Ps-I**;

(**TA**) O Al-Andalus é um país com três ângulos **IG**; O país de al-Andalus tem forma triangular [...] O primeiro dos seus três ângulos ângulo é o sítio onde está o ídolo de Cádiz, entre o Ocidente e o Sul, de frente para o monte de África chamado *Adlâniya*; dele sai-se para o Mar Mediterrâneo, saída que vai até ao Médio Oriente, tomando a zona meridional de al-Andalus. O segundo ângulo situa-se no oriente de al-Andalus entre a cidade de Narbonne e a de Bordéus, diante das duas ilhas de Maiorca e Menorca, na vizinhança dos dois mares, o Mar Envolvente e o Mar Mediterrâneo. Entre aquelas duas cidades situa-se a passagem conhecida como “as Portas”, e que, a partir do país dos Francos, é entrada em al-Andalus desde a Terra Grande. A distância entre os dois mares cumpre-se em dois dias, e Bordéus, junto ao Mar Envolvente, fica defronte de Narbona. O terceiro ângulo está onde o mar se dobra do norte para o oeste e onde se encontra a alminara que está no monte sobranceiro ao mar. Aí se encontra um ídolo alto que se assemelha ao ídolo de Cádiz, no país situado em

frente do país da Bretanha **BK**; É chamada a península de al-Andalus como península porque ela tem forma triangular [...] o mar envolve-a pelos três lados **ID**; O país de al-Andalus tem forma triangular **SB**; Al-Andalus é uma península triangular, ou seja em forma de triângulo. Dois mares a envolvem, o Oceano e o Mediterrâneo. Este último é um golfo do Oceano, e que começa nas proximidades de Salé, que faz parte do país dos Berberes. Aí fica o primeiro ângulo no sítio onde está o ídolo de Cádis; e junto a ele situa-se a saída do Mediterrâneo o qual se estende até ao Sham. E aquilo situa-se no sul de al-Andalus. O segundo ângulo situa-se no oriente de al-Andalus entre a cidade de Narbonne e a de Bordéus. Ela está hoje nas mãos dos cristãos e situa-se diante de Maiorca e Menorca na vizinhança de dois mares, o Oceano e o Mediterrâneo. A cidade de Narbonne está defronte do Mediterrâneo e a cidade de Bordéus está defronte do Oceano. O terceiro ângulo está a noroeste no espaço da Galiza, onde se encontra o monte sobranceiro ao mar. Aí se encontra um ídolo alto que se assemelha ao ídolo de Cádis. É o país que liga directamente a Barbât **YQ**; O país de al-Andalus tem forma triangular [...] O primeiro dos seus três ângulos ângulo é o sítio onde está o ídolo de Cádis, a sudoeste. O segundo ângulo situa-se no oriente de al-Andalus entre a cidade de Narbonne e a de Bordéus e situa-se diante de Maiorca e Menorca. O terceiro ângulo está onde o mar se dobra do norte para o oeste e onde se encontra a alminara que está no monte sobranceiro ao mar. Aí se encontra um ídolo alto que se assemelha ao ídolo de Cádis, no país situado em frente do país da Bretanha **HM**; A sua forma é triangular, pois tem três ângulos. O primeiro é o lugar onde está o ídolo de Cádis, famoso em al-Andalus. Dalí sai o Mar Mediterrâneo, que confina com a zona meridional de al-Andalus. O segundo ângulo situa-se no oriente de al-Andalus entre a cidade de Narbonne e a de Bordéus [...] diante das duas ilhas de Maiorca e Menorca, na vizinhança dos dois mares, o Oceano e o Mar Mediterrâneo. Entre os quais se situa a terra conhecida como “as Portas”, pois é a entrada em al-Andalus desde a Terra Grande, através do país dos Francos. A distância entre os dois mares cumpre-se em dois dias, e Narbona, fica defronte ao Oceano (sic). O terceiro ângulo está a noroeste das terras da Galiza, onde está o monte sobranceiro ao mar. Aí se encontra um ídolo alto, que se assemelha ao ídolo de Cádis, em frente do país da Bretanha **MQ**

HISPÂNIA DUPLA

E o al-Andalus são dois *	HU	Las Españas son dos porque se parten por los movimientos e por el corrimiento de las nuves e de los rrios, que van por la vna España al levante del sol a en otra España al sol poniente.		
---------------------------	-----------	---	--	--

* Optámos por **HU** porque **OR** começa logo a descrição sem introduzir que existem duas partes a tratar.

(**TL**) Referem também aqueles [historiadores] que duas são as Hispânias, a superior e a inferior, ou a citerior e a ulterior, uma mais próxima aos mouros e a outra bem afastada deles **Ps-I**.

(**TA**) Foi mencionado pelos cristãos de al-Andalus que al-Andalus eram dois, o próximo e o afastado, tendo dito al-Rāzi: “por causa da direcção dos ventos, o regime das chuvas e o curso dos rios”. **IG**; Al-Andalus são dois, segundo o sopro dos ventos, a quedas das chuvas e o curso dos rios; e que são o al-Andalus ocidental e o al-Andalus oriental **MQ**.

A Hispania Citerior começa a oriente. Estende-se do desfiladeiro dos Pirinéus, na parte setentrional, até aos Montes Cantábricos e ao país dos Ástures. Daí prolonga-se para o país dos Vacceus e dos Oretanos. Estes povos confrontam com a Hispânia Citerior pelo lado poente. Cartagena, situada nas costas do Mar Mediterrâneo confina igualmente com a Hispania Citerior. A Hispania Ulterior confronta, a oriente, com os Vacceus, os Celtiberos e os Oretanos; ao norte, com o Oceano; a poente, também com o Oceano; a sul, com o Estreito de Gibraltar. É neste Estreito que o Mar Mediterrâneo, que aí se chama Mar Tirreno, mistura as suas águas com as do Oceano.	OR	En la España que es contra oriente corren sus rrios contra la mar Grande que cerca todo el mundo, e llueve ay con el viento del poniente. E comiençase en la sierra del Collado, que naçe contra seteptrion yendo para Cantabria e sobiendo al termino de Estorga, e ayuntase con la terra de Vizcaya e deçiende para Vrrique, que es a par de Toledo, e viene por el Algarue, e es a par del mar Menudo que viene en derecho de Cartagena e va a par della villa de Lorca. E la España de levante do el sol viene llueve ay con viento solano e con otros vientos que naçen de contra el levante. E comiença en la sierra de Rronçasvalles e deçende por el rrio de Ebro a Sitabria. E a en ela rrios, de los quales el vno dellos es Ebro, que va caer en el mar; e el otro es el rrio de Xení; e el otro rrio es de Malon que cae en el mar Rredondo contra meridiem donde es el mar d’Osona del que corre el mar de Xení, aquel que parte la tierra, a este mar ha nonbre el mar de Çiran porque parte la rueda de la tierra e muchos llaman el mar Grande.		
---	-----------	--	--	--

(**TL**) O al-Andalus próximo inicia-se na região oriental contígua (ed.PÊNELAS: *mādiyan*, claro engano gráfico em que o *sód* foi substituído pelo *dód*) às montanhas dos Pirinéus e ao norte, até à cidade de *Qasârbiya* [*Qantarbiya* ? (: Cantábria)] e à província das Astúrias, avançando até à terra dos Vasconos e dos Oretanos, os quais estão a ocidente, até que tinge o nosso mar Médio junto [...lacuna] e a norte e a ocidente dele situa-se o Oceano Envolvente ocidental, e a sul [... lacuna] o Oceano em Cádis **HU**; A Hispania inferior começa pelo oriente, chega até às Astúrias pelo norte, voltando-se depois em direcção a Coimbra, e depois até aos portos de Aura, passando pelos montes dos Alóbroges, e daí, em linha recta, chega ao Mar Mediterrâneo nos arredores de Cartagena, que pertence a Lorca. A Hispania superior chama-se Galia Bragada, onde há tão grandes insolência, fausto e arrogância. Situa-se a ocidente, onde se encontra São Tibério, e a ocidente e setentrião tem o Mar Oceano e a sul o mar Ocidental ou Oceano. Desde aí o Mar Mediterrâneo, dividindo-se e abrindo passagem [Gibraltar] através da Ilha Verde [Algeciras] se dirige para o oriente, como se disse **Ps-I**;

(**TA**) Al-Andalus ocidental e al-Andalus oriental. A parte ocidental é aquela cuja rios desembocam no Oceano ocidental e na qual chove com ventos do poente; este alfoz começa nas partes orientais junto ao espaço ermo que sai do norte em direcção a Santa Maria, e subindo em direcção ao alfoz de Agreda, nas vizinhanças de Toledo, e tornando em direcção a ocidente e avizinhandose do Mar Mediterrâneo, deante de Cartagena do Esparto, a do território de Lorca. A parte oriental é conhecida como o al-Andalus longínquo. Correm os seus rios para o oriente, e as suas chuvas vêm com os ventos de nascente. Os seus limites são, partindo do extremo dos montes dos Vasconços e seguindo rio Ebro, até ao território de Santa Maria. A norte está este mar [Mediterrâneo] e a oeste o Oceano. A sul o Mar Ocidental, a partir do qual sai o Mediterrâneo que vai até às terras do Médio Oriente. É o mar chamado Mar Tirreno, cujo nome significa “aquele que quebra a circunferência da Terra”, também chamado Mar Grande **MQ**;

CÓRDOVA

		En España ay muchas buenas villas, e nos non queremos contar los montes e los terminos en primero. E començaremos en Cordoa porque es madre de todas las çibdades de España.	Diz Ahmad al-Râzî al-Kâtib: Córdoba é a [...] Mãe das Cidades,	IG
--	--	--	--	-----------

Córdoba é [...] a Mãe das Cidades **RU** (= **HM**); Córdoba é a Mãe das suas [de al-Andalus] cidades **ID**; (**IG** ⇒) **SB**; Córdoba é a [...] Mãe das Cidades, **DK**;

		Cordova fue asentamiento de los mayores príncipes e casa de llos rreyes, e de todas las partes rrecudian a ella a tienpos. E a en ella muchas bondades. E nunca fue maltrecha por nenguna guerra, e los que la fizieron fundaronla por el firmento de las estrellas* e guarniose de todas las bondades. E sienpre fui devisada en nombre de fermoso, e ay en ella muy fermosas casas e de muy buenas vistas. E Cordova es çercada de muy buenas vertas, e los [...] penden sobrella e los arboles dan muy sabroso fruto para comer e es muy alta por ella; e ay arboles de muchas naturas.	Córdoba é a Capital de al-Andalus e [...] residência dos Califas e lugar do poder. A ela afluem produtos de todos os lugares e bens de todas as comarcas. Situa-se no centro das províncias, elevando-se sobre a margem do rio* e destacando-se pela sua clara elegância. O seu rio é silencioso no seu curso e suave no seu desaguar. A sul encontram-se extensas planícies e a norte a dominante montanha chamada <i>al-'Arūs</i> . Plantações de vinhas e oliveais, correntezas de árvores e muitas espécies de flores.	IG
--	--	--	--	-----------

Estamos em crer que o manuscrito de onde foi feita a tradução para galaico-português teria uma má grafia, que terá sido bem traduzida ou que terá originado uma má tradução: onde está *kuwar* estaria *harb*; e na segunda frase em vez de *muwafiyyah* estaria *mawdi'ah* e em vez de *nahr* estaria *najm*, o que originou aquela leitura aparentemente sem concordância no texto árabe.

(**TA**) Córdoba é a capital de al-Andalus [...], a sede do Califado e a Casa do Poder **RU**; Córdoba é a Capital de al-Andalus e [...] residência dos Califas [...] a beleza e amagnificência de Córdoba estão acima de tudo o que parece possível saber e descrever **ID**; (**IG** ⇒) **SB**; Córdoba está no centro do país. Era a casa do monarca e sua capital. Lá estiveram os *Banū Umayya* [...] O lado sul da cidade dá para o rio **YQ**; Córdoba é uma cidade imensa de al-Andalus, situada no centro do território e foi a sede do poder dos califas [...] Está junto ao Rio Maior, conhecido como o ‘rio grande’, e sobre o qual há duas pontes **QZ**; Córdoba é a capital de al-Andalus [...], a sede do Califado Omiada [...] era a Mãe das regiões e situava-se no centro de al-Andalus **HM**; Córdoba é a capital de al-Andalus [...] a residência dos Califas, e casa do poder [...] é uma cidade grande, fundada em tempos remotos pelos antigos, de boa água e clima agradável. É rodeada por todos os lados por hortas, oliveiras, aldeias, castelos, águas e fontes. Tem um enorme campo de cultivo sem semelhante em todo o al-Andalus **DK**; Em Córdoba foi a sede do Califado *Marwānī* [o ramo Omiada que governou al-Andalus] [...] O seu rio corre placidamente como um regato de leite, e mesmo quando a sua água cresce com a chuva, em Córdoba, é o mais inofensivo dos rios. **MQ**

		En los muros del alcaçar del rrei a treinta e tres vezes mill coudos; e en tres vezes mill coudos ha vna quarta de legua e asy faze dos leguas e tres quartas de luengo. E de los abondamientos de Cordova non a nenguna en onrra ygual con el e muy fuerte e non faze gran daño en su salida.	Concordam os historiadores que o perímetro de Córdoba era, no total, de trinta e três mil côvados [...] e o comprimento de todo o perímetro dos seus quatro lados é de vinte e três milhas.* o famoso fosso (≠ albergue; alfândega; depósito de mercadorias) que não tem comparação com outro semelhante [...] e o número (≠ a falta) das suas portas é de sete (≠ difícil) **.	IG
--	--	--	---	-----------

9 * Outra leitura problemática, que origina um erro evidente. Embora se reconheçam alguns valores numéricos que não foram claramente entendidos. O perímetro de Córdoba é de trinta e três mil côvados **UD**;

****** Cremos que o texto seria aqui fragmentário e terá originado estas leituras. A nossa proposta, a partir do texto árabe de **IG** é : [al-khandaq (≠ *al-funduq*) al-mashhūr lam taqtadīr 'alâ mithlihi [...] wa 'adad (≠ *'adm*) abwâbihâ sab'ah (≠ *ša'bah*) - tradução: o famoso fosso (≠ albergue; alfândega; depósito de mercadorias) que não tem comparação com outro semelhante [...] e o número (≠ a falta) das suas portas é de sete (≠ difícil); A cidade prolonga-se, de ocidente

para oriente, por um espaço de três milhas **ID**; A sua extensão é de catorze milhas e a sua largura de duas milhas **QZ**; (IG =) **HM**; No tempo dos Omíadas os edifícios da cidade estendia-se por uma superfície de oito parasangas de comprimento por duas de largura, quantidades que, em milhas, são vinte e quatro de comprido por seis de largura **DK**;

		E juntase la villa de Cordova con la puente, lo que non faze en neguna tierra, non vio ome su semejança, ca fue guamida de muchas e buenas fechuras, e Dios de buen galardón al que la fizo, que Dios lo escogio entre los rreies e en la tierra en la mar; e fue el fijo de Vaelançi, e Dios aya merçed de su alma.	O seu rio, o maior de al-Andalus, nasce nas montanhas de Segura, e é atravessado por uma enorme ponte, de construção extraordinária. Construiu-a al-Samh, por ordem de 'Umar ibn 'Abd al-'Aziz, esteja Deus satisfeito com ele. É uma das maravilhas do mundo pela sua fabricação e perfeição.	DK
--	--	--	--	-----------

Córdova está junto ao Guadalquivir que vem da serra de Segura e passa por Córdova, entrando nele, a juzante de Córdova vários rios, seguindo para Sevilha. Sobre ele existe em Córdova uma ponte magnífica e fortificada, de majestosa construção **RU**; Vê-se em Córdova uma ponte que ultrapassa todas as outras em beleza e solidez de construção **ID**; Córdova está junto a um rio imenso, sobre o qual existe uma ponte enorme, de majestosa construção no poder, magnificência e elegância[...] por ordem de 'Umar ibn 'Abd al-'Aziz foi erguida sobre o rio de Córdova uma ponte enorme, 'a qual não se conhece no mundo outra semelhante **HM**; Nela existe a ponte conhecida como dique **MQ**.

		E sobreste rrio ha muy buenas açeñas que muelen muy bien e muy toste; en las açeñas son ante la puerta de la villa; e son tantas que no pueden ver el rrio.	A porta da Ponte, a sul, em cujo exterior se encontram muitos jardins, noras, moinhos e hortas todos seguidos.	DK
--	--	---	--	-----------

A juzante da Ponte o rio alarga-se [...] e sobre a barreira há três casas moageiras, tendo cada casa quatro moinhos **HM**;

		E fazen ay doblas de fino orro e muy buenos arrentos de plata e, de las sotilezas que ay fazen, e fazen muchos çendales e muchos buenos paños de peso e otras obras muy buenas e muy sotiles.		
--	--	---	--	--

		E a y venero de plata bien fino de la vmdat de la tierra natural.	Tem uma mina de prata e muitas outras minas.	DK
--	--	---	--	-----------

Córdova tem minas de prata, e de ametista que é uma pedra que corta o sangue. Há também minas deatutia e alúmen **QZ**;

		E par de la puente ay muy buen llano e plantado de muy muchos arboles muy buenos. Contra setentrion yaze la sierra muy bien plantada de arboles e de muy muchas villas.	A sul encontram-se extensas planícies e a norte a dominante montanha chamada <i>al-'Arūs</i> . Plantações de vinhas e olivais, correntezas de árvores e muitas espécies de flores.*	IG
--	--	---	---	-----------

* Repete, de alguma maneira, o que já fora dito atrás, em 8. (TA) Está construída no sopé de uma montanha chamada *Jabal al-'Arūs* (Montanha da Noiva) **ID**; (IG =) **HM**;

		E desta sierra traen el agua al alcaçar del rrei por caños de cobre e del alcaçar a otros cabos por la villa a otros lugares muy muchos.		
--	--	--	--	--

CABRA

		El termino de Cordova juntase con el de Cabra e yaze contra meridiem. La tierra de Cordova e de Cabra es muy blanca e de muy buenas plantas e ay tantos de arboles que cada tierra della es toda cobierta e son de buen criamiento.	Diz al-Rāzī: o alfoz de Córdova limita com o de Cabra, que se situa a sul de Córdova. A maior parte da sua terra é branca, e tem tantas árvores que os viajantes não conseguem ver a paisagem.	IG
--	--	---	--	-----------

A província de Cabra liga com os alfozes da província de Córdoba, e situa-se a sul de Córdoba **RU**; O castelo de Cabra, semelhante a uma cidade em lugar fortificado, de sólida construção e situado numa planície coberta de edifícios e culturas agrícolas **ID**; Cobra é uma província contígua às dependências meridionais de Córdoba. É um território fértil [...] e famosa pela abundância de oliveiras **YQ**; Cabra é uma antiga cidade de al-Andalus, que se situa próximo de Córdoba **QZ**; A cidade de Cabra situa-se a sul de Córdoba [...] é rodeada, por todos os lados, de olivais **DK**;

		E si alguna es muy confortada e esta sienpre esta en la vmdad natural e los arboles podreçen ay aduro e las yervas nunca y se secan en guisa que ay non fallen pasto. E a en su termino vn monte que llaman Selua, que es tan alto que contiene con las nuves. E en aquel monte ay muchas buenas flores e de muchos buenos olores, e en este monte ha todas las virtudes de las yervas.	<i>Jabal Šayba</i> é uma montanha elevada onde crescem diferentes espécies odoríferas e de flores, e todo o tipo de plantas aromáticas e medicinais, que não perdem o verdor bem como todas as espécies vegetais, por causa do clima equilibrado e da muita humidade	HM
--	--	---	--	-----------

É especialmente abundante em olivais. Tem a cidade de Baena, a qual é grande e fortificada. Situa-se numa colina de boa terra, plantada de árvores, vinhas e todo o género de frutos **IG**; Baena, grande castelo construído em elevação rodeada de olivais e de terra de cultivo de trigo e cevada **ID**;

		E de la villa de Cabra a Cordova ha treinta millares.	A distância entre Córdoba e Cabra é de trinta milhas.	IG
--	--	---	---	-----------

Entre Córdoba e Cabra são trinta milhas **RU**; Desde ela até Córdoba são quarenta milhas **ID**; Entre Cabra e Córdoba são trinta milhas **HM**;

ELVIRA

		Parte el termino de Cabra con el termino de Eluira. E Eluira yaze entre meridiem e levante de Cordova. E esa tierra es muy abundada de aguas e de rrios e de arboles muy espesos e los mas son avellanos e nogales. E madureçen ay muy ayna e los arboles que son agros, ansi commo las granadas que son agrias e las naranjas. E a y muchas cañas duçes donde hacen el açúcar.	O alfoz de Cabra limita com o de Elvira, que está situada a sudoeste de Córdoba. As suas terras são de regadio, com muitos rios, árvores de fruto e densos bosques, sendo excelentes as suas nogueiras e as canas-de-açúcar.	IG
--	--	---	--	-----------

Elvira [...] tem muitos rios **RU**; Grande província que confina com a província de Cabra, situada a sudeste de Córdoba [...] Nas suas terras abundam os rios e as árvores **YQ**; Nas suas zonas costeiras existem bananeiras **QZ**; Lá existem canas-de-açúcar (s.v. *Ighranata*) **HM**; A cidade de Elvira está a sudeste de Córdoba **DK**;

		E a y venero de oro e de plata e de cobre e de alaton e de fierro. E en su termino ha vn lugar que llaman Salom e a y venero de toçia, al que agora llaman argen biuo.	Tem minas preciosas de ouro, prata, chumbo cobre, ferro e de atutia ou antimónio.	IG
--	--	--	---	-----------

Elvira tem jazidas de ouro, prata, ferro, cobre e tutia ou azougue **YQ**; Elvira tem minas de ouro, de prata, de ferro, de cobre e de chumbo. Tem também minas de tutia **QZ**; Elvira tem também jazidas de minerais preciosos, como o ouro e a prata, e também o cobre, o ferro, o chumbo e a tutia ou antimónio (s.v. *Ighranata*) **HM**;

		El termino d'Eluira es abundado e a y vn monte que llaman Xalayr. E tanto quiere dezir Xalayr como monte de Elada, porque en todo el año nunca se parte la nieve, e atanto que, si alguna nueva se parte donde, luego otra viene qu'esta sobrel.	Nele encontra-se a Montanha da Neve, a qual é nunca desaparece ao longo do ano.	IG
--	--	--	---	-----------

Šulayr é a Montanha da Neve que é permanente tanto de Inverno como de verão (s.v. *Šulayr*) **HM**; Na província de Elvira ergue-se a Montanha chamada *Šulayr*, na qual a neve permanece tanto de Inverno como de verão, tornando-se dura como uma rocha **DK**; A sul está a Montanha Nevada, a montanha onde não desaparece a neve nem no Verão nem no Inverno **MQ**;

		E quando van a este monte en tienpo de la calentura, fallan ay sabrosos lugares para folgar e muchas flores e muchas aguas de		
--	--	---	--	--

		buenas fuentes e muchas espeçias que meten en las mexillas.		
--	--	---	--	--

		E en su termino ha villas que le obedesçe, de las quales es Tazela, que nenguna en el mundo non ha que le semeje sino Damasco, qu'es tan buena como ella.	Entre as suas cidades está a de <i>Qastīliya</i> , capital de Elvira, e cuja veiga é como a <i>Gūta</i> de Damasco.	IG
--	--	---	---	-----------

Entre as suas cidades está *Qastīliya* cidade abundante em árvores, regada por rios e comparável a Damasco (s.v. *Qastīliya*) **YQ**; Das mais generosas cidades de al-Andalus, e a sua excelência fã-la semelhante à *Gūta* de Damasco, na abundância dos seus rios, na cobertura de árvores e na quantidade dos seus frutos **QZ**; Em Elvira existe o mais fértil dos lugares e em lado nenhum o solo é mais produtivo. Só se pode comparar com a *Gūta* de Damasco et a *Šariha* de *Fayūm* (s.v. *Ighranata*) **HM**;

		En su termino que ha piedras de marmol e hacen dellas muchas buenas obras e ayudase del en muchas cosas e hacen delas muchas ymagenes fermosas.	Nele há pedreiras de mármore brando e branco que se trabalha como o alabastro pela sua suavidade e brandura. Com ele fabricam-se copos, pratos, tigelas, bandejas, taças e tudo o que se faz com madeira pode fazer-se com este mármore.	IG
--	--	---	--	-----------

Tem pedreiras de mármore **QZ**; A região de Almeria encerra minas de ferro e de mármore **MQ**;

		E a otro castillo de Granada a que llama la Uilla de los Judios por quanto la poblaron los judios; e esta es la mas antigua villa que a en el termino de Elvira. E por medio de la villa de Granada va vn rrio a quee llamavan Vansalan, a que agora llaman Guadaxenil. E naçe de vn monte que a en el termino de Elvira que a nonbre Darrahan; en este rrio cogen las alimaduras del oro fino, e entra en el rrio que sale del monte de la Elada.	Nele situa-se a cidade de Granada, a mais antiga e a maior da província de Elvira. É cruzada pelo rio Darro (<i>al-Falūm</i>) que nasce na Serra Nevada (<i>Jabal Šulayr</i>), e no qual se encontram pepitas de ouro.	IG
--	--	--	--	-----------

É atravessada pelo rio Darro, o rio da neve, que se chama Genil, nasce na Serra *Šulayr* ou Serra da Neve **ID**; Entre as suas cidades está [...] Granada **YQ**; Granada era uma cidade antiga próxima de Elvira. Era das melhores cidades e das mais bem defendidas. Estava geminada com o rio conhecido como rio *Qulūm*, o qual é o famoso rio falado por ter na sua corrente ouro puro **QZ**; Granada é a capital de Elvira **IS**; Era Granada dependente de Elvira [...] o rio conhecido como rio Falūm, o qual divide a cidade em duas partes [...] tem a sua fonte numa montanha próxima e que transporta na sua água palthetas de ouro puro **HM**; Entre as suas cidades conta-se Granada, conhecida como a Cidade do Judeu, e que é uma grande povoação dotada de banhos, e regada por um rio de caudal médio chamado Darro **DK**;

		E otro castillo de Loxa. E Loxa yaze contra oriente d'Eluira e contra meridiem de Cordova. E Loxa es muy natural tierra e de muy buenos lugares e de muchas otras cosas e yaze sobre el rrio de Xenil.	Loja [...] cidade a oeste de Elvira e sudeste de Córdoba. Excelente cidade junto ao rio Genil, o rio de Granada. *	YQ
--	--	--	--	-----------

* s.v. *Lawša*, **YQ**; Das dependências de Elvira há um lugar que se chama Loja **QZ**; Entre Loja e Granada é uma jornada [...] entre rios e sombras do arvoredo [...] situa-se junto ao rio Genil **IS**; A região de Loja onde há uma mina de boa prata [...] é populosa, com castelos muitoas aldeias [...] entre ela e Granada, uma jornada. Tem rios e arvoredos e situa-se junto ao famoso rio de Granada, o Genil **MQ**.

		E otro castillo a y de Priego. E Priego yaze entre poniente e setentrion d'Eluira e contra meridiem de Cordova. En el termino de Priego ha muy buenas sementeras e muchas e muy muchas fuentes e su agua ha virtud mucho estraña que se escallesçe en piedras.	Outra cidade é Priego (<i>Bāguḥ</i>), a sudoeste de Elvira. No seu território há muitas árvores e numerosas fontes cujas águas calcificam nas margens dos seus ribeiros.	IG
--	--	--	--	-----------

Cidade pouco extensa mas agradável por causa dos muitos cursos de água que a atravessam, e cujas águas fazem mover moinhos mesmo dentro da cidade. O seu território, é muito fértil, cheio de vinhas e pomares **ID**; Priego, abundante em cereais, em oliveiras e pomares (s.v. *Bāga*) **YQ**;

		E el castillo de Baena es otro*.	Baena é uma bem defendida fortaleza	YQ
--	--	----------------------------------	-------------------------------------	-----------

* Baena aparece referida em Cabra, v. supra **IG**. Em **YQ** acrescenta: “da província de Cabra”. E da mesma forma em **DK**: «A cidade de Baena, antiga, com muita água, oliveiras, figueiras, vinhas, produções agrícolas, criação de gado e todo o género de bens».

		E el castillo de Almaria. E Almaria yaze en el levante do el sol e es llano de ganancias de bien, e es morada de los sotiles maestros e hacen ay muy buenas galeas. E el castillo yaze sobre la mar.	No alfoz também se encontram as cidades de Pechina (<i>Bajjāna</i>) e Almeria (<i>Al-Mariyya</i>), a qual é a porta do Oriente e chave do comércio e do aprovisionamento. Em Almeria há uma tercena e as suas muralhas estão à beira-mar. Há oficinas de utilização e apetrechamento de navios e de todo o necessário a uma frota.	IG
--	--	--	--	-----------

Almeria é uma cidade à beira-mar, das mais nobres das terras de al-Andalus. A sua grandeza e prosperidade provém do grande comércio e das muitas artes **RU**; O porto de Almeria recebia barcos de Alexandria e de todo o Médio Oriente, e não havia em todo o al-Andalus gente mais rica, mais industriosa e mais mercantil que os seus habitantes **ID**; Almeria e Pechina eram as portas do Oriente. Nelas embarcam os mercadores e a elas chegam os navios de comércio [...] O mar bate na sua muralha **YQ**; Almeria tem a muralha à beira-mar e tem também uma Tercena. É a porta do oriente e a chave do aprovisionamento **IS**.

		E el otro es el castillo de Berya.	Outra cidade é Berja (<i>Barja</i>) a qual é circundada por muitos castelos.	YQ
--	--	------------------------------------	--	-----------

Berja, cidade dos distritos de Elvira (s.v. *Barja*) **YQ**,

		E otro es el castillo de Sebilis. E otro es el castillo de Salonta. E Salonta yaze a par de la mar e yaze sobre vn rrio que ay muchos arboles azedos e muchas cañas de açúcar; e a y tantos comiños que abundaria toda España. E ay muchos montes altos e grandes en Salonta, los quales no ha gente que sobre la villa de Elvira e sobre la tierra de Granada.	Jubiles é um castelo poderoso [...] dos distritos de Elvira, e que se situa perto de Berja*.	YQ
--	--	---	--	-----------

*(s.v. *Šublīs*).

		E ay otro castillo de Malaga, en el qual vino primo, en la prima cavalgada que fizo, Abudarrahome, el fijo de Moabia, al que Dios de parayso. E quando el entro en España, andava la era de los moros en çiento e treynta e ocho años en el mes de Rrabe el primo, al que nos dezimos enero. E quando el entro, andava la era de los christianos, aquella que ellos llamavan de Çesar, en setecientos e sesenta e quatro años.	Foi no molhe de Almuñecar que o Imām ‘Abd al-Rahmān ibn Mu’awiya desembarcou quando entrou em al-Andalus em Rabī’ al-Awwal de 138 h. *	HM
--	--	--	--	-----------

*138 h. (= Agosto-Setembro de 755 d.C.) S.v. ‘*Al-Munakkab*’; Almuñecar [...] zona costeira dos distritos de Elvira (s.v. *Al-Munakkab*) **HM**; O castelo de Almuñecar inacessível e antigo, onde existem vestígios de antigas construções. Lá existem muitas vinhas e excelentes passas de uva **DK**;

		El termino de Elvira es muy honrado e muy temido. E del sale el sirgo a todas las partes de España.	A seda que provém dos campos de Elvira é a que é enviada para todo o al-Andalus e também para todo o mundo	HM
--	--	---	--	-----------

*S.v. ‘*Ighranata*’; Em todos os seus distritos agrícolas se produzem panos de algodão e de seda de boa qualidade **YQ**; Em Almeria havia oitocentos teares de produção de sedas, e de túnicas preciosas e de luxuoso veludo havia mil teares **MQ**;

		E en el termino de Elvira ha muy buen lino qu’es muy presçiado entre las mugeres. E por todo el año nunca fallesçe fruto en el termino de Elvira.	Uma das boas qualidades do alfoz de Elvira é o facto de a sua terra nunca estar de pousio, pois a uma colheita segue-se outra ao longo do ano.	IG
--	--	---	--	-----------

		E de Cordova a Elvira ha sesenta millares; e de baena a Elvira ha onze millares; e de Cordova a Vbeda ha sesenta millares; e de Cordova a priego ha çinquenta millares.		
--	--	---	--	--

JAEN

		Juntase el termino de Eluira con el termino de Jaen.	O alfoz de Elvira limita com o de Jaén.	IG
--	--	--	---	-----------

Jaén limita com a província de Elvira **RU<Kh** ; (=) **YQ**;

		E Jaen yaze contra setentrion e el termino de Elvira contra oriente de Cordova.	Fica a norte de Elvira e a oriente de Córdoba	RU<Kh
--	--	---	---	-----------------

(RU < **Kh** =) **YQ**; A cidade de Jaén [...] situa-se a oriente de Córdoba **DK**;

		E Jaen edefico en si las bondades de la tierra, e a y muchos arboles e muchos rregadios e fuentes muchas e muy buenas.	Tem um excelente território, muitos pomares, fontes que correm sem parar e numerosas cidades.	IG
--	--	--	---	-----------

Famosa pela excelência magnífica das suas terras e pelos muitos produtos agrícolas. Abunda em água que emana das fontes **RU<Kh**; Reúne a excelência da terra e a muita produção, o caudaloso dos cursos de água e o jorro das fontes além da muita seda **IS**; Tem um território excelente, entre os melhores, e dentro da cidade há fontes e águas correntes **HM**; Jaén reúne a excelência e a amplidão dos solos, a doçura das águas e a abundância de árvores de fruto e de fontes **DK**;

		E el termino de Jaen semeja al de Aljezira. E el termino de Jaen es contado entre los mejores terminos.	O seu território conta-se entre os melhores e assemelha-se muito à província de Elvira	HM
--	--	---	--	-----------

		E Jaen ha castillos e villas que le obedescen, de los quales el vno es Adiraa que agora llaman Onrriba. E tiene Onrriba muchas fuentes correntias e naçen ay algunas de hesas comer.	É uma grande província que tem muitas aldeias e lugares	YQ
--	--	--	---	-----------

Tem muitas cidades **IG**; De Jaén dependem muitos distritos, numerosos castelos e inúmeras aldeias **DK**;

		E la otra es Matexa, qu'es çibdad muy antigua e mucho fuerte e muy alta; e Motixa yaze sobre muy buenas vegas.	Entre as mais antigas está Mentesa, que é inexpugnável e muito forte;	IG
--	--	--	---	-----------

Mentesa é uma cidade antiga [...] nos distritos da província de Jaén. Está bem defendida e domina sobre uma extensa região de hortas, rios e fontes (s.v. *Mantiša*) **YQ**;

		E la otra es Vbeda, que ante llamavan Obdete de los alarabes.	Úbeda, conhecida como Úbeda dos Árabes. Fundou-a 'Abd al-Rahman filho de de al-Hakam. Muhammad filho de 'Abd al-Rahman acrescentou-a.	IG
--	--	---	---	-----------

Úbeda, uma pequena cidade cujo território produz muito trigo e cevada **ID**; Úbeda é o nome de uma cidade [...] da província de Jaén, conhecida como Úbeda dos Árabes. Fundou-a 'Abd al-Rahmān ibn Mu'āwiya ibn al-Hakam ibn Hišām ibn 'Abd al-Rahmān ibn Mu'āwiya ibn Hišām ibn 'Abd al-Malik, e foi terminada por seu filho Muhammad ibn 'Abd al-Rahmān (s.v. *Ubbadat*) **YQ**; Úbeda foi uma construção de 'Abd al-Rahmān

o do Meio, al-Marwānī, que reinou no terceiro século da Hégira **IS**; Úbeda é uma cidade de tipo médio uma das que foram construídas durante o Islão, pelo Imām ‘Abd al-Rahmān ibn al-Hakam ibn Hišām ibn ‘Abd al-Rahmān al-Dākhil nos dias em que governou o al-Andalus **DK**;

		E la otra es Baeça. E Baeça es vna de las buenas çibdades, e yaze en vna muy buena vega e llena de muchos arboles e de muchos bienes. E fazen ay muchas e buenas alhonbras que son llamados tapetes, que son muy nonbrados.* Que ay ha vn lugar que llaman Lechoseco, e a y tanta maderá que abundaria a toda España.	Também se encontra lá a cidade de Baeza, grande, de terra fértil e muito rica em cereais, vinhas e todo o género de árvores. O seu açafrão é incomparável. [...] Tem a cidade de Baza, com abundância de bens, em especial árvores de fruto. Ai se fazem brocados excelentes. [...] Nela situa-se a cidade de <i>Nataska</i> , que exporta madeira para todo o al-Andalus.	IG
--	--	---	--	-----------

* Confusão entre Baeza e Baza. **(TA)** Baeza [...] está construída numa colina que domina o Guadalquivir que vai para Córdoba. Rodeada de muralhas dispõe de mercados e os campos em seu redor são bem cultivados e produzem muito açafrão **ID**; A cidade de Baeza (*Bayyāsa*) tem solo excelente, muita agricultura, arvoredos e açafrão que é levado para todo o lado **IS**; Em Baza há oficinas de tecelagem dos tapetes chamados de Baza (s.v. *Basta*); **HM**; O açafrão de Baeza é o melhor e o mais apreciado no Ocidente **YQ**; Em frente a ela está a cidade de Baeza [...] as hortas de ambas estão juntas umas às outras, e também os seus campos de lavoura e sementeira. Tem muitos olivais **DK**;

		E la otra es Rreimon. E Rreimon es tierra de gran camino. E entre la villa de Rreimon e de Beldaluba ha vna villa en que nasce mucho velitro. E Rreimon ha muchos lugares muy fuertes e grandes sierras e muy altas, que ay ha vn castillo que ha nonbre Cistar e es tan alto que alle non pueden poner escala en ninguna guisa e non vos podria honbre dezir el alteza de su muro.	Tem numerosas fortalezas e uma grande planície.	IG
--	--	---	---	-----------

No espaço entre Jaén, Baeza e Guadix há muitos castelos habitados como cidades, abundantes e com as suas necessidades satisfeitas. Entre eles *Šudhar* [...] e *Tūya* [...] e Quesada **ID**; Quesada é uma cidade no extremo da excelência e da fertilidade **IS**;

		E en esta sierra yaze el castillo Exno, el de Margaridan, e non de mucho non sal a la sierra de Castro, aquel que llega a la villa de Jaen. E es muy poderoso en fortaleza e della sale la sierra de Tex qu'es muy alta a maravilla. E Tex fue vna çibdad antigua e era ancha de edefícios antigos.	<i>Margarīta</i> , é um castelo dos distritos de Jaén * [...] Tīscar, é um castelo poderoso na província de Jaén [...] só acessível por escada.**	YQ
--	--	---	---	-----------

(*s.v. *Margarīta*; ** s.v. *Fiškar*) **YQ**;

		E de la çibdad de Jaen a Cordova ha çinquenta migeros.	A distância entre Jaén e Córdoba é de cinquenta milhas.	IG
--	--	--	---	-----------

Jaén dista de Córdoba dezassete parasangas **YQ**;

TUDMIR

		El termino de Jaen parte con el termino de Suyr. E Suyr yaze contra el sol levante de Jaen e contra el sol levante de Cordova. E Tusuyr es mucho presçiado lugar e de muy buenos arboles,	Os alfozes de Jaén confinam com os de Tudmir, que se encontra também a leste de Córdoba. É uma região muito apreciada pela fertilidade do seu território e pela qualidade dos seus frutos.	IG
--	--	---	--	-----------

A região de Tudmir é extrema na generosidade dos seus campos e na qualidade dos seus frutos **UD**; O seu território é abundante [...] em todo o tipo de árvores de fruto (s.v. *Mursiya*) **HM**; Tudmir [...] contígua à província de Jaén, e a leste de Córdoba **YQ**; É uma região muito fértil, dispondo de rega a maior parte do seu solo **DK**;

		e toda su tierra riega el río, así como hace el río de Nil en la tierra de promisión.	A sua terra é regada pelo rio da mesma forma que é regado o Egipto pelo Nilo, embora sem inundaçāo.	IG
--	--	---	---	-----------

A sua terra é regada por um rio que é como o Nilo no Egipto **UD**; Um grande rio rega todo o seu território como o Nilo do Egipto **HM**; A sua terra é estéril, e não é regada mais do que com a água que fica na terra, como nos solos do Egipto (s.v. *Lūrqa*) **YQ**; Situa-se nas margens de um rio abençoado que rodeia a sua muralha [...] e dá movimento a muitos moinhos **DK**; Tem uma terra onde transborda um rio num certo momento do ano. Seguidamente reflui, e é cultivado como é cultivada a terra no Egipto **MQ**;

		E ha muy buena propiedad de tierra natural, que ay veneros de que sacan mucha plata e muy buena.	Tem minas de prata e junta os benefícios da terra e do mar.	IG
--	--	--	---	-----------

Nas costas de Tudmir há minas de prata, das quais se diz que davam entrada, todos os dias, trinta arráteis de minério **UD**; Nela existem extensas jazidas de prata pura **HM**; Tem grande riqueza em minerais **YQ**; Nos seus distritos há uma mina de prata **DK**;

		E Tusuyr tiene en si todas bondades de la mar e de la tierra e a muy buenos campos e muy buenas villas e lugares muy fermosos, en los quales es el vno la villa de Lorca e la otra es Murçia	Tem cidades nobres e fortalezas, entre elas Lorca e Múrcia [...]*.	IG
--	--	--	--	-----------

Lurqa [...] Mursiya **UD**; Yāqūt tem duas notícias, diferentes sobre Lorca: Lorca é um castelo no leste de al-Andalus, a oeste de Murcia e a leste de Almería (s.v. *Lurqa*); (+) é uma cidade dependente de Tudmir, tem um castelo e uma fortaleza bem defendidas (s.v. *Lūrqa*); Múrcia é uma cidade dos distritos de Tudmir. Foi construída por ‘Abd al-Rahmān ibn al-Hakam ibn Hišām ibn ‘Abd al-Mālik ibn Marwān. [...] Tem muito s jardins e árvores (s.v. *Mursiyya*) **YQ**; Lorca[...] não tem superior nas suas hortas, e a sua inacessibilidade é famosa [...] Murcia foi construída por ‘Abd al-Rahmān ibn al-Hakam al-Marwānī, soberano de al-Andalus **IS**; Lorca é uma cidade grande em al-Andalus, capital da província de Tudmir. É o território mais generoso de al-Andalus excedendo-se no número das suas frutas, as quais não existem em mais qualquer lugar **QZ**; Múrcia tem um território povoado de numerosos castelos e de grande quantidade de aldeias que se estendem, sem interrupção, ao longo de sessenta milhas **DK**;

		e la otra es Auriella, qu’es muy antigua, lugar en que moraron los antiguos por luengo tienpo.	A cidade de Oriola [...] é uma cidade de fundação muito antiga, e foi a capital dos cristãos e o espaço do seu reino	UD
--	--	--	--	-----------

(UD =) **HM**; Oriola é uma cidade situada nos distritos agrícolas de Tudmir (s.vs. *Aryūl* / *Uriyūla*) **YQ**;

		E la otra es Alicante. E Alicante yaze en la sierra de Benaguazil, e della sale muchas otras ssieras en que se fizieron muchas e buenas villas, en que poblaron muchas e buenas tierras e en que moraron muchas malas gentes e de mala natura, enpero eran muy sotiles en sus obras. E vna de las çibdades era Cartagena, que quisieron fazer conde. E esta Cartagena es a la que llamavan los moros Al-quirone.	Alicante [...] o castelo que a defende é poderoso e situa-se numa montanha muito íngreme [...] Cartagena [...] é cidade antiga [...] e depende dela o distrito de <i>Al-Fundūn</i> *	ID
--	--	--	--	-----------

* Estamos em crer que o “al-quirone” e o “al-fundūn” são duas leituras diferentes de uma mesma palavra, pois uma delas, mal escrita, pode sugerir a outra. Talvez a segunda, porque presente num texto árabe, esteja mais correcta que a primeira. (**TA**) Cartagena é uma cidade dos distritos de Tudmir, próxima a Elche (s.v. *Qartajjana*) **YQ**; Alicante [...] tem uma fortaleza que foi levada até ao extremo do céu **IS**; Estende-se de Cartagena até Lorca, por quarenta milhas **DK**;

		e a en ella vn puerto a que llaman Devia e es muy buen puerto e muy antiguo	Denia [...] tem um porto extraordinário chamado <i>al-Summān</i> .*	YQ
--	--	---	---	-----------

* Denia surge com informações repartidas pela notícia de Tudmir e de Valência. (**TA**) * S.v. *Dāniya* **YQ**; Dénia é uma cidade muito antiga **UD**; Dénia é uma bonita cidade marítima com os arredores muito povoados **ID**; Dénia (v. infra ‘Valência’) **DK**;

		E desde [...] a Cordova a andadura siete dias.	De Tudmir a Córdoba um cavaleiro tarda sete dias	IG
--	--	--	--	-----------

(IG =) YQ;

VALÊNCIA

		Parte el termino de Tusmir con el de València. València yaze al levante de Tusmir e en el levante de Cordova. E a grandes terminos e las bondades de los que moran en ella son muchas.	O alfoz de Tudmir limita com o de Valência, que está a leste de Tudmir e de Córdoba. A sua extensão é muito grande e os seus habitantes retiram muitos beneficios dela.	IG
--	--	--	---	-----------

Valência limita com a província de Tudmir **RU**; Valência limita com o alfoz de Tudmir, e situa-se a leste de Tudmir e de Córdoba **YQ**; O solo de Valência é magnífico e extenso **DK**;

		València ha en si la bondad de la mar e de la tierra. E València ha tierra llana e grandes ssieras. En sus terminos ha castillos fuertes e con grandes terminos,	É terrestre e marítima, agrícola e ganadeira, plana e montanhosa. Tem cidades grandes e fortalezas antigas.	IG
--	--	--	---	-----------

Reúne os beneficios da terra e do mar, agricultura, ganadaria e frutos diversos. Tem planície e montanha, muitas cidades e castelos **UD**; A província de Valência é magnífica, de excelentes veigas, com planícies e grandes extensões, em todas as direcções, nas muitas bondades e na afluência de tudo o que é necessário **RU**; Está situada a três milhas do mar onde desagua o curso de um rio de águas usadas nos campos, hortas, pomares e agricultura **ID**; É terrestre e marítima **YQ**; Está entre a terra e o mar, a agricultura e a pecuária **IS**; Reúne os beneficios da terra e do mar da agricultura e da pecuária. Tendo excelente terra nela dá-se o açafraão **QZ**; Numerosos distritos dependem dela [...] beneficia das vantagens da terra e do mar **HM**; É terrestre e marítima reunindo um clima e uma água saudável, o mar e a terra, frutos e povoados, madeira e lavoura, muralhas e inacessibilidade **DK**; Em Valência dá-se o açafraão **MQ**.

		de los cuales el vno es el castillo Tierra	Entre as suas cidades está Valência, conhecida como Cidade do Pó.	IG
--	--	--	---	-----------

Ela é a Cidade do Pó **UD**; A cidade de Valência é conhecida como a Cidade do Pó **RU**; É conhecida como a Cidade do Pó **YQ**; (=) **IS**; (=) **MQ**.

		e el otro es Algezira. E València yaze sobre el rrio Xiquir,	Tem a fortaleza de <i>Argīra</i> e Denia, à beira-mar. Tem numerosos e vastos distritos. O seu porto é dos melhores e todos os seus distritos e montanhas estão plantados de vinhas, figueiras e oliveiras. A cidade de Alcira está construída sobranceira ao rio Júcar.	IG
--	--	--	--	-----------

A ilha de Xaqar [...] está rodeada pelo rio por todos os lados **UD**; Dénia tem umas muralhas poderosas e que pelo lado oriental se alongam até ao mar **ID**; Dénia é uma cidade [...] à beira-mar e todo o género de bens [...] Pertence a Valência Alcira do Júcar [ou ilha de *Šuqr*] **IS**; Nos seus distritos existem mais de mil e seiscentas aldeias. Dénia é uma cidade à beira-mar, terrestre e marítima, bem fortificada, rica em todoo tipo de bens, frutos e hortas. O seu porto é muito importante **DK**;

		e en su termino ha un castillo que llaman Xatyva. E Xatiua yaze a puerto de mar e es muy antigo castillo.	Ente as suas cidades e fortalezas, o castelo de Játiva. É uma cidade antiga que se eleva sobre vales e rios.	IG
--	--	---	--	-----------

A cidade de Játiva é antiga existindo nela vestígios primitivos; o seu castelo é poderoso não tendo que se lhe compare **UD**; Játiva é uma cidade a leste de Córdoba, grande e antiga (s.v. *Šātiba*) **YQ**; Játiva é uma cidade grande e antiga no leste de al-Andalus **QZ**; Játiva é antiga [...] e tem uma grande alcáçova inacessível **DK**;

		E el otro castillo es Monviedro, qu'es lugar muy presiado e muy fermoso e a y comicos de poblacion antigua. E en Mouiedro ha rrazon sobre el mar, fecho por tan grande maestria que es maravilla, e el ome que lo viere nunca podra dezir commo es fecho.	Na cidade de Morbiedro há vestígios muito antigos, entre os quais se encontra uma cidadela que surpreende quem o vê e não lhe permite relatá-lo.	UD
--	--	---	--	-----------

Tem um alcácer sobranceiro a esses vales e ao mar. Maravilha-se quem o vê e impossível é descrevê-lo. [Parecendo estar relacionado com Játiva (CMR, CATALÁN e ANDRES, pp. 37-38), tratar-se-á afinal de uma lacuna do início da passagem sobre Morbiedro] **IG**; Cidade distando quatro parasangas de Valência, e onde existe um anfiteatro (s.v. *Murbaytar*) **YQ**; O castelo de Morbiedro era uma famosa cidade romana, onde existem grandes vestígios, e dos quais o maior é o anfiteatro, que está em frente da cidadela **IS**; Cidade próxima de Valência [...] onde existe um anfiteatro (remete em grande parte para YQ) **QZ** ; Morviedro tem vestígios muito antigos: um anfiteatro, estátuas e outras coisas **HM**;

		E juntase el termino de Mouiedro con el de Vorriana. E Vorriana es tierra muy abundada e es tierra regadia.	Limita com ela o distrito de Burriana, cuja terra é mito fértil. Também lhe pertence a cidade de Onda, abundante em águas e frutos, e com uma mina de ferro. Outra cidade é Segorbe cujos trigo e linho são excelentes. Tem, entre outros, também o castelo de Jérica. A cidade de Alcira del Júcar está entre Valência e Játiva.	IG
--	--	---	---	-----------

Alcira nas margens do Júcar **ID**; Burriana é uma cidade a leste de Córdoba, e dos distritos de Valência (s.v. *Buryāna*) [...] Onda é uma cidade dos distritos de Valência, com muita água e muitas terras de cultivo, tendo muitas árvores onde predomina a figueira (s.v. *Unda*) [...] A ilha de Alcira situa-se no leste de Al-Andalus (s.vs. *Jazīrat Šukr / Šagr*) **YQ**; De Morviedro até às primeiras aldeias de Burriana são dezanove milhas e meia **HM**; A Valência pertence a cidade de Onda, em cuja montanha há uma mina de ferro **MQ**.

		En el termino de la villa ha tanto açafra que abundaria a toda España, de adonde lo llevan muchos mercadores para muchas partes del mundo.	Na maior parte das terras de Valência cresce o açafão que é excelente; e cultiva-se arroz que é de superior qualidade e que é levado para todas as regiões de al-Andalus.	UD
--	--	--	---	-----------

Na sua província cultiva-se o açafão **YQ**; O seu açafão é abundante **DK**; Em Valência cresce o açafão **MQ**.

TORTOSA

		En el termino de Valencia parte con el termino de Tortosa. E el castillo de Tortosa es muy bien fecho a maravilla e yaze sobre el rrio de Ebro, puerto de mar do entra este rrio. E Tortosa yaze contra levante e Valencia es contra el levante de Cordova.	Os distritos do alfoz de Valencia limitam com os de Tortosa. É uma cidade perfeitamente amuralhada, nas margens do rio Ebro, perto do Mar Mediterrâneo, onde desagua este rio. Tortosa está a leste de Valência e de Córdoba	IG
--	--	---	--	-----------

Os distritos do alfoz de Valencia limitam com os de Tortosa. É uma cidade perfeitamente amuralhada, nas margens do rio Ebro, que é um grande rio, e perto do mar onde desagua este rio **RU** <**Kh**>; Cidade cuja província é contígua à de Valência. Situa-se a leste de Valência e de Córdoba, próxima do mar, bem construída erguendo-se junto ao rio Ebro **YQ**; Cidade de al-Andalus próxima de Valência, envolvendo-se com o rio Ebro. É terrestre e marítima **QZ**; Tem uma muralha poderosa **HM**; Tortosa é uma cidade grande, solidamente construída pelos Césares[...] na margem ocidental do rio Ebro, próximo à sua desembocadura no mar.

		E Tortosa es buen puerto e los mercadores van alli de todas las partes de la tierra	e é uma das portas do mar aonde se dirigem comerciantes de todos os lugares.	IG
--	--	---	--	-----------

Tem mercados, elegantes edifícios, fábricas, oficinas e produção de grandes barcos **ID** (= **HM**); A ela chegam os mercadores e daí vão para outros países **YQ**;

		e es camino de los de França, ca ay ha muchas e buenas cosas que non ha en otra tierra, de las quales vna es en que	Os seus alfozes limitam com os de Barcelona, a terra do inimigo	Kh
--	--	---	---	-----------

		a y mucho box e muy bueno e de alli lo llevan a todas aquellas partes. E a y muchos arboles e los demas son pineros.	Lá existe uma montanha conhecida onde existe o buxo [...] e bosques de pinheiros de grande qualidade e excelência, e que não existem em quaisquer outras montanhas além dela, sendo portanto uma terra de criação	Kh
--	--	--	---	-----------

Há bosques de buxo e de pinheiro **IG**; Produz madeira em montanhas vizinhas, cobertas de pinheiros de grossura e altura notáveis **ID**; As suas montanhas estão cobertas de pinheiros, que ninguém viu igual, em altura e grossura **HM**; O seu buxo é exportado a todo o al-Andalus, Magrebe e mundo inteiro **DK**;

		E de Valencia a Tortosa a çiento e çinquenta millares.	De Valência a Tortosa são cento e dez milhas	HM
--	--	--	--	-----------

TARRAGONA

		Parte el termino de Tortosa con el termino de Taragona;	Limita com o alfoz de Tortosa	IG
--	--	---	-------------------------------	-----------

Confina com os distritos de Tortosa **YQ**; Tarragona está [...] perto de Tortosa **QZ**; Limita com a região de Barcelona **DK**;

		es çibdad muy buena e poblada de los antiguos. E yaze sobre la mar	e é uma cidade antiga nas margens do mar.	IG
--	--	--	---	-----------

Tarragona é uma cidade [...] construída á beira-mar **ID**; É uma cidade antiga à beira-mar **YQ**; Tarragona é uma cidade magnífica e antiga, nas margens do Mar Mediterrâneo **QZ**; Tarragona é uma cidade muito antiga [...] construída nas margens do Mar Mediterrâneo **HM**; É uma cidade antiga e muito fortificada, à beira-mar **DK**;

		e viene por alli vn rrio de Galie que corre contra el sol levante e entra en el rrio de Ebro en Tortosa. E yaze en el corriente de los moros, e Tortosa ha el sol levante de Cordova.	Nela nasce o rio ' <i>Alān</i> , que desagua a leste do Ebro, que é o rio de Tortosa e de Barcelona	YQ
--	--	---	---	-----------

		Et Tarragona yaze delante la çibdad de Tortosa, ca de Barçelona a Tortosa ha çinquenta millares e de Taragona a Barcelona a ciento millares.	situa-se entre Tortosa e Barcelona.	IG
--	--	--	-------------------------------------	-----------

Tarragona dista de cada uma delas dezassete parasangas **YQ**;

		E Tarragona fue de las villas antiguas que fincaron de fundamentos viejos, fallan ay rrastro de consoles antigos muy maravillosos, que ay ha consoles e ay hedeficados que se non desfara por negun tienpo.	Nela se encontram, ainda hoje, vestígios extraordinários.	IG
--	--	---	---	-----------

Tem muralhas de mármore, fortalezas e torres **ID**; No subsolo da cidade de Tarragona existem amplos silos; e a cidade tem muitas construções **QZ**; Os seus monumentos permanecem sem alteração ea maior parte da sua muralha permanece sem ser destruída [...] a sua muralha é de mármore preto e branco **HM**;

		Pero açaz los destruxo Tarife, el fijo de Noçayr, quando entro en España, ca el mato las gentes e destruyolos todos, mas non pudo a todos, ca tanto es de firme. E de Taragona a Çaragoça ha çiento e çinquenta millares.		
--	--	--	--	--

LERIDA

		El termino de Çaragoça parte con el termino de Lerida, e yaze contra el setentrio de Taragona e contra el sol levante de Cordova e yaze sobre el rrio de Segura; e sale este rrio de la sierra de Segura.	Limita com ela [Saragoça] a cidade de Lérida, que foi construída sobre o rio Segre, rio que nasce na terra da Gália.	IG
--	--	---	--	-----------

Cidade antiga construída sobre o rio Segre, o qual sai da terra dos Gauleses **RU** < **Kh**; Lérida é uma pequena cidade muito povoada, cercada de fortes muralhas e situada nas margens de um grande rio **ID**; Lérida situa-se a nordeste de Córdoba, confinando os seus distritos com os de Tarragona [...] o seu rio cham-se Segre **YQ**; Foi construída junto a um curso de água que vem do país da Galiza e que se chama Segre **HM**; Lérida é uma cidade muito antiga [...] é banhada pelo rio Segre, que nasce no país da Galiza **DK**;

		E quando fundaron la villa, fallaron este rrio en el termino de Pillares. Este rrio entra en Hura, vn castillo que ha nonbre Mineçe.	Segue para o alfoz de Pallares, e desagua no rio Ebro, onde foi construído o castelo de <i>Miknāsa</i> .	RU
--	--	--	--	-----------

		En este rrio sacan oro fino.	Encontram ouro no rio de Lérida.	RU
--	--	------------------------------	----------------------------------	-----------

É deste rio que se recolhem palhetas de ouro puro **HM**; Nele encontram-se pepitas de ouro **DK**;

		E entra en este rrio otro rrio que a nonbre Bocario, e este e los otros rrios entran en el rrio de Saluias que llaman.		
--	--	--	--	--

		E Lerida ha villas e castillos en su termino, las quales el vno es Carabinas. E Carabinas yaze sobre el rrio de Bocaria. El otro es vno castillo que nonbre Belcayre. E Belcayre yaze sobre el rrio Segura.	Tem muitos castelos. [...] Entre as suas cidades estão Corbins, sobre o rio Noguera; Balaguer, nas margens do Segre;	IG
--	--	---	--	-----------

Balaguer é uma região pertencente a Lérida, e que tem vários castelos (s.v. *Balaḡī*) **YQ**;

		E el otro es Faraga. E Faraga yaze sobre el rrio de las Olivas.	Situa-se sobre o rio das Oliveiras *	HM
--	--	---	--------------------------------------	-----------

*(s.v. *Ifrāga*) **HM**; e Fraga, sobre o rio Cinca. **IG**; Fraga é cidade dos distritos de Lérida, onde existem muitos olivais (s.v. *Ifrāga*) **YQ**; Fraga [...] é cidade muito antiga [...] produz mel e açafrão **DK**;

		E el otro es vn castillo que ha nonbre Perun. E a y otro castillo que ha nonbre Albyda Almotaxa. E de Almotaxa a Lerida ha treynta millas; e de Almotaxen a Çaraz a ochenta millas. E Lerida ha fundamentos antigos e es lugar muy nonbrado. E en su termino ha vn castillo que ha nonbre Velgean; e ha otro que a nonbre Lonibras; e a otro que es vn castillo que nonbi la Sege. E quando los moros entraron en España, las gentes que moravan en estos castillos troxeron pleytesia con los moros e fincaron con sus castillos, los moros con ellos sin contienda. En su termino de Lerida a vn castillo que a nonbre Ayrax e otro que nonbre Destibre. E quando esta España hera de los moros, estando cadaldia los moros con ellos a barreras. E de Lerida a Caragoça a ciento millas e de Lerida a Barcelona otro tanto.		
--	--	--	--	--

BOLTAÑA

		Juntase el termino de Lerida con el de Bretaña.	O seu alfoz limita com de Lerida.	IG
--	--	---	-----------------------------------	-----------

Boltaña é uma grande cidade, cujos distritos confinam com os de Lérida **YQ**;

		E Bretaña yaze contra setentrion de Lerida e contra el sol levante de Cordoua.	Situa-se a leste de Lérida	DK
--	--	--	----------------------------	-----------

Situa-se no leste de al-Andalus **YQ**;

		Quando los moros entraron en España, alongaron mucho de su daño	Forma barreira entre os muçulmanos e os cristãos	YQ
--	--	---	--	-----------

		despues que la cobraron, que fizieron della escudo contra los christianos. E por muchas vezes fueron tan mal trechos que por fuerça ovieron a dexar la tierra.		
--	--	--	--	--

		E Breña ha villas muy fuertes en su termino, de los quales el vno es el castillo de Bubestor.	A cidade de Barbastro pertence às terras de <i>Barbitāniya</i> [...] Barbastro é uma das principais cidades de fronteira, de extrema fortaleza e manifesta inexpugnabilidade	BK
--	--	---	--	-----------

Entre as suas cidades está Barbastro, que é a capital da fronteira **IG**; Barbastro é uma das cidades de *Barbitāniya* [...] é poderosa fortaleza (s.v. *Barbaštro*) **HM**; Barbastro é uma cidade importante [...] dependente de *Barbatāniya* (s.v. *Barbuštar*) **YQ**;

		E Bubester yaze sobre el río de Ebro que nace en la fuente de Sarab cerca de la çibdad de Bubestor.	O castelo de Barbastro é sobranceiro ao rio Tera.	BK
--	--	---	---	-----------

Sobre um rio que tem a sua fonte a pouca distância (s.v. *Barbaštro*) **HM**;

		El otro es vn castillo que llaman do Alaçar. E el otro es vn castillo que llaman Maquiomas. El otro es el castillo que llaman Castelia. E otro que llaman Jumar.	Tem muitos castelos.	IG
--	--	--	----------------------	-----------

= **UD**; Tem cidades e castelos em grande número, entre os quais Tarazona, *Tā jira*, *Qāšira* e Boltaña **DK**;

		E de Breña a Saragoça ochenta millas.		
--	--	---------------------------------------	--	--

HUESCA

		Partese el termino de Breña con el termino de Osta. E los de Osta yaze al sol levante de Saragoça e al sol levante de Cordova. E Osta es buena çibdad antigua e muy fermosa e muy bien labrada e muy bien fecha e muy bien asentada.	Confina, com Barbitanya, o alfoz da cidade de Huesca. Está a oriente de Saragoça. É uma cidade extremamente boa e grande, de fundação muito antiga, com elegantes edificios de acabamento perfeito.	UD
--	--	--	---	-----------

Está a leste de Saragoça. A sua cidade é muito antiga, e de excelente construção **IG**; A cidade de Huesca é uma cidade fortificada (magnífica, **Kh**) que tem duas muralhas de pedra [...] a oriente de Saragoça **RU**; Os seus distritos confinam com os *Barbatāniya* e está a leste de Saragoça e de Córdoba. É cidade antiga e construída solidamente (s.v. *Ašiqā*) **YQ**; O seu território confina com o de *Barbitāniya*. Huesca fica a oriente de Saragoça. É cidade grande e muito antiga, de elegantes edificios **HM**; Huesca é cidade antiga, de construção elegante e que goza de um clima e de águas magníficos **DK**;

		E cerca della corre vn río que llaman Beça y es río de agua delgada y es en toda sazon. Y en su termino ha villas bien castelladas, de las quales es vna villa que llaman Pedroelg. E el otro es vn castillo que llaman Ayraxe. E el otro es vn castillo que llaman Çinente. E otro que llaman Manribas. E otro es vn castillo que llaman Toliha. E toda yaze cerca de la syerra de Aragon, e es muy nonbrada syerra entre los christianos. En ella yazen dos castillos muy buenos: el vno ha nonbre Çeni e el otro nonbre Men; e yaze en dos peñas que son ençima de la sierra de Aragon e corre por entrellas el río de Flume. E so el señorío d'Esca yaze un castillo que ha nonbre Labeça e el [...] es vn castillo que ha nonbre Bastit.	Situa-se perto do rio <i>Banša</i> , que é de corrente suave. Entre as suas fortalezas estão <i>Bitra Šilj</i> [...] outra é a de <i>Abarrada</i> ; e dela é também o castelo de <i>Nūba</i> , o de <i>Ribraš</i> e o de <i>Yulīyo</i> [...] o qual está nas proximidades da serra de Aragão, o qual é uma montanha famosa entre os cristãos. E também o castelo <i>Tān wa-Mān</i> , que são duas penhas entre as quais corre o rio <i>Fulūman</i> . Outros castelos são o de <i>Labāta</i> e o de <i>Bašīr</i> . Uma das montanhas que estão defronte das cidades e castelos, pela sua grande extensão e grandeza, distância e encadeamento é o monte conhecido como Monte Negro, o qual na língua dos cristãos é o <i>Munt Nāgar</i> . Atravessa-o um cavaleiro experiente em três dias e desloca-se	UD
--	--	---	--	-----------

		E de las sierras que nos llamamos en España lluegas e nonbradas en fortaleza, si es aquella que se junta con el monte de Aragon que nonbre Montenegro, e non lo podra el hombre pasar a cavallo, y avnque ande bien, no lo andara en menos de tres dias. E a la sierra de Gauera es muy fuerte a maravilla e entra en el mar.	uma companhia em seis etapas. Nela situa-se a serra de Guara que é uma cadeia que se estende até ao mar.	
--	--	---	---	--

Tem muitos castelos **IG**; *Baytara Šalaj* é um castelo fortificado, pertencente aos distritos de Huesca (s.v. *Baytara*) **YQ**;

		De Çaragoça a Osta a çinquenta millas.	Entre Huesca e a cidade de Saragoça são cinquenta milhas.	RU
--	--	--	---	-----------

Está a cinquenta milhas de Saragoça **HM**;

TUDELA

		El termino de Osta parte con el termino de Tudela.	Tudela limita com o alfoz de Huesca.	IG
--	--	--	--------------------------------------	-----------

		E Tudela yaze contra el setentrion de Osta e al sol levante de Cordova.	Situa-se a norte de Huesca	HM
--	--	---	----------------------------	-----------

Tudela situa-se a leste de Córdova **YQ**;

		E todo el mundo se maravilla por la bondat del termino de Tudela, que el su pan non ha par entre los otros; que ay ha muy buenas tierras de crianças e los arboles dan tan buenas frutas que vos lo non podría onbre dezir, e son tan buenas que es maravilla.	É uma das zonas das Marcas fronteiriças com o solo mais rico, produzindo cereais de excelente qualidade, à pecuária e às frutas, assegurando a riqueza da região.	HM
--	--	--	---	-----------

É extremamente fértil, produzindo cereais, gado bovino e numerosos frutos **IG**; Tudela ficou famosa pela sua lavoura e excelência da sua agricultura **IS**; Em Tudela abundam os frutos e todo o género de bens **DK**;

		E de las aguas suyas entran en el rrio de Ebro. E çercala el rrio de calez toda en derredor.	Os seus jardins ficam no interior da curva que forma o rio Queiles	HM
--	--	--	--	-----------

Tem terrenos férteis onde abunda a água. Nela há muitas árvores e rios **YQ**; Tudela situa-se nas margens do rio Ebro (v.infra 'Saragoça') **DK**;

		Esta villa fue fecha de Alaquem, a que de Dios parayso, e fundola Abraz el nonbrado, que fue fijo de Zeno. E Zeno almoxer de Çaraoça e de todas las sus villas.	Foi povoada em tempos de al-Hakam ibn Hišām ibn ‘Abd al-Rahmān ibn Mu‘āwiya	YQ
--	--	---	---	-----------

		E la çibdad de Taragona fue gran tienpo camara de los almoxeres e fue tomada de los guerreadores. E quando les dieron la çibdad de Taragona, acogianse alli los alcaydes e los almogauares. E para si escogeron a Berralha, fijo de Ozmen, el que llamauan Abyusmen, cuya hera toda la tierra, e Abuysmen la gano toda por espada. E ay moravan mas gentes qu'en todas las otras villas. E ay trayan todas las tiendas de Narbona e de Barçelona.	É a mais longínqua fronteira dos muçulmanos e uma das entradas por onde se passa à terra dos infieis.	IG
--	--	---	---	-----------

		E por la bondad de la gente de Tudela e por el gran señorío, convenio a los de Taraçona que fuesen so el señorío de Tudela.	Entre as suas cidades mais conhecidas estão a cidade de Tarazona; a cidade de Arnedo junto ao território do inimigo; a cidade de Alfaro e	IG
--	--	---	---	-----------

		E derredor della ha muchas villas e muchos castillos, de los quales el vno de ellos es Armenta. E quando España era de los moros, Armenta yazia por escudo contra los christianos. E Armenta es muy antigua villa. E ha vna villa que llaman Calahorra e otra villa que ha nonbre Nagara. E a otra villa que ha nonbre Vicayra, que es castillo muy fuerte e yaze sobre vn rrio entre dos sierras que lo cobro Tudela.	a cidade de Nájera.	
--	--	--	---------------------	--

Tudela tem cidades e imóveis. Entre as cidades está Tarasona além de outras; e a nova forteleza de Ayyūb (*Qal'at Ayyūb*) **BK**; Tarasona é um dos distritos de Tudela (s. v. *Tarasūna*) [...] Nájera é uma cidade que depende de Tudela (s.v. *Nājira*) **YQ**; Tarasona, cidade famosa recordada no presente e no passado **IS**; Tarasona era a residência dos governadores e dos chefes militares das Marcas (s. v. *Tarasūna*); Arnūt (s.v. *Arnūt*) **HM**; Tarazona sob a dependência de Boltaña, segundo **DK**;

		E de Tudela a Çaragoça ha çinquenta millas; e de Calaora a Tudela ha veynte e çinco millas; e de Calahorra a Tudela ha doze millares; e de Naçira a Tudela ha çinquenta millares; e de Boyra a Tudela ha treynta e tres millas; e de Armeta a Tudela ha treinta millas; e de Armenta a Çaragoça ha ochenta millas;	Entre Arnedo e Tudela são trinta milhas.	HM
--	--	--	--	-----------

		e de Taraçona a Tudela ha doze millas.	E de Tarazona até Tudela são doze milhas.	IG
--	--	--	---	-----------

Entre Tudela e Saragoça são cinquenta milhas **RU** < **Kh**; Tarasona dista de Tudela quatro parasangas (s. v. *Tarasūna*) **YQ**;

SARAGOÇA

		Partese el termino de Çaragoça con el termino de Tudela. E Saragoça yaze al sol levante de Cordova. E Tudela yaze en muy buena tierra e llena de muchos arboles e de mucha fruta e muy sabrosa, e ha arboles de muchas e buenas naturas.	Limita com o alfoz de Tudela e está a leste de Córdova. O seu território é o melhor e mais produtivo de todas as regiões.	IG
--	--	--	---	-----------

É abundante de bens, muitas bondades, frutas e alimentos em grande generosidade. Tudo isso é conhecido em toda a parte **RU**; Limita com os distritos de Tudela e produz saborosas frutas que são da melhor qualidade entre todas as que se produzem em al-Andalus **YQ**; Saragoça tem bons solos e excelentes veigas **IS**; Saragoça é uma cidade grande duma das melhores regiões de al-Andalus em termos de solos. É excelente nas construções, é abundante nas produções e nas suas águas **QZ**; Saragoça é a melhor das regiões enquanto terra de cultivo, toda ela produzindo, e tendo muita fruta nos seus pomares **HM**;

		E fablan de la bondad de de Tudela por todas las tierras. E Tudela yaze sobre el rrio de Ebro; naçe Ebro en Vizcaya e entra en el mar, e es vn rrio que rriega muchas huertas de Galizia e rriega muchas de las huertas de Çaragoça. En Çaragoça ha grandes llanos.	O rio que vem da montanha de <i>Buškuns</i> e desagua no mar Mediterrâneo, na zona costeira de Tortosa. A cidade de Saragoça é irrigada pelo rio Gállegos [...] que rega as hortas conhecidas como o Arrabalde e Gállegos	UD
--	--	---	---	-----------

Está construída junto a um grande rio, que vem das montanhas das Fortalezas **YQ**; Saragoça tem, entre as suas áreas de descanso, os Gállegos (*Jillaqayn*) e o rio das Oliveiras **IS**; Está situada na margem de um grande rio, o qual vem em parte das terras dos cristãos **HM**; Saragoça situa-se nas margens do grande rio chamado Ebro, que nasce no país dos vascos e desagua no Mar Mediterrâneo **DK**;

		E la gente de Çaragoça son muy sotiles en sus obras, e mayormente	Os seus habitantes são primorosos na indústria das peles. E são	IG
--	--	---	---	-----------

		en tellas texen en orgaños, que fazem paños muy presçiados que todo el mundo los nonbra entre los otros buenos, e qualquier obra que dellos fagan dura para todo sienpre.	excelentes na destreza técnica com que produzem, na totalidade, finos vestidos, exclusivos dos teares das suas oficinas, não se conhecendo outros em qualquer lugar do mundo.	
--	--	---	---	--

É famosa pela criação de martas e pelo curtimento das suas peles. As suas gentes são hábeis com os bordados perfeitos que criam nos tecidos que produzem nos seus teares; são panos finos chamados “ de Saragoça” **YQ**;

		E a y venero de sal yema muy blanca e muy luziente que non la ha en toda España.	Tem uma mina de sal-gema, de um branco puro, que não existe em qualquer outro sítio.	IG
--	--	--	--	-----------

Tem uma mina de sal-gema, de um branco puro e íntegro **UD**; Lá existe sal-gema **RU**; (**IG** =) **SB**; Em Saragoça encontra-se sal-gema, que é um sal puro e branquíssimo, e do qual não se conhece semelhante em qualquer outro lugar de al-Andalus **YQ**; Saragoça tem uma mina de sal-gema, ao qual não se conhece semelhante em qualquer outro lugar **HM**; Tem uma mina de sal-gema branco **DK**; (**YQ** =) **MQ**.

		E en el termino dee Çaragoça ha villas e castillos, de los quales el vno es el castillo de Rroca, qu'es muy fuerte castillo e es muy defendido, e yaze sobre el rrio de Salom. E el otro es vn castillo que llaman Orosa. E Orosa es muy fuerte e yaze sobre la montaña.	Tem inúmeros distritos.	IG
--	--	--	-------------------------	-----------

Tem castelos e espaços habitados por todo o lado **RU**; Saragoça tem cidades e fortalezas **YQ**; (**IG** =) **HM**;

CALATAYUD

		Calataud yaze çerca de vna çibdad antigua a que llaman Nouella que a mauillosas señales antiguas soterradas e fechas en la boueda. El otro es vn castillo que llaman Mulunba. E el otro castillo es a que llaman Aroca. E el otro es vn castillo a que llaman Samitri.	Tem cidades e fortalezas, entre as quais a cidade de Calatayud, grandiosa e de grande poder. *	IG
--	--	--	--	-----------

* Excerto da anterior notícia sobre Saragoça, o que também acontece em **YQ**. (**TA**) Calatayud é uma cidade importante, fortificada e bem defendida **ID**; Calatayud situa-se na Marca Superior [...] Tem muitas árvores, rios e campos agrícolas. Tem alguns castelos **YQ**; Calatayud é uma cidade com um maravilhoso terreno de cultivo e fortemente poderosa na sua defesa **HM**;

		E de Aroca a Çaragoça ha veinte e çinco millas; e de Correfe a Çaragoça ha çin-cuenta millas; e de Calataud a Çaragoça a çincuenta millas; e de Samitre a Calataud ha veinte millas; e de Samitre a Çaragoça a setenta milhas.	Fica próxima da cidade de <i>Darūqa</i> , havendo entre elas dezoito milhas	HM
--	--	--	---	-----------

Daroca é um povoado de al-Andalus **YQ**; Calatayud surge dependente de Santaver, em **DK**;

BAJUÇA

		Aajuça yaze al sol levante de Cordova e al sol levante de Çaragoça. E Bajuça yaze çerca de Santa Borra e açerca de Poblado, e en su termino ay grandes llanos y ay en su termino muy buenos castillos e muy fuertes, de los quales el vno es vn castillo que llama Pedro. E Pedro yaze sobre agua corriente que non le fallan fondo; Pedro es muy fuerte castillo a maravilla. E el otro es vn castillo que llaman Molina. E	É uma cidade situada a oeste de Saragoça, num dos distritos agrícolas a leste de Córdoba, perto do país dos cristãos [...] Tem planícies e castelos.	YQ
--	--	--	--	-----------

		en Molina ovo vna çibdad antigua a que llamaron Barçuça, en que ovo edefiços antiguos muy maravillosos. E de Molina a Çaragoça ha çien millas.	
--	--	--	--

MEDINACELI e SANTABAYRA

		El termino de Baruxa parte con el termino de Medinaçeli. E Medinaçeli es muy fuerte çibdad e muy buena e muy fermosa; e a y edefiços antigos e señales que se non pueden desfazer; e yaze en vna muy buena tierra e es lugar muy sabroso para el cuerpo del ome. E Medinaçeli fue vna de las çibdades que destruyo Cario [Târiq], el fijo de Nocajed*, e despues a tienpo poblaronla los moros e moraron en ella. E en su termino ay dos çeleiçes, e del vno al otro estan tan maravillosas labores que las non ha en España tanto. E estos çeleiçes estan en muy buen llano.	Medinaceli confina com os distritos de Baruxa [...] tem muitas árvores e abunda em água. Quando Târiq conquistou o al-Andalus Madinaceli estava em ruínas, mas ressurgiu muito com o Islão.	YQ
--	--	---	---	-----------

*Clara confusão e contaminação entre Târiq (ibn Ziyâd) e (Mûsâ) ibn Nusayr. **(TA)** Foi uma das cidades mais importantes e fortificadas. Nela existem notáveis vestígios antigos. Ocuparam-na os muçulmanos, depois de Târiq **IG**; Medinaceli é cidade importante e famosa **IS**;

		Termino de Santa Bayra yaze al sol levante de Cordoba. E e Santa Bayra junto a si todas las bondades de la tierra, ca en su termino ay muy buenos llanos de criar e de paçer e ha muy buena tierra de pan e ha muy buenas fazeras de montes e muy provechosas; e desçinden por las fazes del monte e a la entrada ay muy buenas plantas e muchas e ay muchas nogueras e muy grande avellanar e mucho alto a maravilla.	Santaver é uma cidade que enlaça os seus territórios com o alfoz de Medinaceli. Situa-se a leste de Córdova. É uma grande cidade com riquezas naturais. Dela dependem muitos catelos. Nas suas terras dão-se nozeiras e aveleiras.	YQ
--	--	--	--	-----------

Situa-se a leste de Córdova e tem muitos castelos **IG**; Santaver é uma cidade antiga [...] situa-se a nordeste de Córdova, e possui inúmeros castelos. Nela juntam-se um solo generoso, vastos campos de cultivo e pastagens, agricultura, ganadaria e vinhas. [...] Tem viçosos bosques de nogueiras e aveleiras **DK**;

ROCUPEL e SURITA

		La çibdad de Rrocupel yaze entre Santa Bayra e Çurita.	Rocupel é uma cidade que se situa enre Santaver e Surita.	YQ
--	--	--	---	-----------

		E fizola Laubiled para su fijo, que avia nonbre Carrupel, e por eso pusieron nonbre del fijo. E Lobiled fue rrei de los godos; e quando andava la era de Çesar en seys çientos e nueve años, entonçe lo alçaron los godos por rrei en España.	<i>Raqâbil</i> foi mandada construir por <i>Lûbîyân</i> * que a nomeou a partir do nome do seu filho	HM
--	--	---	--	-----------

*Trata-se do rei visigodo Leovigildo (rei entre 569 e 586 [A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 321]), cujo nome surge muito mais alterado na versão árabe do que na versão romance. **(TA)** É uma cidade de antiga construção **YQ**;

		E el termino de Rrotupel parte con el termino de Çurita. E Çurita yaze contra el levante de Cordova, vn poco desuariado contra el setentrion. E yaze en tierra muy buena e muy sabrosa de muchas buenas cosas. E y ha muchos buenos arboles que dan muchas buenas espeçias. E Çurita es muy fuerte çibdad e muy alta e fizieronla de	Surita é uma cidade cujos distritos confinam com os de Santaver. Situa-se a nordeste de Córdova.	YQ
--	--	--	--	-----------

		Rrocupel, que alli ha muy buenas piedras.		
--	--	---	--	--

ALFAR

		La çibdad de Alfár que agora llaman Agua de Alfajar e yaze contra el setentrion de Cordova, vn poco desuariada, e yaze sobre vn rrio ha que dizen Agua de Alfajara es muy buena e muy provechosa para los moradores, que ay ha muchos arboles de muchas naturas. E en sus terminos ha castillos e villas, de los quales el vno es el castillo de Mongerid; e el otro es vn castillo ha que llama Castilon;	É uma cidade conhecida como <i>Madīnat al-Faraj</i> [...] fica a nordeste de Córdoba [...] a ocidente dela corre um rio pequeno junto ao qual existem hortas e jardins, vinhas e plantações	HM
--	--	--	---	-----------

A cidade de Guadalajara situa-se a nordeste de Córdoba (s.v. *Faraj*) **YQ**; Guadalajara está a nordeste de Córdoba e a leste de Toledo [...] tem muitos olivais e frutas e todo o género de bens **DK**;

		e el otro es vn castillo ha que llaman Antixa, qu'es el mas fuerte castillo que ha en su termino. E quando los moros ganaron España, deste castillo fizieron atalaya contra los christianos de fuera de España quando e-llos ouieron miedo.	<i>Usturīs</i> é um castelo dos distritos de Guadalajara, mandado construir por Muhammad ibn 'Abd al-Rahmān ibn al-Hakam ibn Hīšām al-Umawī, senhor de al-Anadalu, que o povoou e tornou próspero frente às terras do inimigo*	YQ
--	--	---	--	-----------

* S.v. *Usturīs* **YQ**;

		E parte el su termino por el monte que parte con España.		
--	--	--	--	--

TOLEDO

		El termino de Agua de Alfaja parte con el termino de Toledo. E Tolledo yaze contra el poniente de cabo el postrimero e contra el setentrion de Cordova.	O seu distrito fiscal está contíguo ao de Guadalajara, a oeste da fronteira com os cristãos, e a nordeste de Córdoba.	YQ
--	--	---	---	-----------

Toledo está situada a nordeste de Córdoba (SB ⇒) **RU**;

		E Tolledo fue camara de todos los rreyes de los godos e todos la escogieron mayormente para su morada, ca era en todas las cosas muy bien fecha a su voluntad.	Foi a capital dos reis godos e sua residência preferida.	IG
--	--	--	--	-----------

Foi a capital dos reis cordoveses (sic) [godos (*qurtubiyyīn* por *qutiyyīn*)], e lugar da sua residência [...] Toledo era 'a cidade dos reis' **YQ**; Foi a capital dos reis godos e lugar da sua estância **RU** (= **SB**); Era a capital dos godos e a sede do seu reino **HM**; Foi chamada 'a cidade dos reis' **QZ**; Foi a parte principal das terras de al-Andalus, a sua capital mais importante e sede do reino dos godos **DK**; Toledo foi a capital do reino dos Godos **MQ**.

		E fue vna de las quatro çibdades [que] Çesar tovo por camara en España.	É uma das quatro cidades que Octaviano César colocou como capitais da Península Ibérica.	RU
--	--	---	--	-----------

Foi uma das quatro capitais de al-Andalus **IG**; Ela constitui uma das quatro capitais do país, sendo ela, no entanto, a mais antiga; os Césares encontraram-na já edificada **HM**; As capitais de al-Andalus, seus pilares e suas metrópoles são quatro: a primeira delas é Córdova e as outras, Sevilha, Mérida e Toledo **DK**.

		E Tolledo yaze sobre el rrio de Tejo. E sobre Tejo ay vna puente rrica e muy maravillosa. E tanto fue sotilmente labrada que nunca ome puede asmar con uerdad otra tan buena aya fecha en Espanha.	Situa-se sobranceira ao rio Tejo, rio sobre o qual se eleva a ponte cuja descrição é inenarrável,	IG
--	--	--	---	-----------

Situa-se sobranceira ao rio Tejo no qual existe a ponte que não permite descrição (**HM** =) **BK**; Eleva-se junto ao rio Tejo **RU**; Está nas margens do rio Tejo sobre o qual está a ponte de qualidades indescritíveis **YQ**; nela existe a extraordinária ponte, de que dizem os que a descrevem que é de um único arco, indo de uma margem do rio à outra margem; não se vê na face da terra arco de ponte mais magnífico do que aquele, excepto a ponte de Súr (?) **QZ**; Rodeia-a o rio chamado Tejo e sobre este rio está uma ponte magnífica, que não permite descrição nem a das regras da sua construção **DK**; Espria-se sobranceira ao rio Tejo, sobre o qual existe a ponte que torna impossível ser descrita **MQ**.

		E fue fecha quando rreino Mafomad Elimen, e esto fue quando andava la era de los moros en dozientos e quatro años.	e que foi posta em ruínas no reinado do emir Muhammad.	BK
--	--	--	--	-----------

[Esta destruição da ponte ocorreu no reinado do Emir ou Imâm Muhammad I, ibn 'Abd al-Rahmân (852 - 886), no ano de 244 / 858 (cf. R.Mantran, *As Grandes Datas do Islão*, p. 287; Catalán-Andres, *CMR*, p.64, n.10; Lévi-Provençal, *HP-RMP*, IV, p.192). Na passagem correspondente da *C1344*, terá caído o 'quarenta' na data por extenso]. (**TA**) que foi destruída nos dias do emir Muhammad **MQ**.

		E quando los moros entraron en Toledo, cobraron ay la mesa	Em Toledo encontrou-se a Mesa	IG
--	--	--	-------------------------------	-----------

Nela foi encontrada a Mesa... (SB=) **RU**; Nela foi encontrada a Mesa... **ID**; quando a conquistaram encontraram lá a Mesa ...**QZ**; os muçulmanos encontraram lá a Mesa. **HM**; Tāriq encontrou lá a Mesa ...**MQ**.

		de Salamon, fijo del rrei Daud.	de Salomão, filho de David.	HM
--	--	---------------------------------	-----------------------------	-----------

De Salomão filho de David, sobre ambos seja a a paz **RU**; de Salomão filho de David, a qual era, segundo consta, de esmeralda **ID**; de Salomão filho de David, sobre ele seja a paz, que era de ouro **QZ**; de Salomão filho de David **HM**; de Salomão **MQ**.

		E Toledo es muy buena çibdad e de muy gran plazer e es muy forte e muy defendido, enpero allegaron muy grandes poderes e sienpre se tovo muy ben. E sienpre fue muy provechosa a sus labradores e sienpre fue de buena conçençia e muy sementera. E es tierra de muy buena sementera e el pan dura ay mucho que se non dañ, y pueden y tener el trigo en las cuevas bien diez años que nunca sera muy dañado; e por esto se tenia quando la guerreavan. E el su açafra es mejor que todos los de España, en tentura e en color. E Toledo fue la villa de mayor termino que avia en España e de que mas fablavan. E Toledo ha villas e castillos so su señorío, de las quales es vna que llaman Talavera.	É uma das mais importantes cidades pelo grandiosidade do seu poder, pela imensidão do seu espaço e pela sua extrema inexpugnabilidade. Não deixou de ser refúgio, asilo e lugar de atracção para as gentes que a ela se dirigem, vindas de todo o lado, acumulando-as de benefícios. A sua terra é generosa e a sua lavoura é excelente. Os seus alimentos não se alteram com o passar dos dias, e não se corrompem com o passar do tempo. Pode-se armazenar o seu trigo no interior de silos durante setenta anos, pois encontrar-se-á são ao fim deste tempo, sem nenhuma impureza ou corrupção. O seu açafraão é o máximo da excelência, melhor que os outros açafraões. Antigamente foi a mais importante das cidades de al-Andalus, dependendo dela muitas cidades. [...] Entre as cidades de Toledo está Talavera,	IG
--	--	--	--	-----------

Uma das suas particularidades é que o seu trigo não se modifica nem altera com o correr dos anos **BK**; entre as particularidades de Toledo está que o seu trigo não se altera com o correr dos anos **HM**; O açafraão de Toledo é o que abastece as diversas regiões e que se exporta para todo o lado **BK** (= **HM**); permanece o trigo nas suas covas setenta anos, não se alterando **QZ**; é uma cidade muito antiga construída pelos ancestrais, de elevado estatuto, majestosa implantação e secular edificação, inexpugnável e poderosa, abundante em águas e produções vegetais; o trigo lá pode permanecer armazenado sob terra, em silos subterrâneos e celeiros, durante cem anos, mais ou menos, sem que apodreça nem se alterem a sua cor, cheiro ou sabor. Cultiva-se lá um açafraão de tal qualidade que não se encontra em nenhum lugar de al-Andalus outro que se lhe possa comparar **DK**; Em Toledo há hortas cercadas, é atravessada por rios, tem pomares e jardins, excelentes frutas de diferentes sabores e cores [...] uma das suas particularidades é o facto de o trigo poder ser mantido por

anos sem se degradar, e é transmitido em herança de pai para filho como qualquer outra propriedade [...] O açafão, de que é anualmente exportado em caravanas, é por si mesmo uma fonte de riqueza para os seus habitantes, e também como tintura, tingindo com um bonito tom pastel **MQ**.

		E Talavera fizieronla los antigos sobre el rrio de Tejo,	de construção antiga e sobranceira ao rio Tejo,	YQ
--	--	--	---	-----------

É antiga, e situa-se sobre o Tejo (s.v. *Talabîra*) **BK**; De grande e antiga construção sobre o rio Tejo (s.v. *Talabîra*) **YQ**; é antiga, muito antiga, e situa-se sobre o Tejo (s.v. *Talabîra*) **HM**.

		en el partimiento de los moros e de los christianos. E el muro de Tallavera es muy fuerte e mucho alto e de mu-chas altas torres.	foi o limite entre os muçulmanos e os idólatras, possuindo poderosas muralhas, e altas almenaras. [...]	IG
--	--	---	---	-----------

É uma barreira entre os muçulmanos e os francos **YQ**; é o mais distante limite dos muçulmanos e uma das portas através das quais se entra na terra dos idólatras **BK** (= **HM**).

		E quando andava la era de los moros en trezientos e veynte e cinco años, e mando Mirabomelin, fijo de Mafomad, que fiziesen en Tallauera vn departimiento entre los de la villa e los de fuera, e que fiziese ay un alçar en que morasen los almoxires . E depois que la edad de Talavera fue ençimada, sienpre se defendio por su buena obra.	Tendo ficado em ruínas, reconstruiu-a 'Abd al-Rahmân al-Nâsirî (sic) al-Umawwî.	YQ
--	--	--	---	-----------

[O fortalecimento defensivo de Talavera, em 325 / 937, deverá inserir-se no quadro das lutas que por essa época tiveram lugar entre Ramiro II e 'Abd al-Rahmân III, na zona central da península, já que o monarca cristão pouco antes ocupara Madrid, em 321 / 933. (Cf. Lévi-Provençal, *HE-RMP*, vol.IV, pp.289-290)].

		E la otra es vna çibdad a que dizen Calatrava. E Calatrava yaze contra el meridiem de Toledo	[E a] cidade de Calatrava a oeste de Toledo,	IG
--	--	--	--	-----------

Calatrava [...] está a oeste de Toledo **YQ**.

		yaze contra el meridiem de Toledo e contra oriente e del setentrion de Cordova	a nordeste de Córdova	YQ
		y yaze sobre el rrio de Guadiana .	sobranceira ao rio Guadiana	HM
		E yaze en tierra de buena sementera de pan e muy bien tenplado e de muy buena criança e andan ay los ganados mucho e es muy dolentia tierra para los onbres. E la outra es vna que llaman Orgaz E Orgaz yaze al sol levante e al setentrion de Cordova .	São bons os seus pastos e os seus alimentos, e excelentes os animais que pastam nos seus prados. O seu leite é claramente superior aos outros. A cidade de Oreto é uma cidade que tem fortalezas e castelos.	IG
		E el otro es Salaçar, qu'es vn castillo	Caracuel é um castelo dos distritos fiscais de Oreto.	YQ
		E Salaçar ha muy buen termino de pan e de crianças e de muy buena manutençia.		

[Passagem desconhecida nas fontes árabes.]

CHÃO DAS BOLOTAS

		El termino de los Llanos donde ay las bellotas [...] por el termino d'Ariz . E Ariz yaze ante el oriente e oriente de Oriz yaze contra el setentrion de Córdoba. E Aariz es villa em que moran los barbaros .	O Chão das Bolotas é um distrito agrícola [...] que confina com o alfoz de Oreto, a sudoeste de Oreto e a norte de Córdova. Habitam-no os Berberes	YQ
--	--	---	--	-----------

* A notícia de **IG** vem s.v. 'Cidade da Fortaleza de Oreto'. (**TA**) O Chão das Bolotas está em al-Andalus, entre as regiões de Córdova e de Badajoz **RU**.

		E en su termino ay muy buen llano e muy fermoso, que se tiene con tales montes que lo fazen muy fermoso. En su termino	As suas planícies acabam em montanhas,	IG
--	--	--	--	-----------

As suas planícies estão unidas a montanhas (s.v. *Al-Ballût*) **YQ**.

		yaze el monte	entre as quais a Montanha de <i>Barânis</i>	YQ
--	--	---------------	---	-----------

Pertence a este Chão a Montanha de Barânis (s.v. *Fahs al-Ballût*) **HM**.

		en que sacan el azougue e de alli lo levan para todas las partes de España. E d'alli sacan mucho mermejon e muy bueno que no saben tan bueno	na qual há minas de mercúrio, donde é exportado pa-ra todos os lados, e cuja matéria-prima é tão abundante que não se esgota. Nela existe o incomparável vermelhão, o qual não se lhe conhece semelhante	IG
--	--	--	--	-----------

Nela há minas de mercúrio que é levado para a todas as regiões. Nela há o vermelhão ao qual não se conhece semelhante **YQ**; Nela há uma mina de mercúrio, sendo levado dali para todo o lado **HM**.

		sí non aquel que dizen de Vtramar		
--	--	-----------------------------------	--	--

[Passagem desconhecida nas fontes árabes].

		E en la demas de esta tierra non ha otros arboles si no azijeros	Na grande maioria do seu território há azinheiras	YQ
--	--	--	---	-----------

E o que mais há nas suas terras é azinheiras **YQ**; Predominam nas suas montanhas e nas suas planícies as azinheiras... (s.v. *Hisn Batrûš*) **ID**.

		e por eso le llaman el Llano de las Bellotas;		
--	--	---	--	--

[Redundância de origem romance, desconhecida nas fontes árabes].

--	--	--	--	--

		e son tan duçes e tan sabrosas que las non ha tanto en España. E este llano yaze la çibdad de [Bued L] que es muy antigua çibdad.	cujas bolotas são doces, de sabor delicioso, nã se lhe acercando as outras bolotas de al-Andalus. Nela está a cidade de <i>Lukk</i> .	IG
--	--	---	---	-----------

Cujas bolotas suplantam, em sabor, qualquer outra bolota na face da terra **ID**. *Lukk* - cidade [...] das dependências fiscais do Chão das Bolotas **YQ**.

FERIZ

		Eris yaze al oriente del Llano de las Bellotas a que llaman Costantina.	É a ocidente do Chão das Bolotas	IG
--	--	---	----------------------------------	-----------

Cidade de al-Andalus a ocidente do Chão das Bolotas **YQ**; limitam os alfozes de Feriz com os alfozes do Chão das Bolotas **RU** ; (**RU** =) **HM**.

		E yaze contra el setentrion e el poniente de Cordova, vn poco desviado contra oriente.	entre o norte e o oeste de Córdoba, a maior parte desviando-se para o oeste	YQ
--	--	--	---	-----------

e de Córdoba **IG** [em continuação da passagem em 1.]; entre o norte e o oeste de Córdoba **RU**; (**RU** =) **HM**.

		E en su termino ha muy buena tierra de pan e a y muchas naturas de arboles e los mas son castañares e avellanares. E a y pedrera en que sacan muchos e buenos marmoles e muy blancos e muy claros. E a y muchas fuentes que echan muchas aguas en que muelen muchas açeñas. E en esta villa ha muchas maneras de fierro que en otra villa onbre sepa.	No seu território há muita agricultura e imensas espé-cies de frutos, predo-minando entre os seus frutos, o castanheiro, a cerejeira, a nogueira e a a-mendoeira. Tem pedreiras de mármore branco e muito brilhante, de extrema pureza Lá existem também fontes donde brotam e se derramam águas abundantes, fazendo trabalhar os moinhos. É também, entre as várias regiões, a que tem mais minas de ferro.	IG
--	--	---	--	-----------

Nela há muitas aveliras e árvores. Há um excelente mármore branco e também minas de ferro **YQ**; É terra de agricultura e ganadaria, palmeiras, frutos e linho [...] O predominante nas suas árvores é o castanheiro. Tem uma excelente mina de mármore **RU**; Fluem nela os regatos onde moem os moinhos [...] nela encontram-se minas de ferro **RU** (= **HM**); O predominante nas suas árvores é o castanheiro. Tem uma mina de mármore **HM**; Uma pedreira com um mármore considerado altamente puro e magnífico. O mármore *firrīṣī* é o de brancura mais pura, o de veios mais belos e o de dureza mais rija (s.v. *Hisn Firrīṣ*); nas suas montanhas há minas de bom ferro, unanimemente considerado, e muito dele é de lá exportado para todas as regiões de al-Andalus (s.v. *Hisn Qustantīna al-Hadīd*) **ID**;

MÉRIDA

		Parte el termino de Merida por el termino de Feriz.	Limita com os alfozes de Feriz	IG
--	--	---	--------------------------------	-----------

Limita com o alfoz de Feriz **YQ**.

		Yaze ante el poniente del setentrion de Cordova.	A noroeste dos distritos fiscais de Córdova	YQ
--	--	--	---	-----------

A norte de Córdova, tirando ligeiramente para o oeste **BK**; (**BK** =) **HM**; entre o oeste e o norte da cidade de Córdova **RU**; (**RU** =) **SB**; Está a norte de Córdova **DK**.

		E Merida fue vna delas camaras que escogeron los sesares e los rreies delos cristianos.	Foi uma das capitais que escolheram os reis dos não-árabes para os seus governadores, e os césares antes deles.	IG
--	--	---	---	-----------

Foi uma das capitais que escolheram os reis, para residência, entre os césares e os cristãos **YQ**; foi uma cidade onde residiram os soberanos da antiguidade **BK**; (**BK** =) **HM**; foi uma das capitais que escolheram os monarcas não-árabes para estanciar **RU**; (**RU** =) **SB**; uma das capitais que construíram os reis não-árabes, para estanciar **IS**; Mérida era a capital de al-Andalus e a sede do reino **DK**.

		<p>E Merida fue fundada a gran nobleça e por gran seso e por gran maestria; e fundola el primero Çesar e començola el segundo Cesar. E todos los rreyes que della fueron señores fizieron en ella fazer muy buenas obras e muy hermosas; e cada vno puño de la labrar con piedras marmoles muy maravillosos; e cada vno a mejoría puño de traer ay aguas de muy lexos por muy gran maestria e por gran fortaleza. E por esto la fizieron tan buena que era maravilla. E a y fundamentos fechos por tan gran maestria que duraran por sienpre, ca por fuerça nin por seso que en el onbre aya non se puede desfazer, tanto commo si fuese piedra muy fuerte. E Merida es muy alta por nonbre en todas las tierras. E cata que vos digo que en el mundo non ha onbre que vos pueda contar conplidamente las maravillas de Merida. E siendo Ozmin vn dia en su torre rretrayendo de las çibdades de España e de su mar, e su fijo oyo dezir al alcayde Galabre, fijo de Bajas, e de quando fablauan de las cosas que el e su padre vieron e oyeron en España; e en fablando en esto, contavan de las bondades de Merida e desende: “ Auiendo muy gran sabor de piedras marmoles para fermosar con ellas muchas obras que fazia fazer nuevamente, acaesçio que yo entre en Merida despues qu’ella fue destroyda e falle ay tan buenas piedras marmoles e de otras naturas que maravilla era. E fize tomar e lleuar todas aquellas que yo entendí de que mi padre se pagaria. E andando vn dia por la çibdad, vi en el muro vna tabla de piedra marmol tan blanca e tan luziente que non semejava sinon aljofar, tan mucho era clara. E mande que la tomasen. E arrancaronla del muro por muy gran fuerça e, despues que la ovieron arrancado, pusieronmela delante. E yo vi en ella letras de christianos que eran muy bien talladas. E fize llamar quantos christianos avia en Merida que viesen lo que era escrito e que me lo dixesen. E non falle ay nenguno que me lo podiese contar en lenguaje nin dezir algun poco de lo que ay avia, tanto heran fechas por escuro latino. E dixeronme que non sabian onbre que lo leer podiese syno vn clerigo que avia en Coimbra. E yo mande yr por el e el vino ante mi. E el era muy viejo a maravilla. E quando le pusieron la tabla delante, començo a llorar</p>	<p>4 Os Césares anteriores construíram-na, concluindo-se nos tempos do César Octaviano. Iniciou a sua construção o primeiro deles e completou-a o segundo. Foi de-pois abandonada pelos reis que tinham restaurado as ruínas com cons-truções magistrais, adornos e mármo-res admiráveis, e tinham desco-berto a capacidade de trazer a água que estava contida na construção conhe-cida como <i>al-Bariqa</i>; obra de que foram incapazes os artífices ante-riores, e não have-rá mãos que façam ou-tra depois. A sua história sobre-viverá à passagem do tempo, pelo grande prestígio e universal renome. Disse ‘Umar ibn Hâsim: Ouvia a al-‘Asî ibn ‘Abd Allâh ibn Ta‘laba relatar que ele mesmo ou o seu pai, em casa de Hâshim ibn ‘Abd al-‘Azîz, sobre a nobreza de Mérida, e a excelência do mármore, disse: Apaixonei-me pelo mármore quando fui governador de Mérida; perdi o juízo por ele e tanto mais quanto mais belo o encontrava. Circulando um dia pela cidade o meu olhar foi levado a uma lápide de mármore fixada na muralha. Era de uma extrema pureza, que se pode-ria pensar, ao vê-la, ser um bloco de pedra preciosa [...] Ordenei então que a desprendêsem, o que foi conse-guido, não sem esforço. Quando foi posta em terra, apercebêmo-nos de que ela tinha uma inscrição não-árabe. Juntei então quem estava em Mérida e era cristão. Disseram então que não havia outro que a pudesse traduzir senão um não-árabe que me mencionaram e a quem enalteceram. Mande-i-o procurar por um mensa-geiro, o qual me trouxe um idoso ancião decrépito. Quando colocaram a lápide em frente dele, rompeu em lágrimas</p>	RU
--	--	---	---	----

Iniciou a sua construção o primeiro deles [dos Césares] e completou-a o segundo. Foi depois abandonada pelos reis que tinham restaurado as ruínas com construções magistrais, adornos e mármore admiráveis, e tinham descoberto a capacidade de trazer a água que estava contida na construção conhecida como *al-Bariqa*; obra de que foram incapazes os artífices anteriores, e não haverá mãos que façam outra depois. A sua história sobreviverá à passagem do tempo, pelo grande prestígio e universal renome. Foi encontrado num local das suas muralhas uma lápide de mármore de extrema pureza e profuso jaspeado, e onde estava escrito em idioma não-árabe **SB**; é uma cidade reluzente com muito mármore e altos edifícios. Tem belos monumentos antigos que solicitam a contemplação e a admiração **YQ**; [os reis antigos] multiplicaram nela os monumentos e as aduções de água **BK**; (**BK** =) **HM**; Disse Hâshim ibn ‘Abd al-‘Azîz, quando recordávamos a nobreza de Mérida, e a excelência do mármore que nela existe, disse: Apaixonei-me pelo mármore quando fui governador de Mérida; pus-me em busca dele, e fiz transportar todo o que mais belo encontrava. Durante um passeio de vários dias pela cidade, olhei para uma lápide de mármore na sua muralha. De uma extrema pureza, sugeria muito a quem a via, ser um bloco de pedra preciosa. Ordenei então que a desprendêsem, o que foi conseguido, não sem esforço. Quando foi posta em terra, vimos nela uma inscrição não-árabe. Juntei então quem estava em Mérida de entre os cristãos. Disseram então que não havia outro que a pudesse traduzir senão um não-árabe que me mencionaram e a quem enalteceram. Mande-i-o procurar por um mensageiro, o qual me trouxe um idoso ancião decrépito. Quando colocaram a lápide em frente dele, rompeu em lágrimas **HM**.

		tan fuertemente	por um longo período.	HM
		e a fazer su duelo muy dolorido, en guisa que lo entendieron los mas que ay estavan, e dezia ansy: “ ¡ Ay Jhesu Christo, señor de piadad! ¿ Adonde eras tu en aquel día que la çibdad de Merida ssallo de so el señorio d’esta fee? E, Señor que todo sabes, tanto quiero yo que de mi sepas que, si non fuese el que yo vi e veo por verdad e por señales que yo creo en verdad, e non ha en el mundo cosa porque orase, tanto pierdo grande estrañedad de lo que vi sobre los christianos d’España vi en tan poco tiempo. E Señor, non lo devieras sofrir por quantos buenos clerigos se ay perdieron que nunca quedavan de loar el tu nonbre. E Señor, si tu todo lo vees, ¿ por [...] non vees a los altares de Merida, e quantas vezes hera el tu cuerpo pressente, e que tantas e tan santas oraçiones se dezian en tu nombre e en la [...] onrra e en tu loor? E agora asi son dichas tantas cosas contra la tu voluntad e onrra de Mafomat !		

[Extensa interpolação romance, de teor religioso anti-islâmico]

		7 E despues que lloro e fizo su duelo, dixo: “Yo vos dire lo que en esta tabla esta escrito; e esta ay que los de Merida mandaron que fiziesen el muro de Iliá de quinze codos en alto”. E en la tabla non estava al sino esto	7 Depois ele disse, traduzindo-a: “É eximida de falta a gente de Îlyâ’, através de quem construa na muralha [de Mérida] quinze côvados”.	RU
--	--	--	--	-----------

Cuja tradução é: “É isento de entre a gente de Îlyâ’, quem construa na sua muralha [de Mérida] quinze côvados” **BK**; Depois disse, traduzindo-a: “É eximida de falta a gente de Îlyâ’, através de quem construa na sua muralha quinze côvados” **HM**; “É isento de entre a gente de Îlyâ’, quem construir quinze côvados na sua muralha” **SB**.

		E esto fizieron escrevir los de Merida e poner sobre el vnbral de la puerta de la çibdad, para ser sabido por todas las tierras de España lo qu’ellos fazian.	A inscrição estava sobre a porta [da cidade].	BK

		despues fue fallado en Merida vna tabla de alaton escrita que dezia ansi: que gentes de muchas partes vinieron fazer la çibdad de Ylia con miedo de los de Merida; en que fallaron que la fizieron muy toste e muy sotilmente. E desi que leyeran en los fundamentos viejos que nengun honbre non entrara en Merida quando Abdarrahaime, el fijo de Moabia, en España entro, que se non ma-ravillase de las fermosura que avia en Merida e, desde las vio, que entro en vna see que ay avia e fallo ay vn ermitano, e aquel ermitaño andudo con el derredor de la iglesia. E quando fue en derecho de vn lugar donde solia estar vn crucifijo de Jhesu Christo, dixo: “En este lugar falle yo vn ermitaño que avia çiento e veinte años que ay estudiera en vn ermita muy gran tiempo; e que aquel hermitaño viera estar sobre aquel crucifijo vna piedra de la qual nunca de otra oyera fablar, que por la noche escura dezian a la lunbre della las oras sin ninguna otra candela. E dixo que la tomaron dende los alarabes quando entraron en Merida e con ella tomaron vn cantaro de aljôfar. E dizen que este cantaro se ovo despues en la mezquita de Damasco e que lo puso ay Salamon, fijo de Adelmelo. E dizen que este cantaro tomaron en la casa santa de Jerusalem quando alli lleo Nabucodenosor. E fue en ella tomada	Diz-se que encontrou uma placa de latão onde havia uma inscrição [...] para a gente da cidade de Îlyâ’ o material mencionado, os homens , carros e máquinas de que se serviram na construção. Li em alguns documen-tos que um homem entrou em Mérida, na mesma altura da entrada de ‘Abd al-Rahmân ibn Mu‘âwiya - Deus esteja satisfeito com ambos - para ver as suas maravi-lhas. E o que de extraordinário contou sobre os seus monumentos, foi: entrei na igreja que havia na cidade, e encontrei nela um ermitão, o qual deu comigo algu-mas voltas pelos vários recantos da mesma, e chegámos ao lugar da cruz. Quando lá chegámos, o ermitão disse: Contou-me um ermitão, que eu aqui encontrei, e que tinha cento e vinte anos, que ele aqui alcançara um ou-tro ermitão, no mes-mo lugar e com a mesma idade; prosseguiu contando que encontrou sobre esta cruz uma pedra, e indicou a parte mais alta da igreja, que ilumi-nava este lugar com a sua luz. Levaram-na os árabes da primeira vez que aqui entraram, e daí retiraram uma jarrita de aljôfar. Recordou que essa jarrita era a que Sulaymân ibn ‘Abd al-Malik tinha depositado na Mes-quita de Damasco. Fo-ra encontrada em Jerusalém, aquando do ataque de Nabucodonosor. Tinha estado presente no comando das tropas	RU
		tanbien	Ishbân,	HM
		el rrei d’Espana	rei de al-Andalus, e ela [a jarrita] tocara-lhe de entre o botim.	RU
		e ovieron en su quiñon muchas e buenas [...] sin estos”.	O seu lote do botim compreendia os objectos precio-sos trazidos para Mérida, e outros.	HM

E aconteceu durante a conquista de al-Andalus o serem encontradas na igrejas de Mérida o que lhes tocara do botim de Jerusalém, quando do ataque de Nabucodonosor a Jerusalém. E quem o trouxera fora Ishbân, rei de al-Andalus, com o seu exército, tendo-lhe tocado aquelas coisa e outras na sua parte **HM**; Também foi encontrada a jarrita de aljôfar, que, Sulaymân ibn ‘Abd al-Malik colocara, mais tarde na Mesquita de Damasco e que fora parte do botim conseguido em Jerusalém, quando da algara de Nabucodonosor. Estava à frente das tropas deste Bazyân, rei de al-Andalus, e a ele tocaram aquelas coisa na sua parte **SB**.

		13 E la çibdad de Merida yaze sobre el rrio de Odiana,	13 [Mérida] está sobranceira ao rio Guadiana.	DK
		e sobre el rrio de Odiana yaze la çibdad de Badajoz, qu’es muy buena çibdad e muy grande e de buena gente e muy sotil. En su termino yaze Losdenia [Alus (> <i>Elvas</i> ?), Denya (> <i>Terena</i> ?),] e Coria.	A sua cora pertence Badajoz, que é uma cidade grande, populosa, de gente trabalhadora, e com um território muito fértil. Tem numerosos distritos. À cora de Mérida pertence Trujillo [...] <i>Elvas</i> , <i>Terena</i> (*) [e] a cidade de Cória, que tem quatro castelos e três dis-tritos.	IG

Badajoz - cidade grande [...] das dependências fiscais de Mérida [...] tem um vasto termo **YQ**. [A partir do texto da *C1344*, propomos que se identifique ‘Alus’ como ‘Elvas’, por apresentar uma grafia próxima da de ‘Âlriš’, com que YQ identifica Elvas, por via de uma má leitura de ‘Âlbaš’ em ‘Âlriš’ (cf. *Mu‘jam al-buldân*, I, 56). Relativamente a ‘Denya’, uma vez que a grafia árabe de ‘Dânya > Denya’ é próxima da de ‘Talanna > Terena’, fazemos a proposta de Terena. Sobre ‘Talanna > Terena’, ver David Lopes, *AOAH*, III, 228-9; e idem, *NATP*, p. 123]

BEJA

		El termino de Merida parte por el termino de Beja.	Limita com a cora de Mérida.	IG
--	--	--	------------------------------	-----------

Limita com as dependências de Mérida **DK**; Confinha com a província de Mérida **MQ**.

		2 E Beja yaze ante el poniente e oriente de Merida,	2 Está a ocidente de Córdoba,	RU
--	--	---	-------------------------------	-----------

Está a ocidente de Córdoba **SB**; (**SB** =) **DK**

		3 vn poco contra el meridiem e al poniente de Cordova es Beja.	3 metendo um pouco para norte.	DK
		4 E es vna de las antiguas çibdades que ha en España, que fue fecha en tienpo de Jullo Çesar en que avia nonbre Jes. E Jullo fue el primo que començo en se tienpo a dar e partir las tierras.	4 É das mais antigas cidades de al-Andalus. Fundada nos dias de Júlio, conhecido como César, o primeiro dos Césares. E o que começou a medir e a repartir a terra.	RU

É das mais antigas cidades de al-Andalus. Foi construída nos dias de César, o primeiro dos Césares, e que foi o que começou a medir e a repartir a terra **IS**; É das mais antigas cidades de al-Andalus **SB**.

		5 E Beja es muy buena tierra e de muy buena sementera e de muy buena criança e de muy buena tierra de colmenas, e ay flores muy buenas e muy provechosas para las auejas. Que agua de buena natura e de ser buena de cortimentos de cueros.	5 Os seus terrenos são de lavoura, e para a ganadaria. As suas flores são boas para as abelhas, abundando, por isso, o mel. A sua água tem a particularidade de curtir as peles, não havendo curtimento comparável.	IG
--	--	---	---	-----------

Os terrenos de Beja são de lavoura, e de ganadaria **RU**; (**RU** =) **SB**; Os seus terrenos são de lavoura, e de ganadaria. As suas flores são boas para as abelhas, abundando, por isso, o mel. A sua água tem a particularidade de curtir as peles, não havendo curtimento comparável **IS**; é muito fértil, muito frutífera, tem agricultura, ganadaria e frutos. Tem um excelente mel **DK**; É especial no curtimento de peles e na produção de linho **MQ**.

		6 E ha en ella muchas e buenas rruas e muy anchas.	6 Possui banhos, amplas ruas, mercados e mesquitas em grande número.	DK
--	--	--	--	-----------

[A partir do testemunho árabe de **DK** poder-se-á reconstruir de forma mais completa a passagem paralela da C1344, que aparenta sinais de aplogias: {E ha en ella muytas **mesquitas e mercados, e banhos** e boas ruas e muy anchas}. Sobre esta passagem, e suas problemáticas v. A. REI, *Memória de Espaços...*, Anexo II - "Diferentes cópias da CMR original"]

		7 E Beja yaze en tierra llana, e a en su termino villas e castillos,	7 O seu espaço é vasto, e tem cidades, fortalezas e distritos.	IG
		8 de los quales vna es Mertola, que es el mas fuerte castillo que ha en su termino. E Mertola yaze sobre el rrio de Odiana, e muy antiguo castillo,	8 O castelo de Mértola, o mais inacessível dos castelos do ocidente e o melhor defendido, é de construção antiga, está sobre o rio Guadiana,	YQ

Castelo de Mértola - um dos castelos de Beja, é uma fortaleza poderosa (s.v. *Mârtula*) **IS**; está sobre o rio Guadiana (s.v. *Mârtula*) **HM**;

		9 e ay ha edefiçios viejos.	9 e existem lá vestígios antigos;	HM
		10 E el otro es vn castillo que llaman Aroche,	10 e Aroche.	IG

Arūn **YQ** (s.v. *Arūn*, onde um *šin* pouco claro foi lido como *nūn*).

		11 e el otro castillo es Trique, e el otro es vn castillo que llaman Totatrique.	11	
--	--	--	----	--

[Possível interpolação, pois é passagem desconhecida nas fontes árabes]

		12 E en su termino yaze vna villa a que los antiguos llamavan Abris, que agora llaman Heuora, con todos sus terminos.	12 E Évora, cidade antiga, pertencendo à cora de Beja.	HM
--	--	---	--	-----------

Évora - cidade do oeste de al-Andalus (s.v. *Yâbura*) **YQ**; Évora - cidade antiga, pertencendo à cora de Beja (s.v. *Yâbura*) **HM**.

		13 E el termino de Beja parte por el mar e por çima de todo el Algarve.	13	
--	--	---	----	--

[Interpolação que talvez tenha sido redigida entre 1263 e 1267, quando João Peres de Aboim e seu filho Pero Eanes de Portel desempenharam a função de 'tenentes' do Algarve, durante a 'crise algarvia' entre Afonso III de Portugal e Afonso X de Leão e Castela; ou, então, mais tarde, 'em memória' daquele período e cargo altamente prestigiante. V. A.REI, *Memória de Espaços...*, Cap. 4. e Anexo I; IDEM, "O Livro de Rasis e a memória da Casa Senhorial dos Aboim-Portel", *Callipole* n.º 13, pp. 17-29]

		14 E en Totarrique ha manera de muy buena plata e muy blanca e los pobladores la tienen encobierta e se ayudan della.	14 Em Totalga há uma mina de prata.	YQ
--	--	---	-------------------------------------	-----------

Nela existe uma mina de prata **DK**; (**DK** =) **MQ**.

		15 E de Bieja a Cordova ha trezientas millas.	15	
--	--	---	----	--

[A passagem árabe mais próxima à da *CI344* é: {A distância entre Beja e Mérida, para o cavaleiro, é de três dias}, em **IG**.]

COIMBRA

NOTA PRÉVIA: a identificação, nesta notícia, de **ID**, como **ID1** e **ID2**, refere as duas notícias que o autor produziu sobre Coimbra na *Nuzhat*.

		Parte el termino de Coynbra con el de Santaren.		
		E la çibdat de Coynbra es muy fuerte e es castillo muy alto e muy noble; yaze sobre el rrio que ha nonbre Mudel e este rrio nasce en la çierra del Estrella	A cidade de Coimbra situa-se sobre um monte circular, tendo uma muralha inexpugnável e três portas. É o extremo da inexpugnabilidade. É sobranceira ao rio Mondego, que corre para oeste dela	ID1
		e yaze sobre muchos castillos e muy buenos e muy fuertes que obedecen a Coynbra.	Tem amplos distritos que abarcam mais de duas mil aldeias e um número de setenta castelos	DK
		E este rrio entra en la mar a veynte e quatro migeros de Coynbra, e es rrio de muchos pescados e de muchas naturas.	Entre Coimbra e o mar, em direcção ao oeste, são doze milhas.	ID2

(**ID2**=) **HM**;

		E la çibdat de Coynbra es muy buena e muy abundada de	Ela tem moinhos e muitos vinhedos junto ao rio; tem hortas e muitas	ID1
--	--	---	---	------------

		todos los bienes; et ha vna bega de sementera rribera del rrio que non ha tan buena en toda España, que rregantia non sea.	plantações contíguas	
		E quando el rrio sale de madre cubrela toda e, despues que se torna, fazen su sementera en manera que han tanto pan que han conplimiento para todo el año e para otro, que seran dos, maguer non le venga de otra parte. E esta vega ha en luengo quinze migeros e en ancho quatro.		
		E la çibdat de Coynbra es muy viçiosa e de muchas huertas e de muchos frutales de muchas guisas, e los mas son oliuares e dan el mejor azeyte que ha en el mundo.	Tem muitos vinhedos e frutas, entre as quais as maçãs e as cerejas, e fontes	ID2

Produz nozes, amêndoas, uvas e figos **DK**;

		E la çibdat de Coynbra es muy antiguo logar.	É uma cidade muito antiga.	DK
		E a della a Santaren ha setenta migeros.	Entre Coimbra e Santarém, em direcção a sul, três jornadas.	ID2

(ID2=) HM;

EGITÂNIA

		Parte el termino de Exitan con el de Coynbra. E yaze al leuante de Coynbra e al poniente de Cordoua. E Exitania es muy antigua çibdat e yaze sobre el rrio de Tajo, e es vn lugar muy fuerte e muy bueno de pan, e es de viñas e de caça e de pescado; e es tierra muy deleytosa. E ha en su termino muchos castillos e muy fuertes e muy sanos para la vida de los omnes, de los quales es el uno Montesanto, que es muy fuerte a marauilla; e el otro es Arraches; e el otro es Maluan, que yaze en somo de vna peña muy alta e muy fuerte;		
		e el otro es Alcantara, que es muy buena villa. E esta Alcantara tiene vna puente sobre el rrio de Tajo que nunca omne oyo fablar de otra tal puente nin ome que vos lo pudiese contar si visto non la oviese.	O rio Tejo, sobre o qual existe a ponte [Alcântara] que torna impossível ser descrita	MQ
		E es muy buena tierra de crianças e de casa e de montes e de colmenares. E de Exitania a Cordoua a trezientos e ochenta migeros.		

Entre as povoações que pertenceram à província da Egitânia (Idanha-a-Velha), temos *Monsanto*, no actual distrito de Castelo Branco; *Arronches* e *Marvão* ou *Montalvão* (< Maluan), que são, em qualquer dos casos do segundo topónimo, no actual distrito de Portalegre.

SANTARÉM

		Parte el termino de Beja com el termino de Santa Aren.	Limita com os alfozes da cora de Beja.	IG
--	--	--	--	-----------

É uma cidade cujas dependências fiscais confinam com as dependências de Beja **YQ**; Santarém é limitada pela cora de Beja **RU**; cidade de al-Andalus perto de Beja, no litoral **QZ**; (**RU** =) **HM**;

		E Santa Aren yaze a poniente de Beja e al poniente de Córdoba,	No oeste de al-Andalus a ocidente de Córdoba.	YQ
--	--	--	---	-----------

A oeste de Beja **IS**.

		e yaze sobre el rrio de Tejo	Ergue-se sobre o rio Tejo,	IG
--	--	------------------------------	----------------------------	-----------

É sobranceira ao rio Tejo **YQ**; Está edificada sobranceira ao rio Tejo **RU**; (**RU**=) **IS**; (**RU**=) **QZ**.

		cerca do se parte el mar.	perto da sua desembocadura no mar.	YQ
--	--	---------------------------	------------------------------------	-----------

Perto da sua desembocadura no mar **RU** ; (**RU** =) **IS**.

		En el termino de Santa Aren e ay ha muy buenas bondades e muy sabrosa tierra.	Os seus terrenos são generosos,	RU
		E quanto es en el llano e non la labraran nenguno dos vezes en el año si non quisiere, tanto es de buena tierra de natura.	o extremo da generosidade e da excelência.	IS

A sua terra é excelente **YQ** (s.v. *Saqḷab*) ; A sua terra é o cúmulo da generosidade **QZ**.

		E quando auiene Tejo e sal por la tierra que la cobre toda, e pues qu'el rrio deçende, fazen sus sementeras muy apriesa. E tanto finca la tierra en buena manera que llega el pan con los primeros.	O seu rio inunda as suas terras, como o Nilo no Egip-to. Os seus habitantes, após as inundações, semeiam no depósito das cheias, quando as sementeiras já termina-ram nas outros sítios. E nem por isso desmerecem da bondade das outras, não se atrasando nem na formação nem na maturidade.	HM
--	--	---	---	-----------

Rio que transborda pelas suas lezírias como transborda o Nilo, no Egipto. A sua gente semeia após as inundações nos locais das enchentes, mesmo depois de passado o tempo da sementeira noutras regiões, amadurecendo aí o cultivo rapidamente **QZ**; tem cheias como as do Nilo, e é com elas que se fazem as lavouras **DK**.

		E el castillo de Santa Aren yaze en vn monte muy grande	Esta cidade tem imponente muralha e	DK
		e muy alto e muy fuerte	torre extremamente elevada e inexpugnável,	IG

É inexpugnável **YQ**.

		e non ha lugar por do se pueda combatir sinon a muy gran peligro.	não podendo ser tomada pela força.	DK
--	--	---	------------------------------------	-----------

		E puede el onbre yr de Santa Aren a Beja en quatro dias por los montes, que ay çiento e diez millas.	Entre ela e Córdova são quinze dias, e entre ela e Beja são quatro dias	YQ
--	--	--	---	-----------

LISBOA

		1 El termino de Santa Aren parte con el de Lixbona.	1 Confina com os alfozes de Santarém.	IG
--	--	---	---------------------------------------	-----------

É uma cidade de al-Andalus cujo termo confina com o de Santarém **YQ**; A província de Lisboa confina com Santarém **MQ**.

		2 E Lixbona yaze al oriente de Beja	2 Situada a ocidente de Beja	IS
--	--	-------------------------------------	------------------------------	-----------

A ocidente de Beja **IS**; próxima de Beja **QZ**; está a ocidente de Beja **BK**; (**BK**=) **HM**.

		3 e al oriente de Cordova.	3 e a ocidente de Córdova.	YQ
--	--	----------------------------	----------------------------	-----------

Situada a oeste de Córdova **QZ**.

		E el termino de Lixbona es conplida de muchos bienes, ca hay ha muy sabrosas frutas. E junta en si las bondades del mar e de la tierra. E en todo tienpo en su termino crian muy buenos açores	Tem uma qualidade evidente na excelência dos seus frutos, e nas possibilidades de que dispõe para a caça e para a pesca. Os seus falcões	IG
		5 Que ay toman e de çahara	5 montêses	IS

Nas suas montanhas há falcões... **YQ**; Tem fama na bondade dos seus produtos agrícolas e nas potencialidades para a caça e a pesca. Os seus falcões... **IS**; é generosa, havendo nela vários tipos de produtos agrícolas e muita variedade na caça e na pesca No seu território há montanhas onde se encontram ninhos de falcões... **QZ**; Nela há muitos víveres, amplos proveitos ao ter campos de lavoura, plantações agrícolas e frondosos arvoredos [...] tem muitos produtos agrícolas e boa fruta e há variedade na caça e na pesca. Nela há também falcões... **DK**.

		6 vsan mais caça e son mejores que los otros	6 são os melhores falcões	IG
		7 e son muy fermosos.	7 e os mais velozes e capazes de todos.	IS

... genuínos **YQ**; ...dos mais genuínos , que não se encontram fora desta região **QZ**; ...excelentes para a caça **DK**.

		8 E a y mucha miel	8 Nos seus montes há colmeias de mel	IG
--	--	--------------------	--------------------------------------	-----------

E nos seus montes há colmeias de abelhas **IS**; Lá existe mel **MQ**.

		9 e muy buena	9 Produzindo o melhor mel de todo o al-Andalus, que se conhece como “al-ladarni”.	YQ
--	--	---------------	---	-----------

O seu mel é superior a qualquer outro mel de al-Andalus **QZ**; e lá produz-se um mel magnífico...**DK**.

		10 e es tan blanca que non semeja sinon açúcar e es granada e sabe mejor quel açúcar	10 O mel é de um branco puro, assemelhando-se ao açúcar no sabor,	IG
--	--	--	---	-----------

Parece-se com o açúcar... **YQ**; (**YQ** =) **QZ**; O mel é de um branco puro, tal como o açúcar... **IS**; ... como o açúcar **DK**; assemelha-se ao açúcar **MQ**;

		11 E tanto es bueno para en la tierra que por do lo posiesen en el paño del lino non fincaria mançillado nin faria ay señal,	11 e quando envolvido num pano, não o mancha	QZ
--	--	--	--	-----------

...pele que embrulhado em pano, não chega a manchá-lo **YQ**; ...é embrulhado em pano ... **IS**; que se pode transportar [...] em tecido ou em papel **DK**; coloca-se em saco de linho **MQ**.

		12 tanto commo si fuese piedra.	12 por não haver nele humidade.	IS
--	--	---------------------------------	---------------------------------	-----------

...sem que escorra **DK**; pois não tem humidade **MQ**.

		13 Ca la çibdad de {Lixbona} yaze sobre el rrio de Tejo, çerca donde entra en el mar.	13 A cidade está sobranceira ao rio Tejo, sendo o mar perto dela.	YQ
--	--	---	---	-----------

Situada à beira-mar, quebrando-se as suas ondas na sua muralha **BK**; (**BK** =) **HM**; está a norte do rio chamado Tejo [...] está nas proximidades do Mar Tenebroso **ID**; está à beira-mar, rebentando as ondas no pano das suas muralhas **QZ**; assoma-se ao grande Mar Envolvente, e está no final do rio conhecido como rio Tejo **DK**.

		14 E Lixbona ha villas de su señorio, de las quales la vna es Almadana e la otra es El Sumo e la otra es Sintrar. En Almadana ha vn venero de oro fino.	14 Tem uma jazida abundante em palhetas de ouro puro. Entre as suas cidades estão Sintra e Monte Sião.	IG
--	--	---	--	-----------

O ouro[...] recolhe-se nas margens fluviais de Lisboa **BK**; O mar alteroso atira para a margem pepitas de ouro puro **ID**; No seu solo há jazidas de ouro puro. Sintra - cidade do termo de Lisboa (s.v. *Šantara*) ; Monte Sião - cidade do termo de Lisboa (s.v. *Munt Ušyūn*) **YQ**; Tem jazidas de ouro puro. Sintra, no Reino de Lisboa (s.v. *Madina Šantara*) **IS**; Sintra – cidade [...] nas proximidades de Lisboa (s.v. *Šintara*) **QZ**; O mar atira pepitas de ouro puro para a margem. Sintra - das cidades de Lisboa (s.v. *Šintara*) **HM**; nas proximidades de Lisboa está a península de *Tūzīra*, onde há uma mina de ouro **DK**.

		15 E entre Almadana e Lixbona ay vn braço de mar que entra en Tejo. En el partimiento de Beja e de Lixbona ha vnos montes ha que dizen montes de los fijos de Benamoçer e llamanle los moradores la Rrabida.	15 A sua largura [do rio] diante da cidade é de seis milhas, e a maré faz-se aí sentir muito.	ID
		16 E como va la rribera de Lixbona fasta ençima del Algarve e pueden fallar muy buen alanbar e mejor que todos los otros e non semeja al de India, antes es de otra guisa fecho.	16 Recolhe-se na costa de Lisboa muito âmbar raro e de superior qualidade. Sobrepõe-se a todos os outros âmbares, não se lhe assemelhando senão o âmbar da Índia.	IG

Encontra-se no seu litoral um âmbar excelente **YQ**; (**YQ** =) **QZ**; [Sobre a referência ao âmbar em **IG** e **YQ**, nas notícias sobre Lisboa e Ocsónoba, v. infra *Ocsónoba*]. Encontra-se nas suas costas o âmbar que só se assemelha ao *šihri* [sobre *Šihri*, v. *E.l.2*] **MQ**.

		17 E de Santa Aren a Lixbona ay doze milhas.	17	
--	--	--	----	--

[Não se encontra uniformidade nos textos árabes para as distâncias entre Lisboa e Santarém, por vezes nem no mesmo autor. Acresce ainda que, nalguns casos, os valores são relativos a distâncias fluviais, e noutras a distâncias por terra. Entre as fontes aqui utilizadas encontramos apenas em **ID**: 'da cidade de Lisboa, rio acima para oriente, até à cidade de Santarém, oitenta milhas', bastante diferente das 'quarenta e duas' na C1344, ed.CINTRA].

OCSONOBA

		El temino de Lixbona parte por el termino de Yxugan.	1 Confina com os alfozes de Lisboa.	IG
--	--	--	-------------------------------------	-----------

Cujas dependências ligam com as dependências de Lisboa **YQ**; Ocsónoba confina com a província de Lisboa **MQ**.

		E Yxugan yaze al sol levante de Lixbona e al poniente de Córdoba;	2 Está a oeste de Córdoba.	YQ
		e yaze en muy buena tierra e muy llana e de muchos buenos arboles e de muy buena sementera. E en su termino ha muy buenas montañas a do podrian traer muchos ganados. E es tierra de muy buenas aguas corrientias e es muy buena tierra de caça e de monte e de rribera.	Tem uma extensa planura. Abunda em bens, em toda a classe de árvores de fruto e em cereais de excelente qualidade. É muito próspera. As suas montanhas encerram pastos abundantes. Tem muitos rios e fontes, e nela a caça e a pesca são abundantes.	IG

Nesta cidade há amplas planícies e extensas várzeas; ali se eleva uma grande montanha, rica em pastos e abundante em água (s.v. *Silb*) **QZ**; tem extensas planícies e amplos vales e uma montanha enorme onde abundam as pastagens e as águas correntes (s.v. *Silb*) **HM**.

		E ha por vezino el mar commo se estiende.		
--	--	---	--	--

[Passagem desconhecida das fontes árabes].

		E a y muy buenas ynsolas e muy de sabor en que pueden aportar las barcas. E a y muy buenas vertas rregadias e de muy buenas fuentes e muy claras. E en su termino ha muchos pinales.	5 Tem ilhas fluviais, e prados que nos fazem crer serem hortas floridas; águas fluindo de fontes que as deitam transparentes, junto às quais há maciços de pinheiros e nogueiras que dão muita sombra.	DK
		E este es vno de los mejores e tamaños que en el mundo. E en la rribera de Yxugan ha ... a* labor.	6 É uma das mais belas regiões pelos seus lugares de recreio. No seu litoral encontra-se âmbar	IG

[Comparem-se as passagens de IG e YQ relativas ao âmbar, e os seus paralelismos cruzados:

(IG - Lisboa) Recolhe-se na costa de Lisboa muito âmbar raro e de superior qualidade. Sobrepõe-se a todos os outros âmbar-res, não se lhe assemelhando senão ao âmbar da Índia.	(YQ - Ocsónoba) No seu litoral encontra-se um âmbar superior, que nada deve ao da Índia.
(IG - Ocsónoba) Encontra-se no seu litoral âmbar [muy bom < <i>apud</i> C1344,ed.CINTRA]	(YQ - Lisboa) Encontra-se no seu litoral um âmbar excelente.

Deve ter existido um engano na redacção, sendo trocadas ambas as passagens. * a *labor* – é a cópia incorrecta de 'alambar'].

		muy buena	superior.	YQ
		E so el su señorío ha villas e castillos,	Tem cidades e castelos	MQ

		de los cuales el vno es Silve, qu'es mejor villa del Algarve. E Silve yaze sobre el braço que sale de la mar.	Entre as suas cidades está Silves, a qual é a metrópole do Ocidente [...]. A sua edificação está sobre um rio onde se fazem sentir as marés.	IG
--	--	---	--	-----------

Silves - [...] é a sede da região administrativa de Ocsónoba (s.v. *Šilb*) **YQ** [Ainda sobre esta passagem e suas problemáticas, v. A. REI, *Memória de Espaços...*, Anexo I]; A sua construção ergue-se sobre um rio onde se fazem sentir as marés do Mar Circundante **IS**; Está edificada nas margens do rio Guadiana (sic) [Arade], que é um rio por onde sobe a maré do Mar Circundante (s.v. *Šilb*) **DK**; A sede do seu poder e sua capital é Silves **MQ**.

NIEBLA

		Parte el termino de Yxubam con el termino de Niebla.	Limita com os alfozes de Ocsónoba.	IG
--	--	--	------------------------------------	-----------

Niebla -[...] limita as suas dependências com as de Ocsónoba **YQ**.

		E Niebla yaze al sol levante de Yxubam e al poniente de Cordoua.	Está a leste de Ocsónoba e a oeste de Córdoba.	YQ
--	--	--	--	-----------

Está a oeste de Córdoba e a leste de Silves **DK**.

		E Niebla yaze en buena tierra e de todas las partes van a ella los onbres por mar e por tierra. E su termino es muy bueno de crianças e de labores e de muchos arboles e muy buenos e do y mas son olivares e es tierra de muchas viñas.	É das melhores regiões. Reúne todo o tipo de benefícios, sendo presenteada por vários géneros de excelências. Não carece de nada: junta a terra e o mar, a agricultura e a ganadaria, os cavalos e a criação animal; vários tipos de frutos e abunda de azeitona e uva.	IG
--	--	--	---	-----------

É terrestre e marítima, abundante de benesses, de frutos de agricultura e de arvoredos **YQ**; Reúne todo o tipo de benefícios, sendo presenteada por vários géneros de excelências. Não se aparta dela nenhuma comodidade: junta a terra e o mar, a agricultura e a ganadaria, as abelhas e a criação animal; vários tipos de frutos e abunda de azeitona e uva **IS**; Tem inúmeras benções. Derrama-se em excelências e são muitas as suas facilidades [...]. No seu solo reúnem-se todas as bondades, que criam afecto no ser humano e animam quem nela vive aproveitando-se de todos os seus benefícios, apaziguado pela excelência das suas benesses. Tem pesca e caça nas suas imediações. Uma especialidade nunca vista são as suas uvas **UD**; abundante em coisas boas, desbordante de bens **QZ**; A cora de Niebla reúne todos os benefícios; a cora de Niebla abunda em azeitona, arvoredos e muitos tipos de frutos; nela há um carmesim excelente **HM**; possui abundante azeitona, frutos, árvores e aves; detém uma ampla dependência, reunindo todo o tipo de bens: ganadaria, agricultura, palmeiras e criação animal [...] possui abundantes benções e exuberantes bens, a captura de aves, animais selvagens e peixe, e também vinhedos nunca vistos **DK**.

		E a y mucho alcanfor	4 A sua terra é pródiga em cártamo	IS
		qu'es muy bueno	5 excelente,	UD

A sua terra é pródiga em cártamo **IS**; o seu cártamo é excelente **UD**; dela se traz o excelente cártamo **QZ**; abunda nela o cártamo **HM**; o seu cártamo é muito bom **DK**.

		e tiene muy bien qual color quiere mermeja.	6 e destaca-se muito especialmente pelos seus curtumes vermelhos, excelentes e extraordinários.	IG
--	--	---	---	-----------

Destaca-se especialmente pelo primor dos seus curtumes tingidos de vermelho, de excelentes curtimento, lembrando os couros de Tâ'if **UD**; E as suas peles excedem todas as outras **YQ**; nela se produzem as excelentes peles as quais sugerem as de Tâ'if **QZ**; nela se prepara a curtimento de peles **DK**.

		E en su termino matan vn pexe que a nonbre alfarida, e este pexe non lo toman en otro lugar.	7	
--	--	--	---	--

[Passagem desconhecida das fontes árabes].

		E en su termino ha çibdades e villas e castillos, de los quales vno es la villa de Niebla, a que llaman la villa Mermeja, que es villa muy antigua, e a y hedeçiõs muy antiguos. E yaze sobre el rrio	8 Tem muitas cidades e fortalezas, entre elas Niebla, conhecida como “a Vermelha”. É uma cidade antiga, com vestígios de tempos primitivos. Está na margem de um rio	IG
		de Elaxer,	9 chamado <i>Lahšar</i>	UD

É conhecida a cidade de Niebla como ‘a Vermelha’. É de origem remota, antiga, tendo vestígios dos seus primeiros ocupantes. Situa-se junto ao rio conhecido como *Lahšar* **UD**; (**UD** =) **RU**; Niebla é conhecida como ‘a Vermelha’ **YQ**; Niebla é conhecida como ‘a Vermelha’, e tem muitos vestígios dos seus primeiros ocupantes **HM**; Niebla é uma cidade antiga [...] nela existem vestígios antigos. Por ela passa o rio *Lahšar* **QZ**; a cidade de Niebla é conhecida como ‘a Vermelha’, é antiga, muito antiga, com vestígios dos seus primeiros ocupantes **SB**; a cidade de Niebla, ‘a Vermelha’ [...] ergue-se na margem de um rio [...] [que] que leva o nome de *Nahšar* (sic) **DK**.

		que muchos le llaman rrio Tinto. E rrio Tinto	10	
--	--	---	----	--

[Interpolação posterior de origem romance].

		sale del monte de Araçena	11 cujo manancial brota dos montes de <i>Qatrashâna</i> .	UD
--	--	---------------------------	---	-----------

Cujo manancial brota dos montes de Qatrašâna **RU**; o seu rio vem desde a região da montanha **HM**; nasce de três fontes [...], na montanha de Qataršâna **DK**.

		e naçen ay tres fuentes de que se faze el rrio. E vna de las fuentes ha nonbre	12 Tem três fontes, uma delas, ‘ <i>Ayn</i>	IG
		Laxer	13 <i>Lahshar</i> ,	UD
		e esta echa mas agua e mas duçe que ninguna de las otras. E la segunda fuente nasce mucho humo e toda el agua es ahumada. E la tercera fuente nasce mucho azije e por esto se cambian las aguas e no saben bien. E la otra es vna villa pequeña e desfizieronla los antiguos. E la otra es vna villa que llaman Gibrleon.	14 é de água doce, e muito boa; a segunda larga alúmen, e a terceira, sulfato de ferro. Tem as cidades de Querquena e Gibrleón.	IG

Onde há três fontes: uma delas é a fonte de *Lahšar*, a mais abundante em água, a segunda fonte emana alúmen e a terceira emana sulfato de ferro **UD**; onde há três fontes: uma delas é a fonte de Lahshar, a fonte principal e mais abundante em água, a segunda fonte emana alúmen e a terceira emana sulfato de ferro **RU**; nela há uma fonte que emana alúmen e uma outra fonte que derrama sulfato de ferro **IS**; [rio] que tem três fontes, uma delas é a fonte de *Lahšar*, a mais abundante em água e a mais doce, a segunda é a fonte do alúmen, pois emana alúmen; e a terceira é a fonte do sulfato de ferro, pois emana sulfato de ferro **QZ**; nela há três fontes, a primeira das quais é a fonte de *Tahšar* (sic), a mais abundante delas, a segunda é uma fonte que emana alúmen e a terceira é uma fonte que emana sulfato de ferro **HM**; nela existem três fontes **SB**; [rio] cujas águas brotam de três fontes: uma donde emana alúmen, de uma outra sulfato de ferro, e da terceira água doce **DK**.

		E Gibrleon yaze sobre el rrio d’Alcanatil. E sobr’ este rrio d’Alcanatil ha fundamentos de puentes antiguas e por esto le llaman Alcanatil e otrosy le llaman muchos el rrio de la Sal.	15 Esta está edificada sobre o rio chamado d’«as Pon-tes», no qual há vestígios de pontes antigas, de que restam sinais evidentes; é conhecido também por ‘rio do sal’.	UD
--	--	---	---	-----------

Entre as suas cidades está a cidade de Gibrleón **UD**; (**UD** =) **HM**.

		E Gibrleon yaze entre Beja e Oxugan de Badajos, tanto ha de la vna commo de la otra. E del rio de Gibrleon a Cordova ha çiento e çinquenta millas e otro tanto ha de ay a Beja e otro tanto a Badajoz.	16 Niebla está no meio das cidades do ocidente. A cora de Niebla tem oito distritos.	IG
--	--	--	--	-----------

Detém [sob a sua dependência] cidades **YQ**; dela dependem mais de mil aldeias **DK**.

SEVILHA

		Parte el termino de Niebla con el termino de Sevilla.	O seu território limita com o de Niebla.	YQ
		E Sevilla yaze al sol levante de Niebla e al poniente de Cordova. E Sevilla fue vna de las camaras que los rreies christianos escogieron en España para si. E Sevilla yaze sobre el rrio de Guadalquivir çerca de donde entra en la mar. E Alquevir ha en si naturas de muchos bienes. E el termino de Sevilla es abondado de mucho bien e ha vn lugar senbrado de olivares que haze el termino muy fermoso. E este Axarafee en todo tienpo esta verde e fermoso. E este Axarafee es tanto en ancho commo en luengo e da muy buen azeite e muy fermoso.	Sevilha encontra-se a leste da cora de Niebla e a oeste de Córdoba. Foi uma das capitais que os reis não-árabes escolheram como sede do reino. Situa-se sobre o Rio Grande, perto do mar. Distingue-se por todas as particularidades e excede todas as qualidades. As partes mais altas da cidade, dão para o monte de Axarafe, a região mais fértil e rica, plantada de olivais sempre verdes, que se sucedem sem interrupção. São fora do comum na sua produção de azeite, o qual não altera o seu estado, nem se torna ácido. O Axarafe tem uma extensão de várias parasangas, tanto de comprimento como de largura. O seu azeite é famoso pela sua finura e doçura,	IG

Está a ocidente de Córdoba. É uma das capitais que foi escolhida, em tempos, como sede do reino. Está sobre o rio Grande, o rio de Córdoba, e perto do mar. Destaca-se por todas as excelências e é o cúmulo da elegância. Os seus edifícios públicos estão em lugar destacado, sobressaindo as suas importantes fortificações. O monte de Axarafe é o mais nobre dos terrenos, de toda a terra, e o mais generoso solo produtivo. Plantado de olivais de perene verdor é abençoado com o produto deles, que não altera o seu estado, nem se torna ácido. Abarca, no terreno, em comprimento e em largura, parasangas sobre parasangas **UD**; dantes, os reis não-árabes repartiam a sua residência por quatro cidades de al-Andalus: Sevilha, Mérida, Toledo e Córdoba, dividindo a sua permanência entre elas [...] a cidade de Sevilha situa-se junto ao rio dominam Sevilha as colinas do Axarafe, uma veiga esplêndida, de terra generosa e de constante verdor, parasangas e parasangas em comprimento e em largura **BK**; (**BK** =) **HM**; a ocidente dela situa-se o Axarafe, a mais nobre das veigas e o mais generoso dos terrenos. É um vasto espaço, rico pela abundância de recursos **RU**; (**RU** =) **SB**; Sevilha está edificada nas margens do Rio Grande, o de Córdoba **ID**; Situa-se a oeste de Córdoba Foi capital do reino cristão e nele estava o seu magnífico trono [...] Esta situada nas margens de um grande rio [...] chamado Rio Grande [...] [e] está próxima do mar é sobranceira sobre o rio que lhe vem desde Córdoba [...] o qual é um rio grande Desde ela vê-se o monte Axarafe, com muitas árvores, oliveiras e de fruto **YQ**; está perto de Niebla distingue-se entre as outras regiões de al-Andalus por possuir todo o tipo de bens, e por ser superior a elas pela excelencia dos seus ares, pela doçura da sua água e pela integridade dos seus terrenos nela há oliveiras verdes que permanecem largo período sem se alterarem e sem se corromperem, estendendo-se por parasangas e parasangas, em comprimento e em largura **QZ**; a três dias de Córdoba, de que a separam oitenta milhas dominam Sevilha as colinas do Axarafe, uma veiga esplêndida, de terra generosa e de constante verdor, parasangas e parasangas em comprimento e em largura [...] o azeite que produzem é de qualidade superior **HM**; está a oeste de Córdoba e a leste de Niebla é uma das quatro capitais eleitas pelos reis antigos [...] está na margem do Rio Grande [...] próxima ao Mar Envolve [...] de alto nível e fama assoma-se ao rio, possui todas as virtudes e caracteriza-se pelas suas formosas peculiaridades, de tal modo que é impossível descrevê-la adequadamente por palavras domina-a o monte de Axarafe, o mais nobre dos terrenos de al-Andalus, e o mais generoso solo. Plantado de olivais de perene verdor que prduzem grande quantidade de azeite, que se conserva durante muito tempo, nem se torna ácido. Abarca, no terreno, em comprimento e em largura, parasangas sobre parasangas. As qualidades do seu azeite são reconhecidas em todo o mundo **DK**; Os antigos reis dos cristãos assentavam a sua residência em quatro regiões de al-Andalus: Sevilha, Córdoba, Carmona e Toledo, e repartiam, estanciando nelas, o seu tempo [...] É cidade populosa sobre o rio Guadalquivir, conhecido como o rio de Córdoba [...] O Axarafe de Sevilha era o mais nobre dos territórios, de generoso solo, sempre verde, léguas e léguas em comprimento e em largura, e não podendo ser visto o sol pelo apertado das suas oliveiras [...] O azeite que mais abunda é o do Axarafe **MQ**.

		3 E llevanlo dende en barcas contra el sol levante;	sendo embarcado, por mar, até ao Oriente.	UD
--	--	---	---	-----------

O excedente de produção de cada lugar é recolhido e levado por mar até ao Oriente **UD**; Que é exportado para diversos países, por terra e por mar **ID**; (**ID** =) **HM**; exportando-se em navios, para Oriente e Ocidente [...] exporta-se para todo o al-Andalus, para o país dos Francos e para o Magrebe **DK**.

		e tanto es que, si lo non llevasen, non lo guadian nin darian por el nada. He tanto sabed que Sevilla non ha tan buen vezino como a si. E en su termino ha mucha miel e muy buena e muy muchos figos e muy buenos; e si fuesen secos, poderseyan tener muy gran tiempo e si non dañarseyan. E a y mucho algodón e muy bueno, e de alli lo llevan para muchas partes e llevandolo dende para tierra de Vltamar e ha de Promision. Todas las cosas que ay plantan e sienbran e todas van para bien e por esto es bien poblada; e por la tierra e per la mar alli viene tanto bien que es maravilha. E Sevilla es buena de pan e de criança e ha muchos arboles; e es buena de caça por mar e por tierra. E en su termino ha muy buenas marismas e lugares humidos e muy buenos prados que non se secan en ningun tienpo. E por eso los ganados dan ay mucha lege; e si todos los ganados de España ay veniesen, paçeran que les non fallesçerian. E ha y vna muy buena rribera que [...] muy buenas cañas de açúcar.	O seu sabor não muda, podendo conservar-se longo tempo; e isto deve-se à qualidade especial do seu solo. Do mesmo modo o seu mel conserva-se sem formar grumos e permanece inalterável, como no seu estado inicial. Também os seus figos, quando secos, conservam-se muito tempo. Entre as qualidades que a tornam única, está o seu solo, que produz um algodão extraordinário; e que se exporta a todos os lugares do mundo, abastecendo Qayrawān e outros países. Tudo o que ali se planta ou semeia, brota e cresce como em nenhum outro sítio. Isto é comprovado e evidencia a sua superioridade. Possui os benefícios do mar e da terra. Reúne as condições para a lavoura e a ganadaria, de todo o tipo de frutos, da pesca e da caça. Os seus prados não murcham nem se secam, e a sua forragem está sem-pre verde. Por isso é boa a criação dos seus animais, e o leite dos seus gados não falta. Se todos os gados das gentes de al-Andalus ali se reunissem, teriam de que pastar suficientemente. Nas suas zonas costeiras cultiva-se, com muito proveito, a cana-de-açúcar.	IG
--	--	--	--	-----------

O seu azeite conserva o brilho e a doçura durante anos Também o seu mel se conserva longamente sem ficar arenoso, e sem alterar as suas qualidades Também os frutos ecos das suas figueiras se conservam muito tempo algodão de muito boa qualidade cresce nos seus terrenos, sendo levado a quase todo o al-Andalus e também os mercadores o levam a Ifríqiya e à sua região Tudo o que se planta no seu solo e se deposita nos seus terrenos cresce e frutifica. E excede em méritos outros produtos, destacando-se evidentemente sobre eles pela sua superioridade [...] tem agricultura e ganadaria, abundância de frutos de todos os géneros e a caça e a pesca. Prados que não se secam no verão, mantendo-se sempre em bom estado, por isso a criação de éguas reprodutoras é excelente, pois têm leite abundante, pela bondade destes pastos. Tem costas onde se dá muito bem o cultivo da cana-de-açúcar **UD**; Superou os outros espaços agrícolas de al-Andalus no cultivo do algodão, que se levava a todo o al-Andalus e ao Magrebe **YQ**; mantendo o seu azeite, muitos anos, o seu paladar há também abundância em mel e em figos secos. A agricultura e a ganadaria, os abundantes frutos de todos os géneros e a caça e a pesca **QZ**; o algodão dá-se ali muito bem, produzindo para as necessidades de todo o al-Andalus, mas também os mercadores o levam a *Ifríqiya*, a Sijilmāssa e a países vizinhos tudo o que se planta nos terrenos de Sevilha, brota, cresce e ganha tamanho. Há numerosas ilhas situadas ao longo de ambas as margens e que a água envolve, a erva cresce aí e não se seca nunca, por causa da humidade e da ligeireza do terreno, e a criação animal prospera naquele sítio, havendo lá leite durante todo o ano a sul de Sevilha há uns jardins [...] plantados de canas-de-açúcar **HM**; este azeite fica muitos anos com a finura e a doçura originais, sem que se modifique o sabor, e o passar do tempo não deixa marca nele o mel do Axarafe, conserva-se longo tempo sem se tornar arenosa, alterar-se ou estragar-se e o mesmo com os seus figos secos, que duram muito tempo Sevilha produz muito algodão [...] algodão de grande qualidade e e extrema pureza, que os mercadores levam a *Ifríqiya* uma das qualidades de Sevilha é o seu solo, que a coloca por cima de todas as demais [...] nela se juntam o mar e a terra, a agricultura e a ganadaria, e nela abundam frutos de todos géneros e tipos; nela dá-se uma boa cana-de-açúcar **DK**; os seus figos e o azeite mantêm-se por longos períodos de tempo sem se estragarem [...] a cana-de-açúcar cresce no seu território **MQ**.

		5 E nos fallamos en los libros de Ercoles que Hercoles pusiera en Sevilla dos padrones muyto altos sobre tierra e so terra e, tanto que dende sacaron aquellos padrones, que luego la villa seria destroyda. E dizen los libros de adeuinanças que avn saldria fuego del Axarafe que quemaria la mas de la villa.	5	
--	--	--	---	--

[Interpolação posterior romance, pois é uma passagem desconhecida nas fontes árabes].

		6 E de Sevilla a Cordova ha sesenta millas.	6 De Sevilha a Córdoba, noventa milhas.	IG
--	--	---	---	-----------

A distância entre a cidade de Sevilha e Córdoba é de noventa milhas **UD**; Entre ambas as cidades [Sevilha e Córdoba] há trinta parasangas **YQ**; Entre ela e Córdoba [...] são oitenta milhas **HM**. [Aquela medida, ‘parasanga’ ou ‘farsakh’, equivale a três milhas [cf. J. Vallvé “Notas de Metrologia Hispano-Árabe - El Codo...”, AA XLI (76) p. 354. YQ corrobora assim os valores de IG e UD].

CARMONA

		Parte el termino de Sevilla con el termino de Carmona. E Carmona yaze al sol levante de Sevilla e al poniente de Cordova. E Carmona es villa muy vieja, qu'es poblada de antiguo tienpo, e era muy fermosa e muy fuerte e muy bien labrada el su muro; e ella es en si muy falaguera e de muy buenas casas.	Confina com o alfoz de Sevilla. Está a leste de Sevilha e a oeste de Córdoba. É uma cidade antiga, muito bem fortificada e defendida e é inexpugnável.	IG
--	--	---	--	-----------

Carmona está a leste de Sevilha e a oeste de Córdoba. É uma cidade antiga **RU** < **Kh**; **SB** (=); É grande e as suas muralhas podem comparar-se às de Sevilha [...] Situa-se numa elevação de terreno e é muito forte **ID**; Carmona é província que confina com a de Sevilha. Está a oeste de Córdoba e a leste de Sevilha. Foi construída em tempos remotos **YQ**; Carmona [...] é uma frotaleza magnífica, no aspecto da altitude e na inacessibilidade, não sendo possível de conquistar **IS**; Situa-se a leste de Sevilha [...] é cidade grande e antiga [...] é rodeada por uma muralha de pedra **HM**;

		E Carmona fue muy fuerte e muy defendida fasta que se alço en ella el abad de Jaen; entonçe vino sobrella Mirabomelin e destroyola por fuego. E desde entonçe nunca fue tan fuerte commo estonçe fuera, que fasta aquel tienpo nunca tantos vinieron que la nunca pudieron enpeçer por fuerça.	‘Abd al-Rahmān ibn Muhammad conquistou a cidade de Carmona em 305 [= 917 d.C.]	HM
--	--	--	--	-----------

Foi uma das províncias que não aceitou a autoridade de ‘Abd al-Rahmān ibn Muhammad al-Umawī. Atacou-a com os seus soldados, até que a conquistou e a destruiu, embora tenha voltado à sua condição anterior **YQ**;

		E en su termino es de los buenos que ha en España, que todas cosas que en el sienbran, todas creçe e todas van para bien.	Os campos em redor são extremamente férteis e produzem muito trigo e cevada	ID
--	--	---	---	-----------

É província famosa pela sua muita lavoura e pela excelência da mesma **IS**;

		E en su termino ha muy buenas villas e muy buenos castillos, de los quales el vno dellos es Marchena. E Marchena es muy buena villa e bien poblada de mucha gente. E la otra es vna villa que llaman Bardiz. E la otra es vna villa que llaman Tabubera. E la otra es vna villa que llaman Canelas.	Marchena é uma cidade dos distritos de Carmona * <i>Bardīs</i> é uma das cidades na dependência de Carmona ** <i>Tannūbura</i> é uma cidade dos distritos de Carmona ***	YQ
--	--	---	--	-----------

Tem nuerosas cidades, entre as quais a de Marchena, *Bardīs* e *Tannūbara* **IG**; * s.v. *Maršāna*; ** s.v. *Bardīs*; *** s.v. *Tannūbura* **YQ**;

		E de Canelas ha Cordova ha sesenta millas e a Sevilla veynte e çinco.	De Carmona a Córdoba são sessenta e cinco milhas.	IG
--	--	---	---	-----------

Está a sete parasangas de Sevilha e a vinte e duas de Córdoba **YQ**; Sevilha é a oeste de Carmona separando-as vinte milhas **HM**;

		E Carmona yaze sobre el aliçinteio que se comiença sobre la puerta e va fasta la puerta de Narbona. E de Carmona a Narbona ha mil millas. E el que salere de Carmona para Narbona, nunca salira de liçençe si quisiere.		
--	--	---	--	--

MORÓN

		El termino de Carmona parte con el termino de Moron. E Moron yaze al traves de oriente de Carmona e entre el oriente e el poniente de Carmona.	A província de Morón confina com os alfozes da província de Carmona, inclinada para a direcção sul. Está a sudoeste de Córdoba	SB
--	--	--	--	-----------

Confina com o alfoz de Carmona. Está a sudoeste de Córdoba **IG**; Morón é uma província cujo território confina com o de Carmona, e está situada a sudoeste de Córdoba **YQ**; A província de Morón confina com Carmona. Situa-se a noroeste de de Sidónia [...] e a sudoeste de Córdoba **HM**;

		E Moron ha termino en que ha muchos bienes e ha muchas olivas e muchas frutas. E en su termino ha muchos grandes llanos e muy buenos, e muy buenos montes altos e fuertes. E Moron yaze sobre muy buen llano. E en su termino ha castillos muy fuertes, de los quales el vno es Carphon, e es tan fuerte que vn onbre lo terna a ciento. E de Moron a Cordova ha sesenta millas.	O seu território possui muitos bens e foi agraciado com muitas dádivas. Tem muitos olivais, árvores de fruto e é abençoado tudo o que sai da sua terra. Tem uma extensa planície e montanhas elevadas e inacessíveis. A sua capital é <i>Qalb</i> , à qual muito poucos a podem proteger de muito, e um só a poderá defender de uma multidão. De Morón a Carmona são sessenta milhas.	IG
--	--	--	---	-----------

Em Morón abundam as oliveiras e as frutas. Dista vinte parasangas de Córdoba **YQ**; A província de Morón encerra muitos bens **IS**; Tem uma extensa e fácil planície e montanhas elevadas e inacessíveis (s.v. *Qalb*). A sua capital é *Qalb* **HM**; Morón é de grande fertilidade, sendo pródiga em agricultura, ganadaria, árvores de fruto, oliveiras e vinhas **DK**;

XEREZ - SIDÓNIA

		El termino de Moron parte con el termino de Xerez. E Xerez yaze al traueso del poniente de Moron e de Cordoua ha el poniente vn poco contra meridiem.	A província de Medina Sidónia confina com a de Morón, em direcção a sul, e dista de Córdoba cerca de uma milha, a sudoeste	RU
--	--	---	--	-----------

Confina com os alfozes de Morón **IG**; (**RU** =) **SB**; Os seus distritos agrícolas confinam com os de Morón, situando-se a sudoeste de Morón **YQ**; É uma província que confina com a província de Morón **HM**;

		E Xerez Sadornin es nonbrada entre las otras çibdades [...] de la mar e de la tierra.	É nobre e majestosa. Possui bens da terra e do mar.	IG
--	--	---	---	-----------

Junta as bondades da terra e do mar **RU**; Xerez é uma cidade média, fortificada e muralhada **ID**; Xerez é uma cidade a província de Sidónia e capital da mesma **YQ**; Sidónia é nobre na lavoura, nos arvoredos, nas águas, nos povoados, e nas zonas de lazer, nas costas do Oceano Atlântico **IS**; (**IG** =) **HM**; Jerez é magnífica pelos seus bens e bênçãos; é próxima ao Oceano, graças ao qual reúne as vantagens da terra e do mar **DK**; É cidade majestosa, de repletos mercados **MQ**.

		E que nos queramos contar e dezir las bondades de sus terminos, non podria. E vienen a ella de todas las partes e las bondades dellas son muchas. E las aguas non dañan he la su fruta puede se tener luengamente. E Xerez es tan buena que non la puede escusar toda España.	Os seus arredores são excelentes e é circundada de muitos vinhedos, olivais e figueirais, também nela existe o trigo e juntamente a cevada.	ID
--	--	---	---	-----------

Tem generosos terrenos de cultivo de muito boa terra; apesar de diminuírem as suas águas os seus produtos não murcham com a seca **HM**; O seu solo é próprio para a agricultura, para a ganadaria, as oliveiras e as vinhas, que lá são muito abundantes. Tem pastagens e várzeas **DK**;

		E quando andava la era de los moros en çiento e veinte e çinco años,	Al-Andalus sofreu seca durante sete anos. Durante seis anos só	RU
--	--	--	--	-----------

		hincho vn rrio qu'es suyo e en su termino que llaman Barbate. E aquel dia en qu'este rrio hincho, avia seis años que non lloviera; e todos fueron muy ledos e pagados por que hinchera, e por ende Calez huuo muy gran pro; e todos dixeran que era milagro de Dios, que non sabian donde hinchera aquel año, e por esto llaman el año de Baruate.	chovou em algumas estações e só em determinados lugares. O sétimo ano foi de seca total, não tendo havido nenhuma chuva. A maioria das gentes de al-Andalus procuraram protecção contra a seca e recorreram ao uso do seu rio Barbate. Isto no ano 136*, o qual foi chamado, esse ano, de 'ano de Barbate'.	
--	--	--	---	--

* 136 da Hégira = 753 d.C. (**TA**) Os seus pastos são famosos pelo seu sabor e são elogiados. As suas águas não faltam e os seus frutos não são escassos nem se esgotam **IG**; (**RU=**) **SB**; Esta informação que se repete, de alguma forma na notícia de Algeciras, em **YQ**; apenas surge mesmo na notícia de Algeciras, v.infra; Para lá se dirigiu a totalidade da população de al-Andalus no ano 136, pois tinha o al-Andalus passado seca durante seis anos **HM**; Os habitantes de al-Andalus viram-se obrigados no ano de 137 h. a refugiar-se em Sidónia por causa da seca e carestia; ela só mantêve-os a todos **DK**;

		E en el termino de Baruate ha rrastrs antigos que se non pueden danar por todo lo que en ellos fiziesen. E la çibdad de Caliz ha muy maravillosas labores que alli son. E a y tantas e tan buenas obras que es maravilla. E dicen que aportaron los de Africa quando pasaron aquen mar e de alli fueron e poblaron toda aquella riberia que era cerca del mar. E en Calez fizo Hercoles vn çelion qual otro non avia en el mundo. E quando Ercoles partio d'España, fizo este e fizo el de Galizia por ser su fecho sabido para sienpre. E de redios dellos ovo muchas buenas obras e muy sotiles e muy fuertes, de los cuales non fincarón sino avos los çeliçis.	Entre as suas cidades está Cádiz, admirável pelas construções e elevações, e pelos perenes vestígios antigos. Nela existe a estátua a que não se conhece comparação excepto a estátua colocada sobre a costa da Galiza. Oliveiras, vinhas e figueiras são muitíssimo abundantes no alfoz de Sidónia. Tem muitos distritos, cuja enumeração seria longa. Nela há cidades arruinadas, excepto Xerez, que é a capital do alfoz. Os seus alfozes limitam com a albufera. Sidónia tem cinquenta milhas nas duas dimensões.	IG
--	--	--	---	-----------

A ilha de Cádiz foi criada pelo Oceano Atlântico. Restam vestígios de uma ponte, sobre o mar [...] Tem vinhedos e hortas **IS**; Cádiz [...] na mesma península existem numerosos vestígios antigos. O mais extraordinário é a estátua, [...] erguida por Hércules (s.v. *Qādis*) **HM**; Cádiz [...] tem vestígios de templos antigos [...] e nela encontra-se o monumento chamado Ídolo de Cádiz [...] que não tem outro semelhante senão o monumento da cidade do farol, na Galiza **DK**; a ilha de Cádiz pertence à província de Xerez [...] na mão do ídolo de Cádiz está uma chave **MQ**.

		E a y tantas oliveras e tantas figueras que todo su termino es ende lleno. E a y vn monte que ha nonbre Motebir, e este monte yaze sobre Xudulha e sobre Tereçune; e en este monte ha fuentes que echan muchas aguas e a y muy buenos lugares de pastos e muy buenos almarjes e del nasçe vn rrio que llaman Ler; e sobre Ler yaze muy buenos molinos	Está rodeada de numerosas vinhas, oliveiras e figueiras *	HM
--	--	---	---	-----------

* S.v. *Šarīš* **HM**; Sidónia [...] é agrícola, ganadeira e olivareira **DK**;

		E en la majada de Xadua cojen muy buen alanbar. E en la majada de Xadua yaze vna villa que ha nonbre Saca. E a Saca aporito vna pieça de gente de aquellos que los christianos llamavan erejes, e estos fizieron en España muy gran daño, poro a la çima ay morieron.	O melhor âmbar do ocidente encontra-se nas costas de Sidónia	HM
--	--	---	--	-----------

ALGECIRAS

		El termino de Xerez Sadorni parte con el de Algezira Tahadra. E Algezira Tahadra yaze al sol levante de meridiem de Cordova. E Algezira es villa pequeña e buena e a do pasan ay muy bien mucha	Sidónia confina com os alfozes de de Algeciras, que está a leste daquela e a sul de Córdoba. A sua cidade é uma das mais nobres. A sua terra é muito boa e muito proveitosa para os seus habitantes. Tem	IG
--	--	---	--	-----------

		gente segun su tamaño qu'ella es. E junto en si las bondades del mar e de la tierra e vienen a ella todos los bienes de todas las partes. E Algezira Tahadra yaze en lo mejor de las villas que yazen en el asentamiento del mar en España e todo el su muro pende sobre el mar. E es villa en que ha natura de mucho bien.	os bens da terra e do mar, e reúne benefícios de todos os géneros. Encontra-se no meio das cidades costeiras e as suas muralhas chegam à beira-mar. É longínqua para quem se lhe dirige. Tem muitos distritos.	
--	--	---	--	--

A província de Algeciras desenrola-se em direcção à província de Sidónia, para com ela confinar e se misturar. Está a leste de Sidónia e a sul de Córdova. A cidade de Algeciras é graciosa entre as boas e generosas cidades, reunindo a terra e o mar. [...] Localiza-se em meio das cidades da costa, e o seu porto e as suas muralhas assomam-se ao mar. **UD**; A cidade de Algeciras situa-se sobre uma colina que domina o mar, e tem vários distritos **BK**; Algeciras (a Ilha Verde), em al-Andalus, sobre o mar **RU** < **Kh**; Algeciras [...] é cidade bem povoada **ID**; Os territórios de Algeciras confinam com os de Sidónia, situando-se a leste de Sidónia ea sul de Córdova. É uma das melhores cidades e as suas terras são das mais férteis. O mar bate nas suas muralhas **YQ**; É das mais elegantes e excelentes das cidades [...] nela junta-se o bem da terra e do mar, e aproxima-se de todo o tipo de benefícios. Situa-se no meio das cidades costeiras, e as suas muralhas vão até ao mar [...] O seu solo é agrícola, ganadeiro e de produção **IS**; Encontra-se a leste de Sidónia e a sul de Córdova, situada numa colina sobre o mar, com as suas muralhas acompanhando as margens **HM**; Algeciras [...] reúne os benefícios do mar e da terra, tem água doce e um clima suave, é agrícola e ganadeira **DK**;

		[...] E yaze sobre el rio de Barbate, aquel que valio a los d'España quando creçe este rrio. Este rrio entra en vna legua que non ha fondon. E en su termino ha vn monte muy alto e muy defendido, e en otro tienpo se acogian a el muchas gentes e del se defendieron que los non podieron defender. E en su termino ha muchos e buenos arboles.	Situa-se na margem do Rio Barbate, rio junto ao qual encontraram alívio os habitantes de al-Andalus num ano de seca	YQ
--	--	---	---	-----------

Situa-se nas margens do rio do Mel **DK**;

		E el su puerto es el mas cerca para pasar de allende mar, e paresçe alli Çepta.	O seu porto é um dos mais fáceis portos em qualquer momento, e mais próximo da outra margem (do Estreito).	IG
--	--	---	--	-----------

A partir dela é controlada Ceuta e muitas cidades da outra banda, pois domina o mar, as rotas das esquadras e a proximidade do local da travessia. **UD**; O estreito marítimo separa-a de Ceuta **ID**; Algeciras é uma cidade [...] frente à qual, no país dos Berberes, se situa Ceuta [...] O seu porto é um dos melhores para a navegação **YQ**; O seu porto é dos melhores para atravessar **IS**; O porto de Algeciras [...] é o mais fácil na travessia do Estreito, sendo a mais próxima da outra margem. Em frente fica o porto da cidade de Ceuta **HM**; O seu porto é o mais próximo à outra margem do Estreito, e o mais apropriado para o atravessar **DK**;

		E a y vna muy gran legua e es tierra de muy buena sementera e de muy buena criança.	Tem a Albufeira, que é terra de agricultura, pastagem e produção de cereais. Termina junto ao rio Barbate que fica à vista da Albufeira.	IG
--	--	---	--	-----------

A cidade de Albufeira é uma terra de agricultura e de ganadaria, palmeirais e produção. O rio Barbate é o rio que passa e Sidónia. Para lá se dirigiram as gentes de al-Andalus num ano de esterilidade, o qual foi conhecido por ano de Barbate, que levou as gentes e os seus sofrimentos até à sua fertilidade. A nascente deste rio situa-se na montanha conhecida como Munt Šit (sic)*[Šant ?]. Quando enche o rio Barbate contempla-se a Albufeira, a que falta... **UD**; Tem hortas e pomares; tem estaleiros, sendo local de embarque e desembarque **ID**; Nas suas proximidades situa-se a Albufeira, que só ela vale por todo ao al-Andalus, e é terra agrícola, ganadeira e boa para a criação de abelhas e animais **DK**;

RAYA

		Parte el termino de Algezira con el de Raya. E Raya yaze al setentrion della e al oriente de Cordoua. E Raya es muy buena villa e en su termino es conplido de muchas fuentes e rrios que echan muchas aguas e es tierra humida de natura, e a y muy grandes llanos e montes e muy fuertes. E Rayaha fue fecha de tienpo de los antigos. E en su termino ha villas e castillos, de los quales vno es Exandua que es su camara.	Confina com o alfoz de Algeciras. É beneficiada pela abundância de bens e destaca-se pela generalidade de dons. A sua terra tem fontes inesgotáveis e rios caudalosos e amplos. Tem extensas planícies e uma montanha inacessível. Tem muitas cidades e castelos defensores. Entre as suas cidades destaca-se Archidona, capital e sede da província, que se tornou despovoada.	IG
--	--	--	---	-----------

Está sul de Córdoba e a norte de Algeciras [...] tem muitos bens e abundantes dons, e correm livremente os rios nesta província; tem extensa planície e uma alta montanha RU < Kh ; <i>Rayya</i> é uma extensa província que confina com Algeciras. Situa-se a sul de Córdoba. Nela abundam as riquezas naturais e todo o tipo de bens. Nela existem cidades, castelos e uma extensa região de cultivo em que há aldeias (s.v. <i>Rayya</i>); Archidona é a capital da província de <i>Rayya</i> (s.v. <i>Arjudūna</i>) YQ ; Situa-se a sul de Córdoba, e é abundante em bens (s.v. <i>Rayyuh</i>); Abundantes fontes e cursos de água regam o território, com vastas planícies e montanhas inacessíveis (s.v. <i>Uršudhūna</i>) HM ; Situa-se a sul de Córdoba e tem numerosas cidades e castelos inacessíveis DK ;				

		E la otra es Malaga; e Malaga es villa mucho antigua e yaze sobre la mar.	Outra é Málaga, cidade muito antiga, à beira-mar. É uma das principais capitais de al-Andalus, que se fortaleceu e enriqueceu com a fraqueza e o empobrecimento de outras.	IG
--	--	---	--	-----------

Málaga é cidade muito antiga situada à beira-mar; é a principal das cidades da província de Rayya **RU** < **Kh**; Málaga é uma cidade muito bonita e muito fortificada **ID**; Málaga [...] é uma populosa cidade da província de Rayya [...] De fundação antiga, repovoou-se e prosperou, crescendo diariamente o número dos barcos e mercadores no seu porto (s.v. *Māliqa*) **YQ**; Málaga [...] é marítima e terrestre **IS**; Málaga é de fundação antiga, é uma cidade bela e de numerosa população (s.v. *Mālaqa*) **HM**; Málaga é uma cidade elegante e simpática, onde o mar entra no seu rio **DK**; Málaga associa a terra e o mar **MQ**.

		E la otra es Tanula e Tanula yaze cerca de la mar. E la otra es Almaria que yaze en la rribera de la mar. E la otra es Buestre que es vn castillo muy fuerte e muy defendido. E el otro es vn [...] Mobeys. E el otro es vn castillo a que llaman Boveya. E el otro es vn castillo que ha nonbre San Pedro. E el otro castillo es que llaman Chamaros. E el otro es vn castillo a que llaman Hantron. E el otro es vn castillo a que llaman Ales. E el otro es vn castillo ha que llaman Libron. E el otro es vn castillo a que llaman Montemayor. E Montemayor es vn castillo mas alto que todos los otros del termino de Rraya e del començaron a guerrear ha España. E el otro es vn castillo [...] Conil, e tiene Conil el atalaya sobre la mar, que yaze en tal lugar que non pueden por el mar venir en cosa pequeña nin en grande para España que del non lo vean.	A cidade de Cartama está arruinada e conta-se entre os lugares despovoados. A cidade de <i>Šamjala</i> , à beira-mar, também está arruinada; e da mesma forma a cidade de <i>al-Mariyya</i> (Torre del Mar). O castelo de Bobastro é um castelo único pela sua inacessibilidade, fortificação e isolamento. É um forte rochedo a todo à volta e quem a escale encontrará no seu cimo um extenso e vasto planalto. Tem muitas vinhas, oliveiras, romãzeiras e amendoeiras. O alfoz de Rayya tem muitos castelos e vastos distritos.	IG
--	--	---	--	-----------

Tem muitas cidades **RU** < **Kh**; Cartama é uma cidade dos distritos de Rayya (s.v. *Qartama*); *Šamajāla* é uma cidade dependente de *Rayya*, à beira-mar, e onde se produz a cana-de-açúcar e a banana (s.v. *Šamajāla*); Bobastro é um castelo isolado pelas características naturais, e que pertence a *Rayya*. Entre este castelo e Córdoba são trinta parasangas (s.v. *Bubaštar*) **YQ**; Entre os seus castelos e cidades estão Marbella, Fuengirola, Cartama, Comares, Velez, Coin, Alhama, Antequera e Estepa. Todas são castelos inacessíveis, que produzem muito figo, azeitona, amêndoa, uva e romã **DK**; Produz romã [...], figo e amêndoa, estas duas que são exportadas para todo o lado **MQ**.

ECIJA

		El termino de Rraya parte con el termino de Eçija,	Confina com o alfoz de Rayya	IG
--	--	--	------------------------------	-----------

(**IG** =) **HM**; Écija é uma província contígua a *Rayya* ...**YQ**;

		e yaze contra el setentríon e el meridien de Rraya e el oçidente de Cordova.	A província de Ecija fica a sudoeste de Córdoba.	RU
--	--	--	--	-----------

... e que também confina com os distritos de Córdoba **YQ**; Écija confina com os distritos de Córdoba, pelo sudoeste desta **DK**;

		E Eçija es villa mucho antigua e conplida de muchos bienes e ha muy gran termino e muy buenos e en muy generosos e muy	A cidade de Ecija é muito, muito antiga; tem uma terra generosa, tem vastos campos, que se constituem em função do rio Genil, o	RU < Kh
--	--	--	---	-----------------------

		conplidos de muchos bienes. E en Eçija yaze sobre el rrio de Guadaxenil que parte en el monte de la Elada.	qual é o rio que resulta da fusão da neve e desagua no rio de Córdova.	
--	--	--	--	--

É uma cidade antiga. Tem muitas terras, vastas várzeas e muitas bondades. Foi construída junto ao rio Genil, que é o rio de Granada **IG**; (**RU** < **Kh** =) **SB**; Ecija é uma cidade construída nas margens do rio de Granada, chamado Genil [...] tem hoirtas e pomares de luxuriante vegetação, recantos de verdejante beleza **ID**; É muito antiga e com extensas terras de cultivo e muitos povoados junto ao rio Genil **YQ**; É uma cidade antiga **HM**; Écija é uma cidade muito antiga [...] tem campos vastos e produtivos [...] situa-se nas margens do rio Genil, que é produzido pela neve da Serra Nevada **DK**;

		En el termino de Eçija muchas villas e muchos castillos e montañas, de las quales montañas la vna es que va par de Eçija. E en estas montañas ha villas e lugares tan fuertes que non ha cosa que teman,	Tem muito distritos, entre os quais <i>Tākuruna</i> . As suas inúmeras fortalezas são poderosas. As suas montanhas são tão elevadas que superam as outras montanhas de al-Andalus, e delas saem rios não entrando nelas nenhum. Não se lhe compara qualquer montanha de al-Andalus.	IG
--	--	--	---	-----------

É uma grande região [...] com serras de boas condições defensivas e onde nascem vários rios. Aí se encontra a fortaleza de Ronda (s.v. *Tākarnā*) **YQ**; *Tākuruna* é uma das fortalezas desta província **IS**; *Tākuruna* é muito montanhosa e tem castelos inúmeros e inacessíveis **DK**;

		de las quales villas la vna es [] que es muy fuerte e muy antigua e la otra es el castillo que esta en el monte.	Ronda é uma bem defendida fortaleza de <i>Tākrunna</i> [...] é cidade antiga, junto a um rio, com extensas terras de cultivo e plantações*	YQ
--	--	---	--	-----------

* (s.v. *Runda*) **YQ**; Ronda é uma cidade fortificada envolta nas nuvens, e rodeada de rios de água doce **IS**; Ronda é uma cidade fortificada dos distritos de *Tākaranā* **QZ**; Ronda é uma das cidades de *Tākuruna*. É uma cidade antiga na qual existem muitos vestígios antigos (s.v. *Runda*) **HM**; Ronda é uma das suas cidades. É fértil, antiga, agrícola, ganadeira e com muitos bens **DK**;

		E ora avemos [...] de todas las villas de España quantas heran e commo les llamavan e commo paresçian, e muchas dexamos de las que obedesçian a las mayores, mas por amor de non fazer nuestro cuento muy luengo. E de Eçija a Cordoua ay treita millas. E queremos dezir de las sierras e Dios mande que digamos la verdad a plazer de los que lo oyeren. Amen.	Tem fortalezas inexpunáveis e poderosas. Entre ela e Córdova são trinta milhas.	IG
--	--	--	---	-----------

De Écija a Córdova são dez parasangas **YQ**; Tem muitos distritos com castelos, aldeias e torres, sendo as aldeias mais de mil **DK**;

SERRAS (< *Ca*)

		Agora vos quiero contar. Que Dios nos quiera ayudar. Amen. Fallamos, et nos sabemos en verdat que en España (?) non ha mas de tres sierras, que traviessan la tierra de mar a mar, et non y corre rrio que parta ninguna dellas. Et en ellas yazen muchos castillos, et muy buenos; et son tierras de muy grant pro, et abundadas de muchas buenas cosas (:)	Menção das serras: são quatro, em al-Andalus as que são extremas em comprimento e em largura e que vão de um mar a outro mar.	IG
--	--	--	---	-----------

		de las quales es la una, la primera, la de Cordova, et viene de la mar que media la tierra, en derecho de Oriente de los moros, et va por Valencia et Beja et por Estumba et por el Algarve, et entra en la grant mar de Occidente.	A Montanha de Córdova, conhecida como a ‘Montanha da Noiva’, que começa nas margens do Mar Mediterrâneo sul, nas costas de Valência e termina no Oceano Atlântico ocidental, frente às cidades de Beja e Ocsónoba.	DK
--	--	---	--	-----------

A serra de Córdova, que começa no mar mediterrâneo ocidental **IG**;

		Nasçe la otra sierra en la mar de Oriente et viene por Narbona (:) et esta sierra parte a España(?) de Francia, et llamanla los franceses Roncesvalles, et va a par de Viscaya, et a par de las Esturias, et entra en la mar en Galizia, en derecho del Septentrion.	A segunda serra extrema faz barreira entre o al-Andalus e o país dos Francos, inicia-se desde o mar a sul e termina no mar ocidental, que é o Oceano. É chamada de Pirinéus.	IG
--	--	--	--	-----------

Entre as montanhas está a Cordilheira da Porta (Pirinéus), o qual é a barreira entre as terras do Islão e a terra dos Gauleses. Começa no mar Mediterrâneo do sul junto a Tortosa e termina no mar ocidental entre Lisboa e a Galiza **BK**; Separa al-Andalus da França e da Galiza. Começa no Mar do Estreito e acaba no Oceano, a este da Galiza [---; é chamada] os Portos **DK**;

		Otra sierra nasce en la mar de Oriente a que llaman de medio en Abrayco, et viene por Tortosa et viene acerca de Cordova et va a entrar en la mar grande, a quinze migeros de Lisbona.	E a barreira, entre as províncias em volta de Córdoba, e as zonas de fronteira e a Galiza, começa no mar Mediterrâneo sul, nos arredores de Tortosa e termina no mar ocidental.	IG
--	--	--	---	-----------

		Otra sierra es una a la que llaman de la Elada et comienzase acerca de Elibera et entra en la mar de medio Algeziat-Aladra (?) Et otra sierra que llaman Raya(?) entra la dicha sierra de Elada et metese una por otra et vase a Elibera.	E a quarta serra é a Serra Nevada, que começa na região de Elvira, comunica com a serra de Málaga e liga até Algeciras.	IG
--	--	---	---	-----------

A serra de Elvira que é a Montanha da Neve. Está ligada ao Mar Mediterrâneo, continua pela serra de Málaga e chega a Algeciras e ao mar **BK**; *Šulayr* é o nome de uma montanha situada na província de Elvira, e da qual não desaparece a neve nem de Inverno nem de verão (s.v. *Šulayr*) **YQ**; A Serra Nevada, da qual a neve não desaparece nem no verão nem no Inverno **QZ**;

RIOS (< M)

		Dixerón los fijos de Alhaquin nos andudimos por los lugares et por luengos tiempos por España (?) por saber la verdat de todas las cosas que avia en ella et fallamos que en España ha y siete rrios cabdales que entran en la mar.	Em al-Andalus de entre os grandes rios que desaguam no mar:	IG
--	--	---	---	-----------

GUADALQUIVIR

O rio Bétis nasce nas montanhas de <i>Liška</i> , cruza os campos de al-Andalus [Hispania] e desagua no Oceano Atlântico, tendo de comprimento trezentos e dez milhas	HU	De los quales es el primero el rrio de Cordoua que ha nonbre Guadalquivir (?) et nasce de Nachin et entran en el otros rrios de los quales es el uno el rrio de Hem, et es muy grant rrio. Et hem nasce de la sierra de la Elada, et amos entran en la vega de Elibera et entra de Vias. Et quando andava la era de los moros en doscientos et veinte et siete annos (?), mando fazer el rrey Mahomat sobre este rrio la puente muy preciada. Et entra en este rrio la fuente que llaman de Alcobays, et la fuente de la Lonxa, et la fuente de que sale el rrio frio. Et este rrio entra en la mar en vn lugar que llaman Cabtur, al Poniente de Sevilla; et deste rrio a do entra en la mar a trescientos et diez migeros.		
---	-----------	--	--	--

(TA) O rio de Córdoba é conhecido como o rio Bétis. A sua fonte situa-se no distrito agrícola de *Raymiyya*, e entre a sua nascente e a sua foz, a ocidente de Sevilha, são trezentos e dez milhas. Tem o afluente Genil, que nasce da neve que existe na Serra de Elvira, e cruza Écija **BK**; O rio de Córdoba, o qual é conhecido por rio Bétis, e que desagua no Oceano. A sua extensão é de trezentos e dez milhas e entram nele rios, entre os quais o rio *Bullân* (?) e o rio Utrero a norte, o qual tem de especial que o seu peixe é o melhor peixe que é comido em al-Andalus. E entram nele uma quantidade de rios **IG**; O rio de Córdoba, chamado Bétis, nasce nas montanhas da cidade de Segura, pela parte que dá para Valência [...] corre em direcção ao oeste, passa por Sevilha e desagua no Oceano Atlântico mais adiante da Ilhas de *Kabtūr* e *Qabtīl*. O seu comprimento é de trezentos e dez milhas e tem vinte e dois afluentes, um dos quais é o Genil **DK**;

GUADIANA

		Et otro rrio es de Guadiana et Guadiana nasce al sol Levante de España un poco contra el siniestro entre el monte Barbona, et contra la cibdat de Calatrava et sobre la de Richin, et entra en el mar grande en Ayamonte, et a y en elle trescientos et veinte migeros.	O rio Ana é o segundo. Tem a sua nascente no oriente de al-Andalus, e a sua foz no Océano. Tem trezentas milhas.	IG
--	--	---	--	-----------

O rio Guadiana tem a sua foz no nordeste de al-Andalus, na região situada entre a montanha chamada *al-Buwayra* e a cidade de Rocupel, aqual fica por cima da cidade de *Raymiyya*. E a sua foz é no Oceano Atlântico, em Ocsónoba. Tem de comprimento trezentos e vinte milhas **BK**; Rio que nasce num lugar chamado Desfiladeiro da Noiva. Depois desaparece sem deixar rasto na terra. Aparece de novo numa aldeia de Calatrava chamada Anna. Volta a desaparecer e corre subterrâneo. Aparece depois em vários lugares até que se perde de novo entre Mérida e Badajoz. Aparece por fim, e desagua no Oceano Atlântico. O seu comprimento é de trezentos e vinte milhas (**UD** ←) **QZ**;

TEJO

O rio Tejo sai de montanhas no leste de al-Andalus, e desagua no Oceano Atlântico ocidental. Tem de comprimento trezentos e dez milhas	HU	El otro es un rrio que ha nonbre Tajo. Et este rrio nasce de dos sierras al sol Lebante de España et de una fuente que nasce en un lugar que ha nonbre Bonita a par de la cibdat de Molina et a y muchos pinares a maravilla et entra al Oriente del mar grande de Lisboa, et ha en el quinientos e ochenta migeros.		
--	-----------	--	--	--

(TA) O rio Tejo nasce nas montanhas da região de Toledo, de uma fonte do lugar conhecido como *al-Bayda*, pela abundância de pinheiros. A sua foz é no Oceano Atlântico na região entre a cidade de Coimbra e a cidade de Portugal, e mede novecentas e oitente milhas. Tem cerca de dez afluentes **BK**; O Tejo nasce nas serras que se alongam até Alcalá e Alpuente, e depois ao dirigir-se para ocidente, passa por Toledo, Talavera, *al-Makhāda*; Alcântara, *Qunaytra Mahmūd*, Santarém, Lisboa e desagua no mar **ID**; O rio Tejo é o terceiro a sua nascente fica em montanhas do oriente de al-Andalus, e a sua foz no Oceano ocidental. Tem seiscentas e dez milhas **IG**; O rio Tejo nasce numa grande fonte diante do castelo de *Walmoh/ah*, na montanha de *Farrīra*, do leste de al-Andalus, na província de Tudela. Cruza algo da região de Saragoça, segue para Toledo, para Talavera, para *Īnīša*, para *Makhādat al-Balāt*, para Santarém e desagua no Oceano Atlântico ocidental, junto à cidade de Lisboa. O seu comprimento é de seiscentas e vinte milhas **DK**;

DOURO

O rio Douro nasce nas Planícies de al-Andalus e desemboca no Oceano Atlântico ocidental entre as duas regiões* O seu comprimento é de quinhentas e oitenta milhas	HU	Et el otro rrio es el que llaman Duero et nasce de la sierra de Moncayo, et es muy grant rrio et lieva muy grand agua et entra en la mar al Poniente so una cibdat a que llaman Gaya et agora es llamada el puerto de Portugal et ha en el seyscientos et diez migeros.		
---	-----------	---	--	--

(TL) [a do poder cristão e a do poder islâmico].

(TA) O rio Douro nasce nas monanhas de [---] e desagua no Oceano Atlântico entre a cidade de Coimbra e a cidade do Porto. A distância do seu curso é de setecentas e oitenta milhas **BK**; O rio Douro é o quarto. A sua nascente é numa montanha a norte de Nájera e desagua no Oceano, na Galiza. Tem quinhentas e oitenta milhas **IG**; o rio Douro que sai das montanhas de al-Farrīra na Galiza, cruza Santaver e Alcira e desagua no Oceano Atlântico ocidental entre Coimbra e Porto. O seu comprimento é de quinhentas e oitenta milhas **DK**;

EBRO 1

		El otro es el que llaman Ubia, et otros le llaman Arca, et nasce en la sierra del Nasna, tierra de Francia. Ha en el seiscientos et veite migeros et dicen que es el maior rrio que y a en España, et el mas fuerte et el de mas aguas, et entra en la mar.		
--	--	---	--	--

MINHO

O rio Minho nasce nas vizinhanças dos Pirinéus de um lugar redondo. Cruza a região de <i>Birgansya</i> e a sua foz é no Oceano Atlântico ocidental. O seu comprimento é de trezentas e vinte milhas.	HU	Et el otro es el que llaman Minyo entra en la mar de Galizia, et nasce de la sierra que llaman Minio et por esto lo llaman Minyo et ha en el trescientos et veinte migeros.		
--	-----------	---	--	--

*. **(TA)** O rio Minho sai das montanhas de Alava e junta-se com as terras da Galiza atravessando-as de leste a oeste, e desagua no Oceano Atlântico a região do muro da Galiza [segundo Lévi-Provençal, *Description...*, p.104, este 'muro da Galiza' será a Cordilheira Cantábrica]. Tem trezentas e três milhas **BK**; O rio de Pamplona [pela descrição parece ser o rio Minho] nasce nas monanhas de Alava e desagua no Oceano Atlântico na região da Galiza. Tem trezenas milhas **IG**;

EBRO 2

O rio [Ebro*], nasce nas faldas dos Pirinéus e corre por parte do al-Andalus e a sua foz no Mar é nas vizinhanças de Tortosa. O seu comprimento é de noventa e quatro milhas;	HU	El otro rrio es el que llaman Ebro et nasce en la sierra de Albeyn un poco sobre ella, et entra en la mar de ultramar bien derecho contra Oriente en Tortosa et a en el quatrocientos et dose migeros.		
---	-----------	--	--	--

(TL) [lacuna no texto; identificado pela descrição]; O rio Ebro que banha as muralhas de Saragoça **Ps-I**;

(TA) O rio Ebro nasce numa fonte chamada Fonte do Ebro, a qual fica por cima da Terra das Fortalezas [Castela]. Corre de norte para sul e desagua no Mar Mediterrâneo, na zona de Tortosa, tendo duzentas e quatro milhas **BK**; O rio Ebro é o quinto. A sua nascente é numa fonte por cima das Fortalezas [Castela], e a sua corrente faz-se de norte para sul. Desagua no segundo mar, na região de Tortosa e tem quatrocentas milhas e algo mais **IG**; O rio Ebro [...] nasce numa fonte chamada *Fünt Ibrihī* e desagua no Mar Mediterrâneo, na zona de Tortosa, tendo duzentas milhas de comprimento **QZ**; o rio Ebro nasce no país da Galiza, passa por Saragoça e Tortosa e desde aí percorre dezoito milhas até desaguar no mar. Tem duzentas e quatro milhas **DK**;

III.4. Paralelos textuais latinos e árabes

Os paralelos latinos constatarem-se especialmente na descrição geral da Hispânia, onde se fala na forma triangular da península; e onde se diz que a Hispânia é dupla, é consequência dos ventos e dos cursos dos rios.

Voltam a ocorrer no final do apartado, quando são tratados os ‘Rios’ peninsulares.

Estas partes são importantes, tanto mais que nem todos os textos árabes as contêm, em especial a dos ‘Rios’. No entanto, a contribuição de origem latina, a nível de conteúdos, é muito pouco substancial, pois a obra que tem maior número de paralelos, tem apenas 2,8% do total, e já é a versão árabe de Orósio.

A grande parte do corpo do Apartado, onde são descritos os diferentes termos ou alfozes, apenas revela paralelos com os textos árabes, os quais não se esgotam nesta parte, antes coexistem com os latinos nas partes já atrás identificadas.

Os paralelos latinos, na sua parte mais substancial, e que é a da descrição dos limites gerais da Hispânia, são, em determinado momento, mais completos no texto latino de Orósio, do que na tradução árabe daquela mesma obra.

Tal facto coloca questões: ou existiram várias versões da tradução árabe, e a que foi usada por al-Rāzī, no século X, difere da que subsiste na Columbia University; ou a composição desta parte terá sido posterior, tendo sido composta por al-Bakrī ou por Ibn Ġālib (este dependendo também daquele), sendo sabido que al-Bakrī também usou aquele mesmo texto de Orósio.

A parte dos ‘Rios’ também põe algumas questões: o facto de não haver um paralelo entre o texto latino e a tradução árabe, e sendo esta a que possibilita o paralelo com os textos árabes, aponta para uma possível integração da descrição hidrográfica ocorrida no século IX ou X, em meios moçárabes, ou posteriormente já nos meios oficiais omíadas.

O facto de existirem alguns paralelos, escassos é certo, com a *Pseudo-Isidoriana*, apontam, quanto a nós, mais uma vez, para o envolvimento dos meios letrados moçárabes.

Mas os paralelos latinos têm tão poucos conteúdos, que dificilmente se podem extrair algumas conclusões provisórias, e que dificilmente obterão algumas respostas posteriores com contornos conclusivos.

Os paralelos árabes, textualmente de forma mais ou menos similar, cobrem todo o apartado, de forma praticamente integral. E apesar do fragmentário do único manuscrito árabe que remonta a Ibn Ġālib, este mesmo manuscrito apresenta um paralelismo praticamente perfeito, ainda que, por vezes, com passagens bastante escassas porque genericamente incompletas.

Assim parece, pois, confirmar-se a ‘matricidade’ da obra deste letrado do século VI / XII, relativamente ao texto traduzido para galaico-português, o chamado *Livro de Rasis*, mais conhecido como *Crónica do Mouro Rasis*.

Este paralelismo com os textos árabes, e em especial hispano-árabes, que remontam, de forma mais ou menos directa, ao texto de al-Rāzī, permite afirmar que se poderá, a partir daqueles mesmos textos, reconstruir, com grande proximidade, a matriz árabe do texto que foi mandado traduzir por ordem dos Senhores de Aboim-Portel.

O quadro infra dá-nos a imagem aproximada dos resultados da confrontação textual

TABELA DE PARALELOS

O número a **negrito** identifica as passagens de maior identidade textual; os números em aparência normal identificam os paralelos em notas críticas

	Total Passagens	Branças	OR	HU	Ps-I	IG	UD	BK	RU/Kh	ID	YQ	QZ	IS	SB	HM	DK	MQ
Localização	1								1+2		1	1		1	1	1	1
Bondades	2								2			1		2	1	2	2
Triangular	1		1	1	1	1		1		1	1			1	1		1
Dupla	2		1	1+1	2	1											1
Córdova	9	2				4	1		3	3		3		2	6	3+3	2
Cabra	3					2+1			2	3	1	1			1+1	1	
Elvira	17	3				9			2	3	3+7	6	3		2+6	5	4
Jaén	11					7+1			1+2	3	2+6		3		1+2	5	
Tudmir	8					5	1+6			1+1	1+7	1			1	6	1

Serra 2	1					1											1
Serra 3	1					1		1									1
Serra 4	1					1											
Serra 5	1					1		1			1	1					
Rios	1					1											
Guadalquivir	1			1		1		1								1	
Guadiana	1					1		1				1					
Tejo	1			1		1		1		1						1	
Douro	1			1		1		1								1	
Ebro 1	1																
Minho	1			1		1		1									
Ebro 2	1			1	1	1		1				1				1	
Total Parc.	283	26	2	1+7	4	116+24	12+22	4+22	19+46	9+37	39+110	2+50	6+35	1+22	24+94	11+95	4+39
TOTAIS	283	26	2	8	4	140	34	26	65	46	149	52	41	23	118	106	43
%	100	9,2	0,7	2,8	1,4	49,5	12	9,2	22,9	16,3	52,2	18,4	14,5	8,1	41,7	37,5	15,2
	passagens	brancas	OR	HU	Ps-I	IG	UD	BK	RU	ID	YQ	QZ	IS	SB	HM	DK	MQ

IV. O Ms. *LV*. Edição crítica e estudo

IV.1. O Ms. *LV* e as suas problemáticas cronológicas e textuais.

Edição crítica e estudo

IV.1.1. O ms. *LV* e José Leite de Vasconcelos

Já desde 2001 que temos por companhia de viagem um manuscrito (ms.) existente em Portugal, até àquela data praticamente desconhecido, e que, das poucas referências que lhe foram feitas, foi sempre entendido como tratando-se de um testemunho da *CMR* ¹, o que também era consentâneo com o que então se sabia relativamente àquela Crónica, no início do século XX, quando o mesmo ms. *LV* foi trazido para Portugal.

O ms. em causa é em castelhano, e foi José Leite de Vasconcelos que, durante uma deslocação sua a Espanha, o adquiriu, num alfarrabista em Madrid, em 1905 ².

Leite de Vasconcelos deixou-nos a informação do local onde o adquiriu. No verso do 2º fólio de guarda do códice colou um pedaço do catálogo da livraria alfarrabista onde o ms. se encontrava para venda.

Nesse retalho de papel há uma descrição do exemplar a partir da titulatura,

¹Encontrámos a referência a este ms. na obra *Textos Arcaicos*, de Leite de Vasconcelos. Cf. IDEM, 5ª.ed. [facsim. da ed. 3ª.ed.,1922], Lisboa, Clássica Editora, 1970, p.54, n.1. Na edição dos testemunhos castelhanos da *CMR*, Diego Catalán refere-se a este ms. a partir da mesma obra de Leite de Vasconcelos, mas da sua 2ª.ed, de 1908, p.44, n.1; cf. *CMR*, ed.Catalán e Andres, p. XVII, n.27.

²É o próprio Leite de Vasconcelos que no-lo diz, cf.*ob.cit.*, p.54, n.1, e D.Catalán repete (cf.*CMR*, p.XVII, n.27).

praticamente completa, do mesmo: «*Descripcion de España con la entrada en ella de los Romanos, Godos y Moros, escrita en árábigo por Rassis, moro que escribió el año de Cristo de 972, traducido en português por Gil Perez y despues en castellano por dos traduciones.*», a que foi acrescentado: «*Ms. en 4º, pergamino, letra del siglo XVII, 10 pts. [preço do exemplar]*». Leite de Vasconcelos, ainda no mesmo pedaço de papel colado, acrescentou a lápis a palavra “*comprei*”; abaixo do pedaço colado, acrescentou ainda, também a lápis: “*Libreria de la viuda de Rico* ³ / *Travesia del Arenal, 1, Madrid / onde compreí este ms. em 1905. Leite*”.

Posteriormente veio a depositá-lo na biblioteca do então Museu Etnológico Português⁴, em Lisboa, após o ter utilizado em alguns dos seus estudos. O códice apresenta anotações do punho de Leite de Vasconcelos, concretamente nos fólhos de guarda do final do códice onde surge uma nota, a lápis, do punho do grande erudito e investigador, que nos diz “Santarém, fl.33”. Ele terá confrontado a notícia de Santarém da *C1344* (a que chama ‘História Geral’), com a notícia deste ms., daí a razão da anotação. Ele apresentou os resultados dessa sua investigação na colectânea *Textos Arcaicos*⁵, obra onde aliás faz a referência, a única conhecida, a este mesmo manuscrito

6.

O ms. em questão, após o falecimento de Leite de Vasconcelos, em 1941,

³Esta ‘viuda de Rico’ seria a viúva de M. Rico Sinobas, estudioso e editor de obras traduzidas do árabe a mando de Afonso X, como os *Libros del Saber de Astronomía del Rey D. Alfonso X de Castilla*, editada por Rico Sinobas em Madrid, entre 1863 e 1867 (v. J.M. Millás Vallicrosa, “El Literalismo de los Traductores de la Corte de Alfonso el Sábio”, *AA I* (1933), p. 155, n.4). Talvez o ms. *LV* tivesse sido propriedade daquele erudito espanhol.

⁴ Cf. infra n. 6.

⁵ Cf. *Textos Arcaicos*, p.58.

6 J.Leite de Vasconcelos, *Textos Arcaicos*, p. 54, n. 1, onde nos diz: “*Da tradução espanhola [da Crónica do Mouro Rasis] existem vários mss.; em 1905 compreí um em Madride, do séc. XVII, que hoje está na biblioteca do Museu Etnológico Português.*”. Foi esta nota que nos pôs na rota de o redescobrir, como alias, já em 1975, tinha avisado Diego Catalán da existência deste ms. (cf. CMR, ed. Catalán-Andres, p.XVII, n.27).

acabou por ir sendo esquecido entre outros espécimes do arquivo daquele Museu, que não se encontram entre as prioridades científicas de trabalho dos principais frequentadores do mesmo, os arqueólogos. Mas foi, em boa hora, localizado, e pode agora regressar ao contacto do meio científico.

IV.1.2. Descrição física do ms. *LV*

Identificaremos o ms. pela sigla '*LV*', em homenagem ao grande investigador que o adquiriu e legou ao Museu que também já teve o seu nome.

Ms. *LV*

Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia - Lisboa

Legado de Leite de Vasconcelos, nº de registo 13.807.

Papel *in 4º*, encadernado em pergaminho. Na lombada da encadernação tem, escrito à mão '*Descripcion d'España*'. A capa e a contracapa da encadernação estão em branco.

Tem 73 fls. de 152 x 208 mm; 69 fls. escritos e 4 em branco, 2 no início e 2 no fim (fls.de guarda). Não tem foliação original, ostentando, a lápis, a numeração que Leite de Vasconcelos lhe inseriu.

A mancha de texto é única, de 105 x 172 mm. Letra do século XVII, sem epígrafes e sem letras capitais. O texto é corrido, e em língua castelhana antiga, mais antiga do que a data do ms..

As diferentes notícias e episódios relatados, na generalidade do texto, seguem-se uns aos outros directamente, sem qualquer epígrafe intermédia ou, sequer, o estabelecimento de parágrafos entre as notícias. Existem algumas poucas excepções. A

letra será de um único redactor, pois é idêntica ao longo de todo o texto.

No fl.1 tem o título: “*Discripcion de España conla entrada // enella delos Romanos y Godos y Mo // ros, Escripta en Arauigo por Rassis Mo // ro que escrivió el año de christo 9)2*⁷ // *traducido de Arauigo enPortugues por // Gil Perez Clérigo por mandado de Don // Deonis Rey de Portugal y despues // de Portugues en Castellano por dos tra // duciones*”⁸.

Num parágrafo inicial diz-nos: «*Falta poco del Principio enel original del Colegio de Santa Catalina de Toledo* [o famoso ms. *Ca*]». Este parágrafo dá-nos várias informações e, em simultâneo, levanta questões. Identifica uma lacuna no início do ms. *Ca* que, cremos, nos revela também alguma da metodologia utilizada pelo primeiro copista (e mais adiante explicaremos porque dizemos ‘primeiro copista’): o texto é copiado e simultaneamente vai sendo confrontado com o de *Ca*, e cada vez que encontra alguma diferença entre ambos os textos, anota aquela diferença, mas não a copia. Esta metodologia de trabalho constata-se em vários pontos de *LV*⁹.

Só depois começa a cópia do ms. *E*: «*Esta Historia del Moro Rassy tiene Ambrosio de Morales en vn original harto antiguo escripto en pergamino [...]*”(fl.1v)».

No fl.2. surge uma passagem que refere al-Rāzī, a mesma que, embora com variantes, tem surgido em vários testemunhos quer da CMR quer da C1344¹⁰, e como

⁷V.infra “As relações de *LV* com *E*, com *Ca* e com *Cop*”.

⁸O título de *LV* é, em linhas gerais, semelhante ao de *Cop*, embora este último mais extenso (cf.CMR, ed.Catalán e Andres, p.XIX-XX). A existência deste título faz supor que logo no início terão pensado em começar a fundir *Ca* e *E*, mas que por questões talvez de celeridade do processo, apenas se limitaram a apontar o quê e onde existiam passagens a ser copiadas de *Ca*.

⁹ As referências em *LV* às diferenças textuais entre *E* e *Ca* aparecem : uma no fl.1v; uma no fl.15v; e duas no fl.33v.

¹⁰ C Entre os quais identificamos CMR/ Ga, editado por Gayangos, 1852; os CMR/ *Ca*, *Mo* e *Cop*, editados por Catalán-Andres, 1975; o C1344/ M, idem, 1971; e também o *LV*, que temos entre mãos.

tal tem sido entendida como identificação do respectivo autor: “[...] e decimos loque dice el Altabucar a Mafomet fijo de Mafomad fijo de Mossarase el Escriv[a]no natural de España que escribió [...]”.

Começa depois a descrição propriamente dita em que o texto vem organizado da seguinte forma: descreve globalmente a Espanha de forma triangular, onde, sem qualquer introdução, enuncia os diferentes ‘cantos’ do triângulo (fls.2v-3); a Espanha dupla, em função dos ventos dominantes e dos cursos dos rios, descrevendo alguns rios bem como algumas serras (fls.3v-4); descreve Córdoba (fls.4-5); descreve os termos entre Cabra e Huesca (fls.5-11v); e depois os termos de Rayya e Ecija (fl.12-12v); retoma a descrição de Serras e de Rios (fls. 12v-14v); começa a História Pré-Islâmica (14v-15v); neste ponto surge, integrada no texto, a nota “*aqui faltam fojas*” (fl.15v) ¹¹; surge depois o episódio do Rei Rodrigo, e o início da História Islâmica, que se suspende abruptamente (fls. 15v-23v); retoma a descrição geográfica com os termos entre Huesca e Algeciras (fls.24-35v); recomeça a História islâmica até ao fim do ms.(fls.36-69).

Termina dizendo “*Hasta aqui auia em el original de Rassis que tenia Ambrosio de Morales*”(fl.69).

IV.1.3. O ms. *LV* e as ‘reconstruções eruditas’ do século XVII

O ms. *LV*, foi integrado por Diego Catalán no conjunto das ‘reconstruções eruditas’ ou textos ‘híbridos’ ¹², atrás tratados, talvez atendendo à datação do mesmo *LV*, pois aquele investigador não teve um contacto directo com o ms. em causa, antes

¹¹Esta longa lacuna corresponde ao que na C1344, ed. CATALÁN e ANDRES, está entre a parte final da página 84 e a o primeiro terço da página 126. A nota, que refere a lacuna, e que é marginal em *E* (cf. *C1344*, ed.Cintra, vol.I, p.CCCXXXIV), aparece em *LV* já integrada dentro do próprio texto.

¹² Sobre questões envolvendo os textos híbridos do século XVII, v. supra Vol. I: 1.II.7.4.

soube da sua existência a partir de uma nota de rodapé numa obra de Leite de Vasconcelos 13.

Trata-se afinal de um espécime *sui generis* pelas suas particularidades textuais. Terá sido, este ms., ou antes a sua matriz, uma possível peça articular em todo aquele esforço que se desenvolveu na Espanha do século XVII, e que buscou restaurar a *CMR*.

Dizemos ‘peça articular’ porque *LV* apresenta características que o identificam como um texto prévio à reconstrução propriamente dita, mas onde já encontramos presente o espírito da empresa que se dirigia para aquele objectivo. *LV* é uma cópia só do ms. *E*, mas que apresenta anotações que indicam as diferenças textuais detectadas na confrontação entre o mesmo *E* e o ms. *Ca*.

Alguém com a matriz de *LV*, anotada, e com *Ca* poderá, com relativa facilidade, produzir um texto idêntico àqueles que surgiram no século XVII. Por exemplo, e é apenas um, detectam-se grandes semelhanças nas partes introdutórias de *LV* e de *Cop*, embora, como vimos antes, *LV* seja apenas uma reprodução de *E*, enquanto *Cop* já é composto a partir de *E* e de *Ca*.

Se relativamente ao ms. *Ca* sempre foi o mesmo entendido como um testemunho da *CMR*, o mesmo não se passou com o ms. *E*, pois até aos finais do século XIX continuou sendo considerado como um testemunho da *CMR*, e já só no século XX foi finalmente identificado como testemunho da *C1344* 14.

IV.1.4. O processo textual entre *E* e *LV*

13 Diego Catalán refere o ms. em causa (cf. *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES) a partir da n. 1 da p. 44 da obra de Leite de Vasconcelos *Textos Arcaicos*, na sua 2ª edição de 1908. Pela nossa parte encontramos a mesma referência na 5ª edição daquela obra, Lisboa, Clássica Editora, 1970, p. 54, n.1 (edição facsím. da 3ª edição de 1922).

14 V. *C1344*, ed. Lindley CINTRA, vol. I, pp. CCCXXXIII-CCCXXXV.

O processo de reprodução do ms. *E* e que deu origem ao ms. *LV* não é directo nem ausente de problemas.

O ms. *LV* não foi copiado directamente de *E*. A primeira cópia, aquela que foi sendo confrontada com *Ca*, e de que temos registo nas anotações que assinalam as diferenças entre os textos, foi levada a cabo por alguém, o primeiro copista, que seria um bom conhecedor dos textos que estava trabalhando. A ele se deverão as anotações relativas a *Ca*.

Um erudito nos conhecimentos textuais, escapou-lhe, no entanto, um aspecto prático, o qual estará, mais tarde, na origem da ‘desordem’ textual que encontramos em *LV*, e que referiremos mais adiante.

Sabemos ainda que este copista, por uma qualquer razão, não terá voltado a ter contacto com o seu trabalho, pois sendo naturalmente bom conhecedor do seu próprio trabalho, bem como dos textos utilizados para aquele fim, poderia ter recuperado a ordenação do manuscrito após o acidente que o alterou profundamente na sua estrutura.

Pelo contrário, a pessoa que fez a segunda cópia, da qual saiu o ms. *LV*, não conhecia qualquer dos textos, ou, pelo menos, não teria tempo ou condições materiais para os consultar, embora nos inclinemos mais para a primeira possibilidade¹⁵. Quem conheça minimamente a organização do texto, sabe que, por exemplo, os apartados geográfico e historiográfico do mesmo não se compõem de vários pedaços que se interpenetram e que se interrompem, por vezes de forma abrupta e inconclusiva.

Voltemos ao texto matriz de *LV*. Aquela primeira cópia, produzida pelo copista mais letrado, não ficou com a sua foliação numerada, nem o seu redactor terá voltado a

¹⁵ É possível que até seja um pouco mais grave, pois estamos em crer que esta incompreensão do que tinha diante de si se aplicaria a um qualquer outro texto, mais até do que exclusivamente a um conhecimento de *E* e de *Ca*. O copista em causa não teria a visão de conjunto do texto que estava copiando e a sensibilidade para entender que algumas partes, bastantes até neste caso concreto, não tinham sequência discursiva.

mexer-lhe, como já vimos. Em virtude daquela falta de numeração, a cópia, ainda em fólhos soltos, terá sofrido uma eventual queda que lhe alterou a respectiva organização.

Quem apanhou as folhas do chão não teria obrigatoriamente que saber sequer de que tratava o texto das mesmas, até podia nem sequer saber ler. O texto foi reordenado a partir da sequência em como foi apanhado, e sem possibilidade, para quem o não conhecesse, de lhe devolver a ordem primitiva.

Esta seria pois também a condição do copista de *LV*, que, desconhecendo o que tinha entre mãos, se limitou a copiar a eito, sem qualquer outra preocupação que não fosse simplesmente reproduzir as palavras que tinha diante dos olhos, sem o menor exercício de juízo crítico sobre o texto no seu conjunto 16.

Quanto ao texto escrito, a matriz de *LV* copiou *E*, e nessa cópia o redactor procurou actualizar a grafia do texto copiado.

Ainda encontramos um outro elemento que não é passível de ser atribuído àquele primeiro redactor, sendo, portanto, da responsabilidade de quem copiou o *LV*.

O elemento em causa não surgiria a partir de uma dificuldade de compreensão da escrita em si mesma, pois, presumimos que um homem do século XVII conseguiria ler um manuscrito do século anterior, como era o ms. *E*, sem grande problema. Ter-se-á tratado de uma ‘leitura apressada’ do texto, em função da qual encontramos que *LV* apresenta muitos dos topónimos bastante ‘mal tratados’, se confrontados relativamente a *E* e a *M* 17.

Daí a nossa conjectura se relacionar preferencialmente com o factor velocidade de trabalho, já que não se trataria de uma incompreensão do discurso.

16 Dizemos que reproduzia ‘palavras’ porque dá a sensação de que quando estava escrevendo uma, já teria esquecido a anterior, não chegando, desta forma, a criar uma memória de conjunto da obra, e que essa mesma memória lhe pudesse suscitar alguma reflexão.

17 Estas conclusões são fruto do contacto com os textos, em causa, em especial durante a edição crítica de *LV*. Confrontando *LV* com a *C1344*, ed. CATALÁN e ANDRES, é fácil detectar aquelas variantes textuais que surgem precisamente em *LV*.

IV.1.5. O ms. *E*, Ambrosio de Morales e a origem do *LR* em castelhano

Sabemos que foi o ms. *E*, do punho de Ambrosio de Morales, que esteve na origem do ms. *LV*. Também foi Ambrosio de Morales que nos legou informações, algumas presentes no ms. *E*, e que, através de uma tentativa de contextualização cronológica e textual, podem ajudar a fazer alguma luz sobre a origem do *LR* em castelhano, e também sobre a autoria do processo de tradução daquela obra de galaico-português para castelhano.

IV.1.5.1. O conde de Barcelos, o Senhor de Vilhena e a tradução da '*Historia del Moro Rasis*'

O conde D. Pedro de Barcelos esteve exilado em Castela entre 1317 e 1322, e terá levado consigo uma cópia (α) do recente *LR*, obra acabada de compor, algures entre 1312 e 1314, na corte senhorial de seu sogro, Pero Anes de Portel.

Porque dizemos 'uma cópia' e não 'o original' ? O original terá sido apropriado pela autoridade régia quando ao conde foram retirados todos os títulos e confiscados os bens, na sequência da sua participação na guerra civil ao lado do herdeiro D. Afonso contra o outro irmão Afonso Sanches, facto ou conjunto de factos que deram origem àquele exílio.

Este exemplar, o original, ficou na chancelaria régia. Já no século XV, no âmbito físico da chancelaria régia e no âmbito cultural e mental da «recriação' (ou criação...) da memória do reino» após a conquista de Ceuta em 1415, sob a dinastia de Aviz,

aquele mesmo *LR* original veio a servir para retocar o texto da *C1344*, tendo dado origem à versão ‘retocada’ de 1420, a mesma versão que serviu de base à edição de Lindley Cintra (ms. *L*) 18.

Esta versão de 1420 criou a sua própria ‘linhagem textual’ pois tem particularidades, provenientes daqueles retoques, que só se encontram nos testemunhos dela dependentes 19, e que não se encontram nos testemunhos castelhanos.

Um argumento a favor das duas cópias diferentes do *LR*, a que ficou em Castela e a que serviu para a *C1344*, é o de que quer os testemunhos castelhanos da *CMR* quer os portugueses da *C1344*, na ausência daquela, apresentam no apartado geográfico versões diferentes, embora corroboradas pelos textos árabes devedores, pelo menos simbolicamente, a al-Rāzī, não se tratando, portanto, de interpolações posteriores de mão romance e que teriam dado origem àquelas diferenças textuais.

O que creio que não deixa dúvidas é o meio ou meios literários onde esta tradução foi produzida e por onde circulou nos séculos XIV e XV: nos meios letrados da aristocracia hispânica e da chancelaria régia portuguesa.

Voltando ao Conde de Barcelos: mais tarde, já com D. Pedro regressado ao reino, do texto original do *LR* foi extraída outra cópia (β), aquela que acabou por vir a ser usada por D. Pedro na compilação da sua *C1344* 20.

O conde D. Pedro durante aquele seu exílio em Castela terá conhecido o Senhor de Vilhena, D. João Manuel, então um dos maiores magnates de Leão e Castela. Para aquilatarmos do seu poder e prestígio social, basta referir que D. João Manuel, era, desde 1321, Regente do reino e tutor do moço-rei Afonso XI.

18 Sobre todos os mss. da *C1344*, suas características específicas, famílias textuais e relações textuais entre eles, v. *C1344*, ed. L. CINTRA, vol. I, pp. CDLXXXIX-DXL.

19 Sobre as diferentes cópias do *LR* / *CMR*, e respectivas famílias textuais originadas a partir daquelas cópias, v. A. REI, *Memória de Espaços...*, pp. 183 -198.

20 *Idem*, pp. 195 -198.

Cremos mesmo que esses contactos terão sido mais do que meramente ocasionais e terá havido trocas de ideias entre aqueles dois grandes senhores e grandes letrados, pois encontram-se semelhanças ao nível dos conceitos político-literários que D. Pedro e D. João Manuel nos legaram em obras de suas autorias.

Mais: quando estaria mesmo para regressar a Portugal, ao ter sido perdoado por seu pai, o rei D. Dinis, D. Pedro terá oferecido a D. João Manuel a cópia do *LR* que tinha consigo. Sabia agora que poderia voltar a ter contacto com o texto original, portanto não haveria grande prejuízo em se desfazer daquela cópia, e reforçava assim, pela dádiva, a amizade que estabelecera com o então regente de Leão e Castela e Senhor de Vilhena.

Aquele *LR*, que pelas citações de André de Resende, ainda se designaria como tal no século XVI, acabou por dar origem, em Castela, à forma pela qual acabou ficando tradicionalmente conhecido, e que foi *Crónica del Moro Rasis*, embora se constate, em Morales, uma forma intermédia e que foi a de '*História del Moro Rasis*', e, portanto, ainda utilizada na segunda metade do século XVI.

Desta Crónica conhecem-se os testemunhos *Ca*, *Es* e *Mo*, dos quais o primeiro será o mais antigo. O *Ca*, datado da primeira metade do século XV, terá sido uma possível cópia preparatória à integração de parte da *CMR* na compilação de Pedro de Corral, chamada *Crónica Sarracina*, em data próxima a 1430. Daí o haver quem pense que teria sido este Pedro de Corral o autor da tradução do texto do *LR* de português para castelhano ²¹.

A nossa proposta assenta na tentativa de contextualização de certos indícios textuais encontrados em Ambrosio de Morales.

²¹ Tendo a obra de Corral sido composta por volta de 1430 (CMR, ed. CATALÁN e ANDRES, pp. XIII-XIV), e não tendo chegado a Castela qualquer exemplar da versão de 1420, naquele momento a mais recente, onde e como obteria Corral o texto? Parece-nos pois difícil de aceitar esta hipótese.

Vejamos: para Lindley Cintra a frase que surge no início do ms. *E*, «*Començo de reynar elRey Don Alfonso que agora es en Castilla*» indica que este *E* foi copiado, directamente ou através de cópia intermediária, do protótipo que deu também origem ao ms. *M* 22.

Observemos agora a frase semelhante que se encontra em *M*, «*E despues deste començo a rreinar el rrei don Alfonso que agora es en Castilla, al que Dios mantenga por muchos años e buenos, en esta era suso dicha, que es de mill trezientos e çinquenta años; e quando començo a rreinar non avia mas de vn año e veinte e seis dias*» 23.

O que nos parece evidente é que um texto idêntico à matriz de *E*, pelo menos no seu início, foi aproveitado para terminar o capítulo em que elenca os reis de Leão e de Castela, desde Fernando II de Leão a Afonso XI de Leão e Castela, e é anterior àquele em que começa o Apartado geográfico em *M* 24.

Em *M* especifica-se e acrescenta-se informação, procurando uma solução de compromisso com o anteriormente escrito, de forma a precisar que o começo do reinado foi na era de 1350 (1312 d.C.), quando faleceu Fernando IV, e Afonso XI passou a ser o rei em título 25, embora com a idade que nos diz a passagem em causa: ‘um ano e vinte e seis dias’.

Pela nossa parte, entendemos que o que surge em *E* tem uma referência cronológica diferente: situa a redacção da primeira tradução castelhana do *LR*, a qual terá sido designada como *HMR* (atendendo à designação que surge em *E* e em *LV*), pouco tempo depois de 1325, ou seja quando Afonso XI começou de facto a reinar,

22 Sobre o ms. *M*, o único que se conhece da primeira versão da *C1344*, v. *C1344*, ed. L.CINTRA, vol. I, pp. CDXC-CDXCI.

23 *C1344*, ed.CATALÁN e ANDRES, p. 31

24 *Idem*, pp. 30-31.

25 *Idem*, p. 31. A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 329.

quando foi dado por terminado o ciclo das regências e começou ele mesmo a governar o seu reino.

Vejamos: a tradução do *LR* de galaico-português para castelhano não poderia ter ocorrido em 1312, porque D. Pedro ainda não se tinha exilado em Castela, levando consigo a cópia; D. João Manuel ainda não iniciara naquela data a sua actividade literária; e por último, mais significativo, e ainda prévio àqueles factos: só por aquela data de 1312 é que se estaria a acabar de redigir a tradução do texto árabe para galaico-português, ainda a expensas de Pero Anes de Portel, sogro de D. Pedro 26.

Em suma, na tradução/redacção da *Crónica de 1344* em castelhano, houve uma recontextualização cronológica da passagem que inicialmente datava o início da tradução do *LR* para castelhano, situando-a na altura em que Afonso XI começou efectivamente a governar. Aquela decisão de alterar o texto acabou por dar origem uma conclusão como aquela a que Lindley Cintra chegou, talvez porque não dispusesse então da informação hoje acessível sobre esta questão.

Esta coincidência/semelhança textual aproxima, quanto a nós, D. João Manuel de ambas as empresas de tradução daquelas duas obras, quer o *LR* quer a *CI344*, e do homem que lhe facultou ambos os textos, o primeiro por proximidade e o segundo por autoria, o conde de Barcelos, D. Pedro.

Assim, o texto do *LR* que D. Pedro ofereceu a D. João Manuel, começou a ser traduzido por este último, de galaico-português para castelhano em 1325 ou 1326, pouco tempo depois de ter terminado as suas funções de Regente em nome do moço-rei. Sabendo-se que a faceta de escritor de D. João Manuel terá começado por volta de

26 O Conde da Ericeira atribuiu, em 1724 na *Academia da História Portuguesa*, ao ano de 1312 a conclusão daquela tradução (cf. Carolina MICHAËLIS, “André de Resende e a CMR”, *O Archeologo Português* XXIV (1920), pp. 177-193, p. 186). E Pero Anes de Portel terá falecido entre 1312, data da conclusão da tradução, e onde o seu nome figura explicitamente, e 1315 (cf. *Livro dos Bens de D. João de Portel*, ed. Pedro de AZEVEDO e Anselmo Braancamp FREIRE, Lisboa, Ed. Colibri, 2003 (ed. facsim. 1906-1910), p. XXVI; *CI344*, ed. L.CINTRÁ, vol. I, p. CXLIII; *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. XIII).

1320, e que foi regente entre 1321 e 1325, depois desta última data estaria, sem dúvida, muito mais liberto para essas suas outras actividades 27.

Ambrosio de Morales além da '*Historia del Moro Rasis*' teve também uma *Crónica* que estava sendo escrita no ano «de nuestro redentor mil y trecientos y quarenta y quatro». Pensava, por vários indícios, tratar-se de obra da autoria de D. João Manuel.

As deduções de Morales poderiam ser fruto de uma confrontação textual entre a *Crónica* em causa e, por exemplo, aquela mesma '*Historia del Moro Rasis*' ou outras obras do senhor de Vilhena, que o mesmo Morales tinha, como no caso da *HMR*, ou simplesmente conheceria. As semelhanças textuais, ou excertos destas últimas integrados naquela primeira poderão tê-lo conduzido àquela conclusão.

Aquelas identidades textuais poderão provir da utilização, por D. Pedro, de textos de D. João Manuel que lhe teriam chegado às mãos quando da ida de D. Pedro de Barcelos a Castela por altura da Batalha do Salado; ou, como também parece possível, tendo sido D. João Manuel o responsável pela tradução da *C1344*, na sua primeira versão, tradução essa que poderia ocorrer entre 1345 e 1348, e em que poderia este Senhor ter incluído no texto da *Crónica* algumas passagens da sua lavra, o que não era então incomum.

Talvez a primeira versão da *C1344* em castelhano, da mão daquele Senhor, tivesse acabado por ser a que ficou conhecida pela designação de '*Cronica conplida*' 28, *Crónica* extensa, por comparação com a *Crónica Abreviada*, que o mesmo D. João

27 Sobre as funções de Regente e o início da actividade literária de D. João Manuel, v. "1. II. 6. 2. 2. D. João Manuel, Senhor de Vilhena", e em especial o aí referido na n. 67.

28 Sobre estas duas obras de D. João Manuel, v. Diego CATALÁN, "Don Juan Manuel ante el modelo alfonsí: el testimonio de la *Crónica Abreviada*", in *La Estoria de España de Alfonso X – creacion y euolucion*, pp. 197-229. Curiosamente já no século XIX Amador de los Ríos aventara a possibilidade de a *Crónica Conplida* ser a *C1344*, embora tenha sido considerada como uma 'desorientação' do autor (c. Diego CATALÁN, "Don Juan Manuel ante el modelo alfonsí. El testimonio de la *Crónica Abreviada*", p. 198, n. 11). Semelhanças textuais entre a *Crónica Abreviada* e a *C1344* foram detectadas por D. G. PATTISON, "Juan Manuel's *Crónica Abreviada* and Alphonsine Historiography, in *Medivm Ævum*, 2 (1992), pp. 242-249.

Manuel elaborara genericamente a partir da *Crónica* de seu tio, o rei Afonso X, mas que retocara a partir daquela mesma *CI344* ²⁹.

Um possível exemplo dessas interpolações seria aquela finalização do Capítulo genealógico dos reis de Leão e Castela, onde podemos ler a situação de paz que finalmente se estabelecera, após 1338 ³⁰, entre Afonso XI e João Manuel, tendo este acabado por adaptar a passagem que anteriormente escrevera, em momento e em circunstâncias pessoais e políticas completamente distintas.

D. Pedro de Barcelos foi, portanto, um elemento de inestimável importância na preservação e divulgação do *LR*, para o que muito contribuiu a utilização que dele fez como fonte para a composição da sua *CI344*. Mas, parece que não poderemos pôr de parte o também importante contributo que D. João Manuel acabou prestando à preservação daqueles textos, ao tê-los traduzido para castelhano, tanto mais que os originais portugueses quer do *LR* quer da *CI344* se acabaram por perder.

IV.1.6. Análise textual sumária de *LV*

Comparemos a ordenação presente em *LV* com a que se encontra genericamente em todos os testemunhos da *CMR*:

- Descrição geográfica (a Espanha triangular e dupla; Córdova e restantes termos, de Cabra a Écija, sem interrupção; Serras e Rios), História Pré-Islâmica; e

²⁹ Sinais dessa utilização da *CI344* no que terá constituído uma última versão da *Crónica Abreviada* foram detectados por D. G. PATTISON, “Juan Manuel’s *Crónica Abreviada* and Alphonsine Historiography, in *Medieval Ævum*, 2 (1992), pp. 242-249, em especial pp. 245-246). Este facto evidencia, portanto, o conhecimento profundo da *CI344*, e a sua posterior utilização, por parte de D. João Manuel, na sua *Crónica Abreviada*, algures entre 1344, quando foi terminada por D. Pedro, e 1349, quando o próprio Senhor de Vilhena veio a falecer. Quem melhor colocado que este último para ter traduzido a *CI344* para castelhano ?

³⁰ Cf. nota anterior.

História Islâmica.

Portanto o ms. que serviu de matriz ao *LV*, além de ter falta de fólhos, já referenciada pelo próprio copista, tinha ainda a ordem dos fólhos muito alterada, pois encontramos que os vários apartados, na totalidade dos outros testemunhos conhecidos, estanques e sucedendo-se na ordem referida no § anterior, aqui se interpenetram em vários blocos, sendo o apartado geográfico o mais desarticulado, pois surge em quatro partes. Mesmo a parte de Rayya e de Eciya e depois a das serras e dos rios, que deveria ser a última, surge aqui no meio da mesma parte geográfica.

O texto matriz do *LV* era um texto que copiou o texto de Morales (ms. *E*)³¹, e o cotejou com o ms. *Ca* de Toledo, testemunho castelhano da *CMR*. Isto porque no texto surgem várias anotações que remetem para *Ca*. Mas essas notas não identificam quaisquer lições de *Ca* com vista a uma possível ‘reconstituição’ do texto matriz de *LV*, limitam-se apenas a referir diferenças de organização textual de *Ca* em relação a *E*³².

Tendo sido considerado como mais um testemunho tardio da *CMR*, do século XVII, como alguns outros que Diego Catalán referiu na edição pluritextual da *CMR*³³, e entre os quais também fala de *LV*³⁴, este texto difere desses outros mss. do século XVII, por não se tratar dum texto compósito, como são aqueles testemunhos tardios da *CMR*

³¹Sobre este ms. *E*, de Ambrosio de Morales, v.infra o texto.

³²No fl.1v, diz: “*Falta poco del Principio enel original del Colegio de Santa Catalina de Toledo* [ou seja o ms. *Ca* - cf. *CMR*, ed.Catalán e Andres, passim]; no fl.33v, encontramos duas outras anotações que dizem respectivamente: “*aqui en medio entra Coimbra y Exitania que esta en el otro original de Toledo*” e “*Aqui entran Sevilla y Carmona que estan en el otro original de Toledo*”. Todas assinalam as diferenças textuais, mas não as copiam de *Ca*.

³³Além do ms. *Cop*, editado em Apêndice na *CMR*, ed.Catalán e Andres, p.XIX-XXV e 285-376, são ainda conhecidos como representantes deste ‘hibridismo’ textual: o ms. que Gayangos editou na sua *Memória...*; os mss. : nºs. 1376 e 1171, da Biblioteca Nacional de Madrid; e o nº 136 (*Catalogue de Morel Fatio*), *anc.fonds. N° 99775*, Bibliothèque National de Paris (cf. *CMR*, p.XVII e n.27).

³⁴Diego Catalán apenas cita o ms. *LV* indirectamente, a partir das referências de Leite de Vasconcelos, nos *Textos Arcaicos*, não tendo tido contacto directo com o ms. (Cf.*CMR*, ed.Catalán e Andres, p.XVII, n.27), pois caso contrário ter-se-ia dado conta das suas especificidades.

IV.1.6.1. Questões textuais em LV

Pretendemos assinalar aqui alguns casos que nos parecem de importância para futuros estudos que envolvam estes manuscritos no seu conjunto.

Talvez os eruditos empenhados no processo de reconstrução da *CMR*, no século XVII, tenham resolvido, mais do que só ‘reconstruir’ a partir dos testemunhos da Crónica, quase ‘recriar’ a mesma Crónica a partir de elementos eruditos que acharam por bem acrescentar, sem que viessem nos testemunhos então conhecidos.

Atribuímos aquela responsabilidade aos eruditos do século XVII, pois Morales, nos finais do século XVI, não nos fornece nenhum desses dados ‘eruditos’.

E porque só em *Cop* e *LV*, textos do século XVII e partícipes daquela empresa de reconstrução/recriação encontramos tais informações.

a) a datação duvidosa que se encontra em *LV* e em *Cop*

Logo no início de *Cop* surge esta data problemática, “9)9”, que D.Catalán em nota sugere como ‘919?’ ou ‘979?’³⁶, sem optar por qualquer delas; e em *LV*, também no seu início, temos “9)2” (fl.1 ?).

³⁵Os mss. referidos supra na n.12 são ‘reconstruções’ eruditas, levadas a cabo no século XVII, a partir do mss. *Ca* e *E* (cf. *CMR*, ed.Catalán e Andres, p. XVII).

³⁶ Cf. *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p.XIX, n.39 e p. 3, n.1

Se colocarmos a hipótese de que ‘)’ se possa ler como ‘5’, teríamos em *Cop* ‘959’ e em *LV* ‘952’. Esta última data seria consentânea com a vida de al-Rāzī, falecido em 955 ³⁷, o que faria, mais uma vez, remeter para a simbólica figura fundacional da historiografia e da geografia hispano-árabe, e também entendida como autor do texto mais tarde traduzido para linguagens romances. Aquela data poderia indicar quando al-Rāzī teria terminado a redacção da sua obra maior, *Akhbār Mulūk al-Andalus* (Notícias sobre os Reis da Hispânia).

Se colocarmos a hipótese de que ‘)’ se possa ler como ‘3’, teríamos em *Cop* ‘939’ e em *LV* ‘932’. Esta última poderia relacionar-se com a data em que finalmente se deu a pacificação total de al-Andalus, após a rendição de Toledo a *al-Nāsir li-Dīn Allah* ‘Abd al-Raḥmān III. Poderia ser a data do início da composição, articulada com o facto de ‘Abd al-Raḥmān III se ter proclamado Califa, e cujo acto haveria que legitimar e fundamentar.

Pegando nas hipóteses sugeridas por Diego Catalán nas suas notas, com ‘)’ sendo ‘1’, teríamos em *Cop* ‘919’ e em *LV* ‘912’. Teríamos em ‘912’ a data de início de reinado de ‘Abd al- Raḥmān III, após a morte de seu avô ‘Abd Allah, então apenas como ‘amir’ e ainda não como califa; com ‘)’ como ‘7’, teríamos em *Cop* ‘979’ e em *LV* ‘972’.

Neste caso, atendendo ao início do texto em ambos os mss. e em que aparece referido Hishām II, cujo reinado começara em 976, teríamos, como data mais consentânea, a de 979, presente em *Cop*, podendo mesmo admitir-se que o ‘2’ de *LV* seja uma má leitura de um ‘9’ um pouco irregular.

Teríamos assim uma data com alguma plausibilidade de marcar, no âmbito califal omíada, o início da compilação final, a qual fora iniciada por Aḥmad al-Rāzī e

37 Cf. supra “1. II. 5. 1. 1. Abū Bakr Aḥmad ibn Muḥammad ibn Mūsā al-Rāzī”.

que acabaria por vir a ser completada por seu filho ‘Īsā al-Rāzī.

No entanto, atendendo a que apenas os mss. *Cop* e *LV* apresentam estas datações dúbias, e não apenas na forma gráfica, mas também pelo facto de não existirem quaisquer datações nem nos mss. antigos da *CMR* (*Ca*, *Es* e *Mo*), nem em André de Resende 38, apontamos para que as mesmas possam ter surgido como interpolações posteriores 39.

b) O patrocínio ‘dionisino’ da tradução

A atribuição do patrocínio da tradução do texto árabe para galaico-português ao rei D. Dinis poderá provir, no seu início, de uma analogia entre Afonso X e seu neto Dinis, enquanto mecenas das letras, e interessados na tradução de textos hispano-árabes. O papel de D. Pedro de Barcelos e depois o de D. João Manuel, no relativo à divulgação do texto árabe traduzido, entre as línguas romances hispânicas e nas respectivas literaturas seria então algo desconhecido.

Do que nos chegou através de André de Resende, não se conhece qualquer referência àquele monarca no início do texto traduzido, apenas aí sendo citados os Senhores de Aboim-Portel. E também nos *Ca*, *Mo* e *Es* e também em *E*, não surgem quaisquer referências nem ao rei nem àqueles senhores.

Atendendo à época em que, maioritariamente, o *LR* foi composto, e ao monarca então reinante em Portugal, D. Dinis, os letrados do Barroco hispânico terão

38 *Idem*, p. 3.

39 Uma coisa parece certa, no entanto: aquela datação, partindo do princípio de que já se apresenta na era cristã, teve que passar por alguns ajustamentos cronológicos, pois ter-se-ia iniciado na era islâmica, passado depois pela chamada ‘era hispânica’ antes de chegar àquela última forma, na cronologia gregoriana, o que revelaria, naquela diversidade mais uma procura da exactidão histórica do que um sinal de desinteresse que, como tal, se poderia tornar veículo de anacronismos.

acrescentado mais este dado ‘erudito’ aos textos manipulados.

Atendendo à característica ‘prévia’ do ms. *LV* talvez o dado em causa possa ter sido acrescentado inicialmente neste ms., do qual se teria transmitido a alguns dos textos compósitos, como, por exemplo, o *Cop*.

c) a questão das “duas traduções”

Informação desconhecida quer em *Ca*, *Mo* e *Es* quer em *E*, surge referida em *LV* e em *Cop*.

Em *LV* são referidas duas traduções que teriam transposto o *LR* de português para castelhano, sem precisar uma data para qualquer dessas duas traduções, nem dizer porque razão teriam existido duas traduções. *Cop* alonga-se um pouco mais nesta passagem, parecendo-nos que se trata de mais uma das ‘interpolações eruditas’ que foram acrescentadas no século XVII, e desconhecidas em testemunhos anteriores.

Cop fala em duas traduções ordenadas por D. Dinis, repetindo o que já víamos atrás, mas que, muito curiosamente teriam sido uma para latim e outra para português, referindo um processo de tradução já arcaizante nos princípios do século XIV, e que em Castela estivera em voga na primeira metade do século XIII ⁴⁰, mas em relação ao qual não se conhece qualquer exemplo em Portugal, nem da metodologia em si mesma nem de qualquer produto que pudesse remeter para a mesma. Estas supostas duas traduções teriam ocorrido no ano de 1318.

Como já vimos atrás, e é conhecido, a empresa de tradução do texto árabe da obra de Ibn Galib, foi levada a cabo pelos Aboim-Portel, e foi traduzido directamente

⁴⁰ Gonzalo MENÉNDEZ PIDAL, “Cómo trabajaron las Escuelas Alfonsíes”, *Nueva Revista de Filología Hispánica*, Ano V, nº 4 (1951), p.363-80).

para português, não se conhecendo qualquer tradução para latim. A data de 1318 poderia correlacionar-se com a estadia de D. Pedro de Barcelos em Castela, embora seja impossível, pelo menos de momento, identificar como chegou o autor de *Cop*, ou alguém, directamente antes dele, àquela data.

Da mesma forma a tradução para castelhano nem foi feita por nenhum mestre ‘Mahomat de Córdoba’, nem o teria sido na datação apresentada, 1342, pois não se correlaciona esta data com a altura em que Afonso XI começou a governar, 1325.

As chamadas ‘duas traduções’, quanto a nós, relacionam-se com as do *LR* e depois com a da *C1344*, ambas de português para castelhano. Entendido desta forma, até as datas fariam algum sentido, ainda que por aproximação.

Talvez os homens empenhados neste labor de restituição textual tenham tido acesso a um documento, um rascunho ou um apontamento problemático onde constassem aquelas datas, e que uma má leitura do mesmo desse origem ao que consta em *Cop*.

“1326”, com um ‘2’ pouco redondo que se possa ler como ‘1’; e um ‘6’ bastante enrolado que pudesse sugerir um ‘8’, daria o tal “1318”. Na segunda data, um ‘7’ pouco angular e um pouco mais arredondado poderia sugerir um ‘2’, originando “1342”.

Em 1318 seria uma data muito pouco provável para que a tradução do *LR* tivesse lugar, pois o Conde de Barcelos estava recém-exilado, e não sabendo qual o seu futuro dificilmente se iria desfazer da cópia que possuía; e porque D. João Manuel ainda não começara as suas actividades literárias. Mas 1326 já é perfeitamente aceitável.

Quanto a 1342, está também fora de causa, pois a *Crónica de 1344* estava ainda em elaboração naquela data. Agora 1347 já se torna plausível, três anos após a conclusão da mesma; dois a três anos depois poder ter chegado às mãos do Senhor de Vilhena; e um ano e meio a dois anos antes do falecimento daquele grande senhor.

Em suma, as datas são relativamente aceitáveis, se objecto de uma correcção.

Quanto à hipotética tradução para latim, cremos a mesma fora de causa. O que pode ter levado Escabías a produzir aquela afirmação, terá sido que este letrado tenha conhecido alguns dos excertos do *LR*, traduzidos por André de Resende de português para latim, e tenha concluído que também teria sido levada a cabo, logo quando da tradução inicial, uma segunda tradução, para o idioma latino 41.

Existem ainda em *LV* alguns outros pontos que levantam questões textuais, e que não queremos deixar de mencionar.

Existe em *LV* um lapso nas anotações relativas a *Ca*, pois o copista, na matriz de *LV*, não anotou a presença de Badajoz, cuja notícia se encontra em *Ca*, *Mo* e *Es*, e está ausente em *E*. Terá sido mesmo uma inadvertência pois tal não aconteceu com Coimbra e a Egitânia, que aparecem anotados na matriz de *LV*, muito pouco à frente do local onde deveria figurar a anotação relativa a Badajoz.

Um outro ponto, é o relativo ao topónimo ‘Luca’, proveniente do hispano-árabe ‘*Luk*’ ou ‘*Lukk*’ 42. Este topónimo, lacunar em *M* e em *E*, só se encontra, além de em *LV*, em *Ca*, *Mo* e *Es*, ou ainda em testemunhos ‘híbridos’ do século XVII, como *Cop* ou *Ga* 43.

41 Metodologia utilizada na primeira metade do século XIII, foi abandonada pelas ‘escolas afonsinas’ de tradução (v. Gonzalo MENÉNDEZ PIDAL, “Cómo trabajaron las Escuelas Alfonsíes”...), e não se conhece qualquer caso em Portugal em que o mesmo método de trabalho tivesse sido aplicado.

42 Aquelas duas formas constatamo-las respectivamente em IBN ĠĀLIB, *Naşş...*, p. 289 e n. 7; e em YĀQŪT, *Mu’jam al-buldān*, vol.V, p.26.

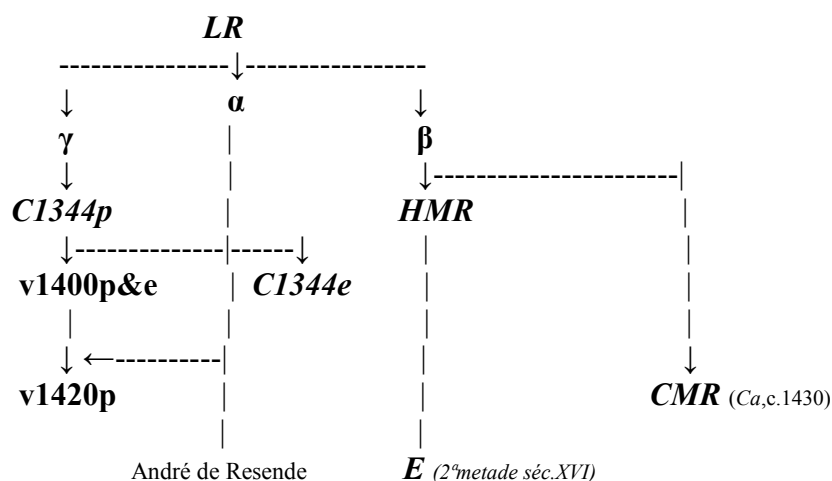
43 O topónimo ‘Luca’ surge na *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, em todos os testemunhos, na p. 69; na mesma edição o topónimo em causa surge em *Cop* na p. 301. Em GAYAGOS, *Memória...*,

Nos testemunhos da versão de 1400 da *C1344*, e posteriores, o topónimo apresenta-se sempre sob a forma ‘Bued’ 44.

Atendendo a toda a problemática, estamos em crer que o copista terá preenchido a lacuna de *E* com o topónimo que encontrou em *Ca*, que nos parece ser a mais fácil explicação, pois caso contrário ficar-se-á entre mãos com um enigma textual que envolverá seguramente alguma complexidade e dificuldade.

Cremos que o ms. *LV* ajudou a levantar novas questões e a propor soluções para questões antigas. Cremos, portanto, poder afirmar que a autoria das traduções quer do *LR* quer da *C1344* de português para castelhano se ficaram a dever a D. João Manuel, senhor de Vilhena, e que foi D. Pedro de Barcelos quem lhe deixou uma cópia do primeiro, traduzido de árabe para galaico-português e compilado a cargo dos Aboim-Portel, e lhe fez chegar uma cópia da segunda, esta da sua própria autoria.

Estema de transmissão do texto árabe traduzido por ordem dos Senhores de Aboim-Portel



‘Luca’ vem na p. 51.

44 *C1344*, ed. L. CINTRA, vol. II, p. 61; *C1344*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. 61.

LR – a tradução original galaico-portuguesa feita a mando dos Senhores de Aboim-Portel

α β γ – as três prováveis cópias da tradução de **LR**.

- **α** será possivelmente o texto original de **LR**, que depois de usado no início do século XV, chegou a André de Resende, e depois de ter servido Duarte Nunes de Leão e ter pertencido a Severim de Faria, foi detectado na biblioteca dos Condes do Vimieiro, em 1724, até que se lhe perde o rasto com o Terramoto de 1755.

- **β** foi a cópia que D. Pedro deu a D. João Manuel e que este traduziu para castelhano. Desta tradução saiu mais tarde o ms. *Ca*.

- **γ** foi a versão que D. Pedro tirou depois de regressar de Castela, e que usou para a sua Crónica, pois a primitiva (**α**) dera-a a D. João Manuel.

HMR – *Historia del Moro Rasis*, designação que Ambrosio de Morales dá à obra que copia, e que supomos fosse a que encontrou na matriz castelhana de *E*

C1344p – a crónica original, obra de D. Pedro, e da qual não se conhece qualquer testemunho português.

C1344e – tradução castelhana da anterior, obra de D. João Manuel de Vilhena, e da qual se conhece apenas o ms. *M*.

V1400p&e – 2ª versão da *C1344*, portuguesa, anónima, levada a cabo cerca de 1400, da qual não subsiste qualquer testemunho português, mas de que são conhecidos os mss. castelhanos U, V e Q.

V1420p – 3ª versão da *C1344* levada a cabo conjuntamente com a produção da *Crónica de Portugal de 1419*. Esta versão foi retocada a partir da cópia **α**.

IV.2. Para uma edição crítica do ms. *LV*

IV.2.1. Objectivo

O texto que apresentamos seguidamente é uma edição crítica do manuscrito (ms.) *LV*.

Este ms. contém uma cópia, explicitamente identificada⁴⁵, do texto presente no ms. que Ambrósio de Morales copiou e deteve, no século XVI. Morales fez essa sua cópia a partir de um texto que o ms. *LV* identifica como ‘*Historia del Moro Rassis*’⁴⁶. Presentemente aquele ms. que se deve a Morales está identificado como ms. *E*, e que foi identificado como tratando-se um fragmento de texto da primeira versão da *C1344*.

IV.2.2. Critérios da Edição

Já existem várias excelentes edições críticas, algumas delas pluritextuais, tanto dos testemunhos da *CMR*, como da *C1344*, sendo que neste último caso se conhecem edições quer de testemunhos portugueses, por Lindley Cintra, quer de castelhanos, por Diego Catalán e Maria Soledad de Andres.

45 V. Ms. *LV*, fls. 1v e 69.

46 V. *C1344*, ed. CATALÁN e ANDRES, p. LXXVII. Identificação perfeitamente aceitável tanto mais que, já entrado o século XX, ainda eram entendidos quer os testemunhos da *Crónica do Mouro Rasis* (*CMR*) quer da *Crónica Geral de Espanha de 1344* (*C1344*) como tratando-se todos eles de testemunhos da mesma tradução feita para português, o que é parcialmente verdade, da obra atribuída a Ahmad al-Râzî, o *Mouro Rasis* da tradição romance.

Assim, para evitar que o aparato crítico se torne demasiado pesado resolvemos utilizar em notas apenas os seguintes testemunhos:

- o ms. *Ca*, da *CMR*, por ser o mais antigo e que aparenta ter a grafia menos alterada. Usaremos o texto editado por Diego Catalán e por Maria Soledad de Andres, em 1975;
- o ms. *M* da *CI344*, único representante completo da primeira versão da *Crónica de 1344*, e também o mais próximo do ms. *E*, este último o texto-matriz do ms. *LV* que temos entre mãos. Usaremos o texto editado por Diego Catalán e por Maria Soledad de Andres, em 1971;
- e ainda o ms. *Cop*, manuscrito “híbrido” do século XVII, em que se fundiram *Ca* e *E*. Este ms. foi editado como apêndice por Diego Catalán e por Maria Soledad de Andres, na edição da *CMR*, de 1975.

Acompanharemos o ms. *LV* a par e passo com as variantes de *E* que surgem: nas notas críticas do ms. *M*; na edição de Pascual de Gayangos; e ainda a partir de anotações de *Cop*.

O ms. *LV* é um texto que já quase não apresenta abreviaturas; tem uma caligrafia já relativamente actualizada, se comparada com a actual do castelhano⁴⁷.

IV.2.3. Normas de Transcrição e Textuais

O texto apresenta-se aqui como no original, não apresentando qualquer pontuação e deixando junto, e / ou separado o que dessa forma surge no ms.

⁴⁷ O texto em causa, mais antigo que o manuscrito que lhe serve de suporte, apresenta ainda alguns sinais de um certo arcaísmo gráfico e talvez também fonético: *ss* dobrados entre vogais; e, por exemplo, a utilização sistemática da palavra ‘*ome*’ ou ‘*omes*’, em vez de ‘*honbres*’ ou ‘*onbres*’.

[---] : para desenvolver abreviaturas;

< --- > : para introduzir palavras, ou partes de palavra sobrepostas às linhas de texto;

| --- | : para identificar rasuras legíveis no texto

Não se referirão todos os casos de tratamento diferenciado de consoantes ou de grupos de consoantes, quando não se alterem significativamente a fonética nem a compreensão das palavras em causa.

A exceção poderá ocorrer sempre que a palavra em questão seja considerada importante para a compreensão do texto.

Exemplos: c / ç / sç / s / ss / z (intervocálicos)

r / rr (no início de palavras)

i / y (dentro das palavras)

e / y / i (copulativa)

u / v / b (intercambiáveis)

IV. 3. Ms. LV – edição crítica

[fl.1] Discripcion de España conla entrada enella delos Romanos y Godos y Moros, Escripta en Arauigo por Rassis Moro que escriuio el año de christo 9)2.

Traducido deArauigo enPortugues por Gil Perez Clerigo por mandado de Don Deonis Rey dePortugal y des pues dePortugues en Castellano por dos traduciones48

[fl.1v] Falta poco del Principio eneloriginal del Colegio de Santa Catalinade Toledo

Muchos fechos Dios puso enel home en el entendimiento et el espirito etla Voluntad49 diole lumbr e espejo porque las Cossas que passan enel Mundo non fuessen olvidadas Compusse este libro e primeramente Comenze en España onde delas Villas50 Saudas en ella et delos lugares Conocidos51 et delo Rios et delos terminos52 e quales fueron los Reyes e delos Cesares e delos Godos53 que murieron en ella Como54 entro Tarasin el fijo de Nosed55 e como entro despues Mussa el fijo de Nassaire56 como entro despues Abdurrohamen el fijo de Moauia57 e quales sus fijos moraron en ella fasta que vino el fijo deAhaquin58 et es a decir59

Esta Historia del Moro Rassis tiene Ambrosio de Morales en vn original harto antiguo escripto en pergamino y antes que comienze dice assi Comenzo a reynar el Rey Don Alfonso que agora es en Castilla60

48 Historia y descripcion de España con entrada en ella de romanos, godos y moros, escrita en arabigo por Rassis Moro el año del del Señor de 9)9 traducida en latin y en Portugues por mando del Rey Don Dionis de Portugal año de 1318 y en castellano Por el Maestro Mahomat natural de Cordoua año 1342 *Cop.* Este início, ausente em *Ca*, levanta algumas questões quanto à sua origem (v. *CMR*, ed. Catalán-Andres, p.3, n.). Uma outra questão é a que envolve a datação imprecisa que surge quer em *LV* quer em *Cop.*

49 [...]chos fechos Dios puso en el omne el entendimiento e el spiritu e la voluntad *Ca*; Muchos fechos Dios pusso en elo me, en el espíritu, en el entendimiento, en la voluntad *Cop.* (É muito possível que *Ca*, aqui lacunar, começasse como *Cop*, já que *LV* também começa daquela forma; sem que, no entanto, *LV* se alargue na parte seguinte “diole lumbr e espejo”, onde *Cop* claramente parafraseia *Ca*. (v. *CMR*, ed. Catalán-Andres, p. 8, n e ‘Apêndice’, p. 287).

50 e de las villas *Ca*, *Cop*, *M*.

51 = *Cop*; conteçidos *Ca*.

52 e montes + *Cop*.

53 e quantos fueron los godos e los que viuieron en ella *M*.

54 e commo *Ca*.

55 Tarife el fijo de Zayche *M*; Tarasin el fijo de Nozed *Ca*; Tarif Abenzama *Cop* (: *Târiq ibn Ziyâd*).

56 Mase el fijo de Nazayr *M*; Nunca el fijo de Mazayr *Ca*; Muza Aben Azair *Cop* (: *Mûsâ ibn Nusayr*).

57 Abdarrahaime el fijo de Mohabia *M*; Abdurahamen el fijo de Moabia *Ca*; Abderramen fijo de Moauia *Cop* (: *‘Abd al-Rahmân ibn Mu’awiya*).

58 vençio el señor della *M*; vino el fijo de Ahaquen *Ca*; vino Hicen Aben Alhacin *Cop* (: *Hishâm ibn al-Hakam*). (Trata-se, nos textos da cronística cristã derivada do ‘Livro de Rasis’, da única referência a Hishâm II, filho de al-Hakam II, em cujo reinado se suspende o apartado da história islâmica. Quanto a *M* trata-se de uma cópia problemática).

59 E es a dezir *Ca*; e este fizo fazer *Cop*. O copista de *LV* suspende aqui a cópia de um possível texto- irmão de *Ca* (v. ‘Estudo’).

60 O copista coloca em 3ª pessoa o que Morales diz: ‘Esta historia del <Moro> Rasis tengo yo en vn original harto antiguo escripto [o copista de *LV* corrige] en pergamino. Yantes que començe dife asfi. Començo areynar el Reydon Alfonso queagoraes en Castilla’ (*C1344*, ed. Catalán-Andres, p. LXXVII).

[fl. 2] En el Nombre de Dios⁶¹ este libro fue compuesto comenzo primeramente del partimiento delas tierras e de las villas et delos lugares sauidos e conocidos de España et de los Rios et los terminos et quantos fueron los Godos e los que vinieron en ella⁶² e como entraron e entro Tarife el fijo de Zaeche⁶³ e como entro des pues del Mase el fijo de Nozair⁶⁴ et como entro Abdarraha⁶⁵ el fijo de Mo<h>auia⁶⁵ e quales eran sus fijos et moraron en ella hasta que vencio el señor de ella⁶⁶ e contar vos emos deldela Yglesia alegria de Cordoua⁶⁷ elos que hizieron bien en ella⁶⁸ e de Razafa⁶⁹ e delo que dize Abubazar fijo de Nassaroza⁷⁰ e por este quanto⁷¹ dize el Rassis y con el maestre Maomad e dezimos⁷² lo que dize el Altabucar a Mafomet fijo de Mafomad fijo de Mossarase, el Escriu[a]no natural de España⁷³ que escriuio el quarto del mundo se acauaua onde el sol poniente⁷⁴ que es muy buena tierra

[fl. 2v] e muy abundada de todas frutas⁷⁵ e muc<h>as fuentes e muy menguada de muchas animalias ponzonientas⁷⁶ que ha en las otras tierras España es igualada de a uer⁷⁷ e delos⁷⁸ quatro tiempos delaño del verano e del estio e del otono e del yvierno⁷⁹ elleganen⁸⁰ Espana los frutos los unos alos otros en cada año que no falleçen⁸¹ e saued quelas Riveras del mar et de sus terminos bienen los mas agros frutos que ha en las sierras⁸² por el frio del ayre⁸³ porque yha las humidades e las humidades son en todas

61 En el Nombre de Dios amen *M*. (Toda a passagem que vai de « este libro fue compuesto ...» até «...vencio el señor de ella» é uma repetição, com algumas variantes, do que vimos atrás no fl.1v).

62 *M*: v. supra n.6; e quales fueron los rreyes e de los cesares e de los godos que murieron en ella *Ca*; e quales fueron los rreyes que obo en ella, e de los cessares, e de los godos que vinieron e murieron en ella *Cop*.

63 Tarife el fijo de Zayche *M*; Tarasin el fijo de Nozed *Ca*; Tarif Abenzama *Cop* (: *Târiq ibn Ziyâd*).

64 Mase el fijo de Nazayr *M*; Nunca el fijo de Mazayr *Ca*; Muza Aben Azair *Cop* (: *Mûsâ ibn Nusayr*).

65 Abdarraha⁶⁵ el fijo de Mohabia *M*; Abdurahamen el fijo de Moabia *Ca*; Abderramen fijo de Moauia *Cop* (: *ʿAbd al-Raḥīmān ibn Muʿawiyā*).

66 vencio el señor della *M*; vino el fijo de Ahaquen *Ca*; vino Hicen Aben Alhacin *Cop* (: *Hishâm ibn al-Hakām*) (V. ainda supra n.11).

67 com esto e dezir vos hemos (< +) del alegria de Cordova *M*; e es a dezir com esto la iglesia de Cordoua *Ca*; e este fizo fazer la Yglesia de Cordoua *Cop*.

68 fizieron *M*; e los que començaron en ella *Ca*; e de los que comenzaron en ella *Cop*.

69 Rrafaza *M*; e del arrefife *Ca*; e del Arezife *Cop*.

70 Abobacar fijo de Ranaçir *M*; Albubenquir fijo de Nazayr *Ca*; Abubenquemen fijo de Oraxan *Cop* (: *Abû Bakr ibn Mûsâ al-Râzî*).

71 cuento *M*.

72 e dezi dezimos *M*.

73 Altobucar a Mafomed *M*; Abubenquir a Mahomat fijo de Mahomat fijo de Mose Rrasi el escriuano natural de España *Ca*; Abubenque Mahomat fijo de Mahomat fijo de Mosse Rassis el escribano natural de España *Cop* (: *Abû Bakr Ahmad ibn Muhammad ibn Mûsâ al-Râzî*).

74 el quarto del mundo contra el sol poniente *M*; acabase el quarto del mundo en el sol poniente *Ca*, *Cop*.

75 Buenas tierras *Ca*.

76 poçonientas *M*; ponçonosas *Ca*; ponzoñossas *Cop*.

77 *lacuna* *M*; es eguada de los ayres *Ca*; es igualada de los ayres *Cop*.

78 e de los ventos e de los + *M*; e de los vientos e de los + *Ca*; e de los vientos e de los + *Cop*.

79 del otoño e del invierno *M*; invierno *Ca*; del Otoño e del Hibierno *Cop*.

80 e allego ya en *Ca*; e allega *Cop*.

81 menguo *Ca*; se mengua *Cop*.

82 bienen mas ayna los frutos que en las otras tierras *Ca*; bienen mas ayna los frutos ca en las otras tierras *Cop*.

83 de las sierras + *Ca*; longa paráfrase de cerca de quatro linhas em *Cop*, começando em «e esto lo causa el frio del ayre [...] de los valles de las tierras [por 'sierras'] alongadas de la mar... » até «...todas las sazones».

las sazones et llega el fruto delos arboles por todo el año⁸⁴ e por esto la gente abundada⁸⁵ de todas las frutas e por ende guarezen honres en estos lugares⁸⁶ en España ha lugares fuertes e grandes Cibdades e han los omes que moran muy gran ayuda ca es la Tierra muy fuerte e del mar muy prouechosa⁸⁷ la tierra de España⁸⁸ el primo quento⁸⁹ es enlugar que esta el Concilio de Calis e del mar mediterraneo⁹⁰

[fl. 3] aquel que llaman Geni⁹¹ contra oriente de España el segundo quento⁹² es en oriente entre el mar de Naruona⁹³ o y es la Villa de Burdilla⁹⁴ al traues de la Yglesia de Mallorca et de Minorga⁹⁵ entre los dos mares que cercan todo el mundo eotro a que demedia toda la tierra⁹⁶ e entre ellos ha Vna carrera que ha dos partes⁹⁷ a que agora nos llamamos el estrecho⁹⁸ esta en la entrada⁹⁹ de España i por la tierra grande de francia et dura el curso de este estrecho dos dias et del mar Meridiano comienza el mar de Auila conjuntamente et cata el mar redondo¹⁰⁰ e el cuento tercero es entre sententrion en oriente¹⁰¹, en Galicia asi Como va el monte de sobre el mar, e ay esta el Concilio de Lisbona e es tierra buena es sobre tierra de Bretaña¹⁰² Este Cuento tercero es a par de vna Villa que laman agora la Coruña¹⁰³.

Las Españas son dos porque se parte¹⁰⁴ por los mouimientos e por el corriente de las nuves et delos Rios¹⁰⁵ que van por la vna

[fl. 3v] España al levante del sol a en otra España¹⁰⁶ que contra oriente¹⁰⁷ corren rios

⁸⁴ *lacuna* Ca; e asi duran todo el año Cop.

⁸⁵ esto es (< +) la gente Ca; la gente es (< +) abundada Cop.

⁸⁶ guareçe los omes M; e bien y mas los omnes en estos lugares Ca; e viuen hi mas los omes que en otras tierras Cop.

⁸⁷ qu'i moran muy grande ayuda ca es la tierra muy fuerte e de la mar muy provechosa M; los que ay moran [*lacuna*] muy prouechosa Ca; que hi viuen muy grande ayuda. La tierra de España es muy provechosa Cop.

⁸⁸ E la tierra de España es fecha en tres cantos Ca; La tierra de España es fecha en tres conventos Cop.

⁸⁹ cuento M.

⁹⁰ el conçillo de Caliz e del mar Medio terrano M; el conalio de Calid e do sale el mar Merediano Ca; el Concilio de Cadiz e sale el mar Mediterrâneo Cop.

⁹¹ Xeni M; Xemi Ca; Xeni Cop.

⁹² El segundo cuento M; el canto segundo Ca; el convento segundo Cop.

⁹³ entre el mar de Carbona M; entre Narbona Ca, Cop.

⁹⁴ y esa vill de Burdilla M; e la villa de Bardolaen Ca; e la vila de Bardo Cop.

⁹⁵ Al traves de la ynsola de Myorga e de Minorga M; en derecho de la insola de Mallorca e de Menorca Ca; bien en derecho de la insola de Mallorca e Menorca Cop.

⁹⁶ demira toda la tierra M; demedia la tierra Ca; media la tierra Cop.

⁹⁷ llaman de los Penines Ca; que ha dos partes, llaman de los Porthumos Cop .

⁹⁸ E agora llaman los Trechos Ca; e tambien llaman los Estrechos Cop.

⁹⁹ E esta en el entrada M; e esta es la entrada Ca, Cop.

¹⁰⁰ por la mar. e la mar Mediana cata la villa de Çepta e de Bardila, e cata la mar Rredonda Ca; por la mar Meridiana cata la villa de Cepta e Auila e cata la mar Redonda Cop.

¹⁰¹ Es setrention e oriente Ca; es setentrion e Oriente Cop.

¹⁰² Asi commo [...] e y esta vn conalio semeja el de Calid [Cádiz] e es tierra de Bretaña Ca; asi como va el monte sobre el mar, e ay esta el convento de Lisbona, que semeja al de Cadiz [*lacuna*] Cop.

¹⁰³ Llanan agora La Coruña M; agora llaman la Curuna Ca; llaman aora la Coruña Cop. Este Cop acrescenta ainda mais quatro linhas e meia de texto, a falar acerca de uma torre erguida na Coruña no tempo de Octaviano César, o futuro Augusto, primeiro imperador de Roma (ed. CATALÁN e ANDRES, p.289)

¹⁰⁴ parten M; partieron Ca, Cop.

¹⁰⁵ Por el movimiento de los vientos e por el corrimiento de las aguas e de los rrios Ca; ...mouimiento... Cop.

¹⁰⁶ Al sol poniente. En la España M; e la otra al poniente. E la Espana que es Ca; e la otra a poniente. E la España que es Cop.

¹⁰⁷ Que es contre el poniente Ca; Que es contra el poniente Cop. Estes dois testemunhos coincidem

contra la mar grande que Cerca todo el mundo e llueve ay conel viento¹⁰⁸ del poniente e comienzase enla Sierra del Collado¹⁰⁹ que nace contra setemtrion¹¹⁰ yendo para Cantabria o souiendo el termino de Astorga¹¹¹ y aiuntase enla tierra de Vizcaya edezedo para Vrique¹¹² que aparde Toledo e viene por el Olagarue¹¹³ e es apardel mar menudo¹¹⁴ que viene en drecho de Cartagena e va apar dela villa de Lorca ella es paria¹¹⁵ de leuante do el Sol viene llueve¹¹⁶ ay con viento solano e de otros vientos que naçen de contra el leuante¹¹⁷ e comienza enla Sierra de Ronzes Valles¹¹⁸ e deciende por el rio de Ebro¹¹⁹ que va caer enla mar e el otro es el rio de Geni¹²⁰ e el otro rio es elde Malon¹²¹ que cae en el mar redondo¹²² del que corre el mar de Geni¹²³ aquel que parte la tierra e este mar ha nombre el mar de Ciran¹²⁴ porque parte la rueda de la tierra e muchos llaman el mar grande

[fl. 4] En espana¹²⁵ ay muchas buenas Villas e nos non queremos contar los montes e los terminos en primero e comenzaremos¹²⁶ en Cordoua que¹²⁷ es madre de todas las Cibdades de Espana¹²⁸ Cordova fue assentamento de los mayores Principes e Cassa delos Reyes¹²⁹ e de todas las partes recudian¹³⁰ a ella a tiempos ca en ella muchas vondades e nunca fue mal trecha por ninguna¹³¹ guerra elos que fizieron fundaronla por el firmiento delas estrellas¹³² e guarniesse¹³³ de todas las vondades e siempre fue

correctamente (poniente) contra o erro geográfico em que coincidem *LV* e *M* (oriente), pois a descrição seguinte refere-se à costa ocidental da Hispânia.

108 El ynvierño *Ca*.

109 Sierra Tajada *Ca*; sierra Tajada del collado *Cop*.

110 Seteprtrion *M*; seterention *Ca*; setentrion *Cop*.

111 Estorga *M*; [*lacuna*] *Ca*; Astarica *Cop*.

112 E deçiende para Vrique *M*; e deçende de Abrique *Ca*; e deciende de Abra *Cop*.

113 Algarue *M*.

114 Medianana *Ca*, *Cop*.

115 E la España *M*; E la Espana *Ca*; E la otra España *Cop*.

116 Viene y la lluuia *Ca*; viene la llubia *Cop*.

117 A levante *Ca*; en lebante *Cop*.

118 Rronçasvalles *M*; [*lacuna*] *Ca*; Ronzesvalles *Cop*.

119 A Sitabria. E a en ela rrios, dec los quqles el vno dellos es Ebro (<+) *M*; a Syntallia. E ha enllas rrios, de los cuales es el vno dellos Ebro que entra en la mar en Tortosa (<+) *Ca*; a Cintacabria. E a en ella rrios, de los cuales es vno Ebro, que entra en la mar de Tortossa (<+) *Cop*.

120 Xení *M*; Yeguen *Ca*; Ieguen apar de Gimile *Cop*.

121 Mellon *Ca*.

122 Contra meridiem donde es el mar d'Osuna (<+) *M*; contra el meridion donde es el mar de Ossona (<+) *Cop*.

123 Xení *M*; Xemi *Ca*, Semi *Cop*.

124 Çiran *M*; Eçira *Ca*; Eciran *Cop*.

125 En las Españas *Ca*, *Cop*.

126 Queremos les contar los nonbres e los términos e los nonbres de los montes e los rrios. E primeramente contaremos en Cordoua *Ca*; queremos contar los nombres e los términos e los nombres de los montes e de los rrios. E primeramente contaremos en Cordoua *Cop*.

127 porque *M*.

128 madre de las çibdades *Ca* ; madre de las cidades *Cop*.

129 asentamiento de los mayores príncipes e casa de los rreyes *M*; fue sienpre morada de los mayores príncipes e casas de los rreyes *Ca*; fue siempre morada de los mayores príncipes e cassa de los rreyes *Cop*.

130 vienen *Ca*, *Cop*.

131 nenguna *M*.

132 e los que la fizieron fundaronla por el firmento de las estrellas *M*; e los que la fizieron fundaronla por el firmamento de las estrellas *Ca*; e los omes que la hicieron, ca eran sabios, fundaronla por el firmamento de las estrellas *Cop*.

133 guarniose *M*.

diuisada en nombre fermosso¹³⁴ ca enella muy fermossas Cossas¹³⁵ e de muy buenas vistas e Cordoua es Cercada de muy buenos guertos¹³⁶ e los penden¹³⁷ sobre ella ellos arboles dan muy sabroso fruto para comer es muy alta porella et ay arboles de muchas naturas enlos muros¹³⁸ del Alcazar del Rey a treinta e tres mil codos¹³⁹ a vna quarta de legua et assi fecundo leguas etres quartas de Luengo¹⁴⁰ e delos auondamientos de Cordoua non a ninguna en honrra

[fl. 4v] yqual conella¹⁴¹ e muy fuerte es non faze gran daño en su salida¹⁴² e Juntasse la villa de Cordoua con la puente loque no faze en ninguna tierra no vio ome su semejanza et fue guarssida¹⁴³ de muchas y buenas fechuras e Dios de buen galardón al quela fizo¹⁴⁴ que Dios lo escoxio entre los reyes etenla tierra <en> la mar y fue el fijo de Vaelanze¹⁴⁵ e Dios aya merced de su anima =====

E sobre este rio ay muy buenas acañas¹⁴⁶ que muelen muy bien e muy toste e las acañas¹⁴⁷ son ante la puerta de la villa e son tantas que no pueden ver el rio et fazen oy doblas de fino oro e muy buenos arrentos de plata¹⁴⁸ o de las sotilezas que ay fazen muchos Çendales e muchos buenos paños de pesso¹⁴⁹ e otras obras muy buenas e muy sotiles e ay benero de Plata vienfino dela humedad¹⁵⁰ dela tierra natural e par de la puente ay muy buen llano e plantado de muy muchos arboles muy buenos¹⁵¹ contra setemtrion yaze la sierra muy bien plantada de Arboles e de

[fl. 5] muy muchas villas¹⁵² et de esta¹⁵³ sierra traen el agua al Alcazar del Rey por Caños de cobre¹⁵⁴ e del Alcazar a otros cauos por la villa a otros lugares muy muchos El termino de Cordoua Juntasse¹⁵⁵ cõel de Cabra e yaze contra meridiem la tierra de

134 nonbre de fermoso *M*; noble e fermosa *Ca*.

135 fermosas casas *M*; fermosas cosas *Ca*.

136 vertas *M*; huertas *Ca*; guertas *Cop*.

137 E los [...] penden *M*; e los arboles dan *Ca*, *Cop*. A ordem correcta da frase seria: 'e sobre ella penden ellos arboles'.

138 mojones *Ca*.

139 treinta e tres vezes mill coudos *M*; treynta y dos vezes mill codos *Ca*; treinta y dos vezes mil codos *Cop*.

140 E en tres vezes mill coudos ha vna quarta de legua e asy fazen dos leguas e tres quartas de luengo *M*; en tres mill codos a quarta de legua, e asi fazen dos leguas e tres cuartas menos vna decima de legua *Ca*; e fazen por toda su medida dos leguas e tres quartas menos vna decima de légua *Cop*.

141 Non a nenguna en onrra yqual com el e muy fuerte *M*; es el vn rrio que es igual en su correr muy fuerte *Ca*; es el vno el rrio que es igual en su correr e muy fuerte *Cop*.

142 sobida *Ca*; salidas *Cop*.

143 guarnida *M*; conplida *Ca*; complida *Cop*.

144 a Ercoles el Ualiente, que la mando poblar *Ca*; a Hercoles el Valiente que la mando poblar *Cop*.

145 en la mar; e fue el fijo de Vaelançi *M*; E Hemar, fijo de Abalati *Ca*; y hermar. E Benlaci *Cop*. { 'Umar ibn 'Abd al-'Aziz'. Evidente incompreensão e reinterpretação da passagem em *M* e *Cop*.

146 açeñas *M*; açenas *Ca*; azeñas *Cop*.

147 açeñas *M*. Esta repetição que se encontra em *LV* e *M*, não existe em *Ca* e *Cop*.

148 ...orro...*M*; e fazen y doblas e oro e alquilates de plata *Ca*; E facen doblas de oro e arentos de plata *Cop*.

149 peso *M*; seda *Ca*, *Cop*. *Cop* depois de 'muy sotiles', acrescenta 'e de muchas guissas'

150 venero de plata bien fino de la vmidat *M*; venero de plata fina de la humidat *Ca*; venero de plata fina de la humedat *Cop*.

151 muy muchos arboles muy buenos *M*; munchos buenos arboles *Ca*; muchos buenos arboles *Cop*.

152 viñas *Ca*, *Cop*.

153 De esa sierra *Ca*; E de alli *Cop*.

154 plomo *Ca*, *Cop*.

155 parte *Ca*, *Cop*.

Cordoua et de Cabra es muy blanca¹⁵⁶ e muy de buenas plantas e ay tanto de arboles que cada tierra de ellas es toda Cubierta¹⁵⁷ e son de buen criamiento¹⁵⁸ e si alguna es muy confortada¹⁵⁹ e esta siempre en la humedad¹⁶⁰ natural elos arboles podrecen ay duro¹⁶¹ elas yeruas nunca ay Se Secan en guissa que ay no se fallen puesto¹⁶² Ca en su termino vn monte que llaman Selva¹⁶³ que es tan alto que contiene con las nuues¹⁶⁴ e en aquel monte ay muchas buenas flores e de muchos buenos olores¹⁶⁵ e en este monte a todas las virtudes¹⁶⁶ delas yeruas e dela Silla de Cordoua a Cabra¹⁶⁷ ha treinta millares.

Parte el termino de Cabra con el termino de Eluira e Eluira yaze entre meridiem y leuante de Cordoua et

[fl. 5v] essa tierra es muy abondada de aguas et de rios et de arboles muy espesos elos mas son a vellanos e nogales e maduren ay muy aína en los arboles que son agros assi como las granadas que son agras e las naranjas¹⁶⁸ e ay muchas cañas dulces donde faze el azucar¹⁶⁹ e ay venero de oro et de plata et de cobre et de laton et de fierro¹⁷⁰ e en su termino a vn lugar que llaman Salon e ay venero de tocia alque agora llaman argen Viuo¹⁷¹ el termino de Eluira es auondado e ay vn monte que llaman Xalair et tanto quiere decir Xalair¹⁷² como monte de elada porque en todo el año nunca se aparta¹⁷³ la nieue ca tanto que si alguna nue se parte dende en luego otra que esta sobre el viene et quando van a este monte en tiempo dela Calentura¹⁷⁴ fallan ay sabrosos lugares para folgar¹⁷⁵ et muchas flores et muchas aguas et de buenas fuentes e muchas especias que meten en las mejillas¹⁷⁶ e en su termino ay villas que le Cudejen¹⁷⁷ delas quales es Gacella¹⁷⁸ que ninguna en el

[fl. 6] mundo non a que le semeje sino Damasco¹⁷⁹ que es tan buena como ella en su termino que a piedras de marmol et fazen de ellas muchas buenas obras¹⁸⁰ y

156 la tierra de Cabra es muy blanca *Ca*.

157 cubierta *M*, *Cop*.

158 criamiento *M*.

159 E la su agua es muy confortatiua *Ca*, *Cop*.

160 vmidad *M*, *Ca* ; humedad *Cop*.

161 envejeçen y muy tarde *Ca*; embejezen hi muy tarde *Cop*.

162 no fallen pasto *M*; sienpre ay pasto *Ca*; siempr ay pasto *Cop*.

163 Selua *M*; Sinblia *Ca*; Simbria *Cop*.

164 alto en par de las nuves *Ca*; alto en par de las nubes *Cop*.

165 colores *Ca*, *Cop*.

166 verduras *Ca*; *Cop* parafraseia: 'e ay otrosi yerbas que las precian mucho por sus virtudes'.

167 villa de Cabra a Cordova *M*.

168 naranjales, auellares e granados dulçes *Ca*; naranjales, nogales e granados duces *Cop*.

169 cañas duçes donde fazen el açúcar *M*; e ay muchas cañas de que sacan el azucar *Cop*.

170 de oro e de plata e de plomo e de cobre e de fierro *Ca*; de oro e de plata e de cobre e de fierro e de plomo *Cop*.

171 uenero del atutia, aquella que llaman albaçete *Ca*; e ay alli el venero de la Tacea a que llaman argen viuo, e ha nombre el Patera viua a par de Albacete *Cop*, tentando conciliar as duas versões.

172 Xalayr *M*; Yular *Ca*; Xulir o Jalair *Cop*.

173 Parte *M*, *Ca*, *Cop*.

174 uerano *Ca*; verano *Cop*.

175 e buenos para folgar *Ca*, *Cop*.

176 mexillas *M*; melezinas *Ca*; melecinas *Cop*.

177 obedesçe *M*; obedeçen *Ca*, *Cop*.

178 Tazela *M*; Caçalla *Ca*; Gazela *Cop*.

179 Titisco *Ca*.

180 Fazen ende munchas ollas *Ca*; fazen ende muchas obras *Cop*.

ayudaro¹⁸¹ del en muchas cossas et fazen de ellas muchas emagines fermossas ca otro Castillo de Granada aque llamanla villa delos Judios por quanto la poblaron los Judios e esta es la mas antigua villa que ha en termino de Elvira e por medio de villa de Granada vavnrrio aque llaman Salam a que agora llaman Guadalgenil¹⁸² e naze en vn monte que naze en el termino de Elvira que ha nombre Daraan¹⁸³ En este rio Cojen las alimaduras de oro fino¹⁸⁴ e entra en el rio que sale del monte de la elada et otro castillo de Loxa et Loxa yaze entre oriente de Eluira¹⁸⁵ et contra meridiem de Cordoua et Loxa es muy natural tierra et de muy buenos lugares e de muchas otras cossas¹⁸⁶ et yaze sobre el rio de Xenil y otro Castillo ay de Priegro¹⁸⁷ et Priegro yaze entre¹⁸⁸ poniente y setemtrion de Eluira

[fl. 6v] e contra meridiem de Cordoua en el termino de Priegro a muy buenas sementeras e muchas¹⁸⁹ e muy muchas fuentes e su agua ha virtud mucho estraña que se escaliesse en piedras¹⁹⁰ el Castillo de Baena es otro¹⁹¹ e el Castillo de Almeria et Almeria yaze enel leuante do el Sol es llano¹⁹² de Ganancas¹⁹³ de bien es morada delos sotiles maestros et fazen ay muy buenas Galeas¹⁹⁴ e el Castillo yaze sobre el mar ¹⁹⁵et el otro es el castillo de Salonta¹⁹⁶ et Salonta yaze a par del mar et yaze sobre vn rio que ay muchos arboles¹⁹⁷ et muchas cañas de azucar e ay tantos Caminos¹⁹⁸ que abundaria toda espana eay muchos montes altos y grandes en Salonta los quales non a gente que sobre la villa de Eluira¹⁹⁹ et sobre la tierra de Granada e ay otro Castillo de Malaga enel qual vino primo enla primera Caualgada que hizo Abdudarahame el fijo de Moauia al qual Dios de paraíso²⁰⁰ et quando el entro en España²⁰¹ andava la era de los Moros en Ciento e treinta y ocho años

[fl. 7] en el mes de Rael²⁰² el pura al que nos decimos Enero e quando el entro andaua

181 ayudase *M*; ayudanse *Ca*, *Cop*.

182 Vansalan a que agora llaman Guadaxenil *M*; Salon, e agora es llamado Guadaxenil *Ca*; Xalon, que es tanto como rio de arrayjanes, y ahora es llamado Darro *Cop*.

183 Darrahan *M*; Dayna *Ca*; de un monte que ha nombre Daraan, e de una fuente que ha nombre Dayna *Cop*, em mais uma tentativa de conciliação textual.

184 granos de oro fino, *Cop*.

185 Contra oriente d'Eluira *M*; contra el poniente de Eliberan *Ca*. Esta passagem é a que descreve com mais exactidão a localização de Loja, errando *LV* e *M*.

186 de muy buenas frutas e huertas *Ca*.

187 Priego *M*; Pliego *Ca*.

188 contra *Ca*.

189 muchos arboles *Ca*.

190 escallesçe en piedras *M*; quaja en piedras *Ca*.

191 Falta em *Ca* e *Cop*.

192 llaue *Ca*.

193 ganancias *M*; ganância *Ca*.

194 es morada de los sotiles maestros de galeas, e fazer munchos panos de seda con oro e muy nobles *Ca*.

195 E el otro es el castillo de Berya. E el otroes el castillo de Sebilis *M*; E el otro castillo es Beria. E el otro castillo es Sebilis *Ca*. Lacuna em *LV*.

196 Soloma *Ca*.

197 arboles azedos *M*.

198 comiños *M*; cominos *Ca*.

199 e ay muchos rrios, de los quales es el vno el que há nonbre Yegem, el que viene sobre la cabeça de Elibera *Ca*.

200 que vino primero la cavalgadura que fizo Adurahamen, el fijo de Moabia, a quien Dios perdone *Ca*.

201 Castilla *Ca*.

202 en el mes de Rabe el primo *M*; en el mês de Rabe *Ca*. Com a informação precisa de *M*, sabemos que 'Abd al-Rahmân ibn Mu'âwia chegou à Península hispânica no mês de *Rabî' al-awwal*, que naquele ano de 138 (755 d.C.), aconteceu entre os meses de Agosto e Setembro (v. G.S.P. FREEMAN-

la era delos christianos aquella que ellos llamauan de Cesar setecientos y sesenta et quatro años²⁰³ el termino de Eluira es muy honrrado e muy temido e del sale el Cirgo²⁰⁴ a todas las partes de españa etenel termino de Eluira a muy buen lino²⁰⁵ que es muypreciado entre las mugeres e por todo el año nunca falleze fruto enel termino de Eluira et de Cordoua a Elvira a sesenta millares²⁰⁶

Juntase²⁰⁷ el termino de Eluira con el termino de Jaen et Jaen yaze contra setentrion en²⁰⁸ el termino de Eluira contra oriente de Cordoua et Jaen edifíco²⁰⁹ en si las vondades dela tierra etay muchos arboles e muchos regadios et fuentes muchas e muy buenas e el termino de Jaen semesge²¹⁰ al de Aljezira e el termino de Jaen es contado entre los mejores terminos e Jaen a Castillos y villas quele o<be>decen delos quales elvno es Adira²¹¹ que agora llaman Onrrivera²¹²

[fl. 7v] et tiene Onrrivera²¹³ muchas fuentes correntias e hazen ay algunas de essas comer²¹⁴ ela otra es Motijar²¹⁵ que es Cibdad muy antigua e mucho fuerte e muy alta e Motijar yaze sobre muy buenas vegas e la otra es Vbeda²¹⁶ que ante llamauan Obdete delos Alargues²¹⁷ e la otra es Vaeza²¹⁸ e Vaeza es vna delas buenas Cibdades e yaze en vna muy buena vega e llena de muchos arboles e de muchos bienes e fazen ay muchas e buenas alhombras que son llamados tapetes que son muy nombrados²¹⁹ queay vn lugar que llaman Lechesecco²²⁰ e ay tanta madera que abundaria a toda España la otra es Reimo²²¹ y Reymo es tierra de gran camino e entre la villa de Reymo e de Valdaliuia²²² a vna villa que naze mucho pelitre²²³ e Reymo ha muchos lugares muy fuertes e grandes sierras e muy altas que ay vn Castillo que ha nombre Zistar²²⁴ e es tan alto que alli non pueden poner escala e ninguna guissa et non vos podria

GRENVILE, *The Muslim and Christian Calendars*, Londres, Oxford University Press, 1963). A comparação com Janeiro não faz qualquer sentido.

²⁰³ Seteçientos e sesenta e quatro años *M*; Seteçientos e sesenta e tres años *Ca*. Ambas as datações estão erradas, pois dariam, na era cristã, respectivamente 726 e 725 anos. Tratar-se-á, no caso de *Ca*, de uma leitura ou tradução problemáticas de '793', que, corrigido para a era cristã, nos dará então a data de 755.

²⁰⁴ Sirgo *M*; E Malaga yaze sobre la mar e es mejor de frutas que quantas ha en el mundo, e de buenas pasas e de buena seda e de yervas e de pan; e otrosi su termino es honrrado, e del sale el mejor sirgo de tod el mundo *Ca*.

²⁰⁵ el mejor lino que ha en todo el mundo *Ca*.

²⁰⁶ E de Cordova a Elvira ha ssenta millares; e de Baena a Elvira ha onze millares; e de Cordova a Vbeda ha sesenta millares; e de Cordova a Priego ha çinquenta milares *M*; E de Cordoua a Elibera a setenta migeros; e de Pliego a Cordova a sesenta migeros *Ca*.

²⁰⁷ parte *Ca*.

²⁰⁸ e *M*.

²⁰⁹ edefíco *M*; ayunta a sy *Ca*.

²¹⁰ semeja *M*, *Ca*.

²¹¹ Adiraa *M*.

²¹² Onrriba *M*; Erriba *Ca*.

²¹³ Oriiba *Ca*.

²¹⁴ e naçen ay algunas de hesas comer *M*; e naçen y aguas vedadas que las non osan tomar *Ca*.

²¹⁵ Matexa / Matixa *M*; Montija *Ca*.

²¹⁶ Velida que antes llamauan Endete *Ca*. Obeda, que antes llamaban Obedete *Cop*.

²¹⁷ de los alarabes *M*; de los arabales *Ca*, *Cop*.

²¹⁸ Baeça *M*, *Ca*; Baeza *Cop*.

²¹⁹ E fazen y muy buenas telas de panos de seda muy nonbrados, que son llamados tapetes *Ca*. E fazen y muy buenas telas de paños de seda muy nombradas, que llaman tapetes *Cop*.

²²⁰ Lechosecco *M*, *Cop*; Liençosecco *Ca*.

²²¹ Rreimon *M*; Rremon *Ca*; Remon *Cop*.

²²² Beldaluba *M*; Vedaluba *Ca*; Bodabula *Cop*.

²²³ velitro *M*.

²²⁴ Cistar *M*; Tastad *Ca*; Jiscar *Cop*.

[fl. 8] ome decir el alteza de su muro e en esta sierra yaze el castillo Exno el de Margaridan e non de mucho nonsal ala Sierra de Castro²²⁵ aquel que llevo a la villa de Jaen e es muy poderoso en fortaleza y de ella sale la sierra de Tex que es muy alta a marauilla e Tex fue vna Cibdad antigua e era ancha de edificios antiguos e dela Cibdad de Jaen a Cordoua a cinquenta migeros

El termino de Jaen parte Conel termino de Suir²²⁶ e Suir yaze contra²²⁷ el Sol leuante de Jaen e contra el Sol leuante de Cordoua e Tusuir es muy preciado²²⁸ lugar et de muy buenos arboles e todas vsierias²²⁹ riega el rio assi como faze el rio Denil enla tierra de Promision²³⁰ e a muy buena propiedad de tierra natural que ay bencios²³¹ deque saca mucha plata e muy buena e Tesuir tiene en si todas las bondades dela mar e dela tierra e a muy buenos campos e muy buenas villas e lugares muy formossos enlos quales es el vno la villa de Lorca e la otra es Murcia

[fl. 8v] ela otra es avriela²³² que es muy antiguo lugar enque moraron los antiguos por luengo tiempo e la otra es Alicante e Alicante yaze enla Sierra de Benaguacil²³³ e de ella salen otras muchas sierras en que se fizieron muchas e muy buenas villas e que poblaron muchas e muy buenas tierras e enque morauan muchas malas gentes e dela mala natura empero eran muy subtiles en sus obras e vna delas Cibdades era Cartajena es alaque llaman los Moros Alquirone²³⁴ e a en ella vnpuerto quellaman de Vea²³⁵ y es muy buen puerto e muy antigo e desde Cordoua a de andadura siete dias²³⁶

Parte el termino de Tusuir²³⁷ conel de Valencia yaze al leuante de Tusuir etenel leuante de Cordoua e a grande termino elas vondades delos que moran en ella son muchas Valencia a ensi la vondad dela mar e dela tierra e Valencia ha tierra llana e grandes sierras en sus terminos ha castillos fuertes e con grandes terminos de los

[fl. 9] quales el vno es el Castillo Nerra²³⁸ eel otro es Aljezira e Valencia yaze sobre el rio Xiquir²³⁹ et en su termino ha vn Castillo que llaman Xatiua e Xatiua yaze a porto de mar e es muy antiguo castillo y el otro castillo es Monbriedro²⁴⁰ que es lugar muy preciado e muy fermoso e ay tomitos²⁴¹ de Poblacion antigua que Monbriedro a razon²⁴² sobre el mar fecho por tan grande maestria que es marauilla que el ome que lo

225 el castillo de Oxno e el de Margarta e de Montañó; e sale la sierra de Castro *Ca*; el castillo de Oxnomar Garridan, e otro castillo que llaman Ebemontano en la sierra de Castro *Cop*.

226 Tudemir *Ca*, *Cop*.

227 al *Ca*, *Cop*.

228 es mucho presciado *M*.

229 e toda su tierra *M*, *Ca*, *Cop*.

230 el rrio de Nil en la tierra de promisyon *M*; rriegan de rrios asy commo fazen en tierra de Promision *Ca*; riegan dos rrios asi como facen en tierra de Promisión *Cop*.

231 veneros *M*; venero *Ca*; benero *Cop*.

232 Murçia e la otra es Auriella *M*; Morata e Orihuela *Ca*; Murcia e Origuela *Cop*.

233 Benaguazil *M*; Benalcatil *Ca*; Benalguacil *Cop*.

234 Alquerone *Ca*; Alquilone *Cop*.

235 Devia *M*; Donea *Ca*, *Cop*.

236 E de Tudemir a Cordoua ay andadura de siete dias de omnes a cavallo, e catorze a huestes *Ca*; E de Tudemir a Cordoua ay andadura de siete dias de omes a cauallo, e de ocho si a huestes *Cop*.

237 Tusmir *M*; Tudemir *Ca*, *Cop*.

238 Tierra *M*, *Ca*, *Cop*.

239 Xequir *Ca*; Xequire *Cop*.

240 Monviedro / Mouiedro *M*; Mouiedro / Monuiedro / Moviedro *Ca*; Monbiedro / Monviuedro *Cop*.

241 comicos *M*; e fallan en el rrastró *Ca*.

242 vn palacio *Ca*; vn palacio *Cop*.

viere podra fazer como es fecha Juntase el termino de Monbriedro conel de Soriana²⁴³ que Soriana es tierra mucho abundada e es tierra regadia y es termino dela villa ha tanto azafran que se abundaria toda España e de donde lolleuan muchos mercaderes para muchas partes del mundo²⁴⁴ en el termino de Valencia parte conel termino de Tortossa y el Castillo de Tortossa es muy bien fecho a marauilla yaze sobre el rrio de Ebro puerto de mar do entra este rio que Tortossa yaze contra leuante que

[fl. 9v] Valencia es contra leuante de Cordoua et Tortossa es buen puerto et los mercaderes van alli de todas las partes de la tierra y es camino delos de francia e ay muchas e buenas cossas que non ha en otra tierra delas quales vna queay mucho Box de alli lo llevan a todas aquellas partes²⁴⁵ e ay muchos arboles que los demas son pineios y de Valencia a Tortossa ay Cinto e cinquenta millares²⁴⁶ =====

Parte el termino de Tortossa conel termino de Tarragona²⁴⁷ es Cibdad muy buena²⁴⁸ e poblada de los antiguos et yaze sobre la mar e vine por alli vn rio de Galie²⁴⁹ que corre contra el Sol leuante y entra enel rio Ebro enTortossa y haze corriente delos muros²⁵⁰ e Tortossa al el Sol leuante de Cordoua en Tarragona yaze delante dela Cibdad de Tortossa ca de Barcelona a Tortossa cinquenta millares de Tarragona a Barçelona ay ciento millares²⁵¹ et Tarragona fue dela villa que fincaron de fundamentos²⁵² viejos fallan ay rastro de consoles antiguos e marauillossos

[fl. 10] que ay ha consoles y ay edificios que se non desfazan por ningun tiempo²⁵³ pero Azar²⁵⁴ les destruyo Tarife el fijo de Nacair²⁵⁵ quando entro en España ca el mato las gentes e destruiolos todos mas non pudo todos ca tanto es de firme²⁵⁶ e de Tarragona a Zaragoza ha ciento y y cinquenta millas

El termino de Zaragoza con el termino de Lerida yaze contra el setemtrion de Tarragona e contra el Sol leuante de Cordoua e yaze sobre el rio de Segura²⁵⁷ e sale este rio dela Sierra de Segura e quando fundaron la villa fallaron este rio el termino de Pillares²⁵⁸ este rrio entra²⁵⁹ en vn castillo que ha nombre Minece²⁶⁰ en este rio sacan oro fino y

243 Vorriana M; Buriana Ca; Burriana Cop. Cop autonomiza como notícia sobre o 'termo de Burriana' o que em M e Ca é apenas parte da notícia de Valência.

244 E de Cordova a Valência ha dozientos e dos migeros (<+) Ca; E de Cordoua a Valencia ay ducientos e dos millares (<+) Cop.

245 Otrosi mucho açafrañ e muy bueno (<+) Ca; e mucho azafran e muy bueno (<+) Cop.

246 sy fueren por el camino de Matronia, que es mas luengo quel de los fijos de Darache (<+) Ca; si fueren por el camino de Maytronia, que es mas luengo quel de los fixos de Darache (<+) Cop.

247 Tastagosa Ca.

248 vieja Ca; bieja Cop.

249 Galian Ca; Galian que tambien llaman Fabliar Cop.

250 Yaze en el corriente de los moros M; yaze en el oriental de los moros Ca.

251 E Tarragona yaze entre Tortosa e Barcelona, e a della a Tortosa çinquenta migeros Ca; E Tarragona yace al lebante de Cordua entre Tortosa e Barzelona, e a della a Tortosa ha cinquenta millas Cop.

252 fundamientos M, Ca.

253 ay hedeficados que se non desfara por negun tienpo M.

254 pero açaz M; maguer Ca, Cop.

255 Tarife el fijo de Noçayr M; Taris fijo de Mazayr Ca; Tarifa fixo de Masair Cop. Confusão sincrética dos nomes de Târiq ibn Ziyâd e Mûsâ ibn Nusayr.

256 E Tarragona ha muy buen termino e fermoso e muy rregantio e conplido de munchos frutos (<+) Ca; E Tarragona ha muy buen termino e fermosso e muy regancio e conplido de muchos frutos (<+) Cop.

257 Rrio de Segre Ca, Cop.

258 Pilares Ca, Cop.

259 en Hura M; en Ebro Ca, Cop.

260 Mineçe M; Vicueça Ca; Meguenza Cop.

entra en este rio otro rio que ha nombre Bocario²⁶¹ y este y los otros rios entran en el rio de Seluias²⁶² Lerida ha villas y castillos en su termino los quales el vno es Carauinas²⁶³ e Carauinas yaze sobre el rio de Vocario²⁶⁴ el otro es vno castillo que ha nombre Velcario²⁶⁵ et Velcario yaze sobreel

[fl. 10v] rio de Segura²⁶⁶ el otro es Faraga²⁶⁷ et faraga yaze sobre el rio delas Olibas²⁶⁸ e el otro es vn castillo que ha nombre Perón²⁶⁹ et a otro castillo que ha nonbre Aluida Almotaja²⁷⁰ e de Almotaja a Lerida ha treinta millas²⁷¹ e de Almotaja a Caras²⁷² ha ochenta millas e Lerida ha fundamentos antiguos e es lugar muy nombrado e en su termino ay vn castillo que ha nombre laregue²⁷³ e quando los Moros entraron en Españalas gentes morauan en estos castillos trujeron pleitesia con los Moros y fincaron consus castillos los Moros con ellos sin contienda²⁷⁴ en su termino de Lerida Ca vn castillo que a nombre airar²⁷⁵ y otro que ha nombre Estibre²⁷⁶ y quando esta España era delos Moros estos castillos yazian metidos enlos figados²⁷⁷ delos Cristianos e los Moros estando cada dia²⁷⁸ los Moros con ellos a Barreras²⁷⁹ e de lerida a Zaragoza ay Ciento millas e delerida a Barçelona otro tanto.

[fl. 11] Juntase el termino de Lerida con el de Brotana²⁸⁰ quando los Moros entraron en España alongaron mucho desu daño edes pues quela cobraron²⁸¹ que fizieron de ella escudo contra los Cristianos por muchas vozes²⁸² fueron tan mal trechos que fuerza ouieron de dejar la tierra y Bretaña yaze contra setemtrion a Lerida y contra el sol leuante de Cordoua a Bretana a villas muy fuertes en su termino delas quales el vno es

261 Vocayra *Ca*; Bocayra *Cop*.

262 rrio de Saluias *M*; rrio de las Olivas *Ca*; rio de los Oliuos *Cop*.

263 Carabinas *M*; Carauinas *Ca*; Carabinal *Cop*.

264 Bocaria *M*; Bocayra *Ca*, *Cop*.

265 Belcayre *M*; Volcare *Ca*; Bocayre *Cop*.

266 Segre *Ca*, *Cop*.

267 Fagra *Ca*; Fraga *Cop*.

268 Olivas *M*; Oliuas *Ca*; Oliuos *Cop*. *Ca* e *Cop* apresentam mais informação respectivamente cerca de 8 e 5 linhas de texto (ed. CATALÁN e ANDRES, pp.43-44), de "Fraga ha muy buena vega..." até "... Tanbit (Tumbite *Cop*) que es muy buen castillo", ausente em *M* e *LV*.

269 Prun *M*; Pedro *Ca*; Peran *Cop*.

270 Albyda Almotaxa *M*; *Ca* apresenta a expressão como nome de dois castelos diferentes: Abuyda e Almontaxa; da mesma forma em *Cop*: Albuida e Almontaya.

271 diez e nueve migeros *Ca*; diez y nueve millares *Cop*.

272 De Almotaxen a Çaraz *M*;

273 E en su termino ha vn castillo que ha nonbre Velgean; e há outro que a nonbre Lonibras; e a outro que es vn castillo que nonbi la Sege *M*; E el outro castillo que ha nonbre Vallena, e es lugar muy plazentero e bien conplido. E el otro castillo ha nonbre Loritas. E el otro castillo ha nonbre Lasehen *Ca*; El otro castillo a nombre Valena, e es logar plazentero e bien conplido. El otro a nombre Loribar. El otro llaman Lasexo *Cop*.

274 Esta passagem foi reinterpretada pelo autor de *Cop*, acabando por lhe dar um sentido quase oposto: 'E quando los moros entraron en España, las gentes que moraban en estos castillos hicieron pleitesia con los moros e se los dieron, e fincaron los moros en ellos sin auer contienda'.

275 Ayrax *M*; Ayqueaxe *Ca*; Ayquiaxe *Cop*.

276 Destibre *M*; Desamon *Ca*; Samon *Cop*.

277 Fijados *Ca*.

278 cadaldia *M*; todo el dia *Ca*; todos los dias *Cop*.

279 carreras *Ca*, *Cop*. A passagem seguinte em *Ca* e *Cop*, surge, mais reduzida, no meio da notícia (entre as ns. 225 e 226) de *M* e *LV*.

280 Bretaña *M*, *Ca*; Britina *Cop*.

281 allegaron muchos de su fazienda, segun que lo suelen allegar, que después que la ouieron *Ca*; llegaron los cristianos mucho de su hacienda como mejor podieron *Cop*.

282 vezes *M*, *Ca*, *Cop*.

el Castillo de Vuertes²⁸³ e Vuertes yaze sobre el rio de Ebro que naze en la fuente de Sarab²⁸⁴ cerca de la Cibdad de Vuerter²⁸⁵ el otro es vn castillo que llaman Maquiomos²⁸⁶ el otro es vn castillo que llaman Casetilla²⁸⁷ et otro que llaman Jumar²⁸⁸ et de Viratana²⁸⁹ a Zaragoza ochenta millas

Partese el termino de Vreña con el termino de Osta²⁹⁰ y lo de Osta yaze al sol leuante de Zaragoza e al sol leuante de Cordoua y Osta es buena Cibdad antigua e muy fermosa muy bien labrada e muy bien fecha e muy bien

[fl. 11v] asentada²⁹¹ e cerca de ella corren Rio que llaman Veza²⁹² e es rio de agua delgada e es en toda sazon e ensu termino a villas bien castelladas delas quales es vna que llaman Pedro²⁹³ y el otro es vn castillo que llaman ayraje²⁹⁴ y el otro es vn castillo que llaman Jinete²⁹⁵ e otro es vn castillo que llaman Marriuas²⁹⁶ e otro es vn castillo que llaman Toliha²⁹⁷ e Toliha yaze cerca dela Sierra de aragon e es muy nombrada sierra entre los Cristianos en ella yazen dos castillos muy buenos el vno ha nombre Zeni²⁹⁸ y el otro ha nombre Meni²⁹⁹ e yaze en dos peñas que son encima dela Sierra de Aragon e corre por entre ellas el rio flumesso³⁰⁰ el senoria de Osta³⁰¹ e yaze un castillo que ha por nombre la Vera³⁰² y el es vn castillo que ha nombre Bastit³⁰³ y delas fieras³⁰⁴ que llamamos en España Luegas es nombradas en fortaleza sies aquella que se junta conel monte de Aragon que ha nombre Monte Negro y nolo podra ome pasar a cavallo avnque ande bien

[fl. 12] Parte el termino de Aljezira³⁰⁶ conel de Raya e Raya yaze al setentrion de ella y al oriente de Cordoua e Raya es muy buena villa y en su termino es cumplido de

283 Bubestor/Bubester *M*; Bubeçer *Ca*; Bubester *Cop*.

284 Çerrabcar *Ca*; Saraberca *Cop*.

285 Cerca de la çibdad de Bubestor. El otro es vn castillo que llaman Alçaçar (<+) *M*; E otro que llaman Avena. E otro castillo que llaman Alçaçar (<+) *Ca* ; E otro que llaman Abena. E otro el castillo de Alcazar (<+) *Cop*.

286 Maquiomas *M*; Maqueonos *Ca*; Maqueanos *Cop*.

287 Castelia *M*; Castellar *Ca*, *Cop*.

288 Junear *Ca*.

289 Breña *M*; Bretana *Ca*; Brutina *Cop*.

290 Huesta *Ca*.

291 es muy noble cibdat e muy grande e muy antigua e muy fermosa e muy bien asentada *Ca*; es muy noble ciudad e muy grande e muy antigua e muy fermossa e muy bien asentada *Cop*.

292 Beça *M*; Baeça *Ca*; Beza *Cop*.

293 Pedroelg *M*; Solge *Ca*; Pedioelg *Cop*.

294 Ayraxe *M*, *Cop*; Ayraxe *Ca*.

295 Çinente *M*; Çeynte *Ca*; Ceinse *Cop*.

296 Manribas *M*; Rribas *Ca*; Maribas *Cop*.

297 = / Tola *M*; Tolia *Ca*; Melia *Cop*.

298 Çeni *M*; Sen *Ca*; Ceni *Cop*.

299 Men, *M*, *Ca*; Mem *Cop*.

300 Trata-se em LV da contracção de 'flume' com 'e so' (v. C1344, ed. CATALÁN e ANDRES, p.50), mas obedecendo à orientação que nos propusemos não vamos separar o conjunto gráfico que surge em LV, e colocamos a nota no final do mesmo. Flume *M*; Flumon *Ca*; Flaameyso *Cop*. O testemunho de E que serviu para elaborar *Cop* tinha uma expressão algo semelhante à que surge em LV.

301 Esca *M*; Huesta *Ca*.

302 Labeça *M*; Laboca *Ca*. No relativo a *Cop*, v.infra.

303 Baçin *Ca*; la Berabastit *Cop*, evidenciando a contracção dos dois topónimos num só.

304 sierras *M*, *Ca*, *Cop*.

305 Aqui o texto paralelo de *M* salta para C1344, ed. CATALÁN e ANDRES, p.79; o de *Ca* para *CMR*, ed. CATALÁN e ANDRES, p.105 e *Cop*, *idem*, p.308.

306 Alxezira Taladra *Ca*; Algezira Cahadra *Cop*.

muchos e fuertes³⁰⁷ rios que a muchas aguas³⁰⁸ y es tierra humida de natura e muy grandes llanos y montes³⁰⁹ Raya fue fecha de tiempo de los antiguos y en su termino a villas a castillos delos quales huno Evxavdrao³¹⁰ ques su camera ela otraes Malaga es villa mucho antigua e yaze sobre la mar³¹¹ la otra es Canula³¹² e Canula yaze cerca dela mar ela otra es Almeria³¹³ que yaze enla riuera dela mar e la otra es Bubeste³¹⁴ que es vn castillo muy fuerte e muy defendido e el otro es vn castillo Money³¹⁵ y el otro es vn castillo que llaman Bociega³¹⁶ e el otro es vn castillo que ha nombre San Pedro y el otro castillo es aquel a que llaman Chimaros³¹⁷ y el otro es vn castillo que llaman Antion³¹⁸ y el otro esvn castillo que llaman Ales³¹⁹ y el otro es vn castillo

[fl. 12v] que llaman Libron³²⁰ y el otro es vn castillo que llaman Monte Mayor³²¹ e Monte Maior es vn castillo mas alto que todos los otros del termino de Raya e de el comenzaron a guerrear ha España y el otro es vn castillo Conil³²² y tiene Conil el atalaya sobre la mar que yaze en tal lugar y no pueden por el mar venir en cossa pequeña ni grande para España que de elnon la vean

El termino de Raya parte conel termino de Exija³²³ e yaze contra setemtrion y el meridiem de Raya y el occidente de Cordoua e Exija es villa mucho antigua e complida de muchos bienes e ay muy gran termino e muy buenos e muy generosos e muy cumplidos de muchos bienes y en Caxa³²⁴ yaze sobre el rio de Guadagenil³²⁵ que parte el monte de la Sierra elada el termino de Caxa a muchas villas e muchos castillos e montañas enlas quales montañas la vna es que va par de Caxa³²⁶ e en estas

[fl. 13] montañas a villas elugares tan fuertes que no a costa³²⁷ que teman delas quales villas la vna es [...] ³²⁸ que es muy fuerte e muy antigua y la otra es el castillo³²⁹ que

307 fuentes *M*, *Ca*, *Cop*.

308 Que echan muchas aguas *M*; que lieuan muy grandes aguas *Ca*; que lleban grandes aguas *Cop*.

309 e muy fuertes (<+) *M*; e de muy buenas sementeras e de muchas plantas de viñas e de arboles de muchas naturas; e aderedor de los llanos ha montes muy fuertes (<+) *Ca*; e ha grandes llanos de buenas sementeras e de muchas plantas de viñas e de otros arboles de muchas naturas; e a montes muy fuertes (<+) *Cop*.

310 Exandua *M*; Laradina *Ca*; Caudaque *Cop*.

311 e ha muy nobles terminos e sementeras de plantas e de vinas e de arboles de muchas naturas; e fazen y la mejor pasa que ha en todo el mundo e la que se mas mantiene; e es villa muy placentera e muy fermosa ella e su termino, e mantienese y muchas gentes e muy buenas. E la otra ha nonbre Cartania (<+) *Ca*; E la otra a nombre Cartaza (<+) *Cop*.

312 Tanula *M*; Tamilla *Ca*, *Cop*.

313 Almaria *M*, *Ca*.

314 Bubestre *M*; Bubeçar/Bubesçar *Ca*; Bubester *Cop*.

315 Mobeys *M*; Eleys *Ca*; Eleis *Cop*.

316 Boveya *M*; Bouera *Ca*; Bobaya *Cop*.

317 Chamaros *M*; Jamares *Ca*; otro Chamar e outra que llaman Tamares *Cop*. Mais uma tentativa de conciliação das leituras dos dois textos.

318 Hantron *M*.

319 Liaron *Ca*, *Cop*.

320 Ybro *Ca*; Ibro *Cop*.

321 Montemayor *M*, *Ca*, *Cop*.

322 Çoel *Ca*; Canilo *Cop*.

323 Eçija *M*, *Ca*; Ezija *Cop*.

324 en Caxa [= encixa]: Eçija *M*, *Ca*; Ezija *Cop*.

325 Guadaxenil *M*; Xenil *Ca*; Guadagieni *Cop*.

326 Tecurua *Ca*; Tecurba *Cop*.

327 cosa *M*;

328 *lacuna* em *LV* e *M*. Rronda *Ca*; Ronda *Cop*.

329 Leçesçer *Ca*; Leurzer *Cop*.

esta enel monte

Et agora auemos de todas las villas de España quantas eran e como las llamauan e como pares cian y muchas dejamos delas que ouedecian alas maiores mas por amor de no fazer nuestro cuento muy luengo e de Caxa a Cordoua ay treinta millas y queremos decir delas sierras e Dios mandeque digamos la verdad a plazer de los que lo oyen.

330 Fallamos y nos sauemos en verdad que en toda España no a mas de tres Sierras que atrauiessan la tierra de mar e nos fallamos que rio ni valle parte ninguno de estas sierras y en ellasyazen muchos buenos castillos e son fuertes e son tierras³³¹ de muy gran pro e abundadas de muchas e buenas cossas e la primeraes³³² la Sierra la de Cordoua que naçe en el mar que llueve enla tierras

[fl. 13v] en derredor e de Briente³³³ los Moros e va por Valencia e por Vexa³³⁴ e por Exuany³³⁵ por el Algarve y entra en el mar grande de Occidente e naze la otra sierra en la mar de Oriente viene por Naruona

Esta sierra parte a Espana de francia

falta lo delas Sierras veasse enel otro libro de Toledo³³⁶

337 En sus libros dijeron los fijos de Alhaquin³³⁸ anduimos España para saver la verdad de todas las cossas entron³³⁹ en España e fallamos que en España ay siete rios cavdales los que entran en la mar delos quales el primero³⁴⁰ es el rio de Cordoua que ha nombre Aohin³⁴¹ que naze de Naquin³⁴² y entran en el otros rios delos quales el vno es el rio de Sen³⁴³ que es muy grande rio e muy fuerte e Sen naze dela sierra elada e la Sierra de Luira³⁴⁴ y entra en el la fuente dela Nica³⁴⁵ y entran en el en el orrio de Vinas e quando andaua la era delos Moros en ducientos y cuarenta y seis anos³⁴⁶ mando fazer

[fl. 14] El Rey Mafomad sobre este rio vna puente muy grande y entra este rio enla fuente que llaman Alcuuiya³⁴⁷ e enla fuente de Loija³⁴⁸ ela fuente Volanos³⁴⁹ de la

330 Aqui inicia-se a parte relativa às 'Serras'.

331 sierras *M*, *Ca*, *Cop*.

332 prima *M*.

333 Vriente *M*; oriente *Ca*, *Cop*.

334 Beja *M*, *Ca*, *Cop*.

335 Exavan *M*; Estunba *Ca*; Obeda *Cop*. Trata-se de Ocsónoba, actual Faro, capital do Algarbe. Corrobora-se com o que vem seguidamente em *LV*, e também em *M*, *Ca* e *Cop*.

336 Referência que evidencia o conhecimento que o primeiro letrado tinha de ambos os textos que estavam sendo comparados com vista à possível reconstituição textual do *LR* ou da *CMR*.

337 Aqui começam os 'Rios'.

338 Alhaquem *M*; Alhayos *Ca*.

339 entran *M*; avia *Ca*; auia *Cop*.

340 primo *M*.

341 Achim *M*; Gudalquiuir *Ca*; Gudarquiuir *Cop*.

342 Nachin *M*; Achen *Cop*.

343 Sem *M*, *Ca*; Sein / Guadagieni *Cop*.

344 Eluira *M*; Elibera *Ca*; Ilibera *Cop*.

345 de Tuçir *M*. Existe aqui uma má leitura, muito possivelmente da matriz de onde saiu *M* e *LV*: *Ca* > entran en la vega de Elibera, e entra de Viñas; *Cop* > passa por la vega de Ilibera.

346 Dozientos e veynte e siete *Ca*. Esta datação é impossível, porque a ser esta data, ainda seria no reinado de Abd al-Rahmân II (206/822-237/852), e não no de seu filho Muhammad (237/852-888/274) (v.A.RUCQUOI, *ob.cit.*, p.322 e G.S.P FREEMAN-GRENVILLE, *ob.cit.*, pp. 20-23). Na datação correcta coincidem *LV*, *M* e *Cop*.

347 Alcubiya *M*; Alcobays *Ca*; Alcubija / Cubila *Cop*.

348 Loyxa *M*; Lonxa *Ca*; Loxa *Cop*.

fuelle que sale del rio frio Estra y este rio entra en la mar en vn lugar que llaman Eybtill³⁵⁰ al poniente de Seuilla et este rio³⁵¹

El rio de Odiana naze del sol levante de España contra el setemtrion dentro en el monte que va para Cordoua y otro que llaman Naruona³⁵² y sobre la Ciudad de Racupel³⁵³ e sobre la Ciudad de Remon³⁵⁴ y entra en la mar grande en Ayamonte³⁵⁵ y ay en elle trecientos y veinte millas³⁵⁶

El otro es vn rio que a nombre Tajo³⁵⁷ e este rio naze de dos Sierras al sol leuante de España et de una fuente que naze en un lugar que ha nombre Vonita³⁵⁸ e ay muchos pinares a marauilla y entra al oriente del mar grande de Lisbona y ha en el setecientas millas³⁵⁹

El otro es vn rio que llaman Duero e Duero

[fl. 14v] naze en Britana³⁶⁰ y lleva muy grande agua e entra en el mar grande en el puerto de Portugal³⁶¹ y ay en el trescientas y sesenta millas³⁶²

El otro es el que llaman Astro tiempo Aicayan³⁶³ e naze en las sierras de Reyas³⁶⁴ en tierra de la frontera e ay en el trecientas millas³⁶⁵ y dicen que este es el maior rio que ay en España que lleua mayor aguas

El otro es vn rio que llaman Miñon³⁶⁶ e Miñon naze de vna sierra que llaman Miñon³⁶⁷ et por esso llaman el rio Miñon e Miñon entra en la mar grande de Galicia e ay trecientas y veinte millas

El otro es vn rio que llaman Ebro et Ebro naze dela sierra de Aluaino³⁶⁸ vn poco sobre oriente e Ebro entra en la mar en Tortosa e la mar de Media Tierra³⁶⁹

& & & &

El tiempo que los Godos passaron el mar entonces se vino Mafomad a Meca et fue a predicar su mala seta en Arabia e conuirtio muy gran Jente a su mala ley en la era de seis

349 Velanes *M*; *Ca* omite; Billaños *Cop*.

350 Cubtil *M*; Cabtus *Ca*; Cutil *Cop*.

351 E deste rio a do entra en la mar a trezientos diez migeros (<+) *Ca*; E a fasta la mar a trecientos e diez migeros (<+) *Cop*. *Lacuna* parcelar em *LV* e *M*.

352 Barbona *Ca*, *Cop*.

353 Calatrava *Ca*.

354 Rrichin *Ca*.

355 E contra la mar e ay monte grand *Ca*. Clara incompreensão da passagem, correcta em *LV* e *M*.

356 quatro çientos e diez migeros *Ca*.

357 Taxo *Cop2*. *Cop* tem duas notícias envolvendo Lisboa, uma mais fragmentária e uma outra no final do apartado 'Rios', fora da ordem que se encontra quer em *Ca* e seus sucedâneos quer entre *M* e *E*. As notas respectivas vêm como *Cop1* e *Cop2*.

358 Bonita *M*; Molina *Ca*, *Cop1*; Bonita *Cop2*.

359 quinientos e ochenta migeros *Ca*, *Cop1*; setecientos migeros *Cop2*.

360 Britona *M*; Britora *Cop*.

361 Entra en la mar al poniente, so vna çibdat a que llaman Goya e agora es llamado El Puerto de Portugal *Ca*; Entra en la mar al poniente, sobre vna ciudad que llaman Gaia *Cop*.

362 seyçientos e diez migeros *Ca*; trecientos e setenta *Cop*.

363 Que llamauan en outro tienpo Atrayn *M*; otro es el que llaman Vbia, e otros le llaman Arca *Ca*; otro es el que llaman Ubra, e otros le llaman Arca *Cop*. O que encontramos em *LV* parece provir de dois testemunhos diferentes, pois 'Astro' está próximo de 'Arca', que encontramos em *Ca* e *Cop*; e 'Aicayan' é próximo de 'Atrayn', que está em *M*.

364 Ruas *M*, *Ca*, *Cop*.

365 Seteçientas millas *M*; seysçientos e veynte migeros *Ca*; trecintos e veinte migeros *Cop*.

366 Miño *M*, *Cop*; Mino *Ca*.

367 Miña *M*, *Ca*, *Cop*.

368 Albayno *M*, *Cop*; Albeyno *Ca*.

369 En la mar de Medioterra *M*; en la mar de vltamar *Ca*; E ha en el quatroçientos e doze migeros *Ca*; e ha en el quatrocientos e doze migeros *Cop*. Aqui suspende-se o paralelismo com *Ca* e *Cop*.

cientos

[fl. 15] y sesenta y dos anos des pues que Christo prendio muerte y pasion fasta³⁷⁰ que Mafomad se vino a Meca vuo seis cientos menos ochos años Mafomad auia entonzes diez años quando los Godos fueron entrados en España efizieron rrei de su linaje

El primero³⁷¹ Rey delos Godos huuu nombre Athanarigo e quando vino asu³⁷² tierra huuu su guerra conlos Romanos efizoles mucho mal e despues tornose a España con grandes gentes que traia e tomola e alzaronle los Godos por rey en España³⁷³ mucho a pesar delos de España e reyno 42 anos e despues dela muerte de este Athanarigo alzaron los otros Godos por rey en España Atalarin³⁷⁴ e reyno veinte y seis anos³⁷⁵ e despues dela muerte de Atalarin alzaren³⁷⁶ los Godos por rey en España Athaulfos³⁷⁷ e reyno seis anos e despues que murio Athaulfos alzaronlos godos por rey en Espana a Sesaricus e reyno vn año e comenzo a Reynar enla eraque quatro cientos y veinte años y despues

[fl.15v] dela muerte de Sesaricus Alzaronlos Godos por rey a Vmbala³⁷⁸ e reyno quatro años et despues dela muerte

aqui faltan fojas³⁷⁹

fazian³⁸⁰ por el mismo y quando D Sancho fue partido del Rey anduuu por sus jornadas fasta que lleugo cerca de ellos e fizo venir ante si omes que le dijeron³⁸¹ de los moros quantos eran efizoles contar todos los suyos e fallo vien tres tantos que ellos³⁸² los moros e ouo de esto gran plazer e ovo³⁸³ que sele non defendieran e puño de esforzar su Jente e fue conlos moros lo mas aina³⁸⁴ y quando los Moros sopieron que el poder del Rey Rodrigo venia sobre ellos ouieron muy gran miedo empero ouieron de salir del monte y mouieron contra ellos y passaron³⁸⁵ al llano y D Sancho enquelos vio anduuu tanto fasta que lleugo bien cerca donde ellos eran y vnbiles³⁸⁶ a decir que se le rindiessen antes quelosmatasse a todos ellos tubieron el mandato enpoco y a el por sandio y emuiaronle decir que salieron ellos de su tierra opreso³⁸⁷ e estonze

[fl.16] aplazaron la Vatalla para enotro dia E desi zenavon e pasaronse a folgar³⁸⁸ e cada vno delas partes puñaron de aver aquel mejor consejo que pudieron aver e todos fizieron catar sus armas y requirir sus caualllos si le fallecia alguna cossa que pudiesen corregir e pararon su hacienda lo mejor queles semejo =====

370 aquel dia (<+) *M.*

371 primo *M.*

372 de su *M.*

373 en España: *lacuna* em *M.*

374 Atalarico *M.*

375 e començo a rreinar en la era de quarto çientos e seys años (<+) *M.*

376 alçaron *M.*

377 Ataulfuos *M.*

378 Vnvala *M.*

379 Grande lacuna, que corresponde na *C1344*, ed. CATALÁN e ANDRES, ao espaço desde o final da p. 84 até à p.126, o que perfaz um número de cerca de 30 fólhos, frente e verso, em falta na matriz de *E* (v. *C1344*, idem, p. 84, n. [Cap. LXXII].

380 farian *M.*

381 nuevas çiertas *M.*

382 *lacuna* *M.*

383 tovo *M.*

384 que pudo (<+) *M.*

385 pasaronse *M.*

386 enbioles *M.*

387 por eso *M.*

388 çenaron e posaronse e folgaron *M.*

Lego³⁸⁹ el otro dia quando el aluaqueria salir³⁹⁰ y des pues que todos fueron armados lo mejor que ellos pudieron vinieron³⁹¹ al campo e passaron³⁹² sus hazes ay assi los moros como los Christianos cado vnos como mejor pudieron fazer y desde la gente estaua³⁹³ queda e cada vno que aguardassen y si rinessen³⁹⁴ bien en los moros et ellos tubieron por bien estar quedos y que sufriessen que los christianos que los viniessen ferir e D Sancho que era el mas esforzado cauallero que entonce³⁹⁵ avia en España quando esto ende vido plogole muy mu[c]ho y ante que golpe a ninguno vbiessen dado ni resuido³⁹⁶ cercoles a rededor³⁹⁷ y dijo que antes que los dejasse que ante serian todos muertos

[fl.16v] que no auia el por cossas que los moros pudiesen escapar e tanto que esto dijo metio la lanza sobre³⁹⁸ el brazo e paro el escudo ante los pechos y comenzo³⁹⁹ a fazer tales cossas y tales marauillas quales otras ome nunca vido y a tantos les vieron ferir e vieron las marauillas que⁴⁰⁰ facia y assi los Moros como los christianos todos pusieron es fuerzo y vinieronse a ferir los vnos con⁴⁰¹ los otros lo mas esforzadamente que ellos pudieron con <a>quellos que eran enemigos mortales ellos christianos comenzaron a ferir en los moros por todas las partes ala redonda e da uanse tan grandes golpes que maravilla era por cada lugar por donde podian y todos façian lo mejor que podian mas ni⁴⁰² a ome en el mundo que lo pudiesse contar las cossas que D Sancho fazia por sus manos pero quiso Dios que amal desu agrado⁴⁰³ y de todos los otros christianos quebrantaron los Moros las hazes de los christianos y mataron alli a D Sancho

[fl.17] e tantos de los otros que marauilla era y vencieron el campo y siguieron al⁴⁰⁴ alcance en pos de aquellos que fincaron matando ellagando en ellos que marauilla era y desde vieron que no auia ome⁴⁰⁵ de que se temiesse nunca le encargo de si⁴⁰⁶ voluieron alli donde la vatalla fue desuataada e prendieron toda la gente que ay tomaron y todas las otras cossas y tubieron⁴⁰⁷ y partieronla entre si y la otra gente que ay fallaron muerta dela suya soterraronla y desi dieron gracias a Dios por la merced que les fiziera y dela honrra que les diera y de si Tarife alongose vn poco de alli donde fuera la lid pero⁴⁰⁸ el sol puesto e fizo fincar todas las tiendas a muy grand sauor pero que⁴⁰⁹ todos andauan muy cansados del afan delas armas y de los golpes que dieron y recibieron desi cenaron y folgaron toda aquella noche e quando vino otro dia por la

389 Luego *M*.

390 començaron ellos todos de se armar (<+) *M*.

391 vinieronse *M*.

392 pararon *M*.

393 estudo *M*.

394 firiesen *M*.

395 estonce *M*.

396 rreçebido *M*.

397 alderredor *M*.

398 so *M*.

399 començo a ferir en ellos (<+) *M*.

400 qu'el *M*.

401 a *M*.

402 non *M*.

403 grado *M*.

404 el *M*.

405 ay omne *M*.

406 nin que les embargo diese *M*.

407 que y ovieron *M*.

408 era ya (<+) *M*.

409 porque *M*.

mañana fizo Tarife venir ante si todo aquello que vbiera⁴¹⁰ dela vatalla e non fallo
cossa quealgo valiesse sino eran

[fl.17v] caualllos e armas e fizo venir ante si todos los peones y dioles aquellos caualllos
e fizo caualleros de aquellos peones de los mas de ellos e tanto que esto ouo fecho fizo
ante si venir todos los viejos de buen sesso e todos los de su consejo y dijotes⁴¹¹
amigos nos bien deuemos sauer que Dios ouo de nos merced quando nos aiudo et
quissa⁴¹² que tenemos tanta gente quanta nos vino et pues Dios nos aiudo nos non
avemos que temer pero conuiene que traigamos nuestra hacienda con sesso e conrecabdo
ca en otra manera muy aina podriamos prender muy grand daño e por esto vos digo que
puñedes de auer buen consejo e decid como queredes⁴¹³ que fagamos e estonze dijeron
muchos e de muchas guissas pero ala cima acordaronse que fuessen adelante por España
y que tomasen deso que fallasen desi alli torno Vellacin⁴¹⁴ que era ome que no mitia el
rey ental fecho y que siempre estaua enla corte del Rey Rodrigo quando le llegaron las
nueuas

[fl.18] de como fuera la vatalla y dela buena andanza⁴¹⁵ que ouieron los Moros quando
el Rey Rodrigo sopó en como D Sancho era muerto e todos los otros que con el fueron
desuaratados nunca pessar le vino que con este le allegase y bien alli donde estaua ante
todos dijo ay Señor dios fijo de Santa Maria ya yo⁴¹⁶ veo quanto mal y quanta⁴¹⁷ ira
veo sobre mi quando tu Señor lo feriste que yo si es ela muerte⁴¹⁸ del espejo dela
Caualleria de España e agora rey captiuo e desventurado y⁴¹⁹ faras viejo astrosso y
mesquino desde no ubieres⁴²⁰ ante ti en vatalla aquel quete daua esfuerzo e que era
escudo fuerte el muy⁴²¹ buen sobrino e ya mientras dios fuere enlos Cielos nunca
podras fazer cauallero en España que de nos⁴²² aya tan gran sentimiento et vo serades el
valiente et vos erades mi sobrino erades el esforzado e vos erades el piadoso et vos
erades el gradesto⁴²³ et vos erades el mortal ponzoña a aquellos que nos desamavan
vos

[fl. 18v] erades el lealamigo a quien lo prometiessedes y que decia⁴²⁴ ay mezquino vos
mi sobrino e erades el mi brazo diestro y la vuestra espada hera temeroza sobre todas las
del mundo que yo nunca vi y dela qual yo nunca vi fablar e ay Dios Señor que ganais
teis vos que por los mis pecados tollesteis de sobre la tierra ome⁴²⁵ que tan bueno era
tanta mengua me fara e Señor bien sauedes vos por que lo feciste por me dar a entender
que mala muerte se me allega y Señor si a vos plugiere mejor fuera que yo viejo

410 ovieran *M*.

411 dixoles *M*.

412 en guisa *M*.

413 querredes *M*.

414 Debelasin *M* {‘Abd al-‘Azîz [ibn Mûsâ ibn Nusayr]}.

415 andança *M*.

416 bien (<+) *M*.

417 tanta *M*.

418 sofriste que yo viese la muerte *M*.

419 que (<+) *M*.

420 vieres *M*.

421 mi *M*.

422 vos *M*.

423 gradoso *M*.

424 e que dire *M*.

425 onbre *M*.

mesquino muriesse y fincara aquel que era mi esfuerzo y aquel que boca de ome⁴²⁶ no podria contar el su buen esfuerzo e quando el esto decia lloraua e mal decia la tierra enlaqual fuera nacido e muchos estauan ay queles pesaria⁴²⁷ muy mucho y otros muchos lo veian como se maldecia⁴²⁸ mas non auia ni⁴²⁹ a tal quele ossase decir que callasse ca este el ome⁴³⁰ del mundo deque maior miedo auian quando estaua sanudo pero desde el vido tal fecho como este tal separo

[fl. 19] que non siendo ome⁴³¹ del mundo que del non ouiesse duelo e algunos que de su enojo se sintieron binieronse para el essos que ay estauan y confortaronle lo mas que pudieron e fizieronle entender que en fazer duelo⁴³² pro ninguna mas que puñase deauer equanto pudiesse otro consejo que llorar y fazer duelo non es para rey ni para gran señor =====

E luego mando Juntar todas las mas gentes que en todo su reyno auia e mando que se guissasen⁴³³ para la vatalla contra los Moros e Tarife que se entraua por España en quanto podia e fueron en⁴³⁴ poco de tiempo Juntados con el rey D Rodrigo e que vos contar emos del rey de como venia para la vatalla y delas vestiduras que traia y que era las noblezas que el traia et non creo que ha ome⁴³⁵ quelas pudiesse contar ca el yua⁴³⁶ vestido de vna arfolla que en eese tiempo decian purpura que estonze traian los reyes por costumbre y segun asmamiento delosque la vieron que bien valia mill marcos de oro

[fl. 19v] elas piedras elos adouos en esto no a ome⁴³⁷ quelos pudiesse decir que tales eran ca el venia con vn carro de oro que traian dos mulas estas eran las mas fermossas y las mejores que nunca ome⁴³⁸ vio e el carro era tan noblemente fecho que non auia en el fuste ni fierro mas lo mas rafez cossa que enel auia si era huessos de elefante y el carro no era otra cossa sino oro y plata y piedras preciossas e era tan sotilmente labrada que marauilla era y encima del carro iua vn paño de oro tendido y este paño no a ome⁴³⁹ enel mundo que el pudiesse poner precio⁴⁴⁰ y dentro so este paño estaua vna silla tan rica y tan noble⁴⁴¹ y tan alta que el minor ome* que auia enla hueste la podria bien ver e que vos podria ome* decir que desde que Yspan el primero⁴⁴² poblador que vino a Espana fasta en aquel tienpo que el Rey D Rodrigo vino aquella vatalla nunca fallamos de Rey ni otro ome* que nunca en Espana saliesse

[fl. 20] tan bien guissado ni con tanta gente como este salio contra Tarife e anduuo⁴⁴³ a

426 onbre *M.*

427 que le pesavan *M.*

428 maltraya *M.*

429 hy *M.*

430 onbre *M.*

431 siento onbre *M.*

432 no le tenia (<+) *M.*

433 lo mas ayna que podiesen e que se llegasen (<+) *M.*

434 muy (<+) *M.*

435 onbre *M.*

436 venia *M.*

437 onbre *M.*

438 onbre *M.*

439 onbre *M.*

440 presçio *M.*

441 que nunca onbre vio outra tal que le semejase de su presçio. E aquella silla era tan noble (<+) *M.*

442 primo *M.*

443 andudo *M.*

tanto por sus Jornadas fasta que en vn sauado ala⁴⁴⁴ noche llevo adonde Tarife y toda su Jente eran y tanto fue del miedo que les pusso que nunca se ostaron apartar et quando fue otro dia domingo por la mañana comenzaron la vatalla y lidiaron tanto fasta que escurecio y de esta guissa fizieron todo dia fasta otro domingo nunca quedo la pelea y dese matar equando fue domingo a ora de medio dia quissolo Dios anssi fazer e vencieronlos Moros e no auia ya ome* ni mujer queles aiudasse sino ellos mismos e por fuerza ouieron de dejar el campo y los Moros fueron en pos dellos y siguieron el Alcanze e mataron⁴⁴⁵ aquellos que pudieron fuir⁴⁴⁶ y vencieronlos Moros la vatalla y despues que la lid fue vencida Juntaronse todos y cataron los muertos y tomaronlos⁴⁴⁷ las armas y quanto tenian e nunca tanto pudieron catarque

[fl. 20v] pudiessen sauer parte del Rey D Rodrigo mas de esta ganaron todala tierra de mar a mar y los Cristianos quando so voluia que venian reciuieron⁴⁴⁸ diz que vieron estar vna guessa⁴⁴⁹ y que asmauan que fuera suya por la nobleza que enella vieron⁴⁵⁰ fue rrica la guessa⁴⁵¹ e muy abundada en todo⁴⁵² y dicen que fue rico e abundado en toda su vida y diz que fue señor despues de villa y de castillos⁴⁵³ y otros dicen que⁴⁵⁴ moriera fuyendo a las montañas y que lo comiera⁴⁵⁵ vestias fieras y otros dicen que moriera enla mar⁴⁵⁶ e mas de esto no sauemos e despues acauo de gran tiempo fallaron vna sepultura en Viseo en que estauan escriptas las letras que decian anssi aqui yaze el rey D Rodrigo Rey delos Godos que se perdio en la vatalla de Saguisue⁴⁵⁷ et quando esto por los reyes ⁴⁵⁸ de España fue sauido que todos fueron desacordados e desaconsejados a que no sopieron auer otro consejo sino que ermaron muchas villas y allegaronse alas mas fuertes

[fl. 21] sierras que pudieron llegar e fueron ay morar muchos de ellos y Tarife y sugente entraron por España e comenzaron de fazer quanto querian sin ningun enbargo e quando llegaron al termino de Astorga pieza de buena Jente que alli fincaron salieron a ellos elidiaren e pelearen con ellos e mataron e llagaron muchos delos Moros pero ala cima fueron vencidos de alos⁴⁵⁹ y muertos y de ellos pressos efizo fazer estonze Tarife abrir vna fuente apardel rio de Astorga a tres millas dela villa e esta fuente llaman la fuente de Tarife porque la fizo abrir y avn oy dia assi la llaman y ante que el saliesse de aquel termino llevo el conde con aquella mejor Jente que el pudo aver ovo dende quanto quisso

Quando el conde D Juliano llevo⁴⁶⁰ non vos podra ome* enel mundo contar la honrra

444 en la *M*.

445 todos (<+) *M*.

446 fuera aquellos que podieron fuyr (<+) *M*.

447 tomaronles *M*.

448 recobrando *M*.

449 huesa *M*.

450 ca por lo que en ella vieron (<+) *M*.

451 huesa *M*.

452 toda *M*.

453 señor de villas e de castillos *M*.

454 moriera en el mar. E otro dixeran que (<+) *M*.

455 comieran *M*.

456 *V. supra* n. 408.

457 Saguynera *M*.

458 rreinos *M*.

459 dellos *M*.

460 a Esto (<+) *M*.

yla fiesta y el plazer que con el fazian todos assi viejos como mazeuos⁴⁶¹ assi sanos como llagados e tanto que lo Tarifee vio dijole luego amigo como

[fl. 21v] me yo esfuerzo en el vuestro escudo cada que de vos me entembra⁴⁶² pero quando ante de mi non vos beo yodaria todo el mundo porque vos veniessedes por me aiudar et non por ser contra mi como otra vez vi por me estorbar e D Juliano le dijo estonze amigo Dios saue la verdad que de mi avedes vos⁴⁶³ la mejor aiuda que yo puede⁴⁶⁴ e bien os⁴⁶⁵ digo en verdad quese yo supiera que Dios tanto mal queria alRey D Rodrigo y que tal sauor auiale de azotar⁴⁶⁶ los dias no pasarades vos aca cayo le diera cima e vos bien sauedes que yo nunca me quite de vos que siempre anduue⁴⁶⁷ a vuestra guarda y si alguna vez me aparte de vos fue muy sin mi grado e porque alguna vez melo rogastes y Tarife le dijo que le non ponía el la culpa por⁴⁶⁸ tan aina nonfuera que mucho viniera bien a tiempo que fue menester y dijeronle que los⁴⁶⁹ consejase como farian y D Juliano les dijo que les aiudaria y que les consejaria y como quiera que lo non tengades en poco que mucho auedes de fazer y si me vos quisieredes creer yo vos fare que no aya en España

[fl. 22] villa nin castillo de que vos non seades señores e ellos dijeron que muy de grado todas cossas que el mandasse y les⁴⁷⁰ semejaria muy sin guissa dele salir del mandado y avn ellos nunca fizieron cosa si non con su es fuerzo y con su consejo y D Juliano les dijo amigos vos auedes menes ter que traigades sesudamente vuestro fecho que si ansi no lo fizieredes⁴⁷¹ vos podriades herir⁴⁷² a tallugar donde vn home⁴⁷³ mataria a ciento y defenderse vos ya e por ende combiene que vos tiredes de esta mala Jente que todos ⁴⁷⁴mas son mas⁴⁷⁵ sofridores de afan y de armas y andan muy bien y andan liviano y son sauidores dela tierra y perderseran⁴⁷⁶ los vuestros et ellos dijeron que decia muy bien y que les placia muy mucho =====

Luego ordenaron como fiziessen y enuiyaron Muget vn cauallero delos Christianos muy bueno a marauilla con setecientos caualllos sobre Cordoua que na⁴⁷⁷ entonzes espejo de España y enuiyaron otra caualleria sobre Malaga y vmbiaron⁴⁷⁸ otra sobre Granada e Tarife

[fl. 22v] con muy gran poder⁴⁷⁹ sobre Toledo e Muguet con su compaña anduuo⁴⁸⁰ tanto por sus Jornadas fasta que llego ha vna Aldea de Cordoua que llaman Seguda e

461 mançebos *M.*

462 mienbra *M.*

463 toda (<+) *M.*

464 pude *M.*

465 vos *M.*

466 acortar *M.*

467 andude *M.*

468 porque *M.*

469 les *M.*

470 los *M.*

471 fiziesedes *M.*

472 hir *M.*

473 hombre *M.*

474 los (<+) *M.*

475 muy *M.*

476 perderse an *M.*

477 hera *M.*

478 enbiaron *M.*

479 fue (<+) *M.*

480 andudo *M.*

yaze sobre Cordoua tres millas e mando echar pica⁴⁸¹ de Jente en los caminos que tomasen alguno que le dijessen nuevas de la villa y tomaron vn obejero y otra jente mucha que Yazian entre Tarsis⁴⁸² y Seguda e enuiyo Muget por aquellos adalides que andauan en su compania⁴⁸³ dijoles que catassen de aquellos presos si auia alguno que les supiesse decir nuevas de la villa y trajeronle⁴⁸⁴ el obejero dijole Muget dime agora y cata no me mientas que villa es Cordoua y que muro tiene y que Jente mora en ella y el le dijo Senor yo vos dire nuevas verdades⁴⁸⁵ creed bien cierto quando sopieron que el Rey Rodrigo era muerto y que los Moros andauan por la tierra por consejo del conde ouieron mucho⁴⁸⁶ miedo e en todas las villas principales de España fizieron Reyes ansi como Cordoua Sevilla y Toledo Merida

[fl. 23] y Eluira y acojose toda la Jente de la compamia⁴⁸⁷ en Cordoua y Jaze tan gran Jente en la villa que es marauilla y agora vengo ansi no se por qual razon mas bien creo que por miedo que toda la gente es ida y acojeronse a las sierras y no finco con el Rey sino quatro cientos de acauallo sus vasallos que el auia ante que lo fiziessen rey et non finco en la villa sino los viejos y los cansados y de la villa vos digo que es muy fuerte y estonze le dijo Muget el lugar mas sen embargo por donde pueda ome⁴⁸⁸ entrar ala villa y el obejero le dijo cerca de la puerta del Alcapon⁴⁸⁹ auia vn muro que estaua caido y por ay estaua⁴⁹⁰ vn lugar y si ellos aquel lugar subien por ende entrarian⁴⁹¹ tanto que ~~nunca del sopieron~~ la noche vino Muget movio con toda su compania⁴⁹² e tan sesusadamente quenuncadel sopieron parte los de la villa y lleuaron el obejero que los guio aquel lugar e tomaron las tocas de los Moros esupieron por ellas vnos avnos y desque fueron en

[fl. 23v] entrados en la villa muy mucha gente caualgo Muget en su cauallo e fizo caualgar consigo fasta trecientos caualleros y mando a los de la villa que avian entrado dentro que quebrassen⁴⁹³ las puertas lo mas aína que pudiesen y despues que las puertas fuessen⁴⁹⁴ quebradas entro Muget con toda su compania⁴⁹⁵ en la villa e comenzaron de matar e quantos fallaron assi pequeños commo grandes e quando el Rey sopo que Muget era con el en la villa no sopo el⁴⁹⁶ que fazer sino que se acojo a vna Yglesia de San Gorje⁴⁹⁷ con aquella mas gente que pudo ayer⁴⁹⁸ e Muget tomo⁴⁹⁹ las fortalezas de la villa y assenoreose de ellas y basteciolas de sus omes⁵⁰⁰ y de sus armas y cerco al Rey en la Iglesia y tomo tan grande auer que marauilla era y despues que todo esto ouo

481 piça *M.*

482 Tarsir *M.*

483 compaña *M.*

484 troxeronle *M.*

485 verdaderas *M.*

486 muy gran *M.*

487 compaña *M.*

488 onbre *M.*

489 alçapon *M.*

490 por allí avia *M.*

491 sabien por en entrarian *M.*

492 compaña *M.*

493 quebrantasen *M.*

494 fueron *M.*

495 compaña *M.*

496 al *M.*

497 Jorje *M.*

498 aver *M.*

499 todas (<+) *M.*

500 onbres *M.*

fecho embiole⁵⁰¹ a decir a Tarife y al conde que⁵⁰² quando ellos lo sopieron plugoles mucho y la caualleria que fue sobre Raya cerco a Malaga et tomaronla que todos los Christianos fuyeron y acojieronse a las sierras y la hueste que fue a Elvira cerco a⁵⁰³

[fl. 24] ⁵⁰⁴no lo andara en menos de tres dias et ala sierra de Gueuara⁵⁰⁵ es muy fuerte a marauilla y entra el⁵⁰⁶ mar de Zaragoza a Osta ay cinquenta millas⁵⁰⁷

El termino de Osta parte con el termino de Tudela e Tudela yaze contra sentemtrion de Osta⁵⁰⁸ y al sol levante de Cordoua e todo el mundo se marauilla por la vondad del termino de Tudela que el su pan non a par entre los otros⁵⁰⁹ que aya muy buenas tierras de crianzas e los arboles dan tan buenas frutas⁵¹⁰ que vos non lo podria ome decir e son tan buenas que es marauilla⁵¹¹ e de las aguas suyas entra⁵¹² el rio Ebro et cercala el rio Cales todo en rededor⁵¹³ esta villa fue fecha de Alaquin⁵¹⁴ a que De Dios paraisso e fundo las Abras⁵¹⁵ el nombrado que fue fijo de Zeno⁵¹⁶ e Zeno fue Almuje⁵¹⁷ de Zaragoza de todas las sus villas e cibdades⁵¹⁸ de Tarragona fue gran tiempo camara de los Almufeyes⁵¹⁹ e fue tomado delos Ganadores⁵²⁰ e quando les dieron⁵²¹ la cibdad de

[fl. 24v] Taragona acogianse⁵²² alli los alcaides y los Almoganeres⁵²³ e para si escogieron⁵²⁴ a Benalha fijo de Osmen el que llaman Abiusmen⁵²⁵ la gano toda por espada cuja era toda la tierra⁵²⁶ y ay morauan mas gentes que entodas las otras villas y ay traian⁵²⁷ todas las tiendas de Naiuona y de Barcelona e por la vondad dela gente de Tudela⁵²⁸ e por el gran Senorio convencio alos de Trazona⁵²⁹ que fuessen sobre el

⁵⁰¹ enbiolo *M*.

⁵⁰² E *M*.

⁵⁰³ Suspende-se aqui abruptamente o relato do início da História Islâmica, que só será retomado no fl. 36, e correspondendo este corte na *C1344*, ed. CATALÁN e ANDRES, à p. 139.

⁵⁰⁴ Aqui retoma a notícia geográfica de Huesca, interrompida no fl. 11v.

⁵⁰⁵ en menos de tres dias *M*, *Ca*, *Cop*; Gauera *M*; Granada *Ca*; Grabera *Cop*.

⁵⁰⁶ en el *M*; en la *Cop*.

⁵⁰⁷ De Huesta a Aragon ha çinquenta migeros *Ca*; de Osta a Aragon ha cinquenta millares *Cop*.

⁵⁰⁸ oçidente de Huesta *Ca*.

⁵⁰⁹ Entre los otros: (*lacuna*) *Ca* e *Cop*.

⁵¹⁰ Ha muchas vinas e muchas huertas e buenas tierras e crianças; e los sus frutales dan tan sabrosas frutas *Ca*; a muchas viñas e buenas tierras, e crianza de frutales dan sabrosas frutas *Cop*.

⁵¹¹ e son tan buenas que es marauilla: (*lacuna*) *Ca* e *Cop*.

⁵¹² Entran *M*, *Ca*, *Cop*.

⁵¹³ Calez toda en derredor *M*; Cambes toda en deredor *Cop*.

⁵¹⁴ Alaquem *M*; Alhequam *Ca*; Halachin Abenosmin *Cop*.

⁵¹⁵ Abraz *M*; Obrieron *Ca*; Abias *Cop*.

⁵¹⁶ Çone *Ca*; Cone *Cop*.

⁵¹⁷ almuxer *M*; almoxarife *Ca*, *Cop*.

⁵¹⁸ E la çibdad *M*; ...çibdat *Ca*; ...ciudad *Cop*.

⁵¹⁹ almoxeres *M*; almoxarifes *Ca*, *Cop*.

⁵²⁰ guerreadores *M*, *Ca*, *Cop*.

⁵²¹ conbatian *Ca*;

⁵²² conbatian *Ca*; combatian *Cop*.

⁵²³ almogauares *M*; almogavares *Ca*; almogaberes *Cop*.

⁵²⁴ escogian *Ca*, *Cop*.

⁵²⁵ Berralha, fijo de Ozmen el que llamauan Abyusmen *M*; Abadía, fijo de Vzion, el que llamauan Abumel *Ca*; Osmen Abumel, el que llamaban Abiasmen *Cop*.

⁵²⁶ cuya hera toda la tierra, e Abuysmen la gano toda por espada *M*; la gano toda por su espada *Ca*, *Cop*.

⁵²⁷ aduxeron *Ca*, *Cop*.

⁵²⁸ Tudela (: *lacuna* *Ca*); que hi viuian *Cop*.

⁵²⁹ Taraçona *M*.

senorio de Tudela y en derredor de ella ay muchos e buenos castillos⁵³⁰ delos quales el vno de ellos es Armenta⁵³¹ et quando España era de Moros Armenta yazia escudo contra los Cristianos y armenta es muy antigua villa ca⁵³² vna villa que se llama Calaorra⁵³³ e otra villa que a nombre Najara⁵³⁴ e otra villa que ha nombre Vizcaya⁵³⁵ que es castillo muy fuerte e yaze sobre vn rio entre dos sierras que lo cobro⁵³⁶ Tudela e de Tudela a Zaragoza ay cinquenta millas⁵³⁷ de Calaon⁵³⁸

[fl. 25] a Tudela ay veinte y cinco millas⁵³⁹ y de Calaorra a Tudela ay doce millares⁵⁴⁰ e de Nateraz⁵⁴¹ a Tudela ha cinquenta millares⁵⁴² e de Voira⁵⁴³ a Tudela ay treinta e tres millas⁵⁴⁴ de Armenta a Tudela treinta millas e de armenta a Zaragoza ochenta millas e de tarasona a Tudela ay doce millas⁵⁴⁵

Partesse el termino de Zaragoza con el termino de Tudela y Zaragoza yaze al sol levante de Cordoua e Tudela yaze en muy buena tierra e llana e de muchos arboles⁵⁴⁶ et de mucha fruta e sabrosa⁵⁴⁷ e arboles de muy buenas naturas⁵⁴⁸ y fablan dela vondad de Tudela por todas las tierras e Tudela yaze sobre el rio Ebro e naze Ebro en Vizcaya e entra enel mar e es vn rio que riega muchas guertas⁵⁴⁹ de Zaragoza⁵⁵⁰ en Zaragoza ha grandes llanos ela gente de Zaragoza son muy sotiles en sus obras e maiormente

[fl. 25v] en Tillas⁵⁵¹ que texen en organos que fazen paños muy preciados por todo el mundo⁵⁵² e los nonbra entre los otros buenos en qualquier obra que de ellos fagan dura para todo y siempre y ay venero de sal yema muy blanca e muy luciente que no la ay en toda españa enel termino de Zaragoza ha villas e castillos delos quales el vno es el castillo de Roca⁵⁵³ que es muy fuerte castillo y es muy dessendido e yaze sobre el rio de Salom⁵⁵⁴ y el otro es vn castillo que llaman orosa⁵⁵⁵ es muy fuerte e yaze sobre la

530 muchas vilas e muchos castillos *M*; muchas vilas e muchos castillos e muy fuertes *Ca*; muchas vilas e castillos e son muy fuertes *Cop*.

531 Arruyt *Ca*.

532 E ha *M*, *Ca*; E a *Cop*.

533 Calahora *M*; Calahorra *Ca*, *Cop*.

534 Nagara *M*; Naxara *Cop*.

535 Vicayra *M*; Locayra *Ca*; Bocayra *Cop*.

536 cubren *Ca*, *Cop*.

537 çinquenta millas *M*; çinquenta migeros *Ca*; cinquenta millares *Cop*.

538 Calaora *M*; Calahorra *Ca*, *Cop*.

539 *lacuna* *Cop*.

540 *lacuna* *Ca*.

541 Naçira *M*; Najara *Ca*; *lacuna* *Cop*.

542 sesenta migeros *Ca*.

543 Boyra *M*; Bucaria *Ca*; Bocayra *Cop*.

544 quinze migeros *Ca*.

545 e de Aruit a tudela a çinquenta e dos migeros; e de Aruit a Çaragoça a ochenta e dos migeros; e de Tudela a Çaragoça ha catorze migeros *Ca*.

546 Llena de muchos arboles *M*; Çaragoça yaze... *Ca*; Zaragoza yaze ... *Cop*.

547 muy sabrosa *M*; muy sabrossa *Cop*.

548 arboles de muchas e buenas naturas *M*.

549 huertas *M*, *Ca*.

550 Galizia *M*, *Ca*.

551 tellas *M*; telas de panos de seda *Ca*; tela de paño com seda *Cop*.

552 E de estumentios e de fazer espadas e fazen y panos muy preçiados en bondat que todo el mundo los preçia *Ca*;

553 Rroca *M*; Rrota *Ca*; Roza *Cop*.

554 Salom *M*; Xalon *Ca*, *Cop*.

555 Enrretiso *Ca*; Embenzo *Cop*.

montaña de Calataud⁵⁵⁶ e yaze cerca de vna cibdad antigua que llaman Nauella⁵⁵⁷ que ha marauillosos señales antiguos soterrados y fechas en la voueda =====

El otro es vn castillo que llaman Columba⁵⁵⁸ y el otro castillo es que llaman Araca⁵⁵⁹ y el otro es vn castillo que llaman Simitri⁵⁶⁰ y de Aroca a Zaragoza ay veinte y cinco millas y de Corresia⁵⁶¹ a Zaragoza ay cin

[fl. 26] quenta millas y de Camatri a Calataud ay veinte millas y de Samatre a Zaragoza ay sesenta milhas⁵⁶²

a Juca⁵⁶³ yaze el sol leuante de Cordoua y al sol leuante de Zaragoza y vayunta yaze cerca de Santa Bona⁵⁶⁴ y cerca de poblado⁵⁶⁵ e ensus terminos ay grandes llanos e ay en su termino muy buenos castillos e muy fuertes delos quales el vno es vn castillo que llaman Pedro e Pedro yaze en vna corriente que non le fallan fondo e Pedro es muy fuerte castillo a marauilla y el otro es vn castillo que llaman Molina y en Molina obo vna cibdad antigua que llamaron Barcuca⁵⁶⁶ en que ovo edificios⁵⁶⁷ antiguos e muy marauillosos de Molina a Zaragoza ay ciento millas⁵⁶⁸

el termino de Vauija⁵⁶⁹ parte conel termino de Medina Celi e Medina Celi es muy fuerte cibdad e muy buena e fermosa⁵⁷⁰ e ay edificios antiguos e señales que se non pueden des fazer e yaze en vna muy buena tierra e es lugar

[fl. 26v] muy sabroso para el cuerpo delome⁵⁷¹ e medina Celi fue vna delas cibdades que destruyo Cario el fijo de Nacared⁵⁷² et despues a tiempo que poblaronla los moros e moraron enella y ensu termino e ay dos Zeleyzes⁵⁷³ e del vno al otro estan tan marauillosos lauores que las no a en España otro tanto a estos Zeleyzes estan en muy buen llano =====

El termino de Santa Vaira yazeal sol levante de Cordoua e es Santa Baira⁵⁷⁴ Junto assi todas las bondades dela tierra e a en su termino ay muy buenos llanos de criar et de pascer e ay muy buena tierra de pan e muy buenas faecias de montes provechosas e descendien por las faces del monte e ala entrada ay muy buenas plantas e muchas nogeras e muy grande avellanar e mucho alto a marauilla

556 Parte el termino de Calatayud com el de Çaragoça *Ca*; parte el termino de Calatayud com el de Zaragoza *Cop* (: *lacuna M e LV*).

557 Nouella *M*; Nonvela *Ca*; Nobella *Cop*.

558 Mulunba *M*; Malumbas *Cop*.

559 Aroca *M*; Daroca *Ca, Cop*.

560 Samitri *M*; Semit *Ca*; Samitris *Cop*.

561 Correfe *M*; Oreja *Ca*.

562 Samitre a Calataud ha veinte millas; e de Samitre a Çaragoça a setenta millas *M*; de Senit a Calatyud ha quarenta migeros; e de Semyt a Çaragoça ha sesenta migeros *Ca*; de Samitris a Zaragoza ha sessenta migeros; e de Samitris a Calatayud ha quarenta migeros *Cop*.

563 Aajuça *M*; Baruxa *Ca*; Barufa *Cop*.

564 Santa Borra *M*; Santa Bayde *Ca*; Santabayde *Cop*.

565 Poblado *M*; termino despoblado *Ca*; tierra despoblada *Cop*.

566 Barçruça *M*; Bartuza *Ca*; Barsula *Cop*.

567 edificios antiguos muy marauillosos *M*; fechos antiguos e muy marauillosas senales *Ca*; edificios antiguos e muy marauillosas senales *Cop*.

568 de Molina a Çaragoça ha cien millas *M*; de Molina a Çaragoça ha cient migeros *Ca*; de Molina a Zaragoza ha cien migeros *Cop*.

569 Braruxa *M*; Baruxa *Ca*; Barsula *Cop*.

570 e muy fermosa *M*; e muy viçiosa e muy fermosa *Ca*; e muy fermossa *Cop*.

571 Del omne *Ca*.

572 Cari el fijo de Nocajed *M*; Taris el fijo de Nazayr *Ca*; Tarif el fixo de Necased *Cop*.

573 Çeleiçes *M*; seleyzes *Cop*.

574 Santa Bayra *M*; Santa Bayre *Ca*; Santabayre *Cop*.

La Cibdad de Rocupel yaze entre Baira e Zurita e fizola Lavbiled⁵⁷⁵ para su fijo que auia nombre Rocupel e por esso pusieron nombre del fijo e Lavbiled fue rey delos Godos quando

[fl. 27] quando andaua la era del Cesar en seis cientos e nueue años⁵⁷⁶ entonces lo alzaron los Godos por Rey en España =====

El termino de Rocupel parte conel termino de Zurita e Zurita yaze contra el sol leuante de Cordoua vn poco desuariado contra el setemtrion e yaze en tierra muy buena e muy sabrosa de muchas buenas cossas e muy muchas e muchos Arboles que dan muchas e buenas especias e Zuritaes muy fuerte cibdad e muy alta e fizieronla Rocupel que alli ay muy buenas piedras

La Cibdad de Alfár que agora llaman Agua dalfajar et yaze contra elleuante setentrion de Cordoua vn poco desuariada e yaze sobre vn rio a que dicen agua dal fajar y Agua dal fajar es muy buena e muy prouechosa para los moradores que ay muy muchos arboles de muchas naturas y en sus terminos ay castillos e villas delos quales el vno es el castillo de Monjerid⁵⁷⁷ y el otro es vn castillo que llaman Castillo⁵⁷⁸

[fl. 27v] y el otro es vn castillo que llaman Antija⁵⁷⁹ que es el mas fuerte castillo que ay en su termino e quando los moros ganaron a España de este castillo fizieron atalaya contra los Christianos de fuera España quando ellos ouieron miedo parte el su termino por el monte que parte en España

El termino de Agua dal fajar parte conel termino de Toledo e toledo yaze contra el poniente de cauo el prestimero e contra el setem trion de Cordoua e Toledo fue Camera de todo los Reyes Godos e todos la escogieron maior mente para morada ca era en todas las cossas muy bien fecha a su voluntad e fue vna de las quatro cibdades Cesar tubo por camera em España⁵⁸⁰ e Toledo yaze sobre vn rio de Tajo e sobre Tajo ay vna puente Rua⁵⁸¹ y muy marauillossa y tan sotilmente labrada que nunca ni puede asmar con verdad otra tanbuena ay fecha en España efue fecho quando reyno Mafomed Aimen⁵⁸² esto fue quando andaua la era

[fl. 28] de los Moros en ducientos y quatro años e quando los Moros entraron en Toledo cobraron ay la Massa de Salomon fijo de David⁵⁸³ e toledo es muy buena cibdad e de muy gran plazer e muy fuerte e muy defendido empero allegaron muy grandes poderes e

575 La çibdad de Rocupel yaze entre Santa Bayra e Çurita. E fizola Laubiled *M*; la çibdat de Rracupel yaze entre Santa Bayra e Cerca. E poblola Lanbilot *Ca*; la cida de Rocapel yace contra Santabayre e Zorita. E poblola Landibed *Cop*. {trata-se da referência ao rei visigodo Leovigildo}.

576 Seys çientos e noventa anos (*sic*) *Ca*. A data correcta é a que surge em *LV*, *M* e *Cop*, de 609 anos da 'Era de César', que corresponde ao ano 571 d.C. É uma data bastante aproximada, pois o reinado em causa começou em 569 (A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p.321).

577 Mogordo *Ca*; Monguerido *Cop*.

578 Castilon *M*; Capatan *Ca*; *lacuna Cop*.

579 Antixa *M*; Antoya *Cop*.

580 Fue vna de las buenas quatro çibdades que Ercoles poblo en España. Despues sienpre los Çesares la tovieron por camara *Ca*; Fue vna de las buenas cidades de quatro que fundo Hercoles en España. E despues siempre los cessares la tovieron por camara *Cop*.

581 Rrio de Tejo. E sobre Tejo ay vna puente rica *M*; rrio de Tajo. E en Tajo ovo vna puerta rrica *Ca*; rrio Tajo... e la su puente a par de Toledo es muy buena e muy rica *Cop*.

582 Mafomad Elimen *M*; Mahomat Olme *Ca*; Mahomat Elimen *Cop*. Trata-se do Imâm Muhammad, quinto emir independente de Córdoba, que reinou entre 852 e 888 (A. RUCQUOI, *ob.cit.*, p. 322). A datação presente em *Ca* e *Cop* está correcta, porque 240 da Hégira recai no ano 855 d.C., facto impossível se atendêssemos à datação de 204 (= 816 d.C.), em *LV* e *M*.

583 la mesa de Salamon fijo del rrei Daudid *M*, *Ca*; la messa de Salomon fixo del Rey David *Cop*.

siempre se tuuo muy bien e siempre muy provechosaa sus labradores e siempre fue de muy buena consciencia e muy sementera e es tierra de muy buena sementera e el pan ay dura mucho que se non daña e pueden tener el trigo en cuevas bien diez años que nunca sera muy dañado e por esso se tenia quando la guerreaun e el su azafran es mejor que todos los de España en tintura e color e Toledo fue la villa de maior termino que auia en España e de que mas fablan⁵⁸⁴ e Toledo a villas & castillos so su señorío delas quales vna que se llama talauera e talavera fizieron la los antiguos sobre el rio de Tajo en partimento delos moros y christianos y el muro detalavera es muy fuerte

[fl. 28v] e mucho alto e de muchas altas torres e quando andaua la era delos Moros en trecientos y veinte y cinco años e ll<a>m<a>do Mirauomelin fijo de Mafomad⁵⁸⁵ que fiziessen en talavera vn partimiento entre los dela villa etlos de fuera que fizieron vn alcazar en que morassenlos Almojires⁵⁸⁶ e puesque la edad de talavera fue encimada siempre se defendio por su buena obra e la outra es vna cibdad que llaman Calatraua e yaze contra el meridiem de Toledo y contra oriente del setemtrion de Cordoua e yaze sobre el rio de Guadiana e yaze en tierra de buena sementera de pan y muy bien temprado e de muy buena crianza e andan ay los ganados muchos e es muy dolencia tierra paralos omes y la otra es vna que llaman Orgaz⁵⁸⁷ y Orgaz yaze alsol leuante del setemtrion de Cordoua y el otroes Salazar⁵⁸⁸ que es vn castillo e Salazar ha muy buen termino depa y de crianzas e muy buena mantenencia
El termino de los llanos donde ay las

[fl. 29]Vellotas por el termho Bariz⁵⁸⁹ et Bariz yaze ante oriente e oriente de Bariz yaze contra el setemtrion de Cordoua e Bariz es villa enque moran los varbaros y en su termino ay muy buen llano e muy fermoso eque sotiene con tales montes que lo fazen muy fermosoy en su termino yaze el monte enque sacan el azogue y de alli lo llevan para todas las partes de España e de alli sacan mucho vermillon⁵⁹⁰ mejory muy bueno que nonse be tan bueno husa quel de Vltamar y enla demas de esta tierra no a otra arboles sino azigueras⁵⁹¹ e por esso laman el llano delas bellotas e son tan dulces e tan sabrosas que las non a tanto en España en este llano yaze la cibdad que llaman Luca⁵⁹² que es muy antigua cibdad
Eris yaze al poniente del llano de las vellotas a que llaman Constantina e yaze contra el setemtrion e al poniente de Cordoua vn poco desvariado contra oriente y en su termino ay muy buena tierra de pan y ay

[fl. 29v] muchas naturas de arboles y los mas son castañares e auellanares⁵⁹³ e ay pedreria en que sacan muchos y buenos marmoles e muy blancos e claros e ay muchas

584 Fablavan *M*; fablauan *Ca*.

585 Nesta data *Ca* discrepa, apresentando 'dozientos e veynte e cinco anos'. *LV*, *M* e *Cop* concordam numa data aceitável: 325 da Hégira, que corresponde a 937 d.C. Ora a fortificação da Marca média deu-se depois da derrota de 'Abd al-Rahmân III em Simancas, em 939. No texto o monarca muçulmano aparece identificado como 'amir al-mumi'nîn' (= Príncipe dos Crentes) e como 'filho de Muhammad', o que é certo, pois embora tendo 'Abd al-Rahmân III sucedido a seu avô 'Abd Allâh, o seu pai chamava-se de facto Muhammad, o que vem reforçar tratar-se do primeiro Califa de al-Andalus.

586 almoxires *M*; almoxarifes *Ca*; almojarifes *Cop*.

587 Orias *Ca*.

588 Taracol *Ca*; Tarancol *Cop*.

589 Ariz *M*; Alleris *Ca*; Allariz *Cop*.

590 mermejon *M*; bermellon *Ca*; mermellon *Cop*.

591 azijeros *M*; ençinas *Ca*; encinas *Cop*.

592 *lacuna M*.

593 castanos çereços e avellanos *Ca*; castaños e cerezos e abellanos *Cop*.

fuentes que echam muchas aguas e muelen muchas azeñas e en esta villa ay muchas mancias de fierro que en otra villa ome sepa

Parte el termino de Merida por el termino de Feriz yaze ante el poniente del setemtrion de Cordoua e Merida fue vna delas cameras que escojieron los Cesares e los Reyes delos Christianos⁵⁹⁴ e Merida fue fundada a gran nobleza e por gran sesso e por gran maestria e fundola el primero Cesar e comenzola el segundo Cesar⁵⁹⁵ e todos los Reyes que de ella fueron Señores fizieron enella fazer muy buenas obras e muy fermossas e cada vno puño de labrar con piedras marmoles muy marauillosas e cada vnoa mejoría puño de traer ay aguas de muy lejos por muy gran maestria e por gran fortaleza e por esto la fizieron tan buena que era maravilla

[fl. 30] e ay fundamentos fechos por tan gran maestria que ouieran por siempre e ca por fortaleza nⁿ⁵⁹⁶ por sesso que enel ome aya no se pudo desfazer tanto como si fuesse piedra muy fuerte e Merida es muy alta por nombre entodas las tierras e cada que vos digo que enel mundo no a ome que vos pueda contar cumplidamente las marauillas de Merida et siendo vn dia Ormiz⁵⁹⁷ ensu tierra retraiendo delas cibdades de Espana e de su mar⁵⁹⁸ e su fijo oyo decir al alcayde Galabrel fijo de Vaxas⁵⁹⁹ et quando fablan delas cossas queel y su padre vieron y oyeron en Espana enfablando esto contaue delas vondades de Merida y desende a auído muy gran sauor de piedras marmoles para fermosear conellas muchas obras que fazia fazer nuavamente acaecio que yo entre en Merida despues que ella fue destruida efalle ay tan buenas pidras marmoles e de otras naturas que marauilla era e fize tomar e llevar todas aquellas que yo entendi de que mi Padre e pagaria que andando

[fl. 30v] vn dia por la Cibdad vi enel muro vna tabla de piedra marmol tan blancay tan luciente que non semejaria si non el aljofar tan mucho era clara e mande que la tomassen arrancaron la del muro por muy gran fuerza e despues que la ouieron arrancada pusieron me la delante e yo vi enella letras de Christianos queeran muy bien talladas e fize llamar quantos christianos auia en Merida que viessenlo que era escrito y que lo dijessen y nonfalle ay ninguno que melo pudiesse contar en lenguaje ni dicira algun poco delo que ay auia tanto eran fechas por escrito latino y dijeron me que no sauian home que lo ler pudiesse si non vn clerigo que auia en Loymbra⁶⁰⁰ e yo mande ir por el y el vino ante mi y el era muy viejo a marauilha e quando le pusieron la tabla delante comenzo allorar tan fuertemente y ha fazer su duelo muy dolorido en guissa que lo entendieron los demas dos que ay estaban y desia assi Jesuchristo Señor

[fl. 31] de piedad adonde eis en aquel dia quela cibdad de Merida se allo deso el Seniorio de esta fee e Señor que todo lo Saues tanto quiero yo que de mi sepaiis que si no fuesse el que yosi y veo por verdad que non a enel mundo cossa porque orasseis tanto preudo gran extremidad dela que vi sobre los christianos de España vi en tan poco tiempo e Señor no lo deuieras sufrir porque los buenos Clerigos se ay perdieron que nunca quedauan de loar a tu nombre y Señor si tu todo lo ves por no ves los altares de Merida y quantas vezes era el tu Cuerpo presente enque tantas y tan Santas oraciones se deciam

⁵⁹⁴ escogieron los sesares e los rreies de los christianos *M*; que ls çesares e los rreyes christianos avian *Ca*; los cessares e los rreyes christianos abitaban *Cop*.

⁵⁹⁵ e començola el segundo Çesar *M*. *lacuna Ca* e *Cop*.

⁵⁹⁶ nin *M*, *Ca*; non *Cop*.

⁵⁹⁷ Ozmin *M*; Ysme *Ca*; Osmin *Cop*.

⁵⁹⁸ Omar *Ca*; Homar *Cop*.

⁵⁹⁹ Galabre fijo de Bajas *M*; Gablolle de Abdalla *Ca*; fixo de Bajan de Abdalla *Cop*.

⁶⁰⁰ Coynbra *M*; Caynbra *Ca*; Coimbra *Cop*.

en tu nombre y en la honrra y enel tu loor y agora assi dichas tantas cossas contra la tu voluntad y honrra de Mafomat des pues que lloroy fizo su duelo y e vos dize loque estaua escrito y estaay que los de Merida mandaron que fiziesen enel muro de Ylia de quinze codos enalto non estaua al si non y este fizieron escribir los de Merida e ponerse sobre el umbral dela puerta dela Cibdad

[fl. 31v] para ser sauido por todas las tierras de España loque ellos fazian e despues fue fallado en Merida vna tabla de alaton es Cripta⁶⁰¹ que decia ansi que gentes de muchas partes vinieron fazer la Ciudad Yliacon miedo delos de Merida ende muchas partes vinieron fazer la Ciudad en que fallaron que la fizieron muy toste y muy sotilmente e de si que lleieron en los fundamentos viejos que ningun ome no entrava en Merida quando Abderrahame el fijo de Moauia ⁶⁰² en España entro que se non ma-rauillas delafermosura que auia en Merida y desque las vio que encontro en vna sequiay iacia y fallo ay vn hermitaño⁶⁰³ e aquel hermitano anduu conelle rededor dela iglesia en quando fue drechero de vn lugar donde solia estar vn Crucifijo de Xpto dijo en este lugar alle yo vn hermitano que auia ciento y veinte anos que ay estuviera vn hermitano muy gran tiempo y que aquel crucifijo viera aquel hermitaño que tenia sobre el vna piedra delaqual nunca de otra

[fl. 32] oyera falaret que por la noche oscura decian ala lumbre de ella las oras sin ninguna otra candela e dijo que la tomaron donde los alaraues y entrarom en Merida y en ella tomaron vn Castaro⁶⁰⁴ de Aljófár y dicen que este cantaro sehuvo despues enla mezquita de Damasco y que lo pusso ay Salomon fijo de Adelmelo⁶⁰⁵ e dizen que este cantaro tomaronenla Cassa Santa de Jerusalem quando alli lleo Nabucodouosor⁶⁰⁶ e fue en ella tomada tambien el Rey de España⁶⁰⁷ e ouieron en su parte muchas y buenas con estos e la cibdad de Merida yaze sobre el Rio odiana yaze la Cibdad de Vadajoz que es muy buena cibdad e muy grande et de buena gente e muy sutil y ensu termino yaze los de Denia e Coria

El termino de Merida parte Con el termino Vexar⁶⁰⁸ e Vexa yaze contra el poniente oriente de Merida vn poco contra el meridiem y al poniente de Cordoua e Vexa es vna de las antiguas Cibdades que ha en España que fue fecha en tiempo de Julio Cesar⁶⁰⁹

[fl. 32v] en que auia nombres ser e Julio fue el primero que comenzo ensu tiempo a dar y a partir las Sierras⁶¹⁰ y Bexa es muy buena tierra y de muy buena sementera y de muy buena crianza e de muy buena tierra de colmenar y ay flores muy buenas y muy prouechosas para las abejas que agua buena naturay de ser buena de corrientes de Zerros⁶¹¹ a en ella muchas y buenas ruas e muy anchas e Vexa yaze en tierra llan e a en su termino villas y Castillos delas quales vna es Merota⁶¹² que es el mas fuerte castillo

⁶⁰¹ escrita *M, Ca, Cop.*

⁶⁰² Abdarrahaime el fijo de Moabia *M*; Durahamen fijo de Moabia *Ca*; Abderramen fixo de Moabia *Cop.*

⁶⁰³ Ermitano/hermitaño *M*; ermitano *Ca*; hermitaño *Cop.*

⁶⁰⁴ Cantaro de aljofar *M, Cop*; cantaro de alyofar *Ca.*

⁶⁰⁵ Salamon fijo de Adelmelo *M*; Calema el fijo de Adelmec *Ca*; Zalema fixo de Adelmel *Cop.*

⁶⁰⁶ Nabucodenosor *M*; Nabucodenosor *Ca, Cop.*

⁶⁰⁷ Rrey de espana que auia nonbre Conuen *Ca*; vn señor de España que auia nombre Conben *Cop.* No texto de LV 'tambien' estará por 'Conuen/Conben'.

⁶⁰⁸ Beja *M, Ca, Cop.*

⁶⁰⁹ Jullo Çesar *M*; fue fecha en el tiempo de Hercoles el Valiente, e Jullio Cessar que fue el primero que empezo a guerrear e partir las tierras, entro en ella *Cop.*

⁶¹⁰ tierras *M, Cop*; tierra *Ca.*

⁶¹¹ cortimentos de cueros *M*; cortir cueros *Ca, Cop.*

⁶¹² Mertola *M, Cop*; Mercorla *Ca.*

que ha en su termino e Merota yaze sobre el Rio Odiana e muy antiguo castillo e ay edificios viejos e el otro es vn castillo que llaman Aroche⁶¹³ y el otro castillo es Orique⁶¹⁴ y el otro es vn castillo que llaman Totarique⁶¹⁵ y en su termino yaze vna villa a que los antiguos llamaros Abris⁶¹⁶ que agora llaman Euora⁶¹⁷ con todos sus terminos e el termino de Vexa parte por el mar y por cima de todo el Agasue⁶¹⁸ y en Totarique ay madera de muy buena planta⁶¹⁹

[fl. 33] e muy blanca elos Pobladores la tienen encouierta e se ayudan de ella e de Vexa a Cordoua a trecientas millas⁶²⁰

Parte el termino de Vexa con el termino de Santaren e Santaren yaze a Poniente de Vexa y al poniente de Cordoua e yaze sobre el rio de Tajo⁶²¹ cerca do se parte el mar en el termino de Santaren e ay muy buenas bondades e muy sabrosa tierra e quando es enllano e nonla labran ninguna dos vezes en el ano si non quisiere tanta es de buena tierra de natura e quando abiene Tajo e sal por la tierra tanto quela cubre toda e pues el rio descende⁶²² fazen sus sementeras muy apriessa en tanto finca la tierra en buena manera que llega el pan con los primeros en el castillo de Santaren yaze vn monte muy grande e muy alto e muy fuerte e no a lugar por do se pueda con batir si non a muy gran peligro y pudo el ome ir de Santaren a Vexa en quarto Dias por los montes que ay ciento y diez millas⁶²³

[fl. 33v] aqui en medio entra Coimbra y Exitania que esta en el otro orijinal de toledo

El termino de Santaren parte con el de Lisbisa⁶²⁴ e Lisbona yaze al oriente de Vexa⁶²⁵ y el termino de Lisbona es cumplido de muchos bienes e ay muy sabrosas frutas e Junta en si las vndades del mar y dela tierra y en todo tiempo en termino crian muy buenos azores que ay toman y delo hara⁶²⁶ vssan mas caza y son mejores que los otros son muy fermosos⁶²⁷

Aquí entran Sevilla y Carmona que estan en el otro orijinal de Toledo =====

Labran⁶²⁸ todas Crecen y todas van para bien en su termino a muy buenas villas e muy buenos castillos de los quales el vno el vno de ellos es Marchena e Marchena es muy buena villa e bien poblada de mucha gente e la otra es vna villa que llaman Vardiz⁶²⁹

613 Arahén *Ca*; Arochen *Cop*.

614 Areques *Ca*.

615 Totatrique *M*; Tocania *Ca*; Tazama / Totariques *Cop*.

616 Ebris *Ca*.

617 Heuora *M*; Euora *Ca*, *Cop*.

618 Algarve *M*; adarue *Ca*; Algarbe *Cop*.

619 manera de muy buena plata *M*; venero de plata *Ca*; minero de plata *Cop*.

620 de Beja a Cordoua a dozientos migeros *Ca*; de Beja a Cordoua a trecientos migeros *Cop*.

621 Tejo *M*.

622 mengua *Ca*, *Cop*.

623 E de Beja a Santaren ay çiento e veynte migeros. E de Santa Aren a Cordoua ha trezientos e nouenta e nueve migeros *Ca*; E de Beja a Santaren a ciento e diez migeros. E de Santaren a Cordoua ha trezientos e nobenta e nueve migeros *Cop*.

624 Lixbona *M*; Lisbona *Ca*, *Cop*.

625 Lixbona yaze al oriente de Beja *M* (: *lacuna Ca* e *Cop*).

626 Buenos açores que ay toman e de çahara *M*; açores, e los que han de su termino *Ca*; azores, e los que de alli sacan *Cop*.

627 A partir deste ponto começa a *lacuna* em *Ca* e *Cop*, que vai até ao início da notícia de Sevilha. A *lacuna* abrange a parte final da notícia de Lisboa, toda a notícia de Exuban (Ocsónoba), e toda a notícia de Niebla. Paralelamente a *lacuna* de *E* também aqui se faz notar, pois falta ainda além do anterior, Sevilha inteira e parte de Carmona.

628 Sienbran *M*; en el echan *Ca*; en echan *Cop*.

629 Bardiz *M*; Bardis *Ca*; Bardes *Cop*.

ela otra es vna villa que llaman Tububera⁶³⁰ ela otra es vna villa que llaman Canelas⁶³¹ et de Canelas a Cordova a sesenta millas e a Sevilla veinte y cinco

[fl. 34] e Carmona yaze sobre Alicante⁶³² e que se comenza sobre la puerta e fasta la puerta de Naruona e de Carmona a Naruona mil millas e el que saliere de Carmona para Narbona nunca Salire de licence⁶³³ si quisiere

El termino de Carmona parte conel termino de Moron⁶³⁴ e Moron haze al traves de oriente de Carmona y entra el oriente y el poniente de Carmona e Moron ha termino en que ha muchos bienes e a muchas oliuas e muchas frutas e en su termino a muchos grandes llanos e muy buenos e muy buenos montes altos e fuentes e Moron yaze Sobre muy buen llano eensu termino a Castillos muy fuertes delos quales el vno es Carphon⁶³⁵ y es tan fuerte que vn ome lo terna a cent⁶³⁶ y de Moron a Cordoua a sesenta millas

El termino de Moron parte conel termino de Xerez⁶³⁷ e Xerez yaze al trauiesso del poniente de Moron e de Cordoua al poniente vn poco contra meridiem y en Xerez Sadormin es

[fl. 34v] nonbrada entre las otras Cibdades dela mar e dela tierra e que nos queramos contar e decir las vondades desustermynos non podria e viene a ella de todas las partes elas bondades de ella son muchas elas aguas non dañan ela su fruto puede sustentar⁶³⁸ luengamente e Xerez es tan buena que non la puede estussa⁶³⁹ toda España e quando andaua la era delos Moros en ciento e veinte e cinco años incho⁶⁴⁰ vn rio que es suyo y en su termino que llaman Varuate y aquel dia en que este rio Incho auia seis⁶⁴¹ años que no lloviera y todos fueron muy ledos y pagados porque llouiera⁶⁴² y por ende Calez vna muy buena prouincia y grande y todos dijeron que era melagro de Dios que no Sauian de donde Inchara aquel ano y por esto llaman elaño de Barbate et enel termino de Barbate a rusticos antiguos que se non puede dañar por todo loque ellos fizieron e conla Cibdad de Calez a muy marauillosas labores que alli son e ay tantas e tan buenas obras

[fl. 35] quees marauilla e dicen que aportaron los de africa quando passaron aquel mar y de alli fueron y poblaron toda aquella tierra que era Cerca del mar y en Calez fizo Hercules vn Zelion⁶⁴³ que el otro no auia enel Mundo e quando Hercules partio de España fue este e fizo el de Galicia por ser su fecho sauido para siempre y drechos⁶⁴⁴ de ellos huuu muchas buenas obras e muy sotiles e muy fuertes delos quales non fincaron sino a vos los Calizes⁶⁴⁵ ay tantos olivares e tantas figeras que todo su termino

630 Tabubera *M*; Tanubara *Ca*; Tambubam *Cop*.

631 Canillas *Ca*; Canellas *Cop*.

632 El aliçinteo *M*; arreçife *Ca*; arracife *Cop*.

633 liçençe *M*; arreçife *Ca*; arracife *Cop*.

634 Mouier *Ca*.

635 Carpio *Ca*, *Cop*.

636 Vn onbre lo terna a çiento *M*; vn omne la ternia a mill *Ca*; vn ome lo tendria defendido a mill *Cop*.

637 Xerez Sadornin *M*; Xerez Saduña *Ca*; Xerez Saduna *Cop*.

638 se tener *M*; dura *Ca*, *Cop*.

639 escusar *M*, *Ca*, *Cop*.

640 fincho *Ca*, *Cop*.

641 tres *Ca*.

642 hinchera *M*; finchara *Ca*, *Cop*.

643 Çelion *M*; conçilio *Ca*; concilio *Cop*.

644 de redios *M*; aderedor *Ca*.

645 çeliçis *M*; conçilios *Ca*; concilios *Cop*.

es ende llano⁶⁴⁶ y a monte que ha nombre Monseuir⁶⁴⁷ yeste monte yaze sobre Tudulha⁶⁴⁸ sobre en este monte a fuentes que echan muchas aguas e ay muy buenos lugares de pastos e muy buenas Almajas⁶⁴⁹ e de el naze vn rio que llaman Len⁶⁵⁰ y sobre Len yaze muy buenos molinos⁶⁵¹ y en la Maxada de Xadua yaze vna villa que ha nombre Baca⁶⁵² en Baca aporoto vna pieza de gente de aquellos que los Christianos llamauan Erejes e estos fijieron en España muy gran daño pero ala cima ay murieron

[fl. 35v] El termino de Xerez Sadorni parte con el de Aljecira Cahadran⁶⁵³ et Aljecira Cahadran yaze al Sol leuante de meridiem de Cordovua y Aljecira es villa pequeña e buena e ado passan oy mucha gente segun su tamaño que ella es y Junto en si las vondades del mar y de la tierra e vienen a ella todos los bienes de todas las partes Aljecira Cahadran yaze enlo mejor delas villas que yazen enel asentamiento del mar en España y todo el su mundo pende sobre el mar y el su puerto es el mas cerca para pasar de allen mar e parece alli Cepta⁶⁵⁴ y es villa en que a natura de mucho bien y ay vna muy gran legua e es tierra de muy buena sementera e de muy buena crianza y yaze sobre el rio de Varuate aquel que valio alos de Espana quando Crece este rio este rio entra en vna legua que non a fondo⁶⁵⁵ e en su termino a vn monte muy alto e muy defendido e enotro tiempo se acojian ael Muchas gentes y de este defendieron quelos no pudieron defender ensu termino a muchos e buenos arboles

[fl. 36] ^{656a} Granada y tomar onla y la Gueste⁶⁵⁷ que vmbiaron con Tudenir aquelque fuera Christiano que Jmbiaron sobre orihuela⁶⁵⁸ ante que a ella llegasse salio gente de Orihuela y binieron les tener el Camino en vna vega y lidiaron con la gente de Tudenir⁶⁵⁹ e quiso Dios que Crecio⁶⁶⁰ Tudenir e non fincaron de todos los de Orihuela sino los que fuyeron y se acojieron ala villa y pues que Cosmir vencio fue Cercar Orihuela e quando los de Orihuela esto vieron fueron en muy gran Cuita e fizieron venir todas las mujeres que enla villa auia sin tocas e Subir fizieron las en cima del muro ansi como si fuessen omes y el Señor dela villa llamo a aquellos omes que hi auia y dijoles que fazian e fueron⁶⁶¹ que no auian poder de detener enla villa mas empero ouieron por bien que sela diessen por el mejor pleyto que pudiessen ante que sus enemigos supiessen su mengua y el Señor dela villa salio fuera y vnibio⁶⁶² luego su mandadero e ubo luego ante tregua e pro

⁶⁴⁶ es ende lleno *M*; es cubierto dellas *Ca*.

⁶⁴⁷ Montebir *M*; Montebur *Ca*.

⁶⁴⁸ sobre Xudulha e sobre Tereçune *M*; sobre Saduña e sobre Terretarne *Ca*; sobre Saduña e sobre Terretame *Cop*.

⁶⁴⁹ almarjes *M*; prados *Ca*, *Cop*.

⁶⁵⁰ Ler *M*; Let *Ca*; Lethe *Cop*.

⁶⁵¹ E en la majada de Xadua cojen muy buen alanbar *M*; E yaze majada de Saduña, do cogen muy buen alanbar *Ca*; E se coge en Saduña muy buen alumbre *Cop*.

⁶⁵² Saca *M*; Santa *Ca*; Saca Santa *Cop*.

⁶⁵³ Algezira Tahadra *M*; Alxeçira Taladra *Ca*; Algezira Cahadra *Cop*.

⁶⁵⁴ Çepta *M*; Çebta *Ca*; Zepta *Cop*.

⁶⁵⁵ fondon *M*, *Ca*.

⁶⁵⁶ Retoma a História Islâmica que tinha sido interrompida no final do fl. 23. É mais um sinal da desordem dos fls., que não do relato, porque ele recomeça sem lacunas.

⁶⁵⁷ hueste *M*.

⁶⁵⁸ Oriella *M*.

⁶⁵⁹ Tudemir *M*.

⁶⁶⁰ vençio *M*.

⁶⁶¹ que farian. E vieron *M*.

⁶⁶² enbio *M*.

[fl. 36v] prometio deles dar la villa por tal pleyto que no matassen ome ni mujer⁶⁶³ y que les dejassen llevar quanto pudiessen llevar en saluo las armas y despues que esto assi fue firmado por buenas cartas y dijoles atodos que aquel era el Señor de la villa y fizolo luego Conozet y todos fueles⁶⁶⁴ entregar la villa e non Vieron omes pesoles mucho delo que fizieron pero touieronles loque Con ellos pusieron e Todomir tomo de Su Jente y dejola enla villa y mandole Como fiziessen y ComoLe guardasen y dessi tomo Su Camino aquel mas drecho que Sopo para Toledo donde era Tarife e dessi diremos en Mugez⁶⁶⁵ que tenia Cercado enla Yglesia de Cordoua al Rey tres messes e quando vino acauo⁶⁶⁶ delos tres messes fuyo el rey tan escondidamente dela Yglesia que nunca ome sopo parte de el sino Muget quelo vio por ventura ir en vn Cauallo amarillo y su corazon era de se cojer⁶⁶⁷ alas Sierras de Cordoua e desi mando alos suyos aquellos que pudiessen que se fuessen para Toledo y Muget nose quiso detardar nada tanto quelo vio y demando luego su

[fl. 37] Cauallo y sus armas y fuesse Solo sin ome echo⁶⁶⁸ en pos de el ca el bien sauia queel⁶⁶⁹ era el rey y el queria entrar en vna Alcaria que llaman Collera e torno la Caueza e vido que iba en pos de el Muget e non quiso entrar en la Alcaria y desviase del Camino y noquiso entrar en Carrera por tal que lo no fallasse Muget y Muget echo en poss de el y nunca deel perdio rastro y alcanzolo en vna labranza donde Cayera el Cauallo con el y que brantole el pescuezo a el Caballo et quando el vido a Muget no fizo sembrante de que el auia miedo y tanto quelo vio levantosse muy brauamente y embarzo⁶⁷⁰ el escudo y saco el espada dela Vaina y fuesse Contra el y Muget no quiso a el erir⁶⁷¹ de Cauallo mas dicio del Cauallo y atolo a vn arbol y vino a lidiar⁶⁷² Con el y prendiolo y trajole para Cordoua para lo Jmbiar⁶⁷³ a Mirauomelin en presente y nunca rey ouo en Espana que prendiessen si este non que todos los otros mataron ose pleytaron y acojianse alas posturas que con ellos ponian e Muget vino a Cordoua y entra en ella

[fl. 37v] Yglesia y mato dentro todos aquellos que hi yazian que no ouo piedad de ellos et assi Moros como Cristianos llamaron desde entonze la Yglesia delos Captiuos⁶⁷⁴ Despues de esto Tarife por muy gran sesso e por buena ventura ouo de sauer lugar por donde ouo de ganar a Toledo y desde que España primeramente fue poblada fasta aquel⁶⁷⁵ tiempo nunca en Villa nin Castillo⁶⁷⁶ aquellos dijessen con verdad que tomassen tan grande Thessoro ni tantas Joyas ni tales y como elalli tomo y todos los Christianos salieron de Toledo y fueron a vna Cibdad que estaua al pie dela Sierra aque le pusso nombre despues la Messa e porque tomo enella la Messa de Salomón⁶⁷⁷ e

663 matasen onbr nin muger *M.*

664 fueles *M.*

665 Muget *M.*

666 al cabo *M.*

667 acojer *M.*

668 e echo *M.*

669 que aquel *M.*

670 enbaraço *M.*

671 yr *M.*

672 lidar *M.*

673 enviar *M.*

674 cativos *M.*

675 en aquel *M.*

676 en castillo *M.*

677 Salamon *M.*

quando los Judios vieron que se perdian y toda la Sierra⁶⁷⁸ se perdia binieronse todos para Tarife y rogaronle les diessen⁶⁷⁹ donde poblasen y el tuuo por bien deles dar a Toledo y diosseles y Cerrolos⁶⁸⁰ hi y pusso de su mano⁶⁸¹ hi omes que tubiessen las fortalezas dela villa en derredor y dejaron hi Señor de su mano e de si fuesse

[fl. 38] sobre Agua dalfajar⁶⁸² y dessi fuesse Sobre aquella Cibdad donde se fueron los deToledo y tomola hi tomo hy muchas Joyas y tomo ay aquella Messa que era de esmeralda y los pies y otros⁶⁸³ ouo dende muchas nobles castas que marauilla es despues vinose para toledo y dijeronle Sus Jentes Señor muchos somos marauillados como vos non menbrades⁶⁸⁴ de nos ca somos de carne e quanto afan e quanto trabajo auemos llevado como si fuessemos de fierro vien deuieramos de ser descansados⁶⁸⁵ e por ende te pidimos por merced que nos dejes folgar quanto quier y cobraremos nuestras vestias que traemos muy magras e muy cansadas y el otorgosselo e ouolo por bien =====

Luego Abelmagdi fijo de Auiue⁶⁸⁶ su escripto a Mirauomelin et quando elfijo deNocaye⁶⁸⁷ sopo el bien y la merced que Dios fiziera a Tarife y a su Compañia ouo de muy grande embidia e pessole mucho dende y quando oyo dezir que folgaua en Toledo y que se non trabajaua a otra cossa⁶⁸⁸ plugole mucho como⁶⁸⁹ que auia fallado razon porque lopudiesse mezclar e escriuio

[fl. 38v] su carta de fee y Jmbiolas⁶⁹⁰ a Mirauomelin que era estonze en Marruecos y mandole pedir por merced que le mandase algo fazer y Mirauomelin otorgoselo y prometiosselo e embile⁶⁹¹ luego a rogara D Juliano que le diesse pasaje y Jnbio a dezir a Tarife que fiziesse a Muza assi como fazia a el e que no fiziesse ale⁶⁹² quando Muza reciuio esta carta⁶⁹³ plugole mucho y escriuio sus cartas y Jmbio de Nostapa⁶⁹⁴ por ellas a Tarife y dessifizo guissar en africa diez mil omes lo mejor que el pudo y eran tan bien guissados que marauilla era y el auia vnfigo pequeno y ante que en ende⁶⁹⁵ partiesse fizio a todos los suyos que le fiziessen omenaje como a Rey et a Señor y tomo muchos omes buenos de africa e passo Con ellos⁶⁹⁶ y aporto en Agezira Carda⁶⁹⁷ y anduuu a tanto por sus Jornadas fasta que lleugo a Tarife a Toledo donde era e quando Tarife sopo en Toledo que venia Salio Contra e⁶⁹⁸ non mostro que daua ninguna cossa porquanto le embiara a decir ante lo reciuio muy bien ele fizio muy buen Semblante et

678 tierra *M.*

679 diese *M.*

680 diogelo e ençerolos *M.*

681 de su mano (< -) *M.*

682 e tomola (<+) *M.*

683 otrosi *M.*

684 nienbrades *M.*

685 bien devieramos de ser cansados *M.*

686 Abel Magdy, fijo de Abibe *M.*

687 Nocayde *M.*

688 de otra cosa *M.*

689 que asmo *M.*

690 enbiolas *M.*

691 enbio *M.*

692 asi como faria a el e que non fiziese ende al *M.*

693 estas cartas *M.*

694 denostar *M.*

695 que dende *M.*

696 a España (<+) *M.*

697 Algezira Tahadra *M.*

698 contra el e *M.*

nunca⁶⁹⁹

[fl. 39] le pregunto que era deel y como le fuera y Tarife le dijo que fuera de el muy bien loado Dios y ala vuestra buena ventura y dijole quelos Cuerpos y quando el auia y quantos⁷⁰⁰ con el eran que todos non fazian si non como el mandasse e dijole efizole todas aquellas cossas perdoasmo quello mas tenia pagado⁷⁰¹ e quando esto vido Muza pagosse tanto de el y delo que le fizo quele non quisso toler la Villa nin Castillo de los que el auia ganado nin ome de quantos con el viniessen⁷⁰² mas diole las Cartas de Mirauomelin Cuyo Vasallo elera y quando vido las cartas vesolas y dijole que fazian⁷⁰³ de buena mente mandado de su S[eño]r y Muza le dijo que le diesse todo lo que rouo en Toledo y en otros lugares y de estopesso mucho a Tarife pero para⁷⁰⁴ cumplir mandado del Senor por quien el vino y que era su pro e fizo venir todo delante omes buenos y entregosselo todo e non ha ome en el mundo que aquel auer de Viesse⁷⁰⁵ e non dijesse que alli era el auer de todo el mundo y quando Tarife vio vien de cierto que auia de dar la mejor

[fl. 39v] Cossa que ome nunca vio en su tiempo ouo muy gran pessar y dijo ay messa que ya ouiste por Senor al fijo del Rey Dauid aquel que en su tiempo e despues fue espejo de los Saudiores como me temo que seras mala⁷⁰⁶ asseñoreada deaqui adelante e tanto que esto dijo tomo⁷⁰⁷ vn peon vn pie y de quantas buenas piedras en ella auia no le tomo ninguna e quando nunca⁷⁰⁸ vio fue muy marauillado de tan formosa piedra y por tan grande como ella era y por tantas buenas labores como en ella auia e pregunto a Tarife que fuera del otro pie dijo que tal le⁷⁰⁹ fallara y no a en el mundo ome que lo pudiesse Contar los paños de pesso ni las Alfajas nin los otros paños ricos que alli eran aJuntados y quando todo a el fue llegado⁷¹⁰ fue de esto marauillado donde tantas cossas y tales estaban et quando esto fue andaua la era delos Moros en nouenta y cinco años =====

Despues que todo esto assi passo huuo Muza todo el rouo y fizole guardar muy bien en Toledo y desi tomo

[fl. 40] pieza de Jente del Conde D Juliano y dijole que se fuessen conel y llamo luego sus adalides que le dijessen qual Camino tomaria et dijeronle Senor nos te mostraremos⁷¹¹ muy buen camino y vnas muy buenas villas e podedes fazer de vuestra pro si Dios te quissiere ayudar e mouio estonze e fueron Camino dextereto⁷¹² fasta que llegaron a Saduña⁷¹³ e tomola luego y fue la muerte tan grande de la vna parte y la otra que marauilla fue de la contar y despues que Muza que fue Senor dijo que queria tomar a Carmona y llamo sus adalides a quele diessen su Consejo y que le

⁶⁹⁹ E Muça *M.*

⁷⁰⁰ todos quantos *M.*

⁷⁰¹ por do asmo que lo mas ternia pagado *M.*

⁷⁰² vinieron *M.*

⁷⁰³ faria *M.*

⁷⁰⁴ por *M.*

⁷⁰⁵ del mundo que aquel aver viesse *M.*

⁷⁰⁶ mal *M.*

⁷⁰⁷ tomole *M.*

⁷⁰⁸ Muça *M.*

⁷⁰⁹ la *M.*

⁷¹⁰ quando to lo al fue llegado *M.*

⁷¹¹ mostraremos *M.*

⁷¹² dextreto *M.*

⁷¹³ Ssaduna *M.*

dijessen Como faria y dijeronle aquellos que fueron enla Villa y que ya sauian que no era villa que el pudiesse tomar assi ligeramente e avnque estubiesse⁷¹⁴ sobre ella gran tiempo que Lanon tomara y desi estonze vn Cauallero que auia nombre Aboambre⁷¹⁵ dijo si vos plugiere yo vos dire segun que ami semeja como la podeis⁷¹⁶ tomar e dijo Muza que lo dijese y que lo placia de ello y dijo el Señor a mi

[fl. 40v] Semeja que si vos Vbiesedes⁷¹⁷ Ingeño e seso que por qualquier parte pudiesedes meter enla Villa alguna Jente dela Vuestra quanta quiera que fuesse luego la villa se daria Ca si vos enla villa non auedes fasta treinta a quarenta omes delos dela Villa odelos vuestros que entren como quier que sean que quebrante⁷¹⁸ vna delas puertas dela Villa quales vos dijeredes por do entredes y de otra guissa no era bien y luego dijeron que decia bien et mandaron luego a pieza de muy buenos Caualleros e fizieronles vestir como mercaderes Ca ellos eran Christianos e Vassallos del Conde D Juliano e cargaron Vestias de armas y de otras cossas assi como de mercaderia⁷¹⁹ y entraron enla Villa dos a dos tres a tres assi como mejor podian y quando los dela Villa estauan durmiendo al primo Sueño Zerco Muza⁷²⁰ con su Jente toda la Villa en derredor y los que yazian enla Villa que de su parte eran binzeron⁷²¹ a vna puerta que auia que llamauan la de Cordoua y mataron alos que la guardauan y ellos luego quebraron⁷²² y Muza

[fl. 41] entro enla Villa con su Jente e mataron a espada todos los dela Villa ansi grandes Como pequeños que non a dejaron a vida ome que fallar pudieron Quando la Villa fue pressa y Muza de ella fue Señor dejo en ella omes que la guardassen y fue a cercar a Sevilla auia en ella mucha buena Jente eten Seuilla moraban los Sesudos Clerigos y los buenos Caualleros y los Sotiles menestrales e en Seuilla moraban tales tres mil omes que en todo el mundo avn biniesse Sobre ellos serianbuenos mientras touiessen las almas en los Cuerpos etquando sopieron quelos venian Cercar e sopieron que si enla mano los cojiesse que les Cortarian⁷²³ los Cuerpos y que por otra Sentencia non passarian y Juramentaronse todos y ouieron Su Consejo que se defendiessen y Vastecieron muy bien a Seuilla y dijeron a Cada Vno qual puerta guardassen y a qual puerta estuuiesen⁷²⁴ y paransu hacienda tan bien que marauilla era y dejaronse estar quedos y vn dia quando el alua queria quebrar

[fl.41v] armaronse en Seuilla mil omes a Cauallo y tomaron su Consejo que fuessen ferir enla hueste y que fiziessen quanto podiessen ante que los de⁷²⁵ hueste Se pudiesen acoger alas armas y dessi que fuessen a Bexa y que llegassen la mas Jente que pudiesen y que Viniessen tan encobiertamente quelos non supiesen los dela hueste y ellos fererian dela vna parte dela hueste elos dela Villa dela otra y que por esta guissa los venzerian y como lo dijeron fizieronlo assi Ca Salieron Sin sospecha y fizieron muy

⁷¹⁴ estudiase *M.*

⁷¹⁵ Aboambre *M.*

⁷¹⁶ podredes *M.*

⁷¹⁷ ovierdes *M.*

⁷¹⁸ quebranten *M.*

⁷¹⁹ merchandia *M.*

⁷²⁰ cerco Muça *M.*

⁷²¹ vinieron *M.*

⁷²² la puerta (<+) *M.*

⁷²³ costarian *M.*

⁷²⁴ estudiesen *M.*

⁷²⁵ de la *M.*

gran daño en la hueste de Muza y acojieron sin su daño a su Camino y fueron su Carrera⁷²⁶ y antes de tres días sopieron los de la hueste toda su hacienda de los de la villa y no quisieron más yacer sobre ella más fueronse Cercar a Mérida

Quando los de Mérida sopieron que Muza con todo su poder venía sobre ellos oyeron muy gran miedo Juntaronse todos y oyeron su Consejo y dijeron así que faremos que nos somos

[fl. 42] los más Captivos omes del mundo Ca el Rey D Rodrigo nos llevo todo nuestro bien quando llevo por su recado y su⁷²⁷ mandado a matar la flor de la Caualleria de España que moraba en Mérida y tuvieron por bien que encubriesen su mengua lo mejor que pudiesen y guissaron los más de los omes que pudieron y binieron a echar una legua de la Villa y allí atendieron a Muza y lidiaron Conel y fizieronle muy gran daño en su Jente pero no pudieron tanto fazer que mal a su agrado⁷²⁸ no oyesen de entrar en la villa por fuerza y allí recibieron los Christianos muy gran daño y despues que los <moros> Vivos fueron en la villa y Muza Con quatro Caualleros Comenzo a catar por de fuera y fue tan espantado que dijo yo bien Creo que aquí a venido a poblar todo el mundo y quando tan noble y tan rico lugar fizieron came Semeja por lo que veo que no a en el mundo su par y en buen día fuera nascido el que de tal Cibdad fuere⁷²⁹ Señor y estonze vido hi un lugar donde Sacaron piedra y fizo venir para aquel lugar de noche

[fl. 42v] Caualleros armados muy bien y fizolos estar allí ascondidamente y desí fizo a Sentar su hueste así Como le Semejo mejor los de la Villa dijeron así los unos a los otros que faremos que nosotros Somos pocos Ca el Cerco de la villa es muy grande e non a vemos Jente tanta para que podamos Cumplir aquello que nos Cumple pero Conviene que nos defendamos lo mejor que podremos e quando fue otro día al mañana guissaronse los de la villa y Salieron fuera para lidiar Con ellos et tanto que ellos fueron fuera Salieron aquellos que yazian en la pedrada y dieronles en las espaldas y los otros por delante y fizieron en ellos muy gran daño antes que se pudiesen acoger a la Villa que vos contaremos Muza los tuvo cercados e muy Cuitados muy luengo tiempo por que pocos ellos eran et obieron hi muchos reuatos e muchos Sobre Vientos⁷³⁰ en que muchos morieron et muchos hi fueron muy buenos et Muza puso de fazer sus bastidas y sus escalas y Cauales muchas vezes el muro en muchos lugares y quando los de la Villa fueron muy cuitados e

[fl. 43] vieron⁷³¹ comenzaron detener pleytesia Con Muza e vinieron a él por pleytar Con él et non pudieron⁷³² Con él ni poner conel ningún buen partido de aquello que ellos querian y desí fueronse y Muza mando poner sus guardas y fizo Caer una torre e quando la los moros Cauauan bieron los Christianos de fuera aquel lugar et los moros Comenzaron dedar muy grandes Voces con miedo y decian que eran en la encomienda de Dios y los moros libraronlos porque los acuyeron⁷³³ luego y desde entonces pusieron nombre a aquella torre de la encomienda⁷³⁴ e despues a poco de Tiempo

⁷²⁶ carrera *M*.

⁷²⁷ e por su *M*.

⁷²⁸ grado *M*.

⁷²⁹ fuese *M*.

⁷³⁰ sobrevientas *M*.

⁷³¹ que non les podian sufrir (<+) *M*.

⁷³² pleytear (<+) *M*.

⁷³³ acorrieron *M*.

⁷³⁴ pusieron nombre aquella torre : la torre de la Encomienda *M*.

vinieron los de la Villa por pleytearse Con Muza y quando lo vieron fueron marauillados porque los⁷³⁵ vieron de otra guissa e quando lo ellos vieron la primera Vegada Vieronle la Caueza y la barba blanca como vna nieue y agora vieronla muy⁷³⁶ bermeja que vna sangre y Muza auia muy gran Sauor delos entrar por fuerza e por esso no queria poner nada Con ellos e Volvieronse para la Villa y no asse

[fl. 43v] guraron Con el nada y a poco tiempo que esto fue mandado Muza enbiara ala Villa Su mandado y los omes dela villa vinieron ante el e vieronle la barba mas negra quela pez e quando esto vieron que tres Vezes que ante el Venimos nunca le fallamos de vna guissa y dijeron assi Se muda Como le⁷³⁷ quiere o estos Son Angeles o son diablos que assi Se mudan pongamos nuestra pleytessia conel lo mejor que podamos⁷³⁸ e faremos de nuestra pro ca delidiar⁷³⁹ mas con el no es Sino nuestro daño que bien vemos que le non podemos mas Sufrir Sin daño y fueron para el y pleytaron Conel que le diesse todo el auer delos muertos y delos feridos y delas Yglesias y delo queenlas Yglesias estaua assi como piedras y otras cossas nobles que en ellas estaban y todo el auer delos Clerigos y despues que esto fue firmado por buenas Cartas abrieronle la puerta y acojieronle dentro y entregaronlo de ella y aquellos Christianos que hi moraban no les facian mal y los otros que hi Se⁷⁴⁰ querian yvanse y noles fazian mal et quando

[fl. 44] esto assi fue echo fuesse Muza de Merida Con aquella mayor gente que pudo para Zaragoza y tanto que ende fue fuera Christianos de Seuilla e de Veja y de Niebla vinieron a Merida e entraron enla Villa y mataron quantos moros ay fallaron que no se escapo ninguno Sino los que fuian de acauallo e quando esto Sopo Muza ouo dende muy gran pessar e lo mas toste que pudo Vinose para Merida e Caualleros Christianos Sus Vasallos queela e dejara obrieronle las puertas dela Villa y acojieronle dentro Como a Señor =====

Muza auia vn hijo Cauallero muy bueno y era manzebo et auia nombre Auelacin⁷⁴¹ y vn dia estando en Merida Dijole Padre Señor por que auedes Vos tan gran Sauor e yo nunca mas bala et Muza le dijoay fillo⁷⁴² quanto tu Saues tanto dijiste y bien dijiste agora palabra de ome mozo quando dijiste de que yo non queria que tu mas Valiesse que bien Saue Dios que non a oy ome enel mundo que yo tan andante quissiera ver como a ti nin que yo tanto

[fl. 44v] ame⁷⁴³ el fijo le dijo Si Vos padre quisiesedes que yo mas Valiesse no me trairiades vos Segun que yo ando et non aueria muy gran Verguenza quando fuera ante Mirauomelin et non ossadan⁷⁴⁴ tan Solamente a abrir la Voca nin decir esta Villa nin este Castillo tomasse yo nin este bien fize yo en mi cauo Con mis Vasallos et el padre le dijo toma los tus Vasallos y de los mios aquellos que oviades Menester de tomar e Mande Dios que fagas bien tu hacienda que Mucho me plazeria de ello y de tal razon como me Mouiste e Vete et echate sobre Seuilla y Auelacin⁷⁴⁵ toma de aquella gente

⁷³⁵ lo *M.*

⁷³⁶ mas *M.*

⁷³⁷ se *M.*

⁷³⁸ podieremos *M.*

⁷³⁹ de lidar *M.*

⁷⁴⁰ yrse *M.*

⁷⁴¹ Abelaçin {‘Abd al ‘Azîz} *M.*

⁷⁴² fijo *M.*

⁷⁴³ amo *M.*

⁷⁴⁴ osa *M.*

⁷⁴⁵ Belazin *M.*

que Su padre le Mando y fuesse lo mas aina que pudo y lidio Con Jente de orihuela y de orta y de Valencia et de alicante e Denia y quiso Dios anssi quelos Vencio y dieronle las Villas por pleytessia y fizieronle Carta de firmidumbre en esta manera quelos defendiesse y los amparasse ellos non partiesse los fijos delos Padres y los padres delos fijos Sinon por Su plazer de ellos y que ouiessen Sus eredamientos Como los auian y cada vn ome

[fl. 45] que en ellas villas morare diese vn⁷⁴⁶ y quatro almudes de trigo e quatro de ordio y quatro almudes de vinagre y vn almud de miel y vn almud de azeyte y Juraronle Auelacin que non de nos tasse a ellos nin a su fee nin les quemasse Sus Yglesias y que el les dejasse guardar su ley y quando esta Carta fue fecha andaua la era delos moros en nouenta y quatro años

Despues que todo esto fizo <fue> sobre Seuilla e tomola e Su padre fue sobre Çaragoza y tomola por fuerza de armas e tomo muchas e buenas Villas y muchos y buenos Castillos en que moraban muchos buenos omes y despues que todo esto auino anssi imbio Mirauomelin por Muza y por Tarife y por Muget los que ganaron a España y que eran de ello Señores y quando Muza vio que en todas guissas le Conuenia que Se partiesse de España ouo Su Consejo quien fincaria por Señor y todos los buenos moros que algo Valian touieron por bien

[fl. 45v] y que dejasse Su fijo Auelacin que era ome que non erraria⁷⁴⁷ de fazer todo bien et el fizo a todos aquellos que algo valian anssi Moros Como Christianos quele fiziessen omenaje que lo reciuiessen por Señor e despues que esto ouo fecho guisso Su hacienda y tomo toda Su ganancia delo mueble y todo loque rouo y passose a Albende⁷⁴⁸ el Mar Con la mayor lende⁷⁴⁹ que el pudo y el fijo fuesse a morar a Seuilla y fizo hi Sus Cassas muy buenas y muy ricas e escreuio Sus Cartas e imbiolas a Su tierra y mando decir a todos aquellos que el mas queria y que drecho auian delo amar que se viniessen para el y que les daria muy buenas tierras e mucho abundadas y que les fazia tanto de que ellos fuessen pagados e tanto les imbio decir e tanto fizo aquellos que luego Se vinieron para el que en muy poco tiempo fueron Conel Muchos buenos omes que dejaron Sus tierras e Sus aueres e Se vinieron para el y se fallaron despues bien delo que fizieron y aquel fijo de Muza fue ome de muy

[fl. 46] buena palabra e Mucho esforzado y de muy gran Sesso y lleo atan gran alteza que no ouo en España Villa nin Castillo que non le obedeciessen y que del miedo no ouiessen e este lleuo Su hacienda en tal guissa Conlos aquellos Christianos quelos pusso todos fuera de España Saluo aquellos que fueron e se acogieron alas Sierras delas Asturias⁷⁵⁰ e este fue muy buen ome y este fijo mucha merced a fijos de algo Abid⁷⁵¹ el fijo de Aluide que era ome que non menteria en tal Cossa que dijese que quando Muza Salio de Cordoua que Se iua para allen dela Mar e que fueron Con el los mejores omes de Espana y que Siendo⁷⁵² por la Carrera de vn lugar donde podia bien ver la villa de Cordoua voluio la Caueza dela mula y estuuu quedo y dijo ay Cordoua quanto eres de buena y quantos Son los tus plazerres y quanto bien Dios en ti pusso e de

⁷⁴⁶ marauedi *M.*

⁷⁴⁷ eraria *M.*

⁷⁴⁸ Allende *M.*

⁷⁴⁹ gente *M.*

⁷⁵⁰ Esturias *M.*

⁷⁵¹ Abib *M.*

⁷⁵² yendo *M.*

Si fuesse y ancuido⁷⁵³ a tanto por Sus Jornadas consu Jente fasta que lleo donde Mirauomelin era y quando Mirauomelin Sopo que Muza y Sus

[fl. 46v] Companias venian de España Salio a recibirlos y fizoles tanta de honrra que marauilla era y luego Muza fizo venir ante el Rey todo aquello que fue rouado y quantos le Veian todos eran marauillados y tanto bien decian de el y que eran mucho marauillados Si en todo el mundo ouiesse tanta marauilla ni tan ricas donas Como alli auia y quando Mirauomelin bio la Messa de Salomon tomola enlas Manos e Catola e dijo luego que le fallecia vn pie que non era tal el que tenia Como los otros e Muza dijo estonze Senor quando yo la tome tal era nin auia mas en ella de quanto Vos Vedes y dijo luego Tarife Senor verdad dice que quando la el tomo que non auia enla Messa mas de esto que esso se auia ni menos Ca yo la oue tomado y Geladi y dijo Muza Senor miente que yo la tome y Tarife dijo Senor para que esto Sea verdad delo que yo dije yo vos mostrare el otro pie y yo vos lo dire Como Gelo contrafacieron⁷⁵⁴ aquel otro pie e metio lamano en el Seno e Saco el otro pie que le fallecia

[fl. 47] el que hera ygal delos otros y dijo Senor con tan poca Jente Como Vos Sauedes que yo⁷⁵⁵ tome tans buenas villas Como Vos pueden dezir e estos amigos que lo Conmigo fizieron y Señor preguntad agora a Muza porque medio Con el azote Con que feria a Su Cauallo por Cima dela Caueza efaziendo le yo tan leal Seruicio y nunca errando a el nin ome ninguno de su parte e quando esto oyo Mirauomelin Sopo que Tarife decia verdad en quanto el dijera et que todo fuera Mezcla por embidia que de el auia y dijo a mi dijeron que Costara a fazer este pie de esta Messa bien docientos Marcos de plata empero non bale nada a por estos otros y entonces mando dar a Tarife muy gran algo y fizole desde alli adelante mucho bien e mucha merced e tomo el rouo que lleuaron de España aquel que mejor le parecio y mando a Tarife que partiesse el otro por aquellos que lo ganaron en España y que lo partiesse Comoel mejor viese et desi Mafomad fijo de hisca⁷⁵⁶ quando Velasin fijo de Muça finco

[fl. 47v] por Senor de España e ouo muy bien parada Su hacienda e muy bien endrezada y dijeronle nueuas de Vlaca⁷⁵⁷ mujer que fue del Rey D Rodrigo que hera muy buena dueña y muy fermossa e de muy gran linaje y que era natural de africa e imbio luego por ella e Mandole dar vestias y auer e Sieruos e Sieruas e todas las Cossas que ouissee menester fasta que llegasse a el e trojeronla y quando la el vio pagosse mucho de ella y dijo el Vlaca⁷⁵⁸ dime tu hacienda et non me nieges ninguna Cossa de ella que bien ves que yo puedo fazer de ti toda mi voluntad assi Como de mi Captiua e ella quando esto oyo ouo la Cuyta atan grande y dobllosele el pesar que tenia enel Corazon que Con pocas no Cayo muerta enel Suelo y respondiolo llorando y dijole Varon que quieres Sauer me mas de mi hacienda Ca todo el mundo lo Saue que yo Doncella pequena Siendo Cassada Con el Rey D Rodrigo e fue con el Señora de España y honrrada y viziossa mas que yo nonmerecia y que por esto quiso Dios que me durasse

[fl. 48] tan poco e agora So ental desonrra qual nunca fuera otra dueña de gran Guissa

⁷⁵³ andudo *M*.

⁷⁵⁴ contrafizieron *M*.

⁷⁵⁵ lleve gane e tome todo lo mas de eso que vos vedes e (<+) *M*.

⁷⁵⁶ Hyça *M*.

⁷⁵⁷ Ylata *M*.

⁷⁵⁸ Eylata *M*.

casso rouada y non tengo vn palmo de heredad e so Captiua e metida en servidumbre y toda la tierra que Veo ya fue Senor de ella y Señor pesse vos de mi daño y por honrra de gran linaje que vos Sauedes que yo vengo non consintades a ninguno que me faga mal ni fuerza e Senor⁷⁵⁹ sila Vuestra merced fuesse que me quisiere des vender a omes que yo se que deleiran⁷⁶⁰ de mi e daros vos y an por mi muy grande algo y dijole Belacin Sed vos Cierta que mientras yo fuere Viuo que vos nunca Salgades de mi poder y Vlaca dijo pues Señor que queredes mi fazer e dijole Belacin quiero que finquedes en mi Cassa y andarades⁷⁶¹ muy quieta de lazeria Con otras Mis Mujeres e dijo ella Malo fue el dia enque yo naci Si ha de ser Verdad que yo fuy Muger del honrrado Rey de España e agora tengo de andar en Cassa agena por vara|gan|gana⁷⁶² e por Captiua de obie⁷⁶³ y bien Juro yo a quel dios a que gran

[fl. 48v] Sauor de me atarear que esto non pode ser Ca⁷⁶⁴ pudiere Ca yo non quiero mas sufrir mala andancia pues por la muerte puedo de ella Salir y quando Belacin la vio assi quejar dijole buena dueña non Cuides⁷⁶⁵ que nos auemos barraganas mas auemos de ley que podemos aver Siete mugeres Si las pudieremos Cumplir e por esso Seredes Vos Mi Muger Como cada vna de las otras Ca todas las Cossas que vuestra ley manda que ome faga a su muger todas vos las fare yo e por esso non erides vos porque quejar y bien Creed que vos fare mucha honrra y fare atodos los que me quissieren bien que Vos Sirvan y Vos honrren y quiero que Seades Senora de todas las mis mugeres y a esto respondio ella Senor que de mi ley non me fagades fuerza mas facedme Viuir Como Christiana y de esto non pesso a Belacin antes le otorgo y fizo Conella boda assi Como Manda la ley delos Moros y pagosse Cada dia mas de ella y tanta honrra le facia que non podia Mas ser e acaescio assi que vn dia

[fl. 49] estando Velacin Con Vlaca dijo ella Sr non tengades a mal vna Cossa que yo vos quiero decir en que vos non facedes como deuedes e dijo el y que es esso enque yo yerro Senor (dijo ella) porque non tenedes Corona Ca ninguno nunca en España fue Confirmado Si ante no tuuiesse Corona enla Caueza dijo el no es esso nada que vos decides (Dijo auelacin) que nos non auemos de linaje nin de Costumbre de traer Corona dijo ella Muchas buenas razones ay porque la Corona presta e non empeze nada ante vos echen e quando la vos lleuaredes en Vuestra Caueza la Vuestra Corona qualquier e que Vos avnque non Vos Conozca Conozera vos ha Dios y alos otros por ella dijo parecedes⁷⁶⁶ Con ella muy fermosso y de Si Ser Vos ha muy gran nobleza y sera muy bien et raciedes⁷⁶⁷ en ella Muchas piedras que Vos Seran buenas y vos prestaran y dende a poco tiempo fuesse Auelacin a Morar a Seuilla y lleuo Con Sigo Vlaca⁷⁶⁸ et ella tomo de Su oro et de su al Jofar et de Sus piedras que ella auia Muchas y muy buenas y fizo la mas noble

759 pesse vos de mi daño y por honrra de gran linaje que vos Sauedes que yo vengo non consintades a ninguno que me faga mal ni fuerza e Senor (<—) *M.*

760 dolerian *M.*

761 andaredes *M.*

762 barragana *M.*

763 otre *M.*

764 ante buscare mi muerte lo mas ayna que pudiere. E agora venga lo que venir (<+) *M.*

765 cuydedes *M.*

766 pareçeredes *M.*

767 traeredes *M.*

768 Eylata *M.*

[fl. 49v] Corona que ome Viesse y diogela y mandola tomar e que la pussiesse do estubiesse muy bien guardada y Vlaca como era muger de sesso y de recabdo ordeno Su facienda tan bien Con Belacin porque el la amaua Muy Mucho y le facia mucha honrra e facia mucho delo que ella queria en guissa que el Se pagaua mucho delos Christianos e les facia mucho bien e mucha merced

Mafomat el fijo de Mafomat dijo que el estaua delante quando estaba Vlaca diciendo⁷⁶⁹ Velacin que mala Costumbre han estos moros quando entran ante Sus Senores solamente nunca se omillan nin le fazen reuerencia Ciertto Si yo fuesse rey guissaria Como Se me omillassen estonze Mando Avelacin fazer en aquel palacio en que estaba vn postigo pequeño e mando zerrar⁷⁷⁰ la puerta grande y fizo en guissa que ninguno no podia entrar por la puerta que se ante non omillasse e quando se pagaua estante⁷⁷¹ en su alcazar poniale ella Su Corona en la Caveza et

[fl. 50] acaecio assi que el estando vndiaConla Corona enla Cubeza lleo Vna muger que fuera fija del Rey y era Cassada con Zeyed⁷⁷² e quando lo vio assi estar pareciole muy fermosso y tanto que dende Se partio dijole a Zedei⁷⁷³ dijo que non lo podia Creer que el lo viesse⁷⁷⁴ Corona enla Caveza fasta quelo viesse e fuesse estonte Zeyed y dijolo a Abid⁷⁷⁵ y Abid dijolo a otro Su amigo e andaronlo diciendo en esta guissa fasta que non ouo home de quenta enla Torre⁷⁷⁶ que algo valiesse que lo no Sopiesse e estonze Se apartaron todos a fablar entre Si y dijeron que se tornara Christiano y ouieron Consejo que lo Matassen et estonze Zeyed y Sus amigos lleuaron Con Sigo Sus espadas y aguardaronle quando estaua en su mezquita faziendo Sus oraciones e vino por detras Zeyed e diole Con su espada por el pescuezo vn golpe⁷⁷⁷ que le echo la Caveza a longe de si y reyno diez anos

Despues que este fue muerto Juntaronse todos los moros que auia en Espana e Alzaron por rey vn fijo de Abid sobrino

[fl. 50v] de Muza fijo de Nocair et era ya grande e de muy buena vida e reyno Cinco Messes e veinte dias e quando murio fuesse para Cordoua

Despues que este murio alzaron los moros por rey Alohor⁷⁷⁸ fijo de Abdarrahaime y este Alohor Mirauomelin⁷⁷⁹ por vedor y reciuidor de todos Sus drechos que el auia en España et despues que fue rey fuesse para Cordoua y Moro hi por vn tiempo y no viuio mas de dos años e nueue messes despues que fue rey

Despues que este fue muerto alzaron los moros por rey |Abd|Abraahen fijo de Melit⁷⁸⁰ y este mando alodos los moros que en Espana auia que le die Ssen el quinto de quanto auian et dijoles quelo queria dar a pobres por amor de dios e esto non facia el sino por los quebrantar e por los despechar porque se non ficiessen mal vnos a otros e ouieron gelo de dar e despues que todo el aver ouo de ellos fizo refazer muchos moros que eran pobres e fizo poblar muchas villas que auia en España que estaban yermas e este mando

⁷⁶⁹ quando Eylata dixo *M.*

⁷⁷⁰ çerrar *M.*

⁷⁷¹ estando *M.*

⁷⁷² Zeyet *M.*

⁷⁷³ Zeyet su marido *M.*

⁷⁷⁴ toviere *M.*

⁷⁷⁵ Abib *M.*

⁷⁷⁶ corte *M.*

⁷⁷⁷ colpe *M.*

⁷⁷⁸ Alhor *M.*

⁷⁷⁹ Alhor enbio Mirabomelin (<+) *M.*

⁷⁸⁰ Abrahen, fijo de Melic *M.*

a Omar

[fl. 51] fijo de Alazon⁷⁸¹ que fizieron la puente sobre el rio de Cordoua e fizole el muy bien y buena⁷⁸² y mataronlo en Tortossa reynoCinco años y medio⁷⁸³

Despues que este fue muerto alzaron los moros por rey a Abderrahame fijo de Abdalla e reyno dos años e siete messes Despues que este fue muerto alzaron los moros por Rey a Homar fijo de Tair et reyno dos anos y tres messes

e despues que este fue muerto alzaron los moros por rey en España Rissir fijo de Tofer e murio en Tortossa e reyno quatro años e quatro messes

e despues que este fue muerto los moros fizieron Señor a vn ome que auia nombre Nohal y embiaron decir a vn fijo de Cafen que se viniessse Con⁷⁸⁴ todas guissas e Seria rey e este auia nombre Vdraca y fue Nohal Señor fasta que el otro⁷⁸⁵ y reyno dos messes y Site dias⁷⁸⁶

y despues que este fue muerto alzaron los moros por rey a Mafomad fijo de Obeydalla⁷⁸⁷ y reyno dos messes

Despues que este fue muerto alzaron

[fl. 51v] los Moros por rey Abdarraahame o Alfaque e reyno diez y ocho messes y mataronlo andando el guissando Su Caualleria Conque fuesse el Correr a tierra de Christianos

Despues que este fue Muerto los Moros tomaron por Su Señor Adelmeque fijo de Hazan este fue muy malo rey e muy brabo e pusso muchos malos fueros en la tierra y destruyo la tierra delos bacazos⁷⁸⁸ e la delos vispares e reyno seis anos =====

Despues que este fue muerto alzaron los Moros por rey Cauat fijo de Jeo⁷⁸⁹ y despues que el fue rey y ante que la Cassa Saliesse dijo a todos aquellos que hi estaban que se non fuessen nenguno Cael queria ir a vn lugar que luego Se vernia fablaria Con ellos y mando alos porteros que les touissen⁷⁹⁰ las puertas y que non dejassen Salir ningun ome nin entrar otro y desi Saliosse aparte a vna Camara et imbio por dos Caualleros Sus bassallos y Sus naturales y eran omes de Xolugar⁷⁹¹ pero que benian a buenos Cauillos⁷⁹² e mucho ardilles e muy Sessudos y ellos eran

[fl. 52] omes de muy buena nombrada y dijoles amigos alli ay muchos bandos y cada vno delos bandos quissiera fazer rey de su parte pero quiso Dios y los Parientes que hi hvue elos mis amigos efizieron a mi rey de mi vos digo que yo Ca Canzado⁷⁹³ a

781 Alazan *M*.

782 e muy noble e buena (<+) *M*.

783 reynoCinco años y medio (<—) *M*.

784 en *M*.

785 lleo (<+) *M*.

786 E despues que este fue muerto alzaron los moros por rey a Veste. E rreino otros dos años. E despues deste que fue muerto, alçaron los moros por rrei Vdeifaçen, fijo de Laut. E rreino seys meses e tres dias. E mataronlo afogado con vn [freyçeco] {*apud C1344*, ed. CATALÁN e ANDRES, ms. U, p.166} (<+) *M*.

787 Ebeydella *M*.

788 vacoços *M*.

789 Lajeg *M*.

790 toviesen *M*.

791 baxo lugar *M*.

792 de buenos cavalleros *M*.

793 yo he acançado *M*.

prender mala mente⁷⁹⁴ Como vi prender a todos estos otros mas me valiera⁷⁹⁵ que yo non fuesse rey e por esso Vos ruego agora que me Consegedes⁷⁹⁶ que yo dijere que non quiero Ser rey alzar se an y tomaranme⁷⁹⁷ y dijo vno⁷⁹⁸ Señor pues vos nos mandastes⁷⁹⁹ consejo decir vos quiero lo que ami Semeja por loque yo e bisto a vno delos otros reyes veyo yo Señor que todos los reyes que en España mal morieron despues que ella fue de Moros non fue si non por aquellos que fizieron reyes et por esso Señor el mi Consejo Seria que matassedes todos aquellos que Vos aiudaron a Ser rey Ca ellos non Vos fizieron Rey por amor leal que los⁸⁰⁰ vos auian mas por Ser aiudados de Vos e por essa pro que ellos hi entienden de auer y si los vos metedes en

[fl. 52v] buestras possidas⁸⁰¹ y fueron Vuestros priuados e tanto que alguna Cossa fizieredes Contra ellos luego Vos Contad por Muerto Si vos agora los alongadades⁸⁰² de vos enon quisieredes Su Compania fallarse an mal y pesarlles a porque Vos fizieron rey e non vos podredes guardar que muy Cedo non prendades Muerte assi Como fizieron alos otros que reynaron ante que vos y agora⁸⁰³ vedloque podes⁸⁰⁴ fazer Ca el mi consejo es este e desi el rey dijo a otro ya vos que Vos Semeja dijo el otro por buena fee Senor Si vos rey queredes Ser non veo al si⁸⁰⁵ lo que este dice e estonze fizo el rey entrar por vna puerta que era muy estendida⁸⁰⁶ alli donde el estaua pieza de Sus bassallos y dijoles que estuviessen⁸⁰⁷ guissados para tomar a quien el nombrasse⁸⁰⁸ e de si imbio⁸⁰⁹ por todos aquellos que el quiso e fizoles Venir anssi⁸¹⁰ en aquella Cassa donde el estaua y todos vnos a vnos y el Con su mano y Con su espada les Cortaua las Cauezas e esto fizo tan bien e tan assosega da mente que nunca hi ouo voces nin

[fl. 53] buelta fasta que el dio Cima atodo lo que queria y despues que el ouo muertos a todos aquellos que a el plugo⁸¹¹ Vinosse para las Cassas de Consejo assi Como estaua con su espada sangrienta en su mano y dijoles amigos parad mientes enloque Vos quiero decir Saued que todos los omes del mundo assi los buenos Como los malos todos Son fijos de Vuestro Padre Adan y de Vuestra Madre Eua pues non dauades⁸¹² mejoría a ninguno que sea si Vos otros non fuessedes Reyes o grandes Señores e por ende auedes de Sacar el mal y poner en el bien y por non dejar los grandes Comer los pequenos y por defender las fuerzas y los males que fazen⁸¹³ en la tierra y Vos⁸¹⁴ y

794 muerte *M.*

795 valdria *M.*

796 consejedes *M.*

797 matarme an *M.*

798 dellos (<+) *M.*

799 demandastes *M.*

800 qu'elos *M.*

801 poridas *M.*

802 alongades *M.*

803 ora *M.*

804 podedes *M.*

805 non (<+) *M.*

806 escondida *M.*

807 estudiesen *M.*

808 mandase *M.*

809 enbio *M.*

810 ante si *M.*

811 progo *M.*

812 devedes *M.*

813 que se fazen (<+) *M.*

814 Dios *M.*

vos otros todos quissisteis assi que non ouo otro de reynar e de mandar los moros en España y a todos los que Creen por el fijo de Maria y que les obedeciesen pues gran carga de pecados lleuaria yo Sobre mi y quando lo fizo anssi que assi fuesse y este pueblo me el metio en poder e melo dio a mandar y yo non fiziesse aquello

[fl. 53v] que Me Semejase drecho y que Vos otros Sepades que yo quiero llevar a delante loque digo⁸¹⁵ y quiero que Veades loque yo fize en Mi Carne y en Mi Sangre e porque se que eran omes que merecian muerte y estonze fizo traer todos aquellos que Matara en Cuellos de omes las Cauezas alongadas delos Cuerpos y quando los buenos de España esto vieron Cataronse vnos a otros y non ouo hi tal que algo fablase dijo el rey bien Creed que <en> mi tiempo todo aquelque⁸¹⁶ quissiere fazer drecho y Siguire Carrera de Verdad este estremadamente auera todo mi bien e mi Merced Cumplidamente y todo aquel que faziere falsedad y se trauajare de engaño non puede estar que los yo no atierre para Siempre pues parad mientes en los buenos y en los malos que qualfizieren tal reciuiran⁸¹⁷ y dijeron estonces todos los hi⁸¹⁸ estaban que decia muy bien e que mandase Dios que assi fuesse y despues que esto ouo fecho fue estar con todos Sus Consejos⁸¹⁹ y Comenza⁸²⁰ de

[fl. 54] fazer mucho bien a los buenos y mucho mal a los malos y este fue muy buen Rey y muy drecho⁸²¹ y este llevo muy gran poder y fue Sobre Galicia y gano la y de si fue luego Sobre Panplona y yano⁸²² y entrola por fuerza e partio dende e vino para Navarra y gano la toda y gano lupo⁸²³ y Magarona y gano otras muchas tierras⁸²⁴ que avn tenian los Cristianos et este metio toda su hacienda en poder de Cristianos et ellos lo echauan y lo leuantaban y ellos estaban Con el de noche y de día e este reyno nueue años e mataronlo en vna lid que ouo Colos de Tangar⁸²⁵ que yua ouedezer⁸²⁶ a los reyes de España =====

Despues que este fue muerto alzaron los moros⁸²⁷ por rey Abdelmetio fijo de Tavta⁸²⁸ e este ouo gran batalla Con los barbaros de Tangar e mato de ellos muchos y despues auinose Con ellos y luego llevo⁸²⁹ Su poder y fue Con ellos a Correr toda la tierra y tomo muchas tierras a moros que auian Con el guerra et en quanto alla⁸³⁰ andauan Alcarona calos Moros⁸³¹ que fincaron por rey vn ome que

[fl. 54v] auia nombre Abave⁸³² et Mirauoquelvn⁸³³ puñode imbiar vn su almojir que Sacasse⁸³⁴ en que auia de

⁸¹⁵ yo digo *M.*

⁸¹⁶ todo aquelque (<—) *M.*

⁸¹⁷ rresçebiran *M.*

⁸¹⁸ que hy *M.*

⁸¹⁹ consejeros *M.*

⁸²⁰ començo *M.*

⁸²¹ derecho *M.*

⁸²² ganola *M.*

⁸²³ Lupe *M.*

⁸²⁴ e buenas tierras (<+) *M.*

⁸²⁵ con los Tanjar *M.*

⁸²⁶ que non querian obedesçer *M.*

⁸²⁷ de España (<+) *M.*

⁸²⁸ a Delmequi fijo de Tanta *M.*

⁸²⁹ allego *M.*

⁸³⁰ ellos alla *M.*

⁸³¹ alçaron aca los moros *M.*

⁸³² Alave *M.*

auer⁸³⁵ Sus Cossas enquanto ellos aculla andauan Comenzo de fazer alos que fincaron enla tierra mucho mal e muchos desaforamientos e quando los otros oviessen dado Cima a Su guerra vinieron se para tomar⁸³⁶ y despues que Sopiessen el mal que fiziera mararonlo⁸³⁷ vassallos de Mirauomelin quando esto vieron pessoles por esta razon se mouio vna lid entre ellos muy grande e fue llamada la lid delos honrrados porque fueron en ella muchos delos honrrados y de los buenos de España quando Abdelmelic⁸³⁸ Sopo lo que era ya fecho en España pessole mucho y vinieronse Sobre que otro⁸³⁹ que alzaron por rey y lidio Con el en Campo y prendiole y matole y despues que lo ouo muerto llegaronle nueuas de vna Jente⁸⁴⁰ muy rica et enque querrian fincar Con el et prouar el espada⁸⁴¹ et de esto plugo a el mucho y mandoles dar Sarcas et que passasen⁸⁴² y ellos mouieron

[fl. 55] de Su tierra por fincar Con Mirauomelin et non Se pagaron de Su vida e por esse⁸⁴³ Se Venian para España et fincaron en Espana y fizieron muy buenos lugares y refizieron⁸⁴⁴ otros despues en esto Vinose el Rey Con pieza de Su Jente para Sartagen⁸⁴⁵ que avn esto entonze⁸⁴⁶ era de Christianos y ganola despues y despues quela gano fue en ella⁸⁴⁷ entregado e Vinose yen biuiendo⁸⁴⁸ por el Camino a doce millas dela Villa de Molas⁸⁴⁹ et despues que este fue muerto⁸⁵⁰ Vn ome que auia Nombre Cavtaran⁸⁵¹ este Se pagaua Mucho de aquellos que venian⁸⁵² de Tierra de promission e faziales mucha honrra ca los llamaua omes de Sesso y de recabdo y por esto los barbaros ouieron de ellos muy grande embidia et fizieron Su abla⁸⁵³ y en vn dia Se alzaron todos Contra el Rey Con quanto de el tenian e quando esto Sopo el Rey guisose Muy bien Conlos de promision et aplazo Con ellos Vatalla y tri assignando⁸⁵⁴ y lidio Con ellos y Venciolos y Mato Muchos de ellos a marauilla y fueron en esta Vatalla dos fijos

[fl. 55v] del rey muy buenos Caualleros por Sus manos et vno⁸⁵⁵ nombre Caton⁸⁵⁶ yelotro Vmine y bien dejaron⁸⁵⁷ aquellos que ay fueron que por ellos fuera la Vatalla

833 Mirabomelin *M*.

834 sa diçima *M*.

835 oviese de ver *M*.

836 Tomar *M*.

837 mataronlo *M*.

838 Abdelmet *M*.

839 sobre'quel otro *M*.

840 [...] e *M* (lacuna que aparece com uma nova costura em *LV*).

841 poblar en España *M*.

842 barcas en que pasasen *M*.

843 eso *M*.

844 rrefeçieron *M*.

845 Cartagena *M*.

846 que avn estonçe *M*.

847 della *M*.

848 e el veniendo *M*.

849 murio *M*.

850 alçaron por rrei *M*.

851 Cataran *M*.

852 venieron *M*.

853 fabla *M*.

854 e dia asinado *M*.

855 avia (<+) *M*.

856 Catan *M*.

857 dixeron *M*.

Venida⁸⁵⁸ [por] <que> ellos vinieron ferir despues que todas las hazes fueron quebradas et esta Vataalla fue enel termino de Toledo Sobre el rio de Calican y des despues que esto assi passo fueron⁸⁵⁹ para Cordoua et quando Se fallo menguado de Sus Vasallos pessoles Muy Mucho y dijeronle los omes de Su ConSejo Senor mal fazedes porque vos metedes tanto en poder de estos omes que Son Jente Mucha y Muy braba en que non ay ley nin la temen e ved agora Senor por do Vencisteis que ellos andauan faziendo⁸⁶⁰ y matando quando Vos mal vino⁸⁶¹ por ellos y quantos buenos auedes menos en España et estonze les dijo el Rey que les Saliessen de España y que no estouiessen⁸⁶² en tierra de Cordoua y aquella gente a quel dijo esto fueron para Auila y tanto quelos elaquello dijo armaronse muy bien

[fl. 56] y binieron al rey donde estaba en su Alcazar e pelearon Con el y mataron toda quanta Jente Con el estaua y enforvaron a el rey⁸⁶³ y alzaron por rey a Velingue⁸⁶⁴ Y quando los fijos de Cavtaran⁸⁶⁵ Sopieron dela muerte de Su padre y el mal y la traicion quelos de promision fizieron pessoles mucho y fueron para Naruona e tomaron mucha Jente et delos dela Villa y muchos delos barbaros y delos Alaraues y vinieron para Cordoua et quando esto Sopo Velingue Salio a ellos Con Su Compañia y lidio Con ellos y venciolos y fue matando y llagando en ello vn dia todo de si voluiosse para Cordoua et non viuio despues mas de Siete dias y ellos dijeron que non moriria⁸⁶⁶ si non de quebranto que lleuara enla Vataalla y otros dijeron que lo Mataron Con ponzoña y de ellos dijeron que Muriera de Su Muerte Natural Mas dios Saue donde la verdad y otro non⁸⁶⁷

Despues que este fue muerto alzaron en Espana por senor vn ome que

[fl. 56v] auia nombre Colouet fijo de Zeleme⁸⁶⁸ y alzaron lo Sin grado delos Moros dela Villa e por esto Crecio muy grandes auenencias⁸⁶⁹ entre los Moros y los de Promision

Y Sobre esto alzaron los Moros otro Rey que auia nombre Cusse y era fijo de Carrar el rey que los moros alzaron y fuesse a andar por las Villas de España e el otro vinose para Cordoua e tomo vna gran pieza delos Alaraves y delos barbaros y llenolos⁸⁷⁰ Con el occidente de Cordoua y podia ser quanto Vna Milla dela Villa Matolos todos y de esta guissa Crecio guerra Mortal entre ellos enEspaña que se matauan todos vnos a otros y se fazian quanto mal podian ylos de Cordoua vieron que Su fecho non yva adelante e Como Se perdia España por esta razon y algunos de ellos embiaron a decir a Mirauomelin que embiase Señor a España Ca toda era perdida per mengua de buen Señor estonze fizo Mirauomelin guissar vn ome bueno e mucho drecho que auia nombre Corbet fijo de Colin⁸⁷¹ e embiolo

858 vençida *M.*

859 venieronse *M.*

860 feriendo *M.*

861 mal vos vino *M.*

862 estudiesen *M.*

863 enforcaron al rrei *M.*

864 Velingue *M.*

865 Cataran *M.*

866 muriera *M.*

867 Dios sabe dende la verdat e otre non *M.*

868 por rrei los de la tierra a Çolobet fijo de Çeleme *M.*

869 desavenençia *M.*

870 levolos *M.*

871 Corebet fijo de Çolim *M.*

[fl. 57] Con muy gran poder para Espana e despues que el fue en España Vinose para Cordoua e acojieronlo enla Villa e dessi fizo Venir ante Si por ruego que les fizieron delodos⁸⁷² los mejores delos barbaros y todos aquellos que hi eran⁸⁷³ dela tierra de promision y entonze les dijo tantas⁸⁷⁴ de buenas razones y atanto les fizo fasta que los auino y metio entre ellos amor y paz y despues que todo esto ouo fecho fuesse a Eluira y Metio hi pieza de buenos Caualleros que el traia Con sigo e desi fuesse a Beria⁸⁷⁵ que era muy buena Villa y metio alli Sus Caualleros y Su Jente e muy buena y de si fuesse para Xerez e dejo hi Su Jente de⁸⁷⁶ todas las fortalezas e fuesse para Seuilla y dejo hi pieza de Su Jente y de si fuesse⁸⁷⁷ e dejo pieza de Su gente e en Cada lugar donde eldejaba Su Jente Siempre ellos fincaban por Señores y de esta guissa anduuu y ondo⁸⁷⁸ toda aquella frontera de su gente despues que todo esto ouo fecho tomo a todos los Christianos que auia en España la

[fl. 57v] tercera⁸⁷⁹ parte de quanto auian assien mueble Como en raiz y diolo todo alos que vinieron Conel e quando ellos vieron que les facia tanta Merced fincaron Con el y panaron⁸⁸⁰ dele fazer Servicio bien y drechamente et Murio en Cordoua

Despues que este fue muerto alzaron en España por Senor vn ome que auia nombre Abdarrahome fijo de Tozir fasta que ouiesse Consejo a quien farian rey e este fue Señor de Espana tres messes desi fizieron rey a Jufoz⁸⁸¹ natural dela Montaña e quando este reyno ouieron los de Alemania⁸⁸² y los de promision y los de Egipto guerra de Suyo y quiso Dios ansi fazello que vinieron los de alemaña y despues que la guerra Vieron⁸⁸³ Vencida mouieron para ir a España y algunos que fueron para ajudar y los alemanenses⁸⁸⁴ essos fizieron hi mas mal que ellos podieron y atanto andaron fasta que llegaron a Segunda y echaronse Sobre ella e Tufez⁸⁸⁵

[fl. 58] el Rey de España guisso Su poder e entro enla Villa tan encouiertamenteque no lo Sopieron los dela hueste y tantoque ellos fueron enla Villa y los Suyos lomejor que pudieron fizieron⁸⁸⁶ ferir enla hueste y mataron y prendieron el Señor de ellos y fizieron lo que quissieron y prendieron tantos delos otros que Marauilla era y decia Vn Escudero que fue en esta guerra y que dende la verdad oyera fablar de aquella Vatalla enque el Rey D Rodrigo fuera desuaratado que desde aquella lid nunca en lid fueron tantos muertos de vna parte Como de otra y dijo Mafomat fijo de Dizo⁸⁸⁷ que nunca oyera fablar de Vatalla que tantas lanzadas y tantas feridas y tantos muertos como en esta fue ca dijo que el viera Salir del real docientos Caualleros y que se apartaron en vn Campo Ciento por Ciento e que pusieron mano alas lanzas y desque quebraron las lanzas metieron mano alas espadas y despues quelas espadas perdieron ferianse Conlos

⁸⁷² todos *M.*

⁸⁷³ de los (<+) *M.*

⁸⁷⁴ açaz *M.*

⁸⁷⁵ Berioc *M.*

⁸⁷⁶ en *M.*

⁸⁷⁷ a Jaem (<+) *M.*

⁸⁷⁸ andudo hinchendo *M.*

⁸⁷⁹ terçia *M.*

⁸⁸⁰ punaron *M.*

⁸⁸¹ Jufez *M.*

⁸⁸² Alemaña *M.*

⁸⁸³ ovieron *M.*

⁸⁸⁴ Alimaneses *M.*

⁸⁸⁵ Jufez *M.*

⁸⁸⁶ fueron *M.*

⁸⁸⁷ Diça *M.*

punales⁸⁸⁸ y esta

[fl. 58v] lid fue en el mes de Marzo quando andaua la era delos Moros en Ciento y treinta años

Y quando Jufez alzaron por rey auia Cincuenta y Siete años que nacieron⁸⁸⁹ e quando este reynara estuuo España dos años que nunca lloio poco nin mucho y dio Dios en ella fambre y tal mortandad en la tierra que non podian ellos Sofrir la fambre y fueronse morar alas riuera de la Mar⁸⁹⁰ y fueron buscar guaridas en que guareciessen y a cau de dos años que non lloiere Salio en Espana el rio de Varuate e Cubrio Mucha tierra et tan grande fue la auenida pero que non lloiera Nada pero quando esto Vieron las gentes touieronlo por Milagro y fincaron en la tierra y Si aquello no fuera la Mas de la tierra fuera yerma y de si llamaron aquel año de Barbate⁸⁹¹

Y quando andaua la era delos Moros en Ciento y treinta y ocho años vino Abderrahamen el fijo de Mohauia⁸⁹²

[fl. 59] a España y gano el Senorio a Jufez Ca lo mato en vna Batalla que en vno ouieron y de si finco por Señor de España Abdelmelic fijo de Auiue⁸⁹³ pregunto a vn Su amo de Abdarraha que lo auia Criado que le dijese en verdad Su hacienda de Abdarraha y de su padre que ome fuera y que linage en verdad que Moauia Padre de Abdarraha fuera vn labrador villano de la tierra que guareciera⁸⁹⁴ por trabajo de Sus manos e desí acaeciera que Mirauomelin pago e del⁸⁹⁵ en su Casa por acaecimiento ouo Con el Sus razones e Sus Cossas porque el Rey lo lleuo Con Sigo en mal ora que fue Con el y assi Sopo fazer Su hacienda que fue el Mas priuado de su Casa y murio la Muger Con que era Casado y Cassaronle Con vna fija de vn rey y despues Murio Su Suegro padre de Su Muger y finco el por rey y desí murio Moauia y fincaron de ellos dos fijos pequeños e Moauia Murio dencimade vn Cauallo e quando el Comenzo a reynar mando fazer Vna Casa alongada

[fl. 59v] de vna Su Villa quanto podiaser fasta tres millas y fizola tan rica y tan noble que marauilla era y auia tan gran Sauor de morar en ella que non podia Ser mas que acaecio vn dia que Saliendo el⁸⁹⁶ de Su Casa y viniendose para la Villa porque auia de estar a Cortes Con todos los mejores de Su reyno Vio estar vna gama y. E demando luego que le diessen el Cauallo y echo en pos de ella y quiso Dios facello anssi y Cayo del Cauallo enyendo en pos de ella y murio despues que el fue muerto por tal auentura nunca ouo ninguno que se adolesciesse delos fijos que eran muy pequeños y non auia ay pariente de parte de Su padre que los defendiesse y los parientes que ellos auian de parte de Su Madre querian⁸⁹⁷ que de ellos e quando este ome bueno amo de Abdarraha esto vio nembrosele del bien y de la Merced que le el su padre fiziera y Como se el fiaua del estonze tomo los ninos y fuesse con⁸⁹⁸

⁸⁸⁸ e con las dagas; e tanto se ferian que perdieron los cuchillos; los que mas dellos que detener se podian, se andavan tirando por los cabellos e se ferian con los puños (<+) *M.*

⁸⁸⁹ naciera *M.*

⁸⁹⁰ porque avia hi cosas con que sofrian la cuyta de la fanbre. E mucha de gente pasaron la mar *M.*

⁸⁹¹ aquel año el año de Barbate *M.*

⁸⁹² Moabia *M.*

⁸⁹³ Adelmeque el fijo de Abibe *M.*

⁸⁹⁴ guarescia *M.*

⁸⁹⁵ pagose del *M.*

⁸⁹⁶ salien el *M.*

⁸⁹⁷ mas pro de su madre (<+) *M.*

⁸⁹⁸ ellos (<+) *M.*

[fl. 60] para Mirauomelin y Contole⁸⁹⁹ el fecho de Su padre assi Como Vos ya oisteis y Mirauomelin nembrosele del amor que tenia⁹⁰⁰ a Su padre y mando que tomasse el los ninos y mando queles diessen⁹⁰¹ loque auian menester y fizoles Criar ansi Como Sus fijos que mejor non podrian y quando ellos fueron tan grandes que iban leer enla [al M] escuela⁹⁰² avia ensu Cassa de Mirauomelin ome muy Saudor delas Cossas que auian de venir y auia nombre Medemec et estando ⁹⁰³ los niños todos ante el tomo abdarrahame vno delos ninos en Sus brazos y comenzolo delo bessar y delo folgarse⁹⁰⁴ Con esto lleo Mirauomelin y pregunto aquel Saudor porque fazia aquello aquel niño y lo nonfacia alos otros y dijo aquel Saudor yo se porque lo fago porque este Sera mejor que ninguno de Sus compañeros Ca el Sera Senor del Mar y el Comenzara muchas Cossas a que dara muy buena Cima del abran⁹⁰⁵ miedo los dela Cassa de Jerusalem y a el obeceran tales Jentes que marauilla Sera quando esto oyo Mirauo

[fl. 60v] melin fizolo guardar y fizolo mas honrra que de antes fazia e tanto que el y su hermano fueron tales que podieron Sofrir afan de armas dioles Mirauomelin gran poder de Caualleros y de otra Jente y fizome Cabdillo de otros ⁹⁰⁶ y mandonos que tomassemos toda la tierra que fuera de su padre y nos anssi lo fezimos Cala teniamos⁹⁰⁷ toda y finco en ellas su hermano por rey y el vinose para Mirauomelin y poglolo mucho a Mirauomelin desde se Viniera y diole luego aver de Vassallos⁹⁰⁸ e mando que fuessen ado auian menester y ala merced de Dios dio buena Cima aloque Comenzo tan grandes fechos fizo que non Sauemos agora ome enel mundo quelos tan grandes Comenzasse de esta guissa fue la fazienda de Abdarrahame y de Moauia Su padre alli Abdarrahame tomo de todas Cossas⁹⁰⁹ quelos Moros auian en España pero que les nontomo cassas nin viñas nin villas nin cossa de esso Su Señorío y despues que por esta guissa los asosego y tomoles las Villas y los Castillos y despues que esto ouo tomado alos Moros

[fl. 61] y fue Senor de todos Comenzo Conlos Christianos guerra y mouio de Seuilla y vino a tomar a Vexar⁹¹⁰ a Euora y a Santaren y alixbona y a todo Algarue⁹¹¹ y este Cerco los Christianos de Espana⁹¹² ouo Villa nin Castillo que sele defendiesse Sino aquellos que se acogieron alas asturias⁹¹³ y este nunca lleo en España a buena yglesia que la non estruyesse y auia en Espana muchas y buenas de tiempo delos Godos y delos romanos y este tomava todos los Cuerpos delos que los Christianos Creian y adraban⁹¹⁴ y llamaban Santos y quemabalos todos y quando esto vieron los Christianos cada vno Como podia fuir fuio Con estas Cossas tales para las Sierras y para los lugares

⁸⁹⁹ todo (<+) *M.*

⁹⁰⁰ avia *M.*

⁹⁰¹ mandoles dar *M.*

⁹⁰² leer al escuela *M.*

⁹⁰³ vn dia (<+) *M.*

⁹⁰⁴ falagar *M.*

⁹⁰⁵ averan *M.*

⁹⁰⁶ todos *M.*

⁹⁰⁷ tomamos *M.*

⁹⁰⁸ aver e vasallos *M.*

⁹⁰⁹ todas las cosas *M.*

⁹¹⁰ Beja *M.*

⁹¹¹ todo el Algarve *M.*

⁹¹² en guisa que nunca en España (<+) *M.*

⁹¹³ Esturias *M.*

⁹¹⁴ adoravan *M.*

fuertes y todas las mas delas Cossas que en España auia honrradas Segun la fee delos Christianos⁹¹⁵ lleuaron alas Sierras y alas Montañas e quando el entro en Valencia tenian hi los Christianos que hi moraban vn Cuerpo de vn ome que auia nombre Viceinte⁹¹⁶ e orauanlo

[fl. 61v] Como Si fuesse Dios y los que tem an⁹¹⁷ aquel Cuerpo fazian Creiente ala otra gente que fazia Ver los Ciegos y fablar los Mudos y andar los Coxos⁹¹⁸ de esta guissa enSeocaban⁹¹⁹ alas gentes que eran Sandias y quando ellos Vieron a Abderrahame ouieron miedo que el que Sabria de esta burla y fueron Conel y dijo Avelacen⁹²⁰ vn Caballero natural de fez que andaua Consu Compañia a monte en la riuera dela Mar que fallara en Cauo dela rie<rr>a⁹²¹ que Va Sobre el Algarue y entra Sobre aquella Mar delixuona el Cuerpo de aquel ome Conquelos Christianos fueron de Valencia y que fizieron hi Cassas en que Moraban y que matara el los omes y que dejara hi los guessos del ome y Abderrahame fue Justiano⁹²² rey e ouo en Espana muchas lides que el Vencio y aSu honrra que despues que el fue Senor de España Selealzaron muchas Villas y todas las el gano Mucho a Su honrra y Sin Su daño et tiempo fue que venieron Contrael en España veinte mil omes a Cavallo e Venciolos atodos

[fl. 62] y quedo dende el por Señor e Mato e prendio loque el quisso y quando esto fue andaua la era delos Moros en Ciento y quarenta y vn años y Abderrahame auia vn fijo que reuia⁹²³ en Beja Consus Mugeres fijas de algo e muy fermossas y en Euora fincaron vna fija de Jufez el otro Rey que fuera ante de Abderrahame y era muy fermossa a Marauilla e auia hi lugares muy nobles que Su padre le mando⁹²⁴ y Cossas muy nobles que Su padre le mando fazer y quando el fijo de Abdarrahame oyo decir que tal nunca⁹²⁵ auia en Euora embiole Sus Cartas y embiles⁹²⁶ Sus donas muy ricas y ella nonge las precio nada nin quisso fazer por el ninguna Cossa⁹²⁷ que el hi muyara⁹²⁸ a decir a vnSu hermano que era Señor de Eluira por otorgamento⁹²⁹ de ella ouo muy gran pessar e tomo la mas gente que pudo auer e Vinose para Vexa⁹³⁰ y entro enelalcazar y tomo las doncellas las mas fermosas que ay fallo y por desonrra de ella laminechose⁹³¹ Con ellas e lleuolas a su hermana y dijole esto fiz por lo que el fijo de

[fl. 62v] Abderrahame a Vos quissiera el fazer y como todo esto passo el alamin y echo empos del fijo de Jufez et alcanzolo en Granada que era Suyas y despues Salio a el el fijo de Jufez y lidio Con el y fue Vencido el fijo de Abderrahame y presso y anteque mas

915 todos los cristianos (<+>) *M.*

916 Veçeynte *M.*

917 tenian *M.*

918 çopos *M.*

919 anbauocavan *M.*

920 Abolaçen *M.*

921 sierra *M.*

922 justiçiero *M.*

923 tenia *M.*

924 dexara *M.*

925 muger *M.*

926 enbioles *M.*

927 e enbiole dezir todas aquellas cosas (<+>) *M.*

928 le enbiara *M.*

929 del rrei. E el ermano (<+>) *M.*

930 Beja *M.*

931 por desonra de Alamine *M.*

fuesse Sauido Soltale y diolo a reenes⁹³² por si enquele deuisse lo que le prometiera que el lo prometeria que nunca le Mal fiziesse poraquella desonrra que les fizo y Nuncales Catasse mala el y a su hermano⁹³³

y despues que el fue Suelto Sopolu Su padre en como fuera y llevo Su Jente y ouo alidiar Con el fijo de Jufez y Venciole y prendiole dos fijos muy buenos fijos y mozos porque Su padre fuera tan ossado en tomar a Beenes⁹³⁴ de Su fijo y el fuyo para el termino de Toledo y alongado dela tierra en que Viuia⁹³⁵ y despues a tiempo Vassallos de Abderrahame le cortaron la Caueza e levantaronla⁹³⁶ en presente de Abderrahame y esto Abderrahame fizo Muchas Cossas buenas y muy prouechosas para la tierra y

[fl. 63] este fizo los arracifes quetrauiessan los Montes y los Valles de España etel fizo buenas⁹³⁷ Cossas que Marauilla es de Contar e quando andaua la era delos Moros en Ciento y Sesenta y nueue años Comenzo este Abderrahame a fazer el fundamento para la mezquita de Cordouay encimola⁹³⁸ vn año e en su tiempo de este Abderrahame paso Amanzor⁹³⁹ a España y amanzor era primo hermano⁹⁴⁰ de parte de Su Madre y este almanzor fue ome de gran Sesso y gran Corazon y fizo Muchas y buenas lides ca le dio Abderrahame cuanta Jente el queria que⁹⁴¹ le Cumplia et Mando a todos que fiziessen Su mandado a Dulante e Adulante y Jufaz fijo de Fazon⁹⁴² y Alcouar fijo de Alcoua y Beydala fijo de Osme et Obiosme⁹⁴³ et Abela fijo de Agale⁹⁴⁴ y Jufez fijo de Fozen et Abubelde⁹⁴⁵ fijo de Melido y otros muchos que vos non podriamos contar e todos eran priuados del rey y desu Consejo y elque Menos Vassallos auia de estos que vos dijimos passaban de quatrocientos Caballeros

[fl. 63v] y Abderrahame auia dos fijos y en su tiempo siendo el Viuo erael vno Señor de Merida y el otro de Toledo e quando andaua la era delos Moros en Ciento y Sesenta⁹⁴⁶ e vn años Murio Abderrahame fijo de Moauia⁹⁴⁷ y murio en Martes veinte y tres dias de Abril y auia que naciera Cinquenta y nueue años y tres Messes y quatro dias por este fizieron gran llanto⁹⁴⁸ los Viejos y los Manzebos los grandes y los pequeños y a este fizieron mucha rica Sepoltura dentro el Alcazar de Cordoua y Soterraronle hi mucho honrradamente

Despues que este fue muerto Alzaron por rey vn fijo de Abderrame queauia nombre Osmen y era ome entendido y de buen Soeso⁹⁴⁹ y de buen Recabdo e quando Zuleman Sopo dela muerte de su padre y Como Su hermano era rey pessole mucho de Corazon y

932 arrahenes *M*.

933 ni a su hermana *M*.

934 arrahenes *M*.

935 bevia *M*.

936 levaronla *M*.

937 calçadas que van de las vnas villas para las otras; e este fizo tan buenas (<+) *M*.

938 en vn año *M*.

939 Almançor *M*.

940 cormano *M*.

941 queria cada que *M*.

942 primeramente Adulande e Adulatar e Yuçaf fijo de Façon *M*.

943 Abiosmen *M*.

944 Adela fijo de Alade *M*.

945 Abubeyde *M*.

946 setenta *M*.

947 Mohabia *M*.

948 en España (<+) *M*.

949 seso *M*.

embio por todos los Suyos que eran Sus Vasallos y quito⁹⁵⁰ aquella mayor Jente que pudo y vino para Cordoua y Salio el rey a el y lidio Con el y venciole el rey y fizo rendir

[fl. 64] a todos aquellos que hi fueron y fizo tomar todas las Cossas que alli fallaron en la hueste de Zuleman y desi fizo matar a todos los pressos y Zuleman escapo de aquella Vataalla a poder de Cauallo y desi fuesse el rey Sobre Toledo y tomolo y mando a su hermano Cedo⁹⁵¹ de España Sino que le Cortaria la Caveza y quando esso⁹⁵² fue andaua la era delos Moros en Ciento y Setenta y quatro años e Mando dar el rey a su hermano Cinquenta Vezes Mil Maravedis por lo que el auia en España et Zuleman metiosse en vna Naue y fuesse allen Mar por⁹⁵³ la tierra delos barbaros y a este rey Se le alzo Zaragoza y leuantaron rey entre si a vno que llamaban Meluc⁹⁵⁴ y quando el rey Sopo lo que ellos auian echo⁹⁵⁵ guisso muy bien a Abidalah⁹⁵⁶ que era Muy buen Cauallero y diole muy gran poder y finco el aconsejandose Con dos hermanos de Matrahe⁹⁵⁷ que eran muy poderosos de auer y de amigos et Abidalah⁹⁵⁸ fue a Cercar a Zaragoza e ouo en ellas muy grandes lides e muchas feridas dela vna parte y dela otra

[fl. 64v] y nunca la pudieron ganar si vna Cossa non fuera: acaescio⁹⁵⁹ quelos dela Villa Conlos de fuera ouieron tregua y en la tregua Saliendo Motrahe⁹⁶⁰ fueradela Villa para ver su fabla Conlos de fuera Cortaronle la Cauesa y lleuaronleal Rey en presente y despues que el rey fue muerto entro Abidalah⁹⁶¹ enla Villa y echo todas las fuerzas⁹⁶² en tierra y fue la Villa en Su poder despues que el fizo enla Villa toda Su Voluntad Vinose para el rey⁹⁶³ agradeciosselo mucho y fizole mucha honrra y este rey ouo Muchas lides y buenas en Campo Conlos Christianos que fueron en España enque⁹⁶⁴ vencio y mato y⁹⁶⁵ fue Vencido y mal traecho y quando el reynaua andaua en España muchos herejes y estos auiantal Natura que luego les Conocia avnque Nunca fuessen feridos Conlos ojos nunca se tirauan de vn lugar quando les decian que les querian tomar fasta quelos matasse et murio este rey en Miercoles Catorze dias andados de Abril quando andaua la era delos Moros en Ciento y ochenta anos y auia quelyaziera

[fl. 65] laziera⁹⁶⁶ fasta que murio treinta y nueve años y quatro Messes y ocho dias y fue ome drecho y de buena Justicia =====

Despues que este fue muerto alzaron por rey a vn fijo pequeño y non quissieron atender a el otro fijo Maior que el tenia que fuera a Conquistar⁹⁶⁷ tierras allen mar y llevaba

⁹⁵⁰ guiso *M.*

⁹⁵¹ que le saliese çedo *M.*

⁹⁵² esto *M.*

⁹⁵³ para *M.*

⁹⁵⁴ Motrec *M.*

⁹⁵⁵ fecho *M.*

⁹⁵⁶ Abydalalah *M.*

⁹⁵⁷ Motrahe *M.*

⁹⁵⁸ Bydalalah *M.*

⁹⁵⁹ asi *M.*

⁹⁶⁰ Motrahe *M.*

⁹⁶¹ Bidalalah *M.*

⁹⁶² fortalezas *M.*

⁹⁶³ E el rrei *M.*

⁹⁶⁴ muchos (<+) *M.*

⁹⁶⁵ en que (<+) *M.*

⁹⁶⁶ naciera *M.*

⁹⁶⁷ conquistar *M.*

Consigo muy gran hueste⁹⁶⁸ para fazer guerra por mar e quando este hermano Maior Sopo dela Muerte de Su padre et Sopo lo que fizieron pessole mucho e vinosse Con ellos⁹⁶⁹ que el pudo para España el Vino a⁹⁷⁰ dezir a Su hermano que se guissase parala Vatalla que queria Sauer quienle fiziera rey que drecho⁹⁷¹ auia de Ser Suyo et quando Abdelmelich⁹⁷² Sopo estas nuebas e vido que eran verdaderas Jmbio luego por Sus Vassallos e antes de Cinco dias fueron Conel bien Cinco mil Caualleros y estos auian Cada vno deellos muchos vassallos et desi fuesse Contra Su hermano e lidiaron ambos muchas vezes y auia Omar la mejoría dela Vatalla pero ala Cima quiso Dios que fue el hermano

[fl. 65v] Maior Vencido e Muerto y despues que el Rey ouo la Vatalla Vencida vinose para Seuilla y repartio Su Jente assi como le Semejo mejor por Sus Villas Vassallos y por Sus Castillos desi folgo ensus Alcazares y fizo sus alcaldes⁹⁷³ y dioles Cossas Saudas por el trabajo que lleuaron et estonze Ca delante⁹⁷⁴ lo fiziera rey que guisse⁹⁷⁵ en España e este ouo Muchas lides y muy buenas en España Con muy grandes poderes de España e que el dio buena Cima a Su Voluntad y quando andaua la era delos Moros en Ciento y ochenta y seis años morio y reyno veinte y seis años y nueue Messes y Cinco dias =====

Despues que este murio alzaron por rey vn fijo de Abdebevalit⁹⁷⁶ que auia nombre abderramen⁹⁷⁷ y ante que su padre moriesse llamolo antesi y dijole fijo que tu ayas la mi bendicion para mientes entu hacienda y Conoce tu dios y no Juzges⁹⁷⁸ a Ninguno Sino drecho por amor quele ayas nin por tu amigo que Sea y paramiento Como España

[fl. 66] fue Sosegada et fijo non Sufras que el rico faga fuerza a el pobre y el fijo tomo bien Su Consejo del padre et fizo muy bien en Su hacienda et auia muy gran Sauor de traer ⁹⁷⁹ Muchos escuderos y y facialos Caualleros et [an]davalos muy buenos Ca[sti]llos et muy buenas armas y este fizo las fuertes alcazares⁹⁸⁰ en las Villas de España y este fizo traer las aguas delas Sierras alas Villas e este fizo las nobles mezquitas de España y este fizo fazer los nobles talares⁹⁸¹ para fazer los paños de pesso que fiziessen en España y este fue el primero⁹⁸² que en Su moneda fizo escribir Su Nombre y deque el lo mando fazer fizieronlo los otros reyes en España y el dejo alos Moros la diezma enquanto la non auian menester a este Jmbio el Señor de Constantinopla Su mensajero⁹⁸³ y Jmbiole Sus Cartas por la gran Nombrada ante los leales Caualleros

e quando este reynaua Vinieron a España los herejes por la Mar en Naues y la primera Villa enque aportaron fue en

968 gente *M.*

969 aquellos *M.*

970 e enbio *M.*

971 por derecho *M.*

972 Adelmelique *M.*

973 alcaldes *M.*

974 esto nunca de ante *M.*

975 oviese *M.*

976 Abdebnalit *M.*

977 Abdarrahamen *M.*

978 julgues *M.*

979 criar *M.*

980 alcaçabas *M.*

981 telares *M.*

982 primo *M.*

983 mensajería *M.*

[fl. 66v] Lixbona y toueronla Cercada e fizieron mucho daño en su termino y estos herejes rompieron el Muro de Sobre la Mar porque les tiraron el agua e tomabandelas fuentes de par del Muro y984 lleuaronla por Caños por el Muro a Muchos lugares dentro dela Villa y estos fizieron ay todo el daño que ellos podieron y llegaron hi en el mes de Marzo quando andaua la era delos Moros en docientos y Veinte y Siete años et quando vieron que non podian tomar a Lixbona fueron a Cadiz y tomaronla e dessi llegaron otras barcas en que andauan otros herejes e fueronSe Con estos e Cercaron a Seuilla e tomaronla por fuerza e desi fueron luego e Cercaron a Jerez985 y ellos yaciendo sobre ella guisso Su padre rey de España a Sus Jentes las mas guissadas queel pudo y Vino Sobre ellos Ca dios le mostro Su Verdad y Como quier quelos de España eran mas pocos quelos herejes y asignaron Su Vatalla para en el Campo y lidiaron con ellos y vencieronlos et mataronlos el Rey986 y nunca tantos ouo987 ala mano que los

[fl. 67] non Mandasse quemar que otra gracia del no auian y mando quemar todas las Barcas y tomoles988 grande algo a marauilla e despues que todo esto ouo acabado morio abdarahame y andaua la era de los Moros quando el murio en docientos y treinta e Seis años989

Despues que este Morio alzaron por rey vn fijo que auia Nombre Mafomat e quando el reynaua alzose en España Omar fijo de *lacuna*990 y lidio Conel y Matole en Campo et Morio este rey quando andaua la era delos Moros en docientos y991 tres años y reyno veinte y quatro años y diez messes y en toda Su Vida nunca le ome fizo guerra nin la fizo el a ome ninguno si non a este queVos dijimos en todo su tiempo Viuiarlos grandes992 en paz et en buena andanza y en alegria

Despues que este fue muerto alzaron por rey vnSu fijo que auia nombre almudir e quando lo fizieron Rey estaua el Con su hueste Sobre Omar fijo de fozen et quando le dijeron que Se llamaua

[fl. 67v] Rey nunca quiso Venir fasta quello prendio y lo mato y despues quello mato reyno vn año y onze messes y quince dias y Soterraronlo en el alcazar de Cordoua

Despues que este fue muerto alzaron por rey vn Su hermano que auia nombre Abdalla et quando su hermano murio estaban Con el omes que Se pagaban de Abdalla et luego que fue Muerto embiaronsele decir et el fizo alosconder993 el Cuerpo de Su hermano et non quiso que ninguno Se quejasse nin lo dijese a ninguno desi embia994 por todas partes995 los grandes omes que ay eran vnos a vnos y fablo Con ellos en tal guissa quello fizieron rey avnque les pesso este tomo el Castillo de Pulli y Sele azara996 e mato quantos hi moraban et morio el primer dia de Marzo quando andaua la era delos Moros en trecientos años y reyno el quinze años

984 ellos alçaronla por engeño ençima del muro e (<+) *M.*

985 Xerez *M.*

986 mataronles el rrei *M.*

987 pudo aver *M.*

988 tomaronles muy *M.*

989 E avia qu'el nasciera sesenta e dos años e seys meses (<+) *M.*

990 Dançe *M.*

991 setenta e (<+) *M.*

992 las gentes *M.*

993 vino e (<+) fizo asconder *M.*

994 enbio *M.*

995 todos (<+) *M.*

996 que se le allçara *M.*

Tanto que este Morio Alzaron por rey Abdarrame⁹⁹⁷ por Consejo y mandado

[fl. 68] de Mirauomelin y este fue ome de gran Sesso y de grande recabdo y muy esforzado e muy grande⁹⁹⁸ en Sus fechos e este ouo Muchos fijos y Muchas fijas y despues de Su muerte dejo en España Muchos⁹⁹⁹ fijos e Muchas¹⁰⁰⁰ fijas et dexos¹⁰⁰¹ de este reyno en España Cinquenta años e desi Murio

Despues que este Morio alzaron por rey vn Su fijo que auia nombre Alhacam¹⁰⁰² este reyno quinze años y desi Morio y desque españa fue ganada delos Moros Nunca en ella fue¹⁰⁰³ rey por que tanto ni tan grandes llantos fiziessen porque tanto llorassen la Jente assi Viejos Como los Manzebos¹⁰⁰⁴ Como los buenos Como los Malos et fazian grande drecho Ca mientra el reyno Siempre los de España fueron vnos y non auia hi tal que mal fiziessse vno a otro sinon por drecho e quando el Morio fincaron en España Sus hermanos muy pequeños e Cada vno de ellos queria Ser rey e Cada vno auia fijos de algo y Jente de Consejos que querian loque el queria e por esta razon non podian

[fl. 68v] auer rey pero ala Cima todos los ermanos ocho fueron acordados que fiziessen quanto mandassen los buenos omes el vno Morava en Cordoua y el otro en Beja y los omes buenos y los fijos de Algo¹⁰⁰⁵ y los fijos del rey fueron todos Juntados en Seuilla los omes ricos y los omes buenos estouieron en vno y ouieron Consejo y de Si Vinieronle para ellos y dijeronle assi Señores pues ansi es que auedes dejado este fecho en Nuestro entendimiento Nos tenemos por bien que Vos por Vuestro otorgamiento emuieis¹⁰⁰⁶ a Mirauomelin que es buen Señor y drecho¹⁰⁰⁷ y que Conoze mejor que Nos quien deue ser¹⁰⁰⁸ de Jente o qual deue Ser rey¹⁰⁰⁹ y el lo dira Sin miedo ninguno

y ellos dijeron que les placia y que decian muy bien y estonze embiaronlo a decir a Mirauomelin y este Mirauomelin fizo por esta razon poner en Escripto la hacienda del rey D Rodrigo y Componer este libro y quando receuis¹⁰¹⁰ este libro anssi Compuesto andaua la era delos Moros en trecientos y Sesenta y seis años y este Mirauomelin agradeciolo mucho

[fl. 69] y non quiso parar Mientes alo que de antes auian errado era Señor grande y de buen Sesso y auia gran poder y otrosi auia gran plazer Con aquellos que trabajaban yle fazian estas Cossas e tales¹⁰¹¹ y delos que eran Saudores y entendidos

Hasta aqui auia en el Orijinal de Rassis que tenia Ambrosio de Morales

⁹⁹⁷ Abdarra^hame *M.*

⁹⁹⁸ granado *M.*

⁹⁹⁹ nueve *M.*

¹⁰⁰⁰ çinco *M.*

¹⁰⁰¹ e herederos *M.*

¹⁰⁰² Elequen *M.*

¹⁰⁰³ vuo *M.*

¹⁰⁰⁴ ...como los pobres, commo los rricos... *M.*

¹⁰⁰⁵ dalgo *M.*

¹⁰⁰⁶ enbiedes *M.*

¹⁰⁰⁷ derechero *M.*

¹⁰⁰⁸ señor (<+) *M.*

¹⁰⁰⁹ e ome que non avera miedo nin verguença de dezir qual de uos deve ser rrei (<+) *M.*

¹⁰¹⁰ recibió *M.*

¹⁰¹¹ atales *M.*

V – CONCLUSÕES

V – CONCLUSÕES

Encontrámos um discurso laudatório que foi evoluindo ao longo de séculos, mais de milénio e meio, até se formalizar com Isidoro de Sevilha, que o designou como *Laude Spaniae*; e ter atingido a sua máxima expressão discursiva pelo punho dos dois al-Rāzī. Refundido no âmbito político almóada, coube a Ibn Ġālib dar-lhe a forma que acabou por se depositar na crónística romance, por intermédio da tradução de árabe para galaico-português, levada a cabo a mando dos Senhores de Aboim-Portel.

Tal discurso é a exaltação de uma ‘quase-ilha’ que teve, para as gentes do Mediterrâneo e durante cerca de dois milénios e meio, a importância, a força simbólica de ser o ‘finis terrae’, o fim do mundo habitado, então conhecido. Foi este o local onde se projectaram muitos dos mitos escatológicos da Antiguidade, mitos que, alguns deles, curiosamente passariam para o novo limite do mundo habitado, o chamado Novo Mundo.

Escolhida pela Divindade para ser o que é, a Hispânia foi colmada de bênçãos e de riquezas. Os Antigos viram-na como um quadrilátero, expressão da natureza dominada pelos quatro elementos, a «jangada de pedra» como alguém a designou recentemente, e que conduz, qual Caronte, ao fim do espaço conhecido, ao fim da existência (daí *Ocidente*) ao fim da memória, ao milagre (donde os messianismos de característica cor hispânica), à transcendência do comum (*ġarb* e *ġarīb* são palavras da mesma raiz). Aqui colocaram, os homens de então, Hércules e os seus trabalhos finais.

O Cristianismo fez do quadrilátero um triângulo, expressão concreta e física da eleição desta terra por uma expressão da Divindade que se entende, simultaneamente, una e trina. E, pelo menos os cristãos hispânicos, entre os quais Orósio, viram no seu conterrâneo Teodósio, e mais ainda por ser daqui natural, uma imagem messiânica, de quem se esperava a salvação do Império Cristão Romano. Isidoro de Sevilha, ante a debilidade estrutural da monarquia visigoda, exaltou a terra e o vínculo que a Divindade com ela estabelecera, e da qual o monarca era a expressão e o delegado para a sua manutenção. A falta a este compromisso, por parte de monarcas e de súbditos, a desobediência à Divindade, deu origem à punição, que consistiu no desaparecimento do Reino Visigodo e na sua substituição pelo poder islâmico.

No momento em que o poder islâmico se assumiu como expressão máxima na Comunidade do Islão, a condição Califal, este poder valeu-se, de forma clara, das heranças culturais hispânicas anteriores. Aí se afirmava, mais uma vez e também com contornos messiânicos, embora de cor islâmica, a condição especial das monarquias hispânicas, sagradas porque consorciadas com esta terra abençoada; e simultaneamente era dado um novo interesse, mais político do que real, à maioria moçárabe e às tradições de que a mesma era depositária.

Nesta tarefa estiveram empenhados os dois al-Rāzī, os quais compuseram uma das obras míticas da literatura hispano-árabe, a qual, por ter desaparecido, só adensou o mito em seu redor.

Usada por diferentes autores, em séculos sucessivos, acabou por passar à cronística romance, assumindo um importante papel na descrição do espaço ‘reconquistado’ e na concepção nobiliárquica do espaço peninsular. A sua descrição

espacial, a parte textual que se mantém mais próxima da sua matriz árabe, acabou por se manter em vigor, pelo menos até ao século XVII.

Também dessa época é o mais tardio autor árabe que usou o texto de al-Rāzī, al-Maqqarī.

O Apartado Geográfico das Crónicas (*CMR* e *C1344*), confrontado com os textos árabes mais ou menos devedores a al-Rāzī, deu-nos um paralelo muito significativo com o texto de Ibn Ġālib. Com este texto como base, poder-se-á reconstituir, com bastante aproximação, o texto árabe que foi traduzido para galaico-português, atentando especialmente em Yāqūt, al-Himyarī e no *Dhikr*.

As contribuições de origem latina são importantes, embora não muito substanciais, pelo que o possível esclarecimento que as mesmas poderiam trazer a este contexto textual (até onde se poderiam identificar passagens latinas que tivessem vindo através de al-Rāzī) acabou por não ser possível de realizar. A hipótese de reconstruir o texto de al-Rāzī parece-nos, pois, cada vez mais longínqua, embora não queiramos admitir a sua liminar impossibilidade.

Quanto ao ms. *LV*, tentámos uma inserção do mesmo no conjunto dos demais textos cronísticos, quer da *CMR* quer da *C1344*, articulando-o com os seus testemunhos mais antigos, respectivamente *Ca* e *M*, e também com um dos testemunhos da ‘reconstrução’ do século XVII, *Cop*.

Além da edição do ms. *LV*, tentámos ainda reconstituir o percurso do *Livro de Rasis*, desde que foi traduzido para galaico-português até que foi traduzido para castelhano e, mais tarde, foi integrado na *C1344*. Buscámos ainda identificar por quem e

quando se deram as traduções de português para castelhano do *Livro de Rasis* e, mais tarde, da *C1344*.

Acabámos, obviamente, em dois momentos distintos, com cerca de vinte anos de diferença um do outro, embora com uma coincidência: os indícios apontam para que o tradutor de ambas, autor material ou mentor das mesmas traduções, tivesse sido o poderoso Senhor de Vilhena, D. João Manuel, sobrinho do Rei-Sábio, e um dos principais letrados hispânicos do século XIV.

A proximidade literária, e até mesmo ideológica (ou não fossem dois dos mais poderosos senhores da Hispânia do seu tempo), entre D. Pedro Afonso, Conde de Barcelos e o Senhor de Vilhena, terá, de facto, existido.

Cremos, deste modo, ter ajudado a entreabrir mais algumas portas, quer no âmbito dos Estudos Hispano-Árabes, quer no da Cronística hispânica romance baixo-medieval.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

Fontes latinas

Anais, Crónicas breves e Memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra, ed. António CRUZ, Bibl. Públ. Municipal, Porto, 1968;

Crónica Mozárabe del 754 y Estudio crítico sobre la Crónica mozárabe de 754, ed. J. E. LÓPEZ PEREIRA, Anúbar, Zaragoza, 1980 (texto também conhecido como *Continuatio Hispana*);

Crónica Pseudo-Isidorianana (Cronica Gothorum a Sancto Isidoro editum), ed. A. BENITO VIDAL, Anúbar, Valência, 1961, (complementada com índices); *Cronica Gothorum Pseudo-Isidorianana*, ed. Th. MOMMSEN, Chronica Minora, 1894, II, pp. 377-388; *La Chronica Gothorum Pseudo-Isidorianana* (ms. Paris BN 6113) {ed. crítica, trad. y estudio de Fernando GONZÁLEZ MUÑOZ}, A Coruña, Toxosoutos, 2000;

IDÁCIO, *Crónica* (ed. José MARQUES [2ªed. rev. e aumentada]: *Crónica de Idácio. Descrição da invasão e conquista da Península Ibérica pelos Suevos (Séc. V)*, Braga, Livraria Minho, 1995;

Fontes Hispaniae Antiquae, Fasc. IX: «Las Fuentes de la Epoca Visigoda y Bizantinas», (ed. e coment. Roberto GROSSE), Barcelona, 1947;

Nomina Civitatem Ispanie Sedes Episcopaliū, ed. F. J. Simonet, *Historia de los mozarabes de España* (= *Memorias de la Real Academia de la Historia*, XIII), 1897-1903;

Portugaliae Monumenta Historica - I : Scriptores, Lisboa, 1856; > (BPE)

ORÓRIO, *História contra os Pagãos*, ed. e trad. de José CARDOSO, Braga, Universidade do Minho, 1986; *História Apologética. O livro 7 das «Histórias contra os Pagãos» e outros excertos*, ed. Paulo F. ALBERTO e Rodrigo FURTADO, Lisboa, Colibri, 2000;

RODERICI XIMENII DE RADA, *Historia de Rebus Hispaniae sive Historia Gothica*, ed. e estudo Juan FERNÁNDEZ VALVERDE, Turnholt, Brepols Ed., 1987;

IDEM, *Historia Arabum*, ed. J. Lozano Sanchez, Sevilha, 1974;

SANTARÉM, JOÃO DE, (Biclarense), *Crónica* {ed.critica e introdução de Carmen Cardelle de HARTMANN e Comentário histórico de Roger COLLINS}, Lisboa, Ed. Colibri, 2002;

SANTO ISIDORO, *Etimologias* (ed. J. OROZ RETA e M.A. MARCOS CASQUERO), Madrid, Ed. Católica, 1982;

IDEM, *Historia Gothorum* (ed. Cristóbal RODRÍGUEZ ALONSO), *Las Historias de los Godos, Vandalos y Suevos de Isidoro de Sevilla – Estudio, edición crítica y traducción*, Leon, Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”, 1975;

TUY, Lucas de, *Chronicon Mundi*, ed. J. PUYOL: *Crónica de España por Lucas, obispo de Tuy*, Madrid, Real Academia de la Historia, 1926.

Fontes romances

manuscritas

- *Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL)*

Crónica Geral de Espanha de 1344, versão refundida de cerca de 1460: ms. *Li*; Res.: cota: Cod. 8650, séc.XVII;

- *Biblioteca Pública de Évora (BPE)*

Crónica Geral de Espanha de 1344, versão refundida de cerca de 1460: ms. *Ev*; cota: CV/2-23, séc.XVII;

- *Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia - Lisboa*

Crónica Geral de Espanha de 1344, ms. *LV*, nº reg. 13.807;

Editadas

ALFONSO X, *Primera Crónica General*, (ed. Ramón MENÉNDEZ PIDAL), II ts., Madrid, Ed. Gredos, 1977;

Cronica del Moro Rasis, ed. Diego CATALÁN - Maria Soledad de ANDRES, Madrid, Gredos, 1975;

Crónica Geral de Espanha de 1344, ed. L.F.Lindley CINTRA, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1951-1961;

Crónica Geral de Espanha de 1344 [*História Geral de Hespanha*], (ed. incompl. por António Nunes de CARVALHO, do ms. *P*, da versão refundida de cerca de 1460, existente na Biblioteca Nacional de Paris), Coimbra, Imprensa Litteraria, 1863 (BNL, cota: Res. 177 A.);

I edición crítica del texto español de la Cronica de 1344 que ordenó el Conde de Barcelos don Pedro Alfonso, ed. Diego CATALÁN e Maria Soledad de ANDRES, Madrid, Gredos, 1971;

Fontes árabes

editadas

AL-BAKRÎ, *al-Masâlik wa-Mamâlik*, 2 vols., ed. A. Van Leuwen e A. Ferré, Cartago-Tunisia, al-Dâr al-‘Arabiyya li-l-Kitâb, 1992; tradução parcial castelhana por E.Vidal Beltrán, *Geografia de España*, col. *Textos Medievales*, 53, Anubar, Saragoça, 1982; trads.parcs.portuguesas Adel Sidarus e António Rei, “Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7, Mértola /Porto, CAM/ Afrontamento, 2001, p.37-72; António Rei, “Descrições Árabes do Espaço Algarvio, entre os séculos III h. / IX d.C. e VIII h. / XIV d.C.”, *Promontoria* 2, (2004), DHAP / Univ.do Algarve,

pp. 9-34; IDEM, “Coimbra e a sua região, segundo as fontes geográficas árabes”, in *A Cidade e o Campo. Estudos de História Rural e Urbana oferecidos a Iria Gonçalves*, FL-UL / FCSH-UNL, no prelo; IDEM, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo;

AL-HIMYARĪ, *Al-Rawd al-Mi'târ*, ed. Ihsân ‘Abbâs, 2ªed., Beirute, Nasser Foundation for Culture, 1980; trad. parc. francesa por E. Lévi-Provençal, *La Péninsule Ibérique au Moyen Âge d'après le “Kitâb rawd al-mi'târ fi habar al-aktâr” d'Ibn ‘Abd al-Mun'im al-Himyari*, Leiden, E.J.Brill, 1938; trad. parc. castelhana de Maria Pilar Maestro González, *Kitab ar-rawd al-mi'tar*, Valência, Anubar, 1963; trads.parcs.portuguesas Adel Sidarus e António Rei, “Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7, Mértola /Porto, CAM/ Afrontamento, 2001, p. 37-72; António Rei, “Descrições Árabes do Espaço Algarvio, entre os séculos III h. / IX d.C. e VIII h. / XIV d.C.”, *Promontoria* 2, (2004), DHAP / Univ.do Algarve, pp. 9-34; IDEM, “Santarém e o Vale do Tejo na geografia árabe”, *Arqueologia Medieval* 9 (2005), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 61-75; IDEM, “Coimbra e a sua região, segundo as fontes geográficas árabes”, in *A Cidade e o Campo. Estudos de História Rural e Urbana oferecidos a Iria Gonçalves*, FL-UL / FCSH-UNL, no prelo; António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, vol.1, pp. 53-91; IDEM, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo;

DhIKR BILĀD AL-ANDALUS, ed. e trad. cast. por Luis Molina, *Una Descripción anónima de al-Andalus*, 2 vols., Madrid, CSIC, 1983; trads. parcs. portuguesas Adel Sidarus e António Rei, “Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7, Mértola /Porto, CAM/ Afrontamento, 2001, p.37-72; António Rei,

“Descrições Árabes do Espaço Algarvio, entre os séculos III h. / IX d.C. e VIII h. / XIV d.C.”, *Promontoria* 2, (2004), DHAP / Univ.do Algarve, pp. 9-34; IDEM, “Santarém e o Vale do Tejo na geografia árabe”, *Arqueologia Medieval* 9 (2005), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 61-75; IDEM, “Coimbra e a sua região, segundo as fontes geográficas árabes”, in *A Cidade e o Campo. Estudos de História Rural e Urbana oferecidos a Iria Gonçalves*, FL-UL / FCSH-UNL, no prelo; IDEM, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo;

IBN ĠĀLIB, *Farhat al-anfus*, ed. L. ‘Abd al-Badī’, *Revista del Instituto de Manuscritos Arabes*, I / 2, 1995, pp.272-310; trad. parc. cast. J.Vallvé Bermejo, “Una descripción de España de Ibn Ġālib”, *Anuário de Filologia da Universidade de Barcelona*, I, 1975, pp. 369-384; trad. parc. M^a.Rosario Pérez Sáez, “Córdoba y su mezquita Aljama según la descripción de la crónica «Farhat al-anfus» de Ibn Ġālib”, *Awraq Jadida*, 7-8 (1984-85), p. 27-30; J.Vallvé, “La descripción de Córdoba de Ibn Ġālib”, *Homenaje a Pedro Sainz Rodríguez, III:Estudios Históricos*, Madrid, 1986, pp.669-79. Recensão de Emilio Garcia Gómez à ed., in *Al-Andalus* XXII (1957), p.229-32; trans. parcs. portuguesas Adel Sidarus e António Rei, “Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7, Mértola /Porto, CAM/ Afrontamento, 2001, p.37-72; António Rei, “Descrições Árabes do Espaço Algarvio, entre os séculos III h. / IX d.C. e VIII h. / XIV d.C.”, *Promontoria* 2, (2004), DHAP / Univ.do Algarve, pp. 9-34; IDEM, “Santarém e o Vale do Tejo na geografia árabe”, *Arqueologia Medieval* 9 (2005), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 61-75; IDEM, “Coimbra e a sua região, segundo as fontes geográficas árabes”, in *A Cidade e o Campo. Estudos de História Rural e Urbana oferecidos a Iria Gonçalves*, FL-UL / FCSH-UNL, no prelo; IDEM, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo; IDEM, “A

legitimação califal do poder almóada na ‘Geografia de Ibn Ġālib’, *Xarajib* 5 (2006), CELAS, Silves, pp. 71-77; IDEM, “A memória do al-Andalus ‘āmīrī na Crónica do Mouro Rasis e na Crónica Geral de Espanha de 1344”, *Actas do Colóquio Internacional «Al-Mansûr ibn Abî ‘Âmir e a Península Ibérica»*, Novº 2002, CIDEHUS/UE, no prelo; IDEM, “Ibn Ghâlib, vida e obra: notas identificativas”, *Arqueologia Medieval* 10, Mértola / Porto, CAM / Afrontamento, no prelo; IDEM, “Ibn Galib, nuevos datos sobre su vida y su obra”, *Al-Qantara*, CSIC, no prelo;

AL-IDRĪSĪ, *Nuzhat al-Muštāq* (ou *Kitāb Rujjār*), ed. E.Cerulli et all.(Ed.C), *Opus Geographicum*, 9 fascl., Napoles-Roma, IUON-IIMEO, E.J.Brill, [Leyden], 1975; trad. portug. J.P. Machado, “A Península Hispânica segundo um Geógrafo Árabe do Séc. XII” *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, nº1-3, 1964, pp. 17-53; António Rei, “Santarém e o Vale do Tejo na geografia árabe”, *Arqueologia Medieval* 9 (2005), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 61-75; IDEM, “Coimbra e a sua região, segundo as fontes geográficas árabes”, in *A Cidade e o Campo. Estudos de História Rural e Urbana oferecidos a Iria Gonçalves*, FL-UL / FCSH-UNL, no prelo; António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, vol.1, pp. 53-91; António Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo;

IBN SA‘ĪD, *al-Muġrib fī hulā l-Maġrib*, ed. Šawqī Dayf, Cairo, Dār al-Maaref, 1964; trad.parc.espanhola de Mª Jesús Viguera Molins, “El «reino» de Badajoz en el ‘Mugrib’ de Ibn Sa‘īd”, *Bataliús II*, Madrid, Letrúmero, 1999, pp. 225-248; trads.parcs.portuguesas Adel Sidarus e António Rei, “Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7, Mértola /Porto, CAM/ Afrontamento, 2001, p.37-72; António Rei, “Outros espaços do Gharb al-Andalus”, *Al-Furqán*, nº 124

(2001), Loures, pp.18-19; IDEM, “Descrições Árabes do Espaço Algarvio, entre os séculos III h. / IX d.C. e VIII h. / XIV d.C.”, *Promontoria* 2, (2004), DHAP / Univ.do Algarve, pp. 9-34; IDEM, “Santarém e o Vale do Tejo na geografia árabe”, *Arqueologia Medieval* 9 (2005), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 61-75; IDEM, “Coimbra e a sua região, segundo as fontes geográficas árabes”, in *A Cidade e o Campo. Estudos de História Rural e Urbana oferecidos a Iria Gonçalves*, FL-UL / FCSH-UNL, no prelo; IDEM, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo;

IBN AL-ŠABBĀT, *Silat al-simt*, ed.al- ‘Abbādī, *Tarīkh al-Andalus li-Ibn Kardabūs wa-wasfu-hu li-Ibn al-Shabbāt*, Madrid, Instituto de Estudios Egipcios e Islámicos, 1971; E.de Santiago Simón, “Un fragmento de la obra de Ibn al-Shabbāt (s.XIII) sobre al-Andalus”, *CHI* 5 (1973), p.5-89; trads.parcs.portuguesas Adel Sidarus e António Rei, “Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7, Mértola /Porto, CAM/ Afrontamento, 2001, p.37-72; António Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo;

AL-MAQQARĪ, *Nafh al-Tīb*, ed. I. ‘Abbās, 2^a. ed, 8 vols., Beirute, 1988; trad.parc.inglesa Pascual de Gayangos, *The History of Mohammedan Dynasties in Spain*, Nova Iorque-Londres, 2 vols., 1964 (reimp.da ed.1840); António Rei, “Santarém e o Vale do Tejo na geografia árabe”, *Arqueologia Medieval* 9 (2005), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 61-75; António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, vol.1, pp. 53-91; Antonio Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo;

AL-QAZWĪNĪ, *Āthār al-bilād*, ed. Beirute, Dār Sâder, 1380/1960 ; trad.parc.cast.por

Fátima Roldán, *El Occidente de al-Andalus en el “Áthâr al-bilâd” de al-Qazwînî*, Sevilha, Alfar, 1990; trads.parcs.portuguesas Adel Sidarus e António Rei, “Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7, Mértola /Porto, CAM/Afrontamento, 2001, p.37-72; António Rei, “Descrições Árabes do Espaço Algarvio, entre os séculos III h. / IX d.C. e VIII h. / XIV d.C.”, *Promontoria* 2, (2004), DHAP / Univ.do Algarve, pp. 9-34; IDEM, “Santarém e o Vale do Tejo na geografia árabe”, *Arqueologia Medieval* 9 (2005), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 61-75; IDEM, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo;

AL-RUŠĀTĪ, *Iqtibās al-anwār*, ed.E. Molina López e J.Bosch Vilá, Madrid, CSIC, 1990; trad. parc. espanhola M^a. Ángeles Pérez Álvarez, *Fuentes Árabes de Extremadura*, Univ.Extremadura, 1992, p.47-50; trads.parcs.portuguesas Adel Sidarus e António Rei, “Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7, Mértola /Porto, CAM/Afrontamento, 2001, p.37-72; António Rei, “Outros espaços do Gharb al-Andalus”, *Al-Furqân*, nº 124 (2001), Loures, pp.18-19; António Rei, “Santarém e o Vale do Tejo na geografia árabe”, *Arqueologia Medieval* 9 (2005), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 61-75; IDEM, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo;

AL-‘UDĥRĪ, *Tarsī‘ al-akhbār*, ed.‘Abd al-‘Azîz al-Ahwânî, Madrid, IEEI, 1965; trad. parc. espanhola Rafael Valencia, “La Cora de Sevilla en el «Tarsī‘ al-Ajbâr» de Ahmad b. ‘Umar al-‘Udhri”, *Andalvcia Islamica* IV-V (1983-86), p. 107-43; trad.parc.espanhola, Fernando de la Granja, “La Marca Superior en la obra de al-‘Udhri”, *Estudios de Edad Media de la Corona de Aragón*, VIII (1967), p. 447-545; trads.parcs.portuguesas Adel Sidarus e António Rei, “Lisboa e o seu Termo nos

Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7, Mértola /Porto, CAM/ Afrontamento, 2001, p.37-72; António Rei, “Outros espaços do Gharb al-Andalus”, *Al-Furqán*, nº 124 (2001), Loures, pp.18-19; António Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo; António Rei, “Descrições Árabes do Espaço Algarvio, entre os séculos III h. / IX d.C. e VIII h. / XIV d.C.”, *Promontoria* 2, (2004), DHAP / Univ.do Algarve, pp. 9-34; IDEM, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-XVII)*, no prelo;

ŪRŪSIYŪS, *Ta’rīkh al-‘alam*, ed. ‘Abd al-Rahmân Badawî, Beirute, 1982; Mayte PÉNELAS (ed. e estudo), *Kitāb Hurūšiyūš* (Traducción Árabe de las *Historiae adversus Paganos* de Orosio), Madrid, CSIC, 2001;

YĀQŪT, *Mu‘jam al-buldân*, ed. Beirute, 5 vols., 1957; trad.parc.cast. Gamal ‘Abd al-Karīm, “La España musulmana en la obra de Yâqût”, *Cuadernos de Historia del Islam*, 6, 1974, pp. 60-307; trad.parc.cast. J.A.Rodriguez Lozano, “Nuevos topónimos relativos a al-Andalus en el *Mu‘jam al-buldân* de Yâqût”, *Cuadernos de Historia del Islam*, 8, 1977, pp. 57-84; trad.parc.portuguesa Adel Sidarus e António Rei, “Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7, Mértola/Porto, CAM/ Afrontamento, 2001, p. 37-72; António Rei, “Descrições Árabes do Espaço Algarvio, entre os séculos III h. / IX d.C. e VIII h. / XIV d.C.”, *Promontoria* 2, (2004), DHAP / Univ.do Algarve, pp. 9-34; IDEM, “Santarém e o Vale do Tejo na geografia árabe”, *Arqueologia Medieval* 9 (2005), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 61-75; IDEM, “Coimbra e a sua região, segundo as fontes geográficas árabes”, in *A Cidade e o Campo. Estudos de História Rural e Urbana oferecidos a Iria Gonçalves*, FL-UL / FCSH-UNL, no prelo; António Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (séc. IX-*

XVII), no prelo;

Fontes literárias

AL-ŠAQUNDĪ, *Risāla fī faḍl al-Andalus (Epistola sobre a excelência de al-A.)*, ed. em AL-MAQQARĪ, *Nafḥ al-Tīb*, IV, cap. VII, pp.186-222 ; trad. castelhana E. GARCÍA GÓMEZ, «Elogio del Islam Español», in *Andalucia contra Berberia*, Univ.de Barcelona, 1976, pp. 43-141.

IBN ḤAZM, *Risāla fī faḍl al-Andalus (Epistola sobre a excelência de al-A.)*, ed. em AL-MAQQARĪ, *Nafḥ al-Tīb*, IV, cap. VII, pp. 156-186 ; trad.franc. Ch. PELLAT, “Ibn Ḥazm, bibliographe et apologiste de l’Espagne musulmane”, *Al-Andalus* XIX (1954), p. 53-102 ;

fontes secundárias

ABŪ’L-BAQĀ AL-RUNDĪ, *Qasīda nūniyya (qasīda em nūn)* ou *Rithā’u Iṣbīlya (apud ‘Umar Farūq ‘Abd Allāh, Riṭā’u Iṣbīlya / Lamento de la caída de Sevilla*, Conferência na Academia de Yusuf I, Granada, 1982, 3 pp. [2 pp. árab; 1 p. castelhano], policop.).

ABŪ ḤĀMID AL-ĠARNĀTĪ, *Al-Mu’rib ‘an ba’d ‘aja’ib al-Magrib*, ed. Ingrid BEJARANO, Madrid, CSIC, 1991;

COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, 2ª ed., 2 vols., Lisboa,

Caminho, 1989 (1ª.ed: Seara Nova, 1972-75);

CORRAL, Pedro del, *Cronica Sarracina* ou *Cronica del Rey don Rodrigo postrimero Rey de los Godos*, Alcalá de Henares, 1587; ed. James D. FOGELQUIST, 2 vols., Madrid, Ed. Cortalia, 2001;

De Expugnatione Lyxbonensi : A Conquista de Lisboa aos Mouros. Relato de um Cruzado, ed., trad. e notas de Aires A. NASCIMENTO, introd. de Maria João V. Branco, Lisboa, Vega («Obras clássicas da Literatura Portuguesa. Literatura Medieval, 96»), 2001; *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147) Osberno*, trad. de José Augusto de OLIVEIRA, pref. de Augusto Vieira da Silva, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1935 (2.ª ed., 1936); *Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147. Carta de um Cruzado inglês que participou nos acontecimentos*, apres. e notas de José da Felicidade ALVES, Lisboa, Livros Horizonte («Cidade de Lisboa, 4»), 1989;

IBN ABĪ ZAYD AL-QAYRAWĀNĪ, *La Risâla*, ed. bilingue árabe-francês, trad. e notas de Léon BERCHER, 8ª. Ed., Argel, 1980;

IBN AL-‘ARABĪ, *Islamic sainthood in the fullness of time (‘Anqâ Mughrib fî Ma‘rifati Khatmi-l-Awliâ’ wa Shams al-Maghrib)*, trad. ingl. e estudo de Gerald T. ELMORE, *Ibn al-‘Arabi’s Book of the Fabulous Gryphon*, Leyden, E.J. Brill, 1999;

IBN ‘ARABI, *Les Soufis d’Andalousie* (Introd.e Trad. R. W.J. Austin ; trad.francesa Gérard Leconte), Paris, Sindbad, 1979;

IBN HĀZM, *El Collar de la Paloma* (trad. Emílio GARCÍA GÓMEZ), 5ª.ed., Madrid, Alianza Editorial, 1981;

IBN ‘IDhĀRĪ, *Al-Bayân al-Muġrib*, ed. A. Huici Miranda: *Los Almohades*, Tetuão, 1953;

IBN SA‘ĪD, *Kitāb Rāyāt al-Mubarrizīn*, ed. e trad. castelhana E. GARCÍA GÓMEZ, *El Libro de las Banderas de los Campeones, de Ibn Sa‘īd al-Maġribi*, Madrid, Instituto de Valencia de Don Juan, 1942;

JIMÉNEZ DE RADA, Rodrigo, *Historia Arabum*, ed. J. Lozano Sanchez, Sevilha, 1974;

LEÃO, Duarte Nunes de, *Descrição do Reino de Portugal*, Lisboa, Impreŝo por Iorge Rodriguez, 1610 (BPE, cota: N.Res.1021);

IDEM, *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa*, ed. Mª. Leonor Carvalhão Buescu (com introd., leitura e notas), Lisboa, INCM, 1983;

IDEM, *Chronica del Rei Dom Afonso Henriquez*, in *Primeira parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, Porto, Lello & Irmão Ed., 1975;

Livro dos Conselhos de El-Rei D.Duarte (Livro da Cartuxa), Lisboa, Estampa, 1982;

Livro dos Bens de D. João de Portel (O). Cartulário do século XIII (ed. Pedro de

AZEVEDO com ‘Notícia histórica’ de Anselmo Braancamp FREIRE), in *Arquivo Histórico Português*, 1906 -1910, 2ª.ed. fac-sím., Ed.Colibri / Câmara Municipal de Portel, 2003;

PELLAT, Charles, “Ibn Hazm, bibliographe et apologiste de l’Espagne musulmane [‘Risâla fî fadl al-Andalus’ (Epístola sobre a excelência de al-A.)]”, *Al-Andalus* XIX (1954), p. 53-102;

PEREIRA, Gabriel, *Documentos Históricos da Cidade de Évora*, 2ª ed. (fac-sím.da de 1887-91), Lisboa, INCM. 1998;

RESENDE, André de, *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, ed. e estudo Flório J. Oliveira, *A Cidade de Évora* 27-28 (1952), p.247-63; 29-30 (1952), p.395-407; 31-32 (1953), 207-15; 33-34 (1953), p.459-73;

BIBLIOGRAFIA

AA.VV., *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magrebe (500-1500) - Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos* (coord. Isabel Cristina F. Fernandes), Câmara Municipal de Palmela/ Ed.Colibri, 2002;

AA. VV., *Património Islâmico dos Centros Urbanos do Algarve: Contributos para o Futuro - Comunicações apresentadas nos Seminários de Faro, Tavira e Loulé [Actas]*, Comissão de Coordenação Regional do Algarve, 2001,

ABAD, Francisco, “El Islam y el concepto de España en la Edad Media”, *Anaquel de Estudios Árabes* III (1992), Editorial Complutense, UCM, pp. 61-72;

‘ABD AL-KARÎM, Gamal, *Al-Andalus en el «Mu‘jam al-Buldân» de Yâqût*, Univ.de Sevilla, 1972;

IDEM, “Las Ideas arabes en el Descubrimiento de America, según las fuentes arabes andalusíes”, *Revista del Instituto Egipcio de Estudios Islámicos* XXVI (1993-1994), Madrid, pp. 83-90;

AGRIPA, Marco Vipsanio, www.artehistoria.com/historia/personajes/4426.htm

ÁVILA NAVARRO, Maria Luísa, “La proclamación (*bay‘a*) de Hišām II”, *Al-Qantara* I (1980), pp.79-114;

AGUDO BLEYE, Pedro, e BOSCH GIMPERA, Pedro, “La Conquista de España por Roma...”, *HE-MP*, t.II, p. 9-285;

AGUILAR, Victoria, “Instituciones militares. El ejército”, *HE-MP*, t. VIII-2, *El Retroceso Territorial de al-Andalus – Almorávides y Almohades. Siglos XI al XIII* (dir. Maria Jesús VIGUERA MOLÍNS), Madrid, Espasa-Calpe, 1997, pp. 189-208;

AGUIRRE SÁDABA, F. J. e JIMÉNEZ MATA, Maria C., *Introducción al Jaén islámico. Estudio geográfico-histórico*, Jaén, 1979;

AHMAD, S. Maqbul, e F. TAESCHNER, “Djughrâfiyâ”, *E.I.*2, t. II, pp. 590-605;

ALBERTO, Paulo F., “Orósio e Constantino (*hist.* 7, 28)”, *Clássica* 22, pp. 133-159;

ALEMANY BOLUFER, José, *La Geografía de la Península Ibérica en los textos de los escritores griegos y latinos*, septª. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Madrid, 1911;

IDEM, «La Geografía de la Península Ibérica en los autores árabes», *Revista del Centro de Estudios Historicos de Granada y su Reino*, t.IX (1919), p. 109-72; t.X (1920), p. 121-4; t.XI (1921), p.1-40;

IDEM, «La Geografía de la Península Ibérica en los escritores cristianos, desde San Isidoro hasta el siglo XVI», *Revista del Centro de Estudios Historicos de Granada y su Reino*, t.XII (1922), nº 1-2;

ALMEIDA, António Rodrigues de, “Occidva Plaga - O Jogo das Palavras”, *Classica* 22 (1997), pp. 111-119;

ALMEIDA, Justino Mendes de, “Olisipo na voz dos autores antigos”, *Lisboa - Rev.Municipal*, ano XLVI, 2ª.série, nº11 (1985), pp. 3-12;

ALONSO ALONSO, Manuel, “Tecnicismos Arabigos y su Traducción”, *Al-Andalus* XIX (1954), p.103-27;

ALONSO-NUÑEZ, J. M., “La transición del Mundo Antiguo al Medieval en la historiografía. La primera historia universal cristiana: las *Historiae Adversum paganos* de Paulo Orosio”, *Actas III Congreso de Estudios Medievales: de la Antigüedad al Medioevo. Siglos IV-VIII*, Madrid, Fundación Sanchez-Albornoz, 1993, pp. 143-158;

AMADO, Teresa, “Crónica do Mouro Rasis”, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (org.por G.Lanciani e G. Tavani), Lisboa, Caminho, 1993, p. 188-9;

ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira, “A Tirania de um Santo na Antiguidade Tardia (Século VI)”, in www.members.tripod.com/bmgil/afro20.html

ARIÉ, Rachel, “Al-Andalus vu par quelques lettrés orientaux au Moyen Âge”, *Andalvcia Islamica II-III* (1981-82), pp.71-84;

IDEM, “España Musulmana - siglos VIII-XV”, tomo III da *Historia de España* (dir. M. TUÑÓN DE LARA), 10 tomos, Barcelona, Labor, 1984;

IDEM, “Un lettré andalou en Ifriqya et en Orient au XIII^e siècle : Ibn Said”, *Historia y Cultura del Islam Español*, Granada, EEA-CSIC, 1988, p. 1-26;

IDEM, “Le Merveilleux dans la littérature hispano-musulmane au Bas Moyen Age”, *Actas del XIIº Congreso de la UEAI* (1984), Málaga, pp. 63-81.

ARJONA CASTRO, Antonio, *Andalucia Musulmana - estructura político-*

administrativa, Córdoba, Publicaciones del Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Córdoba, 1980;

IDEM, “La cora de Cabra”, *Actas del I Congreso de Historia de Andalucía*, pp. 61 e ss.;

IDEM, “La comarca de Priego en época musulmana”, *Actas del I Congreso de Historia de Andalucía*, I, pp.85 e ss.;

IDEM, “La kūra de Firrīš en el siglo X”, *Axerquía*, XIII (1985), pp.295-307;

ASÍN PALACIOS, Miguel, *Contribución a la Toponímia Hispanomusulmana*, 2ª ed., CSIC, Madrid-Granada, 1944;

“Augusto”, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (GEPB)*, Lisboa - Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédica, 1929 s.s., vol. 3, p. 714;

AZEVEDO, Ruy de, “Período de formação territorial”, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, III vols., Lisboa, Ática, 1937-38, vol.I, pp. 7-64;

BALANÇÀ, P., “Toponímia aràbig-catalana: Lleida, Tortosa i Tarragona segons un manuscrit àrab inèdit de la Biblioteca Reial de Rabat”, *Treballs de la Secció de Filologia i Història Literària*, Tarragona, II (1981), pp. 69-91;

BARATA, José H., *Fastos de Santarém: I - De Expugnatione Scalabis; II - O Cerco de 1184*, Coimbra, s.ed., 1947;

IDEM, *Santarém nos escritores árabes*, sep. Rev. Ribatejo, IIª. Série, nº3, Lisboa, 1954;

BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval (862-1422)*, III vols., FCG/FCT, 1999;

BEATO, João, “A Aurora e o Crepúsculo: visões ocidentais de um poeta no estrangeiro”, *Classica* 22 (1997), pp. 231-239;

BÉDIER, Joseph, *La tradition manuscrite du «Lai de l’Ombre» - Réflexions sur l’art d’éditer les anciens textes*, Paris, Librairie H. Champion, 1970 ;

BENANI, Aziza, “Valeurs Fondamentales de l’Age d’Or d’al-Andalus et Modernité”, Seminário Internacional *Judeus e Árabes da Península Ibérica*, Centro Nacional de Cultura, Lisboa-Monsaraz, 1993, 13 pp., policop., pp. 6-7;

BENITO VIDAL, António, *Crónica Seudo Isidoriana*, Valência, Anúbar Ed., 1961;

BERNABE PONS, Luis F., “Laus al-Andalus en la Literatura Morisca”, *RIEEI* XXVI (1993-94), pp. 149-160;

BERNARD, Philippe, “O BEATA NOX, QUAE SOLA MERUIT SCIRE TEMPUS ET HORAM, IN QUA CHRISTUS AB INFERIS RESURREXIT ! Les fastes de l’éloge dans les liturgies latines du IVe au IXe siècle”, in *Le discours d’éloge entre Antiquité et Moyen Age*, coord. Lionel Mary e Michel Sot, Nanterre, Ed. Picard, 2001, pp. 79-139;

BESSELAAR, José van den, *O Sebastianismo – História sumária*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

BÍBLIA SAGRADA, trad. Pe. António P. de Figueiredo, Lisboa, Deposito das Escripturas Sagradas, 1842;

BOISSELIER, Stéphane, *Naissance d'une Identité Portugaise. La Vie Rurale entre Tage et Guadiana de l'Islam à la Reconquête (X^e-XIV^e siècles)*, Lisboa, INCM, 1998;

IDEM, “L’apport des sources diplomatiques chrétiennes à la connaissance d’al-Andalus: l’exemple du *Garb* «portugais» (ressources documentaires et réflexions méthodologiques) ”, *Qurtuba* 3 (1998), pp. 7-37;

BOSCH GIMPERA, Pedro, e AGUDO BLEYE, Pedro, “La Conquista de España por Roma...”, *HE-MP*, t.II, p. 9-285;

BOSCH VILÁ, J., *História de Albarracín y su Sierra*, “Albarracín musulman”, Tomo II, Teruel, 1959;

IDEM, *Sevilla islámica*, Sevilha, 1984;

BOUFFARTIGUE, Jean, “Avant-propos”, in *Le discours d'éloge entre Antiquité et Moyen Age*, coord. Lionel Mary e Michel Sot, Nanterre, Ed. Picard, 2001, pp. 6-8;

BRANDÃO, Frei António, *Monarquia Lusitana*, Lisboa, INCM, 1974-1988;

BRUNO, Sampaio, *O Encoberto*, Porto, Lello & Irmão Ed., 1983 [ed. facsím.da 1ª.ed.: Porto, Livraria Moreira, 1904];

BURKE, James F., “Alfonso X and the Structuring of Spanish History”, *Revista Canadiense de Estudios Hispánicos*, vol.IX, nº 3 (1985), p.472-6;

CAGIGAS, Isidro de las, *Los Mozarabes*, II vols., Madrid, CSIC, 1947-48;

CAPEL MARGARITO, Manuel, “Ambrosio de Morales y la moderna investigación historica”, in *Actas del Congreso Nacional «Jeronimo Zurita. Su época y su escuela»*, Zaragoza, 1983, pp. 443-450;

CARDOSO, José, “Nótulas sobre Paulo Orósio”, *Bracara Augusta* 36, nº 36 (1982), pp. 285-293;

IDEM, “Outras nótulas sobre Paulo Orósio”, *Bracara Augusta* 36, nº 36 (1982), pp. 294-305;

IDEM, “Achegas para uma Bibliografia Orosiana”, *Bracara Augusta* 39, nº 87-88 (1985), pp. 39-43;

A. e RAMOS, Maria Camila Duarte Lumiar, “Mais algumas achegas para uma Bibliografia Orosiana”, *Bracara Augusta* 41, nº 91-92 (1988-89), pp. 545-551;

CARLOS VILLAMARÍN, Helena de, *Las Antigüedades de Hispania*, Spoleto, 1996;

CARMELO, Luís, *La representation du reel dans des textes prophetiques de la literature aljamiado-morisque*, Univ. de Utreque, 1995, Tese de Doutoramento, policop., 363 pp.

IDEM, “A literatura aljamiado-mourisca ou o reverso do ‘Século de ouro’ ibérico”, in *Actas da Mesa Redonda Internacional ‘Islão minoritário na Península Ibérica’* (ed. A. SIDARUS), Lisboa, Hugin Editores, 2001, pp. 99-118.

IDEM, “O Tríptico da Semana: 1- O Encoberto: uma longa história também portuguesa; 2- Outros Encobertos portugueses que não D. Sebastião; e 3- O que está por trás do símbolo do Encoberto ibérico ?”, in *Diário do Sul*, Évora, 4 Dezembro 1998.

CARVALHO, Márcia Siqueira de, “O Pensamento Geográfico Medieval e Renascentista no *Ciberespaço*”, marcar@sercomtel.com.br;

IDEM, *Geografia e Utopias Medievais*,
www.geocities.com/pensamentobr/IMAGOcapel.htm

IDEM, “Geografia e Imaginário na Idade Média”, *RAE’GA 1 - Boletim do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná* (1998), pp. 45-60;

CASEVITZ, Michel, “L’éloge des Romains chez Diodore de Sicile”, in *Le discours d’éloge entre Antiquité et Moyen Age*, coord. Lionel Mary e Michel Sot, Nanterre, Ed.

Picard, 2001, pp. 47-60;

CASTILLA BRAZALES, Juan, “El Iqtibâs al-anwâr: fuente para la reconstrucción de la obra geográfica de al-Râzî”, *Qurtuba* 5 (2000), pp. 41-67;

CATALÁN MENENDEZ PIDAL, Diego, *De Alfonso X al Conde de Barcelos*, Madrid, Gredos, 1962;

IDEM, *La Estoria de España de Alfonso X. Creación y evolución.*, Seminario Menéndez Pidal, Univ. Complutense de Madrid / Ed. Gredos, 1992,

IDEM, “El Taller Historiográfico Alfonsí (Métodos y Problemas en el Trabajo Compilatório)”, p.45-60;

IDEM, “Don Juan Manuel ante el Modelo Alfonsí: el Testimonio de la *Crónica Abreviada*”, p.197-229, in *La Estoria de España de Alfonso X - Creación y Evolución*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Univ. Autónoma de Madrid / Univ. Complutense de Madrid / Ed. Gredos, 1992;

CATARINO, Helena, “A Ocupação Islâmica”, *História de Portugal* (dir. João Medina), 12 vols., Lisboa, Ediclube, 1993, vol.III, pp.44-92;

IDEM, “O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica”, *Al-‘Ulyâ* nº 6 (1997-98), III vols., Loulé;

IDEM, “Fortificações do período islâmico e a defesa marítima e fluvial no Algarve oriental”, *O Mediterrâneo Ocidental. Identidades e fronteira - Actas das VII Jornadas de História Ibero-Americana*, Lisboa, Ed. Colibri, 2002, pp.119-141;

IDEM, *O Algarve Islâmico. Roteiro por Faro, Loulé, Silves e Tavira*, Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 2002;

CEPEDA, Isabel Vilares, *Bibliografia da Prosa Medieval em Língua Portuguesa*, Lisboa, IBNL, 1995;

CHALMETA GÉNDRON, Pedro, “Historiografia Medieval Hispana: Arabica”, *Al-Andalus* XXXVII (1972), p. 353-404;

CHEIKHA, Djomaâ, “Silves (Shilb) segundo as fontes árabes”, *Xarajîb* 2 (2002), CELAS-Silves, pp. 41-52;

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994;

CINTRA, Luis Filipe Lindley, “A visão do mundo nas Crónicas da Escola Afonsina”, *Actas do Colóquio «A Imagem do Mundo na Idade Média»*, Lisboa, ICALP, 1992, pp. 21-24;

CIRENIO Y EL CENSO, www.biblehistory.net/Cirenio.htm;

CIRLOT, Juan Eduardo, *Dicionário de Símbolos*, Lisboa, D. Quixote, 2000;

COLIN, G.S., “Al-Andalus”, *E.I.2*, t. I, pp. 501-519 (Idioma árabe hispânico, pp.516-519);

COLLINGWOOD, R.G., *A Ideia de História*, Lisboa, Ed. Presença, 1986;

COLLINS, R., *Early Medieval Spain. Unity and Diversity, 400-1000*, Nova York, 1983 (2^a.ed., 1995);

CONDE, Manuel Sílvio Alves, “Ocupação Humana e Polarização de um Espaço Rural do Garb al-Andalus - o Médio Tejo à luz da toponímia arábica”, *Arquipélago. História*, 2^a série, II (1997), pp.353-385;

IDEM, “Madīnat Shantarīn. Uma aproximação à paisagem da Santarém muçulmana (séculos X-XII)”, *Media Ætas 2 - Rev. de Estudos Medievais*, Univ.dos Açores, 1999, pp. 11-34;

IDEM, “Para um corpus da documentação relativa à paisagem de Shantarīn”, *Media Ætas 2 - Rev. de Estudos Medievais*, Univ.dos Açores, 1999, pp. 105-118;

IDEM, “Toponímia arábica de Shantarīn”, *Media Ætas 2 - Rev. de Estudos Medievais*, Univ.dos Açores, 1999, pp. 119-126;

CORNU, Georgette, “Les Géographes Orientaux des IX^e et X^e Siècles et al-Andalus”, *Sharq al-Andalus* 3 (1986), Univ.de Alicante, pp. 11-18;

CORRIENTE, Federico, *Diccionario Árabe-Español*, 2^aed., Madrid, Instituto Hispano-Arabe de Cultura, 1986;

IDEM, *Gramática Árabe*, Madrid, Instituto Hispano-Arabe de Cultura, 1980;

COSTA, Alicia I., *Orar hacia la Ka'ba. Una mirada a la geografía "sagrada" del Islam*, <http://www.transoxiana.org/0103/kaaba>, 11 pp.

COUTINHO, Valdemar, *Castelos, Fortalezas e Torres da Região do Algarve*, Faro, Algarve em Foco, 1997;

IDEM (coord.), *Dinâmica Defensiva da Costa do Algarve. Do período islâmico ao século XVIII*, Portimão, Instituto de Cultura Ibero-Atlântica, 2001;

DAVID, Henrique, e PIZARRO, José Augusto P.S.M., “A Nobreza da Reconquista do Algarve”, *Actas das III Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*, Câmara Municipal de Loulé, 1989, p. 119-33;

DAVID, Pierre, “L’abolition du rite hispanique”, *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle*, 1947, pp. 391-405 ;

DELORME, Jean, *Chronologie des Civilisations*, 3ª.ed., Paris, P.U.F., 1969;

DÍAZ Y DÍAZ, M. C., *De Isidoro al siglo XI. Ocho estudios sobre la vida literaria peninsular*, Barcelona, El Albir, 1976: “Cultura literária en la España visigótica”, in *De Isidoro al siglo XI*, pp. 57-86; “La transmisión del Biclarense” pp. 117-140; “Isidoro en la Edad Media Hispana”, pp.141-201; “La historiografía hispana desde la invasión árabe hasta el año 1000”, pp. 203-234;

IDEM, “La circulation des manuscrits dans la Péninsule Ibérique du VIIIe au XIe siècle”, *Cahiers de Civilisation Médiévale (CCM)* nº 12, pp. 219-241 e 383-392 ;

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DE PORTUGAL (dir. Joel Serrão), 2ª.ed., 6 vols., Porto, Figueirinhas, 1989;

DICIONÁRIO ILUSTRADO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL (dir. Joel Serrão), II vols., Lisboa, Alfa, 1985-6;

DICIONÁRIO LATIM-PORTUGUÊS, Col. Dicionários Académicos, Porto Editora, 1997;

DICIONÁRIO DE LITERATURA MEDIEVAL GALEGA E PORTUGUESA (dir. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani), Lisboa, Caminho, 1993;

DOMINGUES, José Domingos Garcia, “Aspectos geográficos da Lisboa Muçulmana”, *Portugal e o al-Andaluz*, Lisboa, Hugin, Biblioteca de Estudos Árabes, 2, 1997, pp.

117-130;

IDEM, *Novos aspectos da Silves árabe*, septª. Rev. *Gil Vicente*, Guimarães, 1956;

IDEM, “O Alentejo árabe e a sua integração no Reino de Portugal”, *Independência* XVIII/19, (1958), p.37-61;

IDEM, *Conceito e Limites do Ocidente Extremo do Andaluz nos Geógrafos, Historiadores e Antologistas Árabes*, Sepª. *Atti del III Congresso di Studi Arabi e Islamici - Ravello 1966*, Napoles, 1967;

IDEM, “Ossónoba na época árabe”, *Anais do Município de Faro* 3 (1971), p.179-229;

IDEM, “Beja na época árabe”, *Arquivo de Beja*, II série, 2 (1983-5), p.21-31;

IDEM, “O Garb extremo do Ândalus e «Bortuqal» nos historiadores e geógrafos árabes”, *Portugal e o al-Andaluz*, Lisboa, Hugin, Biblioteca de Estudos Árabes, 2, 1997, pp. 79-116;

IDEM, “Aspectos geográficos da Lisboa muçulmana”, *Portugal e o al-Andaluz*, Lisboa, Hugin, Biblioteca de Estudos Árabes, 2, 1997, pp. 117-130;

IDEM, “Descrições de Santarém nos historiadores e geógrafos árabes”, *Portugal e o al-Andaluz*, Lisboa, Hugin, Biblioteca de Estudos Árabes, 2, 1997, pp. 131-140;

DOZY, R., *Supplément aux Dictionnaires Arabes*, 3ªed., II Ts., Leiden- Paris, Brill-Maisonneuve et Larose, 1967;

DUARTE, Luiz Fagundes, *Crítica Textual - Relatório apresentado a provas para a obtenção do título de Agregado em Estudos Portugueses*, FCSH - Univ.Nova de Lisboa, 1997, policop.

DUBLER, César, “Sobre la *Crónica Arabigo-Bizantina* de 741 y la influencia bizantina en la Península Ibérica”, *Al-Andalus* XI (1946), pp. 283-349;

IDEM, “’Adjā’ib”, *E.I.2*, vol. I, pp. 209-210;

ELIADE, Mircea, “O Espaço Sagrado. Templo, Palácio, «Centro do Mundo»” (*O Espaço Sagrado...*), in *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1977, Cap. X: pp. 435-457;

ENCICLOPEDIA DE AL-ANDALUS (dir. Jorge LIROLA DELGADO e José Miguel PUERTA VILCHEZ), Tomo I, Fundación El legado andalusí e Junta e Andalucía, [2002];

ENCYCLOPÉDIE DE L’ISLAM, 2ª. ed., Leiden / Paris, E. J. Brill / Maisonneuve et Larose, 1960-... ;

ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL ILUSTRADA ESPASA-CALPE, Barcelona, Hijos de J. Espasa, EA, 1926 t. XXVIII (2ª parte), “Juan Manuel (El Infante Don)”, pp. 3015-3016;

“Alfonso X, el Sábio”, t. IV, pp. 592-599; “Isidoro (San)”, t. XXVIII (2ª parte), pp. 2062-2064; “Ambrosio de Morales”, t. XXXVI, pp. 900-902;

ESTEVES, Elisa R.P. Nunes, *A Crónica Geral de Espanha de 1344: estudo estético-literário*, Évora, Pendor, 1997;

“Estilicão, Flavio”, *Mini-Enciclopédia Círculo de Leitores* (dir. Manuel Alves de OLIVEIRA e Maria Irene Bigotte de CARVALHO), Lisboa, 1993, p. 287.

FABIÃO, Carlos, “O Passado Proto-histórico e Romano”, in *História de Portugal* (dir. J. MATTOSO), 8 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, vol. 1, pp.76-299: “A nova ordem administrativa”, pp. 228-243;

IDEM, “Tartessos: a mais antiga entidade histórica da península Ibérica”, *História de Portugal* (dir. J. Mattoso), vol.1, pp.114-119.

FAGNAN, E., *Additions aux Dictionnaires Arabes*, Beirute, Librairie du Liban, s/d.;

FALQUE, Emma, «Una edición crítica del *Chronicon mundi* de Lucas de Tuy», in «Chroniqueur, hagiographe, théologien : Lucas de Tuy (1249) dans ses œuvres» (dir. P. HENRIET), Sorbonne-Collège d'Espagne, Paris, *Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales* 24 (2001), pp. 219-233 ;

FAYANT, Marie-Christine, “Le poète, l’empereur et le patriarche. L’éloge de Justinien dans la Description de Sainte-Sophie de Paul le Silentiaire”, in *Le discours d’éloge entre*

Antiquité et Moyen Age, coord. Lionel Mary e Michel Sot, Nanterre, Ed. Picard, 2001, pp. 69- 78;

FEDELI, Paolo, “L’Occidente iberico nell’immaginario e nella coscienza dei romani”, *Classica* 22 (1997), pp. 21-35;

FERNANDES, A. de Almeida, *A história de Lalim. Homenagem ao conde D. Pedro*, Lalim, Câmara Municipal de Lamego, 1990;

FERNANDES, Carla Varela, “D.Pedro, conde de Barcelos, e a escolha de S.João de Tarouca como ‘locus’ sepulcral”, in *Cister. Espaços, territórios, paisagens. Actas de Colóquio*, II, Lisboa, MC e IPPA, 2000, pp. 443-50.

FERNANDES, Hermenegildo, “Uma cidade no Imaginário Medieval: Lisboa muçulmana nas descrições de Idrisi e de Ranulfo de Granville”, *Estudos Medievais* 7, Centro de Estudos Humanísticos, Porto, 1986, pp. 3-27;

FERNANDES, Isabel Cristina F., e PICARD, Christophe, “La défense côtière au Portugal à l’époque musulmane: l’exemple de la presq’île de Setúbal”, *Archeologie islamique* 8-9 (1999), p. 67-94;

FERNÁNDEZ - CHICARRO DE DIOS, Concepción, *Laudes Hispaniae (Alabanzas de España)*, Madrid, 1948;

FERNÁNDEZ VALVERDE, Juan, (ed. e estudo) *Historia de Rebus Hispaniae sive*

Historia Gothica, de RODERICI XIMENII DE RADA, Turnholt, Brepols Ed., 1987;

FERREIRA, José de Azevedo, “A Transmissão do Texto Medieval”, *V Centenário do Livro Impresso em Portugal (1487-1987) - Colóquio sobre o Livro Antigo (Lisboa, 23-25 de maio de 1988)*. *Actas*, Lisboa, Biblioteca Nacional, p. 243-52;

FIERRO, Maribel, “La Religión”, *HE-MP*, t. VIII-2, *El Retroceso Territorial de al-Andalus – Almorávides y Almohades. Siglos XI al XIII* (dir. Maria Jesús VIGUERA MOLÍNS), Madrid, Espasa-Calpe, 1997, pp. 437-549;

FRAZÃO, Mário de Mendonça, “Inscrições em arenito de Bensafrim”, *Actas do 5º Congresso do Algarve*, Racal Clube, 1988, pp. 39-44;

IDEM, “Algarve: berço da língua e escrita latinas”, *Actas do 6º Congresso do Algarve*, Racal Clube, 1990, pp. 19-24;

IDEM, “Explicitação das «leituras» inéditas das duas lápides inscritas em escrita tartéssica patentes no Museu Municipal de Lagos”, *Actas do 8º Congresso do Algarve*, Racal Clube, 1995, pp. 11-19;

FREEMAN-GRENVILLE, G.S.P., *The Muslim and Christian Calendars*, Londres, Oxford University Press, 1963;

FURTADO, Rodrigo Correia, “A descrição geográfica do orbe nas *Historiae* de Orósio (*Hist.*, I, 2): o programa ideológico”, *EVPHROSYNE* 27 (1999), pp. 65-78;

GALINDO, Pascual, “La Literatura Hispano-Latina – Escritores Cristianos”, HE-MP. T. II, pp. 545-561;

GAMEIRO, Odília Filomena Alves, *A construção das memórias nobiliárquicas medievais. O passado da linhagem dos senhores de Sousa*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 2000;

GARCIA, João Carlos, *O Espaço Medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1986;

IDEM, *O baixo Guadiana medieval. Formação de uma fronteira*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1983;

GARCIA-ARENAL, Mercedes “Expectativas messianicas en el Magreb y la Peninsula Iberica: entre David Reubeni y Sabbatai Sevi”, *Actas do Coloquio Internacional «Os Judeus Sefarditas entre Portugal, Espanha e Marrocos»*, Ed.Colibri / CIDEHUS.UE / Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, 2004, pp. 53-85;

GARCIA Y BELLIDO, Antonio, *La España del siglo I de nuestra era (según P. Mela y C. Plinio)*, Buenos Aires, 1947;

IDEM, “Tartessós y los comienzos de nuestra História” e “La Colonización Griega”, *HE-MP* t.1, vol. 2, respectivamente, 279-308 e 493-680;

IDEM, *La Península Ibérica en los comienzos de su historia*, Madrid, CSIC, 1953;

GARCIA FERNÁNDEZ, Manuel, “Las relaciones internacionales de Alfonso IV de Portugal y Alfonso XI de Castilla en Andalucía (la participación portuguesa en la Gran Batalla del Estrecho, 1325-1350)”, *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, IV vols., Porto, INIC, 1987, vol. I, p. 201-16;

GARCÍA GÓMEZ, E., *Andalucía contra Berberia*, Univ.de Barcelona, 1976,

GARCÍA GÓMEZ, Emilio, e MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, “El conde mozárabe Sisnando Davidiz y la política de Alfonso VI con los Taifas”, *AA* XII (1947), pp.27-41;

GARULO, Teresa, “La nostalgia de al-Andalus: génesis de un tema literário”, *Qurtuba* 3 (1998), pp.47-63;

IDEM, “La Literatura”, *Historia de España –Menéndez Pidal*, t. VIII-1, *Los Reinos de Taifas. Al-Andalus en el siglo XI* (dir. Maria Jesús VIGUERA MOLÍNS), Madrid, Espasa-Calpe, 1994, pp. 589-647;

GAUTIER-DALCHÉ, Patrick, “Notes sur la «Chronica Pseudo-Isidoriana», *Anuario de Estudios Medievales* 14 (1984), pp.13-32;

GAYANGOS, Pascual de, «Memoria sobre la autenticidad de la Crónica denominada del moro Rasis», *Memorias de la Real Academia de la Historia*, VIII (Madrid, 1852), p.1-100;

IDEM, *History of Mohammedan Dynasties in Spain*, II vols., Londres, 1843,

GIL, Juan, “ La Historiografia Tradicional”, *História de España - Ramón Menéndez Pidal - XI : La Cultura del Románico, siglos XI al XIII - Letras, Religiosidad, Artes, Ciencia y Vida*, Madrid, Espasa-Calpe, 1995, p. 1-24;

GLICK, Thomas F., *Islamic and Christian Spain in the Early Middle Ages*, Princeton, 1979;

GOMES, Mário Varela, e SILVA, Armando Coelho Ferreira da, *Proto-História de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992;

GOMES, Mário Varela, “Estela epigrafada e necrópole da 1ª Idade do Ferro de Barradas, Benafim (Loulé), *Al-‘Ulyâ* 5 (1996), Loulé, pp. 9-22;

GOMES, Rosa Varela, *Silves (Xelb) - uma cidade do Gharb al-Andalus*, Lisboa, Universidade Nova, 1999 (Tese de Doutoramento), policop.;

IDEM, “Silves islâmica”, *O Mediterrâneo Ocidental. Identidades e fronteira - Actas das VII Jornadas de História Ibero-Americana*, Lisboa, Ed. Colibri, 2002, pp.93-118;

GONIDOU, Anne-Marie, “Les Achéens chevelus. Un éloge de la chevelure de Dion Chrysostome”, in *Le discours d'éloge entre Antiquité et Moyen Age*, coord. Lionel MARY e Michel SOT, Nanterre, Ed. Picard, 2001, pp. 9-12;

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA (GEPB), XL vols. + N
vols. Actualização, Lisboa/Rio de Janeiro, Ed. Enciclopédica, 1929 ss. ,

GRANJA, Fernando de la, “La Marca Superior en la obra de al-‘Udhri”, *Estudios de Edad Media de la Corona de Aragón*, VIII (1967), p. 447-545;

IDEM, *Maqāmas y Risālas Andaluzas*, Madrid. CSIC, 1976 ;

GROS Y RAGUER, José, “San Isidoro de Sevilla”, in *Biblioteca Electrónica Cristiana*,
www.multimedios.org/docs/d001388, 2003, 4 pp.

GUENÉE, Bernard, *Histoire et culture historique dans l'Occident médiévale*, Paris,
Aubier, 1980;

GUERRA, Amílcar, *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Lisboa, Ed. Colibri, 1995;

HAMILTON, Edith, *A Mitologia*, 4^a.ed., Lisboa, D. Quixote, 1991;

HENRIET, Patrick, “Hagiographie et Historiographie en Péninsule Ibérique (XI^e-XIII^e
siècles). Quelques remarques”, *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, n° 23
(2000), Univ. Paris 13 / Klincksieck, p. 53-85;

IDEM, «*Sanctissima patria*. Points et thèmes communs aux trois œuvres de Lucas de
Tuy», in «Chroniqueur, hagiographe, théologien : Lucas de Tuy (1249) dans ses

œuvres» (dir. P. HENRIET), Sorbonne-Collège d'Espagne, Paris, *Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales* 24 (2001), pp.249-278, p.253;

HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal - Desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III* (ed.José Mattoso), IV tomos, Lisboa, Bertrand, 1980;

HERNÁNDEZ JIMÉNEZ, Félix, “Gâfiq, Gahet, Gahete = Belalcázar”, *Al-Andalus* IX (1944), pp. 71-109;

IDEM, “La Kûra de Mérida en el siglo X”, *Al-Andalus* XXV (1960), pp. 313-371;

IDEM, “Buwaib - Bued - Cabeza del Buey”, *Al-Andalus* XXVIII (1963), pp. 349-380;

IDEM, “El convencional espinazo montañoso, de orientación este-oeste, que los geógrafos atribuyen a la Península”, *Al-Andalus* XXX (1965), pp. 201-216;

HERNÁNDEZ JUBERÍAS, Júlia, *La Península Imaginária. Mitos y leyendas sobre al-Andalus*, Madrid, CSIC, 1996;

HOENERBACH, W., “Observaciones al estudio «La cora de Ilbîra (Granada y Almeria) en los siglos X y XI, según al- ‘Udhri (1003-1085)»”, *Cuadernos de Historia del Islam* VIII (1977), pp. 125-137;

HUICI MIRANDA, Ambrosio, “Gharb al-Andalus”, *E.I.*2, t. II, pp. 1032-1033;

JABOUILLE, Victor, “Os Mitos do Ocidente”, *Clássica* 22 (1997), pp.49-61;

JANVIER, Ives, *La Géographie d'Orose*, Paris, 1982;

JIMÉNEZ MATA, C., “A Propósito del «*Ajā'ib*» del Olivo Maravilloso y su versión cristiana en el Milagro de S.Torcuato”, *Cuadernos de Historia del Islam* III, (1971), Univ.de Granada, pp. 97-108;

JUARISTI, Jon, *El Reino del Ocaso*, Madrid, Espasa Calpe, 2004.

KAHĪLA, ‘Ibāda ‘Abd al-Rahmān, “Kitāb al-Tawārīkh li-Bawlws Ūrūsyūs wa tarjamatuh al-andalusiyya [O Livro das Histórias de Paulo Orósio e a sua tradução em al-Andalus]”, *RIEEI* XXIII (1985-86), pp. 119-138 (tex. ár.);

KINKADE, Richard P., “Sancho IV: Puente literario entre Alfonso el Sabio y Juan Manuel”, *PMLA* LXXXVII (1972), p. 1039-51;

KRATCHCOVSKY, J., «Les géographes arabes des XI et XII siècles en occident». Trad. Française de M. Canard, *Annales de l'Institut d'Études Orientales* XVIII-XIX, Alger (1960-61);

KRUS, Luis, *A Conceção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380). Geografia dos livros de linhagens medievais portugueses, 1280-1380*, Lisboa, FCG/JNICT, 1995;

IDEM, *Passado, memória e poder na sociedade medieval portuguesa. Ensaio*,

Redondo, Patrimonia, 1994: “Tempo de Godos e Tempo de Mouros. As Memórias da Reconquista”, pp. 103-127; “Os Heróis da Reconquista e a Realeza Sagrada Medieval Peninsular: Afonso X e a *Primeira Crónica Geral de Espanha*”, pp. 129-142;

IDEM, “Pedro, Conde de Barcelos”, II, p. 91-2; “Pereira, Álvaro Gonçalves”, II, p. 99-100; “Pereira, Gonçalo Gonçalves”, II, p. 100-1, *Dicionário Ilustrado da História de Portugal* (dir.J.Serrão), II vols., Lisboa, Alfa, 1985-6;

IDEM, “Crónica”, p.173-75; “Crónica de Portugal de 1419”, p.185-86; “Crónica Geral de Espanha de 1344”, p. 189-90; “Historiografia Medieval”, p. 312-315, in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (org. por G. LANCIANI e G. TAVANI), Lisboa, Caminho, 1993;

LAOUST, Henri, *Les schismes dans l'Islam*, Paris, Payot, 1977;

LAPEYRE, Henri, *Géographie de l'Espagne morisque*, s.l., 1959;

LAVAJO, Joaquim Chorão, “A *Crónica do Mouro Rasis* e a Historiografia Portuguesa Medieval”, *Estudos Orientais II - O Legado Cultural de Judeuse Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental / UNL, 1991, p.127-154;

LEGUAY, Jean-Pierre, “O «Portugal» Germânico, *Nova História de Portugal*, II, pp. 11-115;

LE GOFF, Jacques, *Os Intelectuais na Idade Média*, Lisboa, Gradiva, s.d.;

LÉVI-PROVENÇAL, E., “La «Description de l’Espagne» d’Ahmad al-Râzî - Essai de reconstitution de l’original arabe et traduction française”, *Al-Andalus* XVIII (1953), pp.51-108;

IDEM, *España Musulmana, 711-1031, Historia de España – Menéndez Pidal*, vol. IV, 4ª. ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1976;

IDEM, “Ojeada de conjunto a la historiografía califal”, in «La vida religiosa e intelectual», *HE - MP*, vol. V: *España Musulmana, 711-1031*, Madrid, Espasa-Calpe, 1950-57, p. 293-332, p.321-23;

IDEM, “Al-Andalus”, *E.I.2*, t. I, pp. 501-519 (Toponímia, Geografia e História, pp. 501-511 e Islão andaluz, p. 512);

IDEM, “Omeyyades d’Espagne”, *E.I.2*, t. IV, 1062;

LINEHAN, Peter, “Reflexiones sobre historiografía e história en el siglo alfonsino”, *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* n°23 (2000), Univ. Paris 13 / Klincksieck, p. 101-11;

LOPES, David, “Cousas arabico-portuguesas : 3. A geographia de Ibn Saíde”, *O Archeologo Português*, vol.I, fasc. 10, Lisboa, Imprensa Nacional, 1895, pp.273-279;

IDEM, “Os Árabes nas Obras de Alexandre Herculano”, *Boletim de Segunda Classe da*

Academia das Sciencias de Lisboa, vol.III (1909-10), pp.50-84, 198-253, 323-377; e vol.IV (1910-11), pp.321-405;

IDEM, *Textos em aljamia portuguesa. Estudo filológico e histórico*, 2^a.ed., Lisboa, IN-CM, 1940 [1^a.ed., 1897];

IDEM, *Páginas Olisiponenses* (com Introdução, Selecção e Notas de Fernando Castelo-Branco), Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1968;

IDEM, *Nomes Árabes de Terras Portuguesas* (org. J.P. Machado), Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa e Círculo David Lopes, 1968;

LÓPEZ PEREIRA, José Eduardo “La cultura del mundo árabe en textos latinos hispanos del siglo VIII”, in *Islão e Arabismo na Península Ibérica. Actas do XI Congresso da UEAI*, Universidade de Évora, 1986, pp. 253-271;

IDEM, “El elemento godo en los *Annales Portugalenses Veteres*: un problema de critica textual y de fuentes”, *Rev. Portuguesa de História*, XVI (1976), Univ. Coimbra, pp.223-226;

LOT, Ferdinand, *O Fim do Mundo Antigo e o princípio da Idade Média*, Lisboa, Ed. 70, 1985;

LOTHAM, J.D., “Al-Andalus”, *E.I.2*, t. I, pp. 501-519 (Al-Andalus no Norte de África, pp. 511-512);

LOURENÇO, João Daniel, “Os locais do Ocidente: entre o real e o imaginário”, *Clássica* 22 (1997), pp.223-229;

LOURO, Maria Antónia Teixeira, *D. João de Portel, uma memória fundiária do século XIII*, Dissertação de Mestrado, FCSH-Univ.Nova de Lisboa, 1997, policop.;

LUCHSINGER, Maria Eugênia Mattos, “O *Regnum* Cristão Visigótico de Isidoro de Sevilha”, *Brathair* 2 (1), (2002), pp.29-35, p.30 (*apud* <http://www.brathair.cjb.net>);

MACHADO, José Pedro, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa (GDLP)*, Sociedade de Língua Portuguesa e Amigos do Livro Editores, Lisboa, XIII tomos, 1981;

IDEM, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, III vols., Lisboa, Confluência, s / d.;

IDEM, “Évora Muçulmana”, *A Cidade de Évora* 17-18 (1949), p.329-34;

IDEM, *Influência Árabe no Vocabulário Português*, 2 vols., Lisboa, Septª *Revista de Portugal*, 1958- 1961;

IDEM, *Vocabulário Português de Origem Árabe*, Lisboa, Ed.Notícias, 1991;

IDEM, “Afonso X, o Sábio, Poeta e Tradutor”, p.85-125; “D.João de Portel e o

Algarve”, p.138-40; “Santarém muçulmana”, p.205-215, in *Ensaaios Historico-Literários*, Lisboa, Ed.Notícias, 1996;

IDEM, “Crónica da Conquista do Algarve”, p.195-228; “Sintra em textos árabes”, p.229-231, in *Ensaaios Árábico-Portugueses*, Lisboa, Ed.Notícias, 1997;

MADELUNG, W., “Al-Mahdī”, *E.I.2*, T. V, pp. 1221-1228;

MANTRAN, Robert (dir.), *As Grandes Datas do Islão*, Lisboa, Ed.Notícias, 1991;

MANZANO MORENO, Eduardo, “Las Fuentes Árabes sobre la Conquista de al-Andalus: una nueva interpretación”, *Hispania*, LIX / 2, nº 202 (1999), p. 389-432;

MARAVALL, José, *El concepto de España en la Edad Media*, Centro de Estudios Constitucionales, Madrid, 1981

MARQUES, A.H. de Oliveira, “O «Portugal» Islâmico”, *História de Portugal* (dir. Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques), 13 vols., Lisboa, Presença, 1990-....., vol.II (1993), pp. 116-249;

IDEM, “O Latim e os Falares Moçárabes”, *Nova História de Portugal*, vol. II, pp. 208-211;

IDEM, *Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa*, 3ª ed., Lisboa, Estampa, 1988

MARQUES, José, “Os Castelos Algarvios da Ordem de Santiago no reinado de D. Afonso III”, *Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*, Câmara Municipal de Loulé, 1987, p. 101-30;

MARTINS, Rui, “Hespérides”, <http://members.tripod.com/~ruipmartins/hesperid.html>, 2 pp.;

IDEM, “Ilha das Sete Cidades”, <http://members.tripod.com/~ruipmartins/ilhasete.html>, 5 pp.;

MARY, Lionel, “«NON FALSITAS ARGUTA...». Pourquoi l'historien Ammien Marcellin n'a pas écrit de panégyrique”, in *Le discours d'éloge entre Antiquité et Moyen Age*, coord. Lionel Mary e Michel Sot, Nanterre, Ed. Picard, 2001, pp. 31-45;

MATOS, José Luís de, *Lisboa Islâmica*, Lisboa, Instituto Camões, 1999;

MATTOSO, José, *Portugal Medieval - novas interpretações*, Lisboa, INCM, 1984;

IDEM, *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros*, Lisboa, Guimarães Ed., 1982;

IDEM, *A Nobreza Medieval Portuguesa - a Família e o Poder*, 4ª.ed., Lisboa, Estampa, 1994;

IDEM, *Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal (1096-1325)*, 2 vols., Lisboa, Estampa, 1985;

IDEM, *Fragmentos de uma composição medieval*, Lisboa, Estampa, 1987;

IDEM, “O triunfo da monarquia portuguesa: 1258-1264. Ensaio de história política”, *Análise Social* XXXV/157 (2001), p. 899-935;

IDEM, “Sobre as fontes do conde de Barcelos”, *Obras Completas*, III vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, vol.I: ‘Naquele Tempo - ensaios de história medieval’, p. 267-73; “Autonomias fronteiriças e formação nacional”, *idem*, p. 459-68;

IDEM, “Liturgia monástica e religiosidade popular na Idade Média”, in *Fragmentos de uma Composição Medieval*, Lisboa, Estampa, 1987, pp. 183-190;

IDEM, “O Monaquismo Ibérico e Cluny”, in *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, INCM, 1982, pp. 55-72.

IDEM, “As relações de Portugal com Castela no reinado de Afonso X, o Sábio”, *Fragmentos de uma composição medieval*, Lisboa, Estampa, 1990, pp. 73-94;

IDEM, “A Guerra Civil de 1319-1324”, *Portugal Medieval. Novas interpretações*, Lisboa, IN-CM, 1984, pp. 293-308.

MAZZOLI-GUINTARD, Christine, *Villes d'al-Andalus - L'Espagne et le Portugal à l'époque musulmane (VIII^e- X^e siècles)*, Presses Universitaires de Rennes, 1996;

MENÉNDEZ PIDAL, Gonzalo, "Cómo trabajaron las Escuelas Alfonsíes", *Nueva Revista de Filología Hispánica*, Ano V, nº 4 (1951), p.363-80;

IDEM, "Mozárabes y Asturianos en la Cultura de la Alta Edad Media, en relación especial com la historia de los conocimientos geográficos", *Boletín de la Real Academia de la Historia* 134 (1954), pp.137-291;

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, "Sobre la traducción portuguesa de la «Crónica General de España de 1344»", *Revista de Filología Española*, vol.8 (1921), pp. 391-399;

IDEM, "Sobre la *Crónica Pseudo-Isidoriana*", *Cuadernos de Historia de España*, XXI-XXII (1954), 5-15;

IDEM, "Introducción" *HE-MP*, T. II, pp. IX-XL;

MEOUAK, M., «Observations sur la géographie historique et la toponymie luso-arabe », *Orientalia Lovaniensia Periodica* 30 (1999), pp. 73-81;

A. e GARCÍA GÓMEZ, Emilio "El conde mozárabe Sisnando Davidiz y la política de Alfonso VI con los Taifas", *AA* XII (1947), pp.27-41

MILLÁS VALLICROSA, José Maria, “El Literalismo de los Traductores de la Corte de Alfonso el Sabio”, *Al-Andalus* I (1933), p.155-87;

MIQUEL, André, *La Géographie Humaine du Monde Musulman jusqu'au milieu du XI^e siècle*, 4 vols., Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales / Mouton, 1988;

MITRE FERNÁNDEZ, Emilio, “Un Sentimiento de Comunidad Hispánica ? La Historiografía Peninsular”, *História de España - Ramón Menéndez Pidal - XVI: Época Gótica (c.1220-c.1480)*, Madrid, Espasa-Calpe, 1988, pp.409-438;

IDEM, “Alfonso X: Historiografía y Tradiciones Compilerias del Medievo Europeo”, *III Curso de Cultura Medieval, Aguilar de Campoo - 27 Septiembre 1991*, 1994, p. 107-13;

MOLINA LÓPEZ, Emilio, “La Cora de Tudmir según al-‘Udhri”, *Cuadernos de Historia del Islam* IV (1972) [113 pp.];

IDEM, “La Cora de Tudmir (Murcia)”, *Al-Andalus* XXXVII (1972), pp. 145-189;

IDEM, “El reino de Murcia en la época musulmana”, *RIEEI* XX (1979-80), pp. 23-64;

IDEM, “La historiografía andalusí. Reflexiones, balance, perspectiva”, *Fontes da História de al-Andalus e do Gharb*, Lisboa, CEAA-IICT, 2000, p.35-53;

MOLINA MARTÍNEZ, Luis, “Las dos versiones de la Geografía de al-‘Udhri”, *Al-Qantara* III (1982), pp. 429-460

IDEM, “Sobre la História de al-Râzî. Nuevos datos en el ‘Muqtabis’ de Ibn Hayyân”, *Al-Qantara* I (1980), p. 435-42;

IDEM, “Sobre la procedencia de la Historia Preislamica inserta en la Cronica del Moro Rasis”, *Awraq* 5-6 (1982-83), pp.133-139;

IDEM, “Orosio y los Geógrafos Hispanomusulmanes”, *Al-Qantara* V (1984), pp.63-92;

IDEM, “Historiografía”, *História de España - Ramón Menéndez Pidal - VIII/I: Los Reinos de Taifas. Al-Andalus en el siglo XI*, Madrid, Espasa-Calpe, 1994, pp.1-27

MONNIER, Jean, *História Universal*, 12 vols., Ed. Verbo, Lisboa, 1968;

MONTES ROMERO-CAMACHO, Isabel, “ La Iglesia de Silves sufraganea de Sevilla: la restauración de un obispado medieval en medio de la lucha por el Algarbe entre Portugal y Castilla”, *Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*, Câmara Municipal de Loulé, 1987, p. 131-48;

MU’NIS, Husayn, “Al-Jugrâfiya wa-l-jugrâfiyyun fi-l-Andalus [A Geografía e os Geógrafos em al-Andalus]”, *RIEEI* VII-VIII (1959-60), pp. 227-252 (tex.ár.);

IDEM, *Ta’rikh al Jağrâfiya wa-l-Jağrâfiyyūn fi-l-Andalus*, Madrid, IEEI, 1967 (tex.ár.);

NASCIMENTO, Aires A., “A Celebração de Hispânia: da distância ao Sonho e do Interesse ao Afecto”, *Classica* 22 (1997), pp. 5-19;

NEIVA, J.M. Coteló, “As Cassitérides e o comércio do estanho”, *Actas do Congresso do Mundo Português*, XIX vols. Lisboa, 1940, vol. I, pp. 485-495;

NOVA HISTÓRIA DE PORTUGAL (dir. J.Serrão e A.H. de Oliveira Marques), 13 vols., Lisboa, Presença, 1990-...;

NUNES, José Joaquim, “Textos Arcaicos Portugueses”, *Rev. Lusitana* XXII (1919), p. 138-69;

IDEM, *Crestomatia Arcaica*, 8ª. ed., Lisboa, Livª. Clássica Editora, 1981;

O'CALLAGHAN, Joseph F., “*Image and Reality: The King Creates His Kingdom*”, Chapter II of *Emperor of Culture*, Robert I. Burns, S.J. (dir.), (<http://libro.uca.edu/alfonso10/emperor>).

OLIVEIRA, António Resende de, *Depois do Espectáculo Trovadoresco. A estrutura dos cancioneros peninsulares e a recolha dos séculos XIII e XIV*, Fac. Letras da Universidade Clássica de Lisboa, 1992, Tese de Doutoramento, policop;

IDEM, “Trovadores Portugueses na Corte de Afonso X”, *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, Porto, INIC / Centro de História da Univ. do Porto,

1990, vol.IV, p.1335-48;

IDEM, “A Cultura das Cortes”, *Nova História de Portugal* (dir. J.SERRÃO e A.H. de Oliveira MARQUES), 13 vols., Lisboa, Presença, 1990-..., vol.III, 1996, p. 660-745;

ORCÁSTEGUI, Carmen, e SARASA, Esteban, *La Historia en la Edad Media. Historiografía e historiadores en Europa Occidental: siglos V-XIII*, Madrid, Cátedra, 1991;

ORLANDIS, José, “El Rey Visigodo Católico”, *Actas del III Congreso de Estudios Medievales: De la Antigüedad al Medievo. Siglos IV-VIII*, Madrid, Fundación Sanchez-Albornoz, 1993, pp. 53-64

PABÓN, José M., “La Literatura Hispano-Latina – escritores Paganos”, *HE-MP*, t.II, pp. 523-543;

PACHECO PANIAGUA, Juan Antonio, *Extremadura en los Geógrafos Árabes*, Badajoz, Diputación Provincial, 1991;

IDEM, “La Taifa de Badajoz en los Geógrafos Árabes”, *Bataliús I*, Madrid, Letrúmero, 1996, pp.201-207;

PAJARES, Maria Teresa, “La presencia de Dido en la ‘Primera crónica general’: un ejemplo del criterio histórico de Alfonso X”, *Revista Canadiense de Estudios Hispánicos*, vol.IX, nº3 (1985), p. 472-6;

Palestina (La) en tiempos del emperador Augusto,
www.geocities.com/Athens/Styx/3765/augusxx.htm.

PATTISON, D. G., “Juan Manuel’s *Crónica Abreviada* and Alphonsine Historiography, in *Medivm Ævum*, 2 (1992), pp. 242-249.

PAVÓN MALDONADO, Basilio, *Guadalajara medieval. Arte y arqueología árabe y mudéjar*, Madrid, 1984;

IDEM, *Ciudades y Fortalezas Lusomusulmanas*, Madrid, Agencia Española de Cooperación Internacional / Instituto de Cooperación con el Mundo Árabe, 1993;

IDEM, “*Jaén medieval. Arte y arqueología árabe y mudéjar*”, *Al-Qantara* V (1984), pp.329-366;

PELLAT, Ch., “The Origin and Development of Historiography in Muslim Spain”, *Études sur l’histoire socio-culturelle de l’Islam (VII^e-XV^e s.)*, Londres, Variorum Reprints, 1976, pp.118-125;

PÉNELAS, Mayte (ed. e estudio), *Kitāb Hurūšiyūš* (Traducción Árabe de las *Historiae adversus Paganos* de Orosio), Madrid, CSIC, 2001

PEREIRA, Armando de Sousa, “A conquista de Santarém na tradição historiográfica portuguesa”, 2^o. *Congresso Histórico de Guimarães «D. Afonso Henriques e a sua*

época». *Actas*, Guimarães, Câmara Municipal / Univ.do Minho, 1997, vol.5, p. 297-324;

PEREIRA, Gabriel, *Fragmentos relativos à História e Geografia da Península Ibérica – Caius Plinius Secundus e Pomponius Mela*, Évora, 1879;

PEREIRA, Gabriel, *Fragmentos relativos à História e à Geografia da Península Ibérica – Livro III da Geografia de Strabão*, Coimbra, Imprensa Litteraria, 1880;

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, “O Jardim das Hespérides”, *A Simbólica do Espaço. Cidades, Ilhas, Jardins* (coord. Y.K. Centeno e Lima de Freitas), 1ªed., Lisboa, Estampa, 1991, pp. 17-28;

PERES, Damião, “A propósito do «*Chronicon Alcobacense*»”, *Rev. Portuguesa de História*, I (1941), Univ. Coimbra, pp.148-150 + 1 extratex.;

PÉREZ ÁLVAREZ, Maria Ángeles, *Fuentes Árabes de Extremadura*, Caceres, Universidad de Extremadura, 1992;

PÉREZ-EMBED, Florentino, *La frontera entre los reinos de Sevilla y Portugal*, Sevilha, 1975;

PÉREZ DE URBEL, “Las letras en la época visigoda”, pp. 379-431, in *Historia de España – Menéndez Pidal*, t. III, Madrid, Espasa-Calpe, 1940 (Isidoro de Sevilla: pp.

397-415);

PICARD, Christophe, *Histoire du Portugal et de l'Espagne Occidentale à l'Époque Musulmane (début VIII^e siècle - milieu XIII^e siècle)*, Paris, Geuthner, 1991;

IDEM, *L'Océan Atlantique musulman. De la conquête arabe à l'époque almohade. Navigation et mise en valeur des côtes d'al-Andalus et du Maghreb occidental (Portugal-Espagne-Maroc)*, Paris, 1997;

IDEM, "Shilb e a Actividade Marítima dos Muçulmanos no Oceano Atlântico", *III Jornadas de Silves - Outubro 20,21 e 22 de Outubro de 1995.Actas*, A.E.D.P.H.C.S, 1997, p. 31-38;

IDEM, *Le Portugal musulman (VIII^e siècle - XIII^e siècle)*, Paris, Maisonneuve & Larose, 2000;

IDEM, "O Oceano Atântico muçulmano anterior ao Oceano Atlântico português", *O Mediterrâneo Ocidental. Identidades e fronteira - Actas das VII Jornadas de História Ibero-Americana*, Lisboa, Ed. Colibri, 2002, pp.267-278;

IDEM e FERNANDES, Isabel Cristina F., "La défense côtière au Portugal à l'époque musulmane: l'exemple de la presq'île de Setúbal", *Archeologie islamique* 8-9 (1999), p. 67-94;

PIMENTEL, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa, "Visão da Hispânia nos seus

Autores: Marcial”, *Classica* 22 (1997), pp.189-206;

PINTO, Sérgio Augusto da Silva, “Idácio”, *Dicionário de História de Portugal* (dir. Joel Serrão), 2ªed., VI vols. Porto, Ed. Figueirinhas, 1989, vol.III, p. 241;

PIRES, António Machado, *D. Sebastião e o Encoberto*, Lisboa, FCG, 1982;

PONS BOIGUES, Francisco, *Ensayo bio-bibliografico sobre los historiadores y geografos arabigo-españoles*, 2ª ed. Amesterdão, Philo Press, 1972 (1ª ed., Madrid, 1898);

PORTUGAL ISLÂMICO. Os últimos sinais do Mediterrâneo (Catálogo de Exposição), Lisboa, Ministério da Cultura/ Instituto Português de Museus/ Museu Nacional de Arqueologia, 1998;

PRIETO, Maria do Sameiro, *Paulo Orósio e o «Liber Apologeticus»*, Dissertação de Licenciatura, Fac. Letras Univ. Lisboa, 1951, dactilografado;

RAMOS, Demétrio, “Las islas desiertas del Atlántico y su inquietante mensaje”, *Amar, Sentir e Viver a História – Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*, Lisboa, Ed. Colibri, 1995, pp. 331-343;

RAMOS, Maria Camila Duarte Lumiar, e CARDOSO, José, “Mais algumas achegas para uma Bibliografia Orosiana”, *Bracara Augusta* 41, nº 91-92 (1988-89), pp. 545-551;

REI, António, *Memória de Espaços e Espaços de Memória. De al-Râzî a D. Pedro de*

Barcelos, Dissertação de Mestrado, FCSH / Univ. Nova de Lisboa, 2002, policop.;

IDEM, “A Presença Islamo-Árabe nas terras do actual concelho do Alandroal”, *Carta Arqueológica do Alandroal*, Câmara Municipal do Alandroal, 1993, pp. 159-161;

IDEM, *Pesos e medidas de origem islâmica em Portugal - Notas para o seu estudo*, Évora, Câmara Municipal de Évora/Projecto Chão/Casa da Balança, 1998;

IDEM, “O Nordeste Alentejano nos Geógrafos Árabes”, *Ibn Maruán* n.º.8 (1998), pp.247-50;

IDEM, “O Castelo de Valongo - Estudos Métrico-Construtivo e Histórico-Espacial”, *A Cidade de Évora*, II Série, n.º 4 (2000), pp.199-218;

IDEM, “As Portas da Cerca de Lisboa no período islâmico”, *Arqueologia e História*, vol.53: *Actas do II Colóquio Temático - Estudos de Lisboa, (Séculos VIII - XV)*, Lisboa, Associação de Arqueólogos Portugueses, 2001, pp.35-43;

IDEM, “Os Castelos entre o Odialuiciuez e o Odiana (713-1298)”, *Castelo do Alandroal - VII Séculos - 1298/1998*, Alandroal, Junta de Freguesia de N.ª. Sr.ª. da Conceição, 2001, pp.9-22;

IDEM, “Outros Espaços do Gharb al-Andalus”, *Al-Furqán*, n.º 124 (2001), pp. 18-19;

IDEM, “Azóias / Arrábidas no *Gharb al-Andalus* e o Movimento dos *Muridîn* -

subsídios para a sua identificação espacial”, *Rev. Xarajib* 2 (2002), CELAS- Silves, pp. 53-61;

IDEM, “A fronteira no Sudoeste Peninsular (1234-1242) - novas visões da «Reconquista» a partir do «al-Mughrib...» de Ibn Sa’îd de Granada ”, *Arqueologia Medieval* n° 8 (2003), Mértola/ Porto, CAM/ Afrontamento, pp. 29-41;

IDEM, “Manuscrito inédito atribuído à *Crónica do Mouro Rasis*, em Portugal - o ms. *LV* do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa -”, *O Arqueólogo Português*, série IV, n° 19 (2001), pp. 235-245;

IDEM, “O Gharb al-Andalus em dois geógrafos árabes do século VII / XIII: Yâqût al-Hamâwî e Ibn Sa ‘îd al-Maghribî”, in *Medievalista on line*, n°1 (2005), Instituto de Estudos Medievais, www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista, 22 pp.

IDEM, “Santarém e o Vale do Tejo na geografia árabe”, *Arqueologia Medieval* 9 (2005), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 61-75;

IDEM, “Os Riba de Vizela, Senhores de Terena (1259-1312)”, *Rev. Callipole* n° 9 (2001), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp. 13-22;

IDEM, “As revoltas mudéjares no ‘Algarbe’ ibérico em meados do séc.XIII e a divisa dos Násridas de Granada na zona do Médio Guadiana”, *Callipole* 10/11 (2002-2003), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp.19-26

IDEM, “O Livro de Rasis e a memória senhorial da casa dos Aboim-Portel”, Rev. *Callipole* nº 13 (2005), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp. 17-29.

IDEM, “Descrições Árabes do Espaço Algarvio, entre os séculos III h. / IX d.C. e VIII h. / XIV d.C.”, *Promontoria* 2, (2004), DHAP / Univ.do Algarve, pp. 9-34;

IDEM, “Ocupação Humana no Alfoz de Lisboa durante o período Islâmico (714-1147)”, *Actas do Encontro ‘A Nova Lisboa Medieval’*, Univ. Nova de Lisboa / NCEM - FCSH, 2004, pp. 25-42;

- IDEM, “A legitimação califal do poder almóada na ‘Geografia de Ibn Ġālib’”, *Xarajib* 5 (2006), CELAS, Silves, pp. 71-77;

IDEM, “A memória do al-Andalus ‘āmīrī na Crónica do Mouro Rasis e na Crónica Geral de Espanha de 1344”, *Actas do Colóquio Internacional «Al-Mansûr ibn Abî ‘Âmir e a Península Ibérica»*, Novº 2002, CIDEHUS/UE, no prelo;

IDEM, “Ibn Ghâlib, vida e obra: notas identificativas”, *Arqueologia Medieval* 10, Mértola / Porto, CAM / Afrontamento, no prelo;

IDEM, “Ibn Galib, nuevos datos sobre su vida y su obra”, *Al-Qantara*, CSIC, no prelo;

IDEM, “Os Rostos do Poder na Lisboa das Taifas (1009-1093). Novas leituras”, *Actas do Encontro Internacional «Nova Lisboa Medieval II»*, Lisboa, IEM/Colibri, no prelo;

IDEM, “Coimbra e a sua região, segundo as fontes geográficas árabes”, in *A Cidade e o Campo. Estudos de História Rural e Urbana oferecidos a Iria Gonçalves*, FL-UL / FCSH-UNL, no prelo;

IDEM, *O Gharb al-Andalus segundo os Geógrafos Árabes (sécs. X-XVII)*, Lisboa, Colibri, no prelo;

RIBEIRO, Ângelo, “Últimas conquistas e definição territorial”, *História de Portugal* (dir. Damião PERES), 9 vols., Barcelos, Portucalense Ed., 1928-1958, vol. II (1929), p.251-73;

RODRIGUEZ ALONSO, Cristóbal, *La historia de los godos, vándalos y suevos de Isidoro de Sevilla. Estudio, edición crítica y traducción*, León, 1975;

ROMERO, Santiago, “Un hallazgo de consecuencias históricas / Las origens del mito jacobeo”, in *La Opinión*, Zamora, 5 septiembre 2004, pp.68-69;

ROZENTAL, Renata, “Historia Gothorum: as concepções do poder monárquico em Isidoro de Sevilha”, *Anais da III Semana de Estudos Medievais*, www.pem.ifcs.ufrj.br

RUBIERA, Maria Jesús, “Tres topónimos de a frontera granadina”, *Al-Andalus* XXXII (1967), pp. 217-220;

IDEM, *La Taifa de Denia*, Alicante, 1985;

RUCQUOI, Adéline, *História Medieval da Península Ibérica*, Lisboa, Estampa, 1995;

SAAVEDRA, Eduardo, “Fragmentos inéditos de la crónica llamada del Moro Rasis”, *Estudio sobre la invasión de los Árabes en España*, Madrid, 1892, pp.145-154;

SALRACH MARÉS, José Maria, “Feudalismo y expansión (siglos XI-XIII), in *Historia de España* (dir. A. Domínguez Ortiz), XII vols., Barcelona, Ed. Planeta, 1989, vol.III: *Al-Andalus: musulmanes y cristianos (siglos VIII-XIII)*, pp. 255-438;

SANCHEZ-ALBORNOZ, Claudio, “La Crónica del Moro Rasis y la Continuatio Hispana”, *Anales de la Universidad de Madrid - Letras*, III.3 (1934), pp. 229-265;

IDEM, *En torno a los orígenes del feudalismo, II: Fuentes de la historia hispano-musulmana del siglo VIII*. 2ª ed., Buenos Aires, 1977 (1ª ed. :Mendoza, 1942);

IDEM, “Fuentes Latinas de la História Romana de Rasis”, in *Publicaciones del Instituto Cultural Argentino-Hispano-Árabe*, I , Buenos Aires, 1942;

IDEM, “San Isidoro, Rasis y la Pseudo-Isidoriana”, *Cuadernos de História de España* IV (1946), pp. 73-113;

SANCHÉZ ALONSO, Benito, *Historia de la historiografía española: ensayo de un examen de conjunto. 1) Hasta la publicación de la Crónica de Ocampo (...-1543)*, 2ª ed.

rev., Madrid, CSIC, 1941;

SANCHEZ MARTINEZ, Manuel, “Râzî, Fuente de al-‘Udhri para la España Preislamica”, *Cuadernos de Historia del Islam* 3 (1971), pp.7-49;

IDEM, “La cora de *Ilbîra* (Granada y Almeria) en los siglos X y XI según al-‘Udhri (1003-1085)”, *Cuadernos de Historia del Islam* 7 (1975-76), pp.5-82;

SANTIAGO-OTERO, Horacio, *La Cultura en la Edad Media Hispana (1100-1470)*, Lisboa, Colibri, 1996;

SÃO PAYO, Luiz de Mello Vaz de, *A Herança Genética de D. Afonso Henriques*, Porto, Centro de Estudos de História da Família da Universidade Moderna do Porto, 2002;

SARAIVA, António José, *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*, Lisboa, Gradiva, 1988;

IDEM e LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 8ª ed., Porto, Porto Editora, 1975;

SARASA, Esteban, e ORCÁSTEGUI, Carmen, *La Historia en la Edad Media. Historiografía e historiadores en Europa Occidental: siglos V-XIII*, Madrid, Cátedra, 1991;

SCHMIDT-CORDS, Annemarie, “A Idade Moderna começou no Algarve”, Actas do 10º Congresso do Algarve, Portimão, 1999, pp. 17-24;

SCHOLEM, Gershom, *Sabbatai Tsevi. Le Messie Mystique (1626-1676)*, (trad.franc. Marie-José JOLIVET e Alexis NOUSS), Lagrasse, Ed.Verdier, 1983.

SCHULTEN, Adolf, *Geografia y Etnografia Antiguas de la Península Ibérica*, 2 vols., Madrid, CSIC, vol.I: 1959; vol.II: 1963;

IDEM, *Hispania (Geografia, Etnologia, Historia)*, Barcelona, Tipografia La Academica, 1920;

SIDARUS, Adel, “Um texto árabe do século X relativo à nova fundação de Évora e aos Movimentos Muladi e Berbere no Ocidente Andaluz”, *A Cidade de Évora* 71-76 (1988-93), p.7-37;

IDEM, “Amaia de Ibn Maruán > Marvão”, *Ibn Maruán* 1, p. 13-26;

IDEM, “Assentamento árabe e primórdios do domínio islâmico em Beja (712-788)”, *Arquivo de Beja*, III série, vol.2/3, p. 3-15;

IDEM e REI, António, “Lisboa segundo os Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* nº 7: *Actas do Encontro «Lisboa, encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos»*, Porto/ Mértola, CAM/ Afrontamento, 2001, p. 37-72;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da, “A Idade do Ferro em Portugal”, in *Nova História de Portugal* (dir.A.H.de Oliveira MARQUES e Joel SERRÃO), Lisboa, Presença, 1990, vol.I: *Portugal das origens à romanização* (coord. Vítor Oliveira JORGE), pp. 257-341;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da, e GOMES, Mário Varela, *Proto-História de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992;

SIMÕES, M., “Pedro de Portugal, Conde de Barcelos”, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, pp. 521-523;

SIMONET, Francisco Javier, “Historia de los mozarabes de España”, *Memórias de la Real Academia de la História XIII* (1897-1903).

IDEM, «Códice ovetense do Escorial de 780, Códice moçárabe do século IX e o Códice Conciliar da Biblioteca Nacional de Madrid», in “Historia de los mozárabes de España”, *Memorias de la Real Academia de la Historia*, XIII (1897-1903), pp. 808-812;

SOARES, Torquato de Sousa, *Contribuição para o Estudo das Origens do Povo Português*, Universidade de Luanda, 1970;

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, “Memória familiar e Ordens Militares. Os Pimentéis no séc.XIV”, *As Ordens Militares em Portugal e no Sul da Europa - Actas do II Encontro sobre Ordens Militares*, Lisboa, Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 1997, p. 37-49;

SOUTO, Juan Antonio, “El doblamiento del termino de Zaragoza (siglos VIII-X): Los datos de las fuentes geográficas e históricas”, *Anaquel de Estudios Árabes* III (1992), Editorial Complutense, UCM, pp. 113-172;

SOVERAL, Carlos Eduardo de, *Historiografia Medieval (Séculos IV a XII)*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1963;

SUMNER, G. V., “El perdido Códice Alcobaciense y la Cronica Mozarabe de 754”, *Boletín de la Real Academia de la Historia* 177 (1980), pp. 343-346;

TAVANI, Giulio, “Edição Crítica”, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (org.por G.Lanciani e G. Tavani), Lisboa, Caminho, 1993, p. 229-33;

TERÉS, Elias, “«An-Nâzûr», «al-Manzar» y «an-Nazra» en la toponimia hispanoárabe”, *Al-Andalus* XXXVII (1972), pp. 325-335;

IDEM, “Sobre el nombre árabe de algunos rios españoles”, *Al-Andalus* XLI (1976), pp.409-443;

IDEM, “La voz árabe *al-Wâdî*, reflejada en documentos latinos y romances”, *Al-Andalus* XLII (1977), pp. 25-59;

IDEM, *Materiales para el estudio de la toponimia hispanoárabe. Nómima fluvial*, Madrid, Instituto de Filologia, Departamento de Estudios Árabes, 1986;

TERRÓN ALBARRÁN, Manuel, “Aproximación à la Prosopografia del Reino Taifa de Badajoz - Las Fronteras y el Territorio”, *Bataliús I*, Madrid, Letrúmero, 1996, pp.233-256;

TORRES, Cláudio, “Povoamento no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica”, *Arqueologia Medieval*, 1, Mértola/Porto, 1992, pp. 189-202;

IDEM e MACIAS, Santiago, “O Garb-Al-Andaluz”, *História de Portugal* (dir.J.Mattoso), 8 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, vol. I, pp.361-437;

TORRES, Manuel, “La Península Hispánica, Provincia Romana (218 a. J. C. – 409 d. J.C.). Instituciones económicas, sociales y politico-administrativas”, *HE-MP*, t. II, pp. 287-519;

TORRES BALBÁS, Leopoldo, “Estructuras de las Ciudades Hispanomusulmanas: la medina, los arrabales y los barrios”, *Al-Andalus*, XVIII (1953), pp.149-177

IDEM, “Almeria islámica”, *Al-Andalus* XXII (1957), pp. 411-457;

IDEM, *Ciudades yermas hispanomusulmanas*, Madrid, 1957;

IDEM, *Ciudades Hispano-Musulmanas*, Tomos I-II, s.l., Ministerio de Asuntos Exteriores, Dir. Gen.de Relaciones Culturales, Instituto Hispano-Arabe de Cultura,

s.d.[1966]

IDEM, “Mozarabias y Juderías de las Ciudades Hispanomusulmanas”, *Cronica de la España Musulmana*, 5 - *Obra Dispersa I : al-Andalus*, Madrid, Instituto de España, 1982, pp.172-197

IDEM, “Al-Andalus”, *E.I.2*, t. I, pp. 501-519 (Arte andalusi, pp. 512-516);

VAJDA, Georges, “Isrâ’îliyyât”, *E.I.2*, t. IV, pp. 221-222;

VALLEJO GIRVÉS, Margarita, *Bizâncio y la España Tardoantigua (ss. V-VIII): Un capítulo de historia mediterránea*, Universidad de Alcalá, 1993;

VALLVÉ BERMEJO, Joaquín, *La División Territorial de la España Musulmana*, Madrid, CSIC, 1986;

IDEM, “Fuentes Latinas de los Geógrafos Arabes”, *Al-Andalus* XXXII (1967), pp.241-260;

IDEM, “La Cora de Jaén”, *Al-Andalus* XXXIV (1969), pp.55-82;

IDEM, “Notas de Metrología Hispano-Árabe - El codo en la España musulmana”, *Al-Andalus* XLI (1976), p.339-54;

IDEM, “La industria en al-Andalus”, *Al-Qantara* I (1980), pp.209-241;

IDEM, “La agricultura en al-Andalus”, *Al-Qantara* III (1982), pp.261-297;

IDEM, “La Cora de Mérida durante el Califato”, *Bataliús I*, Madrid, Letrúmero, 1996, pp. 269-279;

IDEM, “Cinco topónimos extremeños”, *Bataliús II*, Madrid, Letrúmero, 1999, pp. 191-224;

VASCONCELOS, Carolina Michaelis de, “André de Resende e a *Crónica do Mouro Rasis*”, *O Archeologo Português* XXIV (1920), pp. 177-193;

VASCONCELOS, José Leite de, *Textos Arcaicos*, 5ª.ed., [facsim. da ed. 3ª.ed.,1922], Lisboa, Clássica Editora, 1970;

VAZQUEZ DE PARGA, Luis, *La división de Wamba. Contribución al estudio de la historia y geografía eclesiásticas de la Edad Media Española*, Madrid, CSIC, 1943;

VENTURA, Leontina, *A Nobreza de Corte de Afonso III*, II vols., Coimbra, Fac.Letras, 1992, Tese de Doutoramento, policop.;

IDEM, “João Peres de Aboim - Da Terra da Nóbrega à corte de Afonso III”, *Rev. de História Económica e Social*, 1986, p.57-73;

IDEM, “O Poder e o Espaço - Afonso III: domínio do Algarve”, *Nova História de*

Portugal (dir. J.Serrão e A.H. de Oliveira Marques), 13 vols., Lisboa, Presença, 1990-..., vol.III, 1996, p. 47-53;

IDEM, “Johan Perez d’Avoín”, *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (dir. Giulia Lnciani e Giuseppe Tavani), Lisboa, Caminho, 1993, pp. 354-355;

VERNET, Juan, “La cartografía náutica ¿ tiene un origen hispano-arabe ?”, *Revista del Instituto Egipcio de Estudios Islámicos* nº 1 (1953), pp. 66-91;

VESPERTINO RODRÍGUEZ, António, “La literatura aljamiado-morisca. Estado de la cuestión”, in *Actas da Mesa Redonda Internacional ‘Islão minoritário na Península Ibérica’* (ed. A. Sidarus), Lisboa, Hugin Editores, 2001, pp. 81-97;

“Viagem de São Brandão (A)”, www.geocities.com/pensamentobr/traduz/brandao.html;
www.ceha-madeira.net/elucidario/d/des2.htm; e *GEPB*, vol. 5, p. 27;

VICENTE-PEDRAZ, Miguel, “Don Juan Manuel”, Universidad de León,
dmpmvp@unileon.es;

VIDA, G. Levi della, “The «Bronze Era» in Moslem Spain”, *Journal of the American Oriental Society* LXIII (1943), pp. 183-190;

IDEM, “La traduzione araba delle Storie di Orosio”, *Al-Andalus* XIX (1954), pp. 257-

IDEM, “Un texte mozarabe d’histoire universelle”, *Études d’orientalisme dédiés à la mémoire de Lévi-Provençal*, Paris, 1962, I, pp. 175-83;

Anne VIDEAU, “Tibulle et la glorification élégiaque de Messalla”, in *Le discours d’éloge entre Antiquité et Moyen Age*, coord. Lionel Mary e Michel Sot, Nanterre, Ed. Picard, 2001, pp. 13-29;

VIGUERA MOLÍNS, M^a. Jesús, “Historiografía”, *Historia de España - Ramón Menéndez Pidal, VIII / II: El Retoceso Territorial de al-Andalus - Almorávides y Almohades - Siglos XI al XIII*, Madrid, Espasa-Calpe, 1997, p. 3-40;

IDEM, “El «reino» de Badajoz en el ‘Mugrib’ de Ibn Sa‘îd”, *Bataliús II - Nuevos estudios sobre el reino taifa* (ed.F. Díaz Esteban), Madrid, Letrúmero, 1999, p.225-248;

IDEM, «Entre Douro e Mondego nas fontes árabes medievais. Estudo de um caso periférico», *Fontes da História de al-Andalus e do Gharb*, Lisboa, CEAA-IICT, 2000, pp. 117-140;

IDEM, “Los mozárabes”, *Actas do Congresso Proyección histórica de España en sus tres culturas*, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1993, pp.205-216;

VILA RUBIO, Maria Nieves, “Léxico y Conciencia Histórica en Alfonso X”, *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, nº 23 (2000), Univ. Paris 13 / Klincksieck, p.

13-24;

WENSINCK, A.J., *Concordance et Indices de la Tradition Musulmane*, Leiden, E.J.Brill, 1962, t.IV, p. 475: AL-BUKHĀRĪ, *Sahīh*, ‘Fitān’, 25; ‘Tafsīr’, 9; ‘Tawhīd’, 22; MUSLIM, *Sahīh*, ‘Tawba’, 31; ‘Imān’, 248, 249; ‘Fitān’, 39, 118, 128 e 129;

WILSON, Jon R., “Amazons of the Algarve?”, in *Goodlife* 27 (Fevereiro 2004), Albufeira, pp.12-13;

WOLF, Kenneth Baxter, *Christian Martyrs in Muslim Spain*, The Library of Iberian Resources online (<http://libro.uca.edu/christianmartirs>);

www.bisabuelos.com/med/castilla0.html: «Don Juan Manuel »;

www.castillosdejirm.com/donjuanmanuel.htm: “El Infante Don Juan Manuel”;

www.ccel.org/w/wace/biodict/htm/TOC.htm.